FACULDADES EST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARTINHO RENNECKE

LUTERANISMOS SOB O CRUZEIRO DO SUL - ENCONTROS E DESENCONTROS PARA UM DIÁLOGO FRATERNO NA DIVERSIDADE DA IECLB E IELB

São Leopoldo

2024

MARTINHO RENNECKE

LUTERANISMOS SOB O CRUZEIRO DO SUL - ENCONTROS E DESENCONTROS PARA UM DIÁLOGO FRATERNO NA DIVERSIDADE DA IECLB E IELB

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião,
Teologias e Sociedade
Linha de Pesquisa: História e Teologia

Pessoa Orientadora: Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R414L Rennecke, Martinho
Luteranismos sob o Cruzeiro do Sul : encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade da IECLB e IELB / Martinho Rennecke ; orientador Wilhelm Wachholz. – São Leopoldo : EST/PPG, 2024.
413 p. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2024.

1. Igreja luterana – Brasil – História. 2. Diálogo – Aspectos religiosos – Cristianismo. 3. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 4. Igreja Evangélica Luterana do Brasil. I. Wachholz, Wilhelm, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MARTINHO RENNECKE

LUTERANISMOS SOB O CRUZEIRO DO SUL - ENCONTROS E DESENCONTROS PARA UM DIÁLOGO FRATERNO NA DIVERSIDADE DA IECLB E IELB

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião, Teologias e Sociedade

Data de Aprovação: 12 de março de 2024

PROF. DR. WILHELM WACHHOLZ (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. VALÉRIO GUILHERME SCHAPER (EST)
Assinado digitalmente

PROF.ª DR.ª LAUDE ERANDI BRANDENBURG (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. ERNI WALTER SEIBERT (SBB)
Docente visitante

PROF. DR. FREDERICO PIEPER PIRES (UFJF)
Docente visitante

Assinado digitalmente por: WILHELM WACHHOLZ:56419236991
Data: 09/04/2024 15:11:15 -03:00

Assinado digitalmente por: VALERIO GUILHERME SCHAPER:51932318615
Data: 14/04/2024 11:24:23 -03:00

Assinado digitalmente por: Laude Erandi Brandenburg
Data: 19/04/2024 14:09:55 -03:00

Aos 200 anos da Imigração Alemã no Brasil. Lembrando a vinda de meus avós paternos da Alemanha, o filho Walter e as duas filhas Ilse e Ruth, aqui aportados em 22 de junho de 1924. Os meus avós maternos, de origem alemã e holandesa, meus pais do coração, filiados ao Sínodo Riograndense até 1946.

Aos professores Dr. Rudi Zimmer e Dr. Erní Walter Seibert, da saudosa Escola Superior de Teologia, ICSP, SP, pela oportunidade de voltar aos estudos teológicos e pela visão ecumênica compartilhada.

À Escola Superior de Teologia, EST, e seus professores e professoras, em especial, Dr. Lothar Carlos Hoch, pelo seu carinho e orientação no Mestrado e inspiração ao tema do Doutorado; à Faculdades EST e seus professores e professoras, em especial, Dr. Wilhelm Wachholz, orientador dedicado e atento de minha pesquisa.

In Memoriam

Walter Paul Rennecke, imigrante alemão e pastor luterano, pai e incentivador incansável dos meus estudos teológicos.

Leopoldo Heimann, presidente da IELB, de 1990 a 1998, atuante no diálogo ecumênico entre a IECLB e a IELB.

Huberto Kirchheim, presidente da IECLB, de 1995 a 2002, participante do ato de assinatura da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação e atuante no diálogo ecumênico entre a IECLB e a IELB.

AGRADECIMENTOS

À Comissão Interluterana de Literatura, CIL, pela oportunidade de poder colaborar por muitos anos na elaboração de mensagens anuais para o devocionário Castelo Forte.

À Faculdade Unida de Vitória, ES, (2018), pela convalidação dos meus créditos do curso livre de Teologia e à CAPES pela oportunidade de cursar o doutorado.

Aos professores/pastores da IELB: Dr. Johannes Hermann Gedrat *(In Memoriam),* aos Dr. Rudi Zimmer, Dr. Erní Walter Seibert, Dr. Thomas Heimann, Dr. Ricardo Willy Rieth e Dr. Roberto Radünz; e da IECLB: Dr. Lothar Carlos Hoch, Dr. Walter Altmann, Dr. Martin Norberto Dreher e Dr. Gottfried Brakemeier, pelos conselhos, orientações e estímulos à preparação do anteprojeto de pesquisa ao Doutorado na Faculdades EST.

Ao meu querido e amado filho Lucas (Luty), também meu sobrinho, afilhado, amigo, carinhoso, companheirinho de todas as horas, sempre alegre, animado - minha inspiração constante! À Carmen, fiel e incansável esposa, que não era luterana quando a conheci, me tornando alguém mais “ecumênico e cristão”, além de revisar todos os textos de meus livros, artigos, monografias e tese.

Aos meus peludos, o Noah e a Megui, que com seus miados e ronronados me fazendo companhia, no escritório, enquanto digitava os textos nas noites frias da Serra Gaúcha.

Meu muito obrigado!

“Olhe para a vida. Se não se encontrar, como Cristo no evangelho, em meio aos pobres e necessitados, então saiba que a sua fé ainda não é verdadeira e que certamente ainda não experimentou em si o favor e a obra de Cristo.”

Martinho Lutero

“A igreja é a igreja somente quando ela existe para os outros [...] A igreja deve compartilhar os problemas seculares da vida humana comum, sem dominar, mas ajudando e servindo.”

Dietrich Bonhoeffer

“Falou João e disse: Mestre, vimos certo homem que, em teu nome, expelia demônios e lho proibimos, porque não segue conosco. Mas Jesus lhe disse: Não proibais; pois quem não é contra vós outros é por vós”.

Lucas 9

“Um só rebanho, um só Pastor.
Uma só fé em um só Salvador.
Em teu amor unidos aqui,
//: num mesmo Espírito vamos a ti. ://.”

José Ilídio Freire

RESUMO

A tese objetiva investigar como o relacionamento interdenominacional entre a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, no plano eclesiástico-denominacional, pode contribuir para um diálogo fraterno na diversidade entre elas. Ambas compartilham a mesma tradição confessional evangélica luterana, cujas raízes remontam a meio milênio atrás. Ao lado disso, ambas as igrejas têm a base de suas comunidades constituída majoritariamente de descendentes de imigrantes chegados ao Brasil desde as primeiras décadas do século retrasado. Sendo assim, se observou o desenrolar histórico das duas denominações a partir do contexto de suas origens, através de uma análise documental e bibliográfica sobre as histórias da História, na perspectiva de uma contextualização dos encontros e desencontros havidos no passado, ocorridos especialmente no Rio Grande Sul, onde tiveram seus inícios, a partir de um olhar de cunho histórico, cultural, político e teológico, com um breve destaque ao desenrolar de suas confessionalidades. Se analisou os anais da Comissão Interluterana de Diálogo (CID) e das Conferências Nacionais Interluteranas, promovidas pela CID, os "encontros e desencontros" ocorridos, observando nos mesmos alguns aspectos e ênfases presentes nos diálogos e ações, que podem ter influenciado a continuidade destas iniciativas. O aspecto pessoal de lideranças das igrejas e a descontinuidade das políticas administrativas, bem como as ações dos órgãos diretivos, influenciaram os entendimentos, dificultando esforços no avanço dos diálogos. Também se identificou lideranças das duas igrejas que participaram destas ações, descrevendo seus testemunhos públicos sobre os resultados alcançados nestes eventos e possíveis caminhos a trilhar. Para isso se buscou compreender o conceito de "Diversidade Reconciliada", que não busca a uniformização administrativa, doutrinal ou litúrgica, mas intenta buscar um diálogo fraterno entre as denominações com suas identidades, observando possíveis aspectos psicológicos, sociológicos, históricos, teológicos e confessionais que podem influenciar na dinâmica dos diálogos entre diferentes. O conceito pode possibilitar que, mutuamente, as Igrejas reconheçam as suas semelhanças, bem como o significado das diferenças, sem que seja necessário alcançar uma completa uniformidade nas formas de expressão com a própria doutrina eclesiástica. Isto levou a pesquisa a examinar a herança confessional comum das duas igrejas, como sendo uma ponte e não um empecilho para o diálogo fraterno, onde posições adversas podem ser modos significativos de assumir e vivenciar o Evangelho. Também se analisou diálogos entre luteranos e católicos e interluteranos, que demonstraram que uma igreja não precisa se distanciar de seus enunciados doutrinários, para um diálogo fraterno, uma vez que não se busca a unificação. Assim, as diferenças existentes entre igrejas poderiam perder seu caráter divisor e os diálogos poderiam servir mais para compreender um ao outro do que medir as crenças e doutrinas do outro.

Palavras-chave: Confissões. Diversidade Reconciliada. Diálogo. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).

ABSTRACT

The thesis aims to investigate how the interdenominational relationship between the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil and the Evangelical Lutheran Church of Brazil, at the ecclesiastical-denominational level, can contribute to a fraternal dialogue in the diversity between them. Both share the same evangelical Lutheran confessional tradition, whose roots go back half a millennium ago. Furthermore, both churches have a community base made up mostly of descendants of immigrants who arrived in Brazil since the first decades of the century before last. Therefore, the historical development of the two denominations was observed from the context of their origins, through a documentary and bibliographical analysis of the stories of History, from the perspective of a contextualization of the encounters and disagreements that took place in the past, especially in Rio Grande do Sul, where they began, from a historical, cultural, political and theological perspective, with a brief emphasis on the development of their confessionalities. The annals of the Interlutheran Dialogue Commission (CID) and the National Interlutheran Conferences, promoted by the CID, were analyzed, the “encounters and disagreements” that occurred, observing in them some aspects and emphases present in the dialogues and actions, which may have influenced the continuity of these initiatives. The personal aspect of church leaders and the discontinuity of administrative policies, as well as the actions of governing bodies, influenced understandings, hindering efforts to advance dialogues. Leaders of the two churches that participated in these actions were also identified, describing their public testimonies about the results achieved in these events and possible paths to follow. To achieve this, we sought to understand the concept of “Reconciled Diversity”, which does not seek administrative, doctrinal or liturgical uniformity, but tries to seek a fraternal dialogue between denominations with their identities, observing possible psychological, sociological, historical, theological and confessional aspects that can influence the dynamics of dialogues between different people. The concept can enable Churches to mutually recognize their similarities, as well as the meaning of differences, without it being necessary to achieve complete uniformity in the forms of expression with the ecclesiastical doctrine itself. This led the research to examine the common confessional heritage of the two churches, as being a bridge and not an obstacle to fraternal dialogue, where adverse positions can be significant ways of assuming and experiencing the Gospel. Dialogues between Lutherans and Catholics and inter-Lutherans were also analyzed, which demonstrated that a church does not need to distance itself from its doctrinal statements, for fraternal dialogue, since unification is not sought. Thus, existing differences between churches could lose their divisive character and dialogues could serve more to understand each other than to measure each other's beliefs and doctrines.

Keywords: Confessions. Reconciled Diversity. Dialogue. Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB). Evangelical Lutheran Church of Brazil (IELB)

LISTA DE SIGLAS

AESI - Associação de Entidades Sociais da IELB

ALC - Agência Latino-americana e Caribenha de Comunicação

ANEL - Associação Nacional de Educação Luterana

CA – Confissão de Augsburgo

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CECREI - Centro de Espiritualidade Cristo Rei

CEOL - Comissão Editorial da Obras de Lutero

CETEOL - Faculdade Luterana de Teologia

CID – Comissão Interluterana da Diálogo

CIL – Comissão Interluterana de Literatura

CLAI - Conselho Latino-americano de Igrejas

CLI – Concílio Luterano Internacional

CMI - Conselho Mundial de Igrejas

CMM - Concílio Metodista Mundial

CONIC - Conselho Nacional de Igrejas Cristãs

CPTLN – Cristo Para Todas las Naciones

CTRE – Comissão de Teologia e Relações Eclesiais

DCDJ - Declaração Conjunta Sobre a Doutrina da Justificação

EST - Escola Superior de Teologia/Faculdades EST

FATEV - Faculdade de Teologia Evangélica

FLM – Federação Luterana Mundial

FLT - Faculdade Luterana de Teologia

ICAR – Igreja Católica Romana

ICSP – Instituto Concórdia de São Paulo

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

I*ELA - Iglesia Evangélica Luterana Argentina*

IELB – Igreja Evangélica Luterana do Brasil

IEPG – Instituto Ecumênico de Pós-graduação

ILC - International Lutheran Council

JELB - Juventude Evangélica Luterana do Brasil

JOREV – Jornal Evangélico

LCMS - Lutheran Church Missouri Synod

LLLB - Liga de Leigos Luteranos do Brasil
LSLB - Liga de Servas Luteranas do Brasil
LUC - Luteranos Unidos em Comunicação
PEM – Programa de Evangelização e Mordomia
PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SBB – Sociedade Bíblica do Brasil
SELK - Selbständigen Evangelisch-Lutherischen Kirche
SM – Sínodo de Missouri
ULBRA – Universidade Luterana do Brasil
WCC - World Council of Churches

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 21

2 LUTERANISMOS SOB O CRUZEIRO DO SUL 35

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ORIGENS DA IECLB - "ATRAVESSEM E AJUDEM-NOS" **..... 40**

2.1.1 A luta contra os pastores-colonos 40

2.1.2 As congregações e suas confessionalidades 46

2.1.3 O período sinodal 49

2.1.4 As confessionalidades dos Sínodos 58

2.1.4.1 Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados - Um rompimento e suas consequências 59

2.1.4.2 Igrejas nacionais autônomas 69

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ORIGENS DA IELB - UM GRÃO DE MOSTARDA 72

2.2.1 Referências teológicas da IELB - Ortodoxia, Pietismo e Confessionalismo 72

2.2.2 O Sínodo de Missouri (SM) no Brasil - "Um rompimento e suas consequências" 74

2.2.2.1 25 Jahre unter dem Südlichen Kreuz - "Unsere Gemeinden" 77

2.2.2.2 Surge a IELB - Um grão de mostarda 84

2.3 ENCONTROS E DESENCONTROS PARA UM DIÁLOGO FRATERNO NOS LUTERANISMOS SOB O CRUZEIRO DO SUL 95

2.3.1 Compreendendo o passado - desencontros na diversidade 95

2.3.1.1 Histórias da História 96

2.3.1.2 Algumas percepções e considerações 105

2.3.2 Abraçando o futuro - encontros na diversidade 107

2.3.2.1 Comunidades que se reconheceram e se abraçaram 108

2.3.2.2 Hospedagem na IECLB - Documento Final 1ª Conferência 112

3 COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO E AS CONFÊRENCIAS NACIONAIS INTERLUTERANAS 115

3.1 COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO 118

3.2 CONFERÊNCIAS NACIONAIS INTERLUTERANAS 146

3.2.1 1ª Conferência Nacional Interluterana: Unidade e Missão das Igrejas Luteranas no Brasil 149

3.2.1.1 Palestra: Unidade e Missão das Igrejas Luteranas no Brasil e a Reação: O amor reinou supremo 150

3.2.1.2 Palestra: Unidade e Missão das Igrejas Luteranas Aqui e Agora e a Reação: História e histórias 155

3.2.2 2ª Conferência Nacional Interluterana: Identidade e Missão das Igrejas Evangélico - Luteranas no Brasil 162

3.2.2.1 Palestra: Razões históricas que condicionaram o surgimento e o diálogo das duas Igrejas Luteranas no Brasil - uma retrospectiva sobre a questão da confessionalidade na história das comunidades da IECLB e da IELB e a Reação de Paulo Wille Buss 163

3.2.2.2 Palestra: Hermenêutica - um estudo visando o diálogo sobre a questão hermenêutica entre as igrejas luteranas do Brasil e a Reação de Nelson Kilpp 175
3.2.3 3ª Conferência Nacional Interluterana: A missão de Deus e a ação luterana no Brasil - fundamentos e prática 181
3.2.3.1 Sistematização dos relatos oriundos das pré-Conferências 182
3.2.3.2 Palestra: Breve histórico da IELB, suas origens, influências teológicas e algumas perspectivas 182
3.2.3.3 Palestra: De fé em fé, caminhamos! Por uma teologia da missão evangélica luterana no chão brasileiro 187

4 DIÁLOGOS ECUMÊNICOS A PARTIR DA PERSPECTIVA DE UMA DIVERSIDADE RECONCILIADA 191

4.1 ENCONTROS INTERDENOMINACIONAIS A PARTIR DE UMA DIVERSIDADE RECONCILIADA 193
4.1.1 A origem do conceito de diversidade reconciliada 194
4.1.2 O conceito de diversidade reconciliada 198
4.1.3 Alguns aspectos psicológicos presentes na diversidade 205
4.1.4 Alguns aspectos sociológicos presentes na diversidade 211

4.2 DIÁLOGOS ECUMÊNICOS A PARTIR DA HERANÇA CONFESSIONAL DAS IGREJAS 216
4.2.1 Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação e Do conflito à comunhão 217
4.2.1.1 Breve análise de alguns tópicos da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação 219
4.2.1.2 Breve análise de três tópicos da Comemoração conjunta Católico-Luterana da Reforma em 2017 - Do conflito à comunhão 221
4.2.1.3 Avaliando o passado, razões para arrependimento e imperativos ecumênicos 223
4.2.2 Reações de algumas igrejas não filiadas à Federação Luterana Mundial 225
4.2.2.1 Lutheran Church - Missouri Synod 227
4.2.2.2 Selbständigen Evangelisch - Lutherischen Kirche 227
4.2.3 Aspectos históricos, teológicos e confessionais na dinâmica entre identidade confessional e relevância na dimensão social 229
4.2.3.1 Alguns aspectos históricos 230
4.2.3.2 Alguns aspectos teológicos 234
4.2.3.3 Alguns aspectos confessionais 237
4.2.3.4 Alguns aspectos da dinâmica entre identidade confessional e relevância social 240

4.3 ALGUMAS BREVES PERCEPÇÕES E CONSIDERAÇÕES 244
4.3.1 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade apontados por alguns participantes da CID 246
4.3.2 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade apontados por alguns participantes das Conferências 248
4.3.3 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade a partir das Conferências Nacionais Interluteranas 252
4.3.3.1 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade a partir da 1ª Conferência 254

4.3.3.2 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade a partir da 2ª Conferência 258
4.3.3.3 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade a partir da 3ª Conferência 262

5 ENCONTROS INTERDENOMINACIONAIS E AS CONFISSÕES PRÓPRIAS COMO POSSIBILIDADES PARA UM DIÁLOGO FRATERNO 267

5.1 ENCONTROS INTERLUTERANOS - EM ESPECIAL ENTRE IECLB E IELB 268
5.1.1 Breve histórico da origem das duas igrejas luteranas IECLB e IELB 268
5.1.1.1 Apontamentos sobre a origem da IECLB 269
5.1.1.2 Aspectos da formação da IECLB e sua constituição confessional 271
5.1.1.3 Apontamentos sobre a origem da IELB....275
5.1.1.4 Aspectos da formação da IELB e sua constituição confessional 279
5.1.2 *5º Congreso Luterano Latinoamericano: El llamado de Cristo y nuestra respuesta* 285
5.1.2.1 O Evangelho e a nossa Unidade 287
5.1.2.2 "Salvación, Misión y Humanización"....292
5.1.3 II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana 298
5.1.3.1 Palestra: "Evangelho e escritos confessionais: A hermenêutica das confissões do luteranismo" 298
5.1.3.2 Reação: "Somente a Escritura" - avaliação de um espírito protestante 301
5.1.3.3 Reação: "Evangelho e escritos confessionais: a hermenêutica das confissões do luteranismo" 302
5.1.3.4 Reação: "Sobre a verdade do Evangelho: algumas considerações"....304

5.2 ENCONTROS ENTRE LUTERANOS E CATÓLICOS 306
5.2.1 O Diálogo Católico-Luterano Internacional....308
5.2.2 O Evangelho e a Igreja no contexto do ecumenismo brasileiro 314

5.3 BREVES PERCEPÇÕES E CONSIDERAÇÕES 319
5.3.1 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade a partir das reuniões da CID....323
5.3.2 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade a partir do Convênio de Cooperação entre IECLB E IELB....334

6 CONCLUSÃO 337

REFERÊNCIAS..... 351

ANEXO 1 - DECRETO 119-A 360

ANEXO 2 - COMUNIDADES E SUAS CIDADES NO RS 362

ANEXO 3 - MINHA VIDA APÓS A PRISÃO 363

ANEXO 4 - CARTA DA CID, REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA, PR 367

ANEXO 5 - ATA DE FUNDAÇÃO DA COMISSÃO COORDENADORA PERMANENTE 369

ANEXO 6 - CONVÊNIO DE COOPERAÇÃO 372

ANEXO 7 - CARTA CONVITE ATO PÚBLICO 377

ANEXO 8 - ORIGEM DA CLI 379

ANEXO 9 - SOBRE A CELEBRAÇÃO DA SANTA CEIA 381

ANEXO 10 - DIÁLOGO SOBRE A SANTA CEIA IELB/IECLB 388

ANEXO 11 - AOS INTEGRANTES DA CID 390

ANEXO 12 - DOCUMENTO FINAL IELB - IECLB 392

ANEXO 13 - TABELA DE PARTICIPANTES DAS REUNIÕES DA CID 402

APÊNDICE 1 - SISTEMATIZAÇÃO DOS RELATOS DAS PRÉ-CONFERÊNCIAS 411

1 INTRODUÇÃO

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), iniciou seu desenvolvimento em 1824 com um grupo de imigrantes alemães de origem evangélica que chegou à Nova Friburgo, RJ, em 3 de maio, e em São Leopoldo, RS, em 25 de julho. No Rio de Janeiro, a capital do império, a comunidade evangélica foi fundada em 1827. Em Santa Catarina, as primeiras comunidades surgiram em Blumenau, 1850, e em Dona Francisca, Joinville. A Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), iniciou seus trabalhos no Brasil no ano de 1900, com a vinda do pastor Christian James Broders dos Estados Unidos da América. A missão de ambas foi seletiva étnica e culturalmente voltada aos imigrantes alemães.

O assunto desta pesquisa é investigar como o relacionamento interdenominacional entre a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, no plano eclesiástico-denominacional, pode contribuir para um diálogo fraterno na diversidade entre elas. A pesquisa quer observar o desenrolar histórico das duas denominações a partir do contexto de suas origens, através de uma análise documental e bibliográfica sobre as histórias da História, na perspectiva de uma contextualização dos encontros e desencontros havidos no passado, ocorridos no Rio Grande Sul (RS), onde tiveram seus inícios, a partir de um olhar de cunho histórico, cultural, político e teológico, com um breve destaque ao desenrolar de suas confessionalidades. Analisar nos anais da Comissão Interluterana de Diálogo (CID) e das Conferências Nacionais Interluteranas, promovidas pela CID, os encontros e desencontros ocorridos, observando nos mesmos alguns aspectos e ênfases presentes nos diálogos e ações, que podem ter influenciado a continuidade destas iniciativas; além disso, identificar lideranças das duas igrejas que participaram destas ações, descrevendo seus testemunhos públicos sobre os resultados alcançados e possíveis caminhos a trilhar. Compreender o conceito de diversidade reconciliada, na busca de diálogo fraterno entre as denominações com suas identidades, observando possíveis aspectos psicológicos, sociológicos, históricos, teológicos e confessionais que podem influenciar na dinâmica dos diálogos entre diferentes, o que pode possibilitar que, mutuamente, as Igrejas reconheçam as suas semelhanças, bem como o significado das diferenças, sem que

seja necessário alcançar uma completa uniformidade nas formas de expressão com a própria doutrina eclesiástica. Examinar a herança confessional comum das duas igrejas, como uma ponte e não como empecilho para o diálogo fraterno, compreendendo um ao outro e não descrevendo apenas as doutrinas do outro, onde posições adversas podem ser modos significativos de assumir e vivenciar o Evangelho.

Minha mãe, até seus nove anos de idade, fazia parte do Sínodo Riograndense (atual IECLB) junto com meu avô e os pais dele.[1] Meu pai foi fundador e pastor, por 44 anos, da comunidade luterana da IELB, em Caxias do Sul, RS, e de outras cinco comunidades, sendo que várias pessoas da membresia que ajudaram a fundar esta comunidade eram oriundas da IECLB, pois não havia comunidades delas no local. Minha atuação pastoral em Jundiaí, SP, e Vacaria, RS, também tem esta experiência e sempre houve um convívio fraterno e harmonioso. Sempre estranhei este distanciamento entre as duas denominações. Meu pai, pastor luterano, possuía uma ampla biblioteca, onde tive acesso ao livro “Paz com Deus”, de Billy Graham, que me motivou a estudar teologia e ser pregador evangelístico; também tive acesso à revista da Editora Betânia, “Mensagem da Cruz”, na qual tomei conhecimento do livro do missionário Irmão André, “Contrabandista de Deus”, que me motivou a ser pastor evangelista. Ressalto que eram autores e pastores de igrejas não-luteranas. Quando fui estudar teologia, os professores do Seminário Concórdia da IELB, Porto Alegre, RS, (1976-1978), me deram inúmeras oportunidades de substituir colegas nas devoções da Capela do Seminário, onde eu já tocava ao violão as canções do Padre Zezinho e compartilhava mensagens de Neimar de Barros, de seus livros como “Deus Negro” e “O Livro Proibido”, como “A Missa do Fariseus”, teólogos católicos, que me custou uma suspensão temporária, me permitindo fazer teologia frutífera “nos bancos da igreja”, durante dez longos anos (1979-1988).

Neste período “sabático” tive oportunidade de envolvimento em ecumenismo. Fundei e dirigi a Livraria Mensagem, primeira livraria evangélica da Serra Gaúcha, (1980-1982), através da qual pude conhecer e conviver com muitas outras denominações cristãs, que abriram minha mente e meu coração para um convívio ecumênico, conforme predito pelo irmão, amigo e pastor Ivan Nunes, da Igreja O Brasil

[1] O padrão da escrita de uma tese requer o uso do pronome da terceira pessoa. Por estar envolvido em parte da história que será analisada, por vezes se utilizará o pronome na primeira pessoa.

para Cristo. Outra atividade que abriu minha mente e coração para a relação com pessoas de outras denominações, foi meu envolvimento na atividade evangelística. Devo isso ao apoio de pastores da IELB, como Reinaldo Martim Lüdke (Programa de Evangelização e Mordomia- PEM, 1994-2005); Horst Siegfried Musskopf (Conselheiro Distrito Mato Grosso, 2002-2007); Alisson Schröpfer da Silva e Elemar Frederico Reus (Santa Catarina, 2011-2013) e Missão Zero em Mostardas, RS, 2014-2016); da IELA, Alberto Groh (CPTLN, 2001-2007), pela amizade, companheirismo e participação ativa nos trabalhos evangelísticos realizados no Brasil e na Argentina, através do Projeto Macedônia. Também à Juventude Evangélica Luterana do Brasil, JELB, pela oportunidade de poder capacitar jovens de todo país para o testemunho pessoal através deste programa (2003-2010).

Outra grande experiência ecumênica pude obter dirigindo o Quinteto Alemão Alles Gut! de Caxias do Sul, RS, um grupo de canto à capela, com seus componentes católicos, que me moldaram a um convívio fraterno e religioso, nas Missas e Cultos onde éramos convidados a cantar canções alemãs, folclóricas e religiosas. (2012-2017). Mais uma enorme experiência ecumênica tive na Livraria Paulus, de Caxias do Sul, RS, na pessoa de seu gerente Vanderlei Kreuz, pelos diálogos ecumênicos e indicação de livros, que me ajudaram a crescer na reflexão teológica ecumênica. Segundo Kreuz: “Me tornei um tanto luterano e ele um tanto católico.” Além disso, desde 2016, tenho a oportunidade de ficar distante da atividade ministerial pastoral, verdadeiros anos sabáticos, que fizeram com que eu “saísse da ilha para poder ver a ilha” (Saramago), e que me desse conta “que eu pensava dentro de uma caixinha”. Verdadeiros desertos verdejantes! Recentemente, pelo apoio dos pastores Elieze Gude (IELB) e Oscar Elias Jans (IECLB), em Caxias do Sul, RS, conto com o apoio na caminhada de “Hospedagem” na Igreja Cristo Bom Pastor da IECLB, com participação em cultos e eventos no Sínodo Nordeste Gaúcho, além de encontros de confraternização e diálogo entre os pastores locais das duas igrejas.

Levantam-se aqui algumas hipóteses para a análise nesta pesquisa, a partir da pergunta central: Como o relacionamento entre as duas maiores igrejas luteranas brasileiras no plano eclesiástico-denominacional pode levar a um diálogo fraterno entre elas, tendo em conta a contextualização de suas origens, as experiências já havidas, o conceito de uma diversidade reconciliada e uma herança confessional comum? No capítulo dois se pode aventar que para haver o diálogo fraterno entre as

duas denominações pode ser necessário ter-se um olhar histórico sobre o desenrolar das duas denominações, a partir do contexto de suas origens, as histórias mútuas do passado recordadas por injustiças e violências que teriam sido praticadas, além de brigas entre famílias. Este olhar pode se dar através de uma contextualização do que foi feito, do que não precisava ter sido feito e do que poderia ter sido feito, trazendo impactos sobre o relacionamento entre as duas igrejas luteranas no passado e hoje. A missão de ambas fora voltada aos imigrantes alemães, sob o Cruzeiro do Sul, e estas lembranças estão na memória coletiva, que podem continuar perturbando o relacionamento de geração após geração. As atividades dos pastores-colonos podem ter sido vistas de forma inadequada pelos sínodos envolvidos, que buscavam sua identidade. A interferência do Sínodo de Missouri, de origem norte-americana, pode não ter sido adequada para aquele momento, naquele mesmo espaço, e as influências para a vinda deste Sínodo podem ser avaliadas pelas motivações do pastor que o chamou ao Brasil. Os encontros e desencontros podem ser vistos por uma abordagem de cunho histórico, cultural, político e teológico, trazendo um novo olhar, possibilitando uma compreensão diferenciada, construindo pontes e não empecilhos para um diálogo fraterno na diversidade das duas igrejas.

No capítulo três se pode aventar que uma possível contribuição para a análise dos relacionamentos havidos, pode ser buscada nas iniciativas das três Conferências Nacionais Interluteranas, promovidas pela CID, e nas próprias reuniões da CID, ocorridas de 1996 até 2016, que podem ser revistas e retomadas. Poderão ser observados nas Conferências realizadas e nas reuniões da CID, aspectos e ênfases presentes nos diálogos, encontros e desencontros que podem ter dificultado a continuidade dos mesmos. O aspecto pessoal de lideranças das igrejas pode ser determinante sobre seus entendimentos, gerando atritos, desconfortos e desencontros, causando uma descontinuidade das políticas administrativas e das ações dos órgãos diretivos, dificultando esforços no avanço dos diálogos. Uma descrição de eventuais testemunhos públicos de lideranças da época destas reuniões, pode consubstanciar esperanças de promover um novo modelo de um diálogo fraterno na diversidade, que estimulem novos e contínuos encontros. Já houve, na década de 1990, uma determinação e convicção no compromisso em prosseguir no caminho do diálogo mútuo. Um reconhecimento sincero das diversidades e um respeito pelas diferenças poderia facilitar uma continuidade aos diálogos, sem o insistente alvo em

ampliar ações conjuntas ou de uma urgente necessidade de buscar acordos teológicos. Uma forma de diálogo fraterno na diversidade poderia fomentar um novo modelo de relacionamento, de encontros, que busque um olhar nas confissões, como uma ponte e não como empecilho, um respeito pela identidade própria das denominações, como manifestações diferentes de apropriação do Evangelho. Houve avanços no diálogo católico-luterano que poderiam servir de exemplo para as duas denominações luteranas brasileiras.

No capítulo quatro se pode aventar que, em havendo impossibilidades na busca de uma unidade institucional, doutrinária e/ou litúrgica, poderia haver possibilidades de diálogos fraternos a partir do conceito de “diversidade reconciliada”, que não busca a uniformização administrativa, doutrinal ou litúrgica, pois há diferenças que dificultam a nivelação, mas, sim, a compatibilização das diferenças, que poderia abrir possibilidades que oportunizassem um diálogo fraterno entre as duas denominações. Diálogos ecumênicos poderiam permitir que, mutuamente, se reconhecesse as semelhanças, e, por outro lado, se pudesse conceber que, pelas diferenças, os diálogos se fariam necessários. Diálogos fraternos entre católicos e luteranos, que levaram à Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação (DCDJ), com uma breve análise de alguns de seus tópicos, como também uma breve análise de tópicos da Comemoração conjunta Católico-Luterana da Reforma em 2017 – Do conflito à comunhão, sem deixar de trazer um olhar nas reações de algumas igrejas não alinhadas a este movimento, podem trazer luz para o diálogo fraterno entre as duas maiores igrejas luteranas sob o Cruzeiro do Sul. Aspectos psicológicos, sociológicos, históricos, teológicos e confessionais que possam estar presentes nas diversidades e inibir o diálogo poderiam ser identificados e superados. É possível olhar primeiro o que se tem em comum e depois então avaliar o significado das diferenças, sendo que o consenso necessário para o diálogo não precisaria alcançar uma completa uniformidade com a própria doutrina eclesiástica, inviabilizando as diversidades. Igrejas nascem da Palavra, vivem da Palavra e Palavra é diálogo fraterno. Negar-se ao diálogo fraterno é impedir a obra que o Espírito faz nas Igrejas, tornando-se, assim, estéreis e, com o tempo, sectárias.

No capítulo cinco se pode aventar que a herança confessional das duas igrejas é comum e nem sempre pode ter havido entre os reformadores congruência doutrinal, o que poderia permitir a convivência de diferenças de convicção ou prática

que não comprometessem esta herança. As divergências em interpretações podem levar a tentativa de compreender um ao outro e não descrever suas doutrinas que não precisam impedir um diálogo respeitoso, como foi no tempo da Reforma, pois assim afirma Nestor Luiz João Beck[2]: "Conforme esclarecem na conclusão dos artigos da primeira parte e no prefácio [...] os autores da Confissão de Augsburgo não negam que haja [*sic*] divergências de opinião e prática entre as igrejas."[3] Os diálogos poderiam servir mais para compreender um ao outro do que descrever sistematicamente as doutrinas do outro. Posições adversas poderiam ser dois modos simultaneamente significativos de vivenciar o Evangelho, evitando a polarização de assumir que a verdade estivesse de um lado e o erro do outro.

A pesquisa pode trazer um olhar a partir das diferentes visões das confissões para que possam ser uma ponte e não um empecilho para um diálogo fraterno. Uma igreja não precisa se distanciar de seus enunciados doutrinários, uma vez que não se buscaria a unificação; assim, as diferenças existentes entre igrejas poderiam perder seu caráter divisor e os diálogos poderiam servir mais para compreender um ao outro do que medir as crenças e doutrinas do outro. A partir destas considerações, pode ser possível que o conceito de diversidade reconciliada auxilie neste desafio, especialmente a partir de experiências já havidas, como o *5º Congreso Luterano Latinoamericano*, o Diálogo Católico-Luterano Internacional, que produziu o Relatório de Malta, o Seminário Ecumênico que se realizou em 1974, no Rio de Janeiro, pelo Instituto de Pesquisa Ecumênica de Estrasburgo, França, conjuntamente com a IECLB, bem como o II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana, envolvendo as duas maiores igrejas luteranas brasileiras, sob o Cruzeiro do Sul. Igrejas podem ser levadas a baixarem "as pontes de suas muralhas", para que encontros pudessem ter um ir e vir. Uma breve reflexão sobre os encontros e desencontros de um diálogo fraterno na diversidade, a partir das reuniões da CID e das três Conferências Nacionais Interluteranas, poderá indicar algumas similaridades com as experiências havidas nos eventos ecumênicos acima citados, que possam ser contextualizadas, na

---

2 Nestor Luiz João Beck (1942), pastor da IELB, doutor em Teologia e, na ocasião, Pró-Reitor Acadêmico da Universidade Luterana do Brasil, ULBRA. Ex-professor do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG), de São Leopoldo, RS, ex-integrante da Comissão Editorial das Obras de Lutero (CEOL), e da Comissão Interluterana de Diálogo (CID).

3 BECK, Nestor L. J. Unidade e Missão das Igrejas Luteranas Aqui e Agora. *In:* WEIRICH, Paulo; SCHUBERT, Claudio; SILVA, Artur M. da. **Revista da 1ª Conferência Nacional**, São Leopoldo: CIL, 1999. p. 32.

busca de um caminho novo para novos encontros e diálogos fraternos entre estas duas igrejas luteranas.

A escolha por investigar o relacionamento entre as duas maiores igrejas luteranas brasileiras no plano eclesiástico-denominacional, se justifica porque é difícil entender um distanciamento entre as igrejas luteranas, que possuem uma razão para dialogarem cada vez mais: sua dupla herança comum. Ambas compartilham a mesma tradição confessional evangélica luterana, cujas raízes remontam a meio milênio atrás. Ao lado disso, ambas as igrejas têm a base de suas comunidades constituída majoritariamente de descendentes de imigrantes chegados ao Brasil, desde as primeiras décadas do século retrasado. Segundo palavras do então presidente da IELB, Leopoldo Heimann[4], e do Pastor Regional da IECLB, Huberto Kirchheim[5]: "A herança confessional comum, bem como a realidade de nosso país, requerem passos mais concretos na direção de um testemunho luterano comum, tanto verbal como prático, [...]"[6]. Pode ser necessário olhar primeiro o que se tem em comum e depois, então, avaliar o significado das diferenças, sendo que o consenso necessário para o diálogo fraterno não precisa alcançar uma completa uniformidade nas formas de expressão com a própria doutrina eclesiástica. A pesquisa poderá contribuir para ressaltar a importância que o diálogo fraterno entre as Igrejas cristãs pode ter para os seus objetivos comuns frente ao mundo. A mensagem do amor de Deus sofre irreparável prejuízo se contrariada por desavenças entre seus arautos e por mútua exclusão. É importante e urgente que as lideranças das duas Igrejas bem como também as comunidades, se interessem pelo assunto e venham a refletir sobre a participação do povo luterano em ações cooperativas e parceiras, no testemunho e na solidariedade. A pesquisa sobre o relacionamento entre as duas maiores igrejas luteranas brasileiras, ainda pouco investigado e analisado, poderá trazer benefícios para a pesquisa teológica ao abrir um olhar à diversidade presente nas denominações

---

4 Leopoldo Heimann, pastor da IELB, ocupou diversos postos de liderança, tendo sido presidente por mais de uma gestão. Foi professor do Seminário Concórdia de São Leopoldo, RS, editor, escritor de vários livros e presidente do Concílio Luterano Mundial (CLI). Na Sociedade Bíblica do Brasil ocupou cargos na governança, inclusive como primeiro vice-presidente.

5 Huberto Kirchheim, pastor da IECLB, foi pastor regional das regiões IV e VI, presidente da IECLB de 1995 a 2002, participou do ato de assinatura da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação, da Federação Luterana Mundial e da Igreja Católica, em 1999, na Alemanha. Serviu à Igreja Evangélica Luterana da Baviera, em cedência, em 2003 e 2004.

6 KIRCHHEIM, Huberto. *In*: **RÁPIDAS**. Quito: CLAI, ago. 1994. p. 7.

religiosas e buscar uma reconciliação para um maior diálogo fraterno. Como tal, se justifica a importância dos estudos e da pesquisa sobre o assunto.

O referencial teórico para esta pesquisa terá como base primária autores da IELB, como Mário Luiz Rehfeldt com sua obra, **Um grão de mostarda:** A história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, no volume 1, que é uma tradução de sua dissertação de Mestrado defendida no Concordia Seminary, Saint Louis, EUA, em 1962, na qual descreve os 50 primeiros anos da IELB; o pastor Otto Henry William Beer,[7] da IELB, em sua obra, ***25 Jahre unter dem Südlichen Kreuz*** – 1900-1935 (25 anos debaixo do Cruzeiro do Sul – 1900-1925), traz uma coleção de artigos sobre diferentes aspectos do trabalho do Sínodo de Missouri no Brasil de 1900 a 1925; Ricardo Willy Rieth, com as obras, **Dois modelos de Igreja Luterana.** Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Igreja Evangélica Luterana do Brasil; **Igreja Evangélica Luterana do Brasil***:* uma abordagem histórica (conferência apresentada no dia 21 de junho de 1994, ao plenário da 1ª Convenção Especial da Igreja, IELB); Carlos Henrique Warth, com sua obra, **Crônicas da igreja** (fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil: 1900-1974). Da IECLB, Hans-Jürgen Prien, em sua obra, **Formação da Igreja Evangélica no Brasil:** das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que foi às fontes em arquivos alemães até agora pouco explorados, além de documentários preservados no Brasil, reconstruindo itinerários históricos em detalhes e a vida de pessoas principais protagonistas; Martin N. Dreher, com suas obras, **A história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Populações rio-grandenses e modelos de Igreja** e **História do povo luterano**; Joachim Herbert Fischer, com suas obras, **Um rompimento e suas consequências**. Pastor J. F. Brutschin e o Sínodo Riograndense, **A luta contra os pastores-colonos no Rio Grande do Sul no século XIX** e **Incidente em Santa Maria (Rio Grande do Sul***).* Para a análise dos relacionamentos havidos no plano eclesiástico-denominacional entre a IECLB e a IELB, as reuniões da CID e as Conferências Interluteranas, promovidas pela CID, se fará uma pesquisa documental nos anais das três Conferências Interluteranas e da CID.

---

[7] Otto Henry William Beer (1897-1988), foi pastor em São Leopoldo, RS, de 1920 a 1928 e em Novo Hamburgo, RS, de 1928 a 1930. Foi 2º vice-presidente da IELB de 1924 a 1930. Voltou aos EUA e aposentou-se em 1964.

Para compreender a expressão diversidade reconciliada, é necessário analisar o texto do teólogo luterano Harding Meyer **Diversidade reconciliada -** o projeto ecumênico. O texto que também será destaque para este tópico será a **Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação,** realizada pela Igreja Católica Romana (ICAR) e a Federação Luterana Mundial[8] (FLM), em Augsburgo, Alemanha, em 31 de outubro de 1999. Os temas tratados foram a mensagem bíblica da justificação, a doutrina da justificação como problema ecumênico, a compreensão comum da justificação, o desdobramento da compreensão comum da justificação, o significado e o alcance do consenso alcançado. Junto a esta análise se farão comentários extraídos do relatório da Comissão Luterana-Católico-Romana para a Unidade, **Do conflito à comunhão**–Comemoração conjunta Católico-Luterana da Reforma em 2017, que poderá servir de estímulo para um relacionamento interdenominacional. Contribuirão também, entre outros, autores como James A. Scherer, com sua obra **Evangelho, Igreja e Reino.** Estudos Comparativos de Teologia da Missão, de onde se destacará sua abordagem aos temas do ressurgimento confessional, a reação contra o unionismo e a missão luterana na era ecumênica. Também irá trazer contribuições para este tema a obra de David Jacobus Bosch, **Missão Transformadora:** Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão, na qual aborda a ideia de que a realidade pode ser vista de diferentes maneiras, onde, muitas vezes, as interpretações podem ser mais complementares que contraditórias. Outra obra de destaque para esta pesquisa será ***"El llamado de Cristo y nuestra respuesta",*** que é o documento do *5º Congreso Luterano Latinoamericano*, realizado em José C. Paz, Buenos Aires, Argentina, em 2 a 6 de agosto de 1971. Se dará destaque à palestra proferida pelo teólogo Gottfried Brakemeier, IECLB, "O Evangelho e nossa Missão".

Para uma análise das confissões teológicas luteranas comuns e convergentes, que podem ser testemunhos de fé e possibilidades para o diálogo fraterno em meio a esta diversidade, poderá fornecer subsídios neste campo o *5º Congreso Luterano Latinoamericano,* realizado José C. Paz, Buenos Aires, Argentina, de 2 a 6 de agosto de 1971, com o documento ***"El llamado de Cristo y nuestra***

[8] A Federação Luterana Mundial, Lutheran World Federation, é uma entidade supranacional que reúne várias igrejas de matiz luterana de todo mundo, fazendo delas uma só igreja em plena comunhão de púlpito e altar. Foi criada em 1947 em Lund, Suécia. Entende-se uma comunhão de igrejas cristãs de tradição luterana, e que faz parte do Conselho Mundial de Igrejas.

respuesta" (O chamado de Cristo e nossa resposta), com a participação das igrejas luteranas da Argentina, Escandinávia, Bolívia, Brasil, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Panamá, Chile, Equador, Guiana, México, Porto Rico, Uruguai, Venezuela e convidados especiais. Se dará destaque à palestra proferida pelo teólogo luterano Harding Meyer[9] "O Evangelho e nossa Unidade", onde ele alerta: "Nós devemos abandonar a opinião de que um completo consenso teológico seja pura e simplesmente a necessária condição prévia para uma comunhão entre as igrejas."[10] Também se analisará do mesmo documento, a conferência apresentada por Yoshiro Ishida, em Oslo, Noruega, na reunião do Comitê Executivo da FLM, de 6 a 13 de junho de 1971, e que foi recomendada às igrejas para estudo, *"Salvación, Misión y Humanización"***.** Contribuirá nesta parte a obra organizada pelo teólogo luterano Wilhelm Wachholz, IECLB, **Evangelho, Bíblia e Escritos Confessionais:** anais do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana, pode trazer contribuições, pois registra o encontro que houve entre as duas igrejas luteranas brasileiras, IECLB e IELB, em abril de 2004, no Colégio Sinodal, em São Leopoldo, RS. O encontro teve como objetivo incentivar e fortalecer o diálogo interluterano, proporcionar o encontro de teólogos luteranos e teólogas luteranas com o propósito de refletir sobre a confessionalidade luterana e promover o encontro de estudantes de Teologia das duas instituições. Far-se-á uma análise da palestra "Evangelho e escritos confessionais: a hermenêutica das confissões do luteranismo", de Gunther Wenz.[11] Serão analisadas as reações a esta palestra por parte de Gottfried Brakemeier[12] da IECLB, sob o título "Somente a Escritura – avaliação de um espírito protestante", como também a reação de Paulo Proske Weirich[13], sob o título "Evangelho e escritos confessionais: a hermenêutica das confissões do luteranismo"; e, por fim, se

---

9 Harding Meyer (19.01.1928-01.12.2018), do Instituto de Pesquisa Ecumênica de Estrasburgo, criador do método da diversidade reconciliada.

10 MEYER, Harding. O Evangelho e nossa Unidade. *In:* WEIGANDT, Ernesto W. (ed.) **El llamado de Cristo y nuestra respuesta**. 5º Congreso Luterano Latinoamericano. Buenos Aires: Publicaciones El Escudo, 1972. p. 88.

11 Wenz é natural de Weisenburg, na Baviera, Alemanha, com doutorado em Teologia da Faculdade de Munique, em 1976, defendendo tese sobre a teologia de Paul Tillich, sendo responsável pela cátedra de Teologia Sistemática na Faculdade Evangélica de Teologia da Universidade Ludwig-Maximilian.

12 Brakemeier (1937), possui graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), (1962) e doutorado em Teologia pela Universidade de Göttingen (1968), com experiência na área de Teologia, ênfase em Teologia Sistemática.

13 Weirich foi professor de Sistemática no Seminário Concórdia, IELB, e professor adjunto na ULBRA, com graduação em Teologia pelo Seminário Concórdia (1969) e mestrado em Teologia, pelo Concordia Theological Seminary (1982).

observará a reação de Enio Ronald Mueller[14] da IECLB, “Sobre a verdade do Evangelho: algumas considerações”. No que diz respeito aos aspectos do diálogo fraterno entre luteranos e católicos, se pesquisará em obras de autores como os teólogos luteranos Walter Altmann e Bertholdo Weber, IECLB, em sua obra “**Desafio às Igrejas** – Diálogo Ecumênico em Tempos de Mudança”, onde registram as palestras ocorridas no Seminário Ecumênico que se realizou no Rio de Janeiro, em setembro de 1974, pelo Instituto de Pesquisa Ecumênica de Estrasburgo, França, conjuntamente com a IECLB. Se destacará a palestra do teólogo luterano Harding Meyer, “O Diálogo Católico-Luterano Internacional”, onde ele chama a atenção para o seguinte fato: “Nossas Igrejas amam o diálogo, mas temem seus resultados. E isto é decepcionante, paradoxo e cômico ao mesmo tempo.”[15] Outra palestra que será analisada é a de Walter Altmann[16] “O Evangelho e a Igreja no contexto do ecumenismo brasileiro”, onde constata que “[...] a prática das igrejas deixa de realizar muito do que teologicamente já se reconheceu como necessário, e continua realizando muito do que teologicamente já está superado.”[17] Poderá se observar dentro das mais diversas denominações, as mesmas tendências, correntes, posicionamentos e tensões, divergências semelhantes e conflitos similares.

Os estudos dedicados ao Luteranismo no Brasil, especialmente na relação das duas igrejas, não são muitos. Da IELB tem de Eliseu Teichmann, **Imigração e Igreja: as comunidades-livres no contexto da estruturação do luteranismo no Rio Grande do Sul;** de Sérgio Marlow, **Nacionalismo e Igreja: a Igreja Luterana – Sínodo de Missouri nos porões do Estado Novo** e **Confessionalidade a toda prova: O Sínodo Evangélico Luterano do Brasil e a questão do Germanismo e do Nacional-Socialismo Alemão durante o Governo de Getúlio Vargas no Brasil;** de Roberto Radünz, **A terra da liberdade, o protestantismo luterano em Santa**

---

[14] Mueller tem graduação em Teologia (1979), mestrado em Teologia (1989), doutorado em Teologia pela Faculdades (EST) (1994), doutorado em Filosofia pela PUCRS (2008), pós-doutorado em Munique (2004) e Erlangen (2009), professor titular na Faculdades EST, de 1996 a 2017, em 1996 passou a ser membro da Comissão Permanente de Tradução da Bíblia, Sociedade Bíblica do Brasil.

[15] MEYER, Harding. O Diálogo Católico-Luterano Internacional. *In:* ALTMANN, Walter; WEBER, Bertholdo**. Desafio às Igrejas** – Diálogo Ecumênico em Tempos de Mudança. São Paulo: Edições Loyola; São Leopoldo: Sinodal, 1976. p. 103.

[16] Walter Altmann (1944), teólogo luterano, ex-presidente da IECLB, ex-presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas, CLAI, moderador do Conselho Mundial de Igrejas.

[17] ALTMANN, Walter. O Evangelho e a Igreja no contexto do ecumenismo brasileiro. *In:* ALTMANN, Walter; WEBER, Bertholdo. **Desafio às Igrejas** – Diálogo Ecumênico em Tempos de Mudança. São Paulo: Edições Loyola; São Leopoldo: Sinodal, 1976. p. 118.

Cruz do Sul no século XIX e **Do poder de Deus depende;** de Walter Steyer, **Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o luteranismo;** de Arnaldo Érico Huff Júnior, **Vozes da Ortodoxia** - O Sínodo de Missouri e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil: processos de formação e relações nos contextos da I Guerra Mundial e do final do Regime Militar; de Elvio Nei Figur, **A Verdade os libertará!?** Autoprodução de um sistema religioso confessional. O caso da *Lutheran Church Missouri Synod* (LCMS) e da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Da IECLB, tem obra de Osmar Luiz Witt, **Igreja na Migração e Colonização.** A pregação itinerante no Sínodo Rio-grandense; também de Wilhelm Wachholz, **"Atravessem e ajudem-nos":** a atuação da "Sociedade Evangélica de Barmen" e de seus obreiros e obreiras enviadas ao Rio Grande do Sul (1864-1899).[18]

De acordo com a classificação de Antonio Carlos Gil, esta pesquisa, do ponto de vista de sua natureza, é uma pesquisa básica e do ponto de vista dos procedimentos técnicos é uma pesquisa bibliográfica. Esta pesquisa será desenvolvida a partir de material já elaborado, livros, artigos científicos, documentos das duas Igrejas, livros e periódicos, boletins, jornais, fotos e materiais eletrônicos contextualizados, arquivos preservados pelas duas igrejas luteranas, IECLB e IELB, inclusive com acesso à biblioteca pessoal, à biblioteca da Faculdades EST, IECLB, à biblioteca do Seminário Concórdia, IELB, e ao Instituto Histórico da IELB e o Arquivo Histórico da IECLB, além de acesso à internet que fornece um acervo de pesquisas e bibliografias, que podem contribuir na pesquisa. A realização desta pesquisa se deu com Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Se destaca a importância do diálogo com colegas e coordenador do Grupo de Pesquisa do Programa de Pós-graduação da Faculdades EST, "História do Cristianismo na América Latina".

Uma breve observação com respeito à definição do título desta pesquisa. Inicialmente o título seria "Relacionamento interdenominacional entre as duas maiores igrejas luteranas brasileiras, IECLB e IELB - Possibilidades e dificuldades de aproximação". No Exame de Qualificação foi apontada uma certa circularidade dos objetivos propostos neste título, como relacionamento: aproximação-diálogo-

[18] Pode-se considerar que, sobre este ponto, possa haver maior aprofundamento com base na biografia acadêmica existente. Por exemplo, se poderiam consultar pesquisas existentes sobre a IELB bem como dialogar com elas sobre este ponto.

cooperação. Sobre o uso do objetivo “aproximação”. Na pesquisa realizada, se pode observar que desde o início, já havia uma aproximação entre as duas igrejas, a partir de sua etnia comum, de ações na mesma região, de relacionamento entre familiares que comungavam em igrejas diferentes, no intercâmbio entre pastores das duas igrejas, nas transferências de membros entre as mesmas. Mesmo que muitas destas aproximações fossem conflituosas, elas existiam. Aconteceram aproximações mais robustas na CID e nas Conferências Interluteranas, sendo que, ainda hoje, existem aproximações através da CIL e CEOL (publicações conjuntas das duas editoras), entre várias congregações locais, entre pastores da mesma cidade, entre alguns líderes das duas denominações. Portanto, seria muito tímido almejar apenas aproximações entre as duas igrejas que muitas vezes já aconteceram, têm acontecido até de modo natural, mas, que não têm sido contínuas e produtivas.

Conforme indica o segundo capítulo, a cooperação praticamente inexistiu nas primeiras décadas de convivência das duas igrejas na mesma região. Talvez seja ambicioso demais buscar como alvo uma cooperação entre as duas igrejas, já que, a pesquisa tem mostrado, que numa diversidade reconciliada, é necessário primeiro se ter um diálogo continuado, a partir das semelhanças e depois a partir das diferenças, buscando um mínimo de consenso como base para ações conjuntas de cooperação. Pode-se concluir, a partir disso, que, se não houver o mínimo de diálogo continuado, que chegue a uma base minimamente comum, as ações de cooperação não acontecerão ou terão pouca duração. A pesquisa mostrou que desde o início da aproximação das duas igrejas, no início do século passado, aconteciam diálogos. Eram diálogos que eram conflituosos e que causavam animosidades. A partir da CID e das Conferências Interluteranas, os diálogos também aconteciam, inclusive nas comunidades locais, entre lideranças nacionais, mas foram diálogos interrompidos, truncados, descontinuados, muitas vezes com desconfianças mútuas. As fontes pesquisadas têm indicado que os diálogos se concentravam nas dificuldades, e visavam buscar uma certa uniformidade em aspectos litúrgicos, doutrinais, e, às vezes, até na uniformidade administrativa. Não ficava evidente um respeito pela diversidade, mas se via nela um obstáculo que deveria ser suplantado. Havia certamente um diálogo respeitoso e até, de certa maneira, às vezes, fraterno, mas que tinha como intenção oculta as mudanças de posições do outro. Como isto não teve sucesso, as Conferências deixaram de acontecer e a CID não retomou mais suas

reuniões. As direções nacionais não dialogam mais. Cabe ressaltar que os diálogos que acontecem ainda na CIL e CEOL, têm como objetivo comum as publicações comuns entre as duas editoras. Portanto, pode-se concluir que buscar o diálogo seja insuficiente, uma vez que ele muitas vezes tem acontecido, porém, sem continuidade.

Considerando que nem sempre uma aproximação leva ao diálogo e nem à cooperação; que os diálogos nem sempre levam à cooperação; e, que por fim, nem sempre uma cooperação significa que haja boa relação ou diálogo fraterno, a hipótese que se levanta, por ora, é que o objetivo seja a busca do diálogo permanente, e que para tanto, segundo tem apontado o conceito de diversidade reconciliada, precise ser um diálogo "fraterno que respeite a diversidade", que celebre, reconheça a importância e avance o diálogo nas semelhanças e que respeite e considere a necessidade de diálogo nas diferenças. Sendo assim, foi feita a alteração do subtítulo para "Possibilidades e dificuldades de diálogo fraterno na diversidade". Por fim, levando em conta uma expressão usada pelo historiador Joachim H. Fischer, da IECLB, que na sua palestra na 2ª Conferência Nacional Interluterana, em 2001, se refere a "desencontros" entre as duas igrejas, e destacando a obra do pastor da IELB, Otto Henry William Beer, sobre os primeiros 25 anos do luteranismo ielbiano sob o Cruzeiro do Sul, se definiu o título: "Luteranismos sob o Cruzeiro do Sul – Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade da IECLB e IELB". O Cruzeiro do Sul é uma constelação de cinco estrelas visível a olho nu e reconhecida em forma de uma cruz, onde a ponta inferior indica o sentido do Polo Sul. Nesta pesquisa quer indicar os trabalhos das Igrejas que se situam no hemisfério sul, especificamente no Brasil.

As limitações desta pesquisa em termos do que houver de ideológico, teológico, cultural em nosso discurso historiográfico e que venha a embaçar nossa visão, os tratamentos que puderem ser considerados tendenciosos ou obscurecidos, bem como aquilo que não venhamos a "enxergar" neste horizonte, tudo isso deve ser colocado em relação ao exercício reflexivo que aqui apresentamos, como alguém envolvido e comprometido profundamente com boa parte desta história. *Mea culpa.*

2 LUTERANISMOS SOB O CRUZEIRO DO SUL

Há alegrias na caminhada de relacionamentos entre as duas igrejas, mas também experiências dolorosas que causam a separação. As causas de relações perturbadas podem ser de cunho histórico, cultural, político e teológico. Injustiças praticadas são relembradas e há resistências para conhecer melhor a história mútua. Este capítulo quer descrever o desenrolar histórico das duas denominações a partir do contexto de suas origens, fazer uma análise documental e bibliográfica sobre História e “histórias”, nos diálogos havidos no passado, especialmente ocorridos no Rio Grande do Sul (RS), onde tiveram seus inícios.

As duas maiores igrejas luteranas brasileiras, IECLB e IELB, estão no Brasil há mais de um século e tem havido ações de diálogo no plano eclesiástico-denominacional. Identificar nos diálogos, fatos havidos e as histórias contadas, que sob uma outra abordagem, poderá trazer um novo olhar e promover um diálogo fraterno. Há cicatrizes que remontam às discussões locais, nem sempre confessionais, como as brigas entre famílias que não foram esquecidas, especialmente no Rio Grande do Sul (RS). O aspecto pessoal de lideranças das duas denominações pode se ter sobreposto e seus entendimentos ter gerado atritos e desconfortos. A descontinuidade das políticas administrativas e as ações dos órgãos diretivos podem ter dificultado esforços na continuidade dos diálogos, pois o diálogo pode avançar ou recuar de acordo com a política interna de cada igreja. Um diálogo fraterno entre estas duas igrejas pode ou não ter correspondido aos interesses das suas direções.

A escolha por investigar o relacionamento entre as duas maiores igrejas luteranas brasileiras no plano eclesiástico-denominacional, a partir da contextualização de suas origens, se justifica porque é difícil entender um distanciamento entre as igrejas luteranas, que possuem uma razão para dialogarem: sua dupla herança comum. Ambas compartilham a mesma tradição confessional evangélica luterana, cujas raízes remontam a meio milênio atrás. As divergências em interpretações podem levar à tentativa de compreender um ao outro e não descrever suas doutrinas que não precisam impedir um diálogo respeitoso. O povo luterano no Brasil ainda tem como denominações luteranas a Associação de Comunidades

Luteranas Livres, a Igreja Evangélica Congregacional do Brasil e Comunidades Luteranas Livres. Atualmente há no RS comunidades que se mantêm fiéis às origens da maioria das comunidades protestantes criadas até o último quarto do século XIX, que se mantinham "livres", ou seja, sem a filiação a uma denominação eclesiástica superior:

> Em sua maioria, localizam-se nos municípios de São Lourenço do Sul, Canguçu, Pelotas e Camaquã, sendo atendidas por mais de 20 pastores livres. Outro contingente minoritário é o das comunidades ligadas à Igreja Congregacional do Brasil. Em ambos os casos, é possível verificar uma tendência ao desaparecimento do luteranismo livre.[19]

Neste capítulo não se irá abordar todo conjunto dos fatos acontecidos na caminhada histórica das duas Igrejas, mas, se fará apenas uma contextualização de suas origens, visando uma nova caminhada conjunta num futuro, dentro da perspectiva de um diálogo fraterno dentro de toda diversidade que lhes é inerente. Joachim H. Fischer[20] relata em sua palestra na 2ª Conferência Nacional Interluterana, em 2001, parte do contexto que cercava os imigrantes alemães ao virem ao Brasil, da qual se fará alguns destaques. Os imigrantes alemães quando vieram da Alemanha trouxeram bagagens culturais e espirituais com bastante diversidade. Podem-se destacar três fenômenos muito importantes. O primeiro destaque se deve ao movimento de Despertamento[21] ou Reavivamento. A corrente neoluterana insistiu na retomada e na preservação da confessionalidade luterana. O segundo destaque aponta para o fato de que a maior parte das Igrejas Unidas não tinham uma confessionalidade única, pois nela coexistiam as confissões luterana e reformada (calvinista). Caberia às próprias comunidades estabelecer a sua confessionalidade como luterana ou reformada. Estas uniões teriam sido introduzidas em vários Estados alemães pelos próprios governos, uma vez que até 1918 as Igrejas Territoriais da Alemanha eram estatais, levando em conta fatores políticos e/ou religiosos. Levando

---

19 RIETH, Ricardo W. Dois modelos de Igreja Luterana. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Igreja Evangélica Luterana do Brasil. *In:* DREHER, Martin N. (Org.). **Populações rio-grandenses e modelos de Igreja.** Porto Alegre: Edições EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 257.

20 Joachim Herbert Fischer foi pastor e professor na IECLB; natural da Saxônia, Alemanha, estudou Teologia nas universidades de Erlangen, Tübingen e Göttingen, doutorando-se em História da Igreja na Universidade de Göttingen. Em 1960, foi ordenado pastor e em julho foi convocado para lecionar História da Igreja na Faculdade de Teologia, IECLB, em São Leopoldo, RS.

21 Movimento que visava despertar as pessoas cristãs de uma fé apenas tradicional para uma fé viva, sendo que a corrente confessional ou neoluterana insistia na redescoberta da confessionalidade luterana. O Primeiro Grande Despertamento, foi um período de grande ação religiosa, especialmente no Reino Unido e nas colônias da América do Norte entre 1730 e 1740.

em conta as circunstâncias históricas, em várias regiões da Alemanha, esta união não seria somente compreensível, mas até necessária. O terceiro destaque dado por Fischer, é que as filosofias vigentes no século XIX, oriundas do Iluminismo[22], estavam presentes na burguesia da cidade, mas que também eram divulgadas entre a população teuto-brasileira nas colônias no Brasil através de jornais, almanaques e outras publicações, muito críticas em relação à religião e ao cristianismo. Os pastores caracterizavam estas filosofias do Iluminismo como materialismo e as consideravam como inimigo a ser combatido.[23]

Alguns fatores teriam influenciado o desenvolvimento da confessionalidade das comunidades de imigrantes alemães vindos ao Brasil. Um fator teria sido que os imigrantes alemães teriam vindo de várias regiões da Alemanha, oriundos de comunidades e igrejas luteranas, reformadas e unidas. Outro fator que influenciara os imigrantes é que haviam emigrado acima de tudo por motivos socioeconômicos e políticos, e não apenas por motivos religiosos. Sem dúvida, houvera os que cultivavam sua herança de fé com fidelidade, como os teuto-russos, imigrados por volta de 1890, que tinham saudade das prédicas, dos sacramentos e ofícios e do acompanhamento pastoral, das orações à mesa, celebrações pela manhã e à noite, não queriam ficar, especialmente para seus filhos, sem a palavra de Deus.[24] Muitos outros imigrantes teriam perdido seus hábitos cristãos, em outros casos, os costumes cristãos se perderam na passagem de uma geração para outra e muitos não acreditavam mais em nenhum Deus. Alguma geração cresceu sem escola, sem ensino religioso, no ambiente selvagem da mata virgem, como houve também os que desistiram da fé ou a ridicularizaram ou rejeitaram abertamente, alguns influenciados por propagandas socialistas.[25]

A saga dos imigrantes alemães está profundamente relacionada com a miséria a que estiveram submetidas inúmeras populações europeias no transcurso do século XIX. Basta lembrar alguns números que espelham o que foi a expulsão

---

22 Fora um movimento intelectual surgido na Europa, no século XVIII, e defendia o valor maior da razão como a maneira de garantir o progresso da civilização. Questionava especialmente os valores e as autoridades, como a fé e o absolutismo.

23 FISCHER, Joachim H. **Razões históricas que condicionaram o surgimento e o diálogo das duas Igrejas Luteranas no Brasil** - uma retrospectiva sobre a questão da confessionalidade na história das comunidades da IECLB e da IELB. Rodeio, SC, Lar Rodeio 12, 5 nov. 2001. Palestra ministrada na 2ª Conferência Nacional Interluterana. p. 1-2.

24 FISCHER, 2001, p. 3.

25 FISCHER, 2001, p. 3-4.

populacional acontecida na Europa. Segundo o teólogo luterano da IECLB, Martin N. Dreher:

> De 1800 a 1845 saíram da Europa 1,5 milhões de pessoas. Já entre 1845 e 1875, serão 9,5 milhões. A partir de 1880 essas cifras passam a ser de cerca de 800.000 pessoas ao ano, explodindo desde 1900, quando 1.400.000 deixarão anualmente o continente europeu. O êxodo rural, a industrialização, reformas agrárias fracassadas, o crescimento desenfreado dos centros urbanos, o colapso da agricultura em consequência da importação de produtos produzidos a custos bem inferiores na Austrália, na Argentina e nos Estados Unidos da América do Norte - tudo isso leva o europeu a procurar fazer a vida em outros continentes. O sonho por um pedaço de terra nas Américas é a mola propulsora que leva milhões à beira da miséria absoluta a emigrar.[26]

Os imigrantes eram alemães, suíços, holandeses, dinamarqueses, noruegueses, suecos, austríacos, italianos, poloneses, russos, espanhóis, portugueses e diversas outras etnias, que emigraram para o Brasil, sendo que muitos eram protestantes, como, por exemplo, luteranos, unidos, reformados, valdenses, anabatistas. O Brasil independente precisava de um exército, portanto, havia a necessidade de soldados. Para a segurança nacional era necessário o povoamento de regiões inabitadas, especialmente no Brasil meridional, onde havia a possibilidade de incursões da região cisplatina. Eram necessárias muitas pessoas, pois, estradas precisavam ser construídas e as colônias militares que guarneciam as estradas precisavam de alimentos. Surgiu, assim, o regime da pequena propriedade, onde o agricultor branco trabalhava a terra com sua família, e, nas grandes fazendas, estabeleceu-se o sistema de parceria, nas quais o imigrante branco substituía a mão de obra escrava.[27] Segundo Dreher:

> E, pois, compreensível que a instalação do luteranismo no Brasil não se tenha dado em virtude de atividades de sociedades missionárias luteranas, mas como consequência das necessidades do ser humano migrante. Em sua maioria, os luteranos brasileiros descendem de imigrantes, principalmente alemães, dos quais cerca de 300.000 ingressaram no país. Sabe-se que 60% destes alemães eram protestantes.[28]

Os imigrantes organizaram sua própria vida eclesiástica e os primeiros cultos eram celebrados em cabanas cobertas com folhas de palmeira, como cultos domésticos. Posteriormente teriam construído seu primeiro prédio comunitário, a

---

[26] DREHER, Martin N. A história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *In:* **Presença Luterana.** São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 94.
[27] DREHER, 1990, p. 95.
[28] DREHER, 1990, p. 96.

escola, na qual, aos domingos, se celebravam os cultos. Ao lado da escola encontrava-se também o cemitério comunitário, pois, no cemitério público ou católico eles não podiam ser sepultados.

Ricardo W. Rieth ressalta que os imigrantes eram, em sua maioria, pessoas simples, camponeses e pequenos artesãos, que deixaram sua pátria pressionados pela falta de terra, pela pobreza, pela ausência de perspectivas e pela esperança de uma vida melhor para suas famílias no Brasil.[29] Segundo ele:

> O imigrante europeu, como já foi dito acima, foi jogado pelo governo imperial contra os indígenas, ao ser assentado em terras a eles pertencentes, e contra os negros, por ter vindo branquear a raça brasileira. A sobrevivência do imigrante branco dependia, portanto, do extermínio biológico, genético e cultural de índios e negros. A partir daí compreendemos melhor o profundo preconceito racial presente no povo de nossas comunidades e o fato da raça sempre de novo separar o que deveria ser unido pela fé.[30]

Outrossim, a organização das comunidades era diferente de seu país de origem. A participação em determinada comunidade não era obrigatória; os pastores não eram impostos por uma estrutura eclesiástica vinculada ao Estado e não precisavam pagar tributo eclesiástico. Eles próprios organizavam suas comunidades, escolhiam seus pastores e fixavam o valor das taxas a serem pagas.[31]

Há alegrias nessa caminhada de diálogo entre as duas igrejas em solo brasileiro, mas também muitas dores, pois a rivalidade corrói a credibilidade. Existem experiências históricas fomentadas há décadas por comunidades da IECLB e IELB em uma mesma localidade, que, por vezes, ocorreram até mesmo sem a aprovação de diretorias nacionais, e que se mostraram promissoras e sólidas, o que pode

---

[29] Pode-se considerar que nem sempre o racismo pudesse estar presente nas comunidades. Poderia haver alguma revisão histórica bem como algumas informações sobre a questão do preconceito racial dos imigrantes brancos em questão. As explicações teóricas de racismo utilizadas podem não ter abrangido a realidade da vida das pessoas. Em Novo Hamburgo, RS, haveria um bairro popularmente chamado de África. Ali viviam e conviviam negros pobres e brancos pobres sem tensões ou preconceito racial. Em Canguçu, RS, São Lourenço do Sul, RS, Pelotas, RS, e Piratini, RS, o mesmo acontecia. Não é que não houvesse preconceito racial na sociedade, mas isso não seria uma característica das comunidades luteranas. Numa dessas localidades, Piratini, numa festa da comunidade luterana, dois não luteranos conversavam e um perguntou ao outro: - Há muita gente na festa? E a resposta fora: - Gente não. Só tem negro e alemão.

[30] RIETH, Ricardo W. Igreja Evangélica Luterana do Brasil: uma abordagem histórica. **Revista Igreja Luterana,** São Leopoldo, v. 55, n. 1, p. 42-62. 1996. p. 44.

[31] Há de se considerar que as duas Igrejas têm raízes comuns, que são anteriores de sua institucionalização como IECLB e IELB. Isso mostra que “diversidade reconciliada” tem sentido, pois só se reconcilia quem esteve unido. A origem comum dos imigrantes e a existência de Igrejas (pregação da Palavra e administração dos sacramentos), antes da fundação do que hoje é IECLB e IELB, poderia mostra que a unidade não é um sonho apenas do futuro, mas uma evidência do passado.

fomentar um diálogo mais harmonioso e fraterno entre as demais comunidades das duas denominações. Nesta caminhada é possível averiguar por que vieram, o que fizeram e por que fizeram.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ORIGENS DA IECLB - “ATRAVESSEM E AJUDEM-NOS”[32]

No início da história das comunidades dos imigrantes evangélicos alemães e de seus descendentes, as próprias comunidades, possivelmente, em conjunto com seus pastores, definiram sua confessionalidade, se é que a definiram de forma expressa. Faltavam estruturas supracomunitárias que pudessem ter orientado as comunidades e os pastores em direção a uma definição mais homogênea e mais clara de sua confessionalidade. Por isso se encontra nesse período uma variedade teológico-confessional relativamente grande, entre elas também a confessionalidade luterana. É preciso se ter em mente que esse é o passado também daqueles imigrantes que, a partir de 1900, foram atendidos por pastores vindos do Sínodo de Missouri.[33]

2.1.1 A luta contra os pastores-colonos

O artigo escrito pelo pastor Fischer, da IECLB, **A luta contra os pastores-colonos no Rio Grande do Sul no século XIX**, do qual se fará uma breve resenha, contextualiza a vinda dos imigrantes alemães ao Brasil e aponta algumas condições históricas. A abertura para estrangeiros começou a acontecer a partir de 1808, quando os reis portugueses se mudaram para o Brasil em consequência das guerras napoleônicas. Dali em diante, o governo brasileiro começou a buscar de forma sistemática os colonos europeus para que, paulatinamente, fosse desbravada essa área imensa, com a sua escassez populacional. Em maio de 1824, o governo assentava um grande número de alemães evangélicos na colônia imperial de Nova

---

[32] Referência ao título da obra de Wilhelm Wachholz, “Atravessem e ajudem-nos”: atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899). São Leopoldo: EST/Sinodal, 2003.

[33] O Sínodo de Missouri, do qual a IELB provém, tem suas origens teológicas fincadas na ortodoxia luterana do século XVII, dos teólogos que vieram depois de Lutero e que estavam mais preocupados com a pureza doutrinária e teológica da igreja do que com a missão.

Friburgo, RJ; a seguir, passou a enviar a “gente branca e diligente” da Alemanha para o RS:

> A 25 de julho de 1824 desembarcava em São Leopoldo o primeiro transporte de imigrantes alemães, 43 pessoas ao todo. [...] Ocasionalmente o número dos alemães imigrados para o Rio Grande do Sul durante os primeiros cinquenta anos (1824-1874) tem sido indicado como entre 20.000 e 25.000.[34]

Os pastores evangélicos que atuaram de 1824 até início de 1864 vieram todos por conta própria, não tendo sido enviados por alguma igreja alemã. Não é sabido se os pastores citados em registros do Sínodo Riograndense eram formados e tinham recebido a incumbência eclesiástica para a proclamação da palavra. Um dos fatores que levou as igrejas territoriais alemãs a não terem auxiliado a missão junto aos evangélicos emigrados para o Brasil, enviando pastores, está vinculado à falta de regulamentação legal do casamento de evangélicos no Brasil. “Até 1863 os matrimônios abençoados por pastores evangélicos não eram reconhecidos perante a lei nem mesmo quando celebrados ainda antes da imigração.”[35] Fischer, em outro artigo seu, **Incidente em Santa Maria (Rio Grande do Sul)[36],** aponta para as restrições que haviam no Império para os não católicos:

> Uma igreja em forma exterior de templo, um cortejo fúnebre de protestantes, os atos de encomendação e sepultamento no cemitério, o pastor, de talar, levando a santa ceia a um enfermo — tudo isso era, a rigor, violação da Constituição, ou seja, crime. Isso feriu os sentimentos dos evangélicos, que eram concidadãos dos católicos e ‘contribuem em larga escala com o seu trabalho e quiçá com o seu sangue para a grandeza da pátria comum’.[37]

Todavia, o governo brasileiro não queria ficar sem os imigrantes, o que fez com que o Imperador D. Pedro II se empenhasse por regular os efeitos civis dos casamentos de pessoas que não professam a religião do Estado. Isto se concretizou-se no decreto de n° 3069 de 17 de abril de 1863. Desta forma, foi possível ter início a ajuda necessária por parte da Alemanha em enviar pastores para o RS. Entre 1864 e

---

34 FISCHER, Joachim H. A luta contra os pastores-colonos no Rio Grande do Sul no século XIX. *In:* FISCHER, Joachim (Org.). **Ensaios Luteranos,** Dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil. Trad. de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 34.

35 FISCHER, 1986, p. 35.

36 Neste seu artigo, Fischer relata um episódio acontecido na cidade de Santa Maria, RS, onde o governo local permitiu a construção de um templo evangélico e o uso do sino, mas, posteriormente, usando a lei da Constituição, mandou prender os envolvidos. Houve uma grande reação do povo da cidade e de políticos, além das comunidades evangélicas do Brasil inteiro. Posteriormente, este esforço concentrado, contribuiu para que o Imperador mudasse esta lei. Tornou- se um símbolo da liberdade para os evangélicos no Brasil.

37 FISCHER, Joaquim H. Incidente em Santa Maria (Rio Grande do Sul). **Estudos Teológicos,** São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, ano 27, n. 3, 1987. p. 249.

1885 o *Evangelischer Oberkirchenrat* (Conselho Eclesiástico Superior de Berlim) enviou quatro pastores, entre os quais o Dr. Hermann Borchard, que assumiu a comunidade de São Leopoldo, RS, em 1864. No mesmo período dois missionários da Basiléia passaram a operar na província. Fischer ressalta:

> Importante é que em 1864 o Dr. Fabri, inspetor de missão da Missão Renana, fundava o 'Comitê para os alemães protestantes no Brasil meridional', que atuava em estreita colaboração com o Evangelischer Oberkirchenrat, a Associação Gustavo Adolfo e diversas sociedades de missão, sendo aglutinada em 1883 com a respectiva sociedade para o apoio aos evangélicos na América do Norte, passando a chamar-se 'Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América'.[38]

O número grande dos pastores vindos da Alemanha desde 1864 não seria suficiente para atender os evangélicos com pregação, aconselhamento e ensino religioso, pois novos evangélicos chegavam ao Brasil e também aumentavam pela natalidade, sendo que muitos avançavam para o interior, se dispersando cada vez mais, o que já exigia um número cada vez maior de pastores do que havia disponível. Como era reduzido o número de pastores ordenados, cada um tinha uma área paroquial bastante extensa, sendo que somente uma vez ou outra podiam atender as comunidades. Neste sentido, o trabalho dos pastores sofreu grande perda de prestígio, pois ficaram parecendo uma espécie de viajantes, onde seu ofício era visto como "negócio". Porém, ressalta Fischer:

> Nem por isso deixavam de existir nestas circunstâncias asselvajadas cristãos 'que se preocupam com sua salvação e procuram ansiosamente a pregação da palavra de Deus'. Não queriam renunciar à pregação evangélica, à santa ceia, ao ensino do evangelho, à confirmação, ao aconselhamento pastoral e principalmente ao batismo, ao casamento religioso e ao sepultamento pela igreja. [...] Aqueles colonos simples, espiritualmente abandonados, muitas vezes não conseguiam pastores ordenados e de formação regular. Em sua dificuldade, seguiram o conselho de Lutero de 1523,[39] certamente sem conhecê-lo: Se a necessidade o exige, a comunidade deve 'convocar a instituir (ela mesma) aqueles (em seu meio) que são adequados para isso os quais Deus iluminou com entendimento e ainda dotou de talentos' para a pregação do evangelho.[40]

Comunidades que não conseguiam um pastor ordenado, elegiam como pastores, homens sem a formação teológica e sem a incumbência eclesiástica, fornecendo o chão no qual germinou o pastorado leigo. Segundo Fischer, no século

---

38 FISCHER, 1986, p. 36.

39 LUTERO, Martinho. **Pelo Evangelho de Cristo.** Obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1984. p. 197.

40 FISCHER, 1986, p. 38-39.

XIX dificilmente houve paróquia no RS que não tivesse conhecido pastores-colonos em alguma ocasião:

> Em maio de 1876 trabalhavam no Rio Grande do Sul ao lado dos 16 pastores ordenados, 10 clérigos não ordenados, porém registrados pelo Estado. Continuando a falta de pastores, o número de pastores-colonos acabou aumentando ainda mais. Havia entre eles condes e barões, mas também homens que mal sabiam ler e escrever. Em sua profissão original haviam sido oficiais e suboficiais, marinheiros, funcionários florestais, guardas florestais, funcionários do correio, alfaiates, serralheiros, tecelões; havia também um ginasiano e um bom número de professores, que via de regra exerciam o pastorado ao lado de sua profissão letiva.[41]

Alguns destes pastores-colonos não mereciam ser chamados de "peseudopastores", pois, certamente, faziam seu serviço com fidelidade e dedicação, jamais esquecendo o fato de terem sido convocados para este ministério por falta de pastores ordenados. Devem ter cuidado que os evangélicos não acabassem perdidos, mas que conservassem a base cristã que futuramente pudesse garantir um crescimento sobre a mesma. Porém, segundo Fischer, frequentemente acontecia que membros de comunidades inteiras, por causas financeiras ou por alguma insatisfação, se distanciavam do seu pastor ordenado e chamavam algum que fosse mais do seu agrado, com menos rigor quanto à ordem eclesiástica, ou que fosse "mais barato", sem observarem se ele tinha aptidão para o ministério pastoral. Isto já esclarece o termo "pseudopastor" (pastor na aparência), e, muitas vezes, era denominado de "pastor-cachaça" *(Schnapspfarrer)* ou "aventureiro".[42] De certa forma, o Estado brasileiro fortaleceu os pastores-colonos com o decreto de 1863. Ao fazer o registro dos pastores, o Estado não levava em conta a habilitação para o cargo, registrando assim mesmo os "pseudopastores" dando-lhes uma certidão oficial de registro. Os pastores-colonos passaram a se basear nesta legalidade, sem terem um chamado da Igreja para o ministério, pois tinham uma certidão do Estado. Assim, se tornou comum a opinião de que esses pastores estariam legitimados nos seus cargos.

Chegou-se à conclusão de que as coisas só iriam para o seu devido lugar, através de um todo mais abrangente, uma associação das comunidades individuais, que eram autônomas. Dentro deste objetivo, uma das ações mais importantes seria prover as comunidades com pastores de ordenação e formação regular e afastar os pastores impróprios que prejudicavam a vida comunitária. Conforme relata Fischer, a

---

41 FISCHER, 1986, p. 39.
42 FISCHER, 1986, p. 40.

primeira tentativa concreta foi a do pastor Borchard, enviado a São Leopoldo em 1864, pelo Conselho Superior Eclesiástico de Berlim:

> Borchard de saída quis botar ordem na área eclesial, providenciando "clérigos evangélicos capazes" e conjugando as comunidades num Sínodo. Com a colaboração do Comitê para os Alemães Protestantes no Brasil Meridional, conseguiu ele persuadir diversos pastores para o serviço no Brasil. Em 10/11 de fevereiro de 1868 ele fundava juntamente com outros 8 pastores e 9 presbíteros comunitários em São Leopoldo o Deutsch-Evangelische Synode der Provinz Rio Grande do Sul ('Sínodo Teuto-Evangélico da Província do Rio Grande do Sul').O Sínodo lançou a luta contra os pastores não ordenados admitindo como membros somente pastores ordenados, que já trabalhavam no Brasil, bem como pastores e candidatos enviados para o Brasil pelo Evangelischer Oberkirchenrat, pelo Comitê de Barmen 'ou outras sociedades de missão que mantêm relações com o Sínodo'. Todos os outros clérigos precisavam comprovar primeiro sua 'fama irrepreensível' e apresentar 'um certificado de missão honrosa pela corporação eclesiástica à qual pertenceram até o momento'.[43]

Em 1870, após a 2ª Assembleia do Sínodo, Borchard deixou o RS e o Sínodo deixou de existir na prática, sendo que em 1875 foi extinto oficialmente. Esta derrota da tentativa de um primeiro Sínodo trouxe uma enorme desilusão, muito aborrecimento e uma certa aversão contra a ideia de um sínodo. Uma nova tentativa foi feita com o pastor Dr. Wilhelm Rotermund, que veio ao Brasil em 1874, enviado pelo Comitê de Barmen, atuando desde 1875 como pastor em São Leopoldo, RS, (uma comunidade urbana bastante indiferente)[44]. Desta vez, juntamente com as diretorias das comunidades de São Leopoldo e Lomba Grande (uma comunidade bastante religiosa, distante 12 Km de São Leopoldo)[45], solicitou em requerimento em 1885, ao imperador brasileiro e aos membros das Câmaras que estabelecessem normas legais para a Igreja Evangélica. Esta tentativa de Rotermund visava também reduzir a influência dos pastores não ordenados. Após deliberações sobre os estatutos, sete pastores e igual número de representantes comunitários assinavam, em 20 de maio de 1886, o documento de fundação do *"Riograndenser Synode"* (Sínodo Riograndense), sendo que:

> Sob ponto de vista legal, desde o começo este Sínodo foi independente. Baseava-se ele nas comunidades [...] uma 'igreja de comunidades' sobre fundamento presbiterial-sinodal, não igreja de pastores nem tampouco igreja estatal. [...] A intenção do Sínodo era fortalecer a Igreja Evangélica no Brasil

---

43 FISCHER, 1986, p. 42.

44 PRIEN, Hans-Jürgen. **Formação da Igreja Evangélica no Brasil:** das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 118.

45 PRIEN, 2001, p. 118.

> ‘apoiando e consolidando as comunidades’, promovendo ‘a proclamação fiel e pura da palavra de Deus’ e estimulando ‘a fé que atua pelo amor.’[46]

Na fundamentação de seu requerimento ao Imperador, Rotermund afirmava que ele e muitas comunidades evangélicas desejavam superar a “completa anarquia” e as “muitas desordens” existentes na “Igreja (!) protestante deste país”. Atribuía este “triste estado” à ação de pessoas “desordeiras”; provavelmente pensava nos pastores, geralmente sem formação teológica, inidôneos para seu ministério.[47] Em muitas comunidades aumentava a simpatia para metas supracomunitárias e aumentava também a disposição de apoiar o Sínodo em sua luta contra os pastores-colonos. Assim, somente podiam participar do Sínodo as comunidades que tivessem pastor ordenado ou que preenchesse esta condição. Segundo Fischer, “a fim de barrar a intrusão de novos pastores-colonos nas comunidades, a diretoria sinodal recebeu o direito de ‘examinar a cada um que pretenda assumir pastorado na área do Sínodo’.”[48] Após a Proclamação da República em 1889, todas as religiões e confissões tinham liberdade irrestrita e os pastores evangélicos não eram mais registrados pelo Estado, conforme o Decreto nº 119-A do Governo Provisório da República do Brasil, de 7 de janeiro de 1890.[49]

Outro aspecto importante observado por Fischer é que dentro da ordenação foi contemplada a possibilidade de ordenar “o ‘bom elemento’, os obreiros ‘qualificados’ entre os pastores-colonos que tinham ‘prestado grandes serviços à Igreja Evangélica’, reconhecendo-os assim como estando em seu ‘pleno direito’.”[50] Era necessário apenas um jeito para fazer frente aos pastores-colonos: colocar à disposição um número suficiente de pastores teologicamente formados e ordenados. Ficava a questão: onde conseguir um número suficiente de pastores teologicamente formados? Surgiu a ideia de criar um seminário teológico no Brasil. Porém, segundo Fischer:

> Mas naqueles anos o orçamento do Sínodo era tão ridículo, que estava fora de cogitação construir e manter um dispendioso seminário teológico. Mesmo o plano de criar um seminário de pregadores e professores conjugado a uma

---

46 FISCHER, 1986, p. 44.
47 FISCHER, 1987, p. 242-243.
48 FISCHER, 1986, p. 45.
49 ANEXO 1, p. 360. **Decreto nº 119-A.** https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-119-a-7-janeiro-1890-497484-publicacaooriginal-1-pe.html. n.p. Acesso em: 08 out. 2023.
50 FISCHER, 1986, p. 47.

> escola sinodal, para redução de despesas, fracassou em última análise por falta de meios.[51]

Os esforços do Sínodo então se voltaram para a Sociedade Evangélica de Barmen, na Alemanha. Com a vinda de mais pastores, podia-se ir desalojando os pastores-colonos, como também subdividir as comunidades para intensificar o trabalho nas comunidades menores e assim dar mais disciplina e mais impulso ao todo. Quando, uma nova leva de imigrantes veio ao país, o Sínodo bloqueou o surgimento de pastores-colonos entre os recém-imigrados através da colocação de um pregador itinerante, de fins de 1891 até fins de 1894. Fischer ressalta: “Se o Sínodo queria barrar nova intrusão de pastores-colonos nessas comunidades, fazia-se necessário um número suficiente de pastores regulares da Alemanha. Isto explica os insistentes pedidos de socorro do Sínodo à Sociedade Evangélica.”[52] Em 1901, houve a recomendação para que as comunidades do Sínodo aceitassem a oferta do Conselho Superior Eclesiástico de Berlim e se filiassem à Igreja Territorial Evangélica da Prússia, superado, assim, o problema criado pela falta de pastores e banindo o perigo de uma difusão maior do pastorado leigo. Desta forma, os pastores-colonos foram desaparecendo.

2.1.2 As congregações e suas confessionalidades

Na 2ª Conferência Nacional Interluterana, transcorrida em 2001, referida no próximo capítulo, Fischer proferiu uma palestra e iniciou delineando-a no sentido de mostrar as raízes históricas do diálogo entre as duas Igrejas, falando também dos seus desencontros, o que seria um dos aspectos do objetivo geral da Conferência, sendo que o tema poderia ser "Do desencontro ao diálogo". Nas primeiras décadas da colonização, os imigrantes evangélicos eram relativamente poucos, vivendo isolados em suas colônias e picadas. Não é sabido se, e como, teriam sido atingidos na Alemanha pelo Movimento de Despertamento. Também é desconhecido se eles tinham uma convicção confessional clara. Todavia, ao fundarem as suas comunidades e escolas, não enxergavam razões e possibilidades de formarem comunidades luteranas e reformadas (calvinistas) em separado, sendo que todos se uniram na mesma comunidade. Mais tarde as comunidades nas áreas de três dos quatro

---

51 FISCHER, 1986, p. 49.
52 FISCHER, 1986, p. 51.

Sínodos dos quais surgiu a IECLB, costumavam designar-se de várias formas, Comunidade Evangélica Alemã, Comunidade Teuto-Evangélica, Comunidade Evangélica ou Comunidade Evangélica Luterana Alemã. Estas diversas comunidades se localizavam em várias cidades do RS.[53] No Rio de Janeiro, a comunidade, fundada em 26 de junho de 1827, designou-se de Comunidade Protestante Teuto-Francesa e reunia luteranos e reformados alemães, suíços e franceses, adotando para o trabalho comunitário os idiomas alemão e francês. Na área do Sínodo Luterano, as comunidades designaram-se de Comunidade Evangélica Luterana ou Comunidade Evangélica Luterana Alemã.[54]

No que tange ao fundamento e à orientação confessional destas comunidades, em seus estatutos existem formulações diversas.[55] Algumas comunidades, omitiram a indicação do seu fundamento, como as das localidades de Lajeado, RS (1905), Santa Cruz do Sul, RS (1912 ou 1913) e Venâncio Aires, RS (sem data). Outras acompanharam na confissão, no culto e na disciplina, a Igreja Evangélica Territorial Unida da Prússia, como as das localidades de São Leopoldo, RS (1865), Costa da Serra, RS (1883) ou os princípios do Sínodo Evangélico deste Estado do Rio Grande do Sul, como Picada Nova Fazenda Brochier, RS (1920). Outras indicaram somente a Sagrada Escritura, como as das localidades de Maratá, RS (1906), Picada 48, RS (1908), Novo Paraíso, RS (1914), Não-Me-Toque, RS (1914), Fazenda Lohmann, RS (sem data), ou simplesmente "o Evangelho" como as das localidades de Vila São Pedro, RS (1913), Cachoeira do Sul, RS (1913), Arroio Grande, RS (1925, somente na versão alemã dos estatutos). A maior parte das comunidades apontou, ao lado da Sagrada Escritura, para destacar aspectos de sua confessionalidade, acréscimos como: as doutrinas da Igreja Teuto-Evangélica, como em Timbó, SC (1887); da Reforma alemã, como em Campestre, RS (1899), Nova Holanda, RS (1906), Linha São João, RS (1919); os escritos confessionais, como em

---

53 ANEXO 2, p. 362. **Comunidades e suas cidades do RS.** FISCHER, 2001, p. 4.

54 FISCHER, 2001, p. 4.

55 Há aqui um sistema de referências que as comunidades utilizavam em referência à fé. São citados os Credos, alguns escritos confessionais e a Bíblia. Na história do cristianismo, a tradição é muito utilizada, formal ou informalmente, como sistema de referência. Na Igreja Católica há uma formulação mais extensa do que significa tradição. Mas em outros grupos religiosos ela também funciona. Por exemplo, em reuniões de Igrejas é muito comum alguém dizer que aprendeu isso ou aquilo com um pastor ou professor de teologia, ou então, aqui sempre foi ensinado assim. Há uma hierarquia no uso do sistema de referências. A Bíblia Sagrada é sempre, mesmo com interpretações diferentes, utilizada como o ponto mais alto do sistema de referências. Se isso fosse observado nos diálogos entre os luteranos, será que os resultados seriam os mesmos?

Timbó, SC (1887); as principais confissões da Reforma, como em São Leopoldo, RS (1865), Costa da Serra, RS (1883); as confissões ou os escritos confessionais da Reforma alemã, como em Joinville, SC (1883), Marcelino Ramos, RS (1917), Estatutos padrão do Sínodo Riograndense (1919 -1931), General Osório, RS (1922), Rio do Peixe, SC (1925), Linha Brochier, RS (1928); as confissões da Reforma luterana, como em Mauá [Arabutã], SC (1938), Santa Cruz do Sul, RS (1942); da Reforma de Martim Lutero, como em Santa Cruz do Sul, RS (1932). Algumas comunidades destacaram o Credo Apostólico, como em Costa da Serra, RS (1883); a Confissão de Augsburgo, como em São Leopoldo, RS (1865), Timbó, SC (1887) ou esta juntamente com os dois catecismos de Lutero, como em Santa Cruz do Sul, RS (1932). As comunidades de São Leopoldo e Costa da Serra, RS, destacaram, em seus estatutos, a Sagrada Escritura como "a única norma para nossa fé e vida" e a justificação "somente pela fé em Jesus Cristo de Nazaré, Filho unigênito de Deus, nosso Senhor".[56]

Fischer destaca as orientações teológico-confessionais de alguns pastores, que nas primeiras décadas da IECLB, foram contratados pelo governo brasileiro, ou por empresas colonizadoras, ou ainda, vieram por iniciativa própria. O primeiro pastor de São Leopoldo, RS, Johann Georg Ehlers (1779 - 1850), era visto como um teólogo racionalista, como também o pastor Georg Hoelzel (+1889) em Joinville, SC, São Paulo e Rio de Janeiro. O primeiro pastor de Hamburgo Velho, RS, Johann Peter Christian Haesbaert (1803-1890), que havia se formado no seminário teológico de Gettysburg, nos EUA, fora ordenado pelo ministério luterano de Filadélfia, exercendo durante 12 anos seu pastorado em Baltimore antes de chegar ao Brasil em 1845. Lá ele mantivera contatos com fundadores da Igreja Evangélica Luterana Alemã de Missouri, Ohio e outros Estados, como Friedrich Konrad Diedrich Wyneken (1810-1876) e Dr. Wilhelm Sihler (1801-1885). O candidato de teologia Jakob Daniel Hoffmann, de Lübeck, Alemanha, em 1851, fora convocado pela Sociedade Colonizadora Hanseática, para a colônia Dona Francisca em Joinville, SC. Segundo Fischer:

> Esse primeiro pastor protestante de Santa Catarina comprometeu-se, no documento de sua convocação, a ‘pregar pura e sinceramente a palavra de Deus, como está contida nas Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos, ministrar os sacramentos de acordo com o rito da Igreja

[56] FISCHER, 2001, p. 4-5.

> Luterana e edificar a comunidade pela sua vida e seu comportamento'. Devia usar o catecismo e a agenda da Igreja (Luterana) de Hamburgo (Alemanha).[57]

Isso teria convencido os pastores luteranos enviados da Alemanha, de que a comunidade de Joinville teria sido luterana desde o início. Ressalta Fischer que a única organização eclesiástica que teria enviado pastores para os imigrantes evangélicos, no período congregacional, sem ter em vista uma imediata fundação de um Sínodo, teria sido a Igreja Evangélica Unida da Prússia e, que desde 1836, teria enviado pastores para o Rio de Janeiro e outras comunidades da região, incluindo o Espirito Santo.[58]

2.1.3 O período sinodal

Durante o século XIX foram fundadas, na Suíça e na Alemanha, inúmeras sociedades missionárias e associações de ajuda espiritual para imigrantes evangélicos alemães espalhados em outros países. O conjunto dos pastores daquela época se caracterizava pela diversidade teológico-eclesiástica e confessional, pois estavam ligados a diversas entidades ou Igrejas na Alemanha. O período sinodal representava um passo além em direção de uma homogeneidade eclesiástica e confessional. A partir de 1861 vieram ao Brasil 92 missionários e pregadores formados em quatro instituições de Basiléia, na Suíça: a Casa da Missão de Basiléia, a Escola de Pregadores Evangélicos, a Missão Peregrina de St. Chrischona e o Instituto Escolar de Professores Voluntários para Pobres de Beuggen. A Missão de Basiléia era interconfessional, porém, a maioria dos professores e dos alunos veio da Igreja Luterana de Württemberg, no sudoeste da Alemanha.[59]

Os missionários de Basiléia se estabeleceram nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais até Santa Catarina. Sua visão teológica era baseada nas Escrituras Sagradas, do Antigo e Novo Testamento, como os escritos confessionais luteranos e reformados as interpretavam. Usavam o catecismo de Johannes Brenz (1499-1570), o Livrinho para Confirmandos de Württemberg e as Agendas de Culto de Württemberg ou da Prússia, representando um tipo 'suave' de luteranismo.60 A partir de 1864, o Conselho Eclesiástico Superior da Igreja da Prússia

---

57 FISCHER, 2001, p. 6.
58 FISCHER, 2001, p. 6.
59 FISCHER, 2001, p. 7.
60 FISCHER, 2001, p. 7.

passou a enviar pastores para o sul do Brasil. O primeiro foi George Hermann Borchard (1823 - 1891), que, após ter assistido pastoralmente imigrantes alemães nos EUA, exerceu o seu ministério em São Leopoldo, RS, de 1864 a 1870 e em Petrópolis, RJ, 1870 a 1872. Os pastores da Igreja da Prússia, com formação universitária, seguiam a orientação teológica unida. Segundo Fischer:

> Borchard, p. ex., foi incumbido de servir à comunidade no Brasil com a mesma fidelidade e dedicação com que deveria fazê-lo numa comunidade da Prússia. Em especial devia 'pregar pura e sinceramente a doutrina da Igreja Evangélica, fundamentada na palavra de Deus pura e clara, ou seja, nos escritos proféticos e apostólicos dos Antigo e Novo Testamentos, nossa única norma de fé, [doutrina esta] repetida nos escritos confessionais da Igreja Evangélica, em especial a Confissão de Augsburgo'. Nos cultos e na administração dos sacramentos devia usar os formulários litúrgicos da Agenda da Igreja da Prússia.[61]

Para dar apoio ao ministério pastoral de Borchard foi criado, em 1864, em Barmen, o Comitê para os Alemães Protestantes no Sul do Brasil, depois integrado na Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América, que mais tarde seria "na América do Sul'. Citada como Sociedade Evangélica de Barmen, sediada na Renânia, acentuava aspectos confessionais conciliatórios, complementares e unificadores.[62] O Sínodo Riograndense foi fundado por iniciativa do pastor Rotermund, em 20 de maio de 1886, em São Leopoldo, RS, por sete paróquias, representadas cada uma por seu pastor e um delegado leigo eleito. Após o fracasso do Sínodo Teuto-Evangélico, Rotermund, à frente da fundação deste Sínodo, obteve sucesso em uma das alternativas por ele idealizadas, no sentido de integrar as comunidades independentes. O Sínodo teve muita importância, pois permitia ao protestantismo do RS mostrar-se com certa uniformidade diante das autoridades civis e estabelecer projetos impensáveis para uma comunidade de cunho independente, como a pregação itinerante, a criação de institutos de formação mais qualificados do que as escolas comunitárias, assim como entidades de diaconia. Segundo Rieth:

> Para permitir a filiação do maior número possível de comunidades num contexto marcado pela heterogeneidade de tradições doutrinárias, decidiu-se não adotar uma base confessional específica. A maioria das comunidades, no entanto, olhava para o sínodo com desconfiança. Seus membros temiam perder a liberdade religiosa, conquistada graças à emigração de territórios, onde as comunidades de origem viviam sob o jugo de igrejas territoriais, fortemente dependentes da autoridade civil. Temiam aumentar os gastos com a Igreja em função de eventuais contribuições financeiras ao sínodo, que além de tudo poderia supostamente apropriar-se de seu patrimônio. Mesmo

61 FISCHER, 2001, p. 8.
62 FISCHER, 2001, p. 9.

> as comunidades filiadas não contribuíam financeiramente para o Sínodo Rio-Grandense, o que limitava em muito suas possibilidades.[63]

Hans-Jürgen Prien lembra que Rotermund chegou após a dizimação do “movimento dos mucker”[64], em 1874. Outrossim, teria demonstrado a visão de não se lançar de forma precipitada à formação de um sínodo, mas tentando desfazer o independentismo pastoral através de conferências, e o independentismo das comunidades por meio de um trabalho jornalístico. A partir de 1887 fundou uma livraria evangélica, a Editora Rotermund, e, desde de 1880, já publicava o *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (Almanaque para os Alemães no Brasil), inclusive seu próprio jornal, o *Deutsche Post* (Correio Alemão).[65] Quando da fundação do Sínodo, com vários representantes[66], foram definidos nos estatutos os seguintes termos: "Sob o nome 'Sínodo Riograndense' constitui-se uma federação de comunidades evangélicas da Província do RS, a fim de zelar pela boa ordem na Igreja evangélica e representar os interesses das comunidades na Igreja e na escola." Estavam convidadas todas as comunidades evangélicas alemãs no Brasil.[67] Uma outra grande discussão também aconteceu sobre o seguinte enunciado confessional: "Com base na Sagrada Escritura, o Sínodo confessa sua fé pelos símbolos da Reforma alemã e no culto, na doutrina e na disciplina segue as Igrejas da Reforma" (Cap. 1° Art. 2°). Segundo Prien, essa formulação seria a que melhor representava o fato de no RS se encontrarem muitos evangélicos de quase todas as Igrejas territoriais da Alemanha. A ideia de falar de "comunidades unidas" teria sido fortemente rejeitada por Rotermund. A citação da Confissão de Augsburgo[68] (CA) sugerida por ele, também não obteve maioria. Por

---

63 RIETH, 1998, p. 259-260.

64 Conflito armado acontecido entre 1873-1874, entre tropas militares e participantes de uma comunidade religiosa liderada desde 1869 por Jacobina Mentz Maurer e João Jorge Maurer, em São Leopoldo, hoje Sapiranga, RS. O local da revolta foi a linha Ferrabraz, abrangendo hoje Campo Bom, Lomba Grande e Novo Hamburgo, RS.

65 PRIEN, 2001, p. 119.

66 Foram fundadores deste Sínodo: Wilhelm Rotermund e Luiz Bier, como representantes das comunidades de São Leopoldo e Lomba Grande; Conrad Schreiber e Friedrich A. Engel, como representantes da comunidade de São Sebastião do Caí; Friedrich Hildebrand e Günther Gressler, como representantes da comunidade de Santa Cruz; Rudolf Dietschi e Philipp Kruse, como representante da comunidade de Mundo Novo (Igrejinha); Friedrich Pechmann e Jacob Maurer, como representantes da comunidade de Santa Maria da Boca do Monte; Friedrich Brutschin e João Friedrich Brusius, como representantes da comunidade de Dois Irmãos e Ferdinand Häuser e João Hiither como representantes da comunidade de Teutônia. PRIEN, 2001, p. 122.

67 PRIEN, 2001, p. 121.

68 A Confissão de Augsburgo, em latim, Confessio Augustana, é o documento central na Reforma de Lutero, como uma reação à Igreja Católica. Foi apresentado na Dieta de Augsburgo, Alemanha, em 1530. O documento foi preparado por Felipe Melanchthon.

outro lado, se impôs o objetivo de uma amplitude e abertura na perspectiva de uma *Volkskirche* (Igreja do povo) e também da independência do sínodo.[69]

A palestra do pastor J. R. Dietschi, de Mundo Novo, RS, durante o primeiro Concílio Ordinário do Sínodo Riograndense, realizado em Santa Cruz, RS, em 1887, teria traduzido, de certa maneira, a situação espiritual do povo evangélico de então. Segundo ele, o materialismo destruidor, que teria por consequência o indiferentismo religioso, teria se apossado de muitos membros das comunidades, que, na esteira do espírito iluminista e da crença no progresso, entendiam a Bíblia como um livro dos pobres e de contos de fadas, sendo a fé, a doutrina da Igreja, uma fantasia e que somente os tolos ainda frequentariam as Igrejas. A Igreja seria aceita apenas como um elemento cultural, e não como proclamadora do Evangelho. Um inimigo da Igreja protestante também seria o jesuitismo, que penetraria facilmente nas brechas abertas pelos próprios evangélicos. Outro fato denunciado pelo pastor, seria a situação lamentável de pessoas que sem qualquer preparo, exerciam o ministério eclesiástico, onde inclusive católicos podiam tornar-se pastores protestantes.[70] Neste sentido, ele também defendia a fundação de um Sínodo, ao afirmar:

> Não devemos separar-nos do todo, devemos, segundo a norma e ordem de nossa Igreja protestante, sentir-nos atraídos para o: 'cremos uma santa Igreja cristã universal'. É preciso que também aqui nos unamos numa corporação firme, que chamamos de Sínodo, e esse deve fortalecer em todo membro e toda comunidade a consciência de que nós, aqui no Brasil, não somos uma seita separada do todo, mas que também aqui buscamos a unidade e firmeza de nossa fé e de nossa Igreja, a fim de preservar os bens que nossos ancestrais nos conquistaram a tão alto preço.[71]

No dia 7 de janeiro de 1890, aconteceu uma celebração em São Leopoldo, RS, com embandeiramentos, queima de fogos, e iluminação noturna nas casas, por um marco histórico, além de ser também um histórico-eclesiástico, no caso, a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, determinando finalmente, a separação entre Estado e Igreja, possibilitando significativamente o melhoramento e o avanço do Sínodo.[72] Porém, no 13º Concílio Sinodal em 1899, na cidade de Feliz, RS, no sermão inaugural proferido pelo pastor G. Schlegtendal, foi proferida a

---

69 PRIEN, 2001, p. 122.
70 PRIEN, 2001, p. 123.
71 PRIEN, 2001, p. 123.
72 PRIEN, 2001, p. 126.

seguinte frase, que teve uma conotação de ideologia etnicista e, até mesmo, de uma certa arrogância racista:

> [...] Lembramo-nos com trepidante expectativa da tarefa confiada a nosso povo como parte do todo no Brasil e da qual ele tem que conscientizar- se ainda muito mais; pois procuramos manter nosso povo puro e forte na moral alemã e na índole alemã não somente para que ele se destaque como Estado dentro do Estado, e, sim, para que, como que com poder de fermento, permeie com sua índole também a vida nacional das outras raças, para que abra para si um caminho como vanguarda de um desenvolvimento cultural superior.[73]

No 15º Concílio, na cidade de Paraíso, RS, em 1901, se decidiu por um novo nome para o Sínodo, passando a se denominar Igreja Evangélica Alemã do Rio Grande do Sul (Sínodo Riograndense). Prien lamenta que "a abertura do Sínodo para brasileiros, não importando sua origem, preservada ao menos nominalmente em 1886, perdeu-se!"[74] O Conselho Superior Eclesiástico de Berlim havia decidido enviar o pastor D. Martin Braunschweig, de Leipzig, Alemanha, para uma visitação a algumas comunidades no Brasil. Em seu relatório da viagem de dez meses, em 1907/08, ele descreve a situação das comunidades visitadas, como na época nenhum presidente ainda tinha observado. Segundo ele, naquela época, os pastores ainda estavam entregues quase que inteiramente a sua própria sorte. Pouco se podia perceber uma assistência poimênica por parte dos presidentes. Numa extrema modéstia, inúmeros pastores nem ousavam encaminhar pedidos de ajuda às instituições alemãs para suas próprias necessidades:

> O máximo que havia sido feito era a instituição de alguns pastorados itinerantes. Com forças próprias, isto é, sem a ajuda generosa da pátria-mãe, não podiam ser vencidas as múltiplas tarefas a serem atacadas, mormente porque, desde a virada do século, o Sínodo de Missúri, com abundantes recursos financeiros, aproveitava-se imediatamente de pontos fracos ou lacunas do trabalho do Sínodo.[75]

Cabe aqui um destaque ao primeiro pastor itinerante do Sínodo, Michael Haetinger, chegando ao RS em 1874, onde fez várias e longas viagens a cavalo pelo interior, sendo primeiramente pastor em Ferraz e Candelária, RS. Fundou, sem ajuda externa, em 1892 o orfanato Pella, e, depois, o ancionato Bethania, às margens do rio Taquari, numa fazenda, em Taquari, RS. Em 1913, já abrigava 73 crianças, sem

---

73 PRIEN, 2001, p. 134.
74 PRIEN, 2001, p. 137.
75 PRIEN, 2001, p. 140.

distinção de confissão e 40 pessoas idosas de origem alemã.[76] O pastor Haetinger pedira demissão da função de pregador itinerante em 1893, por não ter condições físicas de conciliar esse ministério com o cargo de diretor e administrador do orfanato. A fundação deste orfanato teria sido fruto do trabalho na diáspora, pois servia de ajuda para as crianças que tinham perdido seus pais na vinda ao Brasil ou logo depois de sua chegada, e que estavam numa situação de total abandono. Infelizmente, o Sínodo não pode mais dar continuidade satisfatória à pregação itinerante, cujo problema principal era o financiamento.[77]

No Concílio de 1932, em Cachoeira do Sul, RS, se manifestou uma preocupação quanto ao sentimento de autonomia das comunidades. A diretoria precisaria encontrar uma maneira estratégica de implementar uma ordem eclesiástica, bem como modos de fazer os apelos à contribuições financeiras para sustentar o Sínodo, sob a pena de comunidades inteiras se desligarem do mesmo, ou de haver a fundação de mais comunidades livres, ou, inclusive, uma migração para o Sínodo de Missouri.[78] No Concílio de 1937, em Santa Cruz, RS, o pastor Hermann Gottlieb Dohms teria se queixado de uma confusão nos conceitos povo, Estado e Igreja que estaria entrando no espaço eclesial. Segundo ele, como Igreja, o Sínodo não poderia fazer como fazia a Igreja Católica, ou seja, aspirar a funções de Estado, e nem, como as igrejas entusiastas, retirar-se do espaço que seria do povo e do Estado, e, muito menos, como fazia o Sínodo Missouri, que entendia que a absorção de grupos étnicos seria algo que aconteceria de forma natural promovido pelo Estado. Assim, resume Dohms:

> Não resta outro caminho para o Sín. Riogr. do que ‘entrar no mundo’ sob o sinal da cruz ‘e servir-lhe’, isto é, assumir o sofrimento do mundo, o sofrimento do povo, o sofrimento de toda ordem, e superá-lo com as forças que emanam do abscôndito que Deus lhe revelou em Cristo.[79]

A Associação "Caixa de Deus" da Baviera, a partir de 1897, passou a enviar pastores de confessionalidade fortemente luterana para Santa Catarina, Paraná e o Espírito Santo. O nome é inspirado no Evangelho de Marcos 12.41, onde consta a expressão “gazofilácio”, ou "cofre das ofertas". Estas associações haviam sido fundadas, desde 31 de outubro de 1853, pelo pastor L. A. Petri, em Hannover, e depois

---

76 PRIEN, 2001, p. 146.
77 PRIEN, 2001, p. 131.
78 PRIEN, 2001, p. 298.
79 PRIEN, 2001, p. 316.

em várias regiões luteranas da Alemanha, como resposta ao apelo de Wyneken, sobre a situação precária dos luteranos alemães na América do Norte. Na década de 1890, os luteranos teuto-russos vindos ao Brasil pediram ajuda espiritual a estas associações, que decidiram assumir o Brasil como campo de trabalho e incumbiram para a coordenação a associação da Bavária. Seu presidente Eduard Stirner, de Rothenburg sobre o Tauber, convencera seu sobrinho, Karl Otto Kuhr, que trabalhava como pregador itinerante no Sínodo de Ohio, EUA, a trabalhar no Brasil. Recrutaram os pastores entre os formados nos seminários luteranos de Neuendettelsau, na Baviera e de Hermannsburg, na Baixa Saxônia. Conforme Fischer:

> O primeiro enviado foi Karl Otto Kuhr (1864-1938), natural da luterana Francônia (Baviera) e desde 1884 pastor e pregador itinerante entre imigrantes alemães nos Estados Unidos da América. Suas instruções pastorais, datadas de 31 de outubro de 1897, representavam o programa de trabalho das Associações "Caixa de Deus" para o Brasil. Kuhr devia procurar colônias teuto-luteranas onde pudesse começar a reunir "nossos companheiros na fé em comunidades evangélico-luteranas". Devia visar "desde o início [...] à fundação" de um sínodo evangélico-luterano. Na fundação de comunidades devia zelar sobretudo pela afirmação de sua confessionalidade [Bekenntnisstand] luterana. Não devia fazer oposição a sínodos já existentes e consolidados no seu campo de trabalho.[80]

Kuhr assumiu uma das comunidades, e mais tarde dedicou-se à pregação itinerante, assim como haviam feito outros pastores luteranos assumindo comunidades vagas, que haviam sido atendidas por pastores ligados à Igreja da Prússia. Em meados de 1899, estes pastores se reuniram numa associação autônoma que levava o nome de “Sínodo Evangélico Luterano no Brasil” e aprovaram seus estatutos. Sua base confessional ficou especificada no § 5º:

> Os membros do ‘Sínodo Evangélico Luterano no Brasil’ comprometem-se a não pregar e ensinar, em seu ministério da pregação e ensino, nem publicamente nem em particular, nada além do que ensinam a Sagrada Escritura e os Escritos Confessionais da Igreja Evangélica Luterana, quais sejam: os três Símbolos Ecumênicos, a Confissão de Augsburgo inalterada, a Apologia da mesma, os Catecismos Maior e Menor de Lutero, os Artigos de Esmalcalde e a Fórmula de Concórdia; a viver e se conduzir seguindo a palavra de Deus, a também administrar em toda parte fielmente os santos sacramentos conforme a instituição de nosso Senhor Jesus Cristo. Os mesmos também prometem conduzir fiel e conscienciosamente o ministério da pregação e o serviço eclesiástico que lhes é confiado segundo (os direitos e) as ordens da Igreja Evangélica Luterana e a prestar a seus superiores, com toda a reverência, a obediência devida.[81]

---

80 FISCHER, 2001, p. 10.
81 a*pud* PRIEN, 2001, p. 170.

Em outubro de 1905, oito pastores e quatro representantes de comunidades, fundaram, na igreja de Estrada da Ilha, o Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul. Este sínodo não era um sínodo de comunidades, mas um sínodo de pastores.[82] A partir de julho o Sínodo passou a publicar um boletim denominado *Evangelisch-lutherisches Gemeindeblatt* (Boletim Evangélico-Luterano para as Comunidades). No cabeçalho, estava ao lado da cabeça de Lutero, a frase “A palavra de Deus e a doutrina de Lutero jamais passam”, que era uma referência a uma frase do fundador do Sínodo de Missouri, Carl Ferdinand Wilhelm Walther, mostrando esta forte aproximação confessional com esse Sínodo. Na sua primeira edição, ficavam claros os objetivos do Sínodo:

> Com que mentalidade e espírito o jornal deve ser conduzido, está gravado, com toda clareza, em sua testa por seu nome. Com isso, indicamos o fundamento sobre o qual estamos firmados: é a pura doutrina da Sagrada Escritura, como ela foi exposta por nossos pais, na época da Reforma, nas maravilhosas confissões de nossa Igreja Luterana, a preciosa palavra de Deus, pela qual nossos pais empenharam os bens e a vida. Em nome de Deus levantamos uma bandeira.[83]

O redator da revista, pastor Riegel, declara contra o que se levantava esta bandeira:

> ‘Rejeitamos qualquer união’. Os tempos de hoje são bastante confusos, e o protestantismo mixórdio procura expandir-se onde pode. Por isso, temos que soprar bastante a trombeta de atalaia, e neste sentido nosso jornal nos presta um serviço extraordinário. Deus chamou nosso Sínodo para anunciar as confissões puras como o ouro de nossa Igreja Luterana. Com vistas a toda a união podemos dizer somente: ‘Rejeitamos e condenamos’.[84]

Sobre esta declaração, ressalta Prien: “Visto que uma união autêntica não seria possível por causa das diferenças doutrinárias, a união seria protestantismo mixórdio, confusão e sectarismo!”[85] Os conflitos entre os pastores vindos da "Caixa de Deus" e os pastores "unidos" do Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, seriam previsíveis. No livro de atas da Caixa de Deus, é colocada a impressão de uma maior lisura e correção, no sentido de se evitar conflitos com os outros pastores, o que não se constataria em todos os casos. Em conflitos confessionais se pode mencionar o caso do pastor Aldinger de Hansa-Hamônia (Ibirama, SC), que teria alterado o catecismo de Lutero, na quinta parte, mudando a citação “Isto é meu corpo” para “Isso

---

82 PRIEN, 2001, p. 173.
83 PRIEN, 2001, p. 176.
84 PRIEN, 2001, p. 176.
85 PRIEN, 2001, p. 176.

significa meu corpo", fazendo com que os descontentes formassem nova comunidade e chamassem um pastor da Caixa de Deus. Na comunidade de Curitiba, PR, o pastor Schulz, fundou uma escola paroquial, em face da haver ali muitas escolas não-religiosas, o que irritou a maioria da membresia que era indiferente ou não-religiosa. A minoria se separou e passou a ser assistida pastoralmente pelo pastor Kuhr, da Caixa de Deus. O pastor Roesel, de Itoupava, SC, havia sido chamado para pôr fim às desavenças entre os pastores da região. Porém, ele insistia de que a palavra "luterano" fazia parte do seu título e do nome da comunidade, apesar de que a comunidade entendia as diferenças confessionais como secundárias, querendo continuar evangélicos. O pastor foi demitido, mas, não se sujeitando à decisão, separou a comunidade e fundou com seus adeptos, em todas as comunidades, uma comunidade evangélico-luterana.[86]

Segundo Prien, depois de dez anos de atividade, Roesel teria perdido a vida de modo não explicado (suicídio ou assassinato), sendo que a divisão da comunidade avançou mais ainda e a atmosfera teria ficado contaminada por quase meio século.[87] Em fevereiro de 1908, em Nürnberg, Alemanha, visou-se desemaranhar as áreas de atuação das duas entidades. Neste Protocolo elaborado, se exigia, entre outros, a saída do pastor Roesel de Itoupava, delimitação de áreas de ação, ficando a Caixa de Deus com o estado do Paraná. Porém, os pastores eram exacerbadamente confessionalíssimos junto ao Sínodo Evangélico Luterano, e equiparavam o próprio trabalho com a causa de Deus, e afirmavam o trabalho do Conselho Superior Eclesiástico de Berlim como "alcoviteiros inimigos de Deus". Para eles a confissão luterana era constitutiva da Igreja e o Ministério era considerado instituição divina de forma unilateral em contraposição à comunidade.[88] A rejeição ao Protocolo de Nürnberg fica evidenciado nestas palavras:

> Os veneráveis pais e irmãos em Cristo nos pediram cordialmente, na melhor das intenções, para reconhecermos o Protocolo de Nürnberg e implementá-lo. Mas temos que confessar unanimemente: 'Não é possível! Não pode ser! Cá estamos, não podemos de outra maneira. Que Deus nos ajude. Amém.[89]

Prien ressalta aspectos desta decisão ao afirmar que: "Não se pode negar coragem ao pequenino grupo de pastores, que se sentia como Lutero em Worms em

---

86 PRIEN, 2001, p. 178-180.
87 PRIEN, 2001, p. 180.
88 PRIEN, 2001, p. 182.
89 PRIEN, 2001, p. 182.

sua contestação e estava disposto a renunciar a qualquer ajuda da pátria em consequência dessa decisão.”[90] Permanece a questão desafiadora sobre a importância e a necessidade desta atitude dos pastores, que afirmavam uma confissão estritamente luterana, num contexto de existência de comunidades de diáspora de origem alemã.

2.1.4 As confessionalidades dos Sínodos

O Sínodo Teuto-Evangélico da Província do Rio Grande do Sul, fundado por iniciativa do pastor Borchard, em 10 e 11 de fevereiro de 1868, em São Leopoldo, RS, por nove pastores e nove presbíteros, tinha caráter luterano-unido. Fundamentado na Sagrada Escritura, confessava as principais confissões da Reforma, em especial a Confissão de Augsburgo. Na doutrina, no culto e na disciplina seguia a Igreja Evangélica da Alemanha, especialmente da Prússia e como modelo para os estatutos serviu o Estatuto Eclesiástico Renano-Vestfaliano. Tendo realizado apenas duas assembleias foi declarado extinto em 1875.[91] O Sínodo Riograndense tinha caráter unido. Os estatutos então rezavam: “Sobre a base da Escriptura sagrada o Synodo confessa os Symbolos da Reformação allemã e se conforma em culto, doutrina e disciplina com as igrejas d'esta reformação."[92] De 1903 em diante, inúmeras comunidades deste Sínodo se filiaram à Igreja Unida da Prússia, tornando-se, assim, do ponto de vista alemão, comunidades alemãs "no exterior". Neste sentido, a Igreja da Prússia fundou o Seminário para a Diáspora, em 1911, com o objetivo de formar pastores, alemães e brasileiros, especificamente para o trabalho no Brasil, sendo capacitados com uma formação sólida e coesa. Em 1929, o Sínodo Riograndense se filiou à Federação das Igrejas Evangélicas Alemãs. O Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul, fundado por iniciativa dos pastores luteranos das Associações "Caixa de Deus", em 9 de outubro de 1905, em Estrada da Ilha, SC, por 5 comunidades, 11 pastores e um professor, teve sempre, até 1962, a confessionalidade luterana:

> No parágrafo “inalterável" dos seus estatutos afirmou a Sagrada Escritura dos Antigo e Novo Testamentos "’como a única regra e norma da fé e da vida dos nossos membros’ e aceitou ‘todos os escritos confessionais da Igreja

[90] PRIEN, 2001, p. 182.
[91] FISCHER, 2001, p. 13.
[92] FISCHER, 2001, p. 14.

> Evangélica Luterana [...] como a explicação pura e inalterada da palavra e da vontade divinas'".[93]

A Associação de Comunidades Evangélicas Alemãs de Santa Catarina, fundada em 6 de agosto de 1911, em Blumenau, SC, com a presença de 17 representantes leigos de nove comunidades e oito pastores, não estabeleceu uma confessionalidade. Apenas indicaram indiretamente que a orientação teológico-eclesiástica da Associação era a da Igreja Unida da Prússia. Por fim, o Sínodo das Comunidades Teuto-Evangélicas do Brasil Central, fundado em 1912, no Rio de Janeiro, por iniciativa do pastor Ludwig Hoepffner, tinha a orientação confessional da Igreja Unida da Prússia e se baseava nas verdades salvíficas reveladas na Sagrada Escritura e seguia as Igrejas da Reforma.[94]

2.1.4.1 Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados - Um rompimento e suas consequências[95]

Em sua palestra acima referida, Fischer fez questão de dar um destaque especial a sua visão sobre a vinda do Sínodo Missouri ao Brasil, e a consequente fundação da IELB, ao qual denominou posteriormente, em uma de suas obras, como "Um rompimento e suas consequências". A partir de 1900, começando pelo RS, entrara no Brasil com seus trabalhos pastorais, o Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados, convidado pelo pastor Johann[es] Friedrich Brutschin (1844-1919), na época residente em Novo Hamburgo, RS. Brutschin era natural de Baden, na Alemanha, onde a Igreja tinha postura teológica unida. Tivera a sua formatura no instituto da Missão Peregrina de St. Chrischona, no cantão de Basiléia, na Suíça, onde teria recebido uma formação luterana confessional com o pastor Völter, fundador da Associação "Caixa de Deus", de Württemberg, e também teria conhecido pessoalmente o pastor Gussmann, um dos líderes:

> Ele formou-se, entre 1862 e 1867, no seminário da Missão Peregrina St. Chrischona, perto de Basileia, na Suíça. A Missão era fruto do Movimento de Despertamento na Alemanha do século 19. Fora fundada por Christian Friedrich Spittler (1782-1867), que atuava em Basileia como secretário da Sociedade Alemã de Cristianismo. O ambiente na Suíça era reformado. Mas a Missão Peregrina era supraconfessional. Na época, era costume que os

---

93 FISCHER, 2001, p. 15.
94 FISCHER, 2001, p. 16.
95 Referência ao título da obra de Joachim H. Fischer, "Um rompimento e suas consequências" – Pastor J. F. Brutschin e o Sínodo Riograndense.

> jovens artesãos (Handwerker) andassem a pé (‘peregrinavam’) pelo país para aperfeiçoar e complementar sua formação profissional. [...] Nesse ambiente, Brutschin conheceu um cristianismo para o qual a questão da confessionalidade era muito menos importante – ou até foi deixada de lado – do que a vivência da fé. A Missão Peregrina formou obreiros tanto para igrejas luteranas como para igrejas reformadas e unidas.[96]

Tendo sido ordenado na Igreja Luterana de Württemberg, a Missão pensou em enviá-lo para a Igreja Reformada do Sínodo de Wisconsin nos EUA, porém, depois resolveu colocá-lo à disposição da Sociedade Evangélica de Barmen, que o enviou para o RS, em 1867. Em São Leopoldo substituiu o pastor Borchard durante 7 meses, e em 1869 assumiu a paróquia de Dois Irmãos. Não é sabido o que Brutschin realizou nos mais de oito meses que restaram entre a sua chegada a São Leopoldo e sua instalação em Dois Irmãos. Tendo sido cofundador do Sínodo Teuto-Evangélico e do Sínodo Riograndense, integrou a primeira diretoria deste último. Fischer ressalta que o primeiro Sínodo fundado com a participação de Brutschin tinha as características de uma Igreja Unida e que pretendia se associar à Igreja Evangélica Unida da Prússia.[97]

Em 1889, parte dos membros de uma das suas comunidades decidiu se filiar a uma outra comunidade que não estava filiada ao Sínodo, perdendo uma parte do seu salário.[98] Fischer relata que Brutschin ficara muito magoado com o Pastor Presidente do Sínodo, Wilhelm Rotermund e com o próprio Sínodo. Tendo se sentido abandonado, retirou-se da diretoria do Sínodo, alegando como um dos motivos, o fato de que o Sínodo Riograndense ou seu primeiro servidor não presta auxílio a membros desta entidade quando o precisam, mas permite que seja despedaçada uma comunidade que existe há mais de 40 anos. Outro motivo alegado fora que a definição da confessionalidade nos estatutos do Sínodo era muito vaga e ampla. O Sínodo não pode decidir a questão entre as duas comunidades e os dois pastores, pois não tinha a competência de interferir em comunidades, uma das quais nem estava filiada ao Sínodo. Segundo Fischer, o que causa estranhamento é que:

> A menção sobre a questão da confessionalidade do Sínodo nesse contexto surpreende, pois até aquele momento em nenhum outro lugar dos acontecimentos o tema fora levantado. [...] Aparentemente, não se

---

96 FISCHER, Joachim H. **Um rompimento e suas consequências**. Pastor J. F. Brutschin e o Sínodo Riograndense. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 15.
97 FISCHER, 2012, p. 17.
98 FISCHER, 2001, p. 10-11.

> incomodou com a suposta deficiência na base confessional do Sínodo durante os 3,5 anos em que fez parte da diretoria sinodal.[99]

Fischer levanta a hipótese de que as atitudes de Brutschin possam ter sido influenciadas por questões psicológicas:

> Não é impossível que as atitudes de Brutschin tenham sido influenciadas por um fator psicológico. Ele parece ter sofrido de um sentimento de inferioridade. Numa de suas cartas, declarou não prestar para estar no meio de pessoas eruditas. Em outra carta, escreveu que se sentiu tratado 'como menino' e esmagado como um verme. Numa ocasião posterior, queixou-se de não ser plenamente reconhecido, em pé de igualdade, pelos colegas porque havia casado, em 4 de janeiro de 1871, com a filha de um dos moradores de Dois Irmãos, Maria Sperb.[100]

Segue a carta que Brutschin enviou para o presidente do Sínodo Riograndense, Rotermund, em 13 de outubro de 1889:

> Ao Reverendíssimo Pastor Presidente do Sínodo Riograndense, Sr. Dr. Rotermund, em São Leopoldo
>
> Já há aproximadamente dois anos, comuniquei a Vossa Reverendíssima que, motivados pelo sr. Pastor Dohms, queriam construir uma igreja na Picada São Jacó, e acrescentei que isso só seria possível com a ajuda da minha [comunidade] filial de Picada Verão, que atendo há vinte anos. Opinou-se naquela vez que eu era um pessimista *(Schwarzseher)* e não conhecia os colonos. O que receei naquela vez aconteceu agora: a comunidade que existe há mais de quarenta anos agora está liquidada *(aufgelöst)*; há pouco foram ainda de cavalo de casa em casa para ganhar o maior número possível (de membros) para a Picada São Jacó; quase como desdém deixaram-me a igreja com um punhado de pessoas que não têm condições de sustentar nem a igreja nem tampouco o ministro da mesma; já aconselhei a esse restinho de uma outrora bela comunidade a ir ao mesmo lugar para onde também foram aqueles que já se separaram de nós, mas eles não querem saber nada disso. Já no mês de maio deste ano, fiz sentir o assunto ao senhor Pastor Dohms de maneira explícita *(körnig)* e recebi a resposta, não com estas palavras, mas mais ou menos com este sentido, de que eu seria um homem grosseiro, e o convite de chegar a ele para conversarmos sobre o assunto, desde então naturalmente não lhe respondi mais, tampouco aceitei seu convite; já faz tempo que saí da infância e não brinco mais como meninos costumam fazê-lo. Não preciso entender-me com um homem que adverti em tempo hábil, mas que não (me) ouviu e do qual tenho que supor que ele desejava a situação atual. Mesmo que já se tenha feito troça do meu agir e capacidade e ninguém me tenha defendido, em todo caso é um testemunho honroso a meu favor o fato de que com a ajuda do bom Deus consegui preservar inteira e indivisa, durante quase 22 anos, uma paróquia *(Kirchspiel)* com aproximadamente 220 famílias, o que é uma grande coisa neste país, e certamente teria conseguido isso também por mais tempo se Dohms não tivesse desejado algo diferente, não sei com que direito. O senhor Pastor Dohms tem igualmente a seu favor tal testemunho de fatos para os anos de sua atividade aqui? Levei esse assunto comunitário ao conhecimento de Vossa Reverendíssima pela última vez no mês de dezembro, mas em vão, o senhor não disse uma única palavra de desaprovação a respeito da

[99] FISCHER, 2012, p. 20.
[100] FISCHER, 2012, p. 20-21.

> destruição de uma comunidade antiga, o que pelo menos me teria feito bem, e disso eu tinha a seguinte impressão: Enquanto (o assunto) não disser respeito ao próprio Reverendíssimo Pastor Presidente, esse deixa corrê-lo livremente. Bem, no que diz respeito a esse assunto, quero terminar agora e apenas acrescentar ainda o seguinte: 1 — Visto que o Sínodo Riograndense ou o seu primeiro servidor não presta auxílio a membros dessa entidade *(Kõrperschaft)* quando dele necessitam, mas permite tranquilamente que seja despedaçada uma comunidade que existe há mais de quarenta anos, mesmo se correndo o risco de que isso poderia levar a uma situação como ela (já) existe em diversos lugares; 2 — Visto que também o Artigo 2 Cap. 1 dos Estatutos do Sínodo para mim é geral *(allgemein)* e amplo *(weit)* demais, o que já realcei na fundação do Sínodo, como se pode ler na respectiva ata. Por isso deixo de ser, a partir desta data, um membro da diretoria do Sínodo Riograndense. Comunicando isso a Vossa Reverendíssima, assino respeitosamente.
>
> J. F. Brutschin
>
> Dois Irmãos *(Baumpicade),* 13 de outubro de 1889[101]

Outrossim, Brutschin se desentendera também com sua comunidade em Dois Irmãos, RS, quando em 26 de junho de 1891 a abandonou e se mudou para Novo Hamburgo, RS, onde abriu uma escola. Conforme descreve Fischer:

> Parece que depois de seu desligamento do Sínodo Rio-grandense Brutschin procurou apoio numa entidade eclesiástica maior. Ele mesmo afirmou que um de seus antigos professores o teria perguntado se havia também luteranos no país, o que ele teria confirmado. Depois o Pastor Gussmann lhe pediu, em nome das Associações "Caixa de Deus", que fizesse uma "viagem de exploração às colônias alemãs recém-fundadas" no Rio Grande do Sul. A Associação "Caixa de Deus" de Hannover colocou à disposição os recursos já recolhidos para o trabalho no Brasil. Brutschin disse ter respondido que no momento não lhe seria possível "devido a muitos obstáculos". Os luteranos moravam dispersos entre outras confissões. Toda a região seria atendida pelo pregador itinerante do Sínodo. E havia notícias de que novos pastores estavam a caminho para ocupar os pastorados. Fez a viagem mais tarde e mandou um relatório para a Alemanha, onde chegou no início de 1894.[102]

Segue um extrato do relatório que Brutschin enviou, em 20 de janeiro de 1894, para a Associações Caixa de Deus:

> Novo Hamburgo, 20 de janeiro de 1894
>
> Finalmente me foi possível realizar a honrosa tarefa a mim atribuída de visitar os cristãos luteranos que vivem aqui na dispersão, quer dizer, uma parte dos mesmos, ou seja, os da colônia de Barão do Triunfo no município de S. Jerônimo.
>
> No dia 3 deste mês, fui de trem a Porto Alegre, a capital deste estado; lá pernoitei num hotel alemão. No dia 4, parti às 8 horas da manhã com o vapor 'Caçador' e fiquei primeiramente por algum tempo na Lagoa dos Patos,

[101] FISCHER, 2012, p. 46-47.
[102] FISCHER, 2001, p. 12.

depois subimos pelo majestoso Taquari, acompanhado em ambos os lados pelo mato, [...] e lá nas margens há cabanas miseráveis de negros, cujos moradores olham com curiosidade para o vapor e depois desaparecem; também se veem algumas *(einzelne)* casas imponentes, em que moram estancieiros ou criadores de gado e que estão equipadas com todo o conforto. [...] Depois de uma estada de algumas horas, segui viagem pela ferrovia, que uma empresa inglesa construiu para uso próprio, para as minas de carvão, de onde o trem busca carvão e o leva para o rio; a ferrovia é tão acidentada, que no vagão a gente pode quebrar pescoço e perna quando a gente não se cuida bem. Depois de uma viagem de uma hora, cheguei às minas. Aqui a empresa tem aproximadamente 40 casas miseráveis de operários em que os mineiros moram. Falei com alguns operários, muitos deles trabalharam anteriormente na Westfália; [...]. Aqui batizei uma criança de 1.1/2 anos de um mineiro de Essen. Depois de ter comido algo, montei o cavalo, juntamente com meu acompanhante, e cavalguei no campo por aproximadamente duas horas; [...]. Por volta das 11 horas, chegamos a um [...?] no campo, onde descansamos um pouco; os cavalos *(das Vieh)* estavam cansados, mas o calor era sufocante, e nós tínhamos que passar por morros altos e também precisávamos comer algo. [...] Finalmente — eram 4 horas da tarde —, chegamos ao nosso alvo. [...] A colônia chama-se Barão do Triunfo, tem aproximadamente 10 picadas ou aberturas *(Einschnitte)* no mato; do primeiro até o último morador levam-se certamente 8-9 horas a cavalo. [...]. Aqui há todas as nacionalidades, a saber: espanhóis, franceses, (italianos, esses trabalham com viticultura), poloneses, suecos, russos, pomeranos, brasileiros, em resumo, (há pessoas) de muitos povos que vivem debaixo do céu. As moradias dos colonos são simples: colocam-se quatro estacas grossas no chão, as mesmas são revestidas com paredes de enxaimel, cobertas com ripas ou palha, e pronto; -naturalmente entram vento e chuva *(Wetter).* [...]. Depois que me informei aqui e ali e (depois de) ter chamado diversos homens, realizei um culto na primeira parte da colônia numa construção que serve para estocar os produtos *(Früchte)* e que está fechada somente em três lados. [...]. Eu pregava, confirmei dez crianças, batizei onze crianças e distribuí a S. Ceia. As taxas pelos ofícios deixei-as para a caixa comunitária. O culto iniciou às 9 horas e terminou às 12. 1/2 horas; apesar da longa duração, reinava um silêncio solene; nos olhos de algumas pessoas até resplandeceram *(glänzten)* lágrimas. Receberam a S. Ceia ajoelhados, com o canto magnífico: "Orna-te minh'alma amada etc. [...]. Durante a tarde, até altas horas da noite, recebi as visitas das pessoas que se alegravam muito por ter em seu meio um pastor evangélico luterano. Recolhi-me tarde, mas, apesar da cama boa, consegui dormir pouco, porque me incomodaram as formigas pequenas, que subiam na armação da cama. Na outra manhã, fui a cavalo para a cidade, acompanhado pelo senhor Fõhr e outros; aqui moram comerciantes, artesãos e funcionários do governo. Depois da minha chegada, abençoei um casamento *(vollzog ich eine Trauung);* após o término do ofício, começou o culto no escritório que o senhor diretor colocou a nossa disposição. Muitos dos pomeranos, provindos do distrito *(Regierungsbezirk)* de Kõslin, para os quais eu havia realizado um culto no sábado, vieram de novo; além disso russos, alguns suecos e gente da Renânia. [...]. Depois do culto ocorreu a assembleia da comunidade, na qual eles declararam querer constituir-se como comunidade evangélica luterana, cuja norma deveriam ser, ao lado da S. Escritura, as confissões luteranas. [...]. Pediram insistentemente que eu me tornasse seu cura d'almas *(Seelsorger),* fariam o possível para conseguir (os recursos para) meu sustento; haverá em torno de três a quatro pontos de pregação. [...]. Mas não pude prometer-lhes vir a eles porque, se possível, quero visitar também ainda outros lugares (Punkte); além disso, já atendo regularmente diversas comunidadezinhas pequenas; além disso, dirijo uma escola pela qual consigo alimentação e roupas para mim e os meus, o que já agora é caro. [...]. No dia 12 cheguei novamente em casa para minha querida criança ainda adolescente, para a qual eu naturalmente sou tudo desde o falecimento da minha esposa inesquecível, que repousa em

> Deus. [...]. A lembrança dessa viagem é agradável, apesar dos esforços que ela exigiu. Se eu não tivesse a criança adolescente, aceitaria o pastorado *(Stelle),* mas já lhe falta a mão que educa, e na ausência de vários dias, o que acontece se a gente atende tal comunidade, ela (a criança), não progrediria, mas regrediria. [...]. Por favor, comunique dentro de pouco tempo a meu amigo paternal e estimado mestre, senhor Pastor Völter, que entreguei um relatório, (Pastor Völter) que há tempos o espera com grande expectativa *(Spannung);* por mais de um ano não recebi mais nenhuma notícia *(keine Zeile mehr)* dele.
>
> Seu dedicado
>
> J. F. Brutschin, Pastor[103]

Uma reviravolta teria acontecido enquanto as Associações “Caixa de Deus” discutiam como continuar os trabalhos iniciados no Brasil. Um pastor do Sínodo Riograndense teria recebido um jornal que mencionava que os luteranos brasileiros estavam perdidos e corriam o risco de perder sua confissão luterana. Em seguida, os pastores deste Sínodo em uma Conferência Pastoral concluíram que teria sido Brutschin que teria fomentado o assunto e que comunidades confessionalmente luteranas poderiam surgir e dividir o Sínodo por questões confessionais, e que essas pessoas trabalhariam apenas por seu luteranismo. Sendo assim, Brutschin foi visitado para dar explicações. Outrossim, “o Sínodo tratou de providenciar o quanto antes pastores para as vagas para não correr o risco de perder ‘as comunidades recém-reunidas’ para pastores da ‘corrente unilateral’ do luteranismo confessional.”[104]

Brutschin não teria conseguido continuar o seu trabalho para os luteranos da Alemanha devido a problemas na família, às viagens cansativas e, principalmente, às graves acusações do Sínodo Riograndense contra ele. Segue um extrato da carta que Brutschin enviou ao pastor W. Gussmann, na Alemanha, em 8 de fevereiro de 1894, da Associações "Caixa de Deus", onde justifica sua desistência do trabalho:

> Novo Hamburgo, 8 de fev. de 1894
>
> Mui estimado Senhor Dr.
>
> De alguma maneira desconhecida, um exemplar do (jornal) *Lutherischer Gotteskasten* (‘Caixa de Deus luterana’) chegou às mãos de um pastor do Sínodo Riograndense. Esses pastores realizaram ontem uma conferência, numa distância de aproximadamente 20 minutos; lá deve ter sido tratado de seu relatório e causado grande indignação *(Ärgernis),* sobretudo aquilo que o sr. diz em relação ao unionismo aberto *(weitherzig)* dos mesmos (pastores), e parece a opinião geral dos senhores de que eu o teria induzido, senhor Dr., a usar tais termos (Ausdrücke). Anteontem, voltei de uma viagem em que

[103] FISCHER, 2012, p. 98-102.
[104] FISCHER, 2012, p. 28.

> visitei russos e prussianos ocidentais e mecklenburguenses. Nesta tarde, veio agora para cá o Pastor Presidente do Sínodo Riograndense, acompanhado por um pastor, e depois de algumas palavras introdutórias, cobriu-me de insultos *(Schmähungen),* chamou-me de falso, pérfido *(heimtückisch),* um destruidor da obra deles. porque viajo por incumbência [...]. Respondi que eu não teria o dever de lhe prestar contas (?) e dar resposta a respeito da(s) minha(s) viagem(ns) porque ele saberia que já há quatro anos eu teria me desligado; [...]. Tudo em vão, ele ficou sempre mais agitado; eles deixaram minha casa na maior irritação (Aufregung). Essa visita tinha um efeito deprimente sobre mim; desde a morte da minha esposa, que descansa em Deus, encontro-me (...?) sempre num estado de espírito deprimido; além disso, estou cansado e fraco *(matt)* devido à viagem na qual fiquei bem (...?); diversos rios só pude atravessá-los correndo risco de morte; além disso, as viagens a cavalo fatigantes em calor extremo *(glühend),* tudo isso, juntamente com a cena (Auftritt) de hoje, deixou-me bastante nervoso. [...] pois, além de um teólogo que chegou aqui no Ano Novo, que eu vi, três outros estariam a caminho, que devem chegar aqui em breve [...] se vier um homem da União que lhes sirva, aceitam-no também, [...]. Para não se gastar dinheiro sem necessidade, cheguei à decisão de suspender minhas viagens, isto é, ainda farei uma viagem para Sertão Santana; prometi ir para lá, mas depois acabará. As dificuldades que surgem para mim são grandes demais. [...] tem membros que atiçam o fogo contra mim; eu sozinho não consigo resistir a isso; eu lamento ter que comunicar-lhe, com todo o coração. eu estava engajado pela causa na minha viagem. [...]. O dinheiro que sobrou remeter-lhe-ei oportunamente.
>
> Com toda a reverência assina
>
> J. F. Brutschin, Pastor[105]

Ao final de 1897 saiu do Sínodo Riograndense, ao se desligar da Caixa de Viúvas do Sínodo[106], e em 1900, Brutschin, já estando ligado ao Missouri, atuando em Estância Velha[107], pedira filiação ao Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados, inserindo assim uma grande parte da América do Sul no campo de missão daquele Sínodo. Um colega de estudo de Brutschin, Linsemann, trabalhava no Sínodo de Missouri. Na troca de cartas entre ambos, Linsemann teria enviado para Brutschin algumas publicações daquele Sínodo, como a revista *Der Lutheraner* (O Luterano) e a revista teológica *Lehre und Wehre* (Ensino e Defesa). Desta forma, Brutschin teria se familiarizado com a doutrina da Igreja Luterana Confessional do Sínodo de Missouri. Fischer levanta uma questão crucial, que ainda não estaria esclarecida devidamente. Segundo ele, Rehfeldt teria afirmado que a decisão do Sínodo Missouri de enviar missionários ao Brasil não teria sido resultado de algum pedido de alguém direto da América do Sul, e que o seu pedido teria chegado logo

[105] FISCHER, 2012, p. 102-103.
[106] FISCHER, 2012, p. 33.
[107] PRIEN, 2001, p. 524.

após a Convenção Sinodal daquele Sínodo de 1899 ao Departamento de Missão Interna:

> A Convenção Sinodal não resolveu iniciar o trabalho missionário na América do Sul como um resultado de algum pedido direto de alguém da América do Sul, [...]. Não há evidência para manter a tese de que a decisão da Convenção foi um resultado do pedido de Brutschin. Antes, a Convenção agiu como resultado de um senso de obrigação em relação aos irmãos luteranos alemães que estavam em situação de abandono (espiritual). Não se deve esquecer que a maioria dos membros do Sínodo de Missouri, na época, era de origem germânica e que a língua falada nessa mesma Convenção era, ainda, a língua alemã. A evidência disponível ao autor leva à conclusão de que, logo após a Convenção Sinodal de 1899, e não antes dela, o Departamento de Missão Interna recebeu uma carta do pastor J. Brutschin, diretamente, ou através do pastor a quem ele havia escrito (solicitando a presença do Sínodo de Missouri).[108]

Outrossim, Rehfeldt também afirma que havia uma moção vinda do Brasil que estava em análise nesta Convenção:

> Também é dito que, quando duas moções, uma do pastor R. Kretschmar, presidente do Distrito de Saint Louis (EUA), e outra de um pastor que anteriormente havia servido a uma congregação no Rio Grande do Sul foram apresentadas, no sentido de que o Sínodo iniciasse um trabalho missionário no Brasil, o Dr. Schwan se manifestou contra na discussão que aconteceu e a sua opinião foi derrotada.[109]

Poderia esta moção ter sido apresentada por Brutschin? Neste sentido, outro pastor e historiador da IELB, Warth, afirma que nesta Convenção foi efetivamente apresentado um pedido oriundo do Brasil:

> [...] o então presidente da igreja, Rev. Heinrich C. Schwan (1878 -1899), antes de ir aos Estados Unidos, nos anos de 1844-1850, servia como pastor e professor de um fazendeiro alemão em Leopoldina, na Bahia, tendo ao mesmo tempo pregado em outras localidades, inclusive Salvador. Tal era seu desapontamento ante o indiferentismo religioso daqueles alemães que nutria poucas esperanças em obter êxito num futuro trabalho missionário entre os imigrantes alemães. Quando, devido à velhice, declinou o cargo de presidente e o Rev. Prof. Dr. Franz Pieper o sucedeu na presidência da igreja, foi apresentado à Convenção em St. Louis, no ano de 1899, um pedido formal no sentido de iniciar-se a missão no Brasil. Havia dois pedidos: um procedente da conferência pastoral de St. Louis e outro diretamente do pastor J. F. Brutschin de Novo Hamburgo, RS. Este último havia sido endereçado ao pastor Rademacker de Staplehurst, Nebraska.[110]

---

[108] REHFELDT, Mario L. **Um grão de mostarda**: A história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Trad. de Dieter J Jagnow. v. 1, Porto Alegre: Concórdia, 2003. p. 31-32.

[109] REHFELDT, 2003, p. 31.

[110] WARTH, Carlos H. **Crônicas da igreja** (fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil: 1900-1974). Porto Alegre: Concórdia, 1979. p. 9, 10.

Por motivos de saúde e outros, Brutschin queria retornar à Alemanha tendo, então, pedido desse Sínodo um pastor para substitui-lo. A pedido da congregação evangélica de Estância Velha, RS, permaneceu no Brasil até 1904 quando, na Alemanha buscou acolhimento junto aos luteranos de Wiirttemberg, junto aos moravos de Korntal, onde faleceu em 1919.[111] Chama a atenção que esta instituição se considerava uma forte defensora do luteranismo confessional. Era um dos centros pietistas mais importantes da Alemanha, fundada com 18 famílias de camponeses com traços milenaristas. Se consideravam uma comunidade apostólica, uma comunidade cristã exemplar, um "lugar de concentração dos fiéis que se preparam para a volta de Cristo", uma "estação de espera" e de transição dos peregrinos de Deus na terra:

> Sua confessionalidade era luterana; reconheceu a Confissão de Augsburgo. Estava ligada à Missão da Basileia. Criou diversas instituições diacônicas. [...] Juridicamente, era uma igreja livre *(Freikirche),* mas jamais quis a separação da Igreja Territorial de Württemberg. Uniu autonomia e integração fiel à Igreja Territorial."[112]

Cabe ressaltar também a observação de que: "Fechar o Sínodo Riograndense numa perspectiva teológica implicaria criar uma camisa de força hipócrita para uma situação influenciada por uma variedade de perspectivas teológicas."[113] Da mesma forma a afirmação feita na Apresentação de sua obra vai nesta direção cautelosa em determinar as causas deste rompimento e suas consequências:

> O quanto Brutschin é ou não responsável pelo início de ambos os trabalhos fica ainda em aberto. Fischer é especialmente cuidadoso sobre a relação de Brutschin com o Sínodo de Missouri, chamando a atenção para a necessidade de mais pesquisas de fontes que evidenciem melhor a relação ali havida.[114]

Fischer deixou uma pergunta final: "não se deveria visar a uma aproximação maior ainda e uma colaboração mais abrangente, já que na origem da coexistência das duas igrejas não há, a rigor, um conflito confessional."?[115]

O firme e forte apego à tradição luterana dava fundamento a uma certa afinidade entre o Sínodo de Missouri e a Caixa de Deus. Caso tivesse acontecido uma

---

[111] FISCHER, 2001, p. 13.
[112] FISCHER, 2012, p. 33.
[113] FISCHER, 2012, p. 9.
[114] FISCHER, 2012, p. 12.
[115] FISCHER, 2012, p. 34.

cooperação ou, até uma união entre ambos, todo processo que se seguiu na formação de uma Igreja por parte dos vários sínodos existentes poderia ter sido diferente? Segundo Prien, Missouri teria procurado contato com a Caixa de Deus, enviando-lhe em 1904, seu recém criado jornal. Isto é citado num relatório dos pastores da Caixa de Deus:

> O jornal é decididamente luterano e de conteúdo bastante sólido. *Em reação a isso se ventilou repetidas vezes a questão da união em nosso círculo de irmãos.* Todos nós estamos convencidos de que temos mais afinidade com o SM do que com a União, ainda que não possamos aceitar as extravagâncias dogmáticas do SM. Não podemos tornar-nos missurianos na verdadeira acepção da palavra. [...][116]

Depois de ter sido fundado o Sínodo da Caixa de Deus, e sendo afetado por uma situação econômica muito complicada, devido a Primeira Guerra Mundial, o Missouri de novo veio ao encontro daquele Sínodo com algumas propostas. Também nos outros sínodos a atitude para com Missouri não teria sido hostil. O pastor Theodor Weller, de Pelotas, RS, teria escrito em 1901, sobre Missouri atuando na área das comunidades livres:

> Na colônia vizinha, o SM tomou pé pela fundação de uma comunidade atualmente sob a direção de um senhor P. Broders. O Sínodo veio amplamente ao encontro da pequena comunidade em termos financeiros, constituída, em sua maioria, de teuto-russos, e mantém seu pastor quase exclusivamente com seus recursos. — Evidentemente reinam um espírito bom, disciplina e ordem na pequena comunidade. — *Nós iríamos alegrar-nos muito mais com essa colaboração com as almas de co-irmãos alemães na fé, não fosse uma brusca ênfase no ponto de vista luterano que os mantém afastados de qualquer comunhão com outras comunidades evangélicas. Isso não se coaduna com a Sagrada Escritura (v. I Co 3.4ss.)*[117]

Pode-se levantar a pergunta: caso o pastor Brutschin tivesse abraçado o trabalho proposto pelas Associações "Caixa de Deus", para atender as colônias alemãs recém-fundadas no RS, ele teria aberto as portas ao Sínodo de Missouri? Uma nova configuração poderia ter sido formada no luteranismo brasileiro, uma vez que a “Caixa de Deus” tinha uma clareza e objetividade maior de confessionalidade, mas, aberta a comunhão com outras comunidades evangélicas? Infelizmente, a história conta inúmeras desavenças entre missourianos e o sínodo evangélico, por causa de atendimentos a comunidades que ainda não estavam consolidadas e sem assistência de pastores, como se verá mais adiante.

---

[116] PRIEN, 2001, p. 527.
[117] a*pud* PRIEN, 2001, p. 528.

2.1.4.2 Igrejas nacionais autônomas

Depois das primeiras décadas de imigração, começaram a vir pastores formados, enviados por sociedades missionárias das igrejas alemãs. Todavia, não foram somente estas sociedades que se interessaram pelos colonos. Após a unificação alemã, que aconteceu em 1871, e, de forma especial, depois da derrocada Bismarck[118], em 1890, apareceu fortemente a ideia dos que desejavam o Estado alemão estimulando a preservação da cultura germânica entre os imigrantes e seus descendentes no Brasil. Quatro instituições contribuíram para isto: a imprensa alemã, a escola alemã, a marinha alemã e as comunidades e igrejas de língua alemã. Segundo Rieth:

> Se isso foi importante para os sínodos formados por pastores vindos da Alemanha, e que depois formariam a IECLB, o mesmo vale para o distrito brasileiro do Sínodo de Missouri, que posteriormente se transformaria na IELB. Da virada do século até a 1ª Guerra Mundial, ocorreu um considerável aumento da influência dos EUA sobre a América Latina. Houve uma enorme expansão do comércio e dos investimentos dos EUA aqui, que se transformou no maior credor das repúblicas latino-americanas. Desde começos do séc. XX, intensificaram-se também as invasões e ocupações militares norte-americanas na América Central e no Caribe. Entre 1898 e 1900, deu-se a Guerra Espano-Americana, consequentemente Porto Rico foi anexada e Cuba ocupada. O primeiro pastor enviado pelo Sínodo de Missouri ao Brasil, C. J. Broders fora antes capelão militar dos EUA durante a Guerra Hispano-Americana e atuara em Cuba.[119]

Dreher destaca que era pretensão da diplomacia alemã que os objetivos de sua política externa fossem observados, de forma especial, por meio da preservação do caráter germânico dos alemães no exterior, sendo que, a igreja também poderia servir a essa política de preservação de germanidade. Neste sentido, em 1900, foi publicada uma lei eclesiástica que permitia a filiação de comunidades eclesiais alemãs no exterior ao Conselho Superior Eclesiástico em Berlim:

> Caso se filiassem, as comunidades receberiam auxílios de pessoal e auxílio financeiro. Este auxílio prestado pelas instâncias eclesiásticas também deve ser visto como serviço cristão fraterno. No entanto, também é importante que se veja que dificultou e retardou a autonomia do luteranismo brasileiro,

---

[118] Era conhecido como "Chanceler de Ferro" devido a política implacável contra seus adversários. Durante o reinado de William I, Bismarck tinha toda a confiança do monarca, mas, após a morte deste, as políticas de Bismarck entraram em confronto com o novo soberano, sendo o chanceler forçado a se demitir.

[119] RIETH, 1998, p. 258.

> fazendo com que sofra até hoje das consequências de uma identidade que esteve mais orientada para a germanidade do que para o luteranismo.[120]

Rieth ainda aponta que a partir de 1900 a expansão política e comercial da Alemanha possibilitou a ajuda de organizações locais de auxiliar as comunidades protestantes do exterior, oferecendo ajuda financeira e manutenção dos pastores. Porém, com a Primeira Guerra Mundial, as ligações com a Alemanha cessaram e deixaram de vir auxílios financeiros para as comunidades e pastores. Com isso, tornou-se necessário formar pastores aqui mesmo, o que passou a acontecer em 1921, com a formação de um instituto de formação básica prévia ao estudo teológico:

> A partir dessa época, Hermann Dohms (1887-1956), inicialmente pastor em Cachoeira do Sul, começou a despontar como principal liderança do Sínodo Rio-Grandense, algo que se consolidaria posteriormente, durante a Segunda Guerra Mundial, e mesmo depois, com o surgimento da IECLB. Dohms atuou decisivamente para que o Sínodo Rio-Grandense assumisse uma identidade confessional luterana.[121]

Os confrontos que estremeceram a Igreja Evangélica Alemã a partir de 1933 tiveram seu reflexo no Brasil. Igualmente se formaram organizações como os "Teutos-Cristãos do Brasil", "Pastorado Nacional-Socialista do Brasil", ou "Grupo de Trabalho da Igreja Confessante no Brasil". Além das dificuldades financeiras surgiu a política de nacionalização promovida pela ditadura de Getúlio Dornelles Vargas, direcionada contra minorias étnicas. Os alvos foram os cultos e as escolas junto às comunidades, com a proibição do uso da língua alemã, onde, em muitos casos, os professores eram alemães. Isso obrigava as pessoas a ouvirem uma língua que não compreendiam. Quando o Brasil declarou guerra contra o Eixo, começou a perseguição e prisão de muitos pastores nascidos na Alemanha, atuantes tanto da IECLB como na IELB. Beer relata a prisão do pastor Augusto Heine, de Missouri, que tinha vindo ao Brasil, amigo e colega seu:

> Quando deixamos o Brasil em 1930 ele foi eleito presidente do distrito. Tudo foi bem por alguns anos. Entretanto, durante a Segunda Guerra Mundial, houve um problema que começou assim: Um membro de nossas congregações foi preso e pediu atendimento de um de nossos pastores. O presidente lhe escreveu que o pastor mais próximo lhe faria uma visita. Aconteceu um motim naquela prisão, e o homem foi responsabilizado por ele. Em seu poder foi encontrada uma carta do presidente Heine. Heine foi preso imediatamente e permaneceu quatro anos na luta por sua soltura. Nosso Departamento de Estado, acionado pelo presidente Behnken (acho que ele e

[120] DREHER, 1990, p. 99.
[121] RIETH, 1998, p. 260.

> Heine eram colegas de turma), pediu e finalmente obteve a libertação do pastor Heine.[122]

Conforme também relata Rieth, tensões no campo político-social aconteceram dentro da IELB:

> Pessoas inocentes, leigos, professores e pastores, foram presas; escolas e templos foram depredados; livros e equipamentos foram confiscados e destruídos ou então jamais recuperados. Por outro lado, houve gente da mesma igreja que buscou promover-se, seja a nível local, estadual ou nacional, através de denúncias falsas ou da participação em órgãos da repressão.[123]

Permaneceu a trágica situação do povo nas comunidades, que ficou sem assistência espiritual e viu seus pastores e professores serem identificados como criminosos, através da polícia e da imprensa. Isto aconteceu com o pastor Walter Paul Rennecke, imigrante alemão, atuando na fronteira do RS com a Argentina, em Vila Horizonte, RS, pelo Distrito Brasileiro do Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados, e com sua comunidade. Em anexo[124], segue uma breve resenha do acontecido, extraída do livro **Minha vida após a prisão** – vida e obra do imigrante alemão e pastor luterano Walter Paul Rennecke. Isso trouxe consequências decisivas para o luteranismo brasileiro: “No pós-guerra, a reflexão sobre as dificuldades experimentadas levou a que se reforçasse a consciência sobre a necessidade de crescente autonomia em relação à Alemanha. Decisiva, nesse sentido, seria a formação dos pastores aqui mesmo.”[125] Desta forma foi aberta, em São Leopoldo, RS, em 1946, a Escola de Teologia, que hoje em dia faz parte da Faculdades EST.

Fischer relata aspectos da formação da IECLB. Em 26 de outubro de 1949, os quatro Sínodos, de origem alemã, formaram a Federação Sinodal, de confessionalidade luterana. Consta no capítulo segundo dos estatutos:

> Constitui fundamento da Federação Sinodal o Evangelho de Jesus Cristo, na forma constante das Sagradas Escrituras do Velho e do Novo Testamento. Em reconhecendo este fundamento, confessam as (entidades) federadas sua fé no Senhor da universal, una, santa e apostólica Igreja. A Federação Sinodal confessa sua fé pelos credos da Igreja Antiga e pela Confissão de

---

[122] BEER, Otto Henry William. Memórias de um historiador. *In:* WINTERLE, Carlos W.; KREBS, Martinho (Orgs). **Histórias da História da IELB.** Porto Alegre: Concórdia, 2006. p. 123.
[123] RIETH, 1996, p. 60.
[124] ANEXO 3, p. 363. **Minha vida após a prisão.** RENNECKE, Martinho. **Minha vida após a prisão** – vida e obra do imigrante alemão e pastor luterano Walter Paul Rennecke. Belo Horizonte: Koinonia, 2019.
[125] RIETH, 1998, p. 261.

> Augsburgo (Confessio Augustana) como credo reformatório, considerando-se vinculada pela fé à Igreja Mãe [...], bem como às demais igrejas existentes no mundo, que a esta última se acham unidas, pelo mesmo fundamento da fé. O Catecismo Menor de Lutero está em uso nas entidades federadas e é por elas reconhecido como confissão reformatória.[126]

0 2º Concílio, em 1954, acrescentou à designação "Federação Sinodal" o nome "Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil". Desde o começo do século XX, o Sínodo Riograndense chamava-se "Igreja Evangélica Alemã no Rio Grande do Sul (Sínodo Riograndense)". Na época da nacionalização, o adjetivo "alemã" tornou-se impróprio. O Pastor Presidente do Sínodo, Hermann Gottlieb Dohms, passou a falar da Igreja Evangélica de rito alemão, mas esta forma de falar se tornou imprópria, especialmente quando o Brasil entrou na guerra. Numa circular de 2 de fevereiro de 1942, Dohms teria instruído os pastores e as comunidades a prestarem "'estrita obediência às instruções proibitivas das autoridades civis' e, num 'Regulamento de emergência', do mesmo dia, como procederem na vida comunitária. Neste contexto usou a formulação 'Igreja Evangélica de confissão luterana'".[127] Parece ser o documento mais antigo em que consta esta designação. Em 1962, no 4º Concílio de Federação Sinodal - IECLB, foi retirada a expressão "Federação Sinodal" e a denominação passou a se chamar apenas "Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil". Assim se formaram os nomes da IECLB.

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ORIGENS DA IELB - UM GRÃO DE MOSTARDA[128]

Aqui se terá um olhar histórico sobre o desenrolar da denominação a partir do contexto de suas origens, histórias contadas de injustiças e violência que teriam sido praticadas entre as denominações e brigas entre famílias, no RS, os seus objetivos ao virem ao Brasil, a partir de um olhar de cunho cultural, político e histórico.

2.2.1 Referências teológicas da IELB - Ortodoxia, Pietismo e Confessionalismo

Ricardo W. Rieth, em sua palestra, na 3ª Conferência Nacional Interluterana, em 2005, expôs um breve histórico da IELB, suas origens, influências teológicas e

---

126 FISCHER, 2001, p. 19.
127 FISCHER, 2001, p. 20.
128 Referência ao título da obra de Mário L. Rehfeldt, "Um grão de mostarda" – A história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

algumas perspectivas. Como uma das referências teológicas que haviam influenciado a IELB, ele iniciara com a ortodoxia. Em meio ao debate com a Contra-Reforma, a ortodoxia luterana teria chegado ao ponto de afirmar que o mandato evangelístico da Grande Comissão já não seria mais válido e que o apostolado estabelecido por Jesus Cristo teria terminado. Desta forma, o luteranismo diria um "não" à evangelização em termos práticos e buscava fundamentações com razões exegéticas e dogmáticas. Em contrapartida, na nova Universidade de Halle, na Alemanha, teria havido lugar, sob a influência de August Hermann Francke (1663-1727), a tradução da obra *Pia Desideria* (Impulsos pietistas) escrita por Philip Jacob Spener, para que houvesse uma ação missionária concreta. Pelo fato de iniciar, sob a liderança de Francke, o trabalho missionário evangélico no estrangeiro, as realizações do Pietismo[129] de Halle teria um significado muito grande para a missão luterana. Em primeiro lugar, o pietismo teria reafirmado a Grande Comissão como universalmente válida, sendo que os cristãos deveriam assumir a responsabilidade pela proclamação do Evangelho a todas as pessoas e em todos os lugares. Em segundo, o Pietismo teria superado o problema estrutural da missão que afligira a ortodoxia, criando sociedades missionárias voluntárias e transcendendo as restrições e limitações territoriais das igrejas regionais. Em terceiro, o Pietismo teria resolvido o problema do ofício ou atuação missionária, recrutando pessoas apropriadas, dotadas de um espírito testemunhador, e enviando-as para pregar o Evangelho a toda criatura.[130] Rieth também abordou brevemente o Reavivamento e o Confessionalismo no século XIX. No movimento do Reavivamento, as sociedades missionárias, os luteranos e outros cristãos evangélicos:

> Por mais divididos que estivessem em sua própria pátria, comprometeram-se a implantar além-mar uma 'Igreja do futuro' que iria transcender as distinções confessionais da cristandade. Colocaram a ênfase no Reino que desponta como resultado da proclamação do evangelho por todo o mundo. Anteciparam o surgimento de comunidades cristãs locais que não seriam réplicas exatas das igrejas confessionais da cristandade, mas comunidades dirigidas pelo Espírito e adaptadas a seu contexto local.[131]

O Confessionalismo, em contraposição ao Pietismo, como uma nova mescla de pietismo eclesiástico, unida a uma consciência confessional aprofundada, fez com

---

[129] O Pietismo foi um movimento nascido dentro do luteranismo, que dava valor às experiências individuais do cristão. Este movimento apareceu no século XVI, em oposição à negligência da Ortodoxia luterana para com a dimensão pessoal da religião, e teve seu apogeu entre 1650-1800.

[130] RIETH, Ricardo W. **Breve histórico da IELB, suas origens, influências teológicas e algumas perspectivas.** São Leopoldo, RS, Casa Matriz das Diaconisas, 25 jun. 2005. Palestra ministrada na 3ª Conferência Nacional Interluterana. n.p.

[131] RIETH, 2005, n.p.

que os luteranos se separassem de outros protestantes. Acreditando que seus ensinamentos estavam mais próximos da verdade bíblica do que os de outras igrejas e que eram de algum modo a mais pura das igrejas visíveis, muitos luteranos começaram a romper os laços ecumênicos, formados sob a influência do movimento de Reavivamento.

2.2.2 O Sínodo de Missouri (SM) no Brasil - "Um rompimento e suas consequências"[132]

Rieth, em sua palestra, expôs um breve histórico da IELB e suas origens. Durante sua convenção de 1899, o Sínodo de Missouri teria decidido iniciar o trabalho de atendimento a imigrantes protestantes no Brasil. A questão teria sido discutida durante toda a última década do século. Havia pessoas que davam grande incentivo nessa direção, chegando a escrever em periódicos, sobre a situação espiritual dos imigrantes e seus descendentes. Outras pessoas, todavia, eram contra qualquer iniciativa no Brasil. Um dos principais líderes do grupo que seria contrário era o pastor Heinrich C. Schwan, que fora presidente do Sínodo de 1878-1899. Era natural da Alemanha, onde fora ordenado pastor em 1843 e antes de ter ido aos EUA, teria trabalhado de 1844-50 como tutor dos filhos de um fazendeiro alemão assentado na colônia de Leopoldina, no sul da Bahia: "Schwan tivera uma experiência negativa naquela colônia decadente e ao final fracassada economicamente, que ao contrário da maior parte das colônias alemãs não era formada por pequenos, mas por grandes proprietários."[133]

Teria havido uma conjuntura internacional que teria favorecido o início do trabalho do Sínodo de Missouri. Da virada do século até a Primeira Guerra Mundial, teria ocorrido um grande aumento da influência dos EUA sobre a América Latina, com uma enorme expansão do comércio e dos investimentos, tornando-se no maior credor das repúblicas latino-americanas. A partir do começo do século XX, teriam se intensificado as invasões e ocupações militares norte-americanas na América Central e no Caribe. Tal interesse pela América Latina teria se refletido em diversas denominações e associações missionárias sediadas nos EUA, que intensificaram

---

[132] Referência ao título da obra de Joachim H. Fischer, "Um rompimento e suas consequências" - Pastor J. F. Brutschin e o Sínodo Riograndense.

[133] RIETH, 2005, n.p.

suas atividades no Brasil, iniciando a organização de uma coleta entre os distritos da LCMS. Uma doação de US $2.000 teria permitido que o pastor Broders fosse enviado em 1900 ao Brasil para realizar uma visita de prospecção missionária, vindo ao RS e se dirigido primeiramente a Novo Hamburgo, onde teria sido recebido pelo pastor Brutschin, que era alemão, tendo se criado na região de Baden, onde a igreja territorial era "unida".[134] Rehfeldt ressalta que: "além da obrigação que sentiu em relação aos luteranos sem igreja na América do Sul, o Sínodo de Missouri tinha o pedido de Brutschin para legitimar o início do seu trabalho missionário."[135]

Brutschin assumira a comunidade de Dois Irmãos, RS. Por volta de 1890, teria entrado em atrito com o pastor da vizinha paróquia de Sapiranga, RS, tendo-se afastado do Sínodo Riograndense, tornara-se professor de uma escola por ele próprio fundada em Novo Hamburgo, RS. A partir de 1894 estaria realizando atendimentos às comunidades livres das redondezas, formadas por grupos de famílias dissidentes da comunidade de São Leopoldo, RS, do pastor Rotermund.[136] Brutschin desejava ter suas instituições vinculadas a alguma entidade eclesiástica no exterior; não sendo atendido pela Associação da Caixa de Deus, obtivera êxito em relação ao Sínodo de Missouri dos EUA e a visita de Broders seria a prova disso. Rieth ressaltou que Broders havia se decepcionado enormemente com a moral dos imigrantes alemães em Novo Hamburgo, que seriam bastante indiferentes quanto à religião:

> Preferiam divertir-se aos domingos jogando, dançando e entregando-se à sensualidade ao invés de irem ao culto. Nas escolas havia mestres sem as mínimas condições morais e que tinham sido expulsos da Alemanha por apresentarem desvios de conduta. As diretorias de comunidades tinham poder para decidir a respeito de todas as questões eclesiásticas sem recorrer à assembleia geral dos membros. Por fim, muitos alemães dali eram membros de lojas maçônicas.[137]

Esta constatação e o fato de que o Sínodo Riograndense já tinha pastores nas possíveis áreas de trabalho, teriam feito com que Broders desrecomendasse o RS como campo missionário. Porém, pouco tempo depois, Broders teria se dirigido à cidade de Pelotas, RS, esperando seu embarque de volta aos EUA. Boa parte dos núcleos de colonização próximos a Pelotas e São Lourenço tinha comunidades atendidas em sua maioria por pastores-colonos ou por pastores itinerantes ligados ao

---

134 RIETH, 2005, n.p.
135 REHFELDT, 2003, p. 33.
136 REHFELDT, 2003, p. 26.
137 RIETH, 2005, n.p.

Sínodo Riograndense. Broders teria sido levado a conhecer um grupo de imigrantes na localidade chamada São Pedro. Um dos líderes era Augusto Wilhelm Gowert, integrante de uma das diversas famílias de origem teuto-russa ali estabelecidas. Gowert teria interrogado a Broders quanto aos seus conhecimentos doutrinários e vida de fé, tendo surgido a partir daí uma afinidade entre eles. Assim, Broders acabou sendo convidado para ser pastor desta comunidade. No dia 1º de julho de 1900, dezessete famílias haviam decidido solicitar atendimento pastoral da parte do Sínodo de Missouri, tornando-se assim a primeira comunidade a integrar o que é hoje a IELB. Broders, que além da função pastoral também ensinava na escola comunitária de São Pedro, fora substituído pelo pastor Carl Wilhelm Gustav Mahler,[138] em 1901.[139]

Merece destaque um fato que pode ser considerado um quadro místico, com fortes tons de ortodoxia respingados com cores pietistas, emoldurado com um filete de confessionalismo, o que pode expressar a trajetória desta nova Igreja, a partir dos seus inícios até se tornar a IELB. É curioso o relato apresentado pelo pastor Warth, a respeito de um sonho que Gowert tivera na noite que antecedeu a chegada de Broders. Em sonhos ele teria visto uma cruz alta, toda de ouro que emitia raios brilhantes em todas as direções. O pé da cruz estaria cercado de moedas estranhas, nunca antes vistas por ele. No dia seguinte, então, durante a entrevista com Broders, o mesmo ter-lhe-ia mostrado algumas moedas que trazia no bolso. Teria formado com elas uma cruz e a cercado com outras moedas. Estaria feita a ligação, agora também no nível mítico-simbólico, pois a cruz seria a pregação do Evangelho puro pelo Luteranismo puro e escriturístico e as moedas seriam o auxílio das ofertas enviadas pelos luteranos estadunidenses.[140]

Warth relata como era a vida da época. A vivência religiosa era ainda contrastada com novos espaços de sociabilização que haviam surgido no mundo colonial, como bailes, jogos, bebidas:

> Quanto ao espírito religioso a situação é ainda bastante sombria. O povo alemão prefere o divertimento sendo o Domingo, antes de mais nada, explorado para organizar reuniões dançantes, bailes e festas que culminam,

[138] Carl Wilhelm G. Mahler, Alemanha, (18701966), pastor nos EUA,1893-1900. Diretor da missão no Brasil 1900-1904, presidente da Igreja, 1904-1910. Diretor do Seminário Concórdia, Porto Alegre, RS, 1907-1908. Pastor em São Pedro, Pelotas, RS, 1901-1902, em Porto Alegre, RS, 1902-1914. Voltou aos EUA. Doutorado em Teologia (DD), 1950.
[139] RIETH, 2005, n.p.
[140] WARTH, 1979, p. 15-16.

> muitas vezes em brigas. Ainda não havia tomado contato com formas tão agressivas de conduta. Predomina, de modo geral, a indiferença religiosa.[141]

Outrossim, Warth relata a intenção principal de Mahler e do Sínodo de Missouri:

> A tarefa principal que queremos executar no Brasil será a de combater a falta de interesse religioso e o indiferentismo com relação à palavra de Deus. Quebraremos o silêncio reinante a respeito da doutrina e da confissão. Queremos que seja pública a doutrina luterana e que os nossos adversários se manifestem a este respeito. Serão constrangidos a nos atacar e se responsabilizar. A doutrina será discutida publicamente. Isto é o que falta na igreja do Brasil. Há grande miséria espiritual e sérias providências deverão ser tomadas. A palavra de Deus durante 40 anos tornou-se escassa... A juventude, em geral, carece de ensino religioso. Muita inimizade teremos que experimentar dos "pseudopastores".[142]

Isto pode indicar que o Sínodo de Missouri não teria enviado missionários para o Brasil, assim como faziam as igrejas evangélicas de cunho reformado, que tinham por objetivo "converter" católicos às suas denominações. Missouri teria enviado seus pastores aos luteranos dentre os imigrantes alemães evangélicos, arrebanhando os mesmos em solo rio-grandense, pelo entendimento de não existir ali um sínodo confessional exclusivamente luterano.

2.2.2.1 25 Jahre unter dem Südlichen Kreuz[143] - "Unsere Gemeinden"

Segue uma resenha do capítulo três, *Unsere Gemeinden* (Nossas comunidades*)*, da obra de Beer.[144] Beer inicia fazendo um breve resumo de sua visão quanto ao estado das comunidades evangélicas já existentes no RS. Como a semente da Palavra não dá frutos igualmente em todos os lugares, a situação da terra a ser

---

[141] WARTH, 1979, p. 13.

[142] MAHLER, a*pud* WARTH, 1979, p. 19.

[143] Referência ao título da obra de Otto Henry William Beer, *"25 Jahre unter dem Südlichen Kreuz – 1900-1935"* (25 anos debaixo do Cruzeiro do Sul – 1900-1925). *Schildering der 25jährigen tätigteit der Ev. Luth. Kirche (Missourisynode) in Südamerika.* (descrevendo a atividade de 25 anos do Ev. Lut. Igreja (Sínodo do Missouri) na América do Sul. Beer, filho de pastor, nasceu em 8.4.1897 em Fairbank, Iowa, EUA, vindo a formar-se pelo Seminário Concórdia de St. Louis, Missouri (MO), em 1920. Ordenado pastor em 21 de março, casou-se com Lena C. Blum em 27 de abril, e veio ao Brasil, chegando ao Rio de Janeiro, RJ, em 1° de agosto do mesmo ano. Foi pastor em São Leopoldo, RS, de 1920 a 1928, atendendo ainda interinamente a paróquia de Dois Irmãos (1926-1927) e a paróquia de Roca Sales (1928). Depois assumiu a Congregação São Paulo de Novo Hamburgo, RS, de 1928 a 1930, quando voltou aos Estados Unidos. Foi integrante do Conselho Administrativo do Seminário Concórdia (1924-1930) e do Conselho Administrativo da Casa Publicadora Concórdia (1924-1930). Foi 1° vice-presidente da IELB (1925-1927) e 2° vice-presidente (1927-1930). Aposentado em 1964, veio a falecer em 9.12.1988, nos EUA.

[144] A transliteração para o alemão, a partir do alemão gótico usado na obra, foi feita pelo pastor da IELB, Breno Cláudio Thomé e a tradução ao português é nossa.

semeada pode ser contada pelas várias descrições da vida espiritual e eclesiástica no Brasil, ouvindo as pessoas dos próprios círculos e de outros círculos. Segundo teria escrito o pastor Broders, em 9 de abril de 1900, no que diz respeito às condições da Igreja, 39 pastores evangélicos trabalhariam no RS, e atenderiam a 93 congregações. “Além desses pastores ordenados, cerca de 6 chamados ‘pastores’ jogam um jogo cruel com almas imortais. O povo alemão só vai atrás do prazer. Acima de tudo, o domingo é explorado para organizar diversões dançantes, bailes. A indiferença da Igreja domina o povo em geral..."[145] (tradução nossa). As escolas estariam com problemas e pessoas degradadas e degeneradas, que talvez fizessem alguma tarefa na Alemanha, estariam sendo empregadas como professores. O que segue é parte de um relatório da primeira viagem missionária de Beer:

> Eu preguei no domingo *Quasimodogeniti*. Durante o sermão alguém que olhasse para mim com um olhar que só poderia dizer algo como: ‘Sentimos pena de você.’ As pessoas foram completamente solidárias. Durante a semana, então, procurei diligentemente as pessoas que não pertenciam às congregações evangélicas, para conhecê-las melhor e conversar sobre uma coisa que era necessária. Eu não fiz nada. Um me disse que: eu não deveria ficar obcecado em ter uma escola religiosa; a segunda: não seria necessário ter culto todos os domingos, pois os jovens geralmente andam nos bailes aos sábados à noite; a terceira: não devo me posicionar contra os maçons, pois essas pessoas em particular são respeitadas e diziam: ‘Duas congregações, isso não é possível. Já temos divergências suficientes aqui.’[146] (tradução nossa).

Beer fez menção a um livro denominado ***Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul*** (Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul), que traria informações semelhantes sobre a situação das comunidades, descritas pelo pastor Broders para a sua Comissão. Nas páginas 469 e 470 estaria escrito o seguinte: “Permitiu-se que as congregações escolhessem o clero que desejassem; o governo

---

[145] BEER, Otto Henry William. ***25 Jahre unter dem Südlichen Kreuz*** – 1900 -1935. Porto Alegre: Concórdia, 1925.Porto Alegre: Concórdia, 1925. p. 34. *„Neben diesen ordinierten Pastoren treiben ungefähr noch 6 sogenante „Pastoren“ ein grausames Spiel mit unsterblichen Seelen.“ Weiter unten in diesem Bericht heisst es: „Was kirchlichen Sinn anlangt, so sieht es hier recht trübe aus. Das deutsche Volk geht nuhr dem Vergnügen nach. Der Sonntag wird vor allen Dingen dazu ausgebeutet, Tanzbelustigungen, Bälle, zu veranstalten. Die kirchliche Gleichgültigkeit beherscht das Volk im algemeinen...”*

[146] BEER, 1925, p. 35-36. *„Am Sonntag Quasimodogeniti habe ich in gepredigt. Während der Predigt sah man nicht mit einnerm Blick an, der nur etwa sagen konnte: “Sie tun uns leid.“ Die Leute waren ganz teilnahm los. Während die Woche suchte ich dann die leute, die nicht zur evangelischen Gemeinden gehören, flessig auf, um mit ihnen näher bekannt zu werden und von dem einen, was not ist, zu reden. Ausgerichtet habe ich nichts. Der eine meinte: ich müsste mich nicht mit einer Religionschule besassen; der zweite: es wäre nicht nötig, jeden Sonntag Gottesdienst zu halten, denn die Jungen Leute hielten am Samstagabend gewöhnlich Ball; der dritte: ich dürfte nicht gegen die Freimaurer (p. 36) auftreten, da gerade diese Leute angesehen seien und sagte: „Zwei Gemeinden, das geht nicht. Wir haben hier genug Uneinigkeit.”*

não perguntou se eles estavam qualificados para isso."[147] (tradução nossa). Afirma Beer que, de fato, seria assim, e cita um jornal de Porto Alegre, RS, o ***Deutsche Zeitung*** (Jornal Alemão), de 9 de março de 1864:

> Os protestantes podem eleger um clérigo se quiserem, mesmo se for ele seu guardador de porcos; o governo não se importa; mais do que isso, declara-lhe que tem direito a funções clericais, legalmente válidas, se apenas ensinar um jeito em que meia dúzia de camponeses declarem que o escolheram para ser seu clérigo.[148] (tradução nossa).

Beer também se refere a uma descrição feita pelo pastor evangélico Borchard, de São Leopoldo, RS, sobre alguns pastores protestantes em 1865, e destaca que seria óbvio que uma congregação sob estes cuidados, cujos donos só cuidavam da farinha e não do cuidado pastoral, não poderia crescer e florescer interiormente:

> Um deles é um mestre-escola da Alemanha, que é mal afamado como alcoólatra e jogador; o outro um evadido sargento da Prússia, ao qual ninguém pode se igualar no beber; o terceiro um dono de bar (cervejaria) de Porto Alegre, o qual, reiteradas vezes foi à bancarrota, como não conseguia outro ramo de subsistência, tornou-se pastor; o quarto, um sujeito reconhecidamente mal afamado, o qual não sabe ler e escrever; um outro, o qual não era tido como dos piores, era criado (servente) de um conde; um outro, ajudante de um agrimensor, e ainda um outro, segundo sua profissão, era alfaiate.[149] (tradução nossa).

O Sínodo Riograndense já estava trabalhando no RS há muito tempo, mas algumas áreas não eram atendidas por ele, ou eram deixadas à própria sorte depois de um curto período de serviço. Num lugar, a função de pastor era exercida por um farmacêutico que morava na região, e que, de vez em quando, batizava as crianças e abençoava os confirmandos. Um dos pastores do Sínodo de Missouri teria escrito um relatório após uma viagem missionária, afirmando que teria sido a primeira vez em 20 anos que os alemães que viviam naquele local teriam ouvido a palavra de Deus. Em geral, era praxe não se prestar atenção ao ensino, todo pastor pregava o que gostava,

---

147 BEER, 1925, p. 36. *„Die Gemeinden durften sich geistliche wählen, wie sie wollten; ob diese.sich dafür qualifizierten, danach fragte die Regierung nicht."*

148 BEER, 1925, p. 36. *„Die Protestanten können zum Geistlichen wählen, wenn sie wollen, und wäre es selbst ihr sauhirt; dasist der regierung einerlei; ja noch mehr, sie erklärt ihn als befugt zu geistlichen, gesetlich gültigen Funkttionen, wenn er nur einen Wisch beibringt, in welchen ein halbes Dutzend Bauern erklären, das sier ihn zu ihrem Geistlichen erwählt haben."*

149 BEER, 1925, p. 36. *„Der eine ist ein fortgejagter Schulmeister aus Deustschland, der als Trinker und Spieler berüchtigt ist, der andere ein durchgegangener Unteroffizier aus Preussen den im Trinken keiner gleichkommt, der dritte ein Bierwirt aus Porto Alegre, der dort mehrfach Bankerott machte und, da er seiner Lebensunterhalt nich anders finden konnte, Pastor wurde, der vierte ein übel berüchtiges Subjekt, das weder lesen noch schreiben kann, ein anderer, die nict gerade zu den schlechtesten gehört, war Bediener bei einem Grafen, ein anderer Gehilfe bei einem Feldmesser, und wieder ein anderer sein Profession nach Schneider."*

todo leigo acreditava no que queria ou não acreditava em nada, ou seja, esta prática de comunhão da igreja não poderia estar de acordo com as Escrituras. Não se perguntava sobre a confissão e a vida da pessoa a ser admitida na congregação, mas se a pessoa tinha pagado a entrada e as outras taxas, caso contrário, nenhuma criança da sua família poderia ser batizada ou confirmada, e era recusado o enterro de um familiar e qualquer outro ato oficial. Não havia disciplina e prática bíblica, mas se tornava as congregações e as almas individuais "evangélicas" por meio de todos os tipos de regulamentos legais.[150]

Este teria sido o estado da vida espiritual e eclesiástica no RS, quando o pastor Broders teria encontrado o pastor Brutschin em Novo Hamburgo, em 1900 para assumir, em princípio, a paróquia de Brutschin porque ele desejava renunciar ao cargo devido aos problemas de saúde e queria voltar para a Alemanha. A princípio, Broders teria viajado por diferentes áreas, que na opinião de Brutschin não eram atendidas pela igreja, fazendo visitas domiciliares e realizando serviços religiosos várias vezes, mas sem o menor sucesso. Finalmente, quando já estava quase perdendo a coragem, Deus o teria conduzido a São Pedro, perto de Pelotas, RS, onde lhe foi permitido fundar a primeira igreja evangélica-luterana do Brasil com dezessete famílias. “A maioria das dezessete famílias eram pomeranas, e quatro famílias eram luteranas leais que eram fiéis à sua confissão e, durante anos, pediram a Deus que lhes enviasse um pregador fiel. Essas quatro famílias realizavam cultos todos os domingos.”[151] (tradução nossa). Após o pastor Broders retornar aos EUA, depois de um ano, o pastor Mahler deveria estar na igreja de São Pedro, recebendo os mais diversos pedidos de pregadores, vindo de todos os quadrantes. Como lidar com estas congregações e pregadores que pediam ajuda para sair de sua miséria espiritual? Mahler teria viajado, mantido orientações doutrinárias, explicando-lhes a posição oficial no ensino e na prática e, na maioria dos casos, um pastor era chamado. A congregação emitia um chamado e adotava um breve código congregacional. Em muitos poucos casos, as visitas domiciliares poderiam ser feitas e as pessoas ensinadas individualmente, e onde isso fosse possível, as pessoas ficavam satisfeitas com o ensino que a igreja pregava e praticava. Em alguns casos, uma pessoa de

---

[150] BEER, 1925, p. 37-38.

[151] BEER, 1925, p. 38. *„Die siebzehn Familien waren zum grössten Teil Pommern, un vier Familien stramme und bekenntnistreue Lutheraner, die Jahre lang den lieben Gott angerufen hatten, ihnen doch einen treuen Prediger zu senden. Diese vier Familien hielten jedem Sontag Gottesdienst.”*

liderança dava sua opinião que devia ser aceita, sem contestação, o que tornava o trabalho ainda mais difícil, sendo que só se podia focar no absolutamente necessário.

Acontecia que uma congregação tinha que esperar mais de um ano por um pastor porque o Sínodo Missouri nem sempre conseguia enviar o número desejado de pastores, devido à grande escassez de pregadores em seu próprio meio. Durante esse período de espera, algumas coisas na congregação nem sempre mudariam para melhor. Porém, quando o pastor recém-chamado chegava:

> [...] todos se alegraram porque havia um pastor no lugar. Imediatamente ele começou a trabalhar bem. Ele abriu uma escola, visitou o povo, realizou cultos regulares e também fundou outras igrejas e locais de pregação. Em alguns lugares, instituiu-se o ensino cristão e a escola dominical e fundou-se um coral, e tudo parecia caminhar na mais bela harmonia.[152] (tradução nossa).

De repente, porém, acontecia uma "perturbação da paz" porque o pastor fora solicitado a confirmar crianças sem preparação suficiente; ou deveria enterrar um ímpio ou um suicida malicioso; ou as pessoas queriam ir sem avisar à mesa do Senhor e todos queriam ser admitidos; as pessoas eram "introduzidas" na igreja pagando as taxas da igreja ao tesoureiro, sem que a igreja ou o pastor fossem informados, e assim, exigia seus direitos de serem tratados como membros da igreja; infiéis ou mesmo não crentes deviam ser aceitos como padrinhos; em resumo, seu pastor era obrigado a agir frontalmente contra as Escrituras e a Confissão, para aumentar o número de membros da igreja tanto quanto possível. Se o pastor se recusasse e apelasse à Palavra de Deus, à qual a congregação havia prometido por escrito, vários membros abandonavam a congregação ou toda a congregação seguia um líder e conseguia um pregador que estava disposto a fazer tudo por ela:

> É assim que algumas paróquias nos deram as costas, parcial ou totalmente, e algumas até nos serviam há anos. Mas mesmo nessas igrejas havia algumas almas honestas ‘que andavam em sua própria autoconfiança e não sabiam nada sobre a causa’, como no tempo de Absalão. Pois muitos que se afastaram de nós reconheceram seu passo errado e voltaram para nós. Sim, já aconteceu de igrejas inteiras voltarem para nós, percebendo que foi

[152] BEER, 1925, p. 41. *„[...} und jeder jubelte vor Freude, dass nur ein Pastor an Ort und Stelle war. Alsbald machte dieser sich an feine Arbeit. Er eröffnete eine Schule, suchte die Leut auf, hielt regelmässig Gottesdienste und gründete auch andere Gemeinden und Predigtplätse. Mancherorts wurde auch Christenlehre und Sonntagsschule eingerichtet und ein Chor gegründet, und alles schien in der schönsten Harmonie vorwärts zu geben.“*

> ‘edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular’.[153] (tradução nossa).

De onde viriam estas queixas que existiam nas congregações e, em alguns casos, ainda existem? Muitas congregações teriam vindo da Igreja Unida, onde estariam acostumadas a serem negligentes, onde quem pagava seria membro. Outros teriam vindo depois de romper com seu "pseudopastor", que era colono ou teria outra função e casualmente "bancava pastor quando havia um ministério a fazer". Outros teriam vindo sem ter qualquer ministério. Num discurso do presidente Mahler se teria afirmado como as congregações individuais teriam sido aceitas e assumidas e como as coisas eram nessas congregações: “Viemos sem chamado a lugares onde não havia ministério de pregação. Encontramos luteranos aqui e os ajudamos a organizar uma igreja. Como exemplo, citamos nossa primeira igreja, a de São Pedro.”[154] (tradução nossa). Fora oferecido ajuda sem solicitação em locais onde o ministério existia, mas, onde a comunidade teria removido seu pastor, como as comunidades de Bom Jesus e Jacuí.

> Fomos expressamente chamados por pessoas que o ministério não tinha sob seu comando. De acordo com o seu pedido, nós o ajudamos a ter um sistema de igreja organizado. A esse grupo pertencem os antigos municípios, a saber: Porto Alegre, Guaporé, Rincão dos Vales, Jaguari, Rincão São Pedro, Eulália, Santa Coleta, Morro Redondo, Morro Pelado, Sertão, Osório. Fomos enganados pelas congregações existentes com o consentimento dos seus pastores que estão saindo, sem a nossa intervenção. Estes incluem os municípios: Estância Velha, São Leopoldo, Conventos Vermelhos, Arroio do Meio, Sítio, Toropi, São João. Fomos chamados por congregações existentes sem a orientação de seus pastores que partiram, mas também sem nenhuma ação de nossa parte. São os municípios de Maratá e Ijuí. Finalmente fomos chamados por aqueles que cortaram seus relacionamentos com seus pastores anteriores e com sua igreja anterior. Examinamos e reconhecemos as razões pelas quais essas pessoas romperam os laços com sua antiga igreja. Então nós os ajudamos a fundar uma nova congregação especificamente evangélica luterana. Assim se formaram comunidades em Baumschneis e em Alfredo Chaves.[155] (tradução nossa)

---

[153] BEER, 1925, p. 42-43. *„So kommt es, dass manche Gemeinde wieder teilweise oder ganz uns den Rücken gekehrt hat, ja manche sogar noch Jahre langer Bedienung. Aber auch in diesen Gemeinden waren manche redliche Seelen, „die in ihrer Eifalt gingen und wusten nichts um die Sache“, wie zur Zeit Absaloms. Denn mancher, der sich von uns abgewandt hatte, hat seinen unrechten Schritt erkannt und ist wieder zu uns zurückgekert. Ja, es ist sogar vorkommen, dass ganze Gemeinden von neuem zu uns zurückgekommen sind, weil sie einsahen, das wenn sie „erbauet ist auf den Grund der Apostel und Propheten, da Jesus Christu der Eckstein ist“.*

[154] BEER, 1925, p. 43. *„Wir sind ungerufen in solchem Gegenden gekommen, wo noch kein Predigtamt bestand. Wir fanden hier Lutheraner und waren ihnen behilflich eine Gemeinde zu organisieren. Als Beispiel führen wir hierzu unsere erste Gemeinde, die zu São Pedro, an.“*

[155] BEER, 1925, p. 43-44. *„Wir sind von solchen Leuten, die das Predigtamt nicht unter sich hatte, ausdrücklich gerufen worden. Ihrer Bitte gemäss haben wir ihnen zu einem geordenete Gemeindewesen verholfen. Zu dieser Gruppe gehören die einsten Gemeinden, nähmlich: Porto*

Essas pessoas haviam rompido seu relacionamento e agora estavam fora de sua antiga comunidade. Elas não teriam sido forçadas, mas teriam vindo e feito um chamamento. Muitas tinham perdido a confiança em seus pastores. Mesmo que elas tenham renunciado à sua antiga comunidade sem boas e válidas razões, “certamente não era nosso dever mandá-los de volta para suas antigas congregações e pastores, os quais não podemos reconhecer como ortodoxos. Em todo caso, era nosso dever instruí-los e oferecer uma comunidade evangélica luterana.”[156] Outro obstáculo, segundo Beer, no trabalho da igreja era o fato de que os pastores eram frequentemente transferidos. Se um pastor se empenhasse e chegasse a conhecer os membros individualmente, acontecia de ele ter de seguir outra função, sendo que o sucessor teria que encontrar um caminho de volta para a situação normalizar como antes. Havia uma grande escassez de obreiros quando vários voltavam para os EUA, sendo que a comissão certa vez teria apenas sete candidatos para as vinte ocupações iniciadas. Pastores teriam uma área muito grande para lidar, de modo que alguns tinham que servir seis, oito, dez ou mais lugares em seis dias por semana, além de estar na escola e também ter que dar aulas de confirmação em vários lugares. Mesmo que paróquias tenham sido divididas uma ou duas vezes, havendo dois ou três pastores, muitas paróquias ainda eram muito extensas. O resultado teria sido que o pastor não havia conseguido ensinar seu povo o suficiente.[157]

Beer também relata suas queixas sobre fatos que aconteciam em suas comunidades. Ir à igreja ainda deixava muito a desejar, também pessoas jovens e idosas se entregavam a satisfações mundanas, sendo que pessoas jovens não eram encorajadas pelos pais para ouvir e ler a palavra de Deus, nos cultos da igreja e nas orações domésticas; ainda existiam muitos casamentos mistos e as pessoas ainda

---

Alegre, Guaporé, Rincão dos Valles, Jaguary, Rincão São Pedro, Eulália, Santa Colleta, Morro Redondo, Morro Pellado, Sertão, Osório. “Wir sind von bereits bestehenden Gemeinden unter Einwilligung ihrer abtrefenden Pastoren ohne unser Zutun bruffffen worden. Dazu gehören die Gemeinden: Estância Velha, São Leopoldo, Conventos Vermelhos, Arroio do Meio, Sitio, Toropy, San Juan. Wir sind von bereits bestehenden Gemeinden ohne Führsprache ihrer abtretenden Pastoren aber auch ohne unser Zutun berufen worden. Das sind die gemeinden Maratá und Ijuhy. Wir sind endlich von solchen, die ihre Verhältnis zu ihren früheren Pastor und zu ihrer früheren Gemeinde gelöst hatten, gerufen worden. Wir haben die Gründe, weshalb diese Leute das Band mit ihrer früheren Gemeinde zerrissen haten, untersucht und dieselben aneerkennen müssen. Dann sind wir ihnen behillflich gewesen, eine neue und zwar evang. luth. Gemeinde zu begründen. So ist es zu Gemeindebildungen in der Baumschneis und in Alfredo Chaves gekommen.“

[156] BEER, 1925, p. 44. *„so war es sicherlich nichr unser Pflicht, sie wieder zu ihren alten Gemeinden und Pastoren, die wir nicht als rechtgläubig annerkennen können, zurückzuweisen. Es war fielmehr auf jeden Fall unsere Pflicht, sie zu belehren und zu einer evang. Luth. Gemeide zu sammeln.”*

[157] BEER, 1925, p. 44-46.

não tinham a convicção certa e a coragem para testemunhar, privada e publicamente, “Aqui só pode reinar a palavra de Deus! Queremos apenas agir e andar de acordo com a Palavra de Deus em nossa comunidade!" Todavia, Beer também ressalta que a Palavra de Deus também era provada nas comunidades como o poder de Deus, que fazia feliz todo aquele que nela crê. Muitos estariam trabalhando diligentemente para permear a Palavra de Deus e a prática bíblica luterana. Quase todas as edições das revistas da igreja traziam as boas novas de que aqui e ali um grande passo adiante fora dado:

> Um lê lá, por exemplo, que uma nova igreja pudera ser aberta neste ou naquele lugar, que uma escola paroquial fora fundada, que a frequência aos cultos da igreja teria melhorado, que o sistema de ofertas não bíblico fora quebrado e que contribuições voluntárias para todos os propósitos da igreja teriam sido introduzidas e coroadas com bom sucesso, que os elementos ímpios teriam sido eliminados, etc. (e assim por diante).[158] (tradução nossa).

Por fim, Beer destaca que eram publicadas três revistas da igreja, duas em alemão, ***Evangelish-Lutherische Kirchenblatt für Süd-Amerika*****,** ***Evangelical-Lutherische Kirchenbote für Argentina*** e uma em português, **Mensageiro Luterano**, e já teria 800 e 300 assinantes respectivamente, em 1925. Relata que fora formada uma sociedade anônima que havia se proposto a levar livros e revistas cristãs para as congregações. É mencionado que no dia 25 de outubro fora fundada uma congregação luterana em Novo Hamburgo: “Isso é de particular interesse porque faz apenas 25 anos que o primeiro pastor luterano veio ao Rio Grande do Sul e foi recebido pelo Pe. Brutschin em Novo Hamburgo.”[159] Tudo isso poderia ajudar a garantir que a palavra de Deus e o ensinamento de Lutero fossem cada vez mais reconhecidos e colocados em prática.

2.2.2.2 Surge a IELB - Um grão de mostarda

Rieth, em sua palestra, traz mais alguns destaques. No dia 1º de julho de 1900, dezessete famílias haviam decidido solicitar atendimento pastoral da parte do

---

[158] BEER, 1925, p. 47. *„Man liest dort (zum Beispiel), dass an diesem oder jenem Ort eine neue Kirche eingeweit worden konnte, das eine Gemeindeschule ins Leben gerufen worden ist, das Besuch der Gottesdiente sich gebessert hat, das schriftwidrige Taxensystem gebrochen und der freiwillige Beitrag für alle kirchlichen Zweke eingeführt und mit guten Erfolg gekrönt worden ist, dass die gottlosen Elemente hinaus getan worden sind usw. (undsoweit).“*

[159] BEER, 1925, p. 49. *„Dies ist von besonderem Interesse, weil es gerade 25 Jahre sind, seit der erste lutherische Pastor nach Rio Grande do Sul kam und bei P. Brutschin in Novo Hamburgo Aufnahme fand.“*

Sínodo de Missouri, tornando-se assim a primeira comunidade a integrar o que é hoje a IELB. A primeira congregação denominou-se Comunidade Evangélica Luterana São João. Warth relata fatos ocorridos antes, durante e depois da fundação do Distrito do Sínodo de Missouri. No ano de 1903, antes da fundação do Distrito, a congregação de São Leopoldo, RS, teria se filiado ao futuro distrito. Os membros dissidentes da congregação evangélica, servida então pelo pastor Rotermund, haviam se separado dessa comunidade. No mesmo ano teria ocorrido uma cisão na comunidade de Dois Irmãos, RS, causada pela atitude violenta do pároco E. Zwinger. A desavença entre os dois pastores teria causado a intervenção da justiça, sendo que durante a tramitação do processo judicial o templo teria ficado fechado. No final o laudo judicial daria iguais direitos às duas congregações. Também a congregação de Morro Pelado, no município de Taquara, RS, atendida por pastores de outras localidades, pedira filiação. A congregação de Sertão, no então município de São Vicente, RS, fizera o mesmo. No local havia uma associação escolar, constituída por protestantes e católicos, que eram atendidos esporadicamente por padres e pastores itinerantes. Os evangélicos, vendo-se abandonados pelos citados pastores, resolveram pedir ao pastor R. Kern, de Jaguari, RS, que os servisse. Um membro da mesma, o sr. A. Bruening, que exercia o cargo de professor, seria um dos que estariam presentes na fundação do Distrito brasileiro. Em General Osório (agora Ibirubá, RS), uma congregação que fizera parte da paróquia de Rincão dos Vales, se filiara ao Distrito Brasileiro. Em 1904 filiaram-se as congregações de Roca Sales, RS, e Arroio do Meio, RS. Seu primeiro pastor fora Frehner, mas que lamentavelmente teria abandonado a igreja depois de um ano, tornando-se católico.[160]

Warth descreve a situação de várias destas comunidades que passaram para os missourianos, fazendo um resumo dos principais problemas apresentados em vários relatórios:

> No campo espiritual, ‘havia irreflexão e falta de conhecimento religioso’. Muitas comunidades foram degeneradas e mal-orientadas. Muitos desconsideravam a participação nos cultos. Apareciam apenas quando ‘se realizava um batismo, uma confirmação, um casamento, um enterro ou uma festa especial’. Outro problema apresentado eram as ofertas, que eram definidas por taxas fixas sem levar em conta as distinções econômicas entre os colonos. O espírito reinante era de se contribuir o mínimo possível. Havia desconfiança contra os pastores. A confirmação deveria ser feita o mais cedo possível, mesmo que os confirmandos tivessem pouca instrução. ‘Pecados contra o sexto mandamento eram cometidos desenfreadamente.’ As

[160] WARTH, 1979, p. 27.

> diversões mundanas faziam parte da ordem do dia: bailes, bebedices e jogos de azar. Brigas e contendas ameaçavam as congregações. A superstição 'medrava em terreno fértil'.[161]

O pastor John Neukukatz, EUA, (+1973), atuante na escola de Campestre, Maratá, RS, até 1924, e na escola em Novo Hamburgo, RS, (1925-1928), também relatou a situação das comunidades em sua época:

> As congregações não eram um grupo de pessoas cristãs unidas por uma mesma confissão de fé. Quem não fosse católico podia ser considerado 'membro' pelo simples fato de pagar 1 ou 2 dólares ao ano para ter um 'pastor' que lhe fizesse os batizados, confirmações (com ou sem instrução), enterros, casamentos, tudo sem custo adicional — tudo era pré-pago, claro. Lógico que frequentar os cultos não era importante. Cada um fazia o que bem queria e para eles a religião não passava de uma cerimônia morta. Mas, apesar da ignorância e da superstição dominantes, mesmo assim existiam pessoas que ansiavam por ouvir a Palavra de Deus. Os sermões eram muitas vezes lides de um livro. Muitos pastores daqui eram homens de baixa reputação, beberrões, ou que jogavam com os outros. Quando eles se tornavam insuportáveis, vinham até nós, uma vez que éramos conhecidos como pessoas 'mais decentes'.[162]

Rieth relata também sobre os pastores-colonos, que atuavam na época. Os pastores formados e ordenados normalmente viam estes pastores-livres com certo desprezo:

> Passaram a tachá-los de charlatães, imorais, falsos, interesseiros, cachaceiros *(Schnapspfarrer)* e "pseudo-pastores". Seguramente havia pastores-colonos que não passavam de aproveitadores, gente que não queria pegar na enxada e ansiava por uma posição social superior na colônia. Só que entre os pastores formados e ordenados também tinha gente desse tipo.[163]

Eles estavam dispostos a reconhecer nos pastores-livres apenas membros leigos iguais aos outros. Já Broders fora bem claro nesse sentido: "Se eu tivesse feito amizade com esses vagabundos clericais, então teria sido aceito pacientemente. Como, porém, não quis me nivelar a eles, acabaram por se colocar em pé de guerra contra mim."[164] Beer também faz referência ao pastores-colonos, quando relata o testemunho da mãe de um professor seu, Frederico Strelow:

> 'Fred' foi um de nossos professores sinodais, também formado em nosso Colégio de Porto Alegre. Ele me contou a história de sua vida: Seus pais emigraram da Pomerânia, Alemanha, para o Brasil e estabeleceram uma

---

[161] WARTH, 1979, p. 141.
[162] NEUKUKATZ, John. Minha autobiografia. *In:* WINTERLE, Carlos W.; KREBS, Martinho (Orgs). **Histórias da História da IELB.** Porto Alegre: Concórdia, 2006. p. 81-82.
[163] RIETH, 1996, p. 47.
[164] BRODERS, *apud* RIETH, 1996, p. 51.

> fazenda retirada no interior. Eles tinham um 'pastor' que cultivava as terras deles durante a semana e aos domingos oficiava os cultos. A mãe dele confessou certa vez que 'esperava e orava que algum dia o Senhor lhe concedesse a graça de visitar uma igreja com um verdadeiro ministro, antes de morrer'. Ela também estava decidida a ver um de seus filhos pastor ou professor.[165]

Por outro lado, muitos destes pastores não queriam deixar seu ministério, pois se entendiam como chamados pelas comunidades tanto quanto os outros. Muitas comunidades estavam contentes com estes pastores, que utilizavam uma linguagem mais próxima à deles e conheciam mais e melhor suas condições de vida na colônia, razões por que acabavam rejeitando os pastores formados. Rieth destaca que no luteranismo brasileiro, quem fundava sínodos eram sempre pastores formados e ordenados, sendo que os representantes leigos, embora estivessem presentes, tinham um papel secundário.[166]

De todas estas ações acima citadas, surgira, em 1904, o Distrito Brasileiro do Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados, que se tornou, em 1920, Sínodo Evangélico Luterano do Brasil e, em 1954, Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Esses foram os nomes da IELB. Às 15 horas, do dia 23 de junho de 1904, iniciara-se a Conferência, nas dependências do Hotel Central de Rincão São Pedro, RS, para fundação do Distrito do Sínodo de Missouri. No dia de São João, 24, seria fundada a IELB, que teve como primeiro nome *Der Brasilianische District der Deutschen evangelisch-lutherischen Synode von Missouri, Ohio und andern Staaten* (Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados). Tratava-se do 15° distrito do Sínodo de Missouri. Estavam presentes pastores e leigos.[167] No ano de 1905, mais comunidades solicitaram filiação ao Distrito. Sítio, (Vila Progresso) uma congregação livre, próxima de Santa Cruz do Sul, RS, servida pelo pastor Kersten, que estava em litígio com o Sínodo Riograndense e que declinou o cargo em 1904 e recomendou à congregação que chamasse um pastor luterano. Também a

---

165 BEER, 2006, p. 126.

166 RIETH, 1996, p. 47.

167 WARTH, 1979, p. 24. "J. Harder, de Rincão São Pedro, RS, além de L. Lochner, R. Kern, P. H. Petersen, H. Wittrock, W. Moeller, J. Hartmeister, W. Mahler, H. Zander e o professor H. Wilke. O pastor E. Schulz e o leigo G. Hanneberg, de São Pedro, Pelotas, RS, teriam chegado após o início. Estiveram também os leigos Jorge Niederauer, de Jaguari, RS, W. Haeberlin, de Toropi, RS, José Boeckel, de Porto Alegre, RS, Alberto Prochnow, de Rincão dos Vales, RS, G. Lamb, de São Leopoldo, RS, G. von Buenau, de Vila Clara, RS e A. Bruening, de Sertão, RS. Não puderam comparecer os pastores F. Brandt, de Morro Redondo, RS, H. A. Klein, de Estância Velha, RS, R. Mueller, de Dois Irmãos, RS, H. Stiemke, de São Leopoldo, RS e A. Vogel, de Santa Coleta, RS, os quais enviaram, por escrito seu parecer favorável a fundação do Distrito."

congregação de Linha 8 Oeste, Ijuí, RS, que estava sem assistência espiritual pediu filiação. As congregações de Tiradentes (Guaporé, RS) e Linha 5, Alfredo Chaves (Veranópolis, RS) foram atendidas provisoriamente pelo pastor E. Wegenhaupt, vindo dos EUA, sendo depois substituído pelo pastor S. Daschner.[168]

Rieth, descreve que, em meio a tudo isso, o trabalho do Sínodo de Missouri teria se expandido para as outras áreas do RS. Como fruto das viagens de Mahler, seus pastores passariam a atuar em comunidades nas regiões noroeste (Rincão dos Vales, hoje Santa Clara do Ingaí, RS) e central (Toropi, RS, Nova Santa Cruz, RS, Jaguari, RS, e Rincão São Pedro, hoje São Pedro do Sul, RS), nas colônias velhas (São Leopoldo, RS, Dois Irmãos, RS, além de Estância Velha, RS, já atendida por Brutschin) e em Porto Alegre, RS. Em Porto Alegre foram organizadas comunidade e escola no bairro Navegantes, a C. E. L. Cristo e o Colégio Concórdia, integradas por um bom número de imigrantes teuto-russos. Já nos primeiros anos, as instâncias de administração e formação da IELB serão transferidas para a capital. Nos anos seguintes ter-se-ia dada a expansão geográfica.[169] O crescimento numérico deste Distrito de Missouri não poderia ser atribuído a conversões, mas em boa parte, à assunção de comunidades inteiras de luteranos nominais. O trabalho no Brasil não teria as características de um trabalho missionário para pessoas não cristãs, mas um caráter de missão interna, voltada para luteranos nominais de origem alemã. Segundo testemunha o pastor Beer, vindo do Missouri: “Nós missionários tínhamos recebido conhecimentos rudimentares da língua portuguesa, que mostraram insuficientes quando chegamos ao Brasil. Aos domingos, os cultos sempre conduzidos em alemão.”[170]

Os pastores trabalhavam sob condições extremamente precárias, por vezes em ambiente hostil. A cavalo ou sobre o lombo de mulas, enfrentavam estradas péssimas em viagens longamente demoradas, que os afastavam de suas famílias muitas vezes por semanas. Várias vezes, pastores, ao voltar de viagem, recebiam a notícia da morte de um filho, filha, esposa, sem ter conseguido acompanhar seu

[168] WARTH, 1979, p. 24.
[169] Começou ao atendimento das comunidades no Alto Taquari (Roca Sales, RS, 1904), no noroeste (Ijuí, RS,1905), nordeste (Rolante, RS, 1906) e norte do RS (Erechim, 1911), em SC (1921), PR (Cruz Machado, 1921), no ES (1929), no Rio de Janeiro (1929), em São Paulo (1931), MG (1933), PE, BA e GO (1951), DF (1958), MT (1957), PA e PB (1969), RO e MA (1971), PI (1978), CE (1979), AL (1981), RR e AM (1984), RN (1986), AC (1988).
[170] BEER, 2006, p. 116.

sepultamento. As doenças típicas subtropicais também eram frequentes e ceifavam suas vítimas. Beer relata dois casos, sendo um de sua própria casa:

> Não fazia muito tempo que nós estávamos em São Leopoldo e Lena ficou seriamente doente. Temi tratar-se de febre tifoide. Possivelmente não cuidáramos o suficiente da qualidade da água que tínhamos para a limpeza em geral e que também bebíamos. Dorothy Louise nasceu no dia 22 de maio de 1921. Ela era um bebê saudável, mas sua permanência conosco foi breve. Os médicos diagnosticaram uma meningite. Então, no dia 2 de dezembro, muito mal, Dorothy faleceu nos meus braços. Nós a sepultamos no cemitério em São Leopoldo, onde dorme até chegada da grande Ressurreição. Vamos nos encontrar de novo aos pés do Cordeiro que tem preparado um lugar para todos que o amam. Sua sepultura vem tendo cuidados todos esses anos. Ainda envio para o pastor Warth um presente de Natal pelo seu zelo e empenho, durante esses 50 anos.[171]

Outro caso do pastor Paul William Schelp,[172] que não chegou a tempo do sepultamento de sua filha Mildred:

> Sim, Schelp e Dilla foram nossos amigos muito íntimos, ele professor do Seminário e eu membro do seu Conselho Administrativo. Eles perderam quatro filhos na infância. Uma, Mildred, adoeceu violentamente enquanto Schelp estava numa viagem de visitação e faleceu no dia seguinte. Tentamos contatar com ele, mas em vão. Assim, sepultamos Mildred na sexta-feira, depois de manter seu corpo quase 48 horas (24 horas era a lei). Lena e eu fomos solicitados a permanecer ao lado da Dilla tanto quanto possível. Um estudante me substituiu na paróquia. No domingo, algumas pessoas e eu fomos ao encontro de Schelp no porto e ele me saudou: 'Por que você está aqui e não está dando o culto em São Leopoldo?' Ele nada suspeitou do que tinha acontecido, até chegar em casa.[173]

Quanto aos salários dos pastores, normalmente não correspondiam ao alto custo de vida no sul do Brasil, que chegava ao dobro ou ao triplo do nível norte-americano, ou então se desvalorizavam devido às taxas de câmbio desfavoráveis. Em 1904, cada pastor recebia 1.600 mil réis de salário anual, o que equivalia a US $400, enquanto o salário de um operário em Porto Alegre, RS, na mesma época era de em média US $360; um ano depois, essa mesma quantia de dólares valia apenas 1.100 mil réis. A partir de 1908 o salário anual seria elevado a US $600 e de 1916 a US $800.[174] Beer relata sua situação particular neste sentido:

> Quando Dorothy morreu, eu estava em dificuldades financeiras. O pagamento era a cada três meses, mas, pela necessidade, recebemos no meio do mês de setembro em vez de outubro, e depois não sabíamos quando receberíamos de novo. O que fazer? Eu não tinha dinheiro para o enterro de

---

171 BEER, 2006, p. 116.
172 Paul William Schelp, EUA, (1895-1972), fez parte da diretoria da IELB, de 1920-1927, diretor do Seminário Concórdia, de 1922-1925/1958-1961, professor neste Seminário, de 1920-1969.
173 BEER, 2006, p. 124.
174 RIETH, 2005, n.p.

> Dorothy, então pedi um empréstimo para o dono da venda. Ele me emprestou o dinheiro mesmo sabendo que eu não fazia ideia de quando poderia devolver o empréstimo. O tempo passou e eu pude pagar minha dívida no mês de fevereiro. O dono do armazém, homem católico, não me cobrou nem um centavo de juros. Deus tinha sido bom para nós.[175]

Prien faz uma comparação entre a situação financeira dos pastores evangélicos com a dos pastores de Missouri. Nos primeiros anos de 1900, os pastores evangélicos ainda estariam entregues praticamente a sua própria sorte. Pouco se observava de uma assistência por parte dos presidentes. Alguns em sua extrema modéstia, nem sequer encaminhavam pedidos de ajuda a instituições alemãs para suas próprias necessidades:

> Em grande parte, faltava uma previsão planejada de fundação de comunidades, acompanhando o movimento de migração interna que, na década de 90, já havia atingido a região de Ijuí, ou então faltavam recursos financeiros para se poder agir. O máximo que havia sido feito era a instituição de alguns pastorados itinerantes. Com forças próprias, isto é, sem a ajuda generosa da pátria-mãe, não podiam ser vencidas as múltiplas tarefas a serem atacadas, mormente porque, desde a virada do século, o Sínodo de Missúri, com abundantes recursos financeiros, aproveitava-se imediatamente de pontos fracos ou lacunas do trabalho do Sínodo.[176]

Durante a Primeira Guerra Mundial, proibido o uso da língua alemã, surgiram as primeiras tentativas de pregar o Evangelho a não-germânicos, com destaque às iniciativas de missão entre luso-brasileiros em Lagoa Vermelha (1918-1928) e entre negros em Solidez, Canguçu (a partir de 1919), ambos os lugares no RS. O Sínodo de Missouri procurou desde o início pleitear a formação de candidatos ao pastorado no Brasil, enquanto os sínodos de imigrantes alemães teriam dado este passo apenas ao final da Segunda Guerra Mundial.[177] Segundo Prien, o diretor Johannes N. H. Jahn, do Seminário Concórdia, da IELB, havia se pronunciado neste sentido já em 1935, quando havia lembrado que, “depois de algumas gerações, a passagem para o vernáculo teria acontecido entre todos os imigrantes e que isso tampouco deixaria de acontecer entre os imigrantes de origem alemã.”[178]

Rieth, recordando os festejos dos 90 anos do Seminário Concórdia, chama a atenção para um aspecto ligado à primeira etapa de sua existência, como Instituto para a Formação de Professores e Pastores (1903-1905), em Bom Jesus II, São

---

[175] BEER, 2006, p. 116.
[176] PRIEN, 2001, p. 140.
[177] PRIEN, 2001, p. 126.
[178] PRIEN, 2006, p. 535.

Lourenço do Sul, RS. Normalmente se destaca a dedicação de John Hartmeister (1877-1965), fundador, diretor e primeiro professor do Instituto, além de pastorear sua comunidade e lecionar na escola paroquial. Rieth faz outro destaque:

> Havia, porém, uma pessoa sem a qual o Instituto jamais teria funcionado: a senhora Hartmeister. Além de cuidar de sua família, ela era responsável pela alimentação, vestuário e asseio dos cinco primeiros alunos, administrando os parcos recursos destinados à manutenção da instituição.[179]

Nos primeiros tempos da IELB, quase todos os pastores assumiam também a função de mestre-escola. Como Missouri não tinha um número suficiente de professores para suas próprias escolas nos EUA, poucos puderam vir atuar no Brasil. O Instituto em Bom Jesus, que antecedera o Seminário Concórdia, tivera o objetivo de formar pastores e professores para as congregações, sendo que a primeira formatura do Seminário Concórdia, em 1912, fora justamente a de professores. O primeiro periódico da IELB surgiu em 1903, o *Evangelisch-Lutherisches Kirchenblatt für Süd-Amerika,* sendo que, *c*onforme a convenção do Sínodo de Missouri, 1902, o mesmo deveria apresentar a doutrina luterana e a praxe eclesiástica do Sínodo, defendendo os seus pastores dos ataques feitos em outros periódicos brasileiros. Por causa da Primeira Guerra Mundial, havendo a interrupção de sua publicação, por ser escrito na proibida língua alemã, começou-se a editar o Mensageiro Cristão (1917), que depois virou Mensageiro Luterano (1918) e atualmente é um órgão oficial da IELB. Outros periódicos publicados no contexto da IELB foram o *Luther-Kalender* (1925), *Der Walther Liga Bote* (1929), rebatizado de O Jovem Luterano (1940), o Lar Cristão (1938), anuário em língua portuguesa, *Evangelisch Lutherisches Kinderblatt* (1939). Desde 1905, funcionava uma agência da *Concordia Publishing House,* de St. Louis, Missouri, em Porto Alegre, RS. Em 1923, foi fundada a Casa Publicadora Concórdia, hoje denominada Editora Concórdia. Neste aspecto, Rieth faz uma análise e ressalta:

> De um lado a pouca ênfase na tradução e edição de fontes da tradição luterana. Por outro o esforço para a publicação de textos como a Dogmática Cristã, de J. T. Müller, e o Sumário da Doutrina Cristã, de Edward Koehler. Isso leva a crer que a prioridade durante muito tempo foi trazer ao leitor brasileiro determinadas interpretações da teologia da Reforma e não esta teologia propriamente dita.[180]

Beer fez menção de sua participação na fundação desta entidade:

---

[179] RIETH, 1996, p. 56.
[180] RIETH, 1996, p. 58.

> Entrementes fundamos a Casa Publicadora Concórdia. Na época importávamos livros da *Concordia Publishing House* dos EUA em alemão, mas nosso trabalho se desenvolvia cada vez mais em português. Os custos de importação estavam cada vez maiores, fazendo os preços dos livros subirem consideravelmente. Então criamos uma empresa de estoque para atender nossos missionários. Não havia recursos financeiros e as condições de trabalho eram mínimas, mas com a Bênção Divina estava dando certo.[181]

Na 47ª Convenção Nacional, em 25 de janeiro de 1980, a IELB chegou à sua independência administrativa em relação à Igreja-Mãe dos EUA, e nos anos 2000, alcançou sua autonomia financeira, ou seja, 100 anos depois de terem sido investidos os primeiros dólares pelos irmãos americanos. Na 49ª Convenção Nacional da IELB, 1988, o então presidente da IELB, Johannes Hermann Gedrat[182], mostrou uma maior abertura ao diálogo com outras igrejas: "O relacionamento e diálogo com outras igrejas mereceu maior atenção recentemente. Foi estabelecida uma comissão permanente entre IELB e IECLB. A mesma está coordenando encontros e diálogos sérios entre as duas denominações."[183] Comunicou também que o Conselho Diretor da IELB aprovara a ida de observadores à Assembleia da FLM, da qual a IELB não fazia parte, especialmente pelo motivo de haverem igrejas filiadas à Federação que não subscreviam as Confissões na sua íntegra, como a própria IECLB – e que estes observadores teriam solicitado estatutos, regimento e descrição dos objetivos e compromissos desta, a fim de basear suas posições oficiais em estatutos sérios e objetivos e não apenas em sentimentos e informações parciais. Estavam também participando como observadores de reuniões de diferentes organizações e encontros ecumênicos: "Mesmo que não possamos filiar e comprometer-nos, podemos e devemos cumprir nossa missão de testemunhas e nossa tarefa de orar e de lutar pela unidade verdadeira de todos os cristãos".[184] Gedrat também confessava que a IELB tinha uma tendência de ser uma Igreja que pensava quase só em si mesma, e sublinhava:

> Inclinamo-nos facilmente a 'guardar o nosso próprio troféu', nosso cantinho exclusivo na vinha do Senhor – quer seja nossa congregação local, nosso

[181] BEER, 2006, p. 117.
[182] Gedrat (1934-2019), formado no Brasil em 1957, foi pastor em Três Coroas, RS, Pelotas (Três Vendas), RS, e Canela, RS. Diretor da Hora Luterana Internacional em SP, vice-presidente da IELB, (1963-1970) e presidente da IELB (1974-1990); Diretor de Missões para a América Latina da LCMS. Trabalhou na ULBRA, Canoas, RS.
[183] MENSAGEIRO Luterano. Porto Alegre: Concórdia, mar. 1984, p. 3.
[184] MENSAGEIRO Luterano. Porto Alegre: Concórdia, mar. 1984, p. 3.

> projeto distrital ou um programa nacional – em lugar de preocupar-nos e de participar no trabalho global do nosso Deus.[185]

Além disso, afirmava ele, conclamando à ação:

> Não falamos forte que chega contra os males sociais do nosso tempo: aborto, divórcio, imoralidade, impunidade, corrupção, mau uso do poder e da força, opressão dos menos favorecidos, mau uso do solo, habitação desumana, trabalho injustamente remunerado, desrespeito às autoridades constituídas, protestos injustos, etc. Somos cidadãos e inseridos num contexto social e político onde o cristão tem o que dizer e sabe o que fazer! Sejamos operosos também no cumprimento da nossa função de cidadãos cristãos.[186]

Merece destaque um outro ponto de vista, nesta época, por parte do pastor Ari Lange[187], professor da Escola Superior de Teologia, Instituto Concórdia de São Paulo, ICSP[188], SP, de que, em sua origem, o trabalho dos missourianos estivera impregnado com um espírito missionário, sem ser missão propriamente dito. O princípio das atividades do grupo havia se dado em comunidades cristãs já existentes. Como muitas dessas comunidades haviam tido vínculos com outras igrejas ou sínodos, "seu novo vínculo com os 'missourianos' causou, não raras vezes, sérios problemas de relacionamento".[189] Porém, ressaltava Lange:

> É bom esclarecer que não se estabelece aí nenhum juízo desabonador na atuação dos pastores do passado, já que a situação espiritual deficiente destes grupos ou congregações reclamava uma orientação pastoral mais efetiva e responsável. Ocorreu, entretanto, que esta ação pastoral foi caracterizada mais como intromissão na "seara alheia" do que como ajuda e cooperação para uma melhor atuação do luteranismo no Brasil. Compete, pois, à geração presente das igrejas luteranas brasileiras repensar este passado e buscar e encontrar posições mais positivas do que se tem tirado até o momento. O fato é que este passado estabeleceu uma situação de não-diálogo, o qual perdurou por muitas décadas, mas, cremos, está em fase de acomodação atualmente.[190]

---

185 MENSAGEIRO Luterano. Porto Alegre: Concórdia, mar. 1984, p. 4.
186 MENSAGEIRO Luterano. Porto Alegre: Concórdia, mar. 1984, p. 4.
187 Lange, (1942-2007), natural de Joaçaba, SC. Formado em Teologia pelo Seminário Concórdia em 1967. Pastor em Cruz Alta, RS, e em Campo Grande, MT, onde esteve envolvido com as atividades dos Centros Integrados de Missão, CIMs. Mestrado na Alemanha e professor e diretor da Escola Superior de Teologia, Instituto Concórdia de São Paulo. Trabalhou no CETEOL, faculdade de teologia afiliada à IECLB em SC.
188 ICSP, foi fundado em 22 de agosto de 1948, no Espírito Santo. Tempos depois foi transferido para o Rio de Janeiro e, em 1962, para São Paulo. Após dez anos de funcionamento, teve suas atividades interrompidas até sua reabertura, em 1982. No ano seguinte, a IELB abriu uma segunda escola de teologia no campus do ICSP – a Escola Superior de Teologia (EST/ ICSP). Vinte anos mais tarde, em 2002, o Conselho Diretor da IELB decidiu unificar a EST/ICSP e o Seminário Concórdia em São Leopoldo, RS.
189 MENSAGEIRO Luterano. Porto Alegre: Concórdia, jul. 1987, p. 10-11.
190 MENSAGEIRO Luterano. Porto Alegre: Concórdia, jul. 1987, p. 10-11.

É possível que esta mudança da IELB em relação às outras igrejas já tenha começado nos anos 1960, como relata Prien. Em 1961, o presidente da futura IECLB, Karl Adolf Gottschald teria relatado:

> Representantes da liderança do SM e do Sín. Riogr. encontraram-se em 6 de julho de 1960 em São Leopoldo, buscando uma regulamentação que deveria impedir que membros das comunidades se transferissem de um sínodo para o outro por razões de desordem nas Igrejas. Ainda não se conseguiu enviar uma circular conjunta sobre este assunto a todos os pastores da FS e do SM.[191]

Em 1961, os presidentes de ambas Igrejas teriam entrado em consenso com vistas a seu posicionamento relativo à "Frente Agrária Gaúcha" (Reforma Agrária do RS) e teriam preparado uma declaração conjunta. A convite da IELB, alguns pastores da IECLB, também teriam participado de um curso teológico em Porto Alegre. Em 1964, houvera um encontro a convite da Academia Evangélica, de cada sínodo oito pastores, para um diálogo sobre "Nossa Prédica", com base nas palestras de um docente do Seminário Concórdia, da IELB, Porto Alegre, RS, e da Escola Superior de Teologia, da IECLB, São Leopoldo, RS. Em 1965, diversos pastores da IECLB teriam participado de uma conferência teológica do Seminário Concórdia, a convite deste. Segundo Prien, apesar de diferenças, especialmente na área da hermenêutica, Gottschald julgara os encontros profícuos, especialmente porque teriam acontecido num espírito fraterno.[192]

Atualmente a célula básica da estrutura organizacional da IELB é a congregação, uma comunidade de luteranos formalmente constituída e reunida sob a responsabilidade de uma diretoria local e de pastores. Congregações e paróquias unidas formam um distrito. Para a administração dessa junção de congregações, há uma Diretoria Nacional, eleita para um mandato de quatro anos, sendo que acima da Diretoria Nacional há um Conselho Diretor, composto por representantes dos distritos. Acima do Conselho Diretor, há a Convenção Nacional, composta por representantes das congregações, a qual é responsável também pela eleição da Diretoria Nacional. Ao lado desta estrutura, existem algumas agremiações em nível nacional internas, chamadas de organizações auxiliares, sendo elas a Liga de Servas Luteranas do Brasil (LSLB), a Liga de Leigos Luteranos do Brasil (LLLB), a Juventude Evangélica

---

[191] *apud* PRIEN, 2001, p. 536.
[192] *apud* PRIEN, 2001, p. 536.

Luterana do Brasil (JELB), a Associação Nacional de Educação Luterana (ANEL) e a Associação de Entidades Sociais da IELB (AESI).[193]

2.3 ENCONTROS E DESENCONTROS[194] PARA UM DIÁLOGO FRATERNO NOS LUTERANISMOS SOB O CRUZEIRO DO SUL

O objetivo do trabalho dos sínodos era constituir comunidades que correspondessem ao reto padrão de uma comunidade evangélica luterana e ações deveriam ser implementadas, inclusive para evitar os casamentos mistos, deixando transparecer uma ênfase com tendência legalista, negativa. A salvação da alma seria a questão fundamental, mas, uma ação de diálogo fraterno, de compartilhamento do ensino bíblico para a salvação do próximo e mesmo da melhoria de sua condição de vida física e social, parece que não era apontada. Pode ser questionado por que o início do trabalho do Sínodo de Missouri no Brasil, diante do quadro de tanta carência espiritual, tenha começado com tanta oposição e crítica, quando bem poderia ter sido o de cooperação para a edificação do povo nas Igrejas. Não poderia ter havido uma proposta de diálogo? Por que houve a separação dos realmente preocupados com o ensino evangélico da grande massa de pessoas sem entendimento? Não deveriam ter sido estes os primeiros a serem buscados?

2.3.1 Compreendendo o passado - desencontros na diversidade

Na 1ª Conferência Nacional Interluterana, realizada em 1998, o palestrante da IELB, Dr. Nestor L. J. Beck, ressaltou a necessidade de se refletir sobre a necessidade de se distinguir o ocorrido na história da versão do que fora transmitido. O que tinha acontecido não era mais possível alterar, mas poderia ser possível elaborar uma nova compreensão do que havia passado: “Compreendendo de forma nova e diferente o passado, poderemos superar entraves e passar a interagir de forma distinta, como membros e representantes das organizações a que estamos ligados.”[195] As relações entre ambas igrejas poderiam estar perturbadas por recordações de “histórias” que

[193] https://www.ielb.org.br. n.p. Acesso em: 08 out. 2023.
[194] Desencontros, palavra que começou a aparecer mais fortemente, a partir da 2ª Conferência Nacional Interluterana, e que está sendo usada nesta pesquisa, como sinônimo de dificuldades, e a palavra “encontro” usada como sinônimo de possibilidade.
[195] BECK, 1999, p. 29.

teriam sido contadas, de injustiças e violências que umas pessoas teriam praticado contra as outras. Muitos relatos estão registrados, e alguns podem ser relembrados e revistos.

2.3.1.1 Histórias da História[196]

Beck relatou um acontecimento de sua família, que demonstra fatos que teriam ocasionado desencontros entre familiares das duas igrejas. Assim, por exemplo, o pai de Beck teria perdido uma comunidade, como se dizia na época, por não ter oficiado no sepultamento de pessoa suicida, filho ou filha de um dos líderes locais. Estas lembranças estariam cravadas na memória coletiva. Neste sentido, afirma Beck: “Neste meio tempo, seria desejável que os historiadores levantassem o que realmente aconteceu e nos ajudassem a compreendê-lo em nova perspectiva.”[197] Dreher, em sua reação à palestra de Beck, iniciou relatando um fato acontecido em que o pastor Brutschin havia oficiado o batizado do filho do pastor Paul Dohms, Hermann Gottlieb Dohms, em 1888, na Comunidade Evangélica de Sapiranga, RS. Há um registro que tempos depois, esses dois pastores se desentenderam por causa de membros, num assunto referente a espórtulas (gorjetas, gratificação). Assim, teriam surgido duas denominações, por motivos não teológicos.[198] Outro fato relatado teria sido a iniciativa do Sínodo Riograndense em ter começado uma missão entre indígenas e enviado os missionários Jutrzenka e Haupt, vindos de Berlim, que, sem apoios significativos do Sínodo, tornaram-se pastores do Sínodo Missouri. Os motivos novamente não teriam sido teológicos, mas a fome. Dreher também relatou um caso familiar. Em São Leopoldo, RS, possivelmente causada pela falta de sensibilidade do pastor Rotermund, houve um racha na comunidade, novamente por motivos não teológicos, mas, desta vez, econômicos. O genearca de Dreher, Schreiner, não havia vendido um terreno a Rotermund, e, em consequência, fundara a sua própria comunidade. Todavia, a filha deste genearca, tempos depois teria realizado seu casamento neste Sínodo. Na época desta Conferência, Dreher era pastor na

---

196 Referência ao livro lançado pela IELB sobre biografias de líderes que ajudaram a fundar e desenvolver a Igreja no Brasil.
197 BECK, 1999, p. 29.
198 DREHER, Martin N. **História e histórias.** *In:* WEIRICH, SCHUBERT, SILVA, 1999. p. 35.

comunidade de Rotermund e buscava comunhão com a comunidade da IELB, que havia sido criada por sua família.

Dreher relatou um outro caso ocorrido na Comunidade Evangélica Luterana, da IELB, de Poço das Antas, RS, envolvendo dois agricultores, Kleber e Becker e seu pastor Reuter. O comerciante daquela vila, de nome Heinz, havia se desentendido com o pastor Reuter, que tinha uma grande sensibilidade musical, mas nenhuma no trato com as pessoas. Kleber, enquanto presidente desta comunidade, perdera seus bens e fora abandonado pela direção da Igreja. Becker, que era irmão do tesoureiro da mesma, teve todos os seus porcos envenenados. Heinz saíra vencedor e a comunidade se filiara ao Sínodo Riograndense, levando parte da terra da comunidade. Na ocasião desta Conferência, um bisneto de Kleber estava estudando Teologia na EST da IECLB; uma filha de Kleber havia casado com um filho de Becker, mas ambos eram membros na IECLB, em Estrela, RS. Outro filho de Becker, era reitor da ULBRA. Ressaltou Dreher: "Primos e irmãos não podem comungar. Todos continuam luteranos, apesar de seus pastores. Em tempo: na origem os Kleber eram católicos-romanos; os Becker calvinistas."[199] Um outro fato aconteceu em Pires, interior de Limeira, SP. O pastor Otto Jung, de uma comunidade pertencente a um sínodo que fazia parte da IECLB, tinha afirmado que havia visto o Arcanjo Miguel e por ele ter sido consagrado cavaleiro. Como reação, teria havido uma divisão na comunidade e uma parte passaria a pertencer à IELB. O pastor Breno Claudio Thomé, da IELB, relata que fora enviado a este local, Limeira, SP, em 1966, para começar o trabalho e pastorear três comunidades já organizadas. Duas tinham sido pastoreadas pelo pastor Jung, que residia no bairro rural de Pires, Limeira. Jung tivera problemas com parte da diretoria local e alegava que alguns eram maçônicos. Relata Breno:

> No início da década de 1920, houve uma assembleia em que os votos eram dados com pedrinhas brancas (a favor) ou pretas (contrário) à proposta. As acusações eram feitas em voz alta: '*Schwartz ist von der Hölle!* O Pr. Jung foi expulso; mas considerável número de membros o acompanhou. A congregação havia construído um prédio grande, mas com só uma porta. Durante a semana funcionava ali a Escola e no fim de semana servia como Templo. Quando, no domingo seguinte, o pastor Jung e os membros que o apoiavam quiseram ali realizar seu Culto, encontraram a porta fechada e travada com fortes vigas de madeira. Então se dirigiram à propriedade do sr. João Dibbern, que fazia divisa com a de seu irmão Guilherme, sendo que ambos apoiavam fortemente o pastor Jung. Na propriedade, bem próxima da Escola/Igreja, havia uma árvore Taiuveira, à cuja sombra passaram a realizar

[199] DREHER, 1999, p. 36.

> seus Cultos e já em 1925 tinham construído uma Capela, fundando a Evangelische Luherische Kirche – Christus Gememeinde.[200]

Na segunda metade da década de 1930, o pastor Jung havia se mudado da região, com a esposa e os dois filhos. “As congregações de Pires e Ribeirão do Meio prosseguiram com seus trabalhos liderados por experientes leigos e, 10 anos depois, pediram atendimento da IELB, pelo pastor Klenke, de São Paulo, SP.”[201] Dreher entende que questões de costumes, econômicas, sistemas de administração, podem ter sido muito mais decisivas nestes desencontros: “Em razão de sua consequente clericalização, ambas têm dificuldades em demitir obreiros.”[202] Dreher, para concluir estas suas pérolas históricas, afirmou com bastante ênfase:

> O que separa as duas igrejas luteranas no Brasil não são fatores teológicos, mas históricos. Para sermos coerentes, devemos, inclusive, perguntar, se os fatores são mesmo ‘históricos’. Eles são antropológicos e econômicos. Antropológicas são também as raízes da União Prussiana: o rei calvinista não podia comungar com sua esposa luterana![203]

Fischer, na 2ª Conferência Nacional Interluterana, em sua palestra no tópico dos Desencontros, constatou que havia controvérsias inclusive entre as comunidades ligadas a Associações Caixa de Deus, de confessionalidade luterana, em SC, e as comunidades unidas, onde seriam usados argumentos emprestados das controvérsias em torno da União da Prússia. Do lado luterano se dizia que a União seria fruto do racionalismo, da incredulidade, argumentações que seriam estranhas aos imigrantes. As igrejas alemãs lamentavam as controvérsias porque estariam prejudicando a edificação do reino de Deus, como salientavam os luteranos, ou os interesses da Igreja, como diziam os "unidos". Contudo, em 1926, pastores de ambas as entidades, o Sínodo Luterano e a Associação de Comunidades Evangélicas, firmariam um acordo de Jaraguá, declarando-se dispostos a resolver conflitos através de negociações *(Verhandlungen).*[204]

Prien traz mais relatos de histórias da História. No atendimento às comunidades ainda não consolidadas e sem assistência pastoral, imediatamente teriam surgido desavenças, sendo inclusive divulgadas pelos jornais eclesiásticos,

---

[200] RELACIONAMENTO entre as Igrejas Luteranas 2. Jornal **O Caminho,** Blumenau, ano XXXIX, n. 7, nov./dez.2023. p. 12.
[201] **O Caminho,** 2023, p. 12.
[202] DREHER, 1999, p. 36.
[203] DREHER, 1999, p. 36.
[204] FISCHER, 2001, p. 17.

ainda associadas às difamações pessoais. Um exemplo teria sido o pastor Mahler, do Missouri, que atacara publicamente o pastor Bruno Stysinski, do Sínodo Riograndense, em 1905. Ele teria caracterizado a visita deste pastor à comunidade de Linha 8, nas proximidades de Ijuí, RS, como "um atrevimento inaudito". Mahler estaria aborrecido pelo fato de Stysinski:

> [...] 'ter ido a uma comunidade vaga dos luteranos durante a semana santa, metendo medo e pavor na população por de toda sorte de palavrórios', que teria semeado 'a semeadura da suspeita e desconfiança', uma prática que 'também teria sido exercida em outros lugares por pastores do Sínodo Evangélico'. Como se isso não bastasse, Mahler também ainda difamou Stysinski como 'livre-pensador, maçom e ex-jesuita'![205]

Na sua resposta, Stysinski afirmara que a comunidade da Linha 8 teria sido sempre somente "evangélica", e que, em 1904 e 1905, ela se teria dirigido por escrito ao Sínodo Riograndense pedindo um pastor, solicitando a visita de um pregador itinerante:

> Visitei a Linha 8 por incumbência de nosso Sínodo, e levei uma resposta escrita para a diretoria da comunidade, e fui por convite expresso da mesma. [...] De minha parte também não era semeadura de "suspeita e terror" se comuniquei às pessoas o que silenciaram, a saber, *que sua Igreja não quer a comunhão com nosso Sínodo e com toda a Igreja teuto-evangélica.* Isso também é um fato inegável! Por que se incomodam com isso?[206]

Em 1908, Martin Braunschweig (1869-1930), secretário-geral da Sociedade Gustavo Adolfo, já havia definido o Sínodo de Missouri no RS como "inimigo mortal da organização eclesiástica-evangélica", como "perigo sem igual", num relatório de visitação, e teria observado que "a luta contra o Sínodo de Missouri exigia que a Igreja evangélica fosse fortalecida na 'área da organização dos recursos financeiros e dos recursos humanos' por uma ajuda abrangente da pátria".[207] Prien parece concordar com Braunschweig quando declara:

> Por parte dos sínodos alemães, o SM foi acusado recorrentes vezes de se apropriar de comunidades alheias com meios escusos, enquanto este contra-argumentava que vastas áreas não tinham assistência espiritual e que, em geral, quando enviava pastores atendia somente os pedidos por escrito de membros de comunidades. Por um lado, portanto, trata-se de uma complementação do trabalho dos sínodos, por outro lado, porém, de expressa concorrência, que, na maioria dos casos, não se impunha por melhor

[205] PRIEN, 2001, p. 528.
[206] *apud* PRIEN, 2001, p. 529.
[207] *apud* PRIEN, 2001, p. 525.

> argumentação teológica, e, sim, por atendimento mais barato para as comunidades.[208]

Outra acusação contra o Missouri seria o uso da língua alemã, não para cultivar a germanidade, mas para atrair as pessoas de origem alemã para a sua seara, que seria de intolerância confessional: “O ‘procedimento do Sínodo de Missúri, de se apresentar como a única Igreja verdadeira e de condenar tudo que não é missuriano’, deve ser absolutamente rejeitado.”[209] Outrossim, durante a Primeira Guerra Mundial teria havido uma denúncia por parte do Sínodo de Missouri, quanto a presença de um funcionário prussiano no Brasil. Por sua vez, os missourianos eram acusados de terem abandonado seu caráter alemão:

> De mais a mais, o Sínodo de Missúri não apenas abandonou seu nome alemão durante a guerra, mas também seu caráter anteriormente alemão. Ele não hesitou ‘em chamar a atenção do governo do Estado’, em seu Jornal Evangélico-Luterano, ‘para o fato de que o representante permanente do Sup. Cons. Ecles. Evang., 'portanto um funcionário prussiano', permaneceu no país apesar do estado de guerra entre o Brasil e a Alemanha. Mas, do mesmo modo como o governo brasileiro, também as comunidades brasileiras não deram atenção a essa e outras insinuações do papazinho missuriano’ e não romperam os laços com o Sup. Cons. Ecles.[210]

Beer se queixava dos percalços ocorridos no início dos trabalhos de Missouri no RS, citando Mahler:

> O projeto, a princípio, não logrou o êxito esperado. Apenas algumas comunidades foram simpáticas ao sínodo; a maioria delas via com reserva a atuação institucional. Mahler descreveu essa reação pouco simpática: ‘O exército inteiro de professores das picadas estava contra nós. Em virtude de inauditas calúnias e mentiras souberam instigar o povo, de maneira que fecharam os corações contra nossa obra.’[211] (tradução nossa).

O pastor Reinhold Johannes Immanuel Mueller, EUA, (1879-1944), pastor no Brasil em São Pedro, Pelotas, RS, (1902-1903), Porto Alegre, RS, (1903-1904), Dois Irmãos, RS, (1904-1907), Estância Velha, RS, (1907-1908) e Toropi, RS, (1908-1913), relata desencontros com o Sínodo Riograndense:

> Naturalmente, nosso trabalho não tem sido tão tranquilo e calmo como eu estou relatando aqui para vocês. No começo nosso trabalho sofreu muito. Aqueles pseudopastores e professores começaram a protestar. Também os pastores da Igreja do Estado Prussiano, dos quais havia uns trinta no estado,

---

208 PRIEN, 2001, p. 525.
209 PRIEN, 2001, p. 479.
210 *apud* PRIEN, 2001, p. 199.
211 MAHLER, apud BEER, 1925, p. 27 "Das ganze Heer der Pikadenlehrer machte gegen uns mobil. Durch die unerhoerten Verleumdungen und Luegen wussten sie das Volk so aufzuhetzen, dass sich die Herzen gegen unser Werk verschlossen."

> formaram um sínodo chamado Sínodo Rio-Grandense. Eles diziam que éramos invasores que vieram roubar-lhes o pão e a manteiga, embora nós tivéssemos o máximo cuidado e atendíamos apenas onde éramos chamados. Sim, nós fomos acusados de sermos agentes do governo dos Estados Unidos, que o governo estava nos financiando com um milhão de dólares e que estávamos sendo enviados como precursores para finalidades comerciais. Nós refutamos tais mentiras pública e particularmente e continuamos a pregar e lecionar corretamente, inicialmente em língua alemã aos cidadãos que falavam alemão e depois lecionando na língua portuguesa para brasileiros, no que fomos pioneiros.[212]

Durante o jubileu da Reforma de 1917, teria acontecido um confronto entre os pastores Johannes F. Kunstmann,[213] do Missouri, e Hermann G. Dohms, um dos expoentes do Sínodo Riograndense, pastor em Cachoeira do Sul, RS, e fundador nesta cidade de uma instituição educacional, que viria a dar origem à Escola Superior de Teologia, da IECLB. Kunstmann teria negado ao Sínodo Riograndense o direito de celebrar a Reforma, pois estaria ligado ao estado prussiano, que um século antes, teria maltratado os luteranos pela união forçada entre eles e os reformados, e que este Sínodo, na verdade, estaria querendo apenas celebrar o germanismo. Kunstmann teria acusado Dohms de "germanista" e argumentava em favor de seu grupo: "O germanismo dos missourianos não é um fim em si, mas apenas meio para o fim [...] Perderíamos muito, se quiséssemos abrir mão do germanismo sem uma necessidade que nos obrigasse a isso. No entanto, se for necessário, também podemos de outro modo".[214] Ao que Dohms teria reagido:

> Nós não conhecemos 'a necessidade que nos obrigasse a isso', que nos pudesse mover a abrir mão de nosso etnicismo. [...] Para nós, o etnicismo é um bem moral, que deve ser formado, sustentado e permeado por piedade sincera. Aqui vale somente ruína, jamais 'abrir mão'. Esse conhecimento da obra do etnicismo naturalmente ainda não existiu quando surgiu a dogmática missouriana. O caminho para ela passa por dois séculos de história do pensamento alemão, que a dogmática missouriana não presenciou mais.
>
> Como missourianos, os missourianos estão alheados do etnicismo alemão. [...] Estão à parte e se queixam da Prússia e de nós e sobre todo o mundo alemão, que é tão diferente deles. Não repreendemos a quem se aplica este juízo – e ele certamente não vale individualmente para cada membro da igreja missouriana – por causa de sua índole. Apenas esperamos o reconhecimento

---

[212] MUELLER, Reinhold Johannes Immanuel. Festival missionário fala sobre o Brasil. *In:* WINTERLE, Carlos W.; KREBS, Martinho (Orgs). **Histórias da História da IELB.** Porto Alegre: Concórdia, 2006. p. 65-66.

[213] Johannes F. Kunstmann, EUA, 1872-1942. Professor no Seminário de Murtoa, Austrália, pastor da Igreja Luterana Livre da Saxônia, Alemanha, sendo presidente dessa igreja,1904-1914. Vice-presidente da IELB,1916-1921, presidente da IELB,1921-1922, tesoureiro da IELB,1916-1922. Pastor interino da Congregação Cristo, de Porto Alegre, RS, 1919-1922. Diretor e Professor do Seminário Concórdia, Porto Alegre, RS, 1915-1922. Separou-se da IELB em 1922. Pastor e Professor da Congregação Cristo, Porto Alegre, RS 1922-1942.

[214] a*pud* PRIEN, 2001, p. 530.

> de que somos os alemães mais felizes e mais firmes, porque cremos num valor próprio de nosso etnicismo e negamos que, em alguma parte do globo, ele deva ser 'apenas um meio para o fim'.[215]

Pode se depreender que para o pastor Kunstmann, a germanidade seria algo de muito valor para se manter, mas, em primeiro lugar, viria a pregação do Evangelho. Colocar o Evangelho ao mesmo nível do etnicismo seria para ele um escândalo. Já para Dohms, ser alemão e ser evangélico estariam no mesmo nível, com o mesmo valor, no mesmo patamar. Isso leva a indicação de um certo exagero ideológico dos sínodos alemães durante a época da Primeira Guerra Mundial. Pode-se até tentar procurar certa fundamentação teológica para o valor da questão do etnicismo, sem talvez encontrar. Por sua vez, Kunstmann parecia demonstrar uma certa histeria contra a Igreja prussiana:

> Iremos saudar o dia e entoar um 'Senhor, louvamos-te!' quando ruir esta torre de Babel, isto é, a Igreja territorial evangélica da Prússia, e quando assim estourar a bolha de sabão de uma Igreja alemã imperial. Uma instituição construída sobre [...] a violação da consciência, pressão, desterro, penas pecuniárias e até mesmo derramamento de sangue de confessantes e muitos outros atos de barbarismo e violência merece ser varrida da terra. *'Ecrasez l'infame!'* Esse dito de Voltaire, que originalmente se refere à Igreja católica da França de então, pode perfeitamente ser aplicado à Igreja estatal unida da Prússia.[216]

Prien ressalta que Kunstmann terminara com duas afirmações caluniosas: que o Sínodo Riograndense visaria apenas ao dinheiro, e por amor ao dinheiro estaria disposto inclusive a se associar a uma seita dos EUA, e que o propósito Braunschweig teria abandonado o país por causa da miserável situação financeira do Sínodo. E faz uma conclusão bem contundente:

> O mais chocante de tudo isso é que um representante de uma Igreja que dependia em tão alto grau das subvenções da Igreja-Mãe nos EUA, e que conquistava novos membros nas comunidades pela oferta de contribuições menores, aguardava com malícia a ruína financeira do Sín. Riogr., evidentemente na esperança de então poder alcançar o grande avanço do SM.[217]

A controvérsia com Kunstmann terminaria em 1922 quando, de forma repentina, ele teria abandonado Missouri. Teria sido acusado de graves asserções sobre o Sínodo. Consta em um relatório sobre seu caso, que teria chamado o Sínodo de maneira geral como um sínodo de ladrões e patifes, e teria afirmado que Missouri

---

[215] *apud* PRIEN, 2001, p. 530-531.
[216] *apud* PRIEN, 2001, p. 531.
[217] PRIEN, 2001, p. 531.

seria a maldição da Igreja.[218] Outro pastor do Sínodo de Missouri teria polemizado sobre a questão da germanização, inclusive acusando o Sínodo Riograndense de heresia, com um ataque bem virulento. Um pastor do Sínodo Riograndense teria cedido seu templo aos episcopais para a realização de um culto. O pastor Rodolpho F. M. Hasse[219] teria usado o acontecido como um forte motivo para lançar acusações ao Sínodo:

> Que faria ele se os luteranos missurianos solicitassem a cedência da igreja para realizar seus cultos — o que jamais acontecerá, porque nós conhecemos e observamos as palavras de 2 Co 6.14-18 ('Não puxem na mesma canga com os descrentes..') —? Certamente a negaria a esses odiados americanos. E que são os episcopais? Acaso são mais luteranos do que os missurianos? Uma vez mais ficou claro para nós de que espírito são filhos os pastores da Igreja alemã unida, cuja atividade em nosso país não visa a salvação das almas, e, sim, a aberta *germanização*, embora às vezes, como neste caso, de modo inconsequente. Alerta, lutheranos! *Cuius rex, cuius grex.*[220]

O mesmo pastor Hasse seria alvo de críticas, no 6º Concílio Ordinário do Sínodo Brasil Central, em 1930, em São Paulo, SP, por iniciar um trabalho no Espírito Santo, entre os imigrantes:

> Quando os problemas com a Caixa de Deus pareciam estar resolvidos, surgiram novos problemas com o Sínodo de Missúri, que passou a trabalhar no ES depois que uma comunidade se havia bandeado para ele. Contrariando as afirmações do pastor missuriano Hasse no Rio perante o presidente Hoepffner, o Sínodo de Missúri de modo algum se limitava ao trabalho missionário em português![221]

O mesmo Sínodo, na Conferência Pastoral e no 7º Concílio Sinodal, em 1933, no Rio de Janeiro, RJ, critica as dificuldades no trabalho com as novas levas de fugitivos teuto-russos, que continuavam chegando, pela "seita missuriana que trabalhava com todos os meios para conquistá-los", mas também por causa da duplicidade com o Sínodo Evangélico Luterano.[222] No 8º Concílio, em 1935, em Juiz

---

[218] *apud* PRIEN, 2001, p. 532.

[219] Rodolpho F. M. Hasse, Cachoeira do Sul, RS (1890-1968). 1º Vice-presidente da IELB,1937-1940, 2º Vice-presidente da IELB, 1933-1937, 1940-1942; Presidente da IELB, 1942-1957. Iniciou a missão em Portugal; foi locutor da Hora Luterana Internacional no Brasil, 1947-1963, e Diretor da Hora Luterana Internacional no Brasil, 1947-1968. Compilou o primeiro Hinário Luterano, traduzindo e compondo muitos hinos. Doutor em Teologia, 1945, em St. Louis, MO, EUA. Iniciou a missão entre luso-brasileiros em Lagoa Vermelha, RS. Foi pastor em Getúlio Vargas, RS, 1925-1926, Porto Alegre, RS, Congregação Concórdia, 1926-1929, Rio de Janeiro, RJ, 1930-1962.

[220] *apud* PRIEN, 2001, p. 533.

[221] PRIEN, 2001, p. 268.

[222] PRIEN, 2001, p. 336.

de Fora, MG, novamente houve queixas sobre as dificuldades com a seita missuriana, existente em quatro ou cinco pontos do âmbito do Sínodo:

> Em todas as partes onde o Sín. Br. Centr. entra em dificuldades momentâneas ou em desavenças locais, penetra a seita missuriana como parasita, em vez de iniciar um trabalho em regiões do germanismo evangélico eclesiasticamente subatendidas. As pessoas mais sérias dentre os dissidentes de nossas comunidades, no entanto, geralmente retornam mais tarde. Por isso, em termos gerais, a seita missuriana não é bem-sucedida. Todavia, sua presença impede a possibilidade de se exercer uma vigorosa pressão ética sobre nossas comunidades; e também dificilmente os missurianos se retiram novamente de lugares em que uma vez pegaram pé.[223]

No 9º Concílio Geral Ordinário, em 1937, no Rio de Janeiro, RJ, novamente foi citado o Sínodo de Missouri. Era louvada a filiação do Sínodo Evangélico Luterano à Igreja Evangélica Alemã:

> [...] pela necessidade da frente de defesa única contra o Sínodo de Missúri, cujo caráter sectário se reconhece melhor nessa área. Pois se os missurianos realmente quisessem ser luteranos, pelo menos deixariam em paz a área dos teuto-luteranos; mas, como em toda parte, usam também aqui desunião e desgosto de qualquer espécie para colocarem um de seus enviados na área de uma comunidade já organizada.[224]

Muitas histórias da História machucaram e ainda estão na memória de muitas pessoas descendentes de participantes das duas igrejas, inclusive fatos mais recentes. Veja o relato do pastor Odair Braun, na ocasião Pastor Sinodal do Sínodo Paranapanema e vice-presidente da IECLB, em 2019:

> Tenho a impressão de que mais do que posições institucionais, deveria ser estudado e analisado posições individuais. Aqui em Curitiba tínhamos uma bela caminhada conjunta. A cada ano acontecia um dia da Igreja. Era sempre preparado em conjunto. Até o dia em que uma pastora foi designada a pregar em culto celebrado em templo da IECLB e de uma pessoa local da IELB que proibiu a participação dos ministros da IELB. Acabou tudo![225]

A carta que relata este acontecimento está em anexo.[226] A pesquisa tem trazido informações que podem corroborar algumas conclusões de Prien. Por parte dos “sínodos alemães”, o Sínodo de Missouri teria sido acusado inúmeras vezes de se apropriar de comunidades alheias com meios escusos, enquanto se contra-

---

[223] *apud* PRIEN, 2001, p. 339.
[224] PRIEN, 2001, p. 341.
[225] RELACIONAMENTO entre as Igrejas Luteranas. Jornal **O Caminho**, Blumenau, ano XXXIX, n. 6, set./out.2023. p. 12.
[226] ANEXO 4, p. 367. **Carta da CID, região metropolitana de Curitiba, PR.** COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. São Leopoldo. Ata n. 71. 2012. p. 3.

argumentava que grandes áreas não tinham assistência espiritual e que, em geral, quando o SM enviava pastores, atendia somente os pedidos por escrito dos membros destas comunidades. Neste sentido, por um lado, se trataria de uma complementação do trabalho dos sínodos, enquanto, por outro lado, estaria presente uma concorrência:

> Esta situação de concorrência teria levado a que existissem em localidades, relativamente pequenas, ainda hoje, que poderiam ser atendidas apenas por um pastor, duas comunidades que trabalham, não conjuntamente, e, sim, uma contra a outra. Em vista do forte particularismo de determinados grupos ou comunidades no seio dos sínodos, que tinham pouca compreensão pela organização supracomunitária nos sínodos, a situação de concorrência teve que levar a que diferenças de opinião não fossem trabalhadas e superadas nas comunidades, e, sim, levassem rapidamente à divisão, ou, no caso de divergências com a própria diretoria sinodal, inclusive a que comunidades inteiras passassem para o SM.[227]

Pode-se deduzir que, na maioria das ocasiões, não se impunha esta disputa por uma boa argumentação teológica, e, sim, por um atendimento mais barato para as comunidades.

2.3.1.2 Algumas percepções e considerações

Ficam algumas questões em aberto, para que se possa refletir a partir do que foi feito, no que não foi feito, no que não deveria ter sido feito e no que deveria ter sido feito. Caso o Sínodo Riograndense se tivesse identificado como luterano, na oportunidade em que foi fundado, como havia proposto Rotermund, e como aconteceu em 1922, o Sínodo de Missouri teria vindo ao Brasil? O fato de o Sínodo Riograndense não ter assumido uma base confessional específica, seria uma causa justificável para que Missouri enviasse pastores aos mesmos imigrantes alemães evangélicos, criando um sínodo confessional luterano? Conforme se pode contatar nesta pesquisa, os EUA tinham como propósito sua expansão mundial, tanto política, econômica, como religiosa. Numa referência a uma expansão religiosa, especificamente evangélica, se pode perceber através destes relatos históricos, que a vinda de um pastor com formação militar, como Broders, poderia facilitar uma estratégia de busca de uma base confessional, para estabelecer um comando, a partir do qual, se poderia fazer uma expansão confessional. Numa região que tinha imigrantes que falavam e entendiam a língua alemã, que tivessem uma base confessional similar, pode ter sido o ideal.

---

[227] PRIEN, 2001, p. 525.

Talvez a razão inicial de Broders, em não recomendar esta região como missão, teria sido o fato de não haver uma base confessional definida, o que teria mudado depois de encontrar Gowert. Pode-se deduzir que se a intenção fosse realmente de divulgar a confessionalidade luterana, isso poderia ser realizado em regiões onde ainda não houvesse nenhuma presença evangélica, como a região central, norte e nordeste do Brasil? Outrossim, a dúvida realçada sobre uma questão da Convenção do Sínodo Missouri, se o pedido de Brutschin teria vindo durante a Convenção ou depois, não altera o fato de que este pedido pode ter determinado o local especifico onde esta missão teria seus inícios.

Caso Brutschin tivesse aceitado a ideia de trabalhar junto com a Caixa de Deus, talvez os sínodos teriam uma maior confessionalidade? Wilhelm Löhe, que teve grande influência no Sínodo de Missouri,[228] é o mesmo que, através da Caixa de Deus, (mais tarde denominada *Martin-Luther-Verein)* enviou obreiros para um dos sínodos que formariam a IECLB, sendo que esse mesmo sínodo não buscou se unir à IELB. Por outro lado, chama a atenção o fato de Brutschin, vindo de uma igreja unida, da mesma forma como pastores que atuaram no Sínodo Riograndense, como os missionários entre indígenas, Jutrzenka e Haupt, vindos de Berlim, serem aceitos no quadro de obreiros da IELB. Outrossim, a vinda de pastores do Missouri pode não ter sido importante para suprir a grande falta de pastores e professores para atender estas comunidades?

Pode-se questionar por que os pastores ordenados, tanto do Sínodo Riograndense como os de Missouri combateram os “pastores-colonos”, uma vez que esses serviam à Igreja através do sacerdócio geral de todos os crentes? A pesquisa mostra que também pastores ordenados tinham seus problemas éticos e morais. Andar junto com os pastores-colonos, assim como Jesus andava com todas as pessoas, não teria sido uma maneira de auxílios mútuos? Possivelmente, nem o Sínodo Riograndense e nem o Sínodo de Missouri teriam, na época, pastores suficientes para atenderem toda demanda pastoral e escolar aos imigrantes alemães, quiçá, ao povo brasileiro. Muitos evangélicos possivelmente devem ter se juntado a outras denominações não luteranas, e muitos devem ter abandonado a fé cristã. Caso tivesse havido um diálogo fraterno nesta diversidade confessional, menos

[228] PRIEN, 2001, p. 75.

desconfiança mútua, a missão interna e externa teria sido mais abrangente, e hoje haveria mais encontros do que desencontros?

Pode-se observar, por fim, que o fato de o Sínodo Riograndense ter omitido, conscientemente, uma definição confessional mais precisa, pode ter se originado no mandamento da tolerância, do amor, de proporcionar a todos os imigrantes que vieram das mais diferentes igrejas alemãs, uma filiação e uma assistência espiritual e pastoral. O Sínodo de Missouri tem seu mérito em preservar a identidade confessional, o que trouxe impactos importantes também para o desenvolvimento do luteranismo brasileiro. Ao assumir uma confessionalidade fechada, buscava-se preservar a identidade da denominação, mas, que poderia minimizar sua relevância para a sociedade brasileira; outrossim, uma confessionalidade aberta, poderia dificultar manter a identidade da denominação, possibilitando uma ampliação considerável de sua relevância?[229] Por fim, se poderia ressaltar a importância para os imigrantes alemães no Brasil, de terem preservado sua cultura e suas tradições, inclusive através de sua instituição religiosa, dirigida por pessoas da mesma origem étnica. A cultura pode ser um espaço de vida, um momento comunitário onde cada povo produz uma identidade e os caminhos e comportamentos importantes para garantir seu futuro, na luta e na contemplação.

2.3.2 Abraçando o futuro - encontros na diversidade

Beck, em sua obra **Compreender o passado, abraçar o futuro:** vocação da igreja na expectativa do reino de Deus, no tópico sobre a unidade da Igreja, ressalta que na Confissão de Augsburgo (CA), os líderes da Reforma estabeleceram que a igreja cristã existia e sempre existirá; que, para manter a unidade da igreja, era suficiente proclamar a uma voz o Evangelho de Cristo e repartir os sacramentos em conformidade com o mesmo Evangelho e que, quanto a diversidade relativa às tradições, ritos e costumes não dissolveriam a unidade da igreja. Tinham a pressuposição que os artigos de fé expressos nos Credos Apostólico e Niceno e

[229] Há processos históricos próprios e dinâmicos que podem conformar cada denominação, inclusive processos de construção de identidade. A construção da identidade passaria pelo outro. Portanto, a identidade não seria algo que se constrói de maneira isolada, mas se afirma ou se nega o que o outro diz que se é. Especialmente quando há essa proximidade, a necessidade de se demarcar parece ser ainda mais premente. Quanto mais parecido, mas se tem necessidade de se mostrar as diferenças.

reafirmados na CA convergiam na promessa, na dádiva de Cristo, que faz surgir a fé, através da qual os ouvintes do Evangelho e participantes dos sacramentos receberiam os benefícios do mesmo Cristo. Tinham percepção clara do que é essencial no cristianismo:

> Apesar de não ter sido aceita, a proposta luterana de harmonia à base de unanimidade no uso de meios do Espírito Santo que criam a fé, e de tolerância em relação à diversidade de ritos e tradições, continua válida como ponto de partida para entendimento não só com a igreja romana, mas com todas as igrejas protestantes.[230]

De nada ajuda alegar que todos estão unidos na igreja invisível, de que se tem comunhão com todas as igrejas, se isto não se torna visível, palpável, pois a igreja não é uma cidade platônica ou imaginária. Neste sentido, uma igreja que é igreja, que de fato anuncia o Evangelho e distribui os sacramentos, necessita refletir e expressar consenso com todas as igrejas que, de igual maneira o fazem:

> [...] estamos dispostos, como os autores da Confissão de Augsburgo, a reconhecer como tais as igrejas que igualmente anunciam o evangelho e distribuem os sacramentos em conformidade com o evangelho? Estamos dispostos a expressar com elas a unidade da (única) igreja de Jesus Cristo? Ou vamos preferir adotar a posição dos bispos católicos à época da Reforma e dizer: 'Nós somos a igreja; só haverá comunhão se concordarem conosco em todos os pontos da nossa doutrina'?[231]

Muita coisa poderia ter sido diferente e ainda seria possível ser diferente, se as igrejas, especialmente as luteranas, procurassem compreender, na teoria e na prática, a doutrina da CA sobre a unidade da igreja e o diálogo fraterno entre as igrejas cristãs?

2.3.2.1 Comunidades que se reconheceram e se abraçaram

Alguns exemplos próximos deste pesquisador podem ser destacados como exemplos de comunidades que se reconheceram como igrejas unidas em Cristo e se abraçaram em momentos de dificuldades, em momentos de encontros na diversidade. Segue uma resenha, compartilhada por uma pessoa luterana filiada à IELB, sobre a relação das duas igrejas, IELB e IECLB, na região de Nova Prata, RS. Lia Fensterseifer relata que segundo o livro **História de Nova Prata**, de Geraldo Farina,

---

[230] BECK, Nestor L. J. **Compreender o passado abraçar o futuro:** vocação da igreja na expectativa do reino de Deus. São Leopoldo: N. Beck, 1996. p. 109.
[231] BECK, 1996, p. 110.

os alemães teriam chegado naquela região por volta de 1890 e teria se estabelecido na Linha V ou Bento Gonçalves. Naquele mesmo ano, teria sido concedida uma área de terra para a Comunidade Evangélica, os Lotes 51 e 52, pagos em 1897 e 1899 respectivamente. Levando-se em conta a localização destes lotes, pode ser entendido que se tratava da capela da IECLB. Ela se localiza ainda hoje a uns 8 Km do centro de Nova Prata. Lia destaca que a capela da IELB ficava mais ao fundo da Linha, uns 15 km do centro, mais próxima de Vista Alegre do Prata:

> Os luteranos IECLB, na sua grande maioria, emigraram [sic] da Linha V. A maioria foi para Santa Catarina. Segundo alguns historiadores, por falta de assistência religiosa (parece que depois da segunda guerra não tiveram mais pastores), por falta de terras para os filhos, procura por terras mais férteis, etc. E os que restaram, se filiaram na IELB. Acho que isto aconteceu no ministério do teu pai. Depois que a capela IELB foi demolida, e estando a capela IECLB fechada, sem uso, se houve por bem adotá-la para cultos da IELB, também na época do teu pai. E assim continuou com os pastores que se seguiram ao Rev. Rennecke.[232]

A Prefeitura Municipal da localidade decidiu criar uma rota, em 2016, no interior do município, chamada Turismo Religioso e como esta capela seria a construção mais antiga do município, ainda em estado original, ela foi restaurada. Acontecera uma grande solenidade, com prefeito, vereadores e convidados especiais. “Houve culto ecumênico com o pastor Vanderlei Grützmann Vorpagel, da IELB, e o padre católico. Foi totalmente restaurada, seus pertences foram reincorporados e agora os cultos luteranos são feitos nela.”[233]

Outro relato neste sentido, aconteceu na Serra gaúcha, em Caxias do Sul, RS, entre luteranos e metodistas. O pastor luterano da IELB, Walter Paul Rennecke, recebera um chamado para exercer seu Ministério Pastoral, em junho de 1943, após a soltura da sua prisão que perdurou de abril até dezembro de 1942, acusado de ser espião nazista pelo Estado Novo.[234] Iniciou seu trabalho na Vila Barão, então município de Montenegro, RS, e em abril de 1944 iniciou o trabalho missionário em Caxias do Sul, RS. Em novembro de 1947, foi inaugurada a primeira capela, de tábuas, parede dupla, seis janelas e uma porta de duas alas. Media 6,6m por 11m.de

---

[232] RENNECKE, 2019, p. 193.
[233] RENNECKE, 2019, p. 194.
[234] Estado Novo, ou Terceira República Brasileira, é considerada uma ditadura implantada por Getúlio Vargas, no dia 10 de novembro de 1937, que durou politicamente até 29 de outubro de 1945, e de maneira formal até 31 de janeiro de 1946. A política de Vargas se alinhou aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial. Descendentes de países alinhados ao Eixo, como Alemanha, Japão e Itália foram feitos prisioneiros no Brasil.

madeira. Porém, em fins de julho de 1951, ela foi incendiada, por mãos criminosas, sendo o motivo provável a perseguição religiosa:

> Quatro anos mais tarde, na noite do dia 30 para 31 de julho de 1951, numa noite clara e fria de inverno, esta nossa casa de Deus foi incendiada por mãos criminosas e fanáticas, e destruída completamente pelo fogo. [...] Três meses antes pintaram o diabo na fronte da igreja e escreveram na frente da capela 'Esta é a casa do diabo, ninguém deve entrar'. Depois os membros apagaram e pintaram por cima. Foi o fanatismo e ignorância. De quem? Bem, se pode imaginar. Foi um golpe tremendo para a jovem comunidade, que com tanto amor e sacrifício tinha erigido esta nossa capela.[235]

Contudo, após muito esforço por parte da membresia, no Natal de 1959 foi realizado o primeiro culto no templo que emergiu das cinzas da primeira capela. No transcorrer do tempo entre o incêndio e o primeiro culto na nova igreja, de 1951 até 1959, os cultos eram realizados mensalmente, no sábado de noite, no templo da Igreja Metodista, a convite do então pastor daquela denominação, rev. Geraldo Stédile. O primeiro grupo evangélico a se instalar em Caxias do Sul foram os metodistas[236], no início do século XX, como resultado dos processos de imigração que trouxeram outras confessionalidades religiosas. Em torno de 16 famílias vindas do norte da Itália, famílias de valdenses[237] trouxeram a religião protestante. Para trabalhar na região, o grupo metodista chamou em 1921 o reverendo John William Price. No ano de 1922 inaugurou o templo em Caxias do Sul, que existe até hoje.[238] Como filho do pastor Walter Paul Rennecke, este pesquisador exerceu seu Ministério Pastoral em Jundiaí, SP, de 1990 até 1996, onde os cultos luteranos, entre 1995 e 1996, foram realizados também no templo da Igreja Metodista daquela cidade, enquanto era construído o templo próprio, inaugurado em 6 de outubro de 1996, na cidade vizinha de Campo Limpo Paulista, SP.

O teólogo luterano da IELB e historiador Roberto Radünz, relata sobre a chegada dos protestantes ligados à IECLB. Os registros históricos mostravam que os

---

235 RENNECKE, 2019, p. 220.

236 Metodismo foi um movimento de avivamento espiritual que aconteceu na Inglaterra, no século XVIII, e que originou a Igreja Metodista em 1739, dando ênfase à relação íntima do indivíduo com Deus, começando com a conversão pessoal e dando continuidade com uma vida de ética e moral cristã. Outra ênfase foi o seu envolvimento em assuntos de ação social. Foi liderado por John Wesley (1703-1791) e seu irmão Charles Wesley (1707-1788), ambos ministros oriundos da Igreja Anglicana.

237 Pertencentes a uma denominação cristã ascética, originária de seguidores de Pedro Valdo, em 1173, em Lyon, França. Sua ênfase principal era fazer votos de pobreza e de desapego às coisas materiais.

238 RENNECKE, 2019, p. 225-226.

primeiros cultos luteranos da IECLB, em Caxias do Sul, RS, começaram em 1946 e reuniam em torno de 35 pessoas. A criação oficial só teria acontecido dois anos depois, em 30 de maio de 1948, tendo Conrad Luber como um de seus fundadores. Naquela época, os encontros eram dirigidos por pastores que vinham de trem de Montenegro, RS, e, mais tarde, de Dois Irmãos, RS, e de Nova Petrópolis, RS. Por não terem um prédio próprio para a realização dos cultos, as celebrações inicialmente aconteciam na casa de fiéis. Meses depois, da mesma forma como com a IELB, o templo da Igreja Metodista seria alugado para os encontros, duas vezes por mês. A história daria uma guinada com a criação de uma paróquia, em 1964. Neste ano, o Sínodo aprovara também a vinda de um pastor fixo, o norte-americano Robert Carol Maland. O templo começou a ser construído em 1968 e, em apenas um ano, estava pronto, com o apoio financeiro da Obra Gustavo Adolfo, da Alemanha, além do esforço das famílias, que se uniram para ajudarem em mutirões de trabalho.[239]

A mãe deste pesquisador, Iolanda Vrielink, filha de Emilio Vrielink e Elzira Ernestina Neukamp, que residia na Vila de Barão, na época, município de Montenegro, RS, até seus nove anos de idade, fazia parte do Sínodo Riograndense (atual IECLB), cuja paróquia se localizava em General Neto, RS, junto com seu pais, avós, tios e tias (Vrielink e Habeck). Quando da chegada do pastor Walter Paul Rennecke, em 1943, estes familiares se filiaram à IELB, conforme consta:

> Muitas famílias que moravam na região e que frequentavam a igreja luterana do Sínodo Riograndense (hoje IECLB), que era mais distante, pediram filiação para a igreja luterana da IELB, de Barão, atendida pelo pastor Rennecke. Assim foi com a família dos irmãos Edmundo Vrielink e de Fridolino Vrielink, que pediram sua filiação em 7 de janeiro de 1945, e que se tornaram líderes da congregação local. Em 16 de junho de 1946 pediram filiação a família de Augusto Habeck, casado com Olga Vrielink, irmã de Emilio, sogro do pastor, que também se filiou nesta data.[240]

Atualmente, há mais de 30 anos, a IECLB tem seu templo próprio na cidade de Barão, RS, comunidade ligada ao Sínodo Nordeste Gaúcho, sendo que alguns primos de Iolanda voltaram a frequentar a mesma. O pai deste pesquisador, além de Barão, RS, foi fundador e pastor, por 44 anos da comunidade luterana da IELB em Caxias do Sul, RS, (1944-1988) além de pastorear as comunidades Linha V, (Nova

---

[239] *Apud* RENNECKE, 2019, p. 227.
[240] RENNECKE, 2019, p. 139-140.

Prata), (1943-1988), Nova Prata, RS, (1946-1988), Bom Jesus, RS, (1952-1972) e Linha Sebastopol (Caxias do Sul), (1948-1988):

> Em 1948 começamos a atender os nossos irmãos e irmãs em Linha Sebastopol, que se tinham separado do Sínodo Riograndense. Fundamos lá uma pequena comunidade, situada na margem direita do rio Caí, com umas 20 famílias, com umas cento e poucas almas, distante uns 30 Km de Caxias.[241]

Inúmeras pessoas da membresia que ajudaram a fundar estas comunidades acima citadas, eram oriundas do Sínodo Riograndense (IECLB), pois não havia comunidades locais. A atuação ministerial deste pesquisador nas cidades de Jundiaí, SP, (1990-1996) e Vacaria, RS, (1997-2000), também teve estas experiências fraternas de encontros com membresia oriunda da IECLB, por não haver atividades da mesma no local, em convívio fraterno e harmonioso. Desta forma, desde jovem, este pesquisador estranhava este distanciamento entre as duas denominações, uma das razões motivadoras para a realização desta pesquisa. Não haveria espaço para ações distintas das duas igrejas luteranas há cem anos atrás, e não haveria ainda hoje? O Brasil tem 5570 municípios, e pode haver a pergunta: Em quantos há alguma presença luterana? A IELB tem apenas 1948 congregações e pontos de pregação ou missão, e a IECLB tem 1800 comunidades e 900 pontos de pregação. A Igreja precisa ir aonde o povo está! Aqui se poderia concluir que existem coisas que não é preciso fazer em conjunto, como aquilo que não estimula a diversidade; outras coisas que não podem ser feitas conjuntamente, como aquilo que desqualifica a diversidade; e ainda há coisas que se pode fazer juntos, como aquilo que valoriza a diversidade.

2.3.2.2 Hospedagem na IECLB - Documento Final 1ª Conferência

No Documento Final da 1ª Conferência Nacional Interluterana entre as duas Igrejas luteranas, IECLB e IELB, realizada em 1998, consta no artigo 3.11- Prática Comunitária, *inciso 3.11.3: As direções das igrejas são solicitadas a encaminhar às paróquias e comunidades/congregações recomendação conjunta no sentido de acolher membros da igreja irmã como hóspedes nos cultos e celebrações eucarísticas, observadas as situações locais, especialmente aquelas em que é necessário maior diálogo e acolhimento fraterno.* Seguindo a recomendação, buscou-

[241] RENNECKE, 2019, p. 231.

se valer deste acordo para solicitar ser recebido como hóspede na IECLB, e conviver fraternalmente com eles, até o final desta pesquisa, permanecendo membro da IELB, com o intuito de conhecer de fato mais da realidade da IECLB. No dia 25 de agosto de 2022, houve uma reunião presencial entre este pesquisador e o seu pastor congregacional, da Congregação Trindade, IELB, Caxias do Sul, RS, Rev. Elieze Gude, para diálogos sobre a ideia. No dia 31 de agosto de 2022, foi enviada uma carta sobre o assunto para o presidente da IELB, Rev. Geraldo Walmir Schüler. Posteriormente foram enviadas cartas a líderes da IECLB, Martin N. Dreher, Osmar L. Witt, Walter Altmann e orientador Wilhelm Wachholz, com retorno amplamente favorável e com sugestões. No dia 11 de outubro de 2022, foi enviada uma carta sobre o assunto ao pastor da IECLB, Igreja Cristo Bom Pastor, de Caxias do Sul, RS, Rev. Oscar Elias Jans. Finalmente no dia 19 de outubro de 2022, aconteceu uma reunião entre este pesquisador, seu pastor da IELB, Elieze Gude e o pastor da IECLB, Oscar Elias Jans, no templo da IECLB, num diálogo fraterno, de comunhão e aceitação.

No domingo, 30 de outubro de 2022, teve início este processo de "Hospedagem" com a participação no culto referente à comemoração da Reforma Luterana, no templo da Igreja Cristo Bom Pastor, dirigida pelo pastor Oscar Elias Jans. Novamente no dia 2 de abril de 2023, houve a participação no culto dirigido pelo pastor Oscar. Nos dias 2 e 3 de maio de 2023, houve a participação como ouvinte, junto com o pastor local Oscar e com a autorização do Pastor Sinodal Eduardo Stauder, da Atualização Teológica promovida pelo Sínodo Nordeste Gaúcho[242], da IECLB, no CECREI, Centro de Espiritualidade Cristo Rei, em São Leopoldo, RS, onde teve a oportunidade de dialogar com o 1º vice-presidente da IECLB e Secretário de Missões, pastor Odair Braun. No dia 14 de maio de 2023, Dia das Mães, houve a participação novamente no culto dirigido pelo pastor Oscar, com a celebração da Ceia do Senhor. No dia 31 de maio de 2023, houve uma reunião-almoço entre este pesquisador com o seu pastor Elieze Gude, da IELB, e com o pastor Oscar, da IECLB, seguida de uma visita ao templo da comunidade pastoreada pelo pastor Gude. Durante um chimarrão, cada um falou sobre algumas atividades de sua denominação nacional, bênçãos, bem como algumas dificuldades e desafios que precisam ser enfrentados por cada uma

[242] O Sínodo Nordeste Gaúcho, com sua sede em Estância Velha (RS), abrange 66 municípios (Vale do Paranhana, Vale dos Sinos, Vale do Caí e Serra) através de 30 paróquias, 104 comunidades, 96 pontos de pregação e uma área missionária sinodal em Caxias do Sul, totalizando cerca de 57 mil membros batizados.

delas. Houve diálogo fraterno, compreensão, apoio, mesmo nas diferenças. Se concluiu que “navegamos no mesmo mar, em barcos distintos, em direção do mesmo farol, mas que muitas vezes precisam de auxílio mútuo, assim como foi na pesca maravilhosa (Lucas 5.1-11)”. Por fim, houve um diálogo sobre o texto escrito pelo jornalista da IECLB, Edelberto Behs, na revista *online* da Unisinos, Instituto Humanitas, “Igrejas Luteranas já estiveram mais próximas”, sobre alguns testemunhos de líderes de ambas igrejas que participaram das ações que aconteceram através da Comissão Interluterana de Diálogo (CID) (1996-2016) e das Conferências Nacionais Interluteranas (1998, 2001 e 2005).

No domingo, 18 de junho de 2023, houve a participação no culto celebrativo dos 54 anos da inauguração do templo, da IECLB, dirigido pelo pastor Oscar, com a celebração da Ceia do Senhor. Após foi servido um almoço comemorativo nas dependências do salão da comunidade. No domingo, 10 de setembro de 2023, houve a participação no culto dirigido pelo pastor Oscar, com a celebração da Ceia do Senhor e testemunhos sobre as ajudas prestadas localmente por voluntários desta comunidade ao povo flagelado pelos ciclones ocorridos naqueles dias no RS. No dia 3 de outubro de 2023, este pesquisador participou como convidado, junto com o pastor Oscar e com autorização do Pastor Sinodal, da Conferência Ministerial de Ministros e Ministras do Sínodo Nordeste Gaúcho, em Farroupilha, RS, e teve oportunidade de conversar com o 2º vice-presidente da IECLB, pastor Mauro Batista de Souza, sobre esta pesquisa. No domingo, 8 de outubro de 2023, foi um dia de novamente participar como "hóspede", num culto maravilhoso com Ceia do Senhor, dirigido pelo pastor Oscar. Ao meio-dia foi servido um churrasco nas dependências da Comunidade, para auxiliar nos fundos da missão no bairro Ana Rech.

Esta recomendação, para solicitar ser recebido como hóspede na IECLB, e conviver fraternalmente com eles, até o final desta pesquisa, permanecendo membro da IELB, com o intuito de conhecer de fato mais da realidade da IECLB, está baseada num acordo que aconteceu na 1ª Conferência. Se passará a analisar estas Conferências bem como as reuniões da CID, que as promoveram.

3 COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO E AS CONFÊRENCIAS NACIONAIS INTERLUTERANAS

Este capítulo vai analisar nos anais da Comissão Interluterana de Diálogo (CID), e das Conferências Nacionais Interluteranas, promovidas pela CID, os diálogos ocorridos. Poderá se observar nas Conferências realizadas e nas reuniões da CID, aspectos e ênfases presentes nos diálogos, que podem ter dificultado a continuidade destas ações. Talvez um novo modelo de diálogo da CID, que busque um olhar em pontos convergentes das confissões comuns, como encontros de reflexão conjunta, possibilite o diálogo fraterno. Houve, na década de 1990, uma determinação e convicção, por parte de líderes das duas Igrejas, no compromisso em prosseguir no caminho do diálogo mútuo.[243]

Em 25 de junho de 1996, aniversário da Confissão de Augsburgo (CA), numa Mesa Redonda, presidida pelos pastores presidentes das duas Igrejas luteranas, foi constituída a CID, na tentativa de modificar o horizonte à frente no caminho que vinha sendo trilhado pelas duas Igrejas. Também foi feita a sugestão de realizar uma conferência interluterana. Na ocasião foi feita a análise do Convênio de Cooperação, firmado entre ambas em 1994, no segundo semestre após o mês agosto. Desde a época em que se propôs o Convênio, boa parte do tempo foi destinada ao exame da proposta por diferentes instâncias nas duas Igrejas. Vale dizer que na IECLB e na IELB as reações se caracterizaram, em geral, por um sentimento de aprovação, perceptível nas muitas demonstrações de apoio e nas diversas críticas construtivas voltadas ao aperfeiçoamento do documento.[244] Atualmente a CID está sem ação.

Existem atualmente outras duas comissões conjuntas entre as duas igrejas que ainda estão em ação atualmente: a Comissão Interluterana de Literatura (CIL), e a Comissão Editorial da Obras de Lutero (CEOL). A CIL é um grupo de trabalho da IECLB e da IELB que foi criada em 1966. Seu principal objetivo é o de planejar e de promover a editoração e divulgação de literatura do interesse comum de ambas as igrejas e testemunhar, assim, a vida cristã no contexto da sociedade brasileira por

---

[243] Pode ser uma hipótese plausível dizer que essa aproximação se intensifica nos anos 90 em virtude de uma relativa autonomia econômica da IELB em relação à LCMS, justamente num momento em que os recursos fixos advindos da igreja americana começaram a ser cortados.

[244] WEIRICH, SCHUBERT, SILVA, 1999. p. 3, 49.

meio da palavra impressa. São algumas atribuições da CIL: Estudar a possibilidade de publicar em conjunto: periódicos, devocionários, anuários, livros e folhetos; promover a redação, tradução e edição de obras teológicas de necessidade comum; alocar recursos; promover e participar de seminários, encontros, conferências e cursos de teólogos e descobrir e estimular vocações literárias cristãs. As experiências e documentação de mais de 50 anos da CIL demonstram possibilidades de mais encontros entre as igrejas, independentemente de sua comunhão de púlpito e de altar. O devocionário Castelo Forte é um “campeão” no mercado de literatura evangélica.

A CEOL é responsável pela seleção de obras do reformador Martinho Lutero. É composta por dois ou mais teólogos de cada Igreja, IECLB e IELB. Seus membros são convocados pela CIL por um período de quatro anos. Pessoas indicadas pela CIL, carecem da homologação da direção das respectivas igrejas. As atribuições da CEOL são: determinar os conteúdos de cada volume do projeto; providenciar as introduções a cada volume, a cada bloco de escritos e a cada texto; avaliar a redação final dos textos; acompanhar o editor na redação das notas de rodapé. Obras Selecionadas de Martinho Lutero reúnem 14 volumes de aproximadamente 500 páginas cada um, que visa divulgar, em tradução brasileira, escritos representativos das diversas áreas e períodos de atuação do Reformador. Martinho Lutero: obras selecionadas tem sido referência para pessoas de fala portuguesa refletirem sobre aspectos da Reforma.

Já aconteceram três Conferências Interluteranas e que se mostraram frutíferas em vários temas através dos diálogos. Na 1ª Conferência (29 de outubro a 1° de novembro de 1998), houve a firme convicção de que era chegado o tempo de trabalhar mais intensamente pela comunhão e pela unidade das pessoas luteranas no Brasil. Uma caminhada de mais de trinta anos de pessoas de ambas as igrejas em busca desta aproximação intensa havia se concretizado.[245] Na 2ª Conferência (5 a 7 de novembro de 2001), o tema motivador dos trabalhos foi “Identidade e Missão das Igrejas Evangélico-Luteranas no Brasil”, tendo como objetivo contribuir para que a IECLB e a IELB identificassem razões históricas, hermenêuticas e práticas que ajudassem a compreender seus desencontros e que servissem de base para o processo de diálogo e cooperação entre ambas. Na 3ª Conferência (24 a 26 de junho de 2005), houve o lançamento da edição comemorativa da CA, que havia completado 475 anos desde a sua divulgação pública. Este pesquisador participou desta

[245] WEIRICH; SCHUBERT; SILVA, 1999, p. 49.

Conferência. Para analisar os relacionamentos havidos no plano eclesiástico-denominacional entre a IECLB e a IELB, nas experiências das Conferências Interluteranas, promovidas pela CID, se fará uma pesquisa documental nos anais das três Conferências Interluteranas e da CID, com análise dos dados levantados: o que foi realizado, o que deixou de ser feito e como se poderá avançar.

Da 1ª Conferência serão analisadas as palestras proferidas pelo Dr. Gottfried Brakemeier[246], da IECLB e do Dr. Beck, da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), IELB, bem como as reações do Dr. Rudi Zimmer[247], da IELB, e do Dr. Martin N. Dreher[248], da IECLB. "Na época da minha formação teológica, a linha oficial da IELB enfatizava mais as diferenças e a rivalidade em relação a IECLB (FLM, etc.),"[249] afirmou Zimmer, na reação à palestra de Brakemeier. Da 2ª Conferência serão analisadas as palestras proferidas pelo Dr. Joachim H. Fischer, da IECLB, e do Dr. Erní Walter Seibert[250], IELB. Da 3ª Conferência será analisada a palestra proferida pelo Dr. Ricardo W. Rieth[251], da ULBRA, que destacou:

> Mergulhar de cabeça no mundo, com imersão no contexto; pensar a missão também como diaconia; ter a coragem teológica de repensar a própria teologia e desenvolver, a partir disso, uma teologia da missão; ter abertura ecumênica e partir para o diálogo inter-religioso e cultural; incluir a mulher no ministério; vivenciar a cidadania do Reino de Deus já agora, embora ele vá se cumprir em plenitude na escatologia.[252]

---

[246] Brakemeier, nesta ocasião, era pastor e professor na EST, com doutoramento no Novo Testamento. Fora presidente da IECLB entre 1985 e 1994, além de presidente da FLM entre 1990 e 1998.

[247] Zimmer, na ocasião, era pastor da IELB, doutor em Teologia e Secretário para Traduções e Publicações da Sociedade Bíblica do Brasil.

[248] Martin Norberto Dreher, pastor da IECLB, com doutorado em Teologia da Igreja e, na ocasião, professor na Universidade do Rio dos Sinos, UNISINOS, em São Leopoldo, RS.

[249] ZIMMER, Rudi. **O amor reinou supremo.** *In:* WEIRICH, SCHUBERT, SILVA, 1999, p. 27.

[250] Seibert (1952), pastor da IELB, 1974-1985, professor de Teologia na Faculdade Superior de Teologia do Instituto Concórdia, São Paulo, SP, 1985-2002, vice-presidente da IELB, 1988-1992. Doutorado em Ciências da Religião (PHD) e *Doctor in Laws*, *Honoris Causa*, pelo Concordia Seminary, St. Louis, Missouri. Sociedade Bíblica do Brasil; de 1993 até atualmente é Diretor Executivo da Sociedade Bíblica do Brasil (CEO) e membro do Conselho Global das Sociedades Bíblicas Unidas. Representante da América Latina no Comitê Internacional de Educação Teológica do Concílio Luterano Internacional, 2002-2004.

[251] Rieth é formado em Ciências Sociais na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, RS, e Teologia no Seminário Concórdia da IELB, RS. Em nível de doutorado e pós-doutorado, cursou História da Igreja na Universidade de Leipzig, Alemanha e foi professor e pró-reitor de extensão e assuntos comunitários na ULBRA, RS.

[252] RIETH, Ricardo W*. In:* BEHS, Edelberto. **Luteranos mapeiam frentes missionárias**, São Leopoldo: Serviço de Notícias ALC (Agência Latino-Americana e Caribenha de Comunicação), 2005. n.p.

Também será analisada a palestra proferida pelo Dr. Roberto Ervino Zwetsch[253], da IECLB, que afirmou: “Precisamos de uma teologia autóctone que dialogue com a cultura brasileira."[254]

3.1 COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO

Neste tópico, se pretende pesquisar se as experiências realizadas pela CID podem trazer subsídios para a elaboração de uma agenda fraterna e dialogal em nível institucional. Se pesquisará se o diálogo sistemático que acontecia na CID era uma “política de governo”, limitada apenas ao mandato de diretorias interessadas nisso, ou uma “política de estado”, a ser conduzida como compromisso permanente, independente do arbítrio de cada diretoria individualmente; até onde o aspecto pessoal de lideranças das duas denominações pode ter sobreposto seus entendimentos individuais, gerando desencontros e desconfortos. Seguirão apenas destaques das atas das reuniões da CID, no sentido de mostrar os encontros e desencontros que podem ter marcado as mesmas. Os nomes de todos os participantes de cada reunião da CID estão numa tabela.[255]

Como destaques da ata de fundação se ressalta: um dos principais objetivos seria discutir o Convênio de Mútua Cooperação, no qual se deveria acrescentar o “como fazer”; as duas Igrejas deveriam reforçar as coisas boas e concretas que efetivamente estariam ocorrendo e a necessidade de diálogo em torno das questões teológicas conflitantes; fora proposta a realização de uma Conferência Pastoral conjunta em 1997; três pessoas de cada Igreja participariam da Comissão e que fosse dado espaço nos órgãos de informação das duas Igrejas para divulgação das tratativas e resultados alcançados por este Convênio.[256]

---

[253] Zwetsch possui graduação em Teologia pela EST, São Leopoldo, RS, mestrado em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção de São Paulo (1993) e doutorado em Teologia pela EST. Até dezembro de 2009, foi secretário executivo de CETELA - *Comunidad de Educación Teológica Ecuménica Latinoamericana y Caribeña.* Foi professor de Teologia Prática e Missiologia de Faculdades EST, na graduação e pós-graduação. Membro do Conselho Permanente do Fórum Mundial de Teologia e Libertação, representando Faculdades EST e CETELA. De dezembro de 2011 a dezembro de 2017 foi secretário do Conselho Deliberativo da ASTE - Associação de Seminários Teológicos Evangélicos.

[254] ZWETSCH, Roberto Ervino. *In:* **Luteranos mapeiam frentes missionárias**, 2005, n.p.

[255] ANEXO 13, p. 402. **Tabela de participantes das reuniões da CID.**

[256] ANEXO 5, p. 369. **Ata de Fundação da Comissão Coordenadora Permanente.** COMISSÃO COORDENADORA PERMANENTE. Porto Alegre. Ata de fundação da Comissão Coordenadora Permanente. 1995. p. 1-2.

O Convênio de Cooperação, em sua introdução, afirmava que queria buscar condições para alcançar comunhão no uso da Palavra e dos Sacramentos e promover a cooperação em atividades comuns afins. Admitia que as duas Igrejas não tinham investido o devido esforço na aproximação mútua e no desenvolvimento de projetos conjuntos. Destacou-se as seguintes áreas: Literatura; Editoras, reconhecimento das mesmas; Formação Teológica, reconhecimento dos cursos de pós-graduação; Convenções e Conferências; Culto e Música; Missão, evitando a concorrência e animosidade; Serviço Social; Responsabilidade Educacional, especialmente na busca de cooperação conjunta com os órgãos públicos; Responsabilidade Pública, buscando posicionamentos diante dos desafios da época. Seguem alguns destaques deste Convênio: são as duas maiores igrejas de confissão luterana no País; afirmam e buscam a unidade do corpo de Cristo; buscam condições para alcançar comunhão no uso da Palavra e dos Sacramentos, de acordo com a vontade do Senhor Jesus Cristo; promover a identidade confessional; ambas igrejas aceitam as Confissões da Igreja Antiga, a CA e outros documentos básicos da Reforma Luterana. Os objetivos específicos de cada área estão na íntegra do Convênio.[257]

A 2ª reunião da Comissão Coordenadora Permanente aconteceu em setembro de 1996, na sede da IECLB, em Porto Alegre, RS. Feita a leitura da ata da primeira reunião, foram anexados os recortes de dois jornais, do "Jornal Evangélico" (JOREV), da IECLB e de "O Mensageiro Luterano", da IELB, referentes a essa reunião. Na ocasião foi lida a parte da ata do 19° Concílio Geral da IECLB, que aconteceu em Cachoeira do Sul, RS, em 1996, referente ao projeto do Convênio de Cooperação. Consta que a reação dos conciliares à proposta foi favorável, e que a Presidência foi autorizada a assinar o Convênio de Cooperação desde que também houvesse reciprocidade por parte da IELB. Neste sentido, o presidente Heimann relatou que a tramitação dos documentos que, na IELB, visam ao Convênio são mais lentas, pois precisam passar pela Comissão de Teologia e Relações Eclesiais (CTRE), o Conselho Diretor, finalizando com a instância máxima, que é a Convenção Nacional, que seria apenas em abril/98. O reitor da Escola Superior de Teologia (atual Faculdades EST) abordou outra questão prática. A possibilidade de que as duas Igrejas festejassem, em 1997, em conjunto, os 480 anos de pregação das 95 teses do Reformador. Se entendeu na reunião que por parte da IELB, era sabido que ainda

[257] ANEXO 6, p. **372. Convênio de Cooperação.** WEIRICH; SCHUBERT; SILVA, 1999, p. 67-68.

havia reservas em algumas de suas paróquias sobre esta questão. Outrossim, surgiram várias propostas de novo nome para a Comissão e por votação foi aprovado o nome: "Comissão Interluterana de Diálogo." A Comissão também ficou encarregada de estudar e resolver os seguintes itens da agenda: "Como resolver situações conflitivas entre Comunidades e obreiros?" e "Proposta comum de transferência de membros." Se decidiu que a Comissão prestaria contas de suas atividades somente às presidências das duas Igrejas, na forma de uma assessoria. A constituição da Comissão foi estabelecida da seguinte maneira: da parte da IECLB, pastor Bruno Gottwald, pastor Regional Valdemar Lückemeyer e pastor João Artur Müller da Silva. Da parte da IELB: pastor Gerhard Grasel, Dr. Ricardo Rieth e pastor Paulo Proske Weirich. Desta forma, deixara de existir a Comissão Coordenadora Permanente. Para a realização da instalação solene e oficial desta nova Comissão, ficara marcado o dia 5 de dezembro de 1996, na Igreja junto ao Centro Administrativo da IELB, no Bairro Montserrat, Porto Alegre, RS. Ficou também acertado que se faria uma Conferência conjunta de obreiros, em 1997, com duração de dois dias. O objetivo seria a abordagem de enfoques teológicos luteranos, que deveriam ser aprofundados. Heimann agradeceu a recepção fraterna e expressou o seguinte desejo:

> [...] manifesta a esperança de que Deus continue tirando o medo de ambos os lados, numa caminhada bonita e divina, bem de acordo com o espírito luterano. [...] dizendo-se convicto de que estão caindo as escamas dos olhos, permitindo que se trabalhe e se viva fraternalmente em conjunto, guiados pelo Espírito Santo.[258]

Em 14 de novembro de 1996 foi emitida uma carta conjunta entre as presidências das duas Igrejas, aos pastores e professores das congregações e Faculdades de Teologia da Grande Porto Alegre, RS, convidando para um Ato Público que seria promovido pelas duas igrejas, destacando este momento histórico das duas igrejas luteranas.[259] A 3ª reunião da CID aconteceu em março de 1997, na Escola Superior de Teologia, IECLB, em São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Ricardo W. Rieth. Foi sugerido que Rieth fizesse um breve histórico e acenasse com o alvo com que as igrejas se propunham nessa área: parceria e comunhão. A comunhão de púlpito e altar, o proselitismo, a filiação à FLM, o ministério feminino, a cooperação no serviço e outros itens foram lembrados como tópicos desse diálogo intereclesial. Foi

---

[258] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO**. Porto Alegre. Ata n.2. 1996. p. 2.

[259] ANEXO 7, p. 377. **Carta Convite Ato Público.** COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. 1996. p. 1

decidido que se enviasse correspondência aos editores dos jornais de ambas igrejas para que divulgassem fatos e eventos das duas igrejas. A 4ª reunião da CID aconteceu em maio de 1997, na sede da IELB, em Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Ricardo W. Rieth. Aconteceu um diálogo sobre as experiências havidas no passado sobre as relações entre pastores das duas Igrejas Luteranas. Se sugeriu à Comissão Organizadora da 1ª Conferência Interluterana, que os 80 convidados previstos deveriam ser pastores, pastoras, professores, professoras, catequistas e obreiros diaconais e líderes leigos de comunidade. Cada membro ficara encarregado de trazer notícias sobre diálogos e acontecimentos que envolvessem as Igrejas Luteranas no mundo e as organizações internacionais (FLM, CMI, CLI e outras). Os membros acolheram também a proposta de se fazer uma retrospectiva a partir de 1967, da história das duas Igrejas, levando em conta a contribuição da CIL, Luteranos Unidos em Comunicação (LUC), e as reuniões entre as direções de ambas Igrejas. A 5ª reunião da CID aconteceu em setembro de 1997, na ULBRA, Canoas, RS, sob a coordenação de Ricardo W. Rieth.

A 6ª reunião da CID aconteceu em novembro de 1997, na Escola Superior de Teologia, IECLB, São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Ricardo W. Rieth. Estavam presentes conferencistas indicados para a 1ª Conferência. Desejava-se mais um enfoque que se dirigisse para dentro, embora se esperasse também uma irradiação para fora, na ênfase desta primeira Conferência. O objetivo seria discutir o Convênio de Cooperação, aprofundá-lo e traçar linhas para sua execução. O tema geral deveria ser desenvolvido sobre dois eixos: 1) desdobramento da cooperação, envolvendo as comunidades; 2) reflexão sobre a missão das duas Igrejas no Brasil. O pastor Heimann lembrou que a próxima Convenção Nacional da IELB iria deliberar a respeito de um posicionamento de sua Igreja sobre ecumenismo. Foi lembrado que a CID foi criada como instrumento para se alcançar a Comunhão de Púlpito e Altar, entre as duas Igrejas. Enfatizando este propósito, o pastor Heimann declarou que:

> Diante de convergências e apesar de divergências em relação à Santa Ceia, o objetivo último do Convênio de Cooperação é de chegar a esta Comunhão de Púlpito e Altar. Ele próprio ainda gostaria de presenciar a assinatura do protocolo a ser firmado neste sentido pelas duas Igrejas.[260]

[260] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** São Leopoldo. Ata n. 6. 1997. p. 2.

Brakemeier observou que “é importante desarmar qualquer polêmica desnecessária, deixando claro que não se visa uma fusão organizacional das duas Igrejas.”[261] Sobre o "1º Encontro Luterano de Estudos Teológicos" foi apresentado o relatório escrito dos pastores Ely Prieto, da IELB, e Enio R. Müller, da IECLB, responsáveis pela organização. O Encontro fora promovido pela Escola Superior de Teologia, IECLB, e Seminário Concórdia (IELB), nos dias 29 a 30 de setembro e teve como tema “Melanchthon - Vida e Obra”, contando com atividades acadêmicas e culturais e de integração, tendo uma participação de 300 pessoas. Ficaram algumas sugestões: continuar com tais encontros; realizar uma semana acadêmica conjunta de todos os seminários oportunizando encontro entre estudantes e professores referente à teologia e aos currículos; ter turmas mistas de estudantes de seminários diferentes com disciplina comum, a título de ensaio ecumênico entre as duas Igrejas; intercâmbio de estudantes; envolver os Centros Acadêmicos na elaboração do próximo encontro e ter mais momentos de oração e celebração.[262] Foi levantada a questão de ser feita uma edição conjunta do tradicional almanaque "Anuário Evangélico" e o correspondente almanaque da IELB, a exemplo do que acontece com o devocionário "Castelo Forte". O pastor João Artur M. da Silva relatou sobre a Assembleia havida da LUC, que desejava ser um fórum de comunicação a serviço das Igrejas Luteranas na América Latina, tendo como uma de suas metas trabalhar para a efetivação da comunhão de púlpito e altar entre estas Igrejas, sendo o pastor João Artur M. da Silva eleito presidente da mesma, acumulando esta função com a de Coordenador da Região Brasil.

A 7ª reunião aconteceu em março de 1998, no Centro Administrativo da IELB, Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Valdemar Lückemeyer. Houve o encontro com membros da Comissão Organizadora da "1ª Conferência Nacional Interluterana", quando ficou definido o tema geral "Unidade e Missão das Igrejas Luteranas no Brasil", cujo objetivo geral deveria ser "Encaminhar a implantação do Convênio”. A 8ª reunião aconteceu em junho de 1998, juntamente com a Comissão Organizadora da 1º Conferência Nacional Interluterana, em São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Valdemar Lückemeyer. O presidente da IELB comunicou que o Convênio de Cooperação IECLB e IELB foi aprovado na 56ª Convenção Nacional da IELB,

[261] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** São Leopoldo. Ata n. 6. 1997. p. 2.
[262] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** São Leopoldo. Ata n. 6. 1997. p. 2.

realizada em Foz do Iguaçu, PR, nos dias 21 a 25 de abril de 1998. Em entrevista concedida à Agência Latino-americana e Caribenha de Comunicação (ALC), Winterle se referiu aos contatos ecumênicos como:

> [...] um 'namoro' da IELB com as Igrejas Cristãs. Recordou ainda que certa vez o P. G. Brakemeier lhe falou que a IECLB convive com 7 ou 8 linhas de pensamento e por que não haveria de conviver com a IELB. Pois bem, este depoimento de Brakemeier foi considerado por Winterle como um desafio, mas também como uma preocupação para a IELB que está acostumada a conviver com uma linha de pensamento.[263]

O professor Paulo P. Weirich da IELB comentou "que a IELB tem dificuldades de trazer à luz suas dificuldades teológicas internas."[264] A 9ª reunião aconteceu em agosto de 1998, na ULBRA, Canoas, RS, sob a coordenação de Valdemar Lückemeyer. A 10ª reunião aconteceu em outubro de 1998, na sede da IECLB, em Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Valdemar Lückemeyer. O presidente Winterle, da IELB, forneceu informações sobre a origem, a história, os objetivos e as Igrejas filiadas do Concílio Luterano Internacional (CLI), das quais se destaca: o início remontava a um encontro de líderes luteranos confessionais em Uelzen, Alemanha, em 1952, como reação à fundação da FLM; foram realizados mais onze encontros durante três décadas, até que na Guatemala, em 1993, o CLI (ILC) fora criado, com um compromisso com as Sagradas Escrituras como a inspirada e infalível Palavra de Deus e com as Confissões Luteranas contidas no Livro de Concórdia; tem um presidente, um vice-presidente, um secretário e um Comitê Executivo com um representante de cada uma das seis áreas mundiais (África, Ásia oriental, Europa, América Latina, América do Norte, e Ásia sudeste com Austrália). Faziam parte 26 Igrejas e que teriam um encontro de dois em dois anos.[265]

A 11ª reunião da CID aconteceu em novembro de 1998, no Centro Administrativo da IELB, Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Valdemar Lückemeyer. Junto com a Comissão Organizadora da 1ª Conferência Nacional Interluterana, foi realizada uma avaliação da mesma, da qual se destacam alguns itens: a) a escolha tanto dos conferencistas quanto dos reatores, sendo que a participação de todos teria surpreendido agradavelmente; b) se considerou curto o

---

[263] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** Porto Alegre. Ata n.8. 1998. p. 2.
[264] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** Porto Alegre. Ata n.8. 1998. p. 2.
[265] ANEXO 8, p. 379. **Origem da CLI.** COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. Ata n.10. 1998. p. 2.

tempo destinado aos trabalhos em grupos; c) se destacou o *mea culpa* do devocional inicial que teria contribuído fortemente para o espírito de fraternidade. Ressaltou-se a ênfase dada pelos palestrantes em não se valeram nem de críticas mútuas e nem de gentilezas, mas enfocarem a tarefa, os talentos e o desafio. Após a reunião aconteceu uma confraternização de final de ano.

A 12ª reunião da CID aconteceu em março de 1999, na Escola Superior de Teologia, IECLB, em São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Paulo P. Weirich. Foi apresentada a revista com o conteúdo da 1ª Conferência, sob o título “Unidade e Missão das Igrejas Luteranas no Brasil”, publicada pela CIL. Cada Pastor Presidente recebeu 950 exemplares. Ficou resolvido enviar uma carta às Comissões Teológicas das duas igrejas, com o fim de promoverem estudos sobre a Santa Ceia, para discutirem e trabalharem em conjunto a Comunhão Aberta. Os dois Pastores Presidentes enviarão carta às comunidades recomendando o acolhimento mútuo por ocasião da celebração da Ceia. Foi estabelecida uma Comissão que planejasse ações conjuntas pela comemoração do Dia da Reforma. Subsídios litúrgicos deveriam ser elaborados pelas Comissões de Liturgia das duas Igrejas. O professor Ricardo W. Rieth, da IELB, se propôs a verificar junto ao Instituto Ecumênico de Pós-graduação (IEPG) e reitoria da Escola Superior de Teologia sobre a possibilidade de a IELB integrar o Conselho deste IEPG. Foi sugerido convidar o Pastor Sinodal Helmar Roelke, do Sínodo Espírito Santo, da IECLB, para relatar o bom convívio fraterno entre as duas Igrejas naquele Estado, juntamente com o pastor Arnildo Schneider, da IELB.

A 13ª reunião da CID aconteceu em junho de 1999, na ULBRA, Canoas, RS, sob a coordenação de Paulo P. Weirich. Foi informado o evento sobre Simpósio de Lutero, na Escola Superior de Teologia, do Instituto Concórdia, (de São Paulo, SP, da IELB, dias 19 a 23 de julho de 1999, sobre o tema "Comunhão Aberta e Fechada à Mesa do Senhor". Levando em conta a importância do tema para o estágio atual do diálogo IELB-IECLB, foi proposto que a CID pudesse usar um momento dentro do evento para divulgar suas atividades e especialmente as propostas da 1ª Conferência Nacional Interluterana. Tratou-se de encaminhar junto às direções alguns pontos propostos pelo Documento Final da 1ª Conferência Interluterana como: estudos conjuntos em diferentes esferas, relativos à Santa Ceia (cf. item 3.10.2) pelas Comissões Teológicas da IELB e IECLB; carta conjunta das presidências às paróquias estimulando celebrações conjuntas da Reforma entre comunidades da IELB e IECLB,

recomendando o acolhimento mútuo na Santa Ceia em ocasiões especiais, observadas as situações locais (cf. item 3.10.3); nomeação de uma comissão de comunicação IECLB-IELB para planejar, produzir e distribuir vinhetas e inserções de 30 segundos sobre a Reforma. A 14ª reunião da CID aconteceu em agosto de 1999, na sede da IELB, Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Paulo P. Weirich. Winterle, compartilhou que há muitos elementos complicadores para o envio da carta de acolhimento mútuo: “Há muitas reações contrárias a esta iniciativa da hospitalidade eucarística. Poucas reações foram positivas no sentido de se afirmar que finalmente as Igrejas estão se aceitando mutuamente. Por isso, o assunto deve ser tratado com cautela”.[266] Martin Volkmann comunicou que o IEPG havia recebido da IELB a indicação do Dr. Acir Raymann para fazer parte do Conselho. Se concluiu nesta reunião que um dos assuntos que deveria ser trabalhado pelas duas Igrejas seria a questão da interpretação da Bíblia, e, esta poderia ser uma tarefa a ser assumida pelas duas casas de formação teológica das Igrejas. Foi comentado a respeito do Simpósio sobre Lutero - Comunhão e Separação no Altar do Senhor, evento que foi promovido pela Escola Superior de Teologia, do Instituto Concórdia, de São Paulo. Os pastores da IECLB da região de São Paulo não teriam participado, apesar do convite. Weirich relatou sobre os diferentes enfoques que foram apresentados pelos palestrantes, e, na sua avaliação, o Simpósio fora decisivo para a reflexão da IELB sobre a Santa Ceia e que teria aberto caminhos para uma mudança de sua posição.

A 15ª reunião da CID aconteceu em novembro de 1999, na Escola Superior de Teologia, IECLB, em São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Paulo P. Weirich. Foi comunicado que o Encontro das Comissões de Teologia para dialogar sobre Santa Ceia e Acolhimento Mútuo aconteceu no dia 14 de novembro, em Porto Alegre, RS. Weirich comentou sobre a Celebração conjunta da Reforma em Porto Alegre, RS, no Teatro da OSPA, muito bem organizada pelo pastor Carlos R. F. Dreher. Ehlert relatou sobre a celebração em Curitiba e que os pastores teriam sido incentivados a promoverem celebrações menores em vários locais. Entre os recuos que teriam acontecido, foram citados a relação de cooperação entre as duas comunidades luteranas de São Leopoldo, RS, e a demora da carta sobre Acolhimento Mútuo, embora por alguns esta demora estaria sendo interpretada como sábia e salutar.

---

[266] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** Porto Alegre. Ata n. 14. 1999. p. 1.

A 16ª reunião da CID aconteceu em março de 2000, na sede da IECLB, em Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Heinz Ehlert. Os dois presidentes comentaram os respectivos propostas de ação e seus planejamentos para o ano em curso e foi pensada a possibilidade de as duas igrejas terem um tema anual comum num futuro próximo. O presidente Kirchheim fez considerações sobre os debates, estudos e encontros que aconteceram nos últimos 30 anos, em todos os continentes, sobre o diálogo entre luteranos e católicos. Comentou que a DCDJ fora assinada em 31 de outubro de 1999. Segundo ele, "as reações e impressões sobre esse fato eclesiástico histórico foram as mais variadas, desde as mais receosas (perdemos a identidade) até as mais eufóricas (agora somos um (1))."[267] O estudo comum da Bíblia entre católicos e luteranos teria aproximado a ambos. A aproximação não nivelaria, não criaria comunhão entre as partes, mas geraria um clima de respeito e boa vontade. Acusações do passado teriam sido revistas. Kirchheim fez a pergunta: "O que aprendemos desse processo? Que lições são centrais?" Seguem alguns pontos ressaltados por ele:

> A - Igreja Católica Romana não ensina que somos salvos por nossas obras e que a Igreja Luterana não ensina que as obras são irrelevantes na vida de fé. Declaração explica, tira do caminho mal entendidos. A Declaração não esconde diferenças, e isso alivia a condenação mútua. [...] D - A Declaração Conjunta é um fundamento importante para continuarmos o diálogo entre luteranos e católicos romanos e as igrejas cristãs em si. Nela recebemos ânimo para buscar diálogo e termos uma plataforma para o futuro. [...] Tal convivência não será sinônimo de uniformidade. Cada igreja tem seu dom, seu talento precioso. Temos como luteranos, muito a repartir nesse diálogo interconfessional. [...] Que reflexos tem essa assinatura para a ação da CID, já que a IELB e IECLB tem posicionamentos diferenciados em algumas questões?[268]

O presidente Winterle destacou que "a IELB não teve a mesma caminhada que a IECLB. Precisamos preservar a unidade da IELB para não inviabilizar o projeto de diálogo, aproximação e comunhão fraternal."[269] Nesta reunião aconteceu um diálogo com os editores dos jornais Mensageiro Luterano, da IELB, e Jornal Evangélico, da IECLB. Esteve presente a jornalista da IECLB, Anete Pedro Nascimento, e o pastor Dieter Joel Jagnow, da IELB. O objetivo desse encontro e diálogo foi o de estimular que a imprensa das duas igrejas se aproximasse. Dentro da necessidade de troca de notícias entre as duas igrejas, se sugeriu que houvesse

---

[267] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** Porto Alegre. Ata n.16. 2000. p. 1.
[268] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** Porto Alegre. Ata n.16. 2000. p. 2.
[269] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO**. Porto Alegre. Ata n.16. 2000. p. 3.

textos editados nos dois veículos simultaneamente e que os dois editores deveriam conversar sobre o planejamento das pautas do ano seguinte. O grupo de comunicação da 1º Conferência Interluterana em Rodeio 12, SC, havia encaminhado a ideia de criar a assessoria de Imprensa interluterana que divulgasse as duas igrejas. Por fim, se manifestou o desejo de que os departamentos de jovens, homens e mulheres convidassem líderes da igreja irmã para participarem dos respectivos eventos, como congressos distritais e nacionais.

A 17ª reunião aconteceu em maio de 2000, no Instituto Concórdia de São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Heinz Ehlert. Foi relatado sobre um encontro com representantes do Corpo Docente e Discente do Instituto Concórdia, com a duração de uma hora. O professor Weirich informou que o Dr. Ingo Wulfhorst, da IECLB, havia escrito um artigo (Ressurreição ou Reencarnação?) que fora publicado na edição de abril do Mensageiro Luterano da IELB. Foi também citado que três pastores da IECLB já se encontravam na ULBRA, assumindo aulas na área de Ciências da Religião. Sob a coordenação de Heinz Ehlert, o que se pode destacar da 18ª reunião realizada em agosto de 2000, na Escola Superior de Teologia, da IECLB, São Leopoldo, RS, foi o relato do encontro com docentes da EST, da IECLB. Wanda Deifelt destacou a presença da IELB no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG/EST), tanto no seu Conselho Ecumênico como em seu corpo discente e docente. Quanto aos temas a serem trabalhados na 2ª Conferência Nacional Interluterana, o vice-presidente da IELB, Vilson Regina, entende que seria desejável tratar de questões que dividem, que são problema: Santa Ceia, inerrância da Bíblia, imortalidade da alma e ministério pastoral. Em reação a essas propostas foi dito que não se deveria tomar assuntos totalmente novos, mas insistir na análise das recomendações feitas na 1ª Conferência. O tema Santa Ceia e Ministérios poderia ser pouco agregador. A 19ª reunião da CID aconteceu em outubro de 2000, na ULBRA, Canoas, RS, sob a coordenação de Heinz Ehlert Tratando sobre a 2ª Conferência Interluterana, se sugeriu que a temática não deveria ser algo que levantasse conflitos, mas que buscasse a Unidade na Missão. Foi definido o local desta Conferência, em Rodeio 12, SC, como a primeira opção e se esperava que novamente fossem convidadas pessoas abertas a este diálogo.

A 20ª reunião da CID aconteceu em novembro de 2000, sob a coordenação de Heinz Ehlert, da IECLB. Numa avaliação da caminhada após a 1ª Conferência, a

CID reconheceu sinais alentadores e ao mesmo tempo a necessidade de estímulos constantes em diferentes áreas. Os jornais haviam iniciado uma nova caminhada com publicação conjunta de cadernos. As promoções conjuntas por ocasião da Reforma também já faziam parte do calendário anual de eventos das igrejas em muitos locais. Ehlert relatou experiências muito positivas que teriam acontecido em Curitiba, PR, na Capelania Hospitalar. Fazia referência especialmente ao 2º Congresso Ecumênico de Assistência Hospitalar, em outubro de 2001. Sobre as comemorações da Reforma, foi informado que o culto conjunto marcado para São Leopoldo, RS, fora desmarcado na última hora, pelo pastor da IELB. A celebração em Porto Alegre, RS, teve a participação de uma união coral de 150 vozes, na igreja da IECLB, na rua Senhor dos Passos, sendo a mensagem proferida pelo pastor da IELB, Gerhard Grasel. Foi sugerido que para a 2ª Conferência, 50% dos convidados fossem participantes da 1ª Conferência e 50% fossem novos nomes, para contribuir no avanço dessa cooperação. Ficou como sugestão o tema “Identidade e Missão das Igrejas Luteranas no Brasil”, com os subtemas: a) Formação Histórica e b) Transformação Histórica. Sugeriu-se envolver as congregações locais no evento, visando à comunhão interluterana regional.

A 21ª reunião da CID aconteceu em março de 2001, na sede da IECLB, em Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Gerhard Grasel. Winterle relatou sobre o trabalho das duas Comissões Teológicas a respeito do tema Santa Ceia e apresentou uma proposta de carta às congregações da IECLB e IELB, animando-as em relação ao tema Acolhimento Mútuo na Santa Ceia. Ficou a proposta de que os pastores Gerson L. Linden (IELB) e Günter Wehrmann (IECLB) fariam uma nova redação. Falou-se sobre a Comissão de Vinhetas e se decidiu produzir vinhetas em vídeo para 2001, sendo os temas propostos: sentido da vida, ética, valorização do corpo, respeito ao ser humano, limites na vida. Astomiro propôs que os vídeos fossem produzidos pela Agência Experimental da Faculdade de Comunicação Social da ULBRA. Seguem alguns destaques da carta assinada pelos dois presidentes das duas Igrejas, que seria enviada aos pastores para estudo e análise sobre a Santa Ceia, em 11 de setembro de 2001. Como razão deste documento de estudo, as duas comissões de teologia passaram a se encontrar, a partir de setembro de 1999, estudando sobre a questão da “hospitalidade eucarística”, a partir de um exame da Escritura Sagrada e das Confissões Luteranas e não de um acordo político-eclesiástico. Após quatro reuniões,

surgiram alguns pontos de consenso como: a presença real do corpo e sangue de Cristo em, com e sob os elementos do pão e do vinho, como um momento de arrependimento e fé para a participação na Santa Ceia e como perdoado por Cristo, se é liberto para anunciar o Evangelho, perdoar uns aos outros, repartir o pão com as pessoas famintas e atender o próximo em todas as suas necessidades. Como questões em estudo, onde não havia consenso, se destaca: quais os elementos visíveis utilizados na Santa Ceia (vinho, suco de uva, pão com fermento); sobre os participantes da Santa Ceia, se deve entender a Santa Ceia como sendo uma comunhão aberta ou fechada? Também sobre o celebrante da Santa Ceia, pois não há consenso entre as igrejas luteranas sobre a ordenação de mulheres para o ofício pastoral. Carta na íntegra no anexo.[270]

Na 22ª reunião da CID realizada em maio de 2001, no Seminário Concórdia da IELB, em São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Gerhard Grasel, foram definidos os nomes de palestrantes e reatores para a 2ª Conferência e se sugeriu que seria necessário precisar melhor o objetivo geral proposto para a conferência, qual seria, "[...] contribuir para que IELB e IECLB identifiquem razões históricas, hermenêuticas e práticas que ajudem a compreender seus desencontros e que sirvam de base para o processo de diálogo e cooperação."[271] Quanto ao ensino religioso e à capelania escolar/universitária, se relatou que de três em três meses estavam ocorrendo encontros na ULBRA/Canoas, RS, aos quais obreiros/as da IECLB poderiam se integrar. Falou-se acerca da necessidade de fomentar equipes interluteranas para a produção de material para ensino religioso e catequético. Grasel, comentou sua percepção de que "[...] em comunidades da IELB, cada vez menos, pessoas de fora têm sido excluídas da participação na Santa Ceia."[272]

A 23ª reunião da CID aconteceu em julho de 2001, no Centro Administrativo da Escola Superior de Teologia, IECLB, em São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Gerhard Grasel. Nesta reunião ocorreu o encontro com os formandos da EST. Estavam presentes 13 estudantes que foram informados a respeito do histórico da CID, do Convênio de Cooperação e da 1° Conferência Nacional Interluterana, havendo um diálogo sobre o exposto. A 24ª reunião da CID aconteceu em setembro

---

[270] ANEXO 9, p. 381. **Sobre a celebração da Santa Ceia.** COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. 2001. p. 1-6.
[271] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** São Leopoldo. Ata n. 22. 2001. p. 1.
[272] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** São Leopoldo. Ata n. 22. 2001. p. 2.

de 2001, no Centro Administrativo da IELB, em Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Gerhard Grasel. Se observou a necessidade de se promover uma maior integração entre as Faculdades de Teologia (Escola Superior de Teologia, Seminário Concórdia e Teologia da ULBRA). A 25ª reunião da CID aconteceu nas dependências do Lar Rodeio 12, da IECLB, em SC, em várias sessões. A primeira sessão foi realizada no dia 5 de novembro de 2001, sob a coordenação de Gerhard Grasel. Constatou-se que algumas pessoas previstas como coordenadores e secretários dos grupos de trabalho não estariam presentes, sendo necessária a designação de substitutos. A segunda sessão se deu às 18h do mesmo dia. A terceira sessão foi chamada em caráter de emergência, durante os trabalhos de grupos, no dia 6, devido a pedidos no sentido de reestruturar o programa para permitir um encerramento mais cedo no dia 7.

A 26ª reunião da CID aconteceu na ULBRA, Canoas, RS, em dezembro de 2001, sob a coordenação de Gerhard Grasel. Ehlert que comentou sobre a importância de um arquivo dos documentos da CID e que o local deste arquivo fosse a sede da CIL. Foi feita uma breve avaliação da 2ª Conferência Interluterana, e dos palestrantes. Rieth e Weirich observaram de maneira positiva a coragem do professor Seibert, ao dizer que a IELB, apesar de ter oficialmente apenas uma linha hermenêutica, na verdade não conseguia praticá-la. Ehlert perguntou como a CID poderia estimular o diálogo para se chegar à comunhão de púlpito e altar a partir das colocações feitas nesta conferência. Witt lembrou que o assunto da Santa Ceia deveria ter sido tratado, conforme o próprio Winterle havia observado. Dreher pontuou que o assunto da Santa Ceia deveria ser prioridade na próxima conferência. Para ele, o grande sentimento foram as reais diferenças entre as duas igrejas. Ehlert concordou que houvera avanços pela coragem em trazer assuntos polêmicos e conflitantes no diálogo e que a conferência revelou a realidade das diferenças. Schmidt destacou sobre uma conferência interluterana regional que seria realizada na região sul do RS, em maio de 2002.

A 27ª reunião da CID aconteceu em março de 2002, na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Osmar L. Witt. O pastor Grasel ficou encarregado de redigir uma carta de agradecimento à FLM pelo apoio financeiro da 2ª Conferência Nacional Interluterana. Foi informado que a IELB decidirá na sua Convenção Nacional em abril sobre o fechamento de um dos seus seminários. Haveria uma proposta no sentido de a IELB e IECLB manterem um Seminário comum

em São Paulo. A CID via com bons olhos essa proposta e iria ser manifestado esse apoio. Registrou-se que no dia 30 de maio daquele ano, aconteceria em Pelotas, RS, uma Conferência Interluterana Regional, a ser promovida pelo Sínodo Sul Riograndense e dois Distritos da IELB. O tema versaria sobre o Histórico das duas Conferências Nacionais, o Convênio de Cooperação entre IELB e IECLB e, talvez, mais um tema como Santa Ceia. A 28ª reunião da CID se realizou em julho de 2002, no Centro Administrativo da IELB, Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Osmar L. Witt. Os presidentes das duas igrejas falaram sobre o Diálogo Interluterano referente à Celebração da Santa Ceia e destacaram a fraternidade do encontro e o clima favorável ao diálogo. Foi lido, apresentado, comentado e modificado o texto provisório sobre o diálogo sobre a Santa Ceia entre IECLB/IELB. Seguem alguns destaques: não se teria recebido muitas reações; alguns opinaram que a comunhão na Santa Ceia envolveria também comunhão na unidade de fé; que para a IELB esta prática se tornava mais difícil tendo em vista a sua prática de longo tempo de comunhão fechada; se recomendou a continuidade do estudo nas comunidades, que as conferências (concílios, conselhos distritais etc.) debatessem o tema e que as presidências esclarecessem que nenhuma decisão deveria ser tomada de cima para baixo, como alguns estariam interpretando. Texto na íntegra em anexo.[273] Na sequência da reunião, os presidentes também sugeriram que:

> [...] a CID promovesse encontros para troca de experiências de representantes de setores, como planejamento missionário, educação, educação teológica, fixação e apoio ao colono na terra, saúde, pensão, capelania hospitalar, previdência social, centro de formação de obreiros. A sugestão foi de promover o encontro de líderes de setores, de áreas das duas igrejas e começar a trocar ideias, repartir dificuldades, pensar as oportunidades.[274]

Winterle comunicou que a CTRE, da IELB, estava estudando a possibilidade de a IELB ser membro associado da FLM. O presidente Kirchheim aconselhou a IELB a se fazer presente e participar do Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI)[275], pois seria uma oportunidade de diálogo com outras igrejas cristãs próximas e de

---

[273] ANEXO 10, p. 388. **Diálogo sobre a Santa Ceia IELB/IECLB.** COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. 2002. p. 1.

[274] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** Porto Alegre. Ata n. 28. 2002. p. 1.

[275] O Conselho Latino-Americano de Igrejas é uma organização de igrejas e movimentos cristãos instituída em 1983, no Peru, para promover a unidade entre os cristãos da América Latina e do Caribe. É um organismo de consulta, apoio e coordenação. Não exerce autoridade sobre seus membros com respeito à doutrina, governo e culto. Tem a sua sede atualmente em Quito, Equador.

crescimento no conhecimento da realidade eclesiástica. Kirchheim também recomendou que se estudasse o texto sobre Eucaristia da Comissão de Diálogo Católico Romano - Luterano para o enriquecimento mútuo sobre o tema. Witt lembrou do Simpósio sobre Confessionalidade Luterana na Escola Superior de Teologia, que acolheria estudantes de teologia das duas igrejas. A partir do documento final da 2ª Conferência Nacional Interluterana foram comentadas as áreas de ação. Ficou decidido que na próxima reunião seria convidado o reitor Dr. Lothar Carlos Hoch, o diretor do Seminário Concórdia, professor Paulo M. Nerbas e o Dr. Leopoldo Heimann, ex-presidente da IELB, para falarem sobre a aproximação das casas de formação teológica, levando em conta as recomendações da 1ª e 2ª Conferência Nacional Interluterana. Foi também proposto convidar a pessoa representante da Associação Nacional de Escolas Luteranas (ANEL), da IELB, e o coordenador do Departamento de Educação da IECLB para a reunião seguinte da CID. Foi lembrado que seria oportuno e proveitoso que os conselhos sinodais da IECLB e conselhos distritais da IELB se visitassem mutuamente e que seus representantes tivessem espaço para falarem sobre seu trabalho e propósitos.

A 29ª reunião aconteceu em setembro de 2002, na Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Osmar L. Witt, onde foi feita uma avaliação do Simpósio sobre Identidade Luterana, ocorrido na mesma. O Simpósio havia sido pensado como uma promoção conjunta da Escola Superior de Teologia e Seminário Concórdia. Por várias razões de organização (mudança de datas), acabou sendo só da EST, mas foram convidados como palestrantes professores do Concórdia e da ULBRA e seus estudantes que participaram em número reduzido. Witt ainda informou que o número de participantes (evento aberto) foi bem expressivo, com cerca de 200 pessoas, que foi prestigiado também com a presença do vice-presidente da IELB, Paulo Kerte Jung e da IECLB, Dr. Walter Altmann. A 30ª reunião aconteceu em novembro de 2002, na ULBRA, Canoas, RS sob a coordenação de Osmar L. Witt.

A 31ª reunião da CID aconteceu em março de 2003, na sede da IELB, Porto Alegre, RS. Foi ressaltado que as duas Igrejas deveriam manifestar conjuntamente nas questões sobre Responsabilidade Pública e Capelania Hospitalar e também sempre que possível através da CONIC, para a sociedade ouvir apenas uma voz dos luteranos e não vozes diferentes. A IELB estaria com uma proposta de filiação à FLM como membro associado e não como membro pleno, sem necessitar a comunhão de

púlpito e altar. Foi comentada a importância das duas Igrejas se manifestarem sobre o programa governamental "Fome Zero". Participaram da reunião os responsáveis pelas escolas nas duas igrejas e se concluiu que havia situações comuns nas duas igrejas em relação às escolas, como problemas entre comunidade e escola, com confessionalidade e com a administração das escolas, sendo que esses problemas comuns justificariam iniciativas e caminhadas conjuntas nesta área.

A reunião 32ª aconteceu em maio de 2003, na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Marcos Schmidt. A 33ª reunião da CID aconteceu em agosto de 2003, no Seminário Concórdia, da IELB, em São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Marcos Schmidt. Houve um diálogo com os responsáveis pela área de educação formal (escolas) de ambas as Igrejas. Ficou claro que cooperação mais estreita entre ambas as igrejas, nesta área, era desejável e poderia fortalecer ambos os lados na busca de soluções para situações críticas. A questão mais em evidência, na ocasião, era a sobrevivência da escola comunitária. Sobre o diálogo com formandos do Seminário Concórdia consta que fora muito vivo e participativo, havendo oportunidade para abrir a visão dos formandos para a possiblidade de cooperação entre ambas as igrejas. A 34ª reunião aconteceu em outubro de 2003, em Canoas, RS, durante o Fórum de Teologia da ULBRA, "Lutero como Educador", sob a coordenação de Marcos Schmidt. Embora tenha sido uma promoção da ULBRA e seu Curso de Teologia, haviam sido convidados o presidente da IECLB e o corpo docente e discente da Escola Superior de Teologia. Além disso atuaram como palestrantes e reatores docentes e outros membros da IECLB. Weirich relatou sobre sua participação, num concílio de pastores da IELB do Distrito Espírito Santo. Coubera-lhe apresentar um estudo sobre a área de comunicação, culto e liturgia. Embora sentisse nos colegas sincero engajamento no trabalho da Igreja, pode perceber bastante resistência quando o assunto era cooperação com a IECLB, na área. Existia preconceito e necessidade de informações mais precisas sobre normas e práticas na IECLB. A reunião 35ª ficara marcada para novembro, na sede da IECLB e seriam convidados os presidentes das duas Igrejas, com vistas à avaliação da jornada da CID e para a tradicional confraternização de encerramento do ano, com churrasco. Não se encontrou o registro desta ata.[276]

[276] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** Canoas. Ata n. 34. 2003. p. 1.

A 36ª reunião aconteceu em abril de 2004, na Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Heinz Ehlert, no intervalo da programação do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana. A 37ª reunião aconteceu em julho de 2004, nas dependências do Centro Administrativo da IELB, Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Heinz Ehlert. A 38ª reunião aconteceu em setembro de 2004, na sede da IELB, em Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Heinz Ehlert. A 39ª reunião aconteceu em outubro de 2004, sob a coordenação de Heinz Ehlert, na ULBRA, Canoas, RS, por ocasião do 30º Fórum de Teologia sobre Lutero, promovido pela Teologia da ULBRA. A 40ª reunião aconteceu em dezembro de 2004, na sede da IECLB, em Porto Alegre, RS, sob a coordenação do pastor Heinz Ehlert. O presidente Walter Altmann, da IECLB, entendeu "que as duas igrejas tinham uma missão em comum e não em competição no Brasil, sobretudo em vista do ambiente de pluralidade religiosa. Afirmou que há uma tarefa conjunta no testemunho da liberdade cristã."[277] Winterle trouxe sua saudação fraterna e incluiu uma fraterna provocação, dizendo que a CID falava muito, mas fazia pouco. Por isso, desafiou a comissão a que abraçasse alguns assuntos que entendia serem relevantes no âmbito das duas igrejas, como, por exemplo:

> [...] buscar mais trabalho em conjunto no que respeita ao apoio aos pequenos agricultores, ao serviço social, à literatura e educação formal. Há vários campos em que podemos trabalhar em conjunto que não a comunhão de púlpito e altar – sobre o que há resistências, especialmente, na IELB.[278]

Foi acolhida a dinâmica proposta pela Comissão Organizadora para a 1ª sessão da 3ª Conferência: a) relato sobre experiências já feitas; b) relatos sobre os pré-encontros regionalizados; c) mapeamento da missão nas duas igrejas e planejamento missionário. A pergunta a ser perseguida na conferência poderia ser: "As igrejas podem rever seus planejamentos missionários em vista de uma maior cooperação nesse campo?"[279] Winterle afirmou que no próximo ano, a CID buscaria a publicação de um caderno em formato popular que reunisse os documentos já produzidos na caminhada de diálogo (o material da 2ª Conferência que ainda não havia sido publicado).

---

[277] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** Porto Alegre. Ata n. 40. 2004. p. 1.
[278] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO**. Porto Alegre. Ata n. 40. 2004. p. 1.
[279] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** Porto Alegre. Ata n. 40. 2004. p. 1.

A 41ª reunião aconteceu em março de 2005, na Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Paulo P. Weirich. Dreher propôs que fossem colocados mais detalhes na carta-convite para as pré-conferências, a fim de que os pré-conferencistas tivessem melhor direcionamento, questões como Santa Ceia, hospitalidade eucarística etc. Weirich discordou, "pois isto poderia inibir a espontaneidade dos debates."[280] Com a presença da coordenadora pedagógica da Rede Sinodal da IECLB, foi realizada uma explanação do trabalho sobre as 60 escolas integradas na Rede Sinodal, a maioria no sul do país: havia sido aprovado um planejamento estratégico para os anos seguintes; havia a preocupação com a filosofia luterana, o "fio condutor"; o Conselho de Educação da IECLB se reunia quatro vezes por ano; pastorado escolar – atividades espirituais – estavam presentes em sete escolas da rede sinodal. Foi desafiado que as entidades educacionais das duas igrejas tivessem encontros periódicos para mais diálogo. Foi realizada uma reunião com estudantes da EST, da IECLB, de São Leopoldo, RS. Estavam presentes, junto com os integrantes da CID, dez estudantes. Weirich fez um breve histórico da CID e falou sobre alguns documentos e trabalho em conjunto das duas igrejas. A 42ª reunião aconteceu em junho de 2005, no Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Paulo P. Weirich. A 43ª reunião aconteceu em setembro de 2005, na Paróquia Matriz da IECLB, à rua Senhor dos Passos, Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Paulo P. Weirich. Foi feito um levantamento da 3ª Conferência Interluterana, sendo analisados os documentos dos cinco grupos da mesma, bem como as intervenções da plenária. Foi lida uma correspondência do presidente Winterle sobre a organização da 3ª Conferência Interluterana, que foi acatada e as observações iriam servir para orientação na organização de próximos eventos da CID. Alguns destaques da carta: foi sentido um bom ambiente entre todos os participantes, ninguém veio com "pedras na mão"; fora anunciado o lançamento da CA e a sessão de autógrafos com os presidentes mas, não havia exemplares disponíveis à venda; fora sugerido que cada igreja trouxesse o mapeamento das suas missões e atividades, porém, não houve uma solicitação explícita e nem foi colocado na agenda; o culto celebrativo fora delegado à Congregação Concórdia, mas, a divulgação do mesmo não fora suficiente, pois somente a comunidade local participou, nem

[280] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** Porto Alegre. Ata n. 41. 2005. p. 1.

professores e alunos do Seminário Concórdia, nem da Escola Superior de Teologia, nem pastores do Distrito e do Sínodo.[281]

A 44ª reunião aconteceu em dezembro de 2005, na sede da IELB, sob a coordenação de Paulo P. Weirich. A 45ª reunião da CID aconteceu em março de 2006, na sede da IELB, Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Carlos F. R. Dreher. Quanto a ideia de redigir uma Carta Pastoral referente ao ano de eleições, a CID se propôs a fazer uma proposta de redação, sendo reforçada a necessidade de que a carta fosse feita em conjunto e fosse divulgada nas comunidades e na mídia eclesiástica. Verner Hoefelmann relatou sobre a Escola Superior de Teologia, mencionando que era a casa de formação mais antiga da IECLB e também falou sobre os outros dois centros de formação da IECLB, a Faculdade Luterana de Teologia (FLT), em São Bento do Sul, SC e a Faculdade de Teologia Evangélica (FATEV), em Curitiba, PR:

> Os outros dois centros de formação na IECLB estão vinculados a movimentos que nela atuam e dela fazem parte. Originalmente, em Curitiba, vislumbrou-se, exclusivamente, a formação para o ministério missionário. Entrementes, lá também se formam candidatos ao ministério pastoral. Existem esforços de cooperação entre as instituições, mas nem sempre se pode afirmar que todas estão afinadas aos mesmos objetivos. Tem sido incentivado o intercâmbio de estudantes, e têm-se reconhecido os créditos cursados. São centros com características e perspectivas teológicas diferentes.[282]

Gerson L. Linden, diretor do Seminário Concórdia, lembrou que os fóruns e os simpósios que aconteciam eram iniciativas que iam ao encontro dos objetivos propostos nas conferências interluteranas. Na sua opinião, as características de cada curso dificultariam um intercâmbio de estudantes e docentes, mas, que na pós-graduação seria possível uma maior cooperação, além da participação docente em bancas. Ehlert lembrou que o aprofundamento dos estudos hermenêuticos era importante com vista à busca da comunhão de púlpito e altar previstos no Convênio. Dreher acentuou que era preciso avançar com mais coragem no que diz respeito às atividades em conjunto: “Estamos por demais presos às nossas heranças históricas. Por vezes, parece que uma cooperação com os irmãos católicos é menos difícil do que entre nós!”.[283] Ehlert ainda lembrou que: “Diálogo implicava em saber ouvir o

---

[281] ANEXO 11, p. 390. **Aos integrantes da CID.** COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. 2005. p. 1.
[282] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** Porto Alegre. Ata n. 45. 2006. p. 2.
[283] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO**. Porto Alegre. Ata n. 45. 2006. p. 3.

outro. O diálogo interreligioso não significava aceitar que tudo o que o outro cresse fosse bom, mas se buscar ouvir e procurar entender.[284]

A 46ª reunião aconteceu em maio de 2006, no Centro Administrativo da IELB, sob a coordenação de Carlos F. R. Dreher. O pastor Edgar Lemke, da IELB, expôs sua situação na ocasião de membro da CID e também da CTRE e que deveria optar por uma das duas. Foi também comentada que a CID, conforme redefinição na última Convenção da IELB, não estaria mais subordinada ao presidente da IELB, mas à CTRE. O presidente Altmann se referiu a situação do movimento carismático dentro da IECLB, especialmente sobre a reconstituição das congregações afetadas. Estavam regressando pastores e congregações à comunhão da igreja que haviam sido disciplinadas. Em torno de dois mil membros teriam saído da igreja, além de vários pastores e diáconos. Os locais atingidos estariam sendo visitados pelo presidente, onde também estaria pessoalmente instalando novos pastores. A 47ª reunião aconteceu em outubro de 2006, no Centro Administrativo da IELB, em Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Carlos F. R. Dreher. Foi relatado que, infelizmente, não fora possível expedir uma Carta Pastoral conjunta das presidências das duas Igrejas, mas só da IECLB, da qual Dreher distribui cópias. A 48ª reunião aconteceu em dezembro de 2006, na sede Administrativa da IECLB, Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Carlos F. R. Dreher. A 49ª reunião aconteceu em março de 2007, no Seminário Concórdia, em São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Marcos Schmidt. O pastor Ehlert, da IECLB, comentou sobre a questão da hospitalidade eucarística nas comunidades/congregações:

> A sensação, com base em relatos, é de que o documento sobre a Santa Ceia ainda não 'aterrissou', ou seja, não foi refletido, nem pelos pastores, nem pelas comunidades/congregações. Marcos lembra que esse é um tema sensível no diálogo, e que é preciso lidar com cautela.[285]

Acontecera uma reunião com os seminaristas formandos da IELB. Tratou-se do Grupo de trabalho Bilateral sobre Missão e se constatou que ainda não tinham acontecido os encaminhamentos devidos. A 50ª reunião aconteceu em maio de 2007, na Faculdades EST, São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Marcos Schmidt. Ingrid Vogt e Márcia Paixão, pela IECLB, e Mário Lehenbauer e Anselmo Graff, pela IELB, foram nomeados para compor o Grupo de Trabalho Bilateral sobre Missão, em

[284] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** Porto Alegre. Ata n. 45. 2006. p. 3.
[285] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** São Leopoldo. Ata n. 49. 2007. p. 2.

decorrência das proposições da 3ª Conferência Interluterana. Também foram nomeados participantes do GT, Roberto E. Zwetsch, da IECLB e Adilson D. Schünke, da IELB. Osmar L. Witt historiou para os convidados designados GT sobre Missão, sobre as razões e propósitos desenvolvidos nas três Conferências Interluteranas, especialmente na terceira, que levaram à criação do GT Missão. De modo especial foi destacado que este grupo deveria iniciar o mapeamento conjunto das iniciativas missionárias em áreas novas. À tarde, se reuniram os integrantes da CID com alunos da Faculdades EST, dialogando sobre as atividades e desafios da CID. A 51ª reunião aconteceu em setembro de 2007, na sede da IECLB, sob a coordenação de Marcos Schmidt. A 52ª reunião aconteceu em dezembro de 2007, no Centro Administrativo da IELB, Porto Alegre, RS. Sob a coordenação de Marcos Schmidt.

A 53ª reunião aconteceu em março de 2008, no Centro Administrativo da IELB, sob a coordenação de Heinz Ehlert. Falou-se do mapeamento das áreas de atuação no norte do país, para que se evitasse duplicidade de iniciativas entre as duas igrejas. Citou-se o exemplo de Juazeiro do Norte, CE, onde a IECLB havia iniciado o projeto Missão Zero e de onde a IELB havia retirado o seu estagiário. O presidente Nerbas, da IELB, falou sobre a similaridade das dificuldades enfrentadas e alegrias vivenciadas pelas duas igrejas. Expressou sua opinião de que, com o objetivo de assistir espiritualmente as pessoas que estariam em situações excepcionais, era preciso buscar formas de acolher reciprocamente os membros de ambas as igrejas na Santa Ceia. Informou sobre a última reunião do CLI, em Joanesburgo, África do Sul, na qual estiveram presentes representantes da FLM. Também lembrou que algumas igrejas-membro do CLI eram membros da FLM. No Brasil, porém, a CTRE, da IELB, havia emitido um parecer negativo sobre uma eventual filiação à FLM. A obreira diaconal Sissi Georg apresentou a caminhada da IECLB na área de Liturgia, tendo na IECLB um Conselho Nacional de Música (com representantes de todos os 18 Sínodos), e um Conselho de Liturgia, formado por seis integrantes, do qual Sissi fazia parte como obreira liberada em tempo parcial.

A 54ª reunião ocorreu em maio de 2008, sob a coordenação de Heinz Ehlert, na Faculdades EST, da IECLB, São Leopoldo, RS. Dreher manifestou suas experiências no ecumenismo, e confessou que dentro da CID haveria a necessidade de um espírito fraterno, a fim de que o grupo pudesse se compreender sobre a questão ecumênica, já que as duas igrejas tinham formas diferentes nas suas relações com

outras denominações religiosas. Lembrou que a IECLB por natureza era ecumênica devido sua história e formação, diferentemente da IELB. Seria preciso olhar com carinho a história da IELB, lembrou Dreher:

> Não posso jogar esta história fora. Por outro lado, a unidade na pluralidade presente na IECLB abre espaço para os perigos das heresias, e por isto a busca nos últimos tempos pela confessionalidade luterana. Diante disto, as divergências no diálogo entre as duas igrejas são naturais. A IECLB sempre foi atuante e líder nos movimentos ecumênicos, o que é um compromisso pelo próprio fato de ser luterano. A 'justificação pela graça' precisa ser levada, e o ecumenismo abre portas para esta tarefa.[286]

Schmidt lembrou brevemente a visão ecumênica da IELB, que teria uma forma diferente da IECLB. Sua história se caracterizava por preocupação doutrinária, restringindo o ecumenismo que abrangeria a comunhão de púlpito e altar. Destaque da 55ª reunião, realizada em agosto de 2008, no Seminário Concórdia, foi a recomendação de que os presidentes das duas Igrejas retomassem a prática de as Igrejas se manifestarem publicamente em questões de interesse da sociedade. Consta que o encontro com estudantes de teologia fora um diálogo franco sobre o papel da CID e a necessidade que havia de incrementar o diálogo e a cooperação entre IELB e IECLB. Entendeu-se oportuno recomendar que fosse retomado o estudo do documento sobre a Santa Ceia, em 2009, e estudado nas congregações e pelos pastores de ambas as igrejas. A 56ª reunião aconteceu em março de 2009, à rua Luiz Voelcker, 285, no bairro Três Figueiras, em Porto Alegre, RS, na Comunidade São Lucas (IECLB), sob a coordenação de Ivo Dreyer. Na avaliação do trabalho da CID realizado em 2008, foi apontado como um período marcado pela recessão, esmorecimento, marcando passo. Enfatizou-se que seria necessário colocar um novo rumo. Observou-se que o presidente da IELB ficara mais voltado para a sua própria denominação, ao passo que o presidente da IECLB se voltara mais para o âmbito internacional, em razão dos cargos que ocupava. Altmann também comentara que a IELB não havia aderido à DCDJ, assinada em 31 de outubro de 1999, em Augsburgo, Alemanha, pela ICAR e a FLM. A 57ª reunião aconteceu em junho de 2009, na Faculdades EST, em São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Ivo Dreyer. O pastor Nerbas recebeu os cumprimentos por sua eleição ao cargo de vice-presidente do *International Lutheran Council* (ILC). Nilo Wachholz, editor da IELB, trouxe para os integrantes da CID, o Caderno CTRE intitulado: "Ecumenismo: Teologia, prática e

[286] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO**. São Leopoldo. Ata n. 54. 2008. p. 1.

desafios". O pastor Ehlert comentou sobre as diferentes compreensões que estariam no subentendido, no conceito "fazer missão". Estaria sob crítica o conceito tradicional de que missão seria conquistar povos e pessoas, desconsiderando o conceito básico do Reino de Deus como oferta e não como conquista, que muitas vezes admitia o uso da coerção física e moral. A 58ª reunião da CID havia sido marcada para setembro de 2009, na sede da IELB, em Porto Alegre, RS,[287] e a 59ª reunião ficara marcada para dezembro de 2009, na IECLB, em São Leopoldo, RS, com a presença dos suplentes.[288] Não foram encontrados os registros destas reuniões.

A 60ª reunião aconteceu em março de 2010, na Faculdades EST, São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Osmar L. Witt. O professor da Faculdades EST, Dr. Oneide Bobsin, refletiu sobre a pergunta se seria possível as igrejas conviverem juntas. Tradicionalmente, as congregações não preparavam seus pastores para o diálogo. No entanto, o diálogo seria da própria natureza das igrejas. Nem o fundamentalismo, nem o sincretismo seriam alternativas desejáveis. Foi falado sobre o trabalho missionário em Macapá, AP. A IECLB não tinha trabalho em andamento em Macapá. Os presidentes Altmann e Nerbas haviam trocado correspondência buscando cooperação nesse local, praticando a cooperação entre as igrejas, visando ao atendimento das pessoas residentes nessa região. Segundo a CID: "Tem-se a impressão de que as direções de ambas as igrejas entenderam diferentemente o sentido do documento da Segunda Conferência Interluterana que autoriza a transferência mútua de membros."[289] A 61ª reunião da CID ficara marcada para junho de 2010, no Seminário Concórdia, em São Leopoldo, RS.[290] Não se encontrou o registro desta reunião.

A 62ª reunião aconteceu em setembro de 2010, na sede da IECLB, em Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Osmar L. Witt. O pastor Mauro Batista de Souza comentou o encontro ocorrido entre ele, o pastor Altmann e o pastor Kopereck, para a elaboração de uma carta conjunta sobre o tema Eleições 2010, publicada na Revista Novolhar - Reconstruindo a família. Também agradeceu à CID pelo empenho e solicitação para que este documento fosse elaborado pelas duas igrejas.

---

[287] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** Porto Alegre. Ata n. 56. 2009. p. 2.
[288] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** São Leopoldo. Ata n. 57. 2009. p. 3.
[289] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** São Leopoldo. Ata n. 60. 2010. p. 1.
[290] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** São Leopoldo. Ata n. 57. 2009. p. 3.

Alguns pontos da carta destacados por este pesquisador:

> O voto é um dos elementos centrais da democracia. Cada pessoa com idade preestabelecida na lei tem direito a um voto. Ninguém tem mais, ninguém tem menos. Maravilha, não é? Mas nem sempre foi assim. Houve tempo, nem tão distante em nosso país, em que algumas pessoas decidiam pelo povo. Já pensaram se ainda vivêssemos sem poder votar? Felizmente, esses tempos são idos. [...] Toda igreja que confessa Jesus Cristo como Senhor e Salvador possui grande responsabilidade pública. Isso porque a atuação do próprio Jesus teve reflexos importantes para dentro da sociedade em que se encontrava. Pregava a conversão espiritual, de cunho pessoal, mas também propunha mudanças radicais na maneira como nos relacionamos com nosso próximo e como nos organizamos em comunidade. Estruturas materiais de poder lesivas ao interesse comum foram radicalmente criticadas. A atuação de Jesus e a proclamação acerca de Jesus como Senhor tiveram claros reflexos para dentro da sociedade e da política. [...] Uma Igreja não tem nem pode ter partido político; no entanto, ela não é apolítica. Todo o seu trabalho e sua atuação têm implicações políticas. Um dos papéis da igreja é justamente trabalhar para que toda a sociedade, incluindo os partidos políticos, se empenhem para que a vontade de Deus em favor das pessoas seja feita também na esfera social e política. [...] Escolha quem você realmente crê que irá desenvolver um bom mandato, em favor de uma vida digna para todas as pessoas, em favor de uma sociedade solidária e justa.[291]

A 63ª reunião aconteceu em dezembro de 2010, no Centro Administrativo da IELB, em Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Osmar L. Witt. Heinz relatou que em Curitiba estava se formando uma “CID Regional” de competência do Sínodo Paranapanema da IECLB e do Distrito Paraná Leste da IELB, com vistas às celebrações no ano 2017. A 64ª reunião aconteceu em março de 2011, na Faculdades EST, São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Marcos Schmidt. O pastor Osmar L. Witt comunicou a sua saída da CID, entrando o professor Dr. Martin N. Dreher.

A 65ª reunião da CID aconteceu em junho de 2011, na sede da IELB, Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Marcos Schmidt. Nesta reunião a CID fez algumas sugestões para o Grupo de Trabalho dos 500 anos da Reforma, entre elas, “que seja programada a 4ª Conferência Nacional Interluterana, em 2014 ou 2015 e que se programe um Congresso Luterano Nacional, em 2017, com todos os/as Pastores/as de ambas as Igrejas e público de 50 mil pessoas (ou mais !!)”.[292] O pastor da IELB, Marcos Schmidt relatou sobre denúncias (trazidas por pastores da IELB) de serviços de atendimento a membros da IELB realizados por pastores da IECLB, pois existia um regulamento oficial sobre transferência de membros entre ambas as igrejas. O destaque que se pode dar à 66ª reunião, realizada em setembro de 2011, no

[291] https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/comunicacao/reconstruindo-a-familia-revista-novolhar-ano-8-numero-35-setembro-e-outubro-2010. p. 5. Acesso em: 15 ago. 2023.
[292] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** Porto Alegre. Ata n. 65. 2011. p. 2.

Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Marcos Schmidt,-foi a reflexão do novo componente da CID, por parte da IECLB, que substituiu o pastor Osmar L. Witt, pastor Martin N. Dreher, de que:

> [...] alguns documentos e outros aspectos do diálogo de aproximação entre ambas as igrejas, possa estar condicionado por temas que não estejam em tratamento direto, mas possam interferir e estabelecer um ambiente de estranhamento. Aponta para óbices levantados por pastores da IELB, como por exemplo: Ministério feminino, suco de uva na ministração da Santa Ceia. comunhão aberta como praticada na IECLB e admissão de infantes à Santa Ceia.[293]

Neste sentido, ficou acordado de que as direções das duas igrejas seriam solicitadas a realizar, no prazo de um ano, um estudo sobre a Santa Ceia, objetivando a assinatura de um termo de Convênio de Comunhão de Púlpito e Altar. A 67ª reunião aconteceu em dezembro de 2011, na sede da IECLB, em Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Marcos Schmidt. A 68ª reunião da CID aconteceu em março de 2012, na sede da IELB, em Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Martin N. Dreher. O presidente Kopereck fez uma longa exposição dos objetivos e ações do CLI para o festejo dos 500 anos da Reforma luterana. Da parte da IECLB, o Rev. Romeu Martini comentou sobre o que a FLM estaria promovendo no mesmo sentido. Constatou-se que o CLI e a FLM não tinham vínculo algum. O coordenador Martin N. Dreher colocou sobre a mesa a questão da hospitalidade eucarística, havendo dificuldades no relacionamento da IECLB com a IELB: o ministério feminino e os infantes na Santa Ceia, o uso do suco de uva em lugar do vinho, devido a problemas com alcoólicos, comunhão restrita e a questão da hermenêutica bíblica de ambas as igrejas. Deixou o pedido para que as Comissões de Teologia de ambas Igrejas se reunissem para discutir esses temas e apresentar soluções/conclusões. Foi lida a correspondência do pastor Nelson Lautert, da IELB, de Curitiba, PR, onde existia uma CID regional, perguntando sobre o relacionamento entre uma CID regional e a CID nacional. Após houve um jantar de confraternização.

A 69ª reunião aconteceu em 25 de junho de 2012 (Confissão de Augsburgo, 1530), na Faculdades EST, em São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Martin N. Dreher. Estavam presentes 27 estudantes de Teologia da EST, e muitas perguntas e

---

[293] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** São Leopoldo. Ata n. 66. 2011. p. 1.

dúvidas foram expostas pelos alunos que tiveram a colaboração e os comentários por parte do grupo de trabalho. O professor Paulo Weirich afirmou que:

> Deus usa as divergências muitas vezes para promover a convergência. Temos uma marca de separação. Assim como numa família existe desunião entre si. O fato de sermos irmãos em quartos separados não deve nos decepcionar. Nos reunimos para que Deus a seu tempo aperfeiçoe esta fraternidade.[294]

Mostrou também a dificuldade existente em lugares onde o fator histórico levava à dificuldade para uma boa convivência. Lembrou que não se consegue as coisas por decreto, de cima para baixo. O pastor seria o líder modelo e se precisava ter um espírito da mútua cooperação, tendo como primeiro passo ser amigos. Finalizou afirmando "que era preciso desarmar o espírito para que nossos filhos levassem esta bandeira do diálogo."[295] O coordenador Dreher levantou assuntos onde as duas igrejas divergiam, como Santa Ceia e Ministério Feminino. Abordou o tema Ministério Feminino, baseado no texto que havia sido distribuído por correio eletrônico para todos os participantes. Lembrou que este não era um texto para publicação, mas para diálogo. Expôs fatos históricos onde a ordenação de mulheres causou rupturas, bem como a ação da mulher na história, sua participação na sociedade e na igreja.[296] No texto sobre Ministério Feminino, estudado nesta reunião, Dreher fez a seguinte conclusão:

> Posso ter decepcionado com a exposição, pois não comecei com o método tradicional de apresentar muitos textos bíblicos e, depois, tirar consequências. Segui outro caminho e comecei pela hermenêutica. Quis perguntar, se o tratamento que damos ao assunto 'ministério feminino' 'promove a Cristo', no sentido da formulação de Lutero *('was Christum treibet'),* lembrando que, mesmo sendo de Paulo, de Pedro ou de qualquer outro apóstolo, 'se não promover a Cristo, é do diabo'. Se não levarmos esse princípio a sério, vamos ficar naquela velha posição em que se procura por formulações bíblicas que defendam a ordenação feminina (e elas existem!) ou em que se procura por formulações bíblicas que são contrárias à ordenação feminina (e essas também existem!). Esse tipo de trabalho não promove a Cristo. Para a Igreja Luterana é fundamental que ela aprenda a refletir novamente a partir do Batismo, pois quando se está em Cristo as coisas antigas passaram.[297]

A 70ª reunião da CID aconteceu em setembro de 2012, no Seminário Concórdia, de São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Martin N. Dreher. Houve um

---

[294] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** São Leopoldo. Ata n. 69. 2012. p. 1.
[295] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** São Leopoldo. Ata n. 69. 2012. p. 1.
[296] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** São Leopoldo. Ata n. 69. 2012. p. 1.
[297] DREHER, Martin N. Ministério Feminino. *In:* **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO,** 2012, São Leopoldo. p. 9.

diálogo com estudantes de Teologia daquele Seminário, os quais se mostraram interessados no significado da CID e a busca de diálogo entre as comunidades de base de ambas as Igrejas. Foi comentado sobre o Culto da Reforma, que seria realizado em conjunto, IELB e IECLB, no dia 31 de outubro de 2012, na Igreja da Reconciliação da IECLB, em Porto Alegre, RS, do qual participaria um grande Coro, formado por cantores de ambas as Igrejas e como pregador seria convidado o pastor da IELB, Dr. Rudi Zimmer, presidente da SBB. Houve uma importante recomendação de que não se devesse insistir na discussão/estudo sobre Santa Ceia:

> [...] pois também existe, por um lado, o problema de 'Mulher-ordenada celebrando', assunto ainda 'indigesto', no outro lado. Existe, também, a recomendação do exercício da 'hospitalidade eucarística', que em muitos momentos (p. ex. Confirmação) é realizada. Houve consenso em que nós (IELB e IECLB) devemos priorizar – na discussão e no trabalho em conjunto – assuntos possíveis de serem trabalhados.[298]

A 71ª reunião ocorreu em dezembro de 2012, na sede da IECLB, sob a coordenação de Martin N. Dreher. Foi analisada a carta da CID-Região Metropolitana de Curitiba, PR, enviada à CID, relatando o impasse ocorrido nos preparativos do culto que foi realizado no dia 28 de outubro de 2012 em Curitiba, PR.[299] Dessa vez tinha sido de responsabilidade da IECLB indicar o pregador do culto, e foi escolhida uma pastora, o que teria causado o descontentamento por parte dos pastores da IELB, uma vez que a IELB não ordenava mulheres. O secretário da IELB, Rubens Ogg, expôs que certos assuntos eram pontos pacíficos dentro da IELB e não estariam em discussão, como o caso da ordenação de mulheres. Decidiu-se solicitar aos pastores presidentes e/ou às respectivas comissões, que definissem claramente de quais eventos os pastores poderiam participar, sem ferir consciências ou causar escândalos. Foi lida uma carta do pastor Sinodal da IECLB, Mauri Magedanz, onde relatava alguns acontecimentos que teriam causado algumas insatisfações no relacionamento das igrejas no norte do país. Membros da IELB teriam visitado membros da IECLB, afirmando que estariam errados doutrinariamente. O secretário da IELB, Rubens Ogg, informou que não existia recomendação da IELB para visitar membros da IECLB, nem entrar em confronto com outras denominações.

A 72ª reunião aconteceu em abril de 2013, na sede da IELB, em Porto Alegre, RS, sob a coordenação de Wilmar Meister. Kopereck deixou a sugestão de eventual

---

[298] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO.** São Leopoldo. Ata n. 70. 2012. p. 1.
[299] ANEXO 4, p. 367. **Carta da CID-região metropolitana de Curitiba, PR.**

encontro conjunto dos luteranos de ambas as igrejas no Maracanã, no Rio de Janeiro, em 2017; porém, houve ponderações no sentido de que seria mais profícua a realização de encontros regionais no RR, SC, PR, SP, no eixo Espírito Santo-Rio de Janeiro-Minas Gerais, e no eixo Mato Grosso-Rondônia-Amazonas, respeitadas as possibilidades e as dificuldades regionais. A IELB indicou novos componentes para a CID, os pastores Gerson L. Linden e Edgar Lemke. Foi lembrado que não deveria haver impedimento, na 4ª Conferência, para a discussão em grupos temáticos de questões nas quais não havia consenso entre as duas igrejas. O coordenador da CID para o ano de 2013 seria o pastor Wilmar Meister, da IELB. A 73ª reunião aconteceu em junho de 2013, na Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Se fizeram presentes como convidados, estudantes de Teologia da Faculdades EST, em número de seis.

A 74ª reunião aconteceu em setembro de 2013, nas dependências do Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS, sob a coordenação de Marcos Schmidt. Os estudantes de teologia convidados para um diálogo com a CID se fizeram presentes. Carlos F. R. Dreher fez uma breve introdução, sobre a CID, sua história, seus objetivos, sua trajetória. Seguiu-se um diálogo informal e aberto sobre a relação entre as duas Igrejas, oportunizando aos estudantes que relatassem sobre suas próprias experiências, principalmente por ocasião de estágios realizados. Sobre a 4ª Conferência Nacional Interluterana foi do entendimento da CID que deveria fazer parte da responsabilidade do GT 500 anos discutir e, se fosse o caso, encaminhar a sua realização. Iria ser levada a sugestão de que fossem convidados para tal evento os presidentes da FLM e CLI. A reunião 75ª seria realizada em dezembro de 2013, na sede da IECLB, em Porto Alegre, RS. Não se encontrou o registro desta reunião, assim como das reuniões seguintes, que teriam acontecido até final de 2015 e/ou início de 2016. Em 13 de novembro de 2023, este pesquisador visitou o historiador da IECLB e participante das reuniões da CID, Martin N. Dreher, em São Leopoldo, RS, dialogando sobre o tema. Na mesma data, se pesquisou no Arquivo Histórico da IECLB, nas dependências da Faculdades EST, em São Leopoldo, RS, sob a tutoria do pastor Osmar L. Witt. Durante todo período da pesquisa, se contatou pessoas que participaram das reuniões da CID e parentes de participantes que já haviam falecido. Contatou-se o Instituto Histórico da IELB, além das secretarias gerais das duas Igrejas. Várias atas e documentos foram encontrados, porém, ainda assim ficaram faltando as atas de números 35, 58, 59, 61, 75 em diante.

Um dos fatos marcantes que pode ter desanimado os participantes da CID em sua continuidade de diálogo, causando o encerramento de suas atividades no início de 2016, pode ter sido a carta enviada pelo presidente da IELB, Egon Kopereck, em fins de 2015, sobre a participação de pastoras nas celebrações conjuntas entre a IELB e a IECLB. Segue parte desta missiva enviada aos pastores da IELB, e que depois, teria chegado ao conhecimento da IECLB, causando uma ruptura nos diálogos.

> Porto Alegre, 5 de novembro de 2015
>
> Querido colega pastor!
>
> 'Graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.' 1 Tm 1.2.
>
> Tendo passado as festividades dos 498 anos da Reforma Luterana, algumas coisas queremos compartilhar e refletir:
>
> 1º) Nessas festividades, tivemos muitas celebrações conjuntas da IELB e IECLB. O nosso Regimento, Art. 4, Inciso V, no Capítulo sobre a Convenção Nacional diz: 'Firmar ou romper comunhão de púlpito e altar ... com corporações eclesiásticas.' De fato, nós não temos comunhão de púlpito e altar com a Igreja de Confissão Luterana. Como aconteceu em alguns lugares que, nessa celebração, pastores e pastoras da IECLB ocuparam nossos púlpitos, e isso fere nosso Regimento e trouxe manifestação de contrariedade da parte de algumas Congregações e pastores, na qualidade de Presidente da Igreja, no dever de cumprir com aquilo que a Igreja adotou e segue como norma regimental, peço a todos os colegas e congregações que, no futuro, sigam o seguinte procedimento: Quando houver alguma atividade ou celebração conjunta que, em nosso templo, o pregador, aquele que vai dirigir a mensagem, seja de nossa denominação, e quando essa celebração for no templo da IECLB, que a mensagem/pregação seja deles. Assim evitamos constrangimentos e descumprimento de nosso Regimento.[300]

Pode-se refletir, a partir destes relatos e registros, que existem coisas que não é preciso fazer em conjunto, como aquilo que não estimula a diversidade; outras coisas que não podem ser feitas conjuntamente, como aquilo que desqualifica a diversidade; e ainda há coisas que se pode fazer juntos, como aquilo que valoriza a diversidade.

3.2 CONFERÊNCIAS NACIONAIS INTERLUTERANAS

Aconteceram três Conferências Interluteranas e que se mostraram frutíferas em vários temas através dos diálogos. A Comissão Interluterana de Diálogo promoveu a 1ª Conferência Nacional Interluterana, realizada nos dias 29 de outubro a 1° de

[300] IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. **Circular para pastores.** Porto Alegre. 2015.

novembro de 1998, no Lar Rodeio 12, SC. Eram presidentes Huberto Kirchheim na IECLB e Carlos W. Winterle[301] na IELB. As palestras foram proferidas por Brakemeier e por Beck. Atuaram como reatores às palestras, Zimmer e Dreher. Ambos expressaram concordância com as propostas dos palestrantes e ampliaram, com contribuições específicas, as reflexões dos mesmos. O resultado deste esforço foi um acontecimento marcado pela comunhão, pelo louvor e oração, pela emoção, pela descontração alegre, pelo debate e pela disposição de intensificar a cooperação em todos os níveis das duas Igrejas.

A 2ª Conferência Nacional Interluterana IELB – IECLB aconteceu no Lar Rodeio 12, Rodeio/SC, de 5 a 7 de novembro de 2001 com a participação de 62 representantes das cerca de 3200 comunidades luteranas no Brasil, membros da IECLB e da IELB. Eram presidentes Kirchheim e Winterle. A primeira palestra sobre o tema foi trazida pelo pastor emérito da IECLB, Dr. Joachim H. Fischer, apontando para as razões históricas que condicionaram o surgimento e o diálogo das duas Igrejas Luteranas no Brasil. Como reator, o Dr. Paulo Wille Buss[302], da Escola Superior de Teologia, de São Paulo, SP, apontou para a origem da IELB como determinante para a sua confessionalidade. A segunda palestra sobre o tema foi trazida pelo Dr. Erní W. Seibert, da Escola Superior de Teologia, de São Paulo, enfocando a hermenêutica. Sua exposição foi um estudo visando ao diálogo sobre a questão hermenêutica entre as Igrejas Luteranas do Brasil. Em sua reação o Dr. Nelson Kilpp[303], da EST, de São Leopoldo, acentuou que independentemente do método exegético que as duas Igrejas usassem certamente se iria sempre advogar o direito inalienável da Escritura de poder falar por si mesma, de poder dizer sua mensagem. Foram feitas avaliações quanto aos objetivos propostos pela 1ª Conferência.

---

[301] Winterle serviu como presidente da IELB, de 1998-2006. Ele passou os 14 anos seguintes servindo em toda a África: quatro anos no Quênia; sete na Cidade do Cabo, África do Sul; e os últimos três como reitor da Lutheran Theological Seminary, LTS, in Tshwane, Pretoria. Ele esteve envolvido com missões e educação teológica em Moçambique.

[302] Buss é pastor da IELB, possui graduação em Teologia, pelo Seminário Concórdia de Porto Alegre, RS, mestrado em Teologia, pelo Concordia Seminary, Saint Louis, EUA, e doutorado em Teologia pelo mesmo Seminário. Professor no Seminário Concórdia e professor adjunto da ULBRA, Canoas, RS.

[303] Kilpp é pastor da IECLB, possui graduação em Teologia pela Faculdade EST e doutorado em Teologia pela Universidade de Marburg, Alemanha. Atuação na Faculdade EST de 1987 até 2010 e novamente a partir de 2016.

Os pastores presidentes Walter Altmann[304], da IECLB, e Carlos W. Winterle, da IELB, acompanharam os trabalhos da 3ª Conferência Interluterana, realizada em São Leopoldo, RS, nos dias 24 a 26 de junho de 2005, e saudaram o lançamento da edição comemorativa da CA, que completara, no sábado, 25 de junho, 475 anos desde a sua divulgação pública. Da Conferência, em São Leopoldo, RS, participaram mais de 40 teólogos, pastores e leigos, metade de cada igreja. A 3ª Conferência recebeu subsídios de 12 Pré-Conferências, que reuniram, ao longo do semestre, mais de 200 pessoas, representando a realidade dos 18 Sínodos da IECLB e dos 54 Distritos da IELB espalhados pelo Brasil. *"A teologia evangélica luterana nos compromete a, perseverantemente, chamar à fé em Cristo e a participar na libertação e na transformação da nossa sociedade"*[305]*,* dizia a mensagem às congregações da 3ª Conferência Nacional Interluterana. *"Precisamos de uma teologia autóctone que dialogue com a cultura brasileira"*[306]*,* definiu o pastor Roberto Ervino Zwetsch, professor de Missiologia na EST, de São Leopoldo, em sua palestra. A IELB e a IECLB não podem depender de teologias que surgiram em outros contextos para a sua tarefa missionária. A missão cristã também não pode, segundo o professor, "desconsiderar o *ethos* religioso do povo brasileiro, marcado por espíritos e magias, presentes na vida das pessoas. Jesus não condenou as crenças populares, mas soube trabalhá-las de forma pastoral".[307]

O professor Ricardo W. Rieth, de História Eclesiástica, na Escola Superior de Teologia, e na Faculdade de Teologia da ULBRA, apresentou, em sua palestra, sete desafios às igrejas no campo missionário, algumas delas mais dirigidos à IELB, denominação na qual se criou e formou. As origens teológicas da IELB estariam fincadas na Ortodoxia luterana do século XVII, dos teólogos que vieram depois de Lutero e que estavam mais preocupados com a pureza doutrinária e teológica da igreja do que com a missão. A missão, tanto da IELB quanto da IECLB, foi seletiva étnica e culturalmente, voltada aos imigrantes alemães e seus descendentes. Depois da Segunda Guerra Mundial, a IELB desenhou a missão como ocupação geográfica e estabeleceu por meta ter congregações em todas as capitais brasileiras.[308] Foi

---

[304] Altmann, teólogo luterano, ex-presidente da IECLB, ex-presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas, CLAI, moderador do Conselho Mundial de Igrejas.
[305] BEHS, Edelberto. **Luteranos mapeiam frentes missionárias**. 2005, n.p.
[306] ZWETSCH, Roberto E. *In:* BEHS, 2005, n.p.
[307] ZWETSCH, 2005, n.p.
[308] RIETH, 2005, n.p.

sugerido que as casas de formação da IECLB e da IELB trabalhem na desconstrução dos preconceitos mútuos do passado. O autor desta pesquisa participou desta 3ª Conferência.

3.2.1 1ª Conferência Nacional Interluterana: Unidade e Missão das Igrejas Luteranas no Brasil

A 1ª Conferência Nacional Interluterana foi realizada nos dias 29 de outubro a 1° de novembro de 1998, no Lar Rodeio 12, SC, com a firme convicção de que era chegado o tempo de trabalhar mais intensamente pela comunhão e pela unidade dos luteranos no Brasil. A realização deste evento aconteceu com o apoio e a colaboração de muitas pessoas de ambas as Igrejas, 34 representantes da IECLB e 32 representantes da IELB. O tema geral expressava o desejo de aproximação e cooperação: “Unidade e Missão das Igrejas Luteranas no Brasil”. O objetivo geral do encontro foi o de encaminhar a implantação do Convênio de Cooperação entre a IELB e a IECLB, já aprovado no passado pelos órgãos competentes das duas igrejas. O objetivo específico foi ampliar a aproximação entre IECLB e IELB.

No dia 29, às 20h aconteceu a abertura com um devocional sob o tema “Teu Espírito nos conclama ao Diálogo” e a mensagem teve como título “Cadê a Igreja?”. Foi proferida a benção do século IV[309], e todos foram convidados para o Abraço da Paz. Em seguida, os presidentes das duas Igrejas proferiram suas palavras de saudação. Winterle destacou que mesmo que não acontecessem grandes decisões, o fato de estarem reunidos para o diálogo em várias áreas já era um grande progresso. Salientou que não se deveria construir sonhos no ar, e que as ações não comprometessem a fidelidade a Deus, pois a Igreja não era uma mera organização humana, com preferências e projetos pessoais, mas que era baseada e firmada na Palavra de Deus. Kirchheim manifestou seu sentimento de que se estava vivendo momentos históricos de grande significado como também expectativas ou receios frente ao novo milênio. Destacou a produção conjunta, já por 25 anos, do devocionário

[309] O Senhor esteja na nossa frente, para mostrar o caminho certo. O Senhor esteja ao nosso lado, para nos abraçar e proteger. O Senhor esteja atrás de nós, para nos salvar de pessoas falsas. O Senhor esteja debaixo de nós, para nos amparar quando cairmos, e nos tire das armadilhas. O Senhor esteja dentro de nós, para nos consolar quando estivermos tristes. O Senhor esteja ao redor de nós, para nos defender quando outros caírem em cima de nós O Senhor esteja sobre nós para nos abençoar. Assim nos abençoe o bondoso Pai. Amém.

comum “Castelo Forte”, assim como também a coedição das Obras Selecionadas de Lutero e assinalou que via a CID e o Convênio de Cooperação como frutos dados pela graça de Deus. Por fim, a Comissão Organizadora promoveu uma atividade de integração. O dia 30 iniciou com um devocional sob o tema “O Diálogo começa no arrependimento”. A programação teve seu prosseguimento com a primeira palestra sob o tema geral, ministrada por Brakemeier, seguida da segunda palestra sobre o tema geral, ministrada por Beck. Após o intervalo, se seguiram as reações de Zimmer à palestra de Brakemeier e a reação de Dreher à palestra de Beck.

3.2.1.1 Palestra: Unidade e Missão das Igrejas Luteranas no Brasil e a Reação: O amor reinou supremo

A palestra de Brakemeier, sob o tema “Unidade e Missão das Igrejas Luteranas no Brasil”, teve os seguintes tópicos: 1) Condicionantes históricos do luteranismo brasileiro, que se subdivide em: 1.1) O luteranismo na “bagagem”; 1.2) Heterogeneidade religiosa; 1.3) Luteranismo emergente; 1.4) Luteranismo brasileiro; 2) Características da seara de Deus no Brasil, que se subdivide em: 2.1) Um gigantesco processo de urbanização; 2.2) Um crescente *“apartheid”* social; 2.3) Um exuberante mercado religioso; 3) Confessionalidade luterana, que se subdivide em: 3.1) A conceituação da normatividade da Bíblia; 3.2) A função dos escritos confessionais; 3.3) O papel do contexto atual; 4) A divindade de Deus, que se subdivide em: 4.1) Devemos temer e amar a Deus e confiar nele acima de todas as coisas; 4.2) A gratuidade da salvação; 4.3) A realidade da cruz na ação do amor; 4.4) A régia liberdade cristã; 5) Conclusões. Brakemeier começou sua preleção afirmando que a missão cristã teria como exigência a unidade, pois a mensagem do amor de Deus sofreria um prejuízo irreparável se fosse contrariada por desavenças e mútua exclusão. Ele afirmou que o próprio tema geral da Conferência expressava uma consciência de que existia uma dívida luterana com este país e continente.[310] Outrossim, salientou que as diversidades não precisavam conflitar com a unidade no corpo de Cristo, onde haveria variedade de membros e de dons: “Ecumenismo não

[310] BRAKEMEIER, Gottfried. Unidade e Missão das Igrejas Luteranas no Brasil. *In:* **WEIRICH, SCHUBERT, SILVA,** 1999, p. 17.

deve querer a uniformização, e sim a compatibilização das diferenças e a cooperação".[311]

No tópico primeiro, destacou que o luteranismo veio ao Brasil trazido na bagagem dos primeiros imigrantes, chamados pela monarquia brasileira por motivos políticos, econômicos e sociais. Devido às duas grandes guerras mundiais, os imigrantes alemães sentiam que sua origem germânica era vista como vergonhosa, além de sofrerem limitações no exercício de seu culto. Em torno de 40% dos imigrantes eram católicos e os outros 60% eram reformados, luteranos e provenientes da Igreja Unida da Prússia, os unidos. Segundo Brakemeier: "Ademais, confessionalidade lembrava a tutela eclesiástica, da qual os imigrantes se haviam libertado e à qual não estavam dispostos a novamente submeter-se."[312] Em fins do século XIX, a entidade luterana denominada *Gotteskasten (*Caixa de Deus), da Baviera, na Alemanha, começou a enviar pastores ao Brasil, formando assim comunidades declaradamente luteranas. No início do século XX, por convite de um pastor do RS, o Sínodo de Missouri iniciava seu trabalho no Brasil, com uma confessionalidade declaradamente luterana. Na IECLB, pastores como Wilhelm Rotermund e Hermann G. Dohms tomaram o cuidado de não excluir os evangélicos de tradição reformada e unida, e ainda assim, colocar balizas luteranas em suas comunidades.[313] Brakemeier chama a atenção para a diversidade que compôs o luteranismo brasileiro:

> De qualquer maneira, o luteranismo brasileiro se originou de diversas vertentes, explicando seu desdobramento distinto e, simultaneamente, exigindo o exame da legitimidade de sua permanência sob condições substancialmente alteradas. Se há uma herança histórica a assumir, há também outra a superar.[314]

~~A~~ IECLB e a IELB por muito tempo ainda teriam implicado certa dependência teológica e até financeira tanto da Alemanha como dos EUA. Copiar ou traduzir textos teológicos e de prática eclesiástica de outro hemisfério já não atenderiam mais as necessidades locais. O luteranismo brasileiro precisaria se contextualizar, pois

[311] BRAKEMEIER, 1999, p. 18.
[312] BRAKEMEIER, 1999, p. 19.
[313] BRAKEMEIER, 1999, p. 19.
[314] BRAKEMEIER, 1999, p. 19.

segundo Brakemeier: “A realidade brasileira que se apresenta à IELB e à IECLB é a mesma. Merece também uma só resposta luterana.”[315]

No tópico segundo, Brakemeier apontou três motivos para a necessidade de haver uma reavaliação da missão das igrejas luteranas no Brasil: um gigantesco processo de urbanização, um crescente *“apartheid”* social e um exuberante mercado religioso. Nestas circunstâncias, a missão precisaria ser essencialmente urbana, porém, ambas Igrejas teriam ainda uma índole fortemente rural, se tornando necessário um novo jeito de ser Igreja. A globalização dos mercados aguçando os conflitos, aumentava a violência e o medo. Neste sentido: “A igreja está incumbida da diaconia, da assistência ao carente, da atenção privilegiada ao membro que sofre.”[316] Outrossim, estaria surgindo ultimamente um extremo pluralismo religioso, no qual, a confessionalidade luterana se reduziria apenas a uma entre as milhares de outras propostas, onde apostar irrefletidamente na força da tradição luterana seria uma decisão suicida.[317]

No tópico terceiro, Brakemeier apontou diferenças entre as duas igrejas, nos seguintes aspectos: na conceituação da normatividade da Bíblia, na função dos escritos confessionais e no papel do contexto atual. Começou com a pergunta se a normatividade se aplica de igual forma a todas as partes da Bíblia. Lutero fazia distinção entre Evangelho e Escritura, ou seja, o que promovia a Cristo era o critério do apostólico. Na IELB a interpretação tendia a ser mais literal, enquanto na IECLB ela seria mais liberal. Neste sentido, qual seria a função dos escritos confessionais? As confissões seriam *“norma normata”,* ou seja, a norma regida, podendo, portanto, serem corrigidas. Segundo Brakemeier: “Nem sempre existiu entre os reformadores congruência doutrinal. E qual o peso que se atribui à Ortodoxia luterana do século 16 e 17?”[318] Levando em conta que as confissões eram documentos históricos, era preciso observar o papel do contexto, especialmente do atual, na relação com as mesmas: “Testemunho cristão tem seu lugar e seu momento. Dirige-se a pessoas concretas em situação específica.”[319] O anúncio da palavra de acordo com as necessidades e condições do ouvinte. A reflexão teológica da IECLB estaria mais

[315] BRAKEMEIER, 1999, p. 20.
[316] BRAKEMEIER, 1999, p. 21.
[317] BRAKEMEIER, 1999, p. 21.
[318] BRAKEMEIER, 1999, p. 22.
[319] BRAKEMEIER, 1999, p. 22.

alinhada com a realidade brasileira e latino-americana do que na IELB? Brakemeier perguntou: “Há diferenças que proíbem a nivelação. E, no entanto, serão elas de tamanha gravidade a impedir a cooperação e a missão comum?”[320]

No tópico quarto, começou abordando a explicação de Lutero sobre o primeiro mandamento, apontando como uma das causas da Reforma, este “protesto” contra a usurpação da autoridade divina pela igreja da época se colocando em lugar de Deus com todos seus dogmas e doutrinas. Então, passou a destacar que a teologia luterana era a teologia da cruz, ou seja, o amor que não evitaria o sofrimento, sendo assim forte para transformar culpa em perdão, escravidão em liberdade e morte em vida: “A comunidade de Jesus Cristo compartilha a dor da criação ainda não redimida. É chamada a ser serva, não dona, das pessoas às quais o seu Senhor a enviou.”[321] A liberdade de servir, iria romper estruturas de opressão, por amor ao próximo, e a autoridade humana não poderia mais ser o arbítrio final. O *“simul iustus et peccator”,* (simultaneamente justo e também pecador), também seria uma categoria hermenêutica da Reforma, excluindo assim o pensamento dualista (ou isso ou aquilo) quanto o hierárquico (superioridade e inferioridade), um dos graves problemas da atualidade nas igrejas e na sociedade.

Brakemeier concluiu sua preleção marcando três pontos para a reflexão das duas Igrejas. Entendeu como prematura qualquer intenção de fusão eclesiástica, mas observou como alvo primário a busca de comunhão de púlpito e altar. Entendeu que a cooperação pressupunha a disposição para a parceria: “Exige o conhecimento mútuo, a erradicação do preconceito, o relacionamento fraternal. Para tanto é imprescindível o encontro, a reflexão, a oração conjunta.”[322] Apesar de alguns avanços ocorridos a partir do Convênio de Cooperação, propôs que se avançasse mais, como por exemplo, não começando duas missões luteranas no mesmo lugar.

A reação de Zimmer à palestra de Brakemeier, sob o tema “O amor reinou supremo”, teve os seguintes tópicos: observações iniciais, comentários gerais sobre o todo da conferência, comentários sobre afirmações particulares e conclusão. Começou afirmando que confessava sua inteira concordância com as suas afirmações. Ressaltou que o aspecto bíblico poderia ter merecido mais ênfase e, neste

[320] BRAKEMEIER, 1999, p. 22.
[321] BRAKEMEIER, 1999, p. 23.
[322] BRAKEMEIER, 1999, p. 24.

sentido, abordou dois contextos do Novo Testamento, que iriam ressaltar a importância e a urgência das igrejas luteranas avançarem no diálogo ecumênico. Uma foi a oração sacerdotal de Jesus, onde aparece a preocupação pela unidade da Igreja, temendo que o testemunho ficasse enfraquecido com a divisão. O segundo contexto citado foi o de Atos 15, onde a Igreja de então, sentindo as consequências negativas da desunião sobre o trabalho missionário, convocou o primeiro Concílio Apostólico em Jerusalém. Segundo Zimmer, ali estaria uma grande lição e um desafio para a conferência luterana que estava se realizando. Por amor aos irmãos, fora pedido que os gentios guardassem algumas coisas típicas dos judeus.[323]

Zimmer nomeou como pessoas provenientes do próprio país, que teriam contribuído decisivamente para um crescimento da consciência confessional, além dos citados da IECLB por Brakemeier, Wilhelm Rotermund e Hermann G. Dohms, os pastores da IELB como Wilhelm Mahler, Johannes Kunstmann e Paul Schelp. Quanto a dependência das igrejas luteranas brasileiras em relação às igrejas mães no exterior, afirma que “no caso da IELB, essa dependência tem inibido, senão impedido, um maior envolvimento ecumênico.”[324] Quanto às diferenças entre as duas igrejas luteranas, Zimmer perguntou “será mesmo necessário, para as duas igrejas se aproximarem mais, concordar quanto à ***interpretação*** dessas Escrituras e, mesmo, quanto aos ***métodos de se interpretar*** as Escrituras?”[325] No que concerne à função dos escritos confessionais Zimmer afirmou:

> Quanto a isso, acredito que a adoção de todo o Livro de Concórdia como base confessional por parte da IECLB, de um lado, e uma reavaliação desses documentos quanto à sua função histórica por parte da IELB, de outro lado, seriam passos significativos na direção de um consenso maior.[326]

Como conclusão de sua reação, lembrou que durante 20 anos teve como esposa (na ocasião já falecida) uma filha de um pastor da IECLB. Na época de sua formação teológica, se dava mais ênfase nas diferenças e rivalidades entre as duas igrejas, mas que, mesmo assim, ele mesmo havia recebido a sua noiva para dentro da IELB, utilizando unicamente o rito de transferência de membros entre comunidades da IELB.[327] Por fim, ressaltou que se havia emocionado no devocional de abertura da

---

[323] ZIMMER, 1999, p. 26.
[324] ZIMMER, 1999, p. 27.
[325] ZIMMER, 1999, p. 27.
[326] ZIMMER, 1999, p. 27.
[327] ZIMMER, 1999, p. 27.

Conferência, quando se havia pedido piedade a Deus porque se reconhecera que “no passado tivemos dificuldades para nos aceitar como irmãos e irmãs da mesma família luterana.”[328] Neste sentido, Zimmer manifestou seu desejo de que o diálogo avançasse tanto que não pudesse mais haver retorno e recordou que a palestra de Brakemeier fosse aceita como um documento base para o diálogo entre das duas igrejas luteranas brasileiras.

3.2.1.2 Palestra: Unidade e Missão das Igrejas Luteranas Aqui e Agora e a Reação: História e histórias

A palestra de Beck, sob o tema “Unidade e Missão das Igrejas Luteranas Aqui e Agora”, teve os seguintes tópicos: 1) Introdução ao tema; 2) O Momento atual: o que se passa conosco? 2.1) Ponto de partida único; 2.2) Caminhos da separação; 2.3) Caminhos de reencontro; 2.4) Percalços no caminho; 3) Unidade: Quem somos realmente? Somos um! 4) Missão; 5) Conclusão. Começou afirmando que as duas igrejas luteranas brasileiras eram concreções históricas locais da igreja luterana, que se podia definir como “igreja católica reformada”, nos termos da sua carta magna, a CA:

> Seja isso como for, o fato permanece: a vocação da nossa igreja, enquanto fiel à Confissão de Augsburgo, é ser uma igreja católica, e nós só podemos ser igreja católica na medida em que buscamos, sempre de novo, o diálogo e a comunhão com a Igreja Católica Apostólica Romana. Pois ela, apesar dos pesares, é depositária, como nós, da venerada tradição apostólica que vem desde Jesus Cristo através de muitos séculos.”[329]

Neste sentido entendeu que a igreja luterana era a própria igreja cristã libertada das práticas e ritos contrários ao Evangelho, e esperava que “compreendendo o passado (como chegamos a nos tornar o que somos), possamos estabelecer a própria identidade (quem somos) e, a partir dela, projetar ações alinhadas com o fim de tudo, o reino de Deus.”[330] Beck entendeu que se estava perguntando como se podia esperar e construir juntos um futuro comum: “Esperamos e desejamos linhas de ação desconcertadas e, mesmo, antagônicas ou visualizamos antes linhas de ação conjunta?”[331] Era preciso perguntar de que forma estavam

[328] ZIMMER, 1999, p. 27.
[329] BECK, 1996, p. 22.
[330] BECK, 1999, p. 28.
[331] BECK, 1999, p. 29.

relacionadas as duas igrejas com a origem e o fim da história, ou seja, o reino de Deus:

> Pois, na verdade, não podemos contentar-nos com o que já somos. Precisamos tornar-nos aquilo que somos chamados a ser, herdeiros do reino dos céus. [...] Na verdade, não convém querermos chegar aonde nós mesmos queiramos. Precisamos chegar aonde importa chegar pois desejamos ser fiéis à vocação a que fomos chamados.[332]

Na sequência, Beck passou a refletir sobre a necessidade de se distinguir o ocorrido na história da versão do que foi transmitido. O ocorrido não era mais possível alterar, mas seria possível elaborar uma nova compreensão do que havia passado: "Compreendendo de forma nova e diferente o passado, poderemos superar entraves e passar a interagir de forma distinta, como membros e representantes das organizações a que estamos ligados."[333] As relações mútuas estariam perturbadas por recordações de histórias, que teriam sido contadas, de injustiças e violências que uns teriam praticado contra os outros. Membros insatisfeitos com as atividades do pastor local, se teriam retirado, individualmente ou em bloco, para a outra igreja, o que, certamente, resultaria em animosidade. "Assim, por exemplo, o pai deste autor perdeu uma comunidade, como se dizia na época, por não ter oficiado no sepultamento de pessoa suicida, filho ou filha de um dos líderes locais."[334] Estas lembranças estariam cravadas na memória coletiva. Neste sentido, afirma Beck: "Neste meio tempo, seria desejável que os historiadores levantassem o que realmente aconteceu e nos ajudassem a compreendê-lo em nova perspectiva."[335]

A origem das duas igrejas teria sido a mesma, ou seja, a Reforma do século XVI. "Em princípio somos todos apenas e unicamente luteranos."[336] No século XIX, a casa real da Prússia havia decretado a união entre luteranos e reformados, sendo que milhares de pessoas teriam se tornadas "unidas" sem terem sido consultadas. Aqueles que se entendiam "luteranos autênticos", fiéis à Confissão de Augsburgo Inalterada[337]

---

[332] BECK, 1999, p. 29.
[333] BECK, 1999, p. 29.
[334] BECK, 1999, p. 29.
[335] BECK, 1999, p. 29.
[336] BECK, 1999, p. 30.
[337] Confissão de Augsburgo sem a alteração (inalterada ou *invariata)* que posteriormente foi alterada posteriormente por Filipe Melanchthon, no artigo X, Da Ceia do Senhor. Na versão inicial consta: "Da ceia do Senhor se ensina que o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo estão verdadeiramente presentes na ceia sob a espécie do pão e do vinho e são nela distribuídos e recebidos. Por isso também se rejeita a doutrina contrária." Na versão alterada (alterada ou *variata*) consta a seguinte versão: "Da ceia do Senhor ensinam que com o pão e vinho o corpo e sangue de Cristo são verdadeiramente oferecidos aos que comungam na ceia do Senhor."

(unveränderte Augsburgische Konfession) haviam organizado comunidades independentes do Estado. Vítimas de intolerância e perseguição, emigraram para os Estados Unidos da América e Austrália, buscando liberdade de culto. Segundo Beck: "Com a pregação dos 'missionários', inclusive e especialmente dos 'missurianos,'[338] desencadeou-se a polêmica em torno de quem seria ou não luterano."[339]

Para fomentar um caminho de reencontro, seria preciso escrutinar a compreensão que se teria do passado. Segundo Beck: "Os historiadores precisam liderar as igrejas no esforço de reinterpretar o passado na perspectiva de um futuro distinto do que tem sido. Os teólogos precisam redescobrir, juntamente com os fiéis, o fundamento para a concórdia e cooperação."[340] Entre alguns percalços no caminho Beck apontou a descontinuidade das políticas administrativas dos órgãos diretivos, em não persistirem nos esforços de aproximação: "O projeto de aproximação avança ou recua de acordo com a política interna de cada uma das igrejas. Não é bom que assim seja."[341] Por fim, neste tópico, Beck pontuou que seria preciso identificar e fortalecer as bases teológicas para uma concórdia:

> Precisamos elaborar e implantar mecanismos que permitam às igrejas distinguir entre o essencial e o periférico. Precisamos aprender a conviver com diferenças de convicção ou práticas que não comprometam o que os confessores de Augsburgo chamavam *articuli fidei,* a saber, os artigos da fé cristã expressos no credo apostólico."[342]

Ser luterano ou luterana seria confessar aquilo que toda pessoa luterana confessa, que, segundo a CA, seria o credo. Neste sentido, afirmou Beck: "Não podemos admitir que algum segmento da igreja exiba este título com exclusividade. Nenhuma parte pode arrogar para si o que ao todo pertence."[343] Se houver a compreensão de que os cristãos luteranos somente teriam razão de ser e de fazer sentido como integrantes e confessores da única santa igreja católica e apostólica:

> Basta assumirmos subjetivamente a identidade objetiva, ou seja, basta atendermos ao apelo divino e sermos de fato o que já somos por dádiva e

[338] Missionários oriundos do Sínodo Missouri dos Estados Unidos da América, ou seguidores da linha teológica desta denominação.
[339] BECK, 1999, p. 31.
[340] BECK, 1999, p. 31.
[341] BECK, 1999, p. 31.
[342] BECK, 1999, p. 31.
[343] BECK, 1999, p. 32.

> graça de Deus, a saber, *um* em Cristo. Nós *somos um*, e é por isso que podemos atender à vocação de nos *tornarmos um* no seio da única igreja."[344]

No artigo sétimo da CA, é declarado o que torna possível e em que consiste a unidade da igreja, que não supõe nem requer uniformidade de ritos e práticas religiosas de feitura humana. Pressupõe e indica *magnum consensum* (grande consentimento) das igrejas em ensinar o Evangelho e celebrar os sacramentos:

> Portanto, uma igreja que é igreja, que efetivamente anuncia o evangelho e distribui os sacramentos, não pode senão refletir e expressar consenso com todas as igrejas que, da mesma forma, anunciam o evangelho e ministram os sacramentos de acordo com a vontade e ordem de Jesus Cristo.
>
> Admitindo, pois, que a IELB de fato seja igreja, visto que efetivamente anuncia o evangelho e distribui os sacramentos de acordo com o evangelho, estamos dispostos, como os autores da Confissão de Augsburgo, a reconhecer como tais as igrejas que igualmente anunciam o evangelho e distribuem os sacramentos em conformidade com o evangelho? Estamos dispostos a expressar *com* elas a unidade da (única) igreja de Jesus Cristo? Ou vamos preferir adotar a posição dos bispos católicos à época da Reforma e dizer: 'Nós somos a igreja; só haverá comunhão se concordarem conosco em todos os pontos da nossa doutrina'?[345]

Beck chamou a atenção de que os confessores, na conclusão dos artigos da primeira parte e no prefácio à justificativa das reformas na segunda parte da CA, não negavam que havia divergências de opinião e prática entre as igrejas e que não seriam de natureza a afetar ou destruir a unidade:

> Portanto, já que nos artigos principais não há ausência de fundamento ou defeito perceptíveis, e sendo esta nossa confissão divina e cristã, deveriam os bispos, justiçosamente, mostrar-se mais brandos, ainda que falha houvesse entre nós com respeito à tradição, muito embora esperemos apresentar sólido fundamento e causa quanto à razão por que entre nós houve mudança relativamente a algumas tradições e abusos.[346]

Beck relatou que sua experiência de alguns anos de convivência mostrava que se tinham jogado acusações não apenas de erros, mas também de heresias, de um lado para o outro, muitas vezes, com má fé e leviandade, semelhante com o que se observava nos tempos da Reforma. Neste sentido, Beck chamou à atenção:

> As organizações eclesiásticas aqui representadas pelo melhor de suas lideranças precisam chegar a conceitos muito claros de que seja erro, cisma e heresia, [...]. Não será a declaração avulsa deste ou daquele teólogo, não

---

344 BECK, 1999, p. 32.
345 BECK, 1996, p. 10.
346 Confissão de Augsburgo. *In:* **Livro de Concórdia.** Trad. Arnaldo Schüler. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1981. p. 40.

> serão os cacoetes ou manias deste ou daquele pastor que hão de comprometer a unidade reconhecida e expressa coletivamente.[347]

Beck, neste tópico, por fim entendeu que as duas igrejas não poderiam senão procurar consenso quanto ao que importava ensinar e testemunhar. Neste sentido, propôs aos participantes daquela conferência uma discussão:

> De que forma vamos escalonar as possibilidades de erro para definir com clareza quais deles seriam absolutamente intoleráveis, por comprometerem a unidade, e quais poderiam ser discutidos com paciência e caridade, não no sentido de serem minimizados, mas no sentido de serem corrigidos ao longo do tempo?[348]

Beck entendia como difícil, se não impossível de imaginar ações conjuntas, sem que houvesse compreensão comum ou consenso quanto ao Evangelho e concórdia no uso dos sacramentos, e propunha algumas ações:

> Por que não adotar o *Catecismo Maior* de Lutero como evidência e testemunho da compreensão comum do evangelho e dos sacramentos? Se o fizéssemos, estaríamos concentrando nossa atenção naquilo que é amor. Não estaríamos nos perturbando com sutilezas tão do gosto dos teólogos e acadêmicos. [...] por que não adotar a Confissão de Augsburgo como afirmação unânime – e suficiente – da fé comum? Teríamos então uma plataforma segura para o diálogo com os irmãos de que fomos separados pela força das circunstâncias, para não dizer pela violência das decisões da cúria.[349]

Segundo Beck, a CA teria uma maior amplitude de diálogo:

> Apesar de não ter sido aceita, a proposta luterana de harmonia à base da unanimidade do uso dos meios do Espírito Santo que criam a fé, e de tolerância em relação à diversidade de ritos e tradições, continua válida como ponto de partida para entendimento não só com a igreja romana, mas com todas as igrejas protestantes.[350]

Em sua conclusão, Beck afirmava que a credibilidade das ações conjuntas das duas igrejas pedia sintonia entre elas nas convicções fundamentais da maneira que são resumidas no credo. “Precisamos buscar e exigir unanimidade na confissão de fé cristã e achar formas de conviver com diferenças na compreensão, explicação ou aplicação dos artigos de fé confessados no credo apostólico.”[351]

---

[347] BECK, 1999, p. 32.
[348] BECK, 1999, p. 33.
[349] BECK, 1999, p. 33.
[350] BECK, 1996, p.109.
[351] DREHER, 1999, p. 34.

A reação de Dreher à palestra de Beck, sob o tema “História e histórias”, teve os seguintes tópicos: Das espórtulas, denominações; Fome; Da economia; De porcos envenenados; Do arcanjo; De concessões; Motivos e enfoques; Confissão; Passos a dar; Dificuldades comuns e instrumentos. Ao abordar o tema da missão, Dreher afirmou: “Na Igreja Luterana, Deus age através dos batizados: seus instrumentos de missão. As duas igrejas luteranas brasileiras não têm conseguido expressar este fato de maneira convincente, pois a história de ambas é a história de sua consequente clericalização.”[352]

Enquanto historiador, Dreher iniciou relatando alguns casos ocorridos entre comunidades e pastores de ambas igrejas luteranas, sem que houvesse motivos estritamente teológicos, mas históricos; talvez, antes de serem históricos, poderiam ter sido fatores antropológicos e econômicos. Os casos específicos já foram relatados no segundo capítulo desta pesquisa. Entendia que havia um “luteranismo” de pastores e um “luteranismo” de comunidades e sugeria que não se olhasse tanto para as histórias “alemãs” ou “norte-americanas”, mas para a história “no Brasil” e “do Brasil”, ou seja, perguntas que poderiam separar as duas igrejas “aqui e agora”. Afirmou que não havia visões distintas da Ceia do Senhor, e que pietistas havia em ambas igrejas, bastando olhar os hinários de ambas. Da mesa forma, a respeito da presença de fundamentalistas:

> Lutero iria encontrar na ‘palha’ que resta, quando não encontramos Jesus na Bíblia, ou quando nela não lemos o que promove a Jesus, fundamentalistas em ambas igrejas. Alguns de esquerda, outros de centro, outros de direita. Uma pergunta: O dogma da ‘inerrância’, proclamado quando o papa proclamava sua ‘infalibilidade’ ou o dogma da leitura ‘kantiana’ ajudam a encontrar Cristo? Temo que não. Eles fossilizam a fé.[353]

Dreher fez uma confissão:

> Louvo na exposição de Nestor Beck sua coragem em afirmar a inserção das duas igrejas luteranas na una, santa, católica e apostólica Igreja. Louvo sua pergunta pelo Catecismo Maior, insisto junto à IECLB quanto à adoção do Livro de Concórdia, eis que está em débito em relação à *Igreja Luterana no Brasil,* há 50 anos.[354]

Dreher manifestou sua compreensão de que os empecilhos teológicos para o trabalho conjunto das duas igrejas estariam superados. A ordenação da mulher na

[352] DREHER, 1999, p. 35.
[353] DREHER, 1999, p. 37.
[354] DREHER, 1999, p. 37.

IELB seria questão de tempo, pois ela estaria tendo participação ativa na vida de culto, na direção da igreja e em estudos teológicos. Por fim, manifestou sua opinião de que as dificuldades em uma e outra denominação luterana não seriam impedimentos para a comunhão de púlpito e de altar: “A Confissão de Augsburgo, antes, nos pergunta pela razão de não comungarmos no corpo e no sangue do Senhor e de não podermos chamar de culto nossas celebrações, devendo manter a designação ‘ato alusivo a...’”.[355] Sugere instrumentos comuns para a concreção de unidade como: liturgia comum, base confessional comum, troca de cátedras na formação teológica, aulas conjuntas para candidatos ao ministério, cursos comuns para a membresia e tarefas diaconais comuns, entre outras.

Após a reação de Dreher, aconteceu um momento de discussão em plenário. À tarde, houve a constituição de oito grupos de trabalho para discussão do tema geral, sendo que, depois, o plenário novamente se reuniu para organizar os resultados dos grupos. No dia seguinte, dia da Reforma, 31 de outubro, aconteceu o devocional de abertura sob o tema “O Diálogo nos encaminha à Ação Conjunta”. Em seguida, os oito grupos se reuniram pela primeira vez para dialogar sobre questões básicas levantadas nas palestras e reações. Os temas propostos para o trabalho em grupo se centraram sobre duas questões: 1) Em que poderia e deveria consistir a contribuição especificamente luterana no cenário brasileiro? Foram levantadas teses como: “Temos a mensagem teológica mais clara, mais doce, mais libertadora, mas precisamos acabar com o nosso retraimento”; “A igreja deveria ser a consciência da nação e manifestar-se em favor das minorias e excluídos, emitindo posicionamentos e pareceres diante de momentos decisivos para o País ou para o Estado ou para uma comunidade”; “Ajudando e tratando o ser humano como um todo; lembrando a ação dos luteranos como uma resposta ao amor de Deus”.[356] 2) Como poderemos trabalhar as diferenças entre a IELB e a IECLB? Foram levantadas teses como: “Realizar estudos, em conjunto, em todos os âmbitos das duas igrejas em torno dos temas divergentes e polêmicos”; “Voltar às origens confessionais e aos documentos básicos: Bíblia e Confissão de Augsburgo”; “Não discutir fusão ou unificação administrativa”; “Admitir participação mútua na Santa Ceia, respeitando contextos locais”; “Que seja incentivado o trabalho missionário em conjunto, especialmente em campos novos,

[355] DREHER, 1999, p. 37.
[356] WEIRICH, SCHUBERT, SILVA, 1999, p. 42-43.

observadas as situações locais, especialmente aquelas em que é necessário maior diálogo fraterno"; "Há pontos divergentes mas que carecem da vontade política e de 'com-paixão' de ambas as partes, para que ela se concretize"; "Constatamos que existem opiniões distorcidas sobre concepções teológicas que atrapalham, mas por parte de outros há uma vontade muito grande de estabelecermos comunhão".[357] Num segundo momento, os trabalhos em grupos foram baseados em nas oito áreas destacadas pelo Convênio de Cooperação. À tarde, os relatores dos grupos apresentaram o resultado do trabalho e foram apresentadas propostas para encaminhamento do Documento final. Houve o jantar e de uma programação alusiva ao Dia da Reforma. No último dia, aconteceu a plenária para apresentação e discussão do Documento final. Deste documento, além do que já foi destacado acima, as demais sugestões apresentadas estão na íntegra, no anexo.[358] O devocional de encerramento teve como tema "Diálogo no Rumo da Comunhão Plena", com os participantes da IECLB[359] e da IELB[360].

3.2.2 2ª Conferência Nacional Interluterana: Identidade e Missão das Igrejas Evangélico - Luteranas no Brasil

A 2ª Conferência Nacional Interluterana entre a IELB e a IECLB, aconteceu no Lar Rodeio 12, Rodeio/SC, de 5 a 7 de novembro de 2001, com a participação de sessenta e dois representantes das cerca de 3200 comunidades luteranas no Brasil, membros da IECLB e da IELB. O tema motivador dos trabalhos foi: "Identidade e Missão das Igrejas Evangélico-Luteranas no Brasil", tendo como objetivo contribuir para que a IELB e a IECLB identificassem razões históricas, hermenêuticas e práticas que ajudassem a compreender seus desencontros e que servisse de base para o

---

[357] WEIRICH, SCHUBERT, SILVA, 1999, p. 44-46.

[358] ANEXO 12, p. 392. **Documento Final IELB – IECLB.** WEIRICH, SCHUBERT, SILVA, 1999, p. 49-56.

[359] Huberto Kirchheim, Ataídes Schulz, Burghard Klemz, Carlito Gerber, Carlos F. R. Dreher, Claudio Schubert, Clóvis Lindner, Cristov Kayser, Darci Drehmer, Dari Appelt, Edson Streck, Elemar Mai, Eleinir Amália Pott, Gertraude Wanke, Gottfried Brakemeier, Hanny Taeschner Hoepner, Hans Burger, Heinz Ehlert, Iris Pedrotti, João Artur M. da Silva, Leandro Hoffstãtter, Beatriz Hoffmann Voigt, Martin N. Dreher, Milton Klãsener, Osmar L. Witt, Nelson Kilpp, Roberto Hollerbach, Tatiana Plautz, Valdemar Lückemeyer, Victor F. Sasse e Waltraude Wartchow.

[360] Carlos W. Winterle, Agenor Berger, Ari Lange, Arnildo Schneider, Augusto Kirchheim, Carlos Pires Salomão, Claudio Lísias Flor, Edgar Lemke, Elaine Timmen, Ely Prieto, Fernando Luís Schüler, Gerhard Grasel, Gilvan de Azevedo, João Carlos Tomm, Leopoldo Heimann, Mario Sonntag, Moacir Guenter, Nestor L. J. Beck, Oscar Lehenbauer, Paulo M. Nerbas, Paulo P. Weirich, Raul Blum, Reinaldo M. Lüdke, Ricardo W. Rieth, Rudi Zimmer, Tealmo Percheron, Úrsula Ana Neumann e Vílson Regina.

processo de diálogo e cooperação entre ambas. Os pastores presidentes Kirchheim e. Winterle saudaram as pessoas presentes. A primeira palestra sobre o tema foi trazida por Fischer, sob o tema "Razões históricas que condicionaram o surgimento e o diálogo das duas Igrejas Luteranas no Brasil" - uma retrospectiva sobre a questão da confessionalidade na história das comunidades da IECLB e da IELB. Como reator, Buss apontou para a origem da IELB como determinante para a sua confessionalidade.

3.2.2.1 Palestra: Razões históricas que condicionaram o surgimento e o diálogo das duas Igrejas Luteranas no Brasil - uma retrospectiva sobre a questão da confessionalidade na história das comunidades da IECLB e da IELB e a Reação de Paulo Wille Buss

A palestra de Fischer teve os seguintes tópicos: Introdução; 1) O período congregacional; a) O movimento de Despertamento ou Reavivamento; b) O Unionismo; c) Filosofias; 2) O período sinodal; a) Instituições da Basiléia; b) Conselho Eclesiástico Superior da Igreja da Prússia; c) Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América; d) Associação “Caixa de Deus” da Baviera; e) Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados. Confessionalidade dos Sínodos: a) O Sínodo Teuto-Evangélico da Província do Rio Grande do Sul; b) O Sínodo Rio-grandense; c) O Distrito Brasileiro do Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados; d) O Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul; e) A Associação de Comunidades Evangélicas Alemãs de Santa Catarina; f) O Sínodo das Comunidades Teuto-Evangélicas do Brasil Central; 3) Os desencontros; 4) O período das Igrejas nacionais autônomas; Conclusão.

Fischer iniciou delineando sua palestra no sentido de mostrar as raízes históricas do diálogo entre as duas Igrejas, falando também dos seus desencontros, o que seria um dos aspectos do objetivo geral da Conferência, sendo que o tema poderia ser "Do desencontro ao diálogo". Destacou uma reminiscência pessoal, de 1965, numa reunião em Lima, no Peru, por ocasião do 4° Congresso Luterano Latino-Americano, onde estavam presentes os professores dos cinco seminários teológicos luteranos da América Latina:

> Creio que foi o primórdio do diálogo interluterano latino-americano. Naquele encontro, o professor Johannes Rottmann[361] levantou a pergunta: Como podemos nos encontrar, já que carregamos conosco a mesma bagagem, a herança da Reforma luterana? Usando a imagem da bagagem pergunto agora: Qual é a bagagem teológico-confessional que carregamos conosco? O que aconteceu com essa bagagem ao longo da nossa história?[362]

Abordando o período confessional, destacou três movimentos. O Despertamento ou Reavivamento que insistia na redescoberta da confessionalidade luterana. O Unionismo visava à união de comunidades e Igrejas luteranas e reformadas (calvinistas) numa só Igreja, onde a maioria das igrejas unidas não tinham uma confessionalidade única, sendo que a união não era apenas compreensível, mas até necessária, sendo que a maior Igreja Unida era a da Prússia, a qual pertenciam em torno de 50% de todos os evangélicos alemães, podendo ter sido a maior igreja protestante do mundo.[363] Por fim, as Filosofias em voga no século XIX, oriundas do Iluminismo, críticas em relação ao cristianismo se faziam presentes entre a população teuto-brasileira nas colônias no Brasil, através de jornais, almanaques e outras publicações.

Fischer destacou três fatores que teriam influenciado o desenvolvimento da confessionalidade das comunidades de imigrantes alemães evangélicos. Em primeiro, no Brasil, até a Proclamação da República em 1889, foram apenas tolerados, pois pela Constituição não deviam aparecer em público, mas somente em cultos domésticos, sendo-lhes proibido fazer missão. Em segundo, os imigrantes alemães evangélicos haviam emigrado da Alemanha para o Brasil por motivos socioeconômicos e/ou políticos, não por motivos religiosos. Por outro lado, os luteranos saxões e silesianos que emigraram para os Estados Unidos da América tinham um objetivo religioso comum, ou seja, ter um espaço onde podiam viver seu luteranismo em plena liberdade. Os teuto-russos tinham saudade das prédicas, dos sacramentos; outros perderam seus costumes cristãos, ou na passagem de uma geração para outra sem escola, sem ensino religioso, num ambiente selvagem; finalmente houve aqueles que desistiram da fé ou a ridicularizaram ou rejeitaram

---

[361] Johannes Heinrich Rottmann (1909-2000), nascido na Alemanha, formado em Filosofia, Música, Biblioteconomia e em Teologia, Springfield, EUA. Foi pastor na IELB, desde 1934, Mestre em Teologia (Saint Louis, EUA), Doutor em Teologia - Honoris Causa (Adelaide, Austrália), Doutor em Teologia - Honoris Causa (Saint Louis, EUA) e foi professor de Novo Testamento no Seminário Concórdia, Porto Alegre, RS, de 1952 até 1984.

[362] FISCHER, 2001, p. 1.

[363] FISCHER, 2001, p. 2.

abertamente, como os colonos do reino da Saxônia, quase todos eles carcomidos por slogans socialistas.[364] Em terceiro, nas primeiras décadas da colonização, os imigrantes evangélicos eram poucos e viviam isolados em suas colônias e picadas. Neste sentido, não viam motivos e, talvez, possibilidades de constituírem comunidades luteranas e reformadas (calvinistas) em separado, sendo que as designações das comunidades foram as mais variadas, como: Comunidade Evangélica Alemã, Comunidade Teuto-Evangélica, Comunidade Evangélica, Comunidade Evangélica Luterana Alemã, Comunidade Protestante Teuto-Francesa, Comunidade Evangélica Luterana. Detalhes e especificações sobre quais as comunidades que se definiram sobre confessionalidade, estão expostos no segundo capítulo.

No que tangia ao fundamento e à orientação confessional das comunidades, se encontravam em seus estatutos formulações variadas como: omitiam a indicação do seu fundamento; na confissão e no culto seguiam a Igreja Evangélica Territorial Unida da Prússia; seguiam os princípios do Sínodo Evangélico do RS; apenas a Sagrada Escritura; simplesmente o Evangelho; ao lado da Sagrada Escritura, as doutrinas da Igreja Teuto-Evangélica; a Reforma alemã; escritos confessionais; principais confissões da Reforma; escritos confessionais da Reforma alemã; confissões da Reforma luterana; Reforma de Martim Lutero; Credo Apostólico; Confissão de Augsburgo; Confissão de Augsburgo e os dois catecismos de Lutero; a justificação "somente pela fé em Jesus Cristo de Nazaré". Quais comunidades que adotaram estas diversas posturas, já está exposto no segundo capítulo, onde exemplifica Fischer.[365]

A IECLB seria uma Igreja de comunidades, conforme afirma Fischer, fazendo a pergunta que poderia fundamentar esta visão: "Em 1523, Lutero atribuiu à comunidade o direito e a autoridade de julgar toda doutrina. Inclui isso a autoridade de definir a confessionalidade? No que diz respeito ao período congregacional da história da IECLB, parece que sim."[366] Ressaltou também que certamente os pastores influenciavam as comunidades na questão da confessionalidade. Vários pastores haviam sido contratados pelo governo brasileiro, outros por empresas colonizadoras,

[364] FISCHER, 2001, p. 3-4.
[365] FISCHER, 2001, p. 4.
[366] FISCHER, 2001, p. 5.

ainda outros vieram por iniciativa própria. Na carência de pastores, as comunidades haviam convocado pastores leigos, e que, junto com os demais, representavam diversas orientações teológico-confessionais, conforme mencionado no segundo capítulo. A única instância eclesiástica que teria enviado pastores para os imigrantes evangélicos alemães no período congregacional, sem ter em vista a fundação de um Sínodo, fora a Igreja Evangélica Unida da Prússia. Como resultado, Fischer ressaltou a seguinte conclusão:

> No início da história das comunidades dos imigrantes evangélicos alemães e de seus descendentes, as próprias comunidades, provavelmente em conjunto com seus pastores, definiram sua confessionalidade, se é que a definiram expressamente. Faltavam estruturas supracomunitárias que pudessem ter orientado as comunidades e os pastores em direção a uma definição mais homogênea e mais clara de sua confessionalidade. Por isso encontramos nesse período uma variedade teológico-confessional relativamente grande, entre elas também a confessionalidade luterana.[367]

Na sequência, abordou o período sinodal, quais sínodos se formaram, os locais, as origens, quais pastores. O quadro teria tomado outra forma com a criação sucessiva de cinco unidades eclesiásticas supracomunitárias, chamadas de Sínodos, período em que outras entidades evangélicas também começaram a enviar pastores formados e ordenados. Desde 1861 foram enviados ao Brasil 92 missionários e pregadores formados em quatro instituições da Basiléia, na Suíça. A Missão de Basiléia era conscientemente interconfessional e os membros da diretoria continuavam cada um com sua confessionalidade, se baseando na palavra de Deus. Desde 1864, o Conselho Eclesiástico Superior da Igreja da Prússia teria enviado pastores para o sul do Brasil, de formação universitária e orientação teológica unida. Em 1864, na cidade de Barmen, fora criado o Comitê para os Alemães Protestantes no Sul do Brasil, posteriormente integrado na Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América, geralmente citada como Sociedade Evangélica de Barmen, com forte influência reformada (calvinista). Procuravam acentuar os aspectos confessionais conciliatórios, complementares e unificadores, não citando base bíblica ou confessional, recomendações de fortalecer o "laço de amor e concórdia" com os "irmãos no ministério eclesiástico", de "respeitar as corporações sinodais já existentes

[367] FISCHER, 2001, p. 7.

ou as que ainda se formarem".[368] Entre 1865 e 1899, enviou para o Rio Grande do Sul, 49 pastores, 10 professores e professoras e duas outras obreiras.

Na última década do século XIX, os luteranos teuto-russos recém-imigrados ao Brasil teriam pedido ajuda espiritual às Associações "Caixa de Deus", da Baviera, que, a partir de 1897, começara a enviar pastores de confessionalidade luterana para o Brasil, com o propósito da criação e sustentação de pastores e escolas e a formação de pregadores e professores fiéis, firmemente baseados na confissão luterana. Estes pastores também assumiram comunidades vagas, anteriormente atendidas por pastores ligados à Igreja da Prússia. Os conflitos entre estes luteranos e os unidos, e, posteriormente, entre os respectivos Sínodos, seriam previsíveis.

Por fim, entrou no trabalho pastoral no Brasil, a partir de 1900, iniciando pelo RS, o Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados, a convite do pastor Johann[es] Friedrich Brutschin, residente em Novo Hamburgo, RS. Ele fora co-fundador do Sínodo Teuto-Evangélico, em 1868, e do Sínodo Riograndense, em 1886, além de ter feito parte da primeira diretoria do Sínodo Riograndense. Em 1889, uma parte dos membros de uma das comunidades atendidas por ele resolveu se filiar a uma comunidade, com isso, perdera também uma parte do seu salário. Tendo se sentido abandonado pelo Sínodo, e por entender que a definição da confessionalidade nos estatutos do Sínodo era vaga e ampla, além de se ter desentendido com sua comunidade, se mudou para Novo Hamburgo, RS, passando a atender pastoralmente membros de outras comunidades.

Fischer faz menção a uma carta que Brutschin teria recebido do presidente do Sínodo, Johann Friedrich Pechmann, acusando-o de ter golpeado a causa, sustentada por pessoas que rezavam fielmente. Rogava que Deus conscientizasse Brutschin de seu mal agir e lhe impedisse que a obra fosse prejudicada.[369] Em 1900, Brutschin pediu filiação ao Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados. Essa ligação com o Sínodo americano ter-se-ia dado através de um colega de estudo e amigo, de nome Linsemann, o qual trabalhava nos EUA naquele Sínodo. Através da troca de correspondências, Brutschin teria recebido publicações do Sínodo. Por fim, teria pedido àquele Sínodo um pastor para substitui-lo, pois por motivos de saúde desejava retornar à Alemanha. Fischer discorreu sobre as

[368] FISCHER, 2001, p. 9.
[369] FISCHER, 2001, p. 12.

confessionalidades dos Sínodos fundados pelos pastores enviados pelas diversas entidades do exterior. O Sínodo Teuto-Evangélico da Província do Rio Grande do Sul fora fundado por iniciativa do pastor Dr. Borchard, em 1868, em São Leopoldo, RS, por nove pastores e nove presbíteros, tendo caráter luterano-unido. No fundamento exclusivo da Sagrada Escritura confessava, em especial, a CA. Em 1875 fora declarado extinto. O Sínodo Riograndense, fora fundado pelo pastor Dr. Wilhelm Rotermund, em 1886, em São Leopoldo, RS, por sete paróquias, representadas cada urna por seu pastor e um delegado leigo eleito, e tinha confessionalmente o caráter unido, tendo como fundamento a Sagrada Escritura, os símbolos (Confissões) da Reforma alemã, em especial a CA. Fischer relata que, na assembleia constituinte, fora sugerido designar as comunidades de "evangélico-unidas", sendo que, na ocasião o pastor Brutschin defendera uma clara definição da confessionalidade para se delimitar contra sectários que se chamavam também de evangélicos. O pastor Pechmann solicitara deixar fora dos estatutos a CA porque nem todos os membros a reconheceriam, deixando um Sínodo confessionalmente aberto, no qual ninguém deveria se sentir barrado. O pastor Rotermund, favorável à CA, entendia ser prematuro querer decidir sobre a confessionalidade. Na votação fora rejeitado o acréscimo "unidas" à designação das comunidades e aprovado, com três votos contrários, não mencionar a CA.[370] Em assembleias de 1921 e 1922, uma comissão presidida pelo pastor Hermann G. Dohms, propôs a alteração dos estatutos, definindo o Sínodo como luterano, baseado na Sagrada Escritura, confessando os símbolos da Reforma, sobretudo a CA e o Catecismo Menor de Lutero. Em 1929, o Sínodo Riograndense se filiou à Federação das Igrejas Evangélicas Alemãs.

O Distrito Brasileiro do Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados fora fundado em 1904 em Rincão São Pedro, RS, por proposta do pastor John Hartmeister, na primeira Convenção Geral das congregações evangélicas luteranas, da qual participaram sete delegados leigos, dois conselheiros leigos, um hóspede e nove pastores. Era formado por 14 congregações, e, a sua confessionalidade era inequivocamente luterana. O Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul fora fundado por iniciativa dos pastores luteranos das Associações "Caixa de Deus", em 1905, em Santa Catarina, por cinco comunidades, 11 pastores e um professor, e teve desde o início

[370] FISCHER, 2001, p. 14.

até o seu fim, em 1962, a confessionalidade claramente luterana, destacando que questões doutrinárias não esclarecidas durante a Reforma não deviam separar as Igrejas. Em 1933 houve a mudança do nome para "Igreja Evangélica Luterana Alemã no Brasil" e se filiou à Federação das Igrejas Evangélicas Alemãs. A Associação de Comunidades Evangélicas Alemãs de Santa Catarina fora fundada em 1911, em Blumenau, SC, com a presença de 17 representantes leigos de nove comunidades e oito pastores, não tendo definida a sua confessionalidade, podendo pertencer comunidades filiadas à Igreja Territorial Prussiana e que se relacionassem com o Conselho Eclesiástico Superior Evangélico em Berlim. Na época do Estado Novo de Getúlio Vargas, a Associação mudou seu nome provisoriamente em 1937, e, em 1947, definitivamente, para Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná. Por fim, o Sínodo das Comunidades Teuto-Evangélicas do Brasil Central, fora fundado em 1912, no Rio de Janeiro, por iniciativa do pastor Ludwig Hoepffner, com a presença de 10 pastores e oito delegados leigos de 10 comunidades situadas no Rio de Janeiro, Espirito Santo, São Paulo e Minas Gerais, e tinha a orientação confessional da Igreja Unida da Prússia, com suas comunidades filiadas ao Conselho Eclesiástico Superior em Berlim.

No tópico sobre os desencontros, durante anos teria havido rivalidades e conflitos, em Santa Catarina e no Paraná, entre os pastores ligados à Igreja Unida da Prússia e os ligados às Associações "Caixa de Deus" da Alemanha. Os pastores "unidos" faziam críticas de que os luteranos assumiam comunidades temporariamente vagas e que já haviam sido atendidas por pastores "unidos", e que rejeitavam a ideia de um Sínodo aberto a todas as comunidades como uma mistura de fé sem confissão. Dialogando sobre o problema, em 1926, pastores de ambas as entidades, o Sínodo Luterano e a Associação de Comunidades Evangélicas, firmaram o acordo de Jaraguá, em Santa Catarina. Mais tarde, em 1949, ambos os Sínodos participariam da constituição da Federação Sinodal, que mais tarde se denominaria IECLB, e, em 1962, os dois Sínodos se uniriam no Sínodo Evangélico Luterano Unido (SELU).

Outro foco de discórdias ainda maiores aconteceria entre os pastores do Sínodo de Missouri e os do Sínodo Riograndense. Pela ótica do Sínodo de Missouri, o luteranismo confessional estaria ausente do RS, pois o Sínodo Riograndense seria unido e não luterano. O Sínodo de Missouri se entendia no direito e até no dever de implantar o luteranismo confessional, inicialmente pela arregimentação de imigrantes

luteranos dispersos nas colônias alemãs.[371] O Sínodo Riograndense objetava que já havia um trabalho luterano das Associações "Caixa de Deus" em Santa Catarina e que a presença de dois sínodos semelhantes, no mesmo Estado, entre as mesmas pessoas etnicamente iguais, somente iria confundir os imigrantes alemães. Por algum tempo, se tentara impedir a presença e a expansão do Sínodo de Missouri entre os imigrantes evangélicos; por outro lado, o Sínodo de Missouri fizera sua pregação apologética contra o Sínodo Riograndense, com o objetivo também de “libertar” as famílias alemãs evangélicas da influência de um Sínodo sem definição confessional e de cunho unionista. Por fim, Fischer abordou o período das Igrejas nacionais autônomas. Após o término da Segunda Guerra Mundial, a Igreja começara a se voltar para a realidade brasileira, sem ruptura com o passado, mas com uma continuidade e renovação concomitantes. Iniciara-se um processo demorado de surgimento de uma Igreja arraigada no contexto brasileiro. Na nova conjuntura da segunda metade do século XX, ambas as Igrejas Luteranas do Brasil tornar-se-iam independentes de suas respectivas "Igrejas-Mães", cuja autonomia pode ter facilitado e favorecido diálogo entre as mesmas. Na IECLB começara uma reorientação teológica emergente, com o pastor Hermann G. Dohms e, sobretudo, com o pastor Ernesto Theophilo Schlieper.

Em 26 de outubro de 1949, os quatro Sínodos de origem alemã, juridicamente ainda relacionados com a Igreja Evangélica na Alemanha, constituíram a Federação Sinodal, de confessionalidade luterana. No 1° Concílio Eclesiástico, ocorrido em 14, 15 e 16 de maio de 1950, em São Leopoldo, RS, a Federação Sinodal aceitou com unanimidade quatro teses, apresentadas pelo pastor Hermann G. Dohms, e que marcariam a caminhada da Federação Sinodal/IECLB. A primeira tese afirmava que: "A Federação Sinodal é Igreja de Jesus Cristo no Brasil", destacando a expressão "no Brasil" e que a Federação Sinodal “era Igreja". A segunda tese afirmava que: "Esta Igreja é confessionalmente determinada pela CA e o Pequeno Catecismo de Luther, pertence à família das Igrejas moldadas pela reforma de Martin Luther." A terceira tese constatou que esta Igreja, de confessionalidade luterana, se encontrava: "na comunhão das Igrejas representadas no Conselho Ecumênico, as quais admitem o Evangelho de Jesus Cristo, que nos transmite a Sagrada Escritura, como única regra e diretriz de sua obra evangélica e de sua doutrina."[372] O 2° Concílio, em 1954,

[371] FISCHER, 2001, p. 17.
[372] FISCHER, 2001, p. 19.

acrescentou à designação "Federação Sinodal" o nome "Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil". No 4° Concílio, em 1962, foi tirada a expressão "Federação Sinodal" do nome da Igreja. No 6° Concílio Geral Extraordinário, em 1968, em São Paulo, SP, a IECLB se reestruturou e os Sínodos deixaram de existir. A atual constituição da IECLB, em vigor desde julho de 1997, definiu seu fundamento e sua confessionalidade desta forma:

> A IECLB tem como fundamento o Evangelho de Jesus Cristo, pelo qual, na forma das Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos, confessa sua fé no Senhor da una, santa, universal e apostólica Igreja. Os credos da Igreja Antiga, a Confissão de Augsburgo Inalterada e o Catecismo Menor de Martim Lutero constituem expressões da fé confessada pela IECLB. A natureza ecumênica da IECLB se expressa pelo vínculo de fé com as igrejas no mundo que confessam Jesus Cristo como único Senhor e Salvador.[373]

Em conclusão de sua palestra, Fischer expressou seu desejo de que esta retrospectiva histórica pudesse ter trazido condições de entender as raízes que teriam condicionado o diálogo entre as duas maiores Igrejas Luteranas brasileiras. Fischer ressaltou que não teria conhecimento de nenhuma comunidade que se definisse, na ocasião, como "unida" ou reformada. Outrossim, a IECLB teria deixado de polemizar contra a IELB, se movimentando em direção da mesma, ao se definir como confessionalmente luterana. Seu luteranismo seria aberto, ecumênico, aceitando a presença e colaboração também de cristãos e cristãs oriundos de Igrejas Unidas ou Reformadas. Quanto à IELB, Fischer afirmou:

> A IELB, por sua vez, deixou de lado a polêmica contra o unionismo da IECLB. Ambas as Igrejas passaram da polêmica e rivalidade para a colaboração e fraternidade. Esta Conferência é um sinal visível disso. E frutos palpáveis - e gostosos! - disso são o "Castelo Forte" e as "Obras Selecionadas" de Lutero.[374]

Diferente entre as duas Igrejas era a procedência dos obreiros e das obreiras nos primeiros tempos, porém, atualmente, elas eram autossuficientes, formavam seus próprios obreiros e obreiras. Ambas também teriam a mesma base para responder aos mesmos, a mesma bagagem, nas palavras do professor Rottmann, a Bíblia, como *"norma normans",* interpretada pela confissão luterana, *a "norma normata".* Por fim, Fischer questionou seriamente uma atitude que perguntaria quem seria mais autenticamente luterano, fazendo uma analogia acerca dos ciúmes e brigas entre

---

[373] **TÍTULO II - DO FUNDAMENTO E DOS OBJETIVOS.** Art. 5º, § 1º e § 2º. https://www.luteranos.com.br/conteudo/constituicao-da-ieclb-1. n.p. Acesso em: jul. 2023.
[374] FISCHER, 2001, p. 21.

adeptos do apóstolo Paulo e adeptos de Apolo: "Afinal de contas, quem é Apolo? E quem é Paulo?" E respondera: "Somos somente servidores de Deus." E neste sentido, Fischer concluiu com uma afirmação que poderia ser um hino:

> Une-nos, na IELB e na IECLB, o Evangelho, o cerne da confissão luterana: o agir de Deus que justifica a pessoa pecadora por sua graça unicamente mediante a fé. [...] Isso é mais importante do que nossas rivalidades e nossos desencontros no passado, e mais importante também, creio eu, do que diferenças que ainda existirem entre nós."[375]

A reação a esta palestra foi feita por Buss, que acentuou o aspecto histórico e confessional da IELB, lembrando que sua origem fora determinante para a sua confessionalidade, tendo em vista que os imigrantes luteranos que se estabeleceram nos EUA o fizeram em busca de liberdade para exercer a sua confessionalidade. Fez um breve resumo da vida de C. F. W. Walther, fundador da LCMS, de onde provinha a IELB. Em 1829, teria ingressado na Universidade de Leipzig, onde se juntara a um grupo de estudantes que eram chamados de místicos e pietistas. Ali experimentara um cristianismo legalista, que exigia uma experiência pessoal e emocional de conversão, antes de alcançar o perdão. Chegando quase ao desespero espiritual, teria adoecido fisicamente. Através da orientação do pastor Martin Stephan encontrara a doutrina da justificação que haveria de se tornar, daí por diante, o centro de sua teologia.[376] Concluiu os estudos universitários e foi ordenado ao ministério em 1837. Sua lealdade a Lutero e às Confissões luteranas lhe causavam sérias dificuldades no ministério no ambiente racionalista da Saxônia. Embora os pastores da igreja territorial da Saxônia tivessem que subscrever todo o Livro de Concórdia, tal exigência não passava de mera formalidade:

> Nem os próprios líderes da igreja se preocupavam em cumprir seu voto. Os principais regulamentos da igreja eram negações diretas das Confissões. Como Walther se recusasse a fazer uso de orações, hinos, e outras fórmulas racionalistas prescritas pelas autoridades eclesiásticas, ele teve que suportar vários processos legais movidos contra ele, e pagar as custas dos mesmos. Não sendo permitido aos pastores e leigos luteranos se separarem da igreja territorial para formar uma igreja livre, muitos concluíram que, para eles, a única alternativa que restava era a emigração para uma terra de liberdade religiosa.[377]

---

[375] FISCHER, 2001, p. 22.
[376] BUSS, Paulo Wille. **Reação à palestra do Dr. Joachim H. Fischer.** Rodeio, SC, Lar Rodeio 12, 5 nov. 2001. Reação ministrada na 2ª Conferência Nacional Interluterana. p. 3.
[377] BUSS, 2001, p. 3.

Em seguida, Buss passara a detalhar a plataforma confessional deste Sínodo. Afirmou que na segunda metade do século XX, a posição teológica do Sínodo de Missouri teria sido questionada, criando um intenso conflito interno, que teria atingido seu auge em 1974. Os "conservadores" e os "moderados" teriam discutido a natureza da palavra de Deus. Os conservadores argumentavam que a Bíblia seria palavra de Deus, e, por isso, seria sem erro e infalível. Os moderados afirmavam que a Bíblia continha a palavra de Deus, que sua autoridade viria da proclamação do evangelho, e que em outras questões nela tratadas, a Bíblia poderia conter erros. O resultado da controvérsia fora a suspensão do presidente do Seminário Concórdia de St. Louis e a consequente saída de 45 dos seus 50 professores e da maioria de seus estudantes.[378] Também aconteceu a saída do Sínodo de cerca de cem mil dos seus 2.700.000 membros e 245 de suas 6.000 congregações.[379] Depois Buss passou a expor o início dos trabalhos da LCMS no Brasil. Segundo ele, a insistência do Sínodo em doutrina e confessionalidade não teria impedido de também empreender intensos esforços missionários:

> Atribui-se a propensão missionária do sínodo à influência de Friedrich C. D. Wyneken, segundo presidente do Sínodo e o responsável por chamar a atenção de Wilhem Loehe para a situação espiritual dos imigrantes alemães nos Estados Unidos.
>
> Notícias a respeito de uma maciça imigração alemã para o Brasil começaram a chamar a atenção dos líderes do Sínodo de Missouri por volta do final do século dezenove. Eles sabiam que o Brasil era um país católico e que poderia

[378] Este movimento criou uma nova organização denominada Seminex. Antes do Seminex, reconhecia-se que havia pluralidade no interior da LCMS e do que iria se tornar a ELCA, com presença de conservadores e moderados em ambos os grupos. Isso não era visto negativamente. Havia também muito engajamento social e, desde 1938, defesa de comunhão de púlpito e altar. [...] Inclusive, se ensinava método histórico crítico no Concordia Seminary. Nesse contexto, Jacob Preus é eleito presidente por uma margem bem pequena de votos, no mesmo ano em que Nixon é eleito presidente dos EUA. Ele acusa professores do seminário, muitos dos quais tinham tido formação na Europa, de heresia. Após várias idas e vindas, 43 de 48 professores foram afastados acusados de heresia. Há uma guinada para a direita do ponto de vista político e para posturas predominantemente conservadoras no âmbito teológico. Muito do engajamento social das várias comunidades é desencorajado. Além do mais, se está no meio da guerra fria e toda o discurso do grande fantasma do comunismo. É justamente após esse período que muitos professores (que atuam ou atuaram por décadas) nos seminários da IELB no Brasil foram para lá estudar. Enfim, com o Seminex, essa diversidade interna dos grupos se perdeu. A LCMS se tornou dominada por conversadores (200 congregações deixaram a LCMS) e o que viria ser a ELCA abrigou moderados e liberais. Esse reagrupamento teve consequências teológicas e práticas, de modo que o distanciamento foi ganhando legitimidade teológica e o diálogo se tornou praticamente impossível. Inclusive em nível político. Há algumas pesquisas mais antigas que indicam a cada 10 luteranos da LCMS, 8 são republicanos. Desde então, a LCMS vem decrescendo e se isolando cada vez mais. Para entender esse distanciamento e possibilidades de aproximação, mais do que as origens, esses desenvolvimentos teológicos posteriores podem ser determinantes.

[379] BUSS, 2001, p. 6.

> haver cerca de sessenta mil protestantes sem nenhuma assistência religiosa.[380]

Buss expôs brevemente a história de Brutschin e sua relação com a vinda do Sínodo de Missouri ao Brasil. Buss manifestou sua intenção de não simplificar a análise dos conflitos a ponto de atribuí-los a questões de cunho meramente pessoal. Entre outras razões envolvidas, ele entende que houve um choque entre dois conceitos de modelo de igreja:

> O modelo de igreja representado pelo Sínodo de Missouri era o de uma igreja confessional que reúne todos os que se identificam com a mesma confissão de fé expressa em um conjunto de doutrinas claramente formuladas. Já o Sínodo Riograndense trazia da Alemanha o modelo de uma igreja territorial e, devido a procedência prussiana de muitos de seus pastores, o conceito de uma igreja territorial unida. Acredito poder concluir disso, sem exagero, que do ponto de vista dos pastores que simpatizavam com a união prussiana, o Sínodo de Missouri era uma presença indesejável em solo brasileiro e representava uma posição retrógrada de um confessionalismo denominacional já superado na união prussiana. Nesse sentido, o Sínodo Riograndense, identificado simplesmente como 'evangélico', sem confessionalidade definida, representava uma versão mais 'avançada' de igreja, podendo atrair, sem discriminação, luteranos, reformados e unidos.[381]

Por fim, Buss detalhou a plataforma confessional da IELB. Em sua conclusão, afirmava que as diferenças na base e fundamento doutrinário se mostrariam em compreensões diferentes de doutrinas e práticas, e deixava a pergunta se isto impediria o diálogo, a cooperação, o bom relacionamento em muitas áreas? Acreditava que não, mas manteve um alerta contra uma precipitação que poderia trazer resultados negativos: "Deste ponto de vista, união de púlpito e altar é ponto de chegada, não ponto de partida."[382] Encerrava sua reação, declarando aquilo que seria, ainda hoje, a posição oficial da IELB:

> O Evangelho da graça de Deus para com o pecador não é uma mensagem isolada que pode ser mantida íntegra mesmo quando outras doutrinas são negligenciadas. Se realmente queremos buscar a unidade, precisamos dizer com uma só voz a primeira petição do Pai Nosso com tudo o que ela implica. Deus o conceda.[383]

Após a palestra e a reação, os participantes foram divididos em oito grupos, de acordo com as oito áreas estipuladas pelo Convênio de Cooperação e que apresentassem os dados relativos à enquete sobre os resultados alcançados desde a

---

[380] BUSS, 2001, p. 7.
[381] BUSS, 2001, p. 10.
[382] BUSS, 2001, p. 13.
[383] BUSS, 2001, p. 15.

primeira conferência. Ficou constatado que, apesar de ter havido fraco retorno dos questionários enviados aos participantes da conferência, as informações levantadas eram indicativos que mereceriam ser apreciados, embora com ressalvas. Na avaliação dos resultados da enquete o plenário fez as seguintes observações:

> a) Falta maior divulgação para o que se fez e faz em termos locais entre as duas igrejas; b) A primeira conferência fez propostas de encaminhamento prático em questões que ainda não foram suficientemente discutidas: c) É preciso valorizar as pequenas experiências. A nível local parece que podemos detectar avanços, é preciso valorizar os pequenos sinais; d) Nesta conferência os grupos deveriam pensar mais objetivamente o que pode ser sugerido para ser concretizado; e) Também aconteceram atividades que não foram mencionadas na enquete. É preciso ter ousadia para fazer coisas localmente, e não sempre esperar pelas direções das igrejas; f) É preciso considerar que há excelente ambiente de diálogo a nível de direções, mas nas congregações o pessoal pede para ir devagar, sem tomar decisões de cima para baixo; g) Precisamos ter uma visão de futuro (utopia) no sentido de pensar com otimismo, mas também com realismo, considerando a importância do trabalho de base; h) O que foi apresentado como resultado da enquete deveria ser acolhido como algumas indicações e pistas. O trabalho de cooperação é vagaroso. Os números dessa enquete não são definitivos e devem ser tomados somente como indicativos, não como palavra final. Eles nos podem ajudar a fazer propostas com maior realismo, mas com passos que nos fazem avançar no processo de aproximação e cooperação.[384]

3.2.2.2 Palestra: Hermenêutica - um estudo visando o diálogo sobre a questão hermenêutica entre as igrejas luteranas do Brasil e a Reação de Nelson Kilpp

Na sessão do dia 6, foi ministrada a palestra de Seibert, que teve os seguintes tópicos: Introdução; 1) A questão hermenêutica; 2) Hermenêutica ou princípios de interpretação na Igreja Antiga e Medieval; 3) Hermenêutica na Reforma; 3.1) Hermenêutica nas Confissões Luteranas; 3.2) A Escritura interpreta a si mesma; 3.3) Lei e Evangelho; 3.4) A relação Escritura e Evangelho [*sic*]; 5) [*sic*] Hermenêutica em tempos modernos e hoje; 6) Conclusão - Hermenêutica nas Igrejas Luteranas no Brasil. Seibert iniciou sua palestra abordando a hermenêutica como um princípio de interpretação da Igreja Antiga e Medieval, recorda que o que chama a atenção na intepretação de Orígenes[385] fora a interpretação alegórica, onde ele via em todo o texto letra e espírito, todo texto teria três sentidos: o literal (somático), o moral (psíquico) e o espiritual (pneumático). A interpretação literal do texto, naquela época,

---

[384] **CONFERÊNCIA NACIONAL INTERLUTERANA.** Rodeio. **Ata** da 2ª Conferência Nacional Interluterana. 2001. p. 1.

[385] Orígenes de Alexandria (185-254), um dos grandes teólogos e escritores dos primórdios do Cristianismo. Iniciou o diálogo entre a filosofia e a fé cristã e uma tentativa de união das duas.

era considerada incompleta ou deficiente. Tertuliano,[386] outro teólogo citado por Seibert, de estilo diferente, era considerado o pai da teologia ocidental, e defendia a ideia de que o cristão aderia à fé simples que era revelada na Escritura e preservada na tradição apostólica, sem que desejasse algo além da fé. Segundo concluiu Seibert:

> A escola de Alexandria (representada especialmente por Clemente de Alexandria e Orígenes) e a teologia representada por Tertuliano, estavam em tensão mais ou menos na mesma época da história da igreja. Ambas cooperaram para a expansão da fé cristã no mundo. Do ponto de vista hermenêutico, tinham posições bem distintas, quase antagônicas. Do ponto de vista dos resultados construídos na prática, ambas chegaram a resultados muito parecidos.[387]

Seibert abordou aspectos da hermenêutica na Reforma, destacando que as Confissões Luteranas viam as Escrituras como documentos literários, devendo ser interpretadas como um documento literário onde a gramática seria um dos pontos principais para uma exegese. A Apologia fazia críticas à exegese católica romana porque esta acrescentava palavras ao texto, omitia uma palavra e até mesmo o pensamento central.[388] Lutero usava este método na interpretação das palavras da Santa Ceia.[389] O texto sempre deveria ser interpretado na intenção do autor, ou seja, se o texto fosse urna parábola, então deve assim ser interpretado. Este princípio procurava ver teologicamente a Escritura como uma unidade de conteúdo e finalidade, e quando havia uma dúvida sobre o conteúdo de uma passagem, as passagens claras deveriam esclarecer as obscuras. Seibert alertou:

> E neste aspecto que, historicamente, muitos abusos foram cometidos contra este princípio de interpretação. Em vez de uma exegese a partir do texto, correu-se o risco de usar texto bíblico para fundamentar pontos doutrinários que não eram necessariamente a intenção da Escritura expor.[390]

Sobre a questão de Lei e Evangelho, ressalta que nas Confissões Luteranas existiam duas doutrinas fundamentais nas Escrituras, ou seja, a doutrina da justificação e a distinção entre lei e evangelho. Na relação entre Escritura e

---

386 Tertuliano (160-220), foi um autor dos primórdios do Cristianismo, nascido em Cartago, África. Foi o primeiro autor cristão a produzir uma obra literária em latim e também um apologista cristão contra heresias.

387 SEIBERT, Erní W. **Hermenêutica** - um estudo visando o diálogo sobre a questão hermenêutica entre as igrejas luteranas do Brasil. Rodeio, SC, Lar Rodeio 12, 6 nov. 2001. Palestra ministrada na 2ª Conferência Nacional Interluterana. n.p.

388 SEIBERT, 2001, n.p.

389 Lutero afirmava que o corpo e o sangue de Cristo estavam presentes materialmente no pão e no vinho da Santa Ceia, tendo em vista as palavras “isto é o meu corpo” e, “isto é o meu sangue”, em contraposição a uma presença apenas simbólica dos mesmos.

390 SEIBERT, 2001, n.p.

Evangelho[391] Seibert citou algumas teses do teólogo luterano Edmund Schlink[392], para comprovar que, havendo um tempo em que a Escritura do Antigo e Novo Testamentos não existia como hoje, o ser humano também seria justificado pela fé. Por isso mesmo, apesar do rigor gramatical, a compreensão correta dependeria da ação do Espírito Santo:

> A Confissão é exposição da Escritura, especificamente, um sumário da Sagrada Escritura, nominalmente, uma testemunha do evangelho. [...] A Confissão é uma exposição da Escritura em consenso com os pais e irmãos. Ela é, portanto, a doutrina da igreja, estabelecendo os limites doutrinários e combatendo as heresias. [...] Desde que a Confissão é um sumário da Sagrada Escritura, ela é o modelo obrigatório para toda a doutrina na igreja.[393] (tradução nossa)

Por fim, Seibert discorreu sobre um breve histórico da hermenêutica moderna e para o fato de que a teologia reformada tendia a dizer que Deus não proporia coisas incompreensíveis na Escritura. Isso, na prática, levaria à conclusão de que o uso da razão daria a interpretação correta a todas as passagens bíblicas, um racionalismo cristão, muito bem exemplificado no período da Ortodoxia[394]. Abordou, então, seis modelos de hermenêutica moderna.[395] Segundo Seibert:

---

391 Parece que o autor queria tratar da relação entre Escritura e Confissão, pois é o título da primeira parte da obra de Schlink.

392 Schlink (1903-1984), foi pastor e teólogo luterano alemão, professor de teologia dogmática e ecumênica na Universidade de Heidelberg, Alemanha.

393 SCHLINK, p. 11-26. *"The Confession is exposition of Scripture, specifically, a summary of Holy Scripture, namely, a witness to the Gospel. […] The Confession is exposition of Scripture in consensus with the fathers and brethren. Hence it is the doctrine of the church, delimited over against the current heresy. […] Since the Confession is a summary of Holy Scripture, it is the obligatory model for all doctrine in the church."*

394 Ortodoxia é um modelo de cumprimento absoluto de todas as decisões, preceitos e ideais de algum padrão ou dogma tido como tradicional, de maneira rigorosa e rígida. Para os ortodoxos, a concepção apresentada pela Ortodoxia é tida como a única correta, pois é baseada em princípios metafísicos e científicos.

395 1) Uma teoria da exegese bíblica, onde se descobriu que havia diferente interpretação dos textos bíblicos, em épocas diferentes da história; 2) Uma metodologia filológica geral (estudo científico do desenvolvimento de uma família de línguas, baseado em documentos escritos), onde a hermenêutica bíblica teria passado a seguir os mesmos princípios que os de qualquer outra interpretação de texto; 3) Uma ciência de toda a compreensão linguística, onde a hermenêutica ultrapassaria a compreensão gramatical, filológica, histórica e chegaria até o que fora chamado de crítica, onde se encontrava a raiz do método histórico-crítico de exegese (uma leitura científica da Bíblia e definida como um método exegético usado na análise e descrição de uma língua ou de uma parte dela ao longo de sua história). 4) Uma base metodológica dos *Geistenvissenschaften* (ciências do espírito, humanidades), ou seja, todas as disciplinas seriam centradas na compreensão da arte, comportamento e escrita do ser humano, sendo a interpretação de um texto, de fato, a compreensão de um fenômeno humano; 5) Uma fenomenologia da existência e da compreensão existencial, desenvolvida de Martin Heidegger até Hans-Georg Gadamer, que significa que, se a verdade não estivesse no final do método, então, por melhor que fosse o método, nunca se alcançaria a verdade; 6) Sistemas de interpretação, simultaneamente recolectivos e iconoclásticos (o termo é composto por dois radicais gregos: *"eikóne"* (imagem), e

> A tensão teológica resultante destes desenvolvimentos da hermenêutica se fez sentir de forma geral dentro da teologia, como de forma bem particular dentro das duas Igrejas Luteranas em atividade no Brasil. E nem sempre a tensão era de uma com a outra, mas, muitas vezes, tensão em seus próprios redutos. Nem sempre o desenvolvimento da hermenêutica alcançado na Reforma consegue responder a todas estas questões levantadas nos séculos que se seguiram até hoje.[396]

Em sua conclusão, Seibert falando sobre a hermenêutica nas Igrejas luteranas no Brasil, afirmou que esta abordagem por ele feita sobre a questão hermenêutica fazia entender melhor os posicionamentos das duas igrejas e conclamou que se deveria desenvolver duas atitudes:

> A primeira, uma atitude de extrema humildade. Por que [*sic*]? Não apenas porque esta é uma atitude ensinada na Bíblia, mas porque a ciência hermenêutica nos ensina que nos movemos em terrenos muito movediços, onde nossas convicções estão baseadas. Não há realmente uma hermenêutica científica absoluta, nem uma exegese científica absoluta. A teologia luterana fala de um Deus *absconditus* ao qual não alcançamos. E mesmo, na revelação sabemos apenas o necessário para a nossa salvação. Humildade é necessária quando olhamos para nossas interpretações. Além disso, hermenêuticas distintas, muitas vezes, chegam a conclusões semelhantes, o que demonstra a fragilidade destes instrumentais.
>
> A segunda atitude que devemos desenvolver é um profundo respeito pela obra do Espírito Santo. Confessamos que dele depende nosso labor teológico. Diante dos nossos limites, precisamos pedir cada vez mais que ele nos ajude.[397]

Em sua reação Kilpp, acentuou que independentemente do método exegético que as duas Igrejas usassem certamente se iria sempre advogar o direito inalienável da Escritura de poder falar por si mesma. Segundo ele, na IECLB não haveria apenas uma maneira de interpretar as Escrituras. Kilpp ressaltou que toda Escritura seria inspirada por Deus, assim como Lutero e as confissões luteranas entendiam. Somente a Ortodoxia luterana desenvolveria a doutrina da inspiração verbal, na qual Matthias Flacius afirmava, em 1567, que todos os livros bíblicos teriam apenas um autor, o próprio Deus.[398] Com isso, a Ortodoxia queria salvar o princípio *sola Scriptura* numa época em que a Igreja Romana reafirmava o valor da tradição. Kilpp levantou a seguinte pergunta:

"klastein" (quebrar). Neste sentido, o termo significa romper ou desconstruir imagens estabelecidas, reinterpretando-as) utilizados para alcançar o significado subjacente aos mitos e símbolos, ou seja, conforme Paul Ricoeur, a hermenêutica seria um processo de decifração que iria de um conteúdo e de um significado manifestos para um significado latente ou escondido.

396 SEIBERT, 2001, n.p.

397 SEIBERT, 2001, n.p.

398 KILPP, Nelson. **Hermenêutica bíblica** – uma reação à palestra de Erní W. Seibert. Rodeio, SC, Lar Rodeio 12, 6 nov. 2001. Reação ministrada na 2ª Conferência Nacional Interluterana. p. 1.

> A inspiração das Escrituras deve necessariamente ser entendida como inspiração verbal? Não seria mais adequado pensar que o Espírito soprou em todos os momentos de um processo histórico, movendo pessoas a testemunharem de sua fé e de sua experiência com Deus e não apenas no ato formal de colocar por escrito estes testemunhos? Será que o longo processo de tradição oral que precede a fixação por escrito dos textos não foi também obra do Espírito Santo? E a pregação que sucede a fixação do texto bíblico também não é obra do Espírito?[399]

Em seguida, Kilpp lembrou que Lutero achava que a Bíblia também teria razão em questões relativas à história e às ciências naturais, mas destacou que o mais inovador em Lutero seria a distinção entre periferia e centro na Escritura, entre letra e espírito. Ao defender o sentido literal da Escritura, Lutero teria visado dois inimigos: a interpretação alegórica como uma maneira sutil de introduzir no texto a teologia do intérprete, e os entusiastas com a possibilidade de reivindicar a posse do Espírito Santo à revelia do texto bíblico. Kilpp ressaltou que nesse ponto os luteranos poderiam se encontrar com relativa facilidade: “Independente de que método exegético utilizarmos, certamente vamos sempre advogar o direito inalienável da Escritura de poder falar por si mesma, de nos poder dizer a sua mensagem.”[400] Lutero também admitia que nem todos os textos bíblicos teriam o mesmo valor teológico. O centro da Escritura seria a pessoa e a obra de Jesus Cristo. “Lutero teve uma grande liberdade de criticar certas partes ou livros da Bíblia a partir do conhecido princípio ‘aquilo que promove Cristo’.”[401] Por fim, Kilpp fez uma breve comparação dos métodos hermenêuticos normalmente usados nas duas Igrejas:

> Pelo que sei, nos centros de formação de obreiros da IELB se usa predominantemente o método gramático-histórico que prioriza a forma final, canônica do texto. O livro bíblico é visto como um todo sincrônico; o conteúdo está no texto em si, não havendo necessidade de buscar auxílios hermenêuticos fora do texto. Na Escola Superior de Teologia, o centro de formação mais antigo de pastores e pastoras da IECLB, prioriza-se, por outro lado, o chamado método histórico-crítico, que busca traçar a história do texto bíblico, desde a sua origem até a sua forma atual canônica.[402]

O método histórico-crítico faria uma análise da longa trajetória do conteúdo do texto, a atuação do Espírito de Deus ao longo de todo o processo de formação do texto. Na busca pelo contexto dos autores bíblicos, se iria encontrar as influências que estes autores teriam sofrido de seu meio. “Esse respeito a uma outra expressão de fé

---

399 KILPP, 2001, p. 2.
400 KILPP, 2001, p. 2.
401 KILPP, 2001, p. 3.
402 KILPP, 2001, p. 4.

pode ser considerado uma disposição ao ‘diálogo ecumênico’!”[403] Kilpp encerrou sua reação com uma pergunta intrigante: “A diferença de métodos usados na interpretação acadêmica do texto bíblico representa um empecilho para nosso diálogo e uma missão conjunta?”.[404]

Após a palestra, se formaram novamente oito grupos para discutir e aprofundar o diálogo em torno da palestra e da respectiva reação. Na sessão da tarde, aconteceu um fórum com os palestrantes onde foram levantadas algumas questões.[405] Seguiu-se um trabalho em grupos para tratar das oito áreas de cooperação propostas pelo Convênio de Cooperação. Foram feitas avaliações quanto aos objetivos propostos pela 1ª Conferência. Na área de Comunicação se constatou que havia sido feito pelas duas Igrejas e se lamentou que a área de comunicação não estivesse recebendo a atenção prioritária. Na Formação Teológica se constatou que houve encontros entre os professores de Teologia das duas Igrejas, bem como dos estudantes de Teologia. Quanto à Escola Confessional se constatou que nada fora feito no campo da educação. No quesito Culto, liturgia e música muito pouco do que constava no documento final de 1998 havia sido implementado. No Serviço social e diaconia houve iniciativas localizadas mais em algumas regiões do que em outras. No Espírito Santo, por exemplo, houve esforços para um trabalho social conjunto.

---

[403] KILPP, 2001, p. 4.

[404] KILPP, 2001, p. 5.

[405] A) As escolas de teologia ofereciam disciplinas que esclarecessem sobre as implicações do uso de diferentes métodos de interpretação das Escrituras? O representante do Centro de Pastoral e Missão, Dr. Gerson J. Fischer, acentuou que naquela instituição de formação se buscava uma isenção no tratamento das diferentes hermenêuticas, mas não daria para negar que cada instituição teria uma origem e uma história, que no caso do CPM estaria ligada à herança pietista. O representante da Faculdade Luterana de Teologia (CETEOL), Dr. Claus Schwambach, acentuou que quanto à hermenêutica, era importante enfatizar primeiramente que não havia, "o" método hermenêutico, e sim diferentes acessos metodológicos ao texto bíblico. Mas entendia que, como algo que correspondia à teologia de Lutero, a afirmação de que a Bíblia era a Palavra do Deus triúno, e não apenas que ela conteria a Palavra de Deus. B) A pergunta se as metodologias acadêmicas distintas impediam um trabalho e a missão em conjunto? Kilpp observara que, de parte da IECLB não, mas de parte da IELB, parecia que sim, isso seria um impedimento. Foi proposto uma questão para reflexão: em havendo diferentes hermenêuticas, cada qual com suas parcialidades, isso não deveria ser levado mais a sério pelas duas igrejas, não se deveria arriscar a olhar "por cima do muro"? C) Uma terceira questão levantada foi se as duas igrejas teriam de fato a mesma bagagem teológica confessional, se considerando o exposto num livreto publicado pelo Sínodo Rio dos Sinos, da IECLB, sobre o tema da confessionalidade. O Dr. Fischer lembrou que o referido material não era oficial, e, que de outra parte, entendia que a confessionalidade luterana, como tratada na IECLB, estaria aberta para relações com as igrejas representadas no Conselho Mundial de Igrejas. Na sequência, do plenário foi enfatizado que na IELB havia uma procura para perseguir apenas uma linha teológica, ter uma interpretação oficial das Escrituras, o que era visto como herança. A IELB subscrevia todos os escritos do Livro de Concórdia. Os escritos confessionais seriam uma interpretação das Escrituras válidas para todos os tempos, desde o Novo Testamento até hoje. O ecumenismo na IELB era mais restrito.

Aconteceram muitos trabalhos comunitários com a participação de membros de ambas as Igrejas, mas não por iniciativas institucionais. A IELB se comprometera em realizar, a partir de 2002, seminários na área social e estes serão extensivos às comunidades da IECLB. À noite os trabalhos foram retomados, tendo a conferência recebido a visita de obreiros e lideranças de comunidades, numa noite de confraternização. No último dia, os trabalhos foram retomados com avaliação do Documento Final dessa Conferência. Winterle, expressou seu lamento pelo fato de que os documentos sobre a Ceia do Senhor e sobre critérios para transferência de membros não tivessem sido considerados na programação daquela conferência.[406] Estavam presentes representante da IELB,[407] mas o registro dos participantes da IECLB não pode ser encontrado, assim como o documento final desta Conferência.

3.2.3 3ª Conferência Nacional Interluterana: A missão de Deus e a ação luterana no Brasil - fundamentos e prática

Os Pastores Presidentes Walter Altmann, da IECLB, e Carlos W. Winterle, da IELB, acompanharam os trabalhos da 3ª Conferência Interluterana, realizada em São Leopoldo, RS, na Casa Matriz das Diaconisas, nos dias 24 a 26 de junho de 2005, e saudaram o lançamento da edição comemorativa da CA. Desta Conferência participaram mais de 40 teólogos, pastores e leigos, metade de cada igreja. Este pesquisador participou da mesma. A Conferência recebeu subsídios de 12 pré-Conferências, que reuniram, ao longo do semestre, mais de 200 pessoas, representando a realidade dos 18 Sínodos da IECLB e dos 54 Distritos da IELB espalhados pelo Brasil. Conforme a ata da 39ª reunião da CID, a programação da 3ª Conferência Nacional Interluterana ficou alinhavada conforme segue. O tema ficou sendo “A missão de Deus e a ação luterana no Brasil – fundamentos e prática”, os objetivos deste diálogo interluterano ficaram resumidos em resgatar os termos do

---

406 **CONFERÊNCIA NACIONAL INTERLUTERANA,** 2001, p. 4.

407 Carlos W. Winterle, Ari Lange, Arnildo Schneider, Augusto Kirchhein, Edgar Lemke, Gerhard Grasel, Leopoldo Heimann, Moacir Guenter, Oscar Lehenbauer, Paulo M. Nerbas, Paulo P. Weirich, Reinaldo M. Lüdke, Ricardo W. Rieth, Rudi Zimmer, Tealmo Klippel Percheron, Ursula Ana Neumann, Vilson Regina. Novos participantes: Adalmir Wachholz, Adilson D. Schünke, Arnildo Arthur Figur, Arno Goerl, Arno Schmidt, Astomiro Romais, Clóvis Jair Prunzel, Edgar Züge, Erni Krebs, Gerson L. Linden, Hilmar Duarte Stern, Jorge Luiz Kooper, Luiz Antônio Pinto Cruz, Marcos Schmidt, Martinho Carlos Fach, Miriam Gutz Timotheo dos Santos, Nelson Lautert, Paulo Roberto Timotheo dos Santos, Paulo Udo Kunstmann, Paulo Wille Buss, Rony Ricardo Marquardt, Volnei Schwartzhaupt e o presidente da LLLB.

Convênio de Cooperação de 1994, destacando que se buscava alcançar comunhão de púlpito e altar.[408] Como objetivo geral ficara o desafio de promover a cooperação entre a IELB e a IECLB no campo da missão, a fim de evitar a duplicação de esforços e de iniciativas missionárias. Objetivos específicos ficaram definidos.[409]

3.2.3.1 Sistematização dos relatos oriundos das pré-Conferências

A 3ª Conferência recebeu subsídios de 12 Pré-Conferências, que reuniram, ao longo do semestre, mais de 200 pessoas, sendo poucos leigos, representando a realidade de 10 dos 18 Sínodos da IECLB e dos 54 Distritos da IELB espalhados pelo Brasil. Aconteceram em: Ponto Alto/Domingos Martins, ES, Cacoal, RO, Curitiba, PR, Guaramirim, SC, Santa Cruz do Sul, RS, Cachoeira do Sul, RS, Pelotas, RS, Lajeado, RS, Ivoti, RS, Santa Rosa, RS, Três de Maio, RS e Porto Alegre, RS. Em algumas pré-Conferências, os obreiros dedicaram algum tempo para conhecer a estrutura administrativa e funcional de cada igreja, bem como o modo de formação e envio dos obreiros.[410] Um resumo deste relatório sobre as pré-conferências foi elaborado e apresentado pelo pastor Carlos F. R. Dreher, da IECLB.[411] Seguiu a programação proposta na ata da CID, além de Culto festivo (aniversário da IELB. Direção da IELB e congregação local, Concórdia) e Lançamento da Nova Edição da CA.

3.2.3.2 Palestra: Breve histórico da IELB, suas origens, influências teológicas e algumas perspectivas

No dia 25, após um devocional e um breve relatório do dia anterior, se iniciou a palestra do Dr. Rieth, com os seguintes tópicos: Introdução; o Sínodo de Missouri (SM) no Brasil; surge a IELB; referências teológicas da IELB e missão: ortodoxia

---

[408] **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO**. Canoas. Ata n. 39. 2004. p. 1.

[409] A) Continuar promovendo a aproximação e a cooperação entre a IELB e a IECLB; B) Verificar quais seriam as iniciativas já existentes na promoção de cooperação entre congregações das duas igrejas; C) Ouvir e refletir a opinião das bases (comunidades/congregações) sobre as experiências de cooperação e a falta delas no campo da missão; D) Estimular a consciência da distinção entre missão e proselitismo; E) Obter clareza sobre a compreensão de missão em perspectiva evangélico-luterana e identificar a especificidade de sua contribuição para a *ecumene*, no contexto brasileiro; F) Estimular a criação de condições para que o diálogo e, em especial, a Conferência se traduza em novas práticas eclesiais nas bases.

[410] DREHER, Carlos F. R. Sistematização dos relatos das Pré-Conferências. *In:* **CONFERÊNCIA NACIONAL INTERLUTERANA**, 3., 2005, São Leopoldo, p. 1.

[411] APÊNDICE 1, p. 411. S**istematização dos relatos das Pré-Conferências**. DREHER, 2005, p. 3, 9, 10.

luterana; pietismo; reavivamento e confessionalismo no século XIX; missão: tarefa de "colecionar" *(sammeln)* alemães; critério de seleção: a espiritualidade dos alemães; diaconia; missão e não-teutos – pós 1945; reino de Deus; missão; perspectivas. Basicamente desenvolveu um breve histórico da IELB, suas origens, influências teológicas e algumas perspectivas, salientando que havia dificuldades para abordar o tema devido a pouca pesquisa histórica a respeito.

Durante sua convenção de 1899, o Sínodo Missouri decidira iniciar o trabalho de atendimento a imigrantes protestantes no Brasil, apesar de haver manifestações contra qualquer iniciativa do Sínodo no Brasil, com o temor de um detrimento de sua responsabilidade missionária e pastoral dentro dos EUA. Decisiva fora uma doação de US$ 2.000 feita por pessoa(s) anônima(s), o que teria permitido que o pastor Christian James Broders fosse enviado, em 1900, ao Brasil para realizar uma visita de pesquisa missionária. Veio ao RS e se dirigiu a Novo Hamburgo, onde foi recebido pelo pastor Johann Friedrich Brutschin. Por volta de 1890, entrou em atrito com o pastor da vizinha paróquia de Sapiranga, RS, por causa do atendimento a membros dissidentes de uma congregação nas redondezas e, na mesma época, se afastou do Sínodo Riograndense, passando a atender comunidades livres das redondezas.

Broders havia se decepcionado muito com a moral dos imigrantes em Novo Hamburgo, RS, entendendo que estes eram bastante indiferentes quanto à religião. Frente a tudo isso e a observação de que o Sínodo Riograndense já tinha pastores nas possíveis áreas de trabalho, fizeram com que Broders não recomendasse o RS como campo missionário. Algum tempo depois, Broders havia se dirigido à cidade de Pelotas, RS, onde fora levado a conhecer um grupo de imigrantes numa localidade próxima, denominada São Pedro, onde um dos líderes era Augusto W. Gowert, sendo convidado para ser pastor de sua comunidade. No dia 1º de julho de 1900, 17 famílias decidiram solicitar atendimento pastoral da parte do Sínodo Missouri, se tornando, assim, a primeira comunidade a fazer parte do que hoje é a IELB. Broders, que além da função pastoral, também ensinava na escola comunitária de São Pedro, foi substituído pelo pastor Wilhelm Mahler, em 1901, que fora a principal liderança da IELB, desde essa época até 1914, quando retornou aos EUA. No mesmo ano de 1901, chegaram também mais três pastores dos EUA para as comunidades de Santa Coleta, Santa Eulália e Bom Jesus, localizadas na mesma região. A maior parte das comunidades livres teria refugado este atendimento, além de rejeição por parte de

líderes locais. Periódicos locais e periódicos eclesiásticos alertavam em relação aos invasores ianques, que poriam em risco o sucesso econômico dos colonos e sua identidade cultural germânica, enquanto os pastores missourianos declaravam abertamente que o Sínodo Riograndense seria incapaz de atender os colonos luteranos, devido a sua indefinição confessional. Em meio a tudo isso, o trabalho do SM se expandiu a outras áreas do RS. Como resultado das viagens de Mahler, os pastores passaram a atuar em comunidades nas regiões noroeste, central, nas colônias velhas e na capital Porto Alegre.

Surge a IELB. O presidente do departamento de missão interna do SM, pastor Ludwig Lochner, vindo ao Brasil em 1904, na qualidade de visitador, junto com representantes leigos das comunidades, na primeira convenção, no dia de São João, fundou a IELB. Nos anos seguintes se deu a expansão geográfica, onde, na maioria dos casos, o trabalho se restringiu ao acompanhamento dos descendentes de imigrantes alemães. As pessoas que vieram dos EUA e os daqui, trabalhavam sob condições muito precárias, por vezes até, em ambiente hostil, a cavalo ou sobre o lombo de mulas, enfrentavam estradas péssimas em viagens demoradas, que os afastavam de suas famílias por semanas. Os salários não correspondiam ao alto custo de vida no sul do Brasil. Em muitas ocasiões, pastores eram enviados a atender grupos dissidentes de comunidades ligadas a outros sínodos, especialmente comunidades ligadas ao Sínodo Riograndense, sendo que o contrário também acontecia. De comunidades ligadas ao Missouri, surgiram dissidências que solicitaram o acompanhamento de pastores de outros sínodos. Não se tinha notícia de divisões ocorridas por motivos confessionais.

A respeito das referências teológicas da IELB e sua missão, Rieth iniciou abordando a Ortodoxia luterana do século XVII, que dera lugar às sutilezas dogmáticas e ao recuo eclesiástico. Erigindo barreiras dogmáticas ao trabalho missionário das igrejas evangélicas, afirmava que a missão não seria tarefa de agentes humanos, a ponto de sustentar que o mandato evangelístico da Grande Comissão já não seria válido e que o apostolado estabelecido por Jesus Cristo teria acabado. Um destes teólogos, Johann Gerhard (1582-1637) afirmava que a única marca necessária da igreja verdadeira seria a fé verdadeira e católica determinada pela adesão à regra e norma das Sagradas Escrituras. Rieth levantou uma hipótese para ser discutida, se tomar a Ortodoxia luterana como referência, teria limitado as

possibilidades de a IELB ter desenvolvido uma teologia da missão.[412] Os pietistas acreditavam que Lutero concluíra a tarefa de reformar a doutrina e que eles teriam como objetivo, a reforma da vida. Fora na nova Universidade de Halle que teria havido lugar, sob a influência de August Hermann Francke, (1663-1727), a tradução de impulsos pietistas para ação missionária concreta, trazendo realizações com um grande significado para a missão luterana. O Pietismo teria reafirmado a Grande Comissão como universalmente válida, recrutando pessoas em seu próprio país, com atenção à formação, envio, financiamento e promoção do trabalho missionário, além de terem traduzido a Bíblia, o catecismo e o hinário.

Segundo Rieth, “Entretanto, do seio do Pietismo e dos remanescentes do moravianismo surgiu o despertamento evangélico do final do século XVIII, que deu origem a novos movimentos de renovação e impulsos à missão.”[413] Em 1780, a *Christentumsgesellschaft* (Sociedade do Cristianismo) alemã teria patrocinado esforços conjuntos por parte de cristãos com mentalidade afim para construir o reino de Deus em bases ecumênicas, sem levar em conta as diferenças confessionais, apelando aos ensinamentos comuns da Escritura, que iria transcender as distinções confessionais da cristandade. Porém, este movimento fora dissipado por um ressurgimento muito poderoso, mas inesperado, da lealdade aos padrões confessionais da época da Reforma entre os luteranos. Segundo Rieth:

> Em contraposição ao pietismo inicial, que mantivera uma orientação irênica frente a outros protestantes, esta nova mescla de pietismo eclesiástico, unida a uma consciência confessional aprofundada, fez com que os luteranos se separassem de outros protestantes. Acreditando que seus próprios ensinamentos confessionais estavam mais próximos da verdade bíblica do que os de outras igrejas e que eram de algum modo “a mais pura” das igrejas visíveis, muitos luteranos começaram a romper os laços ecumênicos formados sob a influência do movimento de reavivamento.[414]

As novas sociedades luteranas da Europa e dos Estados Unidos da América passaram a ter por objetivo a propagação dos puros ensinamentos confessionais luteranos em sua integralidade, cedendo lugar ao novo objetivo de implantar igrejas com uma clara identidade luterana. O aspecto positivo teria sido que a missão confessional luterana levava a sério o princípio de Igreja. O aspecto negativo teria sido que a concepção teocêntrica de Lutero a respeito da missão como ação do próprio

[412] RIETH, 2005, n.p.
[413] RIETH, 2005, n.p.
[414] RIETH, 2005, n.p.

Deus teria sido abandonada em favor de uma concepção horizontal, que via a atividade missionária como trabalho de sociedades organizadas dotadas de agentes profissionais. Como consequência, a missão luterana se vira tentada a fazer propaganda para o luteranismo, sendo que as confissões luteranas teriam passado a ser encaradas como escudos defensivos e não como testemunhos ecumênicos da fé. Conforme Rieth: “Nesta época os luteranos se compreendiam como uma Igreja visível particular - de fato como a mais verdadeira entre as igrejas visíveis existentes - que defendia os escritos confessionais contra ataques ou atitudes conciliadoras.”[415]

Missão: tarefa de “colecionar” *(sammeln)* alemães. Sob este tópico, Rieth, a partir das informações apresentadas até o momento para descrever a estruturação da IELB, ressaltou que a missão na IELB teria sido seletiva, por um lado, por causa do enclausuramento, e, por outro no Missouri também ter sido seletiva. No Brasil, os missionários americanos não precisariam aprender línguas estrangeiras, mas, poderiam anunciar na língua materna alemã a mensagem da redenção.[416] Num segundo momento, a missão realizada teria sido seletiva mesmo dentro do universo dos colonos, pois quanto mais os colonos tivessem uma vida de fé e conduta regradas pelo reavivamento pietista, tanto mais eles se tornariam objeto da missão interna; por outro lado, aquele que não se moldava ao modelo de piedade era automaticamente rotulado com títulos como frieza, indiferentismo religioso e licenciosidade. “Tal identificação determinou os destinos da IELB também em outras ocasiões, como, por exemplo, nos começos do trabalho em Porto Alegre e em SC.”[417] Somente durante a Primeira Guerra Mundial, quando foram baixados decretos proibindo o uso da língua alemã, ocorreram as primeiras tentativas de pregar o evangelho a não-germânicos, como as iniciativas de missão entre luso-brasileiros, em Lagoa Vermelha, RS, (1918-1928), e entre negros em Solidez, Canguçu, RS, a partir de 1919.

Em seguida, Rieth fez um breve sumário sobre os temas diaconia, reino de Deus e missão. A primeira iniciativa de maior projeção na diaconia teria se dado em Moreira, Gramado, RS, a partir de 1945, envolvendo a princípio crianças órfãs e depois idosos. Mesmo nesses casos, o cuidado com o corpo e o material era minimizado e excluído da compreensão de missão: missão acontecia para salvar a

[415] RIETH, 2005, n.p.
[416] RIETH, 2005, n.p.
[417] RIETH, 2005, n.p.

alma. Sobre o tema reino de Deus, Lutero ajudaria a responder essa pergunta em sua explicação do Pai Nosso, conforme encontrada no Catecismo Maior, onde não se encontraria uma vez sequer a palavra “igreja”.[418] Sobre missão, não seria um conjunto de ações de igrejas, mas ação livre e incondicional de Deus, chamado a participar dessa missão. A igreja não nasceria de dogmas, doutrinas, ou escritos confessionais e nem de um conjunto de preceitos morais estabelecidos como padrão de comportamento a um grupo de pessoas. Em conclusão à sua palestra, Rieth passou a destacar e desafiar a IELB, com algumas perspectivas: “mergulhar de cabeça no mundo”, com imersão no contexto, não sucumbindo à tentação de se afastar do mundo, com uma posição sectária; pensar a missão também como diaconia; ter a coragem teológica de repensar a própria teologia e desenvolver, a partir disso, uma teologia da missão; ter abertura ecumênica, pois cada denominação cristã teria sua experiência histórica; para que a IELB se engajasse cada vez mais e melhor na missão de Deus seria fundamental que se ampliasse mais ainda a inclusão das mulheres em todas as instâncias eclesiais.[419]

3.2.3.3 Palestra: De fé em fé, caminhamos! Por uma teologia da missão evangélica luterana no chão brasileiro

Após trabalhos em grupos e o almoço, à tarde, às 14h, Zwetsch desenvolveu em sua palestra alguns elementos para uma teologia da missão evangélica luterana em confronto com a realidade cultural e religiosa diversificada que caracteriza a sociedade brasileira. A palestra teve os seguintes tópicos: Memória da missão; 1) De fé em fé – descoberta e método; 2) Igreja peregrina – igreja missionária; 3) Fé evangélico-luterana na cultura brasileira; 4) O *etos* religioso de um povo; 5) Caminhar é preciso! 6) A *missio* liberta e une! Nas memórias da missão, Zwetsch lembrou do pastor Johannes Leonhard Hollerbach, procedente da Missão de Basiléia, chegado ao Brasil em 1862, que havia mesmo chegado a solicitar aos senhores que tirassem escravos do tronco onde eram castigados. Fez memória do pastor João José Alves, natural de Manuel dos Regos, na região sul do RS, que, para a glória da IELB, fora o primeiro pastor luterano negro no Brasil. A partir de lá iniciou um trabalho missionário em Pelotas, para onde se mudaria em 1934, não sendo bem aceito em alguns lugares

[418] RIETH, 2005, n.p.
[419] RIETH, 2005, n.p.

por causa da forte segregação racial nas comunidades teuto-brasileiras. Fez memória também à Irmã Eva Lurdes Reis, integrante da Irmandade da Casa Matriz de Diaconisas, a primeira irmã negra da Irmandade, ordenada ao ministério das diaconisas em julho de 1978, tendo trabalhado com crianças numa creche, na casa de mães solteiras, CECRIFE, de Novo Hamburgo, RS.

Zwetsch destacou a descoberta de Lutero do tema que o justo viveria por fé e que a teria compreendido em toda a sua inteireza, se tornando um apaixonado estudioso da Palavra de Deus, para a qual havia descoberto uma chave de leitura, ou seja, o que promoveria a Cristo, que traria consigo o Espírito Santo e se tornaria algo atuante e poderoso, a tal ponto que não poderia cessar de fazer o bem. O mundo estaria aí para ser construído e transformado de modo livre e responsável.[420] Neste sentido, uma Igreja que não vivenciasse a cruz possivelmente não teria aprendido o valor do evangelho e da misericórdia divina e não reconheceria o que viria a ser missão. Segundo Zwetsch, a história da una e santa igreja cristã apresentou ambiguidades em todos os tempos:

> Santa e pecadora, ela precisou reiteradamente voltar aos seus fundamentos, ao caminho de Jesus e seu evangelho como Palavra de vida e salvação para todas as pessoas, para todos os povos. Assim foi durante a Idade Média com o movimento dos pobres irmãos de São Francisco de Assis, por exemplo. A Reforma foi outro momento de inflexão como volta ao evangelho da graça e do amor de Deus.[421]

Após a Reforma, a Ortodoxia luterana, em meados do século XVII, teria se tornado prisioneira de suas próprias armadilhas afirmando que missão caberia exclusivamente aos governantes em seus territórios e domínios. Fora necessário surgir um movimento de renovação como o Pietismo, no final do século XVII, para que, no século seguinte, uma nova ideia de missão se formasse. Mais adiante, no século XIX, viria um reavivamento confessional no luteranismo que implicaria num fechamento e em atitudes antiecumênicas. Somente em meados do século XX, o luteranismo voltaria a uma atitude mais aberta com o movimento de solidariedade interluterana. A expressão institucional dessa solidariedade seria encontrada na

---

[420] ZWETSCH, Roberto E. **De fé em fé, caminhamos!** Por uma teologia da missão evangélica luterana no chão brasileiro. São Leopoldo, RS, Casa Matriz das Diaconisas, 25 jun. 2005. Palestra ministrada na 3ª Conferência Nacional Interluterana. p. 169-170.

[421] ZWETSCH, 2005, p. 172.

criação da FLM, em 1947. Conforme seguiu Zwetsch, poder-se-ia dizer que a Igreja de Jesus Cristo está diante de uma disjuntiva crucial:

> Estabelecer-se como uma casa firme sobre a rocha da história, uma igreja respeitada e participante do mundo secular. Ou então, ser igreja peregrina, figura de uma igreja missionária que vive não para si, mas por causa do evangelho e caminha em direção ao reino de Deus, que questiona os reinos deste mundo. [...] Mas temos dificuldade de caminhar, de sair das nossas seguranças, arduamente conquistadas, para a peregrinação que nos desinstala, nos deixa inseguros, sem certezas materiais ou espirituais. [...] Implica viver de fé em fé. Nesse sentido, nunca estamos prontos, mas sempre a caminho, dispostos a proclamar as novas de grande alegria a quem quer que seja, segundo a cultura de cada lugar. E muito atentos aos sofredores de todo tipo e lugar, que clamam por respeito, dignidade e valor.[422]

As duas igrejas teriam vindo de origens diferentes, ênfases doutrinárias peculiares, formas de vida comunitária cooperativas e auto organizativas, mas comunidades também intolerantes, muitas vezes. Só fazia sentido ser evangélico luterano se esta identidade cristã estivesse enraizada na terra brasileira:

> Na IECLB, isto se confirma com a decisão da Federação Sinodal, em 1949, de adotar o nome de Federação Sinodal - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Seus dirigentes estavam finalmente afirmando que o sentido de nossa presença era definitivamente ser igreja neste país com todas as consequências que daí viriam.[423]

Sob o tópico da fé evangélico-luterana na cultura brasileira, o palestrante chamou a atenção para o fato de que se não se souber o que é a cultura brasileira em sua diversidade não se estará pronto a testemunhar o evangelho de forma convincente e a prática da missão num contexto em transformação constante como este, seria questionada desde os seus fundamentos. Assim, como igrejas luteranas parceiras, seria preciso buscarem o entendimento mútuo e as possibilidades de tarefas comuns. Zwetsch lançou a pergunta: “Onde e como cooperar? Em que base e a partir de que fundamento teológico? Que testemunho o luteranismo evangélico pode apresentar diante do tão diversificado e complexo mapa religioso brasileiro?”[424] Afirmou que há no Brasil uma mistura de raízes religiosas, indígenas, negras, lusas e outros grupos europeus, além de asiáticos, mas, que ainda assim, historicamente existiam algumas características religiosas comuns como um *etos* religioso, que elaboraria suas próprias estratégias de sobrevivência, sendo uma delas lidar com a

[422] ZWETSCH, 2005, p. 173.
[423] ZWETSCH, 2005, p. 175.
[424] ZWETSCH, 2005, p. 176.

realidade de forma mágica. No Brasil, as igrejas seriam antes estratégias de sobrevivência e aceitar esta hipótese teria consequências muito importantes quando se pensasse em uma caminhada missionária na terra brasileira. Segundo Zwetsch:

> A fé evangélica luterana tem muito a contribuir para a libertação de nossa gente de fatores religiosos alienantes e pouco convincentes. Mas não será com atitudes de superioridade nem de desprezo para com as crenças populares que saberemos alcançar o coração dessas pessoas.[425]

Uma igreja que caminhasse, sofresse, mas aprendesse. Igreja peregrina transformaria e seria transformada. Missão cristã jamais poderia se conformar com este século, com as estruturas dominantes que desqualificassem os seres humanos mais enfraquecidos como se fossem descartáveis. Como comunidades cristãs evangélico-luteranas não se poderia desistir de levantar a voz. Salientava Zwetsch:

> De uma igreja-para-os-outros, como sugeriu Bonhoeffer no século passado, caminhamos hoje em direção a uma igreja-com-os-outros, uma igreja que assume o risco de sofrer junto nas lutas e nos fracassos da vida. Será ainda e sempre uma igreja-em-missão, igreja que se desinstala para caminhar o caminho que nos está proposto em direção ao futuro que Deus já nos preparou em seu reino que vem.[426]

Igreja missionária seria aquela que se empenhasse por transformar o mundo, nunca de forma isolada e autossuficiente, mas em aliança e parceria com outras comunidades de fé. Na *missio Dei* caminhar junto com o Senhor da Igreja nesta terra brasileira: "Não por questões de sobrevivência institucional ou por conveniências de época, mas por causa do evangelho – ainda que com nossas diferenças e, por vezes, discordâncias fundamentadas."[427] Ainda era preciso às duas igrejas caminharem mais tempo juntas para se conhecerem melhor. Seguiu a programação proposta na ata da CID como trabalho em grupos, o lançamento da nova edição da CA e os Anais do Simpósio e do Fórum. Estavam presentes representantes da IECLB[428] e da IELB, mas não se pode encontrar a lista de participantes da IELB como também o documento final desta conferência.

---

[425] ZWETSCH, 2005, p. 178.
[426] ZWETSCH, 2005, p. 180.
[427] ZWETSCH, 2005, p. 181.
[428] Walter Altmann, Homero S. Pinto, Nestor P. Friedrich, Ingrit Vogt, Jorge A. Signorini, Dari J. Appeld, Mariane B. Ehrat, Heinz Ehlert, Meinrad Piske, Carlos F. R. Dreher, Osmar L. Witt, Darci Drehmer, João Artur M. da Silva, Roberto E. Zwetsch, Klaus Stange, Bjorn Willoch, Ani Cheila Kummer, Sisi Blind, Lúcia Schneider Hardt, Irno Prediger, Erberto Bretzke e Harald Malzchitzky.

4 DIÁLOGOS ECUMÊNICOS A PARTIR DA PERSPECTIVA DE UMA DIVERSIDADE RECONCILIADA

No intuito de que as igrejas caminhem mais tempo juntas para se conhecerem melhor, o assunto deste capítulo é o relacionamento interdenominacional a partir de uma diversidade reconciliada frente às confissões próprias, especialmente católica e luteranas, que busca a compatibilização das diferenças, para que sejam uma ponte e não um empecilho para um diálogo fraterno. Também analisar relatos de eventos conjuntos, que, apesar das diversidades, puderam superar algumas controvérsias tradicionais.

Esta pesquisa parte de algumas hipóteses. O conceito de diversidade reconciliada, pode abrir possibilidades que oportunizem um diálogo fraterno entre as denominações. Pode-se levar em conta a ideia de que a realidade pode ser vista de diferentes maneiras, onde, muitas vezes, as interpretações podem ser mais complementares que contraditórias. As confissões teológicas próprias por serem diversas, podem necessitar do diálogo fraterno e fornecer subsídios que fundamentem o mesmo, em face de uma diversidade reconciliada. As diferenças existentes entre igrejas podem perder seu caráter divisor, pois, comunhão de confissão não necessita ser comunhão de igreja.

Como objetivos específicos se irá definir o conceito de diversidade reconciliada, na busca de possibilidades que oportunizem um maior diálogo entre as denominações. Se terá um olhar sobre alguns aspectos psicológicos, históricos, culturais e sociológicos, que inibem um diálogo aberto e fraterno, bem como caminhos para a sua superação. Se examinará a herança confessional das igrejas, especialmente católica e luteranas, como possibilidade de diálogo fraterno. Também se analisará relacionamentos havidos no plano eclesiástico-denominacional entre algumas igrejas, descrever alguns resultados alcançados e apontar possíveis caminhos a trilhar. As experiências realizadas pela CID e as Conferências Interluteranas podem esclarecer algumas divergências nos diálogos do passado. Poderá se observar aspectos e ênfases de uma diversidade presentes ou ausentes nos diálogos, que podem ter afetado a continuidade destas ações. Alguns testemunhos publicados de líderes que participaram destes trabalhos promoveram,

na década de 1990, esforços e compromissos em prosseguir no caminho do diálogo, podem trazer reflexões que auxiliem nos diálogos no plano eclesiástico-denominacional.

De forma específica, analisar fatores que contribuíram, quais não, e se não houve continuidade ou avanços, porque isto aconteceu, além de perceber sugestões para retomada ou avanços. Os comentários sobre as memórias pedem do historiador algumas reflexões. Além disso, essas experiências podem tomar uma dimensão maior ainda quando compartilhadas, faladas por determinado grupo, nesse caso, os participantes da CID e das Conferências Interluteranas, uma dimensão social. É uma reflexão sobre um fenômeno já ocorrido, onde se tenta explicá-lo e entendê-lo. Antonio Carlos Gil define da seguinte maneira: "[...] como uma investigação sistemática e empírica na qual o pesquisador não tem controle direto sobre as variáveis independentes, porque já ocorreram suas manifestações ou porque são intrinsecamente não manipuláveis."[429]

A escolha por esta pesquisa se justifica porque é difícil entender uma falta de diálogo entre as igrejas, que apesar de terem origens históricas diferentes, possuem uma razão para dialogarem, ou seja, sua herança cristã comum. As divergências em intepretações não precisam impedir um diálogo fraterno e respeitoso. O diálogo conjunto pode não depender de uma identidade confessional completa e plena, do tudo ou nada, mas de uma diversidade reconciliada, que pode abrir possibilidades que oportunizem um diálogo fraterno entre as denominações.

Esta pesquisa pode ser importante, pois traz subsídios a partir das experiências históricas fomentadas há décadas no plano eclesiástico-denominacional. Apesar de fatos contraditórios nos relacionamentos entre as igrejas, se realizaram eventos interdenominacionais, com o compromisso em prosseguir no caminho do diálogo fraterno, superando várias controvérsias tradicionais e buscando um testemunho mais eficaz e convincente a respeito da unidade cristã. Já aconteceram eventos interdenominacionais, especialmente entre as igrejas católica e luteranas, que se mostraram frutíferos em vários temas através dos diálogos, como a DCDJ, em 1999, e a Comemoração conjunta Católico-Luterana da Reforma, em 2017 - **Do**

[429] GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008, p. 54.

conflito à comunhão. Destaque também para o *5º Congreso Luterano Latinoamericano*, realizado em José C. Paz, Buenos Aires, Argentina, 1971.

4.1 ENCONTROS INTERDENOMINACIONAIS A PARTIR DE UMA DIVERSIDADE RECONCILIADA

O conceito de “diversidade reconciliada”, de certa forma esteve presente na Igreja Apostólica. Tensões existem desde os tempos apostólicos e a diversidade é a história da igreja cristã. No livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 15, e na carta aos Gálatas, capítulo 2, na Bíblia Sagrada, consta o esforço do apóstolo Paulo para sair da Lei e da circuncisão, que provocou a primeira divergência na igreja cristã apostólica. Os judaizantes, a que se refere o apóstolo, foram pessoas cristãs fervorosas interessadas em se manterem fiéis a costumes judaicos.[430] Formaram-se dois grupos, um, liderado pelo apóstolo Pedro, judaizante; outro, pelo apóstolo Paulo, de formação helenística sensível ao comportamento greco-romano. Não houve ruptura, mas, se estabeleceu a diversidade na unidade.[431] Uma doutrina fundamental para o povo de Deus da época, como a circuncisão, não foi forte o suficiente para quebrar a unidade que antecedia esta questão, a vinda do Messias e sua missão. Esta atitude pode indicar um caminho para as diversidades de confissões e doutrinas que hoje existem. A Igreja Apostólica acolheu divergências, uns colaboraram com outros em convívio divergente, mas fraterno. Cada época, cada grupo têm a sua própria maneira de exprimir a fé, sendo a diversidade salutar, formando assim, a vida da Igreja. A unidade em Cristo, iniciada no Batismo, antecede as diversas confissões, sendo seu pressuposto. Muitos séculos depois, esforços do Estado para pacificar territórios e unir divergentes, provocou a emigração de luteranos para América. Desse movimento migratório nasceu a LCMS, à qual se deve a existência da IELB. Coexistem no Brasil a IELB e a IECLB, com suas dificuldades e possibilidades de diálogo fraterno.

Para conceituar e definir esta expressão “diversidade reconciliada”, que não busca a nivelação, pois há diferenças que dificultam, mas sim a compatibilização das

---

[430] Atos 5: Insurgiram-se, entretanto, alguns da seita dos fariseus que haviam crido, dizendo: É necessário circuncidá-los e determinar-lhes que observem a lei de Moisés.

[431] Atos 19: Pelo que, julgo eu, não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus, [...].

diferenças e o diálogo fraterno é necessário analisar o texto do teólogo luterano Harding Meyer, intitulado **Diversidade reconciliada** – o projeto ecumênico. Caberá também se perguntar em que medida as inseguranças e crises de valores podem ser causadores do anti-ecumenismo. No diálogo ecumênico as igrejas são desafiadas constantemente a enfrentar seu individualismo em favor diálogo comum. Outrossim, se fará uma análise para identificar alguns aspectos psicológicos e sociológicos que possam causar e estar presentes nas diversidades.

4.1.1 A origem do conceito de diversidade reconciliada

A autoria do conceito de uma unidade na diversidade reconciliada é de Harding Meyer. A importância de sua obra se mostra por desincumbir, no esforço por unidade, da necessidade de se renunciar à identidade confessional, atitude à qual muitas instituições resistem. O desprezo às peculiaridades confessionais se torna um obstáculo no diálogo, sendo importante entender que confessionalidade e ecumenicidade não são necessariamente conflitantes.[432] O importante é que estejam presentes com a humildade, esta autocorreção e a aprendizagem recíproca, com ações concretas de interatividade, especialmente em momentos de crise e perda de ânimo para o diálogo entre igrejas, e, infelizmente, num momento de recrudescimento da concorrência religiosa. A importância do tema se revela na possibilidade de diminuir conflitos e habituar à convivência. Para a cristandade é uma questão de prioridade total arrumar a própria casa e tornar visível ao mundo que há a possibilidade do diálogo eclesial. É fundamental tornar visível o diálogo que já existe em torno da comunhão na fé em Jesus Cristo e buscar um empenho no resgate da unidade do corpo.

Meyer nasceu na Alemanha, onde fez seu doutorado em 1958, junto ao professor Helmuth Thielicke (1908-1986), em Hamburgo, tendo sido antes disso pastor luterano em Hannover. Foi professor de Teologia Sistemática e Ecumênica na Faculdade de Teologia, da IECLB. Através da FLM, teve como atribuições a assessoria nos diálogos bilaterais das Igrejas Luteranas, Católica, Anglicana, Igrejas Reformadas e Ortodoxas. Em 1971 assume a função de professor de pesquisas no Instituto de Pesquisa Ecumênica em Estrasburgo, França, se aposentando em 1993.

---

[432] MEYER, 2003, p. 5.

Merece destaque a afirmação do teólogo da IECLB, Gottfried Brakemeier, na apresentação da obra de Meyer, de que a trajetória e dedicação quase vitalícia de Meyer à causa da unidade, teve início em São Leopoldo, RS, na Faculdade de Teologia, em diálogos com docentes jesuítas do Seminário Cristo Rei, muito antes do Concílio Vaticano II.[433]

O conceito de diversidade reconciliada traz à tona a antiga máxima ecumênica de que unidade não significa uniformidade. Fala-se aqui de diversidade não no sentido geral, mas de diversidades confessionais, contanto que lhes seja extraído o elemento causador de divisões. A ideia surgiu nos anos 1960 e início da década de 1970, e veio com bastante vigor. No início do movimento ecumênico, com a primeira Conferência Mundial da Fé e Constituição[434], realizada em Lausanne, 1927, se tinha a convicção de que havia uma contradição entre confessionalidade e ecumenismo, sendo que para muitas pessoas, o conceito de confissão parecia ser o antônimo de ecumenismo. Ficava a questão sobre até que ponto a unidade buscada e almejada poderia compreender diversidades, e quais serias estas diversidades legítimas. Havia uma certa compreensão geral de que diversidades permitidas e legítimas seriam apenas as diferenças humanas e naturais, aquelas surgidas nos próprios contextos, de cunho cultural, histórico, étnico ou social. Neste sentido, diferenças confessionais contradiziam a unidade.[435]

Segundo Meyer, por trás desta concepção conflituosa, se encontrava uma visão muito estreita e superficial de confissão, "[...] que só enfocava as formas eclesiasticamente institucionalizadas de confissão em sua particularidade e seu distanciamento mútuo, mas que realmente não apreendia a *essência da confissão.*"[436] Meyer procura justificar sua tese a partir da afirmação: "Ora, a *essência da confissão* – chamou-se a isso de *'confessionalidade'* – de modo algum é particularista, distanciadora e voltada para si mesma."[437] Todas as confissões tinham em comum as convicções de fé fundantes de toda a cristandade, pois teriam preservado o credo cristão e se apegado a ele. Outrossim, uma confissão testemunha algo, com uma

[433] MEYER, 2003, p. 5.
[434] O objetivo desta Conferência era a unidade dos cristãos, que além de sua grande contribuição à atividade missionária, também buscava a superação das diferenças das doutrinas entre as Igrejas. Era um fórum onde seria possível debater e resolver as diferenças através do diálogo.
[435] MEYER, 2003, p. 11.
[436] MEYER, 2003, p. 13-14.
[437] MEYER, 2003, p. 14.

intencionalidade universal, ecumênica, razão por que as confissões têm conseguido transcender seus limites culturais e históricos para países e épocas distintas. Somente quando se enxerga isso, se percebe corretamente o que são confissões, se mantendo aberto para as diversas convicções confessionais, conforme afirma Meyer:

> E, por isso, do ponto de vista ecumênico, não se pode pretender abandonar as confissões e fazê-las desaparecer por causa da unidade da igreja, mas deve-se, antes, levar as confissões para dentro do movimento ecumênico e manter o próprio movimento ecumênico aberto para as diversas convicções e preocupações confessionais.[438]

O fato de uma confessionalidade ter uma afirmação assertiva, o que fixa uma limitação de crença, traz junto de si, concomitantemente, um elemento negador, pois, se é assim, não é de outra maneira, apontando para um distanciamento. Isto pode parecer contraditório, ambivalente, porém, estão necessariamente entrelaçados. Será necessário compreender que estes dois elementos não estão no mesmo nível de importância. Uma diferença consiste em que um elemento contém enunciado explícito de conteúdo, enquanto a negação não precisa ser explicada, ter conteúdo, permanecendo uma negação implícita. Outra diferença é que uma afirmação confessional necessita de um portador eclesiástico concreto, uma denominação específica, enquanto uma condenação pode apenas ser uma opinião, uma possibilidade, um perigo teológico, sem que tenha necessariamente um portador eclesiástico. Assim, por exemplo, acontece com a Fórmula de Concórdia[439], que dispensa acusações contra pessoas ou igrejas; nas afirmativas, repete os termos “cremos, ensinamos e confessamos” e nas negativas, repete os termos “rejeitamos e condenamos”. Neste sentido, as concepções condenadas pelas confissões nem sempre têm um adversário eclesiástico do qual ela se distancie e não se encontra no mesmo nível da afirmação confessional, tendo caráter e peso diferentes.[440]

O aspecto central da confessionalidade é a sua afirmação, que se associa a determinada denominação e que se volta para a cristandade inteira. A negação que acompanha tal confissão quer assegurar a sua clareza e seu caráter decidido e não está expressamente voltada contra alguma igreja, e, portanto, não quer exaltar seu

---

[438] MEYER, 2003, p. 15.

[439] Um documento de 1577, que foi resultado do esforço entre o eleitor Augusto da Saxônia e de João Jorge, em Brandenburgo, na Alemanha, mediante a realização de uma conferência que visava alcançar uma solução consensual para problemas que dividiam os luteranos.

[440] MEYER, 2003, p. 17.

caráter de divisão, nem precisa bloquear o diálogo. Se faz necessário, então, verificar até onde a concepção que se repudia ou nega, está presente e é defendida por alguma denominação. Mesmo assim, é necessário, de tempos em tempos, observar e reexaminar se tal acusação ainda atinge aquela denominação. Segundo Meyer, esta concepção desempenhou um importante papel na elaboração da DCDJ.[441]

Pode-se perguntar por que há confessionalidades diversas e por que deveriam ser preservadas na unidade. A partir de uma perspectiva histórica, Meyer responde a estas questões afirmando: "A partir da *perspectiva histórica*, as diversas confissões aparecem como configurações particulares da fé cristã caracterizadas primordialmente pelo contexto histórico da época, [...] do entorno cultural e étnico, [...] por circunstâncias sociais e políticas [...]."[442] Porém, somente uma interpretação teológica pode explicar por que as confissões não ficaram restritas à situação de sua origem histórica, ou seja, se expandiram, ou seja, é pelo fato destas confissões particulares estarem arraigadas na própria fé cristã e nela têm seu fundamento. E neste sentido se pode dizer que a riqueza diversificada do conhecimento da fé só pode ser apreendida parcialmente, necessitando assim de diversos testemunhos, permanecendo aqui uma tensão quase insolúvel que, segundo Meyer, é semelhante às existentes na própria fé e existência cristãs.[443] Exemplos são as tensões entre lei e evangelho ou fé e obras, entre o "já e o ainda não"[444], entre outras. O consenso buscado nos diálogos ecumênicos deve respeitar as diversidades confessionais permanentes, que podem ser atenuadas por uma concordância no essencial e fundamental para os parceiros de diálogo.

Este modelo de unidade, diferente do modelo transconfessional, que buscava uma unidade orgânica, e até então predominante, ficou claro a partir de duas consultas realizadas em maio e dezembro de 1974, pela Comissão de Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas[445] (CMI), que acolheu o conceito de diversidade

---

441 MEYER, 2003, p. 17.
442 MEYER, 2003, p. 18.
443 MEYER, 2003, p. 19.
444 Conceito criado pelo teólogo luterano Oscar Cullmann (1902-1999): "A cultura grega não conhece a espera; o judaísmo vive só da espera; já o cristianismo primitivo, tal como se encontra expresso no Novo Testamento, conhece a tensão *(Spannung)* entre um - já e um - ainda não, entre um - já realizado *(schon erfüllt)* e um - ainda não plenamente realizado *(noch nich vollendet). In:* GIBELLINI, Rosino. **A teologia do Século XX.** Tradução João Paixão Netto. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012. p. 257.
445 O Conselho Mundial de Igrejas, *World Council of Churches*, WCC, é a principal organização ecumênica internacional, fundada em 1948, em Amsterdam, Holanda e tem atualmente sua sede

reconciliada. Meyer destaca que a verdade da fé pode se manifestar historicamente em muitas formas de expressão, que também podem conter erros; mesmo assim, este legado pode ser traduzido em novas formas para novas situações históricas, não sendo necessária a uniformidade de fé, mas a diversidade de confissões.[446] Esta unidade na diversidade pode ser um caminho de encontro vivo, experiências conjuntas, diálogo teológico e mútua correção, onde as particularidades de cada um não se perdem, mas se transformam e renovam, aceitando dos outros seu ser cristão e sua expressão de fé como legítimos. Meyer destaca que, por ocasião da assinatura da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação, a ideia de uma unidade na diversidade reconciliada, recebeu uma aprovação quase que oficial por parte da Igreja Católica.[447] Não somente as diferenças oriundas dos contextos culturais, étnicos ou históricos podem fazer parte da comunhão, como também as diversidades fundadas em tradições teológicas.

4.1.2 O conceito de diversidade reconciliada

Três motivos moveram e caracterizaram o movimento ecumênico. O motivo missionário-evangelístico, que tinha como objetivo acordos no testemunho e a difusão da fé cristã, e o motivo sociopolítico, que queria levar as igrejas à cooperação prática frente às ameaças sociais e políticas. Estes dois motivos não estavam dirigidos para a relação entre igrejas, mas para a responsabilidade comum para com o mundo. O outro motivo é o teológico-eclesiástico, que visava superar as divisões das igrejas, e assim tornar possível a vivência da unidade da igreja. Estes motivos queriam corresponder ao que a igreja é e vive, ou seja, uma comunhão de pessoas que se congregam em culto, que dão testemunho de sua fé e são comprometidos com o serviço a todos seres humano.[448]

O fato pelo qual o motivo teológico-eclesiástico foi sempre destaque e, muitas vezes, de forma polêmica, é que a unidade da igreja como é confessada no Novo Testamento e pelas confissões de fé antiga, é parte da essência da igreja, de modo

em Genebra, Suíça. Reúne mais de 340 igrejas e denominações cristãs, que representam mais de 550 milhões de fiéis de mais de 120 países. Dentre as igrejas, se destacam a maioria das igrejas ortodoxas do mundo, igrejas anglicanas, batistas, luteranas, metodistas e reformadas (calvinistas).

[446] MEYER, 2003, p. 22.
[447] MEYER, 2003, p. 24.
[448] MEYER, 2003, p. 29.

que divisões entre elas vão sempre contra a vontade de Deus. A comunhão faz parte da essência da igreja, pois ela necessita de comunhão, não pelo fato de ser proveitoso, desejável ou do agrado dela, mas porque é sua essência. Isto pode ser observado na CA, no artigo VII, Da Igreja, que afirma:

> Ensina-se também que sempre haverá e permanecerá uma única santa igreja cristã, que é a congregação de todos os crentes, entre os quais o evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o evangelho. Porque para a verdadeira unidade da igreja cristã é suficiente que o evangelho seja pregado unanimemente de acordo com a reta compreensão dele e os sacramentos sejam administrados em conformidade com a palavra de Deus. E para a verdadeira unidade da igreja cristã não é necessário que em toda a parte se observem cerimônias uniformes instituídas pelos homens. É como diz Paulo em Efésios 4: 'Há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo.'[449]

Nas últimas décadas, ameaças contra o mundo de natureza política, social e ecológica, trouxeram mudança nesta ênfase do movimento ecumênico, enfocando na solidariedade da igreja com o mundo, levando a mais do que apenas unidade das igrejas. Surgiu assim outro motivo, a saber, o motivo da incumbência, ou seja, como pensar nas divisões do mundo que clamam por cura, mais do que na unidade das igrejas. A igreja necessitaria ser ferramental e sinal produtor de reconciliação ativa entre as pessoas na sociedade, como unir pessoas inimigas, libertar pessoas oprimidas, suspender separações raciais, diminuir a distância entre pessoas ricas e pobres.[450] Porém, se constatou que a coesão destes motivos estava se tornando supérflua e o empenho ecumênico estava se tornando unidimensional.

Esta coesão dos motivos somente poderia ser alcançada por meio de uma correlação, sem a qual integralidade e integridade não poderiam ser mantidas. Meyer ressalta que se busca uma visão integrativa destes diversos motivos ecumênicos, mas alerta que "[...] isso não significa que nosso esforço em prol da comunhão na missão e incumbência deva esperar pela comunhão plena de fé."[451] A vida cristã começa com a fé na ação salvífica que é comunicada na palavra, mas ela não se basta a si mesma, porém liberta e compromete pessoas cristãs a se envolverem em ação às pessoas e ao mundo. A partir dos anos da década de 1960 aconteceu uma intensificação dos

[449] Confissão de Augsburgo, 1981, p. 31.
[450] MEYER, 2003, p. 38.
[451] MEYER, 2003, p. 45.

diálogos ecumênicos, visando ao fim do modelo de diálogos sobre controvérsia e condenação. Assim afirma Meyer:

> A partir de agora o outro estava presente. Não se falava mais apenas 'sobre' ele, mas 'com' ele, 'par cum pari', como dizia o grande mote da época. Isso significava que, inicialmente, a gente mesmo não falava, e sim ouvia o que o outro tinha a dizer, ouvia suas convicções, suas preocupações, seus temores, suas experiências. O objetivo do diálogo era dizer e defender o que era importante para ambos os parceiros de diálogo não mais um contra o outro, e sim em conjunto.[452]

Não faltaram críticas a esta visão de diálogo. Alguns entendiam que simplesmente a ação conjunta das igrejas resultaria na comunhão automática entre as mesmas. Outros entendiam que a formação deste consenso através do diálogo seria interminável, sendo reelaborado de maneira cada vez mais sutil. Ainda outros entendiam que esta visão levaria fatalmente a unificação e, outros, por fim, entendiam que seria preciso se conformar com a existência de igrejas distintas, com discrepâncias básicas, e que se deveria buscar a comunhão apesar dos contrastes contraditórios. Neste caso, o consenso necessário para a unidade não coincidiria com uma completa uniformidade nas convicções e formas de expressão com a própria doutrina eclesiástica, não esterilizando as diversidades.[453] Cabe ressaltar que os consensos de diálogo quase nunca são consensos puros e nem pretendem sê-los. Conforme ressalta Meyer, existem várias razões para a crítica a estes diálogos:

---

[452] MEYER, 2003, p. 47.

[453] Como não são tantas as obras sobre este tema publicadas pela IELB, pode ser mencionado aqui, por parte de uma teologia mais conservadora, dentro da obra editada por Leopoldo Heimann, em 1978, sob o título "Fórmula para a Concórdia", um artigo, escrito por Ralph Bohlman, intitulado "A celebração da concórdia". O autor descreve três valores presentes na igreja: Verdade, Unidade e Amor. Os três muitas vezes estão em tensão, mas precisam ser mantidos. Ajudaria a explicar a tensão entre verdade e unidade mediada pelo amor." Seguem breves citações de Bohlman, do tópico IV "Algumas Considerações Finais sobre Verdade, Unidade e Amor": "Procuraremos participar ativamente de discussões com outros cristãos que estão dispostos a debater a doutrina do evangelho em todos os seus artigos, e a reta administração dos sacramentos com base na palavra de Deus, as Sagradas Escrituras. Nessas discussões, os nossos objetivos são testemunhar, ouvir e estudar. Deveríamos dar testemunho de nossa posição doutrinária e explaná-la a outros, [...]. Deveríamos escutar aqueles com quem dialogamos para termos certeza de que o julgamento que fazemos a seu respeito é correto, para removermos quaisquer representações caricatas que possamos conceber e para aprender se as posições históricas possam ter mudado. [...] Queremos cultivar o sentimento de confiança e respeito fraternais de uns para com os outros, na igreja. Isso nos levará a reconhecer que as situações diferem de lugar para lugar, de época para época, e que algumas decisões, nesta área, não são nem evidentes nem fáceis. [...] Quando igrejas cristãs discordam a respeito de controvérsias doutrinárias de vulto, suas relações caracterizar-se por uma disciplina pastoral paciente, fraternal e evangélica, e nunca por ações precipitadas. BOHLMANN, Ralph. A celebração da concórdia. Trad. Gastão Thomé. *In:* Fórmula para a concórdia. Ensaios Teológicos. Porto Alegre: Concórdia, n. 1, 1978. p. 64, 65, 66, 66.

> Preocupação com a conservação da identidade, confessionalismo ressurgente, imobilidade e inércia das igrejas como instituições, interesses de poder eclesiástico, dificuldades de tornar compreensíveis e repassar os resultados do diálogo nas comunidades, perda geral de motivação ecumênica, fatores não-teológicos e coisas semelhantes.[454]

É necessário que as igrejas continuem seu esforço buscando a comunhão exatamente quando esta comunhão está ameaçada, pois a divisão é contra a confissão de fé comum. Meyer entende que as igrejas, cujos diálogos comuns ainda não estão concluídos, devem fazer um balanço do que foi feito até então, realizando uma análise dos questionamentos críticos aos resultados, visando explicar, aprofundar e complementar os resultados pregressos, procurando não voltar mais a estas questões. Abre-se assim uma oportunidade que o próprio diálogo abre para as próprias igrejas, não como um chicote ou freio.[455] Surge, assim, o conceito de diversidade reconciliada na busca do consenso: "Ele pode e precisa, antes, dar espaço para diversidades, desde que elas tenham perdido sua contundência divisória no esforço pelo entendimento."[456]

Deve-se perguntar ao que o consenso deve se referir e quais áreas precisa cobrir. Unidade da igreja não deve significar uniformidade, mas deve incluir diversidade. Não deve querer eliminar forçadamente as diferenças. Faz-se necessário distinguir entre aquilo em que seria necessário um consenso e aquilo em que isso não seria necessário. Isto implica numa autolimitação à qual as igrejas precisariam estar dispostas a se submeter. Aqui entra a distinção entre artigos da fé cristã e ritos e costumes, disposições legais das igrejas, condicionamentos de espaço e tempo, conforme orienta a CA, artigo VII, Da Igreja.[457]

Assim também é necessário fazer a distinção entre artigos fundamentais da fé e não fundamentais. Essa diferenciação entre fundamentais e não fundamentais é tão necessária que já definiu estruturalmente várias confissões, como a CA e os

---

[454] MEYER, 2003, p. 53.
[455] MEYER, 2003, p. 56.
[456] MEYER, 2003, p. 57.
[457] "Ensina-se também que sempre haverá e permanecerá uma única santa igreja cristã, que é a congregação de todos os crentes, entre os quais o evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o evangelho. Porque para a verdadeira unidade da igreja cristã é suficiente que o evangelho seja pregado unanimemente de acordo com a reta compreensão dele e os sacramentos sejam administrados em conformidade com a palavra de Deus. E para a verdadeira unidade da igreja cristã não é necessário que em toda a parte se observem cerimônias uniformes instituídas pelos homens. É como diz Paulo em Efésios 4: 'Há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo.'"

Artigos de Esmalcalde.[458] Cabe aqui uma citação feita pelo papa João Paulo II (1920-2005), por ocasião do 450º aniversário da CA, em 1980, quando afirma: “Importantes pilares da ponte se conservaram em meio à tormenta dos tempos [...] quão ampla e firmemente estão assentados os fundamentos comuns de nossa fé.”[459]

Mesmo assim questões não fundamentais podem ameaçar a unidade. Essa diferenciação se torna não satisfatória para alcançar um consenso ecumênico, porque a concordância nas fundamentais não conseguiu impedir a divisão das igrejas. Muitas vezes o entendimento alcançado não foi suficiente, e outras vezes o conceito de consenso não foi adequado para o tipo de entendimento conseguido. O diálogo entre as denominações tem como objetivo apenas uma comunhão de confissões distintas. Por detrás das doutrinas e confissões se deve buscar as verdadeiras intenções e preocupações subjacentes, além de examinar até que altura existe certa identificação e semelhança neste nível.

Pode-se pensar num consenso diferenciado entre si, onde se afirma que se alcançou alguma concordância, mas que ainda restam diferenças. Uma igreja não precisa abandonar seus enunciados doutrinários e nem se distanciar delas, o que iria contra este conceito de diálogo que não quer a unificação. Manter a diversidade confessional pode implicar em aprender as intenções doutrinais subjacentes, uma vez que os enunciados teológicos só podem apreender e expressar a verdade de maneira aproximativa, se levando em conta a diferença entre teor e forma das palavras. Assim, Meyer afirma, que a diversidade no nível dos enunciados não precisa colocar em xeque a concordância no conteúdo da doutrina, não sendo assim causa de divisão.[460]

Cita como exemplo uma parte da DCDJ, acerca da Doutrina da Justificação, sobre perdão dos pecados e o ato de tornar justo:

> [...] Quando dizem que a graça de Deus é amor que perdoa (‘favor de Deus’), não negam com isso a renovação da vida do cristão, mas querem expressar que a justificação permanece livre de cooperação humana [...]

[458] Os Artigos de Esmalcalde são um sumário da doutrina luterana, escrito por Martinho Lutero, em 1537, para uma reunião da Liga de Esmalcalde, nesta cidade na Alemanha, como uma prévia à realização de um concílio ecumênico da Igreja.
[459] MEYER, 2003, p. 63.
[460] MEYER, 2003, p. 68.

> [...] Quando católicos enfatizam que ao crente é presenteada a renovação da pessoa interior pelo recebimento da graça, querem assegurar que a graça perdoadora de Deus sempre está ligada ao presente de uma nova vida [...].[461]

Da mesma forma se chegou a um consenso sobre a questão do caráter sacrifical da Eucaristia. Houve concordância sobre a presença do Cristo crucificado e ressurreto como sacrifício oferecido de uma vez por todas e que não pode ser continuado, nem repetido, nem substituído, nem complementado, mas pode se tornar atuante em cada nova ocasião na comunidade, pois as pessoas cristãs, pelo poder do Espírito, são inseridas neste sacrifício. Se Jesus Cristo está presente realmente na Ceia, então todas as etapas de sua vida também estão presentes, como a sua morte, tornando presente o evento da cruz, e não apenas seu efeito, o que não precisa implicar que a Ceia seja repetição ou complementação de sacrifico.[462] Porém, no nível de enunciados, permaneceu a diferente nomenclatura “sacrífico expiatório”, que uma adota e outra denominação não. Aqui houve uma concordância de que esta diversidade não rompe o consenso nos pontos fundamentais da Eucaristia, portanto, não seria causa de divisão nas igrejas. Consensos diferenciados são suficientes para a comunhão e não há a necessidade de melhoramentos ou arredondamentos, tentado eliminar toda a diversidade.

Este tipo de consenso pode corresponder à unidade das igrejas buscada em diálogos, que não desejem uma uniformização. Importante saber que estes diálogos ecumênicos não são simplesmente conversações entre teólogos, mas conversações doutrinárias oficiais entre igrejas, cujos relatórios finais são endereçados às autoridades eclesiásticas, apesar de não representarem declarações oficiais e não implicarem que as igrejas se apropriem de seus resultados. O conceito de recepção é um processo em que igrejas se apropriam do resultado destes diálogos, possibilitando uma maior realização de comunhão, acolhendo o que vem de fora para a própria vivência.[463] A questão não é se as igrejas podem concordar com os textos apresentados, mas se guiam pelo testemunho das escrituras, pela confissão da igreja antiga e pelo dogma vigente, ou se são relacionados com a fé da igreja ao longo dos

---

[461] **Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação,** 2000, p. 15.
[462] **Do conflito à comunhão –** Comemoração conjunta Católico-Luterana da Reforma em 2017. São Leopoldo: Sinodal; Brasília: CNBB, 2015. p. 62.
[463] MEYER, 2003, p. 79.

séculos.[464] Assim poderia ser superada a tensão entre o novo e o velho, o estranho e o familiar, entre o "já" e o "ainda não".

Outro conceito importante no diálogo ecumênico é a ideia do reconhecimento, pois existe comunhão conciliar se as igrejas reconhecem mutuamente que possuem e testemunham a mesma verdade, ou, que reconheçam em outras igrejas, elementos da verdadeira igreja, o que significa e implica não na conservação do *status quo* (estado atual), mas pode implicar numa transformação das igrejas. O reconhecimento pode se referir, no início, a elementos avulsos da configuração da igreja, como, por exemplo, o batismo. Pode ser um reconhecimento gradativo, de uma outra igreja "como igreja". Outro reconhecimento passa por aceitar a legitimidade de outras igrejas e isto pode ser fundamental na questão ecumênica. Pode auxiliar na caminhada para uma tendência de eliminação gradativa das diversidades existentes, o que não precisa significar simplesmente receber, assumir ou se apropriar, ou se transformar no outro, mas apreciar positivamente a alteridade do outro. A unidade somente pode ser compreendida e realizada como comunhão entre diferentes.[465]

O conceito de comunhão eclesiástica quer significar uma comunhão de igrejas autônomas e que compreendem diversas confissões.[466] O consenso ao qual pode se referir a CA VII, não significa que todas igrejas assinem a mesma fórmula confessional, mas, sim, que o evangelho seja pregado unanimemente de acordo com a sua reta compreensão, nos pontos centrais e decisivos da revelação salvífica. Não necessita ser uma unidade organizacional centralizada, mas também não apenas uma comunhão de vivência e de ação. Por outro lado, um isolamento total também não é possível, pois é preciso intercambiar mutuamente e, muitas vezes, falar e agir em conjunto, precisando assim de reunião eclesiástica, lembrando que a comunhão eclesiástica não existe como um fim em si mesma, mas existe em função do testemunho cristão em palavras e atitudes.[467]

Meyer faz um alerta afirmando que: "[...] também a doutrina ou a confissão doutrinal da igreja – não só ritos e formas de culto – são 'expressão' humana e histórica da comunhão e que, por isso, não se pode nem deve exigir concordância

[464] MEYER, 2003, p. 84.
[465] MEYER, 2003, p. 100.
[466] MEYER, 2003, p. 104.
[467] MEYER, 2003, p. 116.

nelas por causa da unidade."[468] O diálogo sobre doutrinas necessita dar destaque ao fundamento suficiente da comunhão e fazer distinção das respectivas configurações históricas das mesmas. A diversidade pode perder sua característica de causar divisão, se atingir uma concordância naquilo que se considere em conjunto como básico. Meyer ainda pontua que a comunhão eclesiástica pode ser conseguida se se reconhece "[...] a diferença entre teor doutrinal e forma doutrinal e, por conseguinte, aceita que o conteúdo do testemunho da fé apostólica pode ser testemunhado, ensinado e confessado em diversas formas ou configurações de testemunho, doutrina e confissão."[469]

A partir da CA VII se pode afirmar que o necessário para a unidade da igreja é igual àquilo que a constitui como igreja, não necessitando uma descrição exaustiva e longa da essência da igreja. No Evangelho, Cristo está presente e une as pessoas consigo mesmo e umas com as outras, para formar um único corpo, mesmo que nessa vida continuam entre os piedosos, muitas pessoas cristãs falsas e hipócritas, bem como pessoas pecadoras manifestas, conforme a CA VIII.[470] Isto significa que a igreja não é mera associação de pessoas baseada em sua confissão comum ou em sua santidade pessoal, mas uma comunhão de pessoas criada e mantida pelo Senhor, que se faz presente na palavra e nos sacramentos. Por fim, a ênfase da CA VII não necessita ser precisamente eclesiológica, analisando como a Igreja funciona internamente, mas, pode ser especialmente soteriológica, ou seja, se preocupa com o essencial da Igreja que leva à salvação. A Igreja não seria um fim em si mesma, mas simplesmente um meio.

4.1.3 Alguns aspectos psicológicos presentes na diversidade

Neste ponto, caberia a pergunta em que medida as inseguranças e crises de valores podem ser causadores do anti-ecumenismo, de uma inibição ao diálogo com o diferente. No diálogo ecumênico as igrejas são desafiadas constantemente a

---

[468] MEYER, 2003, p. 120.
[469] MEYER, 2003, p. 128.
[470] "Além disso, ainda que a igreja cristã, propriamente falando, outra coisa não é senão a congregação de todos os crentes e santos, todavia, já que nesta vida continuam entre os piedosos muitos falsos cristãos e hipócritas, também, pecadores manifestos, os sacramentos nada obstante são eficazes, embora os sacerdotes que os administram não sejam piedosos. Conforme o próprio Cristo indica: 'Na cadeira de Moisés estão sentados os fariseus etc.' São condenados, por isso, os donatistas e todos os outros que pensam de maneira diversa."

enfrentar seu individualismo em favor do trabalho em conjunto. Devem ser instadas a ouvir pacientemente as opiniões das outras igrejas e aprender a dialogar com ideias contrárias às convicções próprias, incorporando atitudes de valor e respeito às igrejas. Para muitas igrejas, principalmente para aquelas que, anos e anos à fio, praticaram uma relação paternalista e verticalista, ou seja, voltada ao além, na qual se viam como os únicos produtores do "saber verdadeiro", esse processo pode ser difícil e doloroso, pois requer delas uma revisão e renovação em seus conceitos e atitudes. Em consequência desta nova relação possível entre as igrejas, o "pastorcentrismo", ou seja, a ação centrada no pastor, ainda reinante na grande maioria dos líderes e congregações, poderá sofrer uma asfixia de forma paulatina.

Infelizmente muitas igrejas nem se arriscam a começar esse modelo, por se sentirem inseguras diante das informações desconhecidas que as igrejas venham a apresentar; outras, talvez, por terem medo de que as igrejas coloquem a ortodoxia em jogo em meio a inúmeros pensamentos heréticos que possam ser discutidos. É necessário ter coragem para mudar, e para isso nem toda igreja está disposta, nem se sente preparada e pode significar desestabilização. Isso, muitas vezes, não ocorre sem choques e dificuldades, pois estão acostumadas a apenas entregar informações. Outras julgam que os conteúdos só são válidos quando centrifugados pela visão própria da instituição. São céticas quanto à capacidade das outras igrejas.

William Edward Hulme, (1920-1995), teólogo americano e luterano, com larga experiência em clínica pastoral no *Luther Theological Seminary*, em St. Paul, Minnesota, foi mestre e orientador de vários teólogos, entre eles, o Dr. Lothar Carlos Hoch, que foi reitor da Escola Superior de Teologia, da IECLB, e membro da *Society for Intercultural Pastoral Care and Counselling como também* sócio fundador da Associação Brasileira de Aconselhamento. Hulme, em sua obra **Dinâmica da Santificação,** num dos capítulos, aborda o tema sobre "Retraimento ou Envolvimento" na vida comum, o cotidiano da existência humana, como opção para o crescimento no relacionamento dialogal.[471] De alguma forma isto pode se aplicar ao relacionamento interdenominacional. Não há nenhum momento na vida relacional em que seja cômodo desenvolver uma maneira de manter um relacionamento cristão. O próprio acomodar-se oferecido por um ambiente seguro e protegido pode levar a

[471] HULME, William E. **Dinâmica da Santificação**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1976. p. 72-78.

descuidar da vigilância. No retraimento se busca proteção, mas não é o caminho principal para o diálogo. A alternativa definitiva para o abuso não é desuso, mas o uso. Os que permanecem se retraindo tem sua preocupação mais na proteção do que no relacionamento. Seu objetivo é salvaguardar sua virtude, sua identidade, seu conhecimento e não os colocar à prova.[472]

Estas exigências diárias e constantes são ameaças de fracassos, e, consequentemente, no retraimento se fica isento do julgamento, sendo que exatamente pelo juízo que o relacionamento é estimulado. Ao se levar em conta que as igrejas são essencialmente dialogais, elas desenvolvem sua maior plenitude ao se abrirem ao diálogo em sua forma mais desafiadora. É na comunhão que os vínculos mais robustos são desenvolvidos, conforme afirma Hulme:

> Que melhor maneira para aprender haveria do que permitir que as nossas peculiaridades sejam postas à prova? [...] A escolha está entre o conforto e o desafio, entre a segurança e a aventura, entre o medo do fracasso e a coragem de arriscar a experiência.[473]

Walter Altmann, teólogo luterano, ex-presidente da IECLB, ex-presidente do CLAI e moderador do CMI, proferiu uma palestra no Seminário Ecumênico em 1974. Nela aborda o tema da crise de identidade eclesial, aponta alguns fatores que podem inibir o diálogo, sob aspectos psicológicos. O sentimento de muitas pessoas cristãs, especialmente de maioria evangélica, tem suas suspeitas, reservas e protestos quanto ao caminho que têm tomado as relações ecumênicas. Muitos mantém uma precária unidade, pelo medo de ficarem isolados e devido a ansiedade que isto pode causar. Grupos denominacionais se sentem mais cômodos, e, do seu ponto de vista, mais produtivos, quando podem “pescar num aquário do que em alto mar”, ou seja, se voltar para dentro. Pode até haver uma certa frágil comunhão exterior com outras denominações, mas que segundo Altmann: “[...] talvez só encubra um cessar-fogo, durante o qual cada um se arma mais decididamente e de quando em quando mede forças em alguma escaramuça.”[474]

Esta polarização, no que concerne ao diálogo ecumênico, pode se dever também ao abalo daqueles que se sentem desafiados exatamente naquele aspecto

---

[472] HULME, 1976, p. 77.
[473] HULME, 1976, p. 78.
[474] ALTMANN, Walter. A crise de identidade eclesial e a inconformidade de Cristo. *In:* ALTMANN, Walter; WEBER, Bertholdo. **Desafio às Igrejas –** Diálogo Ecumênico em Tempos de Mudança. São Paulo: Edições Loyola; São Leopoldo: Sinodal, 1976. p. 52.

que lhe é mais precioso e caro, suas convicções. O que também pode ser refletido é a possibilidade de existir a desconfiança das pessoas cristãs ao se abrirem ao diálogo com o diferente, de que possa haver uma dissolução dentro do mundo, uma identificação com os anseios humanos, podendo chegar a ponto de não ser reconhecido o específico cristão de tal postura.

Altmann destaca que as estruturas de convivência, no caso, a igreja institucionalizada, passam a ser permeáveis, moldáveis, e tal dinamismo é difícil de suportar, quase impossível de suportar:

> Por nós as mudanças causam ânsia e insegurança. Vemo-nos ameaçados pela morte. Deseja-se então retornar à segurança da imutável escravidão, da rigidez das estruturas, da paralisia das posições, da acomodação ao status deste eão. De medo e preocupação, da ansiedade e angústia a gente se apega ao que tem, estratifica a estrutura, disciplina aos contestatários. A gente paralisa, abandona o primeiro amor e intenta segurar o Verbo encarnado.[475]

A identidade de cada pessoa, entidade, organização está a caminho, em jornada, exposta à novas descobertas, com provações, correções, como também às estratificações e deturpações. Porém, uma igreja que se enclausura pode se tornar uma igreja que se sujeita facilmente, que fica sem voz, ou, com muitas vozes, que acabam não sendo a dela. A identidade só pode ser achada a partir do Evangelho dentro da situação de cada realidade.

Refletindo sobre a missão cristã num contexto de diálogo inter-religioso, Brakemeier, palestrou no Simpósio Internacional de Missão, da IELB, no Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS, em agosto de 2006. Na ocasião também apontou alguns aspectos que podem inibir o diálogo entre igrejas, entre religiões. É patente a necessidade de se encontrar com o diferente, de estimular o entendimento, se reconciliar. Ao mesmo tempo, se mantém o temor de nivelar as diferenças, de alertar contra a relatividade, o medo do sincretismo. “Também entre os protestantes, a abertura ao diálogo enfrenta suspeitas e até mesmo enérgica oposição. Se já o ecumenismo intracristão é visto com maus olhos, quanto mais o ‘ecumenismo inter-religioso’.”[476]

---

[475] ALTMANN, 1976, p. 62.

[476] BRAKEMEIER, Gottfried. Missão cristã num contexto de diálogo inter-religioso. *In:* **O testemunho cristão num contexto de diálogo inter-religioso.** Porto Alegre: Concórdia, 2007. p. 22.

Brakemeier levanta uma questão espinhosa quando reflete sobre um relativismo acrítico frente ao diferente. Questiona se é verdade que as religiões são complementares, e dá como exemplo os tubos de um órgão e das peças de um mosaico, onde as diferentes partes são necessárias para a formação do todo. Em caso afirmativo, até mesmo a necessidade de um diálogo se tornaria supérflua, sem sentido. Enfim, sobre o que teria sentido se dialogar?[477] Por outro lado, se não existisse algo para aprender, o diálogo se tornaria supérfluo, pois o mesmo só tem sentido numa perspectiva de um frutífero intercâmbio em questões fundamentais. Não se deve exigir de outras pessoas que renunciem às suas convicções como condição para o diálogo. Mesmo ainda que se levante suspeitas com relação ao seu ensino e confissão ou não se concorde com elas insistentemente, o diálogo só pode avançar quando acontece de igual para igual. Brakemeier segue sua reflexão e levanta a tese do exclusivismo aberto:

> Justamente por isso é fundamental distinguir entre o exclusivismo fechado e o aberto. Quem adora posição fechada perdeu a capacidade de aprender, e respectivamente se recusa à aprendizagem. Já não escuta nem procura entender, porque considera seu credo pronto, completo, definitivo. Pessoas assim julgam em vez de argumentar, substituindo o diálogo pelo monólogo. Não respondem perguntas, e, sim, decretam normas, dogmas, leis. Não é este o jeito de Jesus.[478]

Diálogo exige o exclusivismo aberto. Todo conhecimento é incompleto, e a formatura da pessoa cristã acontecerá apenas no final dos tempos. Neste sentido urge ouvir com atenção os testemunhos das pessoas cristãs e não-cristãs. Precisa-se compreender os motivos de sua fé, notar semelhanças com a confissão própria, encontrar, talvez, tesouros escondidos em campo alheio. Assim, muitas vezes, os diálogos não-oficiais se tornam mais significativos que os oficiais. Pessoas com este tipo de diálogo não agendado, mas de forma espontânea, do dia a dia, nem sempre são os teólogos e líderes das igrejas, mas as pessoas cristãs, chamadas de leigas, enfim, o povo. Consequentemente: “Importante mesmo é a construção de comunhão mesmo a despeito das diferenças, o acerto em assuntos importantes de convivência e testemunho do Evangelho. O resto ultrapassa as nossas potencialidades.”[479]

---

[477] BRAKEMEIER, 2007, p. 26.
[478] BRAKEMEIER, 2007, p. 28.
[479] BRAKEMEIER, 2007, p. 34.

O teólogo Beck também aborda alguns aspectos de fundo psicológico, sobre as inibições e temores da prática do diálogo dentro da IELB e em relação ao seu contexto exterior. Ele inicia comentando que o produzido na IELB não é elaborado para ser dito conforme o pensamento de cada pessoa, mas, é feito para ser dito somente o que seja próprio da instituição e que, além disso, tenha sido autorizado a ser exposto. Como falar sem se arriscar a expor o que não é autorizado, sem estar sujeito a sofrer sanções estabelecidas para quem diz o que não deve ser dito? “A hesitação decorre do convívio com a censura. Todos nós, produtos da IELB, internalizamos a censura institucional, e ela passa a funcionar dentro de nós, como autocensura.”[480] A censura tem o objetivo de não permitir o erro, mas também pode impedir de expor a verdade, por medo à própria censura.

Como organização de cunho social, a IELB é feita não somente por seres humanos, como também molda as pessoas que a constituem. Ela vive e sobrevive como organização social nas pessoas que a compõe e que reconhecem o sentido das questões que a representam. Para continuar existindo ela necessita se reproduzir nas novas gerações e nas novas pessoas integrantes. Neste sentido, ela internaliza nelas os significados, normas, regras que fazem com que a igreja continue executando suas tarefas. A pergunta que se necessita fazer e se a meta é reproduzir a IELB ou começar a “re-produzí-la?”[481] A capacidade da tradição e da inércia social tende a dar continuidade a instituição que produziu esta realidade. É mais fácil. Não é necessário esforço e nem muito pensar. É suficiente continuar pensando o que sempre foi pensado, e continuar realizando o que sempre se realizou.

Segundo Beck, o centro de formação teológica da IELB era uma instituição totalitária, aonde a verdade vinha de cima, pronunciada de modo infalível. Não havia espaços para debater os conceitos e nem para questioná-los. O medo e o temor rondavam as classes estudantis de então. A vigilância sobre a vida individual era expandida e alcançava todos os detalhes mínimos, a música que se escutava, os livros que se tinha no estande, a bebida que se tomava, os amigos que se cultivava e os lugares que se frequentava. Este discente foi vítima destas arbitrariedades nos anos 1970. O corpo docente, com raríssimas exceções, incentivava, ao extremo a homogeneidade e a conformação com os modelos vigentes, conforme aponta Beck:

---

[480] BECK, 1996, p. 127.
[481] BECK, 1996, p. 128.

> Colegas que foram feitos pela instituição total, ainda não se refizeram. Eles reproduzem, nas suas concepções pessoais e nas organizações que dirigem, a mesma estrutura e procedimentos da instituição total. [...] Consideram-se os únicos, abaixo de Deus, com acesso à verdade, e entendem a verdade como algo a ser promulgado (por eles, obviamente).[482]

A igreja não pode e nem tem a autoridade para ensinar a submissão total, mas deve estimular o engajamento livre de pessoas livres em causas nobres. Como poderá uma pessoa ter a capacidade de trabalhar de forma livre e espontânea, depois de receber uma formação onde todo tempo apenas recebia ordens?[483] As Igrejas que se aventuram na jornada ecumênica, não perdem sua identidade, mas participam deste desafio assim como elas são. As assertivas confessionais próprias, quando vistas como um dom para ser compartilhado com todos, não haverá de ser um empecilho. Sobre o diálogo ecumênico paira a suspeita de estimular o sincretismo ou ainda a relativização da verdade.[484] O anti-ecumenismo se manifesta e é cultivado especialmente em grupos conservadores e bastante exclusivistas, muitas vezes fruto de desinformação. O autêntico diálogo não necessita jamais renunciar à verdade, ou nivelar as diferenças, nem as ignorar, antes, porém, se mantém aberto e disposto para o diálogo fraterno.

4.1.4 Alguns aspectos sociológicos presentes na diversidade

O teólogo luterano estado-unidense, Helmut Richard Niebuhr (1894-1962), em sua obra **As Origens Sociais das Denominações Cristãs,** aborda aspectos sociológicos presentes no fracasso ético da Igreja dividida e dá algumas pistas para um caminho de unidade. Uma estranha interpretação da fé, sobre a maneira de salvação das almas, tem permanecido entre as denominações cristãs, a partir de apologetas[485] gregos que trouxeram para dentro das igrejas os métodos da filosofia grega, que afirmam que a salvação das pessoas e dos povos se estabelece a partir de afirmações que concordem com certas opiniões sobre questões metafísicas. Eles

---

[482] BECK, 1996, p. 131.
[483] BECK, 1996, p. 132.
[484] Quando se menciona os aspectos psicológicos pode ser interessante levar em conta o medo que se tem de “se contaminar”. É uma postura neurótica. De um lado, orgulho de ser a igreja verdadeira e que tem a doutrina verdadeira. De outro, o medo de ir para o enfrentamento e para o diálogo. Afinal, diálogo é também enfrentamento. É ser desafiado pela alteridade. Mas, o enfrentamento é sempre preterido por um discurso irênico e que abafa todo conflito. Não é à toa que as redes sociais e outros meios de comunicação da internet têm pouco engajamento.
[485] Aquele que é defensor exaltado de alguém ou de alguma coisa.

são em parte responsáveis pela intolerância religiosa que deu origem a muitas denominações, por meio da exclusão de pessoas que confessam opiniões diferentes das estabelecidas.

Corriqueiramente se considera que os credos oficiais das denominações cristãs seriam responsáveis pelas diferenças entre elas e explicariam as origens do caráter destas diversidades. Niebuhr dá alguns exemplos:

> Os católicos-romanos são definidos, sob este ponto de vista, na qualidade de cristãos que sustentam opinião semi-pelagiana do pecado e da graça, que acreditam no caráter intrinsicamente efetiva dos sacramentos, que reconhecem a primazia do bispo de Roma e que se apegam a outros princípios cognatos de fé e prática. Os luteranos distinguem-se, diz-nos o intérprete dos credos, pela crença na justificação pela fé somente, pela exaltação da Palavra de Deus como principal meio da graça e pela afirmação do sacerdócio de todos os fiéis. O calvinista é marcado pela posição a respeito da predestinação, do caráter legal da Bíblia e da disciplina da Igreja. Os batistas são membros de sua denominação porque estão convencidos de que o batismo por imersão é o único justificável. Os metodistas são o que são porque temperam certo calvinismo subjacente com modificações arminianas.[486]

Formulações teológicas tem suas bases no relacionamento entre a vida religiosa e as condições culturais e políticas que se sobressaltam em grupos cristãos. A vida religiosa é tão entramada com as situações sociais contextuais, que a elaboração da teologia é predominantemente condicionada pelas mesmas.[487] Quando se analisa as teologias somente a partir do ponto de vista ideológico, se perde a perspectiva das reais condições que impõe sua influência nesta diversidade de formas. Então estas diferenciações são explicadas numa visão apenas intelectual e enganosa, sem levar em consideração os verdadeiros motivos desta imensa variedade.

Ao se tentar compreender o catolicismo romano sem levar em conta a influência do espírito latino, as condições sociais, religiosas, econômicas e políticas, os decretos dos Césares[488], se falha no entendimento de sua doutrina e visão do seu cristianismo. No caso, o espírito e as concepções doutrinárias luteranas vêm não apenas do Novo Testamento, mas inclusive do caráter germânico de Lutero e da

---

[486] NIEBUHR, Richard H. **As Origens Sociais das Denominações Cristãs.** Tradução Antonio Gouvêa Mendonça. São Bernardo do Campo: IEPG, São Paulo, ASTE, 1992. p. 16.
[487] NIEBUHR, 1992, p. 18.
[488] Título dos imperadores romanos de Augusto (63 a.C.-14) a Adriano (76-138).

situação política da Igreja da época na Alemanha.[489] O calvinismo teve forte influência em seu cerne e teologia do caráter nacionalista e dos interesses econômicos das classes às quais ele se dirigiu.[490] Na base das diversidades de doutrinas é preciso observar os condicionamentos que proporcionaram os espaços, para que uma ou outra interpretação fosse mais razoável ou menos desejável. Os preceitos disciplinares da Igreja, as exigências da psicologia racional, o impacto da tradição social, a pressão da herança cultural e o valor dos interesses econômicos desenvolveram uma função importante na determinação das verdades religiosas.

As igrejas por serem também organizações sociais, se achegam a interesses nacionais, econômicos e culturais, inevitavelmente. Se sentem impulsionadas a uma acomodação à ética da civilização, muitas vezes em prol da maioria, e não da minoria resistente. O perigo do denominacionalismo[491] está em ser fértil em produzir separatismos, ao fracassar em superar os condicionamentos sociais que as forçam a produzir classes, em estimular a adesão a padrões e instituições sem grande relevância e até opostas ao idealismo cristão. Não consegue resistir ao efeito tentador de priorizar a sua autopreservação e focar em seu crescimento numérico. Se a ética da fraternidade não puder romper o divisionismo da Igreja, será impossível esperar que vença suas dificuldades e limitações frente ao e com o mundo. É necessário que antes de tentar superar suas divisões, a Igreja aprenda a reconhecer e aceitar que o seu denominacionalismo tem caráter secular, limitado e imperfeito. O denominacionalismo que foi construído nestas bases é um reconhecimento do fracasso da Igreja e marca de sua derrocada.[492]

A civilização busca na religião uma forma, um ânimo para convocar seus esforços conjuntos e orgânicos para alcançar o bem maior. A sociedade ocidental é dependente da religião para alcançar uma mentalidade comum e para o estabelecimento de um clima de mútua confiança entre todas as pessoas. Mesmo que

---

[489] A Alemanha estava dividida em vários estados, onde territórios e cidades tinham administração autônoma, e faziam parte do Sacro Império Romano-germânico. Essa divisão política auxiliava para que o poder da igreja fosse enorme nessa região. O Sacro Império vivia uma situação econômica difícil. Os sermões de Lutero eram contrários às doutrinas da Igreja e os alemães notaram que os seus recursos financeiros estavam sendo cooptados por Roma.

[490] A burguesia abraçou a fé calvinista por conta de uma valorização do trabalho pregada por ele, ao contrário do que acontecia na Igreja Católica, que era contrária à usura. Calvino conquistou uma importante posição política e religiosa dentro da nova igreja e do governo da Suíça.

[491] Conceito segundo o qual, alguns ou todos os grupos cristãos são, em algum sentido, versões de uma mesma coisa, apesar de suas características distintivas.

[492] NIEBUHR, 1992, p. 163.

se leve em conta a distância entre a teoria e a prática do cristianismo, a civilização ocidental ficou condicionada pela religião, desde os conceitos básicos e inconscientes sobre personalidade e progresso, até o caráter de vida em sociedade. É uma herança cultural e de origem biológica. É um produto da fé e por ela fica em pé ou cai.[493]

Pode se fazer a pergunta se esta fé pode salvar o mundo ocidental? O cristianismo composto por denominações que representam culturas separadas com interesses muitas vezes opostos entre si, não conseguirá segurar a maré de efeito desintegrador do mundo, se primeiro não interromper com o processo de desintegração dentro dele próprio.

A mudança do modo heterogêneo para o modo homogêneo cultural tem influenciado várias denominações cristãs a aceitar visões comuns de doutrina, piedade e culto. Os motivos sociais que faziam a divisão nas denominações de imigrantes e de regiões, há bastante tempo deixaram de acontecer em igrejas que continuam, todavia, separadas apenas por causa de sua própria inércia causada por costumes consagrados e por causa do seu orgulho denominacional. O problema mostra e pede a necessidade de um cristianismo diferente além da religião que apenas se ajusta ao condicionamento social. As denominações que procuram a universalidade por meio deste ajustamento sacrificam a própria intenção de sua universalidade, pois se tornam em uma organização apenas centrada na promoção de seus interesses próprios, sem sentir a responsabilidade diante da sociedade e do mundo.[494] O mundo não tem como aguardar deste tipo de cristianismo uma orientação profética pela busca de unidade.

Niebuhr destaca uma teologia perniciosa que surgiu na Alemanha, mas que se mostra presente em outras sociedades. Uma teologia que traz novamente a fé sobrenatural, o aspecto individual das relações humanas com o divino, que condena qualquer aspecto que se relacione com o mundo secular. Dentre estes aspectos que condena está a cultura, a religiosidade, a busca pela melhoria das condições sociais de vida, porque entende que os males sociais são simples resultados da vontade decaída e perversa da natureza humana.[495] Esta fé se torna um refúgio para as pessoas adeptas desiludidas com a sociedade. Mostra como única saída o milagre da

[493] NIEBUHR, 1992, p. 166.
[494] NIEBUHR, 1992, p. 168.
[495] NIEBUHR, 1992, p. 169.

misericórdia divina e a promessa do futuro reino de Deus com a revolução cósmica profunda que tomará o lugar deste mundo atual, com suas causas naturais e males sociais. Será substituído pelo novo céu e nova terra totalmente diferentes do atual cosmos. Neste sentido, prega que todo esforço das pessoas religiosas ou éticas é fútil, como também inútil e passível de condenação.

Esta concepção pode ter sua relevância em determinado contexto, mas se torna irrelevante diante dos desafios do cristianismo frente ao mundo e a sociedade. Não haveria alguma relação entre estes ideais teológicos e a realidade que permeia toda a sociedade? É aceitável que pessoas religiosas deixem tudo nas mãos de Deus, evitando um relacionamento com o mundo, iluminados pelos mais dignos ideais e do melhor que se possa almejar?[496] As denominações têm responsabilidades sociais diante da situação da civilização atual, e estão proibidas de ignorá-la, se ocultando sorrateiramente na esfera espiritual e divina. É de responsabilidade da religião, enquanto também seja uma organização social, como igreja, substituir o bom pelo melhor, o mal pelo mal menor, entrando no âmago da vida, com ações redentoras e esforços salvadores que sejam viáveis. Nesta altura da reflexão, Niebuhr faz uma pergunta crucial que provoca uma urgência necessária:

> Se o cristianismo denominacional se rende ao mundo, esse outro tipo de cristianismo teológico foge do mundo. Nem um nem outro oferecem esperanças para a Igreja ou para a humanidade em geral. Haverá alguma forma de fé cristã capaz de levar o mundo à unidade interna e dar à sociedade humana a coragem de adotá-la a despeito das dificuldades e confusões que só indicam a rendição ou a fuga?[497]

Se faz necessária uma Igreja que ultrapasse as divisões da sociedade e que se afine, não com os interesses do momento localizados nas exigências de grupos, classes, etnias ou povos, mas aos desafios da humanidade como um todo e do reino de Deus que ainda não está realizado. Para isto, são necessários o devido arrependimento e a renúncia a toda e qualquer fidelidade individual, a denominações e a nações que não creiam no amor de Deus.[498] Se torna imprescindível que pessoas cristãs entendam suas denominações separadas e seus credos exclusivistas como aspectos para uma profunda contrição e não como motivo de orgulho. O caminho para

---

[496] NIEBUHR, 1992, p. 170.
[497] NIEBUHR, 1992, p. 170.
[498] Os aspectos psicológicos e sociológicos, podem ser mais desenvolvidos. Questões como se a fé pode salvar o mundo ocidental, ficam em aberto. O modo heterogêneo e o homogêneo cultural para união de igrejas também pode ser aprofundado.

o diálogo fraterno é o caminho do sacrifício, que exige das igrejas e das pessoas que nela convivem, o perder de suas vidas para que possam encontrar a concretização do que há de melhor.

4.2 DIÁLOGOS ECUMÊNICOS A PARTIR DA HERANÇA CONFESSIONAL DAS IGREJAS

O costume cristão de confessar a fé tem raízes no Antigo Testamento. A característica desta confissão de fé trouxe fortes influências para o Novo Testamento. No começo da história da Igreja, quando o Novo Testamento ainda não havia sido escrito, o evento Jesus era comunicado de maneira oral, o que criou o desenvolvimento de uma tradição no interior da Igreja. O Novo Testamento reflete aspectos desta tradição que já existia. As confissões, de alguma maneira, eram a continuidade da instituição com o seu passado. Assim se chamava o ensino da Igreja. A partir do momento em que a fé cristã começa a ser atacada, a tradição e o cânone[499] aparecem como elementos importantes de referências cristãs antigas. A Igreja reconheceu o cânone como sendo exatamente o ensino que tradicionalmente havia nela. Durante todo este desenvolvimento, certas fórmulas de confissões de fé passaram a ser reconhecidas na Igreja como formulações exatas de sua fé.[500] Esse processo alcança seu auge com o estabelecimento do Credo Niceno-Constantinopolitano[501], em 381.

A partir do segundo século, a autoridade episcopal começa a assumir importância no cenário cristão. Os bispos se situam cada vez mais na posição de líderes burocráticos e a confissão de fé passa a ser instrumentalizada pelos mesmos. Com a aprovação de credos oficiais, seu texto passou de fórmulas abreviadas de confissão de fé, a ser utilizado como instrumento de verificação de ortodoxia. Isto levou ao conflito de confissões e a uma hostilidade aberta:

---

499 Lista completa de livros que formam a Bíblia e que constituem “regra” ou “norma” para a fé.

500 SEIBERT, Erní W. Busca de unidade na confissão de fé. **Vox Concordiana**, ano 11, n. 2, São Paulo: ICSP. 1996. p. 101-103.

501 Faz referência ao Primeiro Concílio de Niceia (325 d.C.), no qual surgiu o Credo Niceno e o Primeiro Concílio de Constantinopla (381 d.C.), onde a declaração de fé foi por fim estabelecida a partir dos resultados dos dois concílios. Os concílios se reuniam a fim de esclarecer questões teológicas que traziam controvérsias, de maneira que as linhas acrescidas significam os pontos de concordância na Igreja Una Cristã.

> 8. Essas mudanças requerem uma nova abordagem [...]. A lembrança histórica sempre seleciona dentre uma grande abundância de momentos históricos e insere os elementos selecionados num todo com sentido. Por esses relatos do passado terem sido em sua maior parte de oposição, não raras vezes intensificaram o conflito entre as confissões, e às vezes levaram a uma hostilidade aberta.[502]

A Comissão Luterana-Católico-Romana sobre a Unidade[503], criada em 1967, entende que a tradição não pode ficar de fora do diálogo ecumênico quando destaca:

> 12. O Ecumenismo, no entanto, não pode basear-se no esquecimento da tradição. [...] Nossos pais e mães na fé estavam convencidos de que havia algo pelo qual valia a pena lutar, algo necessário para a vida com Deus. Como a tradição muitas vezes esquecida pode ser posta ao alcance de nossos contemporâneos, de tal modo que não permaneçam apenas objetos de interesse de antiquário, mas apoiem uma existência cristã vibrante? Como as tradições podem ser passadas de forma a não abrir novas divisões entre os cristãos de diferentes confissões?[504]

Muitas igrejas, infelizmente, acreditam que elas se encontram numa cruzada de fé, que se legitima desde a vontade mesma de Deus. O povo chama e a divindade responde, enviando uma "igreja salvadora" que abre os caminhos para o resgate, onde os fins justificariam os meios. Essas igrejas dialogam diretamente e exclusivamente com Deus pelo destino da humanidade, sem precisarem dialogar com outras instituições. Se colocam como intermediárias e intercessoras entre Deus e o povo. Se sentem comissionadas para desembainhar a espada e empunhá-la para recuperar a verdade e a libertação. Veem-se como enviadas de Deus e as outras como enviadas de Satanás. Suas ordenanças devem ser obedecidas pelos seus seguidores de maneira absoluta e radical, sem diálogos, porque entendem terem o aval divino. Todas as arbitrariedades são validadas teologicamente.

4.2.1 Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação e Do conflito à comunhão

No dia 10 de fevereiro de 2014, o cardeal Kurt Koch (1950) e o rev. Martin Junge (1961), da FLM, assinaram a carta da Comissão Luterana-Católico-Romana

---

[502] **Do conflito à comunhão,** 2015, p.14.

[503] Em 1967 foi criada a Comissão Mista Internacional Católico-Luterana. Ela foi autorizada pela Federação Luterana Mundial e pelo Secretariado para a Unidade dos Cristãos, da Igreja Católica Romana para iniciar o diálogo, buscando a unidade na verdade, a eliminação das diferenças causadoras de divisão rumo à comunhão eclesial.

[504] **Do conflito à comunhão,** 2015, p. 15-16.

para a Unidade, em preparação à Comemoração conjunta Católico-Luterana da Reforma em 2017, onde afirmam que:

> É a primeira tentativa histórica no âmbito internacional de descrever a história da Reforma conjuntamente, de analisar os argumentos teológicos que estavam em jogo, de traçar os desenvolvimentos ecumênicos entre nossas comunhões, de identificar a convergência alcançada e as diferenças ainda persistentes.[505]

O ano de 2017 marcaria os 50 anos de diálogo luterano-católico, período em que ambos foram tentar reinterpretar suas tradições teológicas e suas práticas, reconhecendo as mútuas influências. Isso tudo requeria uma nova abordagem, pois a lembrança histórica, por vezes, fez seleções de momentos e os intercambiava uns com os outros, muitas vezes, momentos de oposição, de conflito entre confissões e até de hostilidades abertas. Um dos desafios era como fazer com que a tradição, muitas vezes esquecida, poderia ser retomada, de tal modo a não abrir novas divisões entre os cristãos de diferentes confissões.

Olhando para as novas perspectivas sobre a Reforma, era necessário aceitar que o acontecimento no passado não podia ser mudado, mas como seria lembrado, podia mudar e fazer a diferença, não mudando a história, mas contando-a diferente, de uma forma nova. Católicos e luteranos: “Eles se aproximaram por relações familiares, pelo serviço à missão mundial maior e pela resistência comum a tiranias em muitos lugares.”[506] Isto os levou a pesquisar sobre o que lhes era comum nas diferenças e até nas suas oposições.

Pelas semelhanças, se tinha a importância dos diálogos ecumênicos e suas possibilidades, e pelas diferenças, eles se faziam necessários. Nesta caminhada, as linguagens muitas vezes foram diferentes e o seus significados também. Mesmo assim, o que podia parecer uma oposição na linguagem podia não ser uma oposição na substância, sendo importante analisar os textos a partir do contexto histórico no qual surgiram. Era necessário olhar primeiro o que se tinha em comum e depois então avaliar o significado das diferenças. Os diálogos ecumênicos honestos permitiram que, mutuamente, se reconhecesse, inicialmente, as semelhanças, que possibilitavam o reconhecimento da própria importância dos diálogos ecumênicos e suas possibilidades. Por outro lado, também honestamente, se concebeu que, pelas

---

[505] **Do conflito à comunhão,** 2015, p. 8.
[506] **Do conflito à comunhão,** 2015, p. 18.

diferenças, os diálogos se faziam necessários. Por isso, não somente o conteúdo teológico é o alvo único do ecumenismo. Antes, já os próprios diálogos podem servir mais para compreender um ao outro do que descrever sistematicamente ou medir as crenças e doutrinas do outro.

4.2.1.1 Breve análise de alguns tópicos da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação

A DCDJ, foi assinada por representantes da FLM e da ICAR, em Augsburg, na Alemanha, em 31 de outubro de 1999, e aceita pelo Concílio Metodista Mundial[507], CMM, em 2006. Neste espaço se dará destaque apenas a quatro tópicos, ou seja, justificação (somente por graça, fé e boas obras, *simul iustus et peccator*[508]*),* sobre a Eucaristia, sobre o Ministério (entendimento comum e diferenças) e Escritura e Tradição.

No capítulo 3 da DCDJ, sobre a compreensão comum da justificação, no seu § 15, é afirmado que católicos e luteranos confessam juntos que somente por graça, na fé na obra salvífica de Cristo, e não por causa de méritos próprios, são aceitos por Deus, recebem o Espírito Santo que renova seus corações e os capacita para boas obras. A frase “somente por graça” é explicada no § 17 de que a nova vida se deve unicamente à misericórdia perdoadora e renovadora de Deus, mas que nunca se poderá fazer por merecer. No § 19 ainda se afirma a limitação da liberdade humana a qual se possuiu para com as pessoas e coisas do mundo, mas que não é liberdade com relação à salvação. No § 20 se declara que quando católicos afirmam que o ser humano “coopera”, eles entendem isto como assentimento pessoal, mas que é um efeito da graça e não uma ação humana a partir de forças próprias.[509] Importante observar que no Anexo 2C há um acréscimo na expressão “na fé”, do § 15, para “somente por fé.”[510]

---

[507] Em inglês, *World Methodist Council*, é uma organização ecumênica internacional, composta por denominações metodistas do mundo inteiro. O CMM é composto por cerca de 80 denominações membros, que possuem cerca de 51.286.152 membros.

[508] Expressão cunhada por Martinho Lutero e que significa que, perante Deus, por causa da obra de Cristo, o cristão é justo e perdoado. Mas, perante sua própria natureza, continua pecador, imperfeito, que, pela fé, se agarra no perdão adquirido por Cristo para ele.

[509] **Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação,** 2000, p. 12-14.

[510] **Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação,** 2000, p. 29.

O § 25 afirma a importância de que católicos e luteranos tenham uma visão comum quanto à coerência da fé e das boas obras. Ali se destaca que a fé atua pelo amor, por isso, o cristão não deve ficar sem obras; e no § 26 afirma que justificação somente pela fé e renovação são distintas, mas não separadas. No § 27 é afirmado que: “Essa nova relação pessoal com Deus se baseia inteiramente na graciosidade divina e fica sempre dependente da atuação criadora de salvação do Deus gracioso, que permanece fiel a si mesmo e no qual o ser humano pode, por isso, confiar.”[511] Neste sentido, confessam no § 31, que os mandamentos de Deus permanecem em vigor para as pessoas justificadas.[512] No § 38, ambos confessam que as boas obras aprofundam a comunhão com Cristo, mesmo que os luteranos sublinhem que a justiça de Cristo é sempre completa, e que os católicos afirmem que essas obras têm a promessa de recompensa no céu.[513] Na questão do *simul iustus et peccator*, § 28, católicos e luteranos entendem que o pecado não deveria e nem poderia reinar, mas que não existem cristãos sem pecado, pois continua a “oposição a Deus em termos de cobiça egoísta do velho Adão”. No § 30, afirmam que isto não corresponde ao desígnio original de Deus para a humanidade, mas ambos sublinham que essa tendência não separa o justificado de Deus.[514]

A DCDJ apresenta um consenso diferenciado, pois, por um lado, no § 41, afirma que as rejeições mútuas como foram apresentadas no passado, não se aplicam à outra Confissão, e, por outro lado, no § 40, declara:

> A compreensão da doutrina da justificação exposta nesta DC mostra que entre luteranos e católicos existe um consenso em verdades básicas da doutrina da justificação. À luz desse consenso as diferenças remanescentes na terminologia, na articulação teológica e na ênfase da compreensão da justificação descritas nos parágrafos 18 a 39 são aceitáveis. Por isso as formas distintas pelas quais luteranos e católicos articulam a fé na justificação estão abertas uma para a outra e não anulam o consenso nas verdades básicas.[515]

O desafio que permanece é que esse consenso alcançado possa surtir efeitos e se comprovar na vida e na doutrina, pois a convicção e compreensão comum alcançadas pode oferecer uma base sólida para este avanço. As condenações doutrinais havidas referentes a este tema, conservam entre os pares o significado de

---

511 **Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação,** 2000, p. 17.
512 **Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação,** 2000, p. 19-20.
513 **Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação,** 2000, p. 22.
514 **Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação,** 2000, p. 17-19.
515 **Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação,** 2000, p. 23.

advertências salutares a serem observadas na continuidade e no aprofundamento ao estudo das suas bases bíblicas, a fim de alcançarem uma maior comunhão eclesial, uma unidade na diversidade, na qual diferenças remanescentes sejam reconciliadas, não continuando a ter força separadora.

4.2.1.2 Breve análise de três tópicos da Comemoração conjunta Católico-Luterana da Reforma em 2017 - Do conflito à comunhão

O relatório da Comissão Luterana-Católico-Romana para a Unidade, **Do conflito à comunhão -** Comemoração conjunta Católico-Luterana da Reforma em 2017, que poderá servir de estímulo para um relacionamento interdenominacional entre outras Igrejas, afirma no seu Prefácio:

> A essa alegria também pertence um discernimento, um olhar crítico sobre nós mesmos, não somente sobre o passado histórico, mas também sobre o nosso presente. Nós cristãos certamente não fomos sempre fiéis ao Evangelho; com demasiada frequência nos conformamos ao modo de ser e comportar do mundo à nossa volta. Demasiadas vezes obstruímos o caminho da boa notícia da graça divina.[516]

O texto que se seguiu descreve um caminho de conflito para a comunhão, cujos objetivos ainda não foram todos alcançados e merecem continuidade, como afirma a Comissão, levando a sério as palavras do Papa João XXIII (1881-1963): “O que nos une é maior do que o que nos divide.”[517] Se dará aqui destaque aos temas da Eucaristia, do Ministério e da Escritura e Tradição.

Quanto a questão da presença real de Cristo na Ceia do Senhor, não há controvérsia entre católicos e luteranos. Ambos rejeitam uma compreensão espacial ou natural da presença e também rejeitam uma compreensão comemorativa ou figurativa. Afirmam que a presença eucarística não está limitada apenas ao momento da recepção e que não depende da fé de quem recebe. Outrossim, entendem que a prática da adoração eucarística praticada pelos católicos não contradiz o caráter da refeição. Neste sentido, entendem que, pela recordação dos atos salvíficos no culto, estes atos se tornam presentes pelo poder do Espírito, pois:

> Se Jesus Cristo está realmente presente na Ceia do Senhor, então sua vida, sofrimento, morte e ressurreição também estão realmente presentes junto

[516] **Do conflito à comunhão,** 2015, p. 10.
[517] **Do conflito à comunhão,** 2015, p. 11.

> com seu corpo, [...]. Não apenas o efeito do evento da cruz, mas também o próprio evento está presente na Ceia do Senhor, sem que a Ceia seja a repetição ou a complementação do evento da cruz.[518]

Por fim, católicos e luteranos estão acordes de que pão e vinho pertencem à forma completa da Eucaristia, apesar das diferenças nas celebrações, e que há a necessidade de um ministro indicado pela Igreja para efetuar a celebração.

Quanto a questão do Ministério, católicos e luteranos concordam que todos os batizados, que tem a sua fé em Cristo, são partícipes do sacerdócio de Cristo, e, sendo assim, nenhuma pessoa deve estar excluída de sua tarefa missionária no conjunto do corpo. A força do Ministério está em que a palavra de Deus e sua proclamação em público, também em sacramento, são fundamentais para que aconteça a fé em Jesus Cristo e para que ela seja mantida na Igreja. Desta forma, a proclamação do Evangelho é a função primordial do Ministério, pois o Deus Trino incumbiu a Igreja de fazê-lo a todo o mundo. Luteranos e católicos concordam conjuntamente no que tange à responsabilidade de uma liderança que seja ordenada para a administração dos sacramentos, sendo que esta introdução acontece pela Ordenação.[519]

Quanto às diferenças, os católicos entendem que os bispos sucedem aos apóstolos, não como indivíduos que estejam numa linha sucessória verificável historicamente, mas porque estão em comunhão com toda a ordem que sucede ao colégio apostólico, considerando elementos essenciais da Igreja a palavra, sacramento e ministério apostólico na pessoa do bispo. Para os católicos, faz falta aos luteranos a plenitude do sinal sacramental, pois os que ordenam não agem em comunhão com o colégio episcopal católico, sendo o romano pontífice o poder pleno, supremo e universal da Igreja. Todavia, é importante observar que as tarefas de ambas autoridades, em boa parte se correspondem. Neste sentido o relatório conclui que: “Se, de acordo com o julgamento do Concílio Vaticano II, o Espírito Santo se serve de ‘comunidades eclesiais’ como meio de salvação, poderia imaginar-se também que isso poderia ajudar no reconhecimento mútuo do ministério.”[520] Isto pode significar uma possibilidade de diálogo fraterno entre estas Igrejas.

---

[518] **Do conflito à comunhão,** 2015, p. 62.

[519] A ordenação é a denominação dada à celebração religiosa para elevação hierárquica através de ordens sacras. É um dos sete sacramentos cristãos, segundo o Catolicismo. Os protestantes reconhecem-no como uma ordenança bíblica, mas não como sacramento.

[520] **Do conflito à comunhão,** 2015, p. 74.

Quanto à Escritura e Tradição, como consequência da renovação bíblica ocorrida no Concílio Vaticano II[521], os católicos não afirmam que a autoridade canônica da Escritura tem sua origem na hierarquia da Igreja, mas que a eficácia do texto bíblico depende única e exclusivamente da inspiração do Espírito, ou seja, a Tradição não faz surgir verdades novas para além das Escrituras. Outrossim, os católicos não atribuem ao magistério da Igreja um monopólio sobre a interpretação, como o único órgão de interpretação. Por fim o texto afirma que:

> Um fruto do diálogo ecumênico é a abertura da teologia luterana à convicção católica de que a eficácia da Escritura age não somente em indivíduos, mas também na Igreja como um todo. Uma evidência disso está no papel das Confissões Luteranas nas igrejas luteranas.[522]

Neste sentido, católicos e luteranos se encontram em comum acordo de tal forma que as diferenças não precisam manter a divisão das Igrejas, podendo existir unidade em diversidade reconciliada.

4.2.1.3 Avaliando o passado, razões para arrependimento e imperativos ecumênicos

A comemoração de 2017 permite não só lembranças de coisas positivas, que podem gerar expressões de alegria e gratidão, mas também momentos de reflexão, a respeito de falhas, desvios, culpas e pecados. Luteranos podem lembrar das posições degradantes que Lutero expressou contra os judeus, os ataques violentos aos camponeses, a identificação do papa como o Anticristo, bem como a perseguição aos anabatistas por parte de autoridades luteranas.[523] Católicos reconhecem abusos e ofensas, pecados e erros, na medida em que as autoridades da Igreja os tenham cometido. Pedem perdão aos irmãos separados do Leste[524] e por terem conservado no ministério do Bispo de Roma, o garantidor e sinal visível da unidade, dificultando a relação com os outros cristãos. Avaliando o passado, católicos e luteranos podem não ter a responsabilidade por todo ocorrido em termos de conflitos religiosos, pois

---

[521] O Concílio Vaticano II foi um Concílio Ecumênico da Igreja Católica, convocado no dia 25 de dezembro de 1961, através da bula papal *"Humanae salutis",* pelo Papa João XXIII. Em ritmo extraordinário, aconteceu no dia 11 de outubro de 1962, foi realizado em 4 sessões, e só acabou em 8 de dezembro de 1965, sob o papado de Paulo VI.

[522] **Do conflito à comunhão,** 2015, p. 79.

[523] **Do conflito à comunhão**, 2015, p. 85.

[524] **Do conflito à comunhão,** 2015, p. 87.

inúmeros eventos dos séculos passados podem ter fugido ao controle, pois alguém que segue sua consciência formada pela Palavra de Deus, após profunda reflexão, imagina que não pode abandonar as suas convicções. Muitas vezes não apenas podem ter se entendido mal, mas podem ter exagerado e feito caricatura de seus oponentes a ponto de levá-los ao ridículo. Assim afirma o texto:

> Os controversos queriam refutar e vencer seus oponentes, muitas vezes exagerando de modo deliberado os conflitos, ao invés de buscar soluções a partir de um olhar do que tinham em comum. Pré-conceitos e mal-entendidos tiveram um grande papel na caracterização da outra parte.[525]

Ambos os lados podem se queixar e lamentar sobre os modos conduzidos no passado e carregar a culpa que pode ser reconhecida na recordação dos 500 anos da Reforma. Cresce a consciência de que as lutas passadas estão sendo superadas e a condenação da fé do outro estão sendo ultrapassadas. Neste sentido, católicos e luteranos identificam cinco imperativos para uma comemoração conjunta que requer uma contínua conversa de coração.[526] Católicos e luteranos devem partir da perspectiva da unidade e não da perspectiva da divisão, fazendo uso da experiência, do encorajamento e da crítica mútua. No encontro com o outro e pelo testemunho devem se deixar transformar continuamente, levando em conta que a comunhão entre eles pode ter diferentes formas e graus. Ambos devem se comprometer outra vez na busca de uma unidade visível, e no que isto significa na realidade, evitando cair numa retomada da tradição e em oposições confessionais antigas. Luteranos e católicos precisam buscar juntos redescobrir a força do Evangelho para o tempo atual, pois o engajamento ecumênico deve servir também para que o mundo creia, especialmente em tempos de muitos pluralismos religiosos. Por fim, em sua pregação e seu serviço a este mundo, devem testemunhar juntos a graça de Deus, "[...] de confessar em tudo a Cristo, ao qual unicamente importa confiar, acima de todas as coisas, como mediador uno [...]."[527]

Em 2018, a Comissão Luterana-Católica Romana sobre Unidade, na Quinta Fase do diálogo, emitiu um comunicado, em Estrasburgo, França, preparado nos últimos sete anos, sob o título Batismo e Crescimento em Comunhão. O relatório procura estabelecer uma linguagem para as dimensões eclesiais do crescimento em

---

525 **Do conflito à comunhão,** 2015, p. 87.
526 **Do conflito à comunhão**, 2015, p. 90.
527 **Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação,** 2000, p. 13.

comunhão e concluiu com seis compromissos. Além disso, dá destaque a eventos que ocorreram nos últimos anos e que contribuíram para a caminhada do conflito à comunhão, como a comemoração do 500º Aniversário da Reforma, em Lund, Suécia. Segundo o prof. Dr. Dirk G. Lange, Secretário-Geral Adjunto para Relações Ecumênicas da FLM, o Papa Francisco (1936), durante um encontro no Vaticano, em junho de 2021, encorajou a continuar com paixão o caminho comum, observando que:

> [...] o ecumenismo não é um exercício de diplomacia eclesial, mas um caminho de graça [...] que purifica memórias e corações, supera atitudes de inflexibilidade e orienta para uma comunhão renovada. Não se trata de alcançar acordos redutivos ou formas de sincretismo apaziguador, mas de buscar uma unidade reconciliada em meio às diferenças.[528]

A FLM afirma que o relatório encoraja a avançar e a preparar a Sexta Fase do diálogo. Cabe ressaltar a preocupação do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos (PCPCU), de que o relatório é um documento de estudo aberto e ainda não pronto para recepção.

4.2.2 Reações de algumas igrejas não filiadas à Federação Luterana Mundial

A FLM, atualmente conta com 148 igrejas-membro em 99 países ao redor do mundo, com 77 milhões de fiéis. Em seu site se define da seguinte maneira:

> Com paixão pela igreja e pelo mundo
>
> Somos uma comunhão global de igrejas na tradição luterana em uma jornada comum de renovação. Nós nos esforçamos para colocar nossa fé em ação dentro e além da comunhão, e buscamos a Palavra e o Espírito de Deus para nos guiar.
>
> A FLM é uma comunhão global de 148 igrejas na tradição luterana, representando mais de 77 milhões de cristãos em 99 países. Nós nos esforçamos para colocar nossa fé em ação dentro e além da comunhão, e buscamos a Palavra e o Espírito de Deus para nos guiar. Esta ação assume várias formas, desde a reflexão teológica e o diálogo com outras igrejas e religiões, até o aprofundamento das relações, partilha sobre a nossa fé, serviço aos necessitados e defesa de um mundo mais justo, pacífico e reconciliado. Compartilhamos uma visão, propósito e valores. Trabalhamos para fortalecer nossos relacionamentos e construir uma comunhão inclusiva e respeitosa. Estamos em uma jornada comum de renovação moldada e enriquecida pelos diferentes contextos em que vivemos.[529] (tradução nossa)

---

[528] COMISSÃO sobre unidade publica relatório da quinta fase do diálogo. **O Caminho,** Blumenau, maio 2022, Caderno Especial, p. 15.

[529] **The Lutheran World Federation.** https://www.lutheranworld.org/content/about-lwf. Acesso em: 26 abr. 2022. n. p. *“With passion for the church and for the world. We are a global communion of*

Várias igrejas luteranas não participam desta organização, entre elas, a LCMS, dos Estados Unidos da América e a *Selbständigen Evangelisch-Lutherischen Kirche (*SELK), da Alemanha. A respeito da DCDJ, estas igrejas entendem que houve divergências enormes, enquanto alguns consideram o documento fraco, contraditório, ambíguo e outros ainda afirmam que as diferenças na doutrina da justificação não dizem respeito simplesmente sobre uma questão de ênfase ou de linguagem. São levantadas perguntas como: As formulações contidas nestes documentos são aceitáveis do ponto de vista luterano confessional? É possível afirmar que as condenações doutrinárias mútuas do tempo da Reforma não se aplicam ao ensino da justificação apresentado na Declaração? Até que ponto é possível estar aberto para posições contraditórias sem cair num relativismo completo? Afinal está se tratando do *articulus stantis et cadentis ecclesiae.*[530]

Ao afirmar a justificação como ato forense[531] e como *articulus stantis et cadentis ecclesiae*, Lutero centrou na ação de Deus como sujeito ativo e declarou a passividade das pessoas neste processo. O Concílio de Trento[532] resguardando o ser humano, afirmou o convívio da graça e da liberdade humana como forma de convivência com a ação divina que justifica, não como condição, mas como aceitação e participação. Após quase cinco séculos de rompimento, o esforço palpável do movimento ecumênico pode ter produzido uma Declaração conjunta que trouxe luz para o caminho dos cristãos, para que a unidade pudesse se tornar compromisso e testemunho.

---

churches in the Lutheran tradition on a common journey of renewal. We strive to put our faith into action within and beyond the communion, and seek God's Word and Spirit to guide us. The LWF is a global communion of 148 churches in the Lutheran tradition, representing over 77 million Christians in 99 countries. We strive to put our faith into action within and beyond the communion, and seek God's Word and Spirit to guide us. This action takes a variety of forms from theological reflection and dialogue with other churches and faiths, to deepening relationships, sharing about our faith, serving those in need and advocating for a more just, peaceful and reconciled world. We share a vision, purpose and values. We work to strengthen our relationships and build an inclusive, respectful communion. We are on a common journey of renewal shaped and enriched by the different contexts within which we live."

[530] A doutrina da justificação é tão importante para a teologia luterana que ela é chamada *articulus stantis et cadentis ecclesiae* (o artigo sobre o qual a Igreja permanece ou cai), sendo o artigo principal das confissões luteranas, a espinha dorsal da teologia onde todas as outras doutrinas estão ligadas e da qual todas dependem.

[531] Em sentido estrito, ato forense vem a ser aquele que advém, em regra, sem intervenção da vontade humana e que produz efeito jurídico.

[532] Reunião do clero católico, ocorrido entre 1545 e 1563, que reafirmou os dogmas da Igreja contestados pela Reforma Protestante, bem como estabeleceu ações para segurar o avanço do protestantismo e dar condições para a expansão da fé católica.

4.2.2.1 Lutheran Church - Missouri Synod

O presidente da LCMS, Dr. Alvin L. Barry (1931-2001), St. Louis, Missouri, EUA, solicitou uma avaliação da Declaração, aos professores dos dois seminários da Igreja. A Declaração foi fortemente criticada por sua metodologia falha, sua linguagem teológica imprecisa, ambígua e perigosa, e por sua falta de honestidade em relação à história. Segundo essa crítica, o que transparece é uma rendição dos luteranos. Enquanto na Declaração a justificação é "um critério indispensável", para as Confissões Luteranas, a justificação é o centro de toda fé e teologia. Enquanto os luteranos afirmam o caráter forense da justificação, os católicos definem a justificação como uma transformação interna do crente, um tornar-se justo. Outrossim, as diferenças fundamentais na doutrina do pecado original também não teriam sido removidas.

> Os luteranos confessam que a justificação é o artigo que integra toda fé e teologia. Esta centralidade da justificação está perdida em DCDJ. O Vaticano insistiu em mudar o esboço do DCDJ que disse que este artigo deve ser visto 'como critério' que 'constantemente serve para orientar todo o ensino e prática de nossas igrejas para Cristo.' O Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos não vai mais longe do que dizer que 'a doutrina da justificação é um critério indispensável' (ênfase adicionada) - que é a redação final do DCDJ.[533] (tradução nossa)

A primeira versão da DCDJ foi enviada em 1995, causando várias reações por algumas igrejas luteranas. A FLM distribuiu uma versão final em fevereiro de 1997 e a ICAR enviou sua resposta oficial à FLM em junho de 1998. É possível depreender das reações que a importância atribuída à doutrina da justificação não é concebida como a mesma para católicos e luteranos.

4.2.2.2 Selbständigen Evangelisch - Lutherischen Kirche

A *Selbständigen Evangelisch - Lutherischen Kirche* saúda o fato de a doutrina da justificação ter sido escolhida como objeto de discussão, mas conclui que o

---

[533] **The Joint Declaration on the Doctrine of Justification in Confessional Lutheran Perspective.** The Commission on Theology and Church Relations. The Lutheran Church—Missouri Synod, St. Louis, Missouri, 1999. p. 9. "*Lutherans confess that justification is the article that integrates all faith and theology. This centrality of justification is lost in JDDJ. The Vatican insisted on changing a draft of JDDJ that said this article should be seen 'as criterion' which 'constantly serves to orient all the teaching and practice of our churches to Christ.' The Pontifical Council for Promoting Christian Unity would go no further than to say that 'the doctrine of justification is an indispensable criterion' [emphasis added]—which is the final wording of JDDJ."*

consenso em verdades básicas da doutrina da justificação afirmado na Declaração, na verdade, não existe. Ressalta que um certo consenso foi alcançado em relação ao conceito de pecado e que a expressão “em fé” (§ 15) foi alterada para “por fé somente” (Anexo 2C). Porém, aponta para questões ainda não resolvidas como a afirmação de que a justificação “torna” justo, onde o *simul iustus et peccator* não recebe expressão adequada. O valor das obras em relação à justificação não teria ficado claro, como a preservação da graça através de boas obras, a dúvida sobre o que realmente salvaria no juízo final.

> Mesmo com uma leitura benevolente, permanece um remanescente, por menor que seja, a participação do homem pecador antes de sua justificação em sua justificação. Em outras palavras: Permanece, embora pequeno, um resto da satisfação vicária de Jesus Cristo na cruz, que o homem pecador supostamente ainda tem que compensar por conta própria. Seja através da ‘decisão’ ou do ‘consentimento para a fé salvadora’, que então não é mais *sola gratia*, não é mais ‘*mera passiva’,* ou seja, meramente recebido passivamente dom de Deus.[534] (tradução nossa)

A questão que parece permanecer é menos se os documentos têm jogo de cintura suficiente para contornar obstáculos, uma vez que cada expressão e termo contido foi cuidadosamente escolhido, mas, se os mesmos conseguem reproduzir com clareza e fidelidade o ensino a partir das Escrituras sobre o assunto.[535] Qual seria o limite da diversidade reconciliada e da unidade na diversidade e até que ponto seria possível estar aberto para posições contraditórias sem cair num relativismo? Ceder no artigo principal seria atribuir a seres humanos aquilo que pertence unicamente a Cristo.

---

[534] **Gemeinsame Erklärung zur Rechtfertigungslehre.** https://www.selk.de/index.php/a-z/lexikon-g. Acesso em: 26 abr. 2022. n. p. „*Selbst bei ausgesprochen wohlwollender Lesart bleibt es hier bei einem Rest, wie gering auch immer quantifizierter Beteiligung des sündigen Menschen vor seiner Rechtfertigung an seiner Rechtfertigung. Mit anderen Worten: Es bleibt ein, wie gering auch immer quantifizierter Rest an stellvertretender Genugtuung Jesu Christi am Kreuz, den der sündige Mensch aus eigener Kraft angeblich noch auszugleichen habe. Und sei es durch die ‚Entscheidung‘ oder die ‚Zustimmung zum rettenden Glauben‘, der dann eben nicht sola gratia, eben nicht mehr ‚mere passive‘, also bloß passiv empfangenes Geschenk Gottes ist.“*

[535] BOHLMANN, 1978, p. 56. “Quando tais organizações não estão preenchendo a sua real utilidade para o estabelecimento da unidade exterior, então deveriam ser despendidos esforços para transformar a organização, antes do retirar-se dela ou ingressar nela, conforme o caso. Porque essas organizações, idealmente consideradas, oferecem urna estrutura ímpar para buscar-se um acordo doutrinário mais amplo e para promover a cooperação em cousas externas.”

4.2.3 Aspectos históricos, teológicos e confessionais na dinâmica entre identidade confessional e relevância na dimensão social

O espírito de diálogo fraterno interconfessional numa determinada época foi abalado pelo ressurgimento da fidelidade aos padrões confessionais da era da Reforma entre os luteranos, onde se acreditava que os seus ensinos confessionais eram mais idênticos a verdade bíblica. Outra dificuldade que se apresenta é o uso do sistema de referências que altera conforme o enfoque que se dá à palavra ecumenismo. No esforço de buscar a unidade na confissão da fé, uma ênfase tem sido buscar elementos comuns que direcionem para a unidade, mas, muitas vezes, não se tem dado o devido valor para uma análise sobre o que divide.

As diversas confissões podem se colocar como tradições interpretativas diferenciadas, como se fossem dialetos de uma mesma língua cristã. A questão em aberto é saber até que ponto a comunhão pode aceitar a diversidade, como unidade da fé e unidade/diversidade de suas formulações. É possível considerar que a realidade de cada confessionalidade pode ser vista de diversas maneiras, onde, muitas vezes, as interpretações podem ser mais complementares que contraditórias. Outro aspecto que o diálogo verdadeiro precisa ter como pressuposto é o compromisso que não há a necessidade de sacrificar a própria maneira de crer e pensar, pois um diálogo sem ideias próprias seria supérfluo e até impossível, se tornaria num monólogo.

As denominações que se entendem como sendo portadoras de uma teologia pura, que não entra no confronto com a liberdade, podem até serem vistas como sendo uma entidade sociológica conservadora, mas que não leva em conta a questão da sua relevância no ambiente social. As Igrejas não podem manter suas identidades apenas em si mesmas, que vivam em si mesmas, de uma simples repetição de suas tradições próprias. Fica um desafio para a teologia de buscar realizar uma síntese de identidade e relevância, uma relevância por meio da identidade. O testemunho da fé cristã tem relevâncias profundamente sociais. A tarefa da Igreja exige a consciência de uma solidariedade com o mundo, que não permitirá que se afaste da sociedade e impedirá que ela se apresente como salvadora todo-poderosa e se deixe o paciente ao seu destino individual.[536] Desta maneira pode surgir uma ação conjunta, uma

[536] BRAKEMEIER, 1972. p. 47.

presença intensa e de fato da Igreja em todos os setores do ambiente social, fazendo a Igreja passar de uma ação defensiva para uma ação ofensiva.

4.2.3.1 Alguns aspectos históricos

James A. Scherer[537] em sua obra **Evangelho, Igreja e Reino.** Estudos Comparativos de Teologia da Missão, aborda aspectos históricos que trazem dificuldades para o diálogo dos luteranos com outras denominações, como o ressurgimento confessional, a reação contra o unionismo e algumas iniciativas de cooperação da missão luterana na era ecumênica.[538] No final do século XVIII, surgiu o despertamento evangélico, por parte de remanescentes do moravianismo[539], e que originou novos movimentos missionários, cujo objetivo era construir o reino de Deus numa perspectiva ecumênica, sem limitar as ações devido às diferenças confessionais. A partir dos anos 1800, luteranos e outros evangélicos começaram a estimular reuniões regionais, levando em conta ensinamentos que eram comuns na Escritura e não nas confissões próprias. Todavia, esta visão inédita que tinha por base a grande comissão dada por Jesus no Monte das Oliveiras, começou a sofrer enérgica oposição e mais tarde esbarrou na rocha do ressurgimento confessional.

Este espírito renovado da cooperação interconfessional não iria durar muito. Foi de forma súbita abalado pelo ressurgimento inesperado da fidelidade aos padrões confessionais da era da Reforma entre os luteranos. Esta nova mistura de pietismo eclesiástico a uma consciência confessional apurada, trouxe uma separação dos luteranos de outros protestantes. Acreditavam que os seus ensinos confessionais eram mais idênticos à verdade bíblica e que eram a igreja visível mais pura, rompendo assim laços ecumênicos oriundos do movimento do Despertamento.

Desta forma o interesse dos luteranos na expansão do reino de Deus supraconfessional, deu lugar a essa nova visão de implantar igrejas, com uma marca bem distintiva de identidade luterana confessional, em várias partes do mundo. Cada

---

[537] Scherer (1931-2012), teólogo luterano americano, missionário na China, entre 1946 e 1949, foi professor emérito de Missões e História da Igreja, no Lutheran School of Theology, Chicago, EUA.

[538] SCHERER, James A. **Evangelho, Igreja e Reino.** Estudos Comparativos de Teologia da Missão. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST IEPG, 1991. p. 58-63.

[539] Os Irmãos Morávios, ou *Herrnhuter Brüdergemeine*, é protestante. Iniciou no século XV na Boêmia, hoje República Checa. O nome oficial é *UNITAS Fratrum*, que significa Unidade de irmãos. É referida como os Irmãos da Boêmia. Destaca uma importância na unidade cristã, na unidade pessoal, na piedade, nas missões e na música.

vez mais os luteranos estavam dispostos a ter comunhão e relações de cooperação exclusivamente com outros luteranos. Não negavam a unidade da Igreja confessada por credos, mas, entendiam esta unidade como invisível e não palpável neste mundo. Outro aspecto importante foi a reação contra esforços promovidos pelo Estado para conseguir uniões entre igrejas evangélicas na Prússia[540] e noutros locais. Especialmente luteranos ligados à Igreja Luterana do Sínodo Missouri, desconfiavam dos esforços para o unionismo. Esta ênfase no separatismo confessional levou a missão luterana a fazer propaganda confessional para o luteranismo. Viam as confissões luteranas, não como pontes, mas como escudos defensivos e muros protetores ao redor das comunidades luteranas em desenvolvimento, e não como um testemunho da fé da Igreja una, santa, católica e apostólica.

Os luteranos se entendiam como uma Igreja visível particular, como a mais verdadeira igreja entre as outras existentes. Defendendo as confissões contra ataques ou ações de conciliação, excluíam todo tipo de relação entre testemunho e unidade, a não ser em questões de solidariedade entre os próprios luteranos. Scherer pontua de forma clara esta virada visionária:

> Quando combinada à exclusividade confessional, esta ênfase eclesiológica conseguiu eliminar em grande parte os horizontes ecumênicos e escatológicos mais amplos da missão. O reino de Deus foi reduzido a uma estratégia mediante a qual as agências missionárias luteranas implantavam igrejas luteranas mundo afora. Nesta época raramente se levantavam perguntas acerca da relação destas igrejas com o reino de Deus. Sua própria existência parecia justificar-se a si mesma, não se fazendo necessária uma discussão ulterior dos objetivos da missão.[541]

No século XX, de forma especial depois das duas grandes guerras mundiais, a situação mundial se tornou bem diferente daquela em que os luteranos haviam crescido em amplitude mundial, especialmente através das emigrações anteriores. Havia sumido o guarda-chuva do colonialismo e da pretensa superioridade em termos de cultura e civilização.[542] O luteranismo havia se tornado uma comunidade mundial de igrejas com presença em todos os continentes. Em 1947, se organizou em Lund, Suécia, a FLM, como uma associação livre de igrejas luteranas e que tinha produzido

---

[540] O exemplo de igreja unida é a União Prussiana de Igrejas, formada em 1817, a partir de decretos de Frederico Guilherme III da Prússia, que forçou as igrejas luteranas e reformados na Prússia a se unirem.

[541] SCHERER, 1991, p. 60.

[542] O colonialismo trazia consigo um ar de superioridade, sobre os povos colonizados, assim como sobre a cultura e civilização locais, que permitia impor sua religião e pensamentos.

seu instrumento particular para realizar a comunhão e a consulta entre as igrejas, ações conjuntas, estudo, testemunho e serviço ao mundo. A resposta dos luteranos a esta nova situação foi fortalecida pela desistência de um isolamento entre os diversos grupos luteranos e pela adoção de meios comuns para realizar consultas e desenvolver diretrizes e estratégias para todos os continentes. Seu envolvimento no CMI (1948), as conversas e relações bilaterais com a ICAR, após o Vaticano II, redimiu os luteranos de seu exclusivismo confessional e os introduziu nos novos movimentos ecumênicos.

Durante as duas guerras mundiais, as missões luteranas além-mar alemãs ficaram órfãs devido as vicissitudes da guerra, às prisões de missionários alemães etc. Isto motivou um esforço luterano internacional de solidariedade com estas missões órfãs. Reabilitação de igrejas, trabalho de assistência e reconstrução de templos, reassentamento de milhões de refugiados fizeram com que luteranos manifestassem seu crescente sentido de unidade na fé e na vida. Scherer conclui:

> Desta maneira, as igrejas e missões luteranas ao redor do mundo foram encorajadas a engajar-se em consulta mútua, praticar a internacionalização, compartilhar recursos e manifestar interdependência, testemunhando assim 'de forma unificada diante do mundo o evangelho de Jesus Cristo como poder de Deus para a salvação'. Para igrejas isoladas e fracas, essas oportunidades de comunhão e cooperação na missão foram uma fonte de imenso encorajamento e força.[543]

Seibert em sua tese de Doutorado (1996) em Ciências da Religião, Teologia e História, no Instituto Metodista de Ensino Superior, SP, abordou a temática sobre a "Busca de unidade da confissão de fé", dentro do escopo do Movimento Ecumênico. Nas suas análises conclusivas se pode destacar aspectos interessantes para o diálogo entre denominações cristãs. Ele destaca que nos dias 17 e 18 de novembro de 1982, no templo da IECLB, situado na rua Senhor dos Passos, 202, em Porto Alegre, RS, se deu a fundação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), estavam entre seus membros a Igreja Católica e Igrejas protestantes, chamadas históricas, como a Igreja Cristã Reformada, a Igreja Metodista, a Igreja Episcopal do Brasil e a IECLB. O CONIC pretendia ser uma associação que não excluía nenhum grupo cristão e que, ao mesmo tempo, não se identificaria com nenhum grupo particular. Havia um reconhecimento entre estas igrejas de que existiam diferenças quando o assunto era eclesiologia. Em determinada época aconteceu uma mudança

[543] SCHERER, 1991, p. 63.

de foco sobre o conceito de unidade, passando de um reducionismo cristológico (menor ênfase na centralidade de Cristo) para uma ampliação do conceito de evangelho (ênfase no amor de Deus), privilegiando um macro-ecumenismo.[544] As igrejas cristãs brasileiras não elaboraram confissões de fé, mesmo se entendendo como participantes da tradição histórica da fé cristã. No que tange às confissões de fé, uma relativizava as divergências entre as Igrejas e afirmava que havia unidade; outra considerava uma questão secundária a ênfase pela confissão de fé. O foco estava na realidade do contexto brasileiro e latino-americano, além de se dar mais importância ao agir do que refletir sobre a fé e buscar uma confissão comum.

No objetivo de buscar uma unidade de fé nas igrejas no Brasil, se detectou a dificuldade dos líderes em relação ao povo. A maioria da liderança teológica estava convicta de que as pessoas deveriam ser e seriam os agentes históricos. Entendiam que era tarefa dos líderes organizar as pessoas e lhes fornecer instrumentos de ação. Boa parcela das pessoas, porém, não compreendeu e nem seguiu estas lideranças. As declarações dos líderes eclesiásticos nem sempre são as convicções das pessoas que compõe estas denominações. As convicções das lideranças nem sempre são obedecidas pelas pessoas.[545] Segundo Seibert, organizar e desenvolver espaços de diálogo em assuntos de fé necessita disposição de chegar à unidade na confissão. Aumento significativo de pessoas na denominação pode não significar boa teologia. É um sinal que mostra certa dificuldade de conciliação entre discurso e prática:

> Na questão da liderança, percebe-se claramente dois polos. Havia líderes que buscavam maior engajamento da igreja na sociedade e líderes que defendiam a ação da igreja mais voltada para a preservação da herança doutrinária de características espiritualizadas. Muitas lideranças progressistas estavam situadas fora das denominações, em entidades ecumênicas de serviço.[546]

Os vários conceitos de ecumenismo tornam difícil afirmar com exatidão ao que se está anuindo quando se diz que se adere ao Movimento Ecumênico. O uso do sistema de referências muda conforme o enfoque que se dá à palavra ecumenismo. No empenho de buscar a unidade na confissão da fé, um enfoque bastante robusto tem sido buscar elementos comuns que direcionem para a unidade. São questões fortemente conectadas à confissão da fé. Conforme destaca Seibert: “Estas

[544] SEIBERT, 1996, p. 106.
[545] SEIBERT, 1996, p. 106.
[546] SEIBERT, 1996, p. 106.

expressões, mencionadas nas declarações, no entanto, nem sempre tem o mesmo sentido encontrado nos documentos da igreja antiga."[547] Por fim, Seibert deixa a pergunta a respeito do tipo de unidade que as Igrejas desejam. Surge aí o debate sobre o espaço próprio das Igrejas. O conceito de campo não exclui a realidade multidimensional da ação das Igrejas:

> Mas as declarações de fé não chegam a elaborar uma antropologia mais desenvolvida. O conceito de sociedade também tem algumas contradições internas não superadas. O que se verifica, de qualquer modo, com muita clareza, é a tentativa de ampliação de campo das igrejas integradas ao CONIC. O campo em que elas buscam influência não é mais o campo restritamente eclesiástico. Isto se verifica na ampliação do conceito de ecumenismo intra-eclesiástico para macro-ecumenismo e na utilização de conceitos como reino de Deus em vez de igreja.[548]

O trabalho das denominações teria dimensão social, política, espiritual e outras; porém, o espaço próprio das igrejas não se confundiria com as suas dimensões. Pode-se entender a partir destas considerações, que a unidade em Cristo antecede qualquer unidade de fé ou de confissões. É o seu pressuposto. Mesmo procurando a unidade de confissões, a igreja é um só corpo, junto com todas as outras. Parafraseando o apóstolo Paulo, "o que Deus uniu as pessoas não separem".

4.2.3.2 Alguns aspectos teológicos

Rosino Gibellini (1926), o primeiro teólogo católico moderno, italiano, doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma e em Filosofia pela Universidade Católica de Milão, em sua obra, **A Teologia do Século XX**, aborda movimentos teológicos como a teologia dialética, a teologia existencial em conjunto com as teologias hermenêutica, da cultura e a transcendental. Também aborda a teologia da história com sua consciência política. Por fim, com o surgimento da teologia da libertação e da inculturação, salienta que as teologias confessionais se abriram para a teologia ecumênica e à teologia das religiões.[549] As diversas confissões não precisam necessariamente se contrapor, mas se colocar como tradições interpretativas diferenciadas, como se fossem dialetos de uma mesma língua cristã, na perspectiva de um horizonte mais amplo. Este horizonte não necessitaria ser

[547] SEIBERT, 1996, p. 107.
[548] SEIBERT, 1996, p. 107.
[549] GIBELLINI, 2012, p. 7-8.

limitado num sentido confessional, mas poderia se ampliar numa fusão de horizontes. As teologias da identidade não devem ser identificadas com a volta do fundamentalismo cristão, que surgiu na primeira década do século XX, com os doze livretos intitulados *The Fundamentals: A Testimony to the Truth* (Os fundamentais: um testemunho à verdade), publicados em defesa da fé, baseado na ideia da inerrância verbal da Bíblia. Gibellini chama a atenção sobre o mal do fundamentalismo religioso:

> A retomada do fundamentalismo, que é portador de uma identidade religiosa agressiva e excludente, que fomenta ódio e pratica a violência, introduziu o debate sobre a relação entre religião e violência. [...] Mas a nossa relação com o Absoluto jamais existe 'em estado puro', não é direta, mas é sempre mediada, dada a nossa criaturalidade. [...] A relação como Absoluto é sempre *libertadora,* mas por força de más mediações pode se tornar *ameaçadora.*[550]

Gibellini aborda duas teologias da identidade cristã: a teologia pós-liberal e a ortodoxia radical. A teologia liberal traz o conceito de progressismo no contexto de modernidade, procurando o diálogo com a filosofia e a cultura, baseado em experiência religiosa comum, a partir de uma aproximação cultural-linguística. Assim, as doutrinas religiosas, as confissões, seriam a cultura e a linguagem de uma determinada denominação. Desta forma, a teologia seria reguladora da linguagem da fé da comunidade, gramática da fé. A história bíblica seria interpretativa da história do mundo, uma teologia descritiva e não especulativa, porém, sem introduzir elementos estranhos que pudessem distorcer o discurso teológico. Esta teologia não advogaria a ideia de uma apologética sistemática. Neste sentido produz uma confessionalidade mais aberta ao diálogo ecumênico. Confessa e cultiva sua própria linguagem e sua própria prática em determinado tempo, não preocupado com a relevância, mas se concentrando em suas próprias perspectivas e formas de viver.[551] O outro tipo de teologia da identidade seria a ortodoxia radical. Esta teologia destaca o caráter decisivo das confissões de fé inspirada na matriz patrística e medieval do pensamento cristão. Destaca-se por uma crítica zelosa à modernidade, uma recusa dos elementos seculares em favor da insistência nas afirmações sobre a transcendência. A ortodoxia radical não aceita o dualismo de razão e fé, sendo que unicamente a perspectiva teológica é a interpretação da realidade em sua base, por isso todo conhecimento

[550] GIBELLINI, 2012, p. 527.
[551] GIBELLINI, 2012, p. 528.

como sobre o corpo, sexo, arte e relação social, deve ser encaixado nesta visão teológica.[552]

Surge um desafio de “remover rochedos” que atrapalham e inibem o caminho do diálogo ecumênico. Gibellini traz ao seu texto alguns autores como Yves Congar, (1904-1995), um teólogo dominicano e cardeal francês e uma de suas obras como, “Cristãos desunidos”, de 1937. Este teólogo conseguiu abrir a teologia católica para a questão do ecumenismo, cuja virada viria no Concílio Vaticano II (1962-1965). Congar entende que a volta dos cristãos não católicos ao rebanho católico está descartada; assim, também como a ideia de um adiamento da unidade entre os cristãos, que ficaria para um milagre divino nos tempos finais, numa perspectiva escatológica.[553]

A questão que ficava aberta era saber até que altura a comunhão poderia aceitar a diversidade, um modelo ecumênico configurado como unidade da fé e unidade/diversidade de suas formulações, ou seja, o grande desafio de unir catolicidade e diversidades e o pluralismo: “Cada Igreja ou confissão deveria ‘re-acolher’ estes seus escritos normativos ‘para situá-los de novo no conjunto e no equilíbrio de testemunho da Escritura’.”[554] Neste sentido, a ação teria em conta as percepções que surgiram depois da primeira recepção, como também das críticas e das contribuições advindas de outras pessoas ou grupos. “Isso levaria a historicizar a própria tradição e a relativizar contrastes e contraposições do passado, evidenciando o núcleo essencial e decisivo de cada uma das tradições cristãs no álveo da comum Tradição cristã, em vista das tarefas da missão comum.”[555]

As experiências históricas podem ter perdido seu caráter promotor de separação entre as Igrejas e podem se ter tornado uma diversidade reconciliada, como formas de expressão diferente, no conjunto de um patrimônio comum. Teriam perdido seu caráter de “anti” e construído uma consistência própria positiva. Neste sentido, Gibellini traz à reflexão o teólogo luterano Oscar Cullmann, (1902-1999) responsável pelo estabelecimento do diálogo entre as tradições luterana e católica romana, na sua síntese ecumênica “A Unidade por meio da diversidade”, de 1986, onde aborda a possibilidade da busca da unidade sem a capitulação de nenhuma denominação, mas, que acontece no acolhimento das experiências históricas

[552] GIBELLINI, 2012, p. 530.
[553] GIBELLINI, 2012, p. 493.
[554] GIBELLINI, 2012, p. 493.
[555] GIBELLINI, 2012, p. 494.

declaradas pelas diversas Igrejas cristãs. Ele parte de uma teoria ecumênica, com inspiração nos escritos do apóstolo Paulo sobre os carismas, de que toda confissão cristã tem um dom do Espírito, um carisma que o leva a ter a responsabilidade de conservar, purificar e aprofundar, sem querer esvaziá-lo e sacrificá-lo pelo desejo de uniformidade. Assim, a consequência e o objetivo do movimento ecumênico não deve ser a uniformidade, mas uma unidade na diversidade:

> Não se deve dizer: unidade apesar da diversidade, mas sim unidade na e por meio da diversidade. Trata-se de aceitar o dado histórico da separação, mas passando de uma separação hostil a uma separação pacífica, tornando fecundas as diversidades, integrando os diversos carismas, corrigindo-lhes os desvios e os endurecimentos, em uma comunhão de Igrejas autônomas, pacificamente separadas, que professam uma comum profissão de fé.[556]

Assim sendo, no centro não estariam as Igrejas separadas, uma em relação com as outras, mas no centro estaria o Cristo, ao redor do qual todas as Igrejas se moveriam como Igrejas de Cristo. Não se pode entender que outras Igrejas girem em torno de uma em particular como sendo o centro e detentora da verdade última. Permanece a questão de como seria a realização e concretização visível e estrutural da unidade na diversidade. Deveria ser uma estrutura flexível tendo como alvo a unidade, com a necessidade de ficar explícito como cada uma das Igrejas, que mantivessem sua estrutura, pudessem ter presente a *Igreja una,* como corpo de Cristo.

4.2.3.3 Alguns aspectos confessionais

David J. Bosch[557] em sua obra **Missão Transformadora:** Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão, aborda a questão do diálogo e do testemunho assim como a missão e ressalta o conceito de que, a realidade de cada confessionalidade pode ser vista de diferentes maneiras, onde, muitas vezes, as interpretações podem ser mais complementares que contraditórias. Ele levanta a tese de que deve existir uma tensão criativa entre diálogo e testemunho, no sentido de que

---

[556] GIBELLINI, 2012, p. 496.

[557] Bosch (1929-1992), foi missionário em Transkei, África do Sul, e professor de missiologia da Igreja Reformada Holandesa, em Pretória, África do Sul. A Igreja Protestante na Holanda ou Igreja Protestante nos Países Baixos, IPPB, é a maior denominação protestante dos Países Baixos. Teve a sua constituição em 8 de maio de 2004, por meio da unificação da Igreja Reformada Neerlandesa, Igrejas Reformadas na Holanda e da Igreja Evangélica Luterana no Reino da Holanda.

não haja uma confortável reinvindicação de caráter absoluto e nem um pluralismo arbitrário. É saudável que exista espaço para o sempre paradoxo de defender o compromisso firme com a própria confessionalidade e a abertura sincera e honesta para a confessionalidade do outro, do sempre presente vacilar entre a certeza e a dúvida. O diálogo, assim como o testemunho de fé, precisa ser um encontro de corações e não de mente, pois se trataria de um mistério.[558]

Um dos aspectos importantes no diálogo é aceitar a coexistência de confissões diversas e fazer isto de boa vontade, sem relutar. É inadequado dialogar com pessoas ou lhes testemunhar tendo ressentimento com a presença desta pessoa ou com as visões que ela defende. Em qualquer espaço são poucas as pessoas cristãs que não convivam com pessoas de outras crenças e que não seja algo comum do dia a dia. A igreja necessita de diálogo por si mesma. Outro aspecto que o autor destaca, é que o diálogo verdadeiro tem como pressuposto o compromisso, que não precisa implicar no sacrifício da própria maneira de crer e pensar. Um diálogo sem conceitos próprios seria supérfluo e até impossível. Bosch ressalta:

> [...] dialogar significa testemunhar nossas mais arraigadas convicções, ao mesmo tempo que escutamos aquelas de nosso próximo. Sem meu comprometimento com o evangelho, o diálogo se torna um mero bate-papo; sem a presença genuína do próximo, ele se torna arrogante e sem valor. É falso sugerir que um compromisso com o diálogo seja incompatível com uma posição confessional.[559]

Outro aspecto também importante é que o diálogo é viável se for considerada a ideia de que não se está avançando para um vazio, mas, que se pode encontrar a ação de Deus preparando pessoas em seus próprios contextos culturais e de convicções. O Espírito de Deus trabalha de formas que vão além de nossa percepção humana. Não se carrega Deus no bolso e não se leva ele para outras pessoas. É Deus que nos acompanha e da mesma maneira vem ao nosso alcance. Como afirma Bosch: “Aproximamo-nos, portanto, de qualquer outra fé e de seus adeptos com reverência, descalçamo-nos, uma vez que o lugar de que nos acercamos é sagrado.”[560] A realidade pode ser entendida e vista de diferentes maneiras. Os termos podem ser diversos para designá-la, como se diz de seis pessoas indianas cegas, que apalpam

---

[558] BOSCH, David Jacobus. **Missão Transformadora:** Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2002. p. 576.
[559] BOSCH, 2002, p. 578.
[560] BOSCH, 2002, p. 578.

um elefante, e dependendo da parte anatômica que tocarem, podem chamá-lo de cobra, espada, ventilador, parede, pilar ou corda. A pergunta pode ser a mesma, mas as repostas podem ser distintas.

As Escrituras são formadas por palavras humanas, que são contextuais, dentro do seu perfil histórico, e as interpretações podem ser diferentes. As teologias são parciais e tem influência da cultura e do social de seu contexto. Elas nunca podem reivindicar de que sejam absolutas, o que não deve significar que sejam relativistas. Neste sentido, cada pessoa cristã pode compartilhar a sua própria confissão de fé para com as outras pessoas, mas lhes concedendo o mesmo direito, como afirma Bosch: “Embora creia que meu mapa seja o melhor, aceito que haja outros e que, pelo menos em teoria, um desses mapas possa ser melhor que o meu, visto que só tenho acesso a um conhecimento parcial.”[561]

Segue-se mais um aspecto fundamental para o diálogo com o diferente. É necessária uma atitude de humildade, que, para as pessoas cristãs, deveria ser algo óbvio, pois a fé é uma religião da graça e que tem seu núcleo fundante na cruz. E neste sentido, é importante se ter a noção de que não existe nenhuma garantia de que, o diálogo que emerge do lado de cá, seja mais eficaz ou melhor do que o do lado de lá. Por outro lado, é ilusão pensar que só se é respeitoso com uma outra fé se há um menosprezo da própria crença ou confissão. O testemunho não inibe o diálogo, mas o estimula, assim como o diálogo não restringe o testemunho, mas o amplia e aprofunda. Diálogo e testemunho ou confessionalidade não são caminhos de uma única via; nenhum dos dois deve ser dogmático inflexível, intolerante ou com um esforço de manipulação. Em ambos casos, são retiradas a segurança de suas “próprias prisões”. Conclui Bosch, afirmando:

> Conhecemos apenas em parte, mas conhecemos. E cremos que a fé que professamos é tanto verdadeira quanto justa e deve ser proclamada. Não o fazemos, todavia, como juízes ou advogados, mas como testemunhas; não como soldados, mas como mensageiros da paz; não como vendedores persuasivos, mas como embaixadores do Senhor Servo.[562]

O compromisso com a fé é acompanhado pelo respeito a outra pessoa. Nenhuma delas vem com uma mente totalmente aberta, mas ambas testemunham suas mais profundas crenças ao mesmo tempo que escutam uma à outra.

---

[561] BOSCH, 2002, p. 234.
[562] BOSCH, 2002, p. 584.

4.2.3.4 Alguns aspectos da dinâmica entre identidade confessional e relevância social

A Igreja cristã não consegue mostrar sua relevância caso não se confronte com a história da liberdade, quando se esconde em algum tipo de ortodoxia desconectada das questões histórico-sociais, tornando assim uma entidade sectária. Gibellini refletindo sobre a relação entre identidade e relevância aponta que as minorias cognoscitivas se obrigam a se organizarem em grupos extremamente compactos e fechados frente a sociedade. Caso desejarem manter intactas suas definições sobre a realidade, que são divergentes de outras definições presentes no ambiente social, a estrutura que se adequa para elas seria o conceito de seita.[563]

No cristianismo no mundo contemporâneo seus conceitos de realidade deixaram de ser plausíveis e isto lhe traz um dilema. Se quiser continuar a ser relevante no ambiente social, deve se adaptar a ele, se secularizando de forma inevitável. Porém, se quiser sobreviver com sua identidade, deverá se fechar e se aceitar como seita. Se desejar ser relevante, precisará renunciar profundamente aos conteúdos religiosos tradicionais, exatamente por serem irrelevantes na situação atual.[564] Se desejar continuar a defender seus valores de realidade deverá aceitar seu destino de ser visto como algo estranho pelos conceitos que definem a realidade no campo social. Igreja cristã é por princípio ecumênica ou não é Igreja. Neste sentido, brigas e desavenças internas tiram a credibilidade do cristianismo sendo exemplo disso as guerras religiosas que deixaram a marca da culpa, não somente frente a Deus, mas, especialmente, frente à sociedade. A Igreja pode aceitar a ideia de que possa ser uma minoria, mas não pode aceitar ter em si uma mentalidade de seita, pois perderia sua identidade como uma entidade de relevância pública, através da mensagem que ela anuncia. A Igreja não pode manter sua identidade unicamente em si mesma e que viva em si mesma, de uma simples repetição de suas tradições próprias. A Igreja passou a existir quando desmoronou o muro que dividia as pessoas, como judeus e gentios, quando se rasgou o véu do templo.[565] Ela nasceu

---

563 GIBELLINI, 2012, p. 309.
564 GIBELLINI, 2012, p. 309.
565 Referência a Mateus 27.51, quando o véu do Templo de Jerusalém se partiu ao meio, no momento da morte de Jesus Cristo. Isto significa simbolicamente que não há mais separação entre sagrado e profano, entre judeus e gentios. Todas as pessoas são amadas por Deus, a partir de Cristo.

essencialmente como um movimento para fora, sua identidade se dá na sua relevância no ambiente social.

Gibellini chama a atenção que identidade e relevância da fé podem dar a impressão de estarem em relação inversa uma com a outra, se desejar resguardar a fé cristã, se limita a um gueto e no conservadorismo, perdendo a fé, e assim, a sua relevância. Por outro lado, caso "[...] só se leva em conta a relevância da fé, acaba-se na incredulidade dos vários grupos cristãos que lutam pela libertação do homem, mas que, assemelhando-se aos movimentos de libertação, acabam perdendo a identidade – cristã."[566] Permanecem, desta maneira, estas polarizações, que não tem a capacidade de suportar esta tensão entre identidade da fé e solidariedade, no sentido de dar relevância a esta mesma fé. Fica este desafio para a teologia de buscar realizar uma síntese de identidade e relevância, uma relevância por meio da identidade.

A palestra proferida por Brakemeier, "O Evangelho e nossa Missão", no 5º *Congreso Luterano Latinoamericano,* inicia com um destaque: "É incompatível com a essência da Igreja que ela se retraia em si e forme um clube exclusivista, assistindo ao drama da história marginalizada e em atitude de espectador."[567]

A natureza do evangelho é a proclamação de um evento com valor e implicações em todo o mundo, assim ele não pode ficar mudo e oculto, sem haver diálogo e mensagem. Neste sentido uma fé verdadeira sempre será acompanhada de uma tarefa, de uma missão, com implicações sociais. O testemunho da fé cristã tem relevâncias profundamente sociais. Privativismo e Quietismo[568] são estranhos ao evangelho de Cristo.[569] Muitas vezes a tradição introvertida e autossuficiente gera uma passividade, que leva a comunidade a viver num gueto e sem dinamismo, consequentemente, sem diálogo com os seus e com os outros. Porém, Brakemeier afirma que esse papel a ser desempenhado não é inconteste. Segundo ele, o cancelamento da realização da V Assembleia Geral da FLM, em Porto Alegre, RS, marcada para 14 a 24 de julho de 1970, sob o tema "Enviados ao Mundo", mostrou muita insegurança e dúvida quanto ao papel das igrejas luteranas na sociedade. E

---

566 GIBELLINI, 2012, p. 310.
567 BRAKEMEIER, 1972, p. 45-46.
568 A heresia "quietista" era entendida como sendo elevar erroneamente a "contemplação" sobre a "meditação", a quietude intelectual acima da oração vocal e a passividade interior superior à ação piedosa. Pretendia um crescimento espiritual e união com Deus, existindo a possibilidade de alcançar um estado sem pecado e união com a divindade cristã.
569 BRAKEMEIER, 1972, p. 46.

ressalta: “Seria errôneo banalizar essa crise e ver nela apenas algo periférico e superficial, pois se formos honestos, devemos confessar que o próprio evangelho está em jogo.”[570] Era a época do governo militar e havia diferentes visões sobre o contexto brasileiro. Tinha sido decretado o AI-5[571], em dezembro de 1968. Muitas denúncias vinham do exterior sobre a violação dos direitos humano. As igrejas luteranas europeias faziam pressão para que as autoridades militares não participassem do evento, mas os dirigentes das igrejas luteranas brasileiras se alinhavam com o governo o que aumentou ainda mais as tensões.

Apesar da diversidade de concepções e ideias isto não precisa ser visto como uma falência ou uma doença aguda da Igreja. Poderá brotar uma reflexão, que leve ao diálogo e a um despertamento de um sono despreocupado das comunidades com referência ao questionamento de valores tradicionais, por novas maneiras de convivência, novas estruturas sociais e, por que não, por uma nova fé. Brakemeier ressalta que: “Seria mais do que estranho, se a inquietação e a desnorteação das gerações contemporâneas não afetassem também as Igrejas e os seus membros.”[572]

Ele denuncia que, muitas vezes, as igrejas assumem uma posição extramundana, estimulando uma separação entre Igreja e mundo, sendo que estas relações são descritas em termos de constante confrontação e provocação: “Em vista disso é necessário insistir em que não somos embaixadores, provindos de outro planeta, não somos donos de receitas infalíveis e prontas para curar os males do nosso tempo. [...] A força renovadora do evangelho continua sendo oculta sob a imagem da cruz.”[573] A tarefa exige a consciência de uma solidariedade com o mundo, pois isto impedirá que se afaste da sociedade, a qual todas as pessoas pertencem, e não permitirá que se apresentem como salvadores onipotentes e se entregue o paciente ao seu destino individual. Há a urgente obrigação de encontrar novas maneiras de convivência cristã no mundo. O evangelho não é um amontoado de teologias perenes e de preceitos fixados perpetuamente, mas a mensagem de um evento, cuja importância ao mundo em cada momento deve ser redescoberta. Isto

[570] BRAKEMEIER, 1972, p. 46.
[571] O AI-5 decretou que o presidente poderia fechar o Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas e as Câmaras de Vereadores. Poderia haver a intervenção federal em estados e municípios, além da possibilidade de cassação de mandatos políticos e a suspensão de direitos políticos. Poderia ser instaurado o estado de sítio com a possibilidade da apreensão de bens materiais, entre outros.
[572] BRAKEMEIER, 1972, p. 46.
[573] BRAKEMEIER, 1972, p. 47.

requer uma resposta que não é apenas um assentimento racional, mas que desafia a vontade e traz sua ação para dentro do mundo. Para que seja uma Igreja que traz respostas aos problemas do mundo, é necessário que ela primeiro escute as perguntas e não dê respostas construídas há séculos passados, para perguntas de então. A Igreja nasceu da Palavra, portanto da mensagem, da comunicação, do diálogo. Sua essência é dialogar. Quando ela se enclausura e não dialoga, ela não tem mensagem, portanto, não tem Evangelho.

Segundo Brakemeier, o discipulado, que compõe a Igreja, tem uma premissa altamente significativa, que é a assertiva que o discípulo, e, consequentemente a Igreja, está envolvida num processo de aprendizagem:

> O mundo, na maneira como ele se nos apresenta, tanto em suas formas positivas como também negativas, não pode ser excluído do material didático do cristão. O acosmismo e a isolação da Igreja, tantas vezes deploradas, tem uma de suas razões na incapacidade de atentar para o que ao redor de nós se passa. As consequências são ou ofertas de soluções para problemas inexistentes ou recomendações e conselhos utópicos, destituídos de realismo.[574]

Um aprendizado e desenvolvimento sem esta perspectiva e envolvimento com a realidade, pode transformar a mensagem numa doutrina esotérica[575], focada em apenas alguns poucos escolhidos. Caso exista uma emigração deste mundo e acontecer um retraimento por parte da Igreja, pode trazer à tona uma possibilidade para novo exilio babilônico[576] da mesma. Neste sentido, esta ação não pode ser realizada de forma individual ou apenas por especialistas, como o ministério pastoral. Para reverter a existência de uma comunidade que é servida para uma comunidade que serve, é necessário redescobrir a dimensão carismática das pessoas que compõe o povo de Deus. Desta forma pode surgir uma ação conjunta, uma presença de fato e intensa da Igreja em todos os setores da vida secular, fazendo a Igreja passar de uma ação defensiva para uma ação ofensiva. Parece ser a única forma de desfazer o dualismo danoso de mundo da fé e de mundo da realidade. Brakemeier alerta:

---

[574] BRAKEMEIER, 1972, p. 50.

[575] Esoterismo designa um conjunto de tradições e interpretações filosóficas de doutrinas e religiões, que procuram transmitir sobre determinados assuntos que se referem a aspectos da natureza da vida que estão sutilmente ocultos.

[576] O Cativeiro Babilônico, também denominado de Exílio na Babilônia, é usado para designar o exílio dos judeus do antigo Reino de Judá para a Babilónia por Nabucodonosor II. A primeira deportação teve início em 609 a.C.

> A fascinação de uma Igreja hierárquica ou acentuadamente pastoral reside no fato que ela pode apresentar-se com relativa facilidade como bloco consistente. [...] Além disso deverá ser perguntado seriamente, se o uniformismo, mantido a todo custo, poderá responder aos múltiplos desafios da atualidade. Num mundo que cada dia mais se diversifica e que nos confronta com sempre novos problemas, a cristandade necessita de muitas formas de reação.[577]

Desta forma, a Igreja não pode se satisfazer com a defesa de alguma causa, por mais preciosa que ela pareça, pois tal atitude pode se tornar, sob certos aspectos, tão desumana como a indiferença. E vale a pena ressaltar que o amor autêntico não é realizado com segundas intenções. Ele almeja a outra pessoa, o seu bem-estar, a sua redenção, não a enobrecimento da própria Igreja nem a glória da própria pessoa. A Igreja deve ficar sendo um instrumento a serviço do reino de Deus, prometido a todas as pessoas.

4.3 ALGUMAS BREVES PERCEPÇÕES E CONSIDERAÇÕES

Igrejas cristãs não precisam viver obcecadas pela originalidade de sua doutrina ou confissão nem pela sua autoria, nem precisam aspirar para ser uma super igreja. Não precisam pensar que devem falar sozinhas do “alto da montanha”, ou seja, de cima para baixo. Num diálogo ecumênico os participantes podem estar envolvidos nas questões postas para provocar o envolvimento do outro e suas manifestações autênticas, pois durante o debate as interpretações diversas não precisam ser evitadas, mas constituem o elemento criativo. Neste sentido, o diálogo entre as partes não precisa mais ser uma instância de verificação das assertivas próprias, mas exatamente o ponto de partida desta construção de ideias e conteúdo, que podem ser comuns. As diversas confissões não necessitam se contrapor, mas, é possível se colocar como tradições interpretativas diferenciadas.

Esta diversidade reconciliada pode ser construída, através de uma elaboração de conteúdos que progride gradualmente, a partir do diálogo entre as partes nestes encontros, tanto na verificação das diferenças como nas semelhanças. Os diálogos ecumênicos honestos permitiram que, mutuamente, se reconhecesse, inicialmente, as semelhanças, que possibilitavam o reconhecimento da própria importância dos diálogos ecumênicos e suas possibilidades. Por outro lado, também se concebeu que, pelas diferenças, os diálogos se faziam necessários. Por esta razão, era necessário

[577] BRAKEMEIER, 1972, p. 57.

olhar primeiro o que se tinha em comum e depois então avaliar o significado das diferenças. Os próprios diálogos podem servir mais para compreender um ao outro, e, neste sentido urge ouvir com atenção os testemunhos das pessoas cristãs e não-cristãs. Precisa-se compreender os motivos de sua fé, notar semelhanças com a confissão própria, encontrar, talvez, “tesouros escondidos em campo alheio”[578], ou seja, interpretações válidas do Evangelho.

Pode-se observar que as formulações teológicas têm suas bases no relacionamento entre a vida religiosa e as condições culturais e políticas que se sobressaltam em grupos cristãos. A vida religiosa é tão entramada com as situações sociais contextuais, que a elaboração da teologia é predominantemente condicionada pelas mesmas. Na base das diversidades de doutrinas se observam os condicionamentos que proporcionaram os espaços para que uma ou outra interpretação fosse mais razoável ou menos desejável. Muitos motivos sociais que faziam a divisão nas denominações de imigrantes e de regiões, há bastante tempo deixaram de acontecer em igrejas que continuam, todavia, separadas apenas por causa de sua própria inércia causada por costumes consagrados e por causa do seu orgulho denominacional. Se torna imprescindível que pessoas cristãs entendam suas denominações separadas e seus credos exclusivistas, como aspectos para uma profunda contrição e não como motivo de orgulho.[579] A unidade em Cristo antecede qualquer unidade de fé ou de confissões, é o seu pressuposto. Mesmo procurando a unidade de confissões, a igreja é um só corpo, junto com todas as outras. As comunidades locais representam sempre a totalidade da Igreja, o que não significa uniformizar, mas, reconciliar, ajuntar, gerar comunhão, pois complementaridade acontece necessariamente quando há diversidade.

Num diálogo ecumênico, os partícipes das igrejas sabem exatamente se, de fato o que é dito a respeito de sua fé, corresponde ou não ao que ele sabe e acredita. A informação não significa necessariamente um saber; a acumulação de informação prévia pode até mesmo matar o saber real sobre o outro. Outrossim, os diálogos podem servir mais para compreender um ao outro do que descrever sistematicamente ou medir as crenças e doutrinas do outro. Se as conclusões ficarem prisioneiras das ideias fixas, sem se abrir ao inédito, os resultados do diálogo podem ficar estagnados

[578] BRAKEMEIER, 2007, p. 28.
[579] NIEBUHR, 1992, p. 174.

e rígidos. Uma mistura de pietismo eclesiástico a uma consciência confessional apurada, ortodoxia, trouxe uma separação dos luteranos de outros protestantes. Acreditavam que os seus ensinos confessionais eram mais idênticos à verdade bíblica. Viam as confissões luteranas como escudos defensivos e muros protetores ao redor das comunidades luteranas em desenvolvimento. Os conceitos gerais podem ser questionados no andar da conversa, caso contrário, ela não precisaria ser feita. Não raras vezes a pesquisa bibliográfica e teórica sobre as confissões da outra parte, corre o risco de ser especulativa, abstrata e dogmática. Importante lembrar que o mundo e a realidade das igrejas envolvidas sofrem reflexos do contexto social em que vivem, da época e de todas as suas contradições. Neste sentido se destacará alguns depoimentos de participantes das reuniões da CID e das Conferências Interluteranas.

4.3.1 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade apontados por alguns participantes da CID

Alguns participantes das reuniões da CID expressaram suas opiniões a respeito das mesmas. Pode-se destacar que, na década de 1990, havia uma determinação e convicção no compromisso em prosseguir no caminho do diálogo e da aproximação. A reportagem do jornalista Edelberto Behs, membro da IECLB, publicada na revista **Instituto Humanitas Unisinos**, sob o título “Igrejas luteranas já estiveram mais próximas”, expõe o testemunho de alguns desses líderes participantes. O ex-presidente da IECLB, ex-presidente do CLAI e ex-moderador do CMI, Altmann entende muito importante essa abordagem sobre as duas igrejas.

> De fato – disse – estamos carentes de pesquisas que abordem as dificuldade e possibilidades de uma maior aproximação entre as duas maiores igrejas luteranas brasileiras. Parece até que nos últimos tempos as dificuldades têm aumentado e as possibilidades minguado. Isso é muito triste.[580]

O pastor Marcos Schmidt, da IELB, que participou ativamente da CID, acredita “que o maior avanço da CID foi a aproximação das duas igrejas, apesar das suas diferenças. Depois, a percepção de que há mais pontos em comum do que divergentes”.[581] Antes da constituição da CID as duas igrejas tinham firmado um

[580] BEHS, Edelberto. Igrejas luteranas já estiveram mais próximas. *In*: **Instituto Humanitas Unisinos.** São Leopoldo, 23 fev. 2023. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/626385-igrejas-luteranas-ja-estiveram-mais-proximas. n.p. Acesso em: 15 ago. 2023.
[581] BEHS, 2023, n.p.

Convênio de Cooperação, que estabelecia nove áreas de ação: Literatura, Editoras, Formação Teológica, Convenções e Conferências, Culto e Música, Missão, Serviço Social, Responsabilidade Educacional e Responsabilidade Pública. Muitas dessas ações chegaram a ser concretizadas. Outras não. Schmidt acredita que isso se deveu "à complexidade em diferenças históricas, culturais, teológicas e outras".[582] Ele também atribui essa lacuna a questões teológicas, "especialmente no que diz respeito ao ministério pastoral feminino e, depois, na compreensão e práticas da Santa Ceia", o que impede a comunhão de púlpito e altar."[583] Na opinião do Dr. Erní W. Seibert, pastor da IELB, diretor executivo da SBB, algumas dificuldades da CID foram "a falta de objetivos comuns para iniciarem o diálogo. Parece que as expectativas de cada igreja não estavam muito bem delineadas."[584] Mesmo assim, observa:

> O grande ponto positivo foi que se buscou dialogar. Isso já era o reconhecimento de que havia muitos elementos que apontavam para a necessidade de as igrejas estarem mais próximas. O fato de haver reuniões e de serem encaminhados temas para análise pelos órgãos de governança das igrejas foi altamente positivo.[585]

O teólogo Osmar L. Witt, da IECLB, responsável pelo Arquivo Histórico da IECLB, destaca que: "Uma dificuldade sempre foi alcançar uma coerência entre o que propõem os documentos oficiais e aquilo que acontece em nível das comunidades/congregações."[586] Pode-se questionar se o diálogo sistemático que acontecia na CID era uma "política de governo", limitada apenas ao mandato de diretorias interessadas, ou uma "política de estado", a ser conduzida como compromisso permanente, independente do arbítrio de cada diretoria individualmente? Até onde o aspecto pessoal de lideranças das duas denominações acaba sobrepondo seus entendimentos individuais gerando atritos e desconfortos? O pastor João Artur M. da Silva, da IECLB, e ex-integrante da CID, comenta sobre a validade de se retomar as conferências interluteranas e a CID:

> Para recomeçar a CID e a realização de mais Conferências deveriam considerar, primeiramente, se as presidências de ambas as igrejas luteranas estão realmente interessadas, [...] alguns avanços da CID foram aproximar as lideranças da IELB e IECLB, promover diálogo sobre temas teológicos, reconhecer posicionamentos divergentes sobre questões que afetam as duas Igrejas luteranas no Brasil. [...] Uma nova CID teria que contar com uma

[582] BEHS, 2023, n.p.
[583] BEHS, 2023, n.p.
[584] BEHS, 2023, n.p.
[585] BEHS, 2023, n.p.
[586] BEHS, 2023, n.p.

> representatividade mais abrangente, [...] Ela deveria contemplar a participação de mulheres, homens e jovens de ambas as igrejas, acompanhados, claro, de pastores e pastoras. Esta nova formatação 'traria a voz das comunidades luteranas, e não apenas a voz de pastores e pastoras que representam o clero das igrejas'. Precisaria contemplar temas convergentes, mas também divergentes.[587]

A partir destes testemunhos poder-se-ia vislumbrar uma nova CID, com participantes comprometidos com um diálogo fraterno na diversidade, com o objetivo de mútuo conhecimento uns dos outros, sem buscar avaliar doutrinas e nem buscar impor as mesmas uns aos outros, buscando mais os pontos comuns, sem almejar alguma comunhão de púlpito e altar. Elaborar um novo convênio focado no diálogo, com objetivos claros, limitados e alcançáveis. Os diálogos poderiam se dar em nível local, regional, através dos Sínodos da IECLB e distritos da IELB, de forma espontânea, podendo os avanços serem compartilhados. Houve avanços no diálogo católico-luterano o que poderia servir de exemplo para as duas denominações luteranas brasileiras, como talvez, uma nova CID com "muito papo!! e pouca ação?!", evitando constrangimentos, quanto às diversidades presentes nas duas Igrejas.

4.3.2 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade apontados por alguns participantes das Conferências

Há um consenso básico oriundo da Reforma de Martinho Lutero que permite um diálogo teológico-confessional fraterno, a partir da CA. Como um participante da 3ª Conferência, se pôde observar que as duas igrejas estavam deixando de realizar o que teologicamente se havia reconhecido como necessário apontado nas duas conferências anteriores; por outro lado, se estava insistindo no que teologicamente já estaria superado, já se havia entrado em acordo e em entendimento mútuo anteriormente. Os diálogos não poderiam ter servido mais para compreender um ao outro do que medir as crenças e doutrinas do outro? Poder-se-ia ter analisado se as posições adversas eram modos significativos de vivenciar o Evangelho, evitando a polarização de assumir que a verdade estivesse de um lado e o erro do outro?

Outros participantes das conferências também expressaram suas opiniões a respeito das mesmas. Pode-se destacar que, na década de 1990, havia uma determinação e convicção no compromisso em prosseguir no caminho do diálogo e

[587] BEHS, 2023, n.p.

da aproximação. A reportagem de Behs expõe o testemunho de alguns desses líderes participantes. Ricardo W. Rieth, teólogo da IELB, entendeu que, a exemplo das demais igrejas evangélicas brasileiras, as duas denominações luteranas:

> [...] têm se fechado bastante em si mesmas, uma estratégia de sobrevivência. Nessa circunstância, aparentemente, as relações com outras denominações não devam estar no topo da lista de prioridades. A relevância que interessa nesse caso é a teológica, que por vezes não está em sintonia com a política eclesiástica das direções da IELB e da IECLB.[588]

O pastor Schmidt, da IELB, atuante na CID e nas conferências, afirmou:

> Se uma vai mal, a outra também. Se uma vai bem, a outra igualmente. O crescimento, o fortalecimento e o sucesso de ambas, no que diz respeito ao 'ir por todo o mundo', ordenado por Jesus, depende do respeito, do diálogo, da cooperação conjunta, e da fraternidade uma pela outra, pois as duas carregam o nome 'luterana' numa sociedade externa que não diferencia, mas percebe que são a mesma igreja, [...] Sobre os avanços nas Conferências, ele entende que o maior deles foi a aproximação das duas igrejas no diálogo, com preconceitos desfeitos, alimentados pela própria história das duas igrejas no Brasil.[589]

O pastor Brakemeier indagou quanta diversidade é permitida sem prejudicar a comunhão: "Cabe perguntar pela herança legitimamente 'luterana'. Em que sentido ela pode beneficiar a sociedade brasileira e internacional 500 anos após aquela faísca que fez eclodir a Reforma?"[590] Witt manifestou sua opinião quanto às conferências:

> [...] entendo que as dificuldades ficaram mais evidentes quando se propôs a reflexão sobre as hermenêuticas de interpretação das Sagradas Escrituras. A própria realização da Conferência foi um avanço, [...] temos mais em comum do que se costuma imaginar, [...] também foi a possibilidade de sentar em torno da mesma mesa e ouvir o que cada parte tinha a dizer. O conhecimento pessoal ajuda nas iniciativas de aproximação e cooperação. [...] temos também dificuldades semelhantes em responder aos desafios de hoje e da realidade contextual. A pluralidade teológica está mais presente no âmbito da IECLB.[591]

Quanto à continuidade dessas ações, Witt destacou: "As direções das duas Igrejas poderiam retomar os documentos já elaborados e deixar claro que não se busca a fusão das Igrejas, mas cooperação em áreas onde isso é possível".[592] O pastor João Artur M. da Silva opinou:

> Alguns avanços das Conferências foram refletir sobre a história de cada igreja, reconhecer que muitas dificuldades entre as duas Igrejas estavam

[588] BEHS, 2023. n.p.
[589] BEHS, 2023, n.p.
[590] BEHS, 2023, n.p.
[591] BEHS, 2023, n.p.
[592] BEHS, 2023, n.p.

> mais no campo das relações entre pastores e lideranças comunitárias do que em questões teológicas fundamentais e admitir que apesar das diferenças, poderíamos avançar no diálogo e na aproximação entre as lideranças e comunidades das duas Igrejas.[593]

Alguns líderes de ambas Igrejas sonhavam mais alto, inclusive em ver um dia, a unificação das duas denominações, conforme relata o pastor Altmann, da IECLB:

> Em 1984, então como professor na Faculdade de Teologia da IECLB, tive a honra de ser um dos reatores em um painel central na Assembleia Geral da FLM que se realizou em Budapeste, Hungria. Naquela ocasião, o pastor Nestor J. Beck, da IELB, também participou da assembleia, embora não como delegado, pois a IELB não era membro da FLM. Nestor certo dia se aproximou de mim, dizendo: `Vamos fazer um pacto. Até o fim de nossas vidas, nossas igrejas tenham se unido.' Hoje, Nestor e eu somos septuagenários e aquele sonho parece bem mais distante do que então."[594]

Pode-se refletir, a partir destes relatos e testemunhos, que existem coisas que não é preciso fazer em conjunto, como aquilo que não estimula a diversidade; outras coisas que não podem ser feitas conjuntamente, como aquilo que desqualifica a diversidade; e ainda há coisas que se pode fazer juntos, como aquilo que valoriza a diversidade**.** Apesar de fatos contraditórios nos relacionamentos entre as igrejas, se realizaram eventos interdenominacionais, também entre as igrejas católica e luteranas.[595] Estas ações se mostraram frutíferas em vários temas através dos diálogos, no compromisso em prosseguir no caminho do diálogo fraterno, deixando de lado várias controvérsias tradicionais e buscando um testemunho mais eficaz e convincente a respeito da unidade cristã. As questões no diálogo ecumênico não podem ser resolvidas contemporizando as posições, mas avançando no diálogo, tomando partido e assumindo as consequências.

Um tema que provavelmente pode contribuir com as igrejas a buscar uma definição sobre o campo do ecumenismo no futuro, pode ser levar em conta que o uso do sistema de referências muda conforme o enfoque que se dá à palavra ecumenismo. Outra percepção que se pode ter a partir desta pesquisa é que, muitas vezes, a polarização pode se dever a um fator psicológico que abala aquele que se sente desafiado naquele ponto da fé que lhe é mais caro. Isto pode significar que as posições não sejam tão antagônicas assim, mas que possam ser dois modos

---

593 BEHS, 2023, n.p.

594 RELACIONAMENTO entre as Igrejas Luteranas, set./out.2023, p. 12.

595 Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação, DCDJ, realizada pela Igreja Católica Romana (ICAR) e a Federação Luterana Mundial (FLM), em Augsburg, Alemanha, em 31 de outubro de 1999.

simultaneamente significativos, de assumir e vivenciar o Evangelho de Jesus Cristo. Outrossim, uma posição neutra, indiferente, pode ser suspeita de estar a serviço da manutenção do *status quo*, da falta de compromisso e do receio de tomar uma posição. Da mesma forma, não é prudente assumir que a verdade esteja de um lado e o erro do outro. Pode-se perceber também que as fronteiras das igrejas institucionais muitas vezes são rígidas demais, muito amplas para uma confissão mais consciente e, muitas vezes, muito restritas para uma autêntica vivência da fé. Para muitos, as mudanças causam ânsia e insegurança, preferindo o retorno à segurança e à paralisia de posições, estratificando a estrutura e, por fim, contestando os inconformados.[596]

Importante notar que as identidades eclesiais estão necessariamente em jornada, passíveis de novas descobertas, correções, e até de novas deturpações, que podem, por sua vez, causar uma volta à omissão ou a um exercício arbitrário de poder. Uma igreja que se enclausura pode ser uma igreja facilmente sujeitável, ser uma igreja sem voz ou então falando inúmeras vozes que, na verdade, não conseguem ser próprias.[597] Ao se levar em conta que as igrejas são essencialmente dialogais, elas desenvolvem sua maior plenitude ao se abrirem ao diálogo em sua forma mais desafiadora. A identidade só pode ser achada a partir do Evangelho dentro da situação de cada realidade. As Igrejas que se aventuram na jornada ecumênica, não perdem sua identidade, mas participam deste desafio assim como são. As assertivas confessionais próprias, quando vistas como um dom para ser compartilhado com todos, não haverá de ser um empecilho.

O conceito de diversidade reconciliada pode auxiliar para que as confissões teológicas próprias possam ser estímulo para um relacionamento interdenominacional, também especialmente, entre as duas maiores igrejas luteranas brasileiras sob o Cruzeiro do Sul, IECLB e IELB, a partir de experiências já havidas, especialmente entre católicos e luteranos e entre luteranos e luteranos. Os motivos missionário-evangelístico, o sociopolítico, que quer levar as igrejas à cooperação prática, para com o mundo, e o teológico-eclesiástico que visa superar as divisões das igrejas, podem ser alcançados para assim corresponderem ao que a igreja é e vive,

[596] HULME, 1976, p. 78.
[597] ALTMANN, 1976, p. 63.

ou seja, uma comunhão de pessoas que se congregam em culto, que dão testemunho de sua fé e são comprometidos com o serviço a todos seres humanos.[598]

Para tanto, o consenso necessário para a unidade, não precisa alcançar uma completa uniformidade nas convicções e formas de expressão com a própria doutrina eclesiástica, o que inviabilizaria as diversidades. Igrejas cujos diálogos comuns ainda não estão concluídos podem fazer um balanço do que foi feito, com uma análise dos questionamentos críticos aos resultados alcançados. Uma igreja não precisa abandonar seus enunciados doutrinários e nem se distanciar deles, pois o que se busca não é a unificação.[599] Alcançar a diversidade confessional pode implicar em aprender as intenções doutrinais subjacentes, sabendo que os enunciados teológicos apreendem e expressam a verdade de maneira aproximada, se levando em conta a diferença entre teor das palavras e forma de expressão das mesmas. Neste sentido, se fará uma breve análise dos encontros e desencontros que podem ter acontecido nas Conferência Nacionais Interluteranas.

4.3.3 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade a partir das Conferências Nacionais Interluteranas

O destaque da 1ª Conferência foi “de que era chegado o tempo de trabalhar mais intensamente pela comunhão e pela unidade dos luteranos no Brasil.” Experiências positivas haviam acontecido em várias localidades, que davam o motivo e sustentação para a necessidade de unidade entre as igrejas. Pode se perceber aqui um grande entusiasmo na busca da comunhão e da unidade entre as duas igrejas, algo que no transcorrer desta conferência e das seguintes, se mostrou utópico, e, em alguns casos, até ilusório. O fato de ter havido experiências positivas em várias localidades pode ter sido algo contextual, promovido pela personalidade dos pastores e líderes locais, de maneira até informal e espontânea. Transpor isso para o nível nacional, oficializar em termos eclesiástico-institucional, pode ter sido um equívoco estratégico. Dentro de uma realidade de diversidade num país continental como o Brasil, se poderia ter mantido um diálogo fraterno, ressaltando os aspectos positivos das experiências, e que poderiam ser comunicadas a outras regiões, mantendo a espontaneidade e informalidade. O destaque da 2ª Conferência foi “contribuir para

[598] MEYER, 2003, p. 29.
[599] MEYER, 2003, p. 66.

que a IELB e a IECLB identificassem razões históricas, hermenêuticas e práticas que ajudassem a compreender seus desencontros.” Pode-se perceber nesta conferência uma abordagem mais madura, mais identificada com a realidade das duas igrejas. Os temas abordados mostraram que havia razões históricas, econômicas, antropológicas e hermenêuticas que causavam os desencontros. Conhecer estas diversidades num diálogo fraterno e respeitoso poderia ajudar no autoconhecimento, no reconhecimento dos equívocos acontecidos de ambas as partes, com vistas a um arrependimento que pudesse motivar um recomeço de relações mais reconciliadoras.

Os objetivos da 3ª Conferência ficaram resumidos em resgatar os termos do Convênio de Cooperação de 1994, em especial, destacando que se buscava alcançar comunhão de púlpito e altar. Como objetivo geral ficou sendo “Promover a cooperação entre a IELB e a IECLB no campo da missão, a fim de evitar a duplicação de esforços e de iniciativas missionárias.” Pode-se perceber nesta conferência, um certo retorno aos objetivos da 1ª Conferência, quanto à busca de comunhão de púlpito e altar. Outrossim se acrescentou um novo tema, a missão das igrejas, algo de grande interesse particular de cada igreja, tendo em vista a sua expansão e sustento financeiro. Este pesquisador participou desta conferência e pode perceber que além destes dois objetivos, também foi muito debatida a questão da Santa Ceia, quanto aos elementos e ao significado, como também na questão da participação de infantes na mesma. Nas pré-conferências, como na que aconteceu em Ivoti, RS, onde este pesquisador participou, o tema candente também fora esse. Se na 2ª Conferência os motivos dos desencontros foram amplamente debatidos e identificados, nesta conferência se pode ter “atropelado” tempos e processos, buscando superar e eliminar as diversidades, especialmente teológicas. Talvez, não se tenha mais identificado ânimo e apoio para a continuidade das mesmas. Poder-se-ia afirmar que na 1ª Conferência os luteranos “sonharam”; na 2ª, “acordaram”, e, na 3ª, “caíram da cama”. Tentaram fazer em sete anos o que não havia feito em 70 anos. Talvez, daqui para frente, não se deveria pensar em namoro, noivado e casamento, mas, em manter uma frutífera amizade, que durasse décadas, assim como se fazia na juventude.

4.3.3.1 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade a partir da 1ª Conferência

Chama a atenção o equilíbrio a respeito dos objetivos, na fala inicial do presidente Winterle, da IELB, destacando que mesmo que não acontecessem grandes decisões, o fato de estarem reunidos para o diálogo em várias áreas já era um grande progresso e que não se deveria construir sonhos no ar. Esta ênfase no diálogo e na observância das diversidades das duas igrejas, se tivesse sido mais observada no transcorrer desta e das outras conferências, talvez possibilitasse um relacionamento mais duradouro. Brakemeier em sua preleção afirmava que a mensagem do amor de Deus sofreria um prejuízo irreparável se fosse contrariada por desavenças e mútua exclusão e neste sentido, as diversidades não precisariam conflitar com a unidade no corpo de Cristo, onde haveria variedade de membros e de dons. Um diálogo fraterno entre igrejas não deveria querer a uniformização, mas, sim, a compatibilização das diferenças e a cooperação. Como exemplo destacou que os pastores da IECLB, nos inícios tomaram o cuidado de não excluir os evangélicos de tradição reformada e unida, e ainda assim, colocaram balizas luteranas em suas comunidades, destacando a diversidade que teria composto o luteranismo brasileiro. Se este aspecto tivesse sido observado nesta caminhada entre as duas igrejas, poderia ter trazido mais alegrias e encontros, ao invés de se tentar diminuir, ignorar ou excluir as diferenças?

Pensando no relacionamento entre as duas igrejas luteranas, Brakemeier chamou a atenção sobre a função das confissões a qual precisaria ser discutida, levando em conta que as confissões seriam documentos históricos, e que era necessário observar o papel do contexto, especialmente do atual, na relação com as mesmas. Neste tema seria importante aprofundar o debate, pois seria estranho ter uma mesma confissão, como a CA, e não haver entendimento de sua função na igreja e na sociedade. Por fim, foi realista ao dizer que havia diferenças entre as duas igrejas que proibiam a nivelação; mas, seriam de tamanha gravidade a impedir a cooperação e a missão comum? Entendeu que seria prematura qualquer intenção de fusão eclesiástica; porém, ressaltou que o alvo primário seria a busca de comunhão de púlpito e altar e a possibilidade de não se começar duas missões luteranas no mesmo lugar. Pode-se perceber, porém, que Brakemeier sonhava uma futura fusão, começando pela comunhão de púlpito e altar. Aqui pode ter sido lançado um grão de mostarda que iria, mais adiante, abrigar desconforto, desconfiança, conflitos nos

debates, ênfases das diferenças, exatamente o contrário do que teria dito no início, sobre a compatibilização da diversidade que compunha o luteranismo brasileiro.

Zimmer, em sua reação à palestra de Brakemeier, lembrou apropriadamente da oração sacerdotal de Jesus, onde aparecia a preocupação pela unidade da Igreja. Lembrou também as desavenças na igreja primitiva e a necessidade da realização do Concílio de Jerusalém, onde estaria uma grande lição e um desafio para a conferência luterana que estava se realizando: por amor aos irmãos, fora pedido que os gentios guardassem algumas coisas típicas dos judeus. Pode se notar aqui a importância de se ter consciência de respeitar uma diversidade, através de um diálogo fraterno, manifestado por um líder da IELB. Zimmer lembrou que a dependência das igrejas luteranas brasileiras em relação às igrejas mães no exterior, no caso da IELB, pode ter inibido um maior envolvimento ecumênico da mesma. Quanto às diferenças entre as duas igrejas luteranas, questionou se realmente seria necessário, para as duas igrejas se aproximarem mais, concordar quanto à interpretação dessas Escrituras e, mesmo quanto aos métodos de se interpretar as Escrituras. Também ressaltou a importância de haver uma reavaliação dos documentos confessionais quanto à sua função histórica por parte da IELB, como passo significativo na direção de um consenso maior. Uma pergunta e um conselho importantes de um líder reconhecido pela IELB, que se tivessem sido aprofundados e seguidos, teriam facilitado uma maior aproximação entre as duas igrejas. Por fim, manifestou seu desejo de que o diálogo avançasse tanto que não pudesse mais haver retorno. Infelizmente o diálogo fraterno não avançou, a ponto de atualmente não haver diálogo e nem aceitação de que se faz parte de uma mesma família luterana, alguns inclusive, se chamando de “primos”.

Beck, em sua palestra começou afirmando que as duas igrejas luteranas brasileiras eram concreções históricas locais da igreja luterana, que se podia definir como “igreja católica reformada”, a partir da visão de que as duas igrejas luteranas fossem membras de uma única igreja cristã. Se este ponto ressaltado por Beck, fosse observado pelas duas igrejas luteranas, a caminhada conjunta estaria definida e nada poderia separá-las de um diálogo fraterno e constante. Quanto aos conflitos do passado, Beck entendia que o ocorrido não era mais possível alterar, mas seria possível elaborar uma nova compreensão do que havia passado. Seria desejável que os historiadores levantassem o que realmente aconteceu e ajudassem a compreender isto em nova perspectiva. Os imigrantes alemães que aqui haviam chegado não teriam

necessariamente optado por essa ou aquela denominação, mas, apenas estariam se reportando à religião oficial dos territórios de sua origem, que, muitas vezes, teria sido denominada por circunstâncias políticas, alheias a sua vontade. Para fomentar um caminho de reencontro, seria preciso escrutinar a compreensão que se teria do passado, reconsiderar e desenvolver uma nova compreensão, para abraçar como irmãos os que desde sempre o foram. Esta visão de Beck aqui esboçada, se fosse considerada pelas duas igrejas, no seu relacionamento, seria um caminho sem volta, uma contextualização do que havia acontecido no passado, onde todos teriam cometido seus equívocos, que levaram a situação ao estado atual. Esta nova compreensão quebraria barreiras e preconceitos, e abriria um novo caminho de fraternidade. Beck também apontou a descontinuidade das políticas administrativas dos órgãos diretivos, em não persistirem nos esforços de aproximação, como causa de desacertos, onde o projeto de aproximação avançaria ou recuaria de acordo com a política interna de cada uma das igrejas. Propôs que se distinguisse entre o essencial e o periférico, aprendendo a conviver com diferenças de convicção ou práticas. Outrossim, salientou que não se poderia admitir que algum segmento da igreja exibisse o título de exclusividade, arrogando para si o que ao todo pertenceria. Se fosse assim, seria como adotar a posição dos bispos católicos, à época da Reforma, em afirmar que eles seriam “a Igreja” e que somente haveria comunhão se houvesse concordância em todos os pontos da sua doutrina.

Infelizmente parece que em determinados momentos igrejas se manifestam desta forma, ou, às vezes, a declaração avulsa deste ou daquele teólogo, ou cacoetes ou manias deste ou daquele pastor, compromete a unidade. Infelizmente, Beck entendia como difícil, se não impossível de imaginar ações conjuntas, sem que houvesse compreensão comum ou consenso quanto ao Evangelho e concórdia no uso dos sacramentos. Novamente aparece aqui um grão de mostarda que, no início, parece inocente e inofensivo, mas que depois de evoluído, parece ter impedido o crescimento e o desenvolvimento de um relacionamento mais duradouro entre as duas igrejas luteranas, uma vez que um senso comum sobre este tema, parece ser impossível, devido às diversidades teológicas. Porém, ao final sugere um caminho que pode frutificar, de que duas igrejas podiam ter uma sintonia nas convicções fundamentais como estão resumidas no credo, sem, contudo, confundir os artigos ali expressos com as diferentes compreensões, aplicações ou usos dos mesmos.

Dreher, em sua reação à palestra de Beck, iniciou relatando alguns casos ocorridos entre comunidades e pastores de ambas igrejas luteranas, onde ficava evidente que não havia motivos estritamente teológicos, mas históricos, além de fatores antropológicos e econômicos. Entendia que havia um “luteranismo” de pastores e um “luteranismo” de comunidades. Isto parece que se perpetuou ao longo da história contada pelas pessoas participantes das duas denominações. Fatos, que em muitas vezes, tiveram as suas versões, contadas de pai para filho, para netos, criando um preconceito de uma igreja perante a outra. Muitas vezes, os relatos de líderes e pastores, tentando blindar a sua denominação, se sobrepunha ao relato simples das comunidades. Pode ter sido um equívoco por parte de Dreher afirmar que não haveria visões distintas da Ceia do Senhor e que os empecilhos teológicos para o trabalho conjunto das duas igrejas estariam superados, como, por exemplo, a ordenação da mulher na IELB, sendo uma questão de tempo, o que não se confirmou.

Dreher também manifestou sua opinião de que as dificuldades em uma e outra denominação luterana não seriam impedimentos para a comunhão de púlpito e de altar e sugeriu instrumentos comuns para a concreção de unidade como uma liturgia comum, base confessional comum, troca de cátedras na formação teológica, aulas conjuntas para candidatos ao ministério, cursos comuns para a membresia. Novamente aqui, a pesquisa mostra que pode ter havido uma precipitação, um apressamento, e, talvez, uma ilusão quanto aos objetivos concretos que realmente poderiam ser alcançados entre as duas igrejas, de tão diversas origens e visões de igreja e de mundo. Para que se mantivesse um diálogo fraterno e fecundo, não haveria a necessidade de alcançar tais metas. Tudo indicava para uma caminhada rumo a uma uniformização institucional, litúrgica e doutrinal. Isto transparece no devocional de encerramento, que teve como tema “Diálogo no Rumo da Comunhão Plena”, com destaque à mensagem de um Pastor Sinodal da IECLB, além da ideia de promover, em 1999, um encontro das comissões de culto e liturgia com a tarefa de formular uma liturgia alternativa comum (texto e música) e editar um cancioneiro alternativo comum. Isto culminou com a determinação desta conferência em instar as direções das duas igrejas a realizar, no prazo de um ano, um estudo sobre a Santa Ceia, objetivando a assinatura de um Termo de Convênio de Comunhão de Altar. Aqui, novamente, aparece um “grão de mostarda” que iria conturbar a caminhada a seguir pela CID e pelas conferências seguintes, as quais se esgotariam sete anos depois.

4.3.3.2 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade a partir da 2ª Conferência

Pode-se perceber nesta conferência, uma abordagem mais madura, mais identificada com a realidade das duas igrejas. Os temas abordados mostraram que havia razões históricas, econômicas, antropológicas e hermenêuticas que causavam os desencontros. Fischer relatou três aspectos importantes na formação da confessionalidade das primitivas comunidades de imigrantes no Brasil que devem ser levados em conta, quando de uma análise crítica do contexto da época. A Constituição apenas tolerava os evangélicos, portanto, não tinham muita visibilidade; inicialmente eles não tinham vindo ao Brasil por motivos religiosos, não se preocupando com confessionalidades diversas, vivendo fraternalmente, pois se entendiam como cristãos; como viviam isolados, sem ensino religioso, muitos largaram a sua fé. É motivo de grande louvor que muitos ainda resistiram a tudo e conservaram sua fé, a seu modo. Consequentemente as formulações de suas confissões seriam variadas, louvável que ainda eram seguidas. Pode-se notar aqui a presença prometida do Espírito Santo guiando seus filhos. É também consequente que os pastores formassem e influenciassem as crenças de seus fiéis, inclusive os pastores-colonos, que, apesar de todo seu despreparo, eram instrumentos de Deus para consolar seus filhos e firmá-los na fé, por mais simples que ela fosse.

Outro aspecto que deu origem a diversidade confessional nas comunidades, foi a formação de inúmeros sínodos, muitos deles importados, com todas as suas características peculiares. Apesar de não haver uniformidade, todos eles deram o melhor de si, em apoio financeiro, material e pessoal. Sem este esforço fraterno, solidário e custoso, talvez não haveria um luteranismo sob o Cruzeiro do Sul. Mesmo a vinda do Sínodo Missouri, com suas motivações, algumas controversas, mas todas movidas por amor ao Evangelho, também foi importante para trazer uma marca confessional mais uniforme. Caso ambas denominações tivessem dialogado mais fraternalmente, respeitando a diversidade de cada uma, e contribuindo com sua visão e dons, haveria uma maior edificação do Reino de Deus, no sul do Novo Mundo, sem tantas animosidades e desencontros. Mesmo quando pastores de uma ala assumiam comunidades temporariamente vacantes, isto poderia ser visto como uma ação movida por Deus, mesmo que tivesse sido por vaidade pessoal, para não deixar as pessoas sem a Palavra, havendo posteriormente um acordo fraterno de entendimento.

Da mesma forma, a presença de dois sínodos semelhantes, no mesmo Estado, entre pessoas etnicamente iguais, poderia ser entendida de igual maneira, apesar da vaidade exposta por uma das partes, de “libertar famílias alemãs evangélicas” da influência de um Sínodo sem definição confessional e de cunho unionista.

Toda esta análise pode ser vista a partir do contexto da época, tão difícil e desafiador. Merece destaque, na formação do Sínodo Riograndense, a prematura insistência do pastor Brutschin no sentido de definir uma clara definição de confessionalidade para se delimitar contra sectários, dentro do contexto já exposto acima, de muita diversidade. Neste sentido, é louvável a atitude do pastor Rotermund, deixando um Sínodo confessionalmente aberto, no qual ninguém deveria se sentir barrado. Devido à guerra, foi necessário um processo de surgimento de uma Igreja arraigada no contexto brasileiro, favorecendo a gradual independência de ambas as Igrejas Luteranas de suas respectivas "Igrejas-Mães", cuja autonomia pode ter facilitado e favorecido um diálogo entre as mesmas. Importante a afirmação de Fischer, um pastor da IECLB, de que não teria conhecimento de alguma comunidade de sua denominação que se definisse como "unida" ou reformada. Outrossim, talvez ele tenha sonhado alto ao afirmar que a IELB teria deixado de lado a polêmica contra o unionismo da IECLB e que ambas as Igrejas teriam passado da polêmica e rivalidade para a colaboração e fraternidade, sendo aquela conferência um sinal visível disso. Pode-se admitir que esta ligeira impressão momentânea tenha sido a sensação de outras pessoas participantes. Um questionamento que não quer calar ainda hoje, que Fischer deixou ao final, sobre uma atitude que perguntaria: “quem seria mais autenticamente luterano”, IECLB ou IELB, uma vez que o que une as duas é o Evangelho, o cerne da confissão luterana - o agir de Deus que justifica a pessoa pecadora por sua graça unicamente mediante a fé. Abordagens diversas ao Evangelho, mas que tenham esta visão central, não deveriam afastar igrejas e impedir um diálogo fraterno na diversidade, sob o risco de resistirem ao Espírito de Deus.

Na reação de Buss se pode observar uma breve análise psicológica do fundador do Sínodo de Missouri, de onde proviria mais tarde a IELB. Walther teria sua vida marcada por traumas com um ambiente racionalista, um cristianismo legalista, que exigia experiências e emoções, chegando a um desespero espiritual, levando-o à doença. Após encontrar sua vida espiritual desejada, pode ter deixado se levar por uma maneira inflexível de fazer teologia, o que iria influenciar todo o Sínodo e suas

filiais. Este jeito de conduzir a Igreja levou a uma forte divisão nos anos 70, na área hermenêutica, entre conservadores e moderados no próprio Sínodo, causando a debandada de muitos pastores e congregações. Quanto a vinda do Sínodo ao Brasil, parece que havia um desconhecimento da ação luterana já existente, apenas pelo pressuposto de que o Brasil seria um país católico, levando em conta a presença de cerca de sessenta mil protestantes “sem nenhuma assistência religiosa”. Buss reconhece que as duas Igrejas representam modelos diferentes de Igreja, uma igreja confessional com doutrinas claramente formuladas e outra com modelo alemão, num conceito de uma igreja territorial unida. Isto pode levar a pensar que ambas têm seu papel fundamental na sociedade brasileira, dentro de uma diversidade, que pode ser complementar, antes de ser motivo de conflito. Chama à atenção a pergunta com que Buss encerrava sua reação: se as compreensões diferentes de doutrinas e práticas, impediriam o diálogo, a cooperação, o bom relacionamento em muitas áreas? Acreditava que não, mas deixava um alerta contra uma precipitação na busca de comunhão de púlpito e altar que, segundo ele, deveria ser um ponto de chegada e não um ponto de partida. Destaca-se aqui uma afirmação de Buss, que refletia a posição ecumênica da IELB, mais isolacionista, de que o Evangelho da graça de Deus para com o pecador não seria uma mensagem isolada que poderia ser íntegra, mesmo quando outras doutrinas fossem negligenciadas. Neste sentido, para que houvesse uma unidade deveria ser em todos os aspectos, a uma só voz, o que poderia levar a restrições para uma maior cooperação.

A palestra de Seibert sob o tema hermenêutica iniciou com o entendimento de que o exame desta questão poderia auxiliar na busca de unidade na confissão e vivência da fé, quando, na verdade, era um ponto profundo de diversidade, que dificilmente poderia ser superado. No entanto, olhando na forma da praticidade, quando Seibert cita Clemente e Tertuliano, que, do ponto de vista hermenêutico, tinham posições bem distintas, quase antagônicas, os resultados construídos na prática, chegaram a resultados muito parecidos. Seibert ressaltou de forma muito sincera, que de forma bem particular dentro das duas Igrejas Luteranas em atividade no Brasil, nem sempre a tensão seria de uma com a outra, mas, muitas vezes, tensão em seus próprios redutos. Por fim, afirmou de forma muito corajosa, frente a uma tendência bastante conservadora de sua própria Igreja, que não haveria realmente uma hermenêutica científica absoluta, nem uma exegese científica absoluta. Lembrou

a distinção entre Escritura e Evangelho, entre letra e espírito, palavra humana e palavra divina, verbo externo e verbo interno. A teologia luterana falaria de um Deus *absconditus* (oculto), ao qual não seria possível alcançar, sendo que mesmo na revelação se saberia apenas o necessário para a salvação. Assim, hermenêuticas distintas, muitas vezes, chegariam a conclusões semelhantes, o que demonstraria a fragilidade destes instrumentais.

Na reação de Kilpp, ficou explícito que as duas Igrejas têm algo fundamentalmente em comum nas questões hermenêuticas, ou seja, advogam o direito inalienável da Escritura de poder falar por si mesma, de poder dizer sua mensagem. Chamou a atenção para o contexto no qual surgira a ortodoxia luterana que perpassava a IELB, quanto à inspiração verbal, no desejo de querer salvar o princípio *sola Scriptura* numa época em que a Igreja Romana reafirmava o valor da tradição. A pergunta de Kilpp pode ser levada a sério, sobre se o longo processo de tradição oral que teria precedido a fixação por escrito dos textos, não poderia ter sido obra do Espírito Santo? Foco este que também Seibert ressaltara. Da mesma forma seu destaque sobre a contextualização da postura de Lutero quanto ao sentido literal da Escritura, que inclusive achava que a Bíblia também teria razão em questões relativas à história e às ciências naturais, mas que tivera como alvo a preservação dos desvios da interpretação alegórica e do desprendimento do texto por parte dos entusiastas. Apontou como ponto de concordância a centralidade da Escritura, como Lutero ensinava, que nem todos os textos bíblicos teriam o mesmo valor teológico, pois, o centro da Escritura seria a pessoa e a obra de Jesus Cristo, sua morte em favor das pessoas e a sua ressurreição. Por fim, se pode concordar com Kilpp de que a diferença de métodos usados na interpretação acadêmica do texto bíblico não precisa representar um empecilho para o diálogo fraterno na diversidade.

Um fato que poderia ter mudado o rumo das conferências foi a manifestação no final desta Conferência, do presidente Winterle, da IELB, quando expressou seu lamento pelo fato de que os documentos sobre a Ceia do Senhor e sobre critérios para transferência de membros não terem sido considerados na programação daquela conferência. A questão que fica é que se isto teria favorecido o andamento do diálogo entre as duas igrejas, ou teria adiantado o fim dos relacionamentos!

4.3.3.3 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade a partir da 3ª Conferência

Esta Conferência recebeu subsídios de 12 pré-Conferências e a sistematização dos relatos foi elaborada e apresentada pelo pastor Carlos F. R. Dreher, da IECLB. No item sobre o que “aproximava as duas igrejas”, chama a atenção para as ações que seguem. Pastores de ambas as igrejas haviam se reunido para estudo dos textos bíblicos a serem pregados na semana, havendo troca de púlpitos como iniciativas que eram realizadas e discutidas em conjunto. Foi lembrada a carta pastoral assinada pelos pastores presidentes das duas igrejas, Kirchheim e Winterle, autorizando a comunhão de altar em casos específicos. Todavia, o grande ponto de conflito na celebração da Ceia se encontrava entre os pastores e não entre os membros das comunidades, sendo que nos documentos das igrejas haveria clareza quanto à compreensão da ceia. Porém, colegas de ministério pastoral se expressariam teologicamente diferentes quanto à compreensão de sua própria Igreja.

Estes itens se mostraram mais desaglutinadores, nos anos que se seguiram, do que fatores que pudessem ampliar um diálogo fraterno, considerando a diversidade histórica, litúrgica e hermenêutica das duas igrejas. Esse apressamento atemporal, pode ter desestimulado um avanço mais tênue, real e concreto nas genuínas intenções mútuas de relacionamento. Quanto a questões que “distanciavam as duas igrejas”, se destaca o temor do proselitismo, ou seja, migração entre as igrejas que acontecia quando havia problemas familiares ou na congregação. Isto não precisaria ser motivo para um distanciamento, uma vez que, Igrejas que teriam o entendimento de que sua manutenção se produzia através de Palavra e Sacramentos, não temeriam a migração de pessoas cristãs para outras denominações cristãs. Sua principal preocupação poderia ser o compartilhamento do amor de Deus para a sociedade, independentemente de quem fosse colher os frutos.

Os objetivos desta Conferência ficariam resumidos em resgatar os termos do Convênio de Cooperação de 1994, em especial, destacando que se buscava alcançar comunhão de púlpito e altar; também promover a cooperação entre a IELB e a IECLB no campo da missão, a fim de evitar a duplicação de esforços e de iniciativas missionárias. Um fator de “encontro” foi a socialização do debate sobre a importância das conferências nas bases das duas denominações, através das pré-Conferências.

O que pode ter travado o avanço nos diálogos e da realização de mais conferências foi o alvo de buscar comunhão de púlpito e altar, além de evitar a duplicação de esforços missionários numa mesma região, algo muito caro para o avanço de cada uma das igrejas. A preocupação expressa pelo presidente Winterle, ao final da 2ª Conferência, onde lamentou o fato de que os documentos sobre a Ceia do Senhor e sobre critérios para transferência de membros não tivessem sido considerados na programação daquela conferência, nesta 3ª Conferência foi em parte contemplada, nos estudos em grupos, dos quais participou este pesquisador. Não houve um entendimento mútuo sobre o tema, o que pode ter influenciado a não continuidade.

Quanto à palestra de Rieth, ele inicia sua preleção contando um pouco da história de sua denominação, a IELB, e destaca que o missionário americano Broders, ao chegar no Brasil, teria sido recebido pelo pastor Brutschin. Este havia realizado seus estudos numa instituição moldada pela teologia reformada e pela espiritualidade pietista e que havia entrado em atrito com o pastor da vizinha paróquia de Sapiranga, RS, por causa do atendimento a membros dissidentes de uma congregação nas redondezas. Na mesma época, teria se afastado do Sínodo Riograndense, passando a atender comunidades livres das redondezas. Pode-se questionar aqui qual teria sido o motivo sincero e verdadeiro de Brutschin ao chamar um missionário de uma igreja de confessionalidade mais luterana, uma vez que o próprio não teria recebido este tipo de formação. Outrossim, não poderia ter sido uma forma de contrapartida por ter sido deixado de lado pelo próprio Sínodo que ele havia ajudado a fundar?

O missionário do Missouri, Broders deixara claro que desprezava os pastores-colonos, e que entendia que o Sínodo local seria incapaz de atender os colonos luteranos, devido a sua indefinição confessional. Por sua vez, os periódicos eclesiásticos locais alertavam em relação aos “invasores ianques”, que poriam em risco o sucesso econômico dos colonos e sua identidade cultural germânica. Aqui se pode questionar que relação teria o sucesso econômico dos colonos alemães com a sua espiritualidade? Não estaria também evidente uma falta de entendimento sobre o contexto, que era diverso, em especial, em época de guerra, havendo uma mistura de Igreja e Estado, algo clareado pelas análises de Lutero, sobre a distinção dos dois reinos? Por outro lado, que autoridade dava a Broders o poder de julgar os pastores leigos vindos junto com os imigrantes, se era o que se tinha no momento histórico, e que o Espírito de Deus podia ter como instrumento no anúncio da Palavra? Não se

estaria desconsiderando a doutrina do Chamado Divino, conforme se encontra na CA, em seu artigo VIII, que afirma que os sacramentos são eficazes, embora administrados por sacerdotes não piedosos? Havia ocasiões em que pastores eram enviados a atender grupos dissidentes de comunidades ligadas a outros sínodos. Rieth entendia que ao acolherem uma dessas dissidências, as lideranças acabavam contribuindo para legitimar o pecado da divisão na comunidade de fé. Pode-se questionar nestes casos, se as animosidades não seriam causadas mais por receios econômicos, o que pesava muito nos primórdios das comunidades. O fato de comunidades vacantes ou dissidentes terem pastores para lhes ensinarem, seria mais uma questão de divisão de denominações, ou não seria uma forma do Reino de Deus avançar, frente às dificuldades existentes? Igrejas que buscavam sua autopreservação, em detrimento do avanço do Reino de Deus, poderiam ter dado abrigo ao pecado da divisão detectável nesta situação.

Rieth expôs a sua hipótese de que a influência da ortodoxia luterana na IELB, teria limitado as suas possibilidades de ter desenvolvido uma teologia da missão. Outrossim, o confessionalismo, com sua lealdade aos padrões confessionais da época da Reforma, teria influenciado as novas sociedades luteranas da Europa e dos Estados Unidos da América a ter como objetivo a propagação dos puros ensinamentos confessionais luteranos em sua integralidade, além de fazer propaganda confessional para o luteranismo. Desta maneira, as confissões luteranas teriam passado a ser encaradas como escudos defensivos e cercas protetoras. Transformar as confissões próprias em pontes, ao invés de muros, um espaço de ir e vir, de diálogo fraterno, respeitando as diversidades, poderia ser um caminho novo para o relacionamento entre as duas igrejas luteranas brasileiras. Neste sentido, se tornava importante a afirmação de Rieth de que a igreja não nasceria de dogmas, doutrinas, ou escritos confessionais e nem de um conjunto de preceitos morais estabelecidos como padrão de comportamento a um grupo de pessoas, sendo que Igreja alguma deteria o monopólio sobre o reino de Deus.

Na palestra de Zwetsch, as formulações foram mais de cunho teológico. A ortodoxia luterana teria se tornado prisioneira de suas próprias armadilhas e o reavivamento confessional no luteranismo implicaria num fechamento e em atitudes antiecumênicas. Em contrapartida, uma Igreja como criatura do Evangelho precisaria ser uma realidade dinâmica que não se deixasse prender ao passado, além de não

se poder imaginar que se encontraria respostas no isolamento das igrejas. Desta forma, como igrejas luteranas parceiras, seria preciso buscarem o entendimento mútuo e as possibilidades de tarefas comuns. Igreja missionária seria aquela que se empenhasse por transformar o mundo, nunca de forma isolada e autossuficiente, mas em aliança e parceria com outras comunidades; não por questões de sobrevivência institucional ou por conveniências de época, mas por causa do Evangelho. Esse teria sido um norte importante no avanço do diálogo fraterno entre as duas igrejas luteranas, olhando para a sua função na sociedade, que não pode se realizar isoladamente. Novamente aqui se observa a máxima de que uma igreja que vive sua automanutenção, e, consequentemente, seu autoisolamento; uma igreja que guarda o "sal na saleira", que quer se salvar, se perdendo, em consequência, em consonância com a profecia bíblica. Uma igreja existe quando existe para os outros, quando vai aonde o povo está.

O diálogo como também o testemunho de fé podem ser um encontro de corações e não apenas de mentalidades e raciocínios. Neste sentido o diálogo verdadeiro precisa ter como pressuposto o compromisso de que não há a necessidade de sacrificar a própria maneira de crer e pensar, pois um diálogo sem ideias próprias seria supérfluo e até impossível, se tornaria num monólogo. A questão em aberto é saber até que ponto a comunhão pode aceitar a diversidade, como unidade da fé e unidade/diversidade de suas formulações. O grande desafio pode ser unir catolicidade, diversidades e o pluralismo. Ao se entender que no centro não estariam as Igrejas separadas, uma em relação com as outras, mas o Cristo, ao redor do qual todas as Igrejas se moveriam, talvez fosse possível encontrar um caminho de solução ao dilema. Assim está escrito na primeira carta do apóstolo Paulo aos cristãos em Corinto, no capítulo 12, versos 4 a 7:

> Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso.[600]

A partir da teologia da cruz, que aceita o outro como ele é, com todas as suas contradições, assim como Cristo faz, através de sua infinita graça, amor e

[600] BÍBLIA Sagrada. Trad. de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

misericórdia, a diversidade pode ser reconciliada num exercício de aceitação, de respeito, de tolerância, sem ser necessária uma assimilação destas diferenças:

> Nesta aceitação de um para com o outro, evidencia-se a necessidade de confrontar e superar as limitações e deficiências de parte a parte. O indivíduo pratica atos livres e neste choque de liberdades entre o um e o outro, elas são uma exigência mútua; o resultado pode ser o fracasso na mútua correspondência, o que deixa à mostra as falhas, os pecados de cada um. Assim, o ser humano cresce no conhecimento de si mesmo suportando os atos livres do outro e os seus próprios, num exercício democrático de liberdades, fortalecendo os músculos da fé através da prática do amor. Isto não se conhece sem dor, sem fadiga, sem cansaço; pelo contrário, são pequenos e constantes partos. [...] Este conjunto, grupo ou comunidade só será sadio, quando o menor elo engrenar-se com firmeza com o maior, assim como numa corrente. [...] Poderia-se recusar a conceder liberdade ao outro, mas iria-se violentá-lo e impor-lhe uma imagem alheia.[601]

O testemunho da fé cristã tem relevâncias profundamente sociais. Privativismo e quietismo são incompatíveis com o evangelho de Cristo. A tarefa da Igreja exige a consciência de uma solidariedade com o mundo que impedirá que ela se apresente como salvadora todo-poderosa. Encontros interdenominacionais podem trazer subsídios para um diálogo fraterno nas diversidades de IECLB e IELB.

[601] RENNECKE, Martinho. **Uma proposta de edificação de comunidade terapêutica** - Reflexão teológico-prática sobre o Projeto Macedônia. 2003. Dissertação (Mestrado). Escola Superior de Teologia - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia - IEPG, São Leopoldo, 2003. p. 12-13.

5 ENCONTROS INTERDENOMINACIONAIS E AS CONFISSÕES PRÓPRIAS COMO POSSIBILIDADES PARA UM DIÁLOGO FRATERNO

O assunto deste capítulo é o relacionamento interdenominacional entre igrejas cristãs, particularmente as igrejas luteranas brasileiras, a saber, a IECLB e a IELB, e a ICAR, através da FLM, a partir das diversas confissões comuns e particulares de cada uma delas, como testemunho e possibilidade para um diálogo fraterno. A FLM, é uma entidade supranacional que reúne diversas igrejas de matiz luterana de todo mundo, fazendo delas uma só igreja em plena comunhão de púlpito e altar.

A pesquisa pretende trazer um olhar a partir da diversidade nas visões das confissões luteranas e católica, para que sejam testemunhos e possibilidades para um diálogo fraterno, entre essas igrejas. A pergunta central é: Como o relacionamento interdenominacional entre as igrejas luteranas entre si e com a igreja católica, no plano eclesiástico-denominacional, pode contribuir para um diálogo fraterno entre elas, apesar da diversidade das suas heranças confessionais? A hipótese que se levanta é que pontos teológicos convergentes podem fornecer subsídios que fundamentem os testemunhos de fé, possibilitando um diálogo fraterno e reconciliador. A herança confessional das duas igrejas luteranas brasileiras é comum e nem sempre existiu entre os reformadores congruência doutrinal[602], o que pode permitir a convivência de diversidades de convicção ou prática que não comprometam a CA. A herança confessional das igrejas luteranas e católica não é comum, é diversa, mas as diferenças existentes entre elas podem perder seu caráter divisor. As diversidades em intepretações não precisam impedir um diálogo fraterno e respeitoso, como não impediram no tempo da Reforma, apesar das diferenças.

Esta reflexão poderá contribuir para ressaltar a importância que a Igreja cristã tem em alguns objetivos comuns frente ao mundo, como o diálogo e a solidariedade. A mensagem do amor de Deus sofre irreparável prejuízo se contrariada por

602 "Portanto, já que nos artigos principais não há ausência de fundamento ou defeito perceptíveis, e sendo esta nossa confissão divina e cristã, deveriam os bispos, justiçosamente, mostrar-se mais brandos, ainda que falha houvesse entre nós com respeito à tradição, muito embora esperemos apresentar sólido fundamento e causa quanto à razão por que entre nós houve mudança relativamente a algumas tradições e abusos." Confissão de Augsburgo, 1981, p. 40.

desavenças entre seus arautos e por mútua exclusão. O tema poderá trazer benefícios para a pesquisa teológica, ao abrir um olhar à diversidade presente nas denominações religiosas como formas próprias de testemunho de fé e buscar uma reconciliação com vistas a um diálogo fraterno.

5.1 ENCONTROS INTERLUTERANOS - EM ESPECIAL ENTRE IECLB E IELB

No que diz respeito a esta parte, se abordará aspectos do relacionamento interluterano entre a IECLB e a IELB. É difícil entender a falta de um maior diálogo entre as duas maiores igrejas luteranas brasileiras, IECLB e IELB que, apesar de terem origens históricas diversas, possuem uma razão para dialogarem: sua dupla herança comum. Ambas compartilham a mesma tradição confessional evangélica luterana, cujas raízes remontam a meio milênio atrás. As diversidades no testemunho não precisam impedir um diálogo fraterno e respeitoso, como foi no tempo da Reforma, segundo Beck.[603] As confissões teológicas comuns e convergentes podem ser testemunhos de fé e possibilidades para um diálogo fraterno e fornecer caminhos que, apesar das diversidades, podem promover entendimentos comuns. Nem sempre existiu entre os reformadores congruência doutrinal, o que pode permitir a convivência de diversidades de convicção ou prática que não comprometessem as confissões comuns, como os credos e a CA. As diversidades existentes entre igrejas podem perder seu caráter divisor.

5.1.1 Breve histórico da origem das duas igrejas luteranas IECLB e IELB

O segundo capítulo desta pesquisa abordou de forma mais ampla a contextualização da origem das duas maiores igrejas luteranas brasileiras. Segue um breve histórico para resgatar alguns aspectos, já mencionados, relevantes no relacionamento entre elas. A IECLB e a IELB possuem uma boa razão para se aproximarem mais: sua dupla herança comum. Ao lado disso, ambas as igrejas têm na base de suas comunidades a mesma gente, constituída majoritariamente de descendentes de imigrantes europeus chegados ao Brasil desde as primeiras décadas do século retrasado. Destaque-se que 40% dos imigrantes germânicos eram de origem católica, enquanto os restantes 60% eram de origem reformada, luterana e

[603] BECK, 1999, p. 32.

com filiação à Igreja da União Prussiana[604], sendo que foi o perfil luterano que gradativamente se impôs. O dever histórico da IECLB e da IELB por muito tempo tem implicado certa dependência teológica das Igrejas-mães dos Estados Unidos da América e da Alemanha o que, por parte da IELB, pode ter inibido ou até impedido um maior envolvimento ecumênico.

Porém, as relações mútuas estão perturbadas pela recordação de histórias que são contadas, cujas lembranças estão cravadas na memória coletiva e elas continuam perturbando o relacionamento de geração após geração. Tem-se dificuldades de compreender o passado na busca de um futuro distinto do que tem sido, além de redescobrir, juntamente com as comunidades e as lideranças, um fundamento para um diálogo fraterno em meio a esta diversidade. “Na época da minha formação teológica, a linha oficial da IELB enfatizava mais as diferenças e a rivalidade em relação à IECLB (FLM, etc.)”[605] afirmou Rudi Zimmer, teólogo da IELB e, na época, Secretário para Traduções e Publicações da SBB, na reação à palestra “Unidade e Missão das Igrejas Luteranas no Brasil”, de Gottfried Brakemeier, IECLB, na 1ª Conferência Nacional Interluterana, realizada em 1998.

5.1.1.1 Apontamentos sobre a origem da IECLB

A IECLB remonta 3 de maio de 1824, quando um grupo de imigrantes alemães evangélicos chegou a Nova Friburgo/RJ e um outro aportou em São Leopoldo/RS, em 25 de julho do mesmo ano.[606] As duas comunidades tiveram a assistência de pastores contratados pelo governo brasileiro. Isso foi caso único, pois com a expansão e crescimento de novas comunidades isso não mais se repetiu. O desenvolvimento da igreja evangélica acontece conjugado ao assentamento de novos contingentes de imigrantes. Estes foram assentados principalmente nas três províncias do sul do Brasil: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Mas houve também grupos menores que foram estabelecidos em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e no Espírito Santo. No Rio de Janeiro, a capital do império, a comunidade evangélica foi fundada em 1827.

---

[604] União Prussiana de Igrejas, formada em 1817, a partir de decretos de Frederico Guilherme III da Prússia, que forçou as igrejas luteranas e reformados na Prússia a se unirem.
[605] ZIMMER, 1999, p. 27.
[606] FISCHER, 1986, p. 33-34.

Nos primeiros quarenta anos as comunidades evangélicas, que mais tarde viriam a formar a IECLB, estavam bastante abandonadas. Organizavam suas comunidades sem muitas formalidades. Nas comunidades conviviam inicialmente luteranos, reformados e unidos. A falta de pastores fez com que as comunidades escolhessem entre os seus membros pessoas com melhor formação para exercer o magistério e o ministério pastoral. Surgiam, assim, os pastores-colonos. Tinham neste aspecto uma profunda vinculação ao sacerdócio geral de todas as pessoas batizadas.[607] Fischer relata algumas características destes pastores:

> Em maio de 1876 trabalhavam no Rio Grande do Sul ao lado dos 16 pastores ordenados, 10 clérigos não ordenados, porém registrados pelo Estado. Continuando a falta de pastores, o número de pastores-colonos acabou aumentando ainda mais. Havia entre eles condes e barões, mas também homens que mal sabiam ler e escrever. Em sua profissão original haviam sido oficiais e subofíciais, marinheiros, funcionários florestais, guardas florestais, funcionários do correio, alfaiates, serralheiros, tecelões; havia também um ginasiano e um bom número de professores, que via de regra exerciam o pastorado ao lado de sua profissão letiva.[608]

Segundo Martin N. Dreher, teólogo da IECLB, estes pastores, mais tarde foram denominados de pseudopastores:

> Ao lado de suas atividades na agricultura, ele também assumia funções pastorais. Mais tarde, quando chegaram pastores ordenados, formados em seminários teológicos ou em universidades, ao Brasil, esses pastores-colonos foram pejorativamente designados de ‘pseudo-pastores’ (falsos pastores).[609]

Esse processo perdura até 1864 quando começa, de forma mais regular, a chegada de pastores da Alemanha. Eles são enviados pela Igreja Evangélica da Prússia, pela Sociedade Missionária de Basiléia (Suíça) e pela Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América, de Barmen (Alemanha).[610] Em 20 de maio de 1886, foi fundado o primeiro Sínodo, que se tornaria o maior sínodo luterano em solo brasileiro:

> Após minuciosas deliberações sobre o anteprojeto de estatutos, elaborado por Rotermund[611] e outros e que se limitava às disposições estritamente

---

607 FISCHER, 1986, p. 38-40.
608 FISCHER, 1986, p. 39.
609 DREHER, Martin N. **História do povo luterano**. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 52.
610 FISCHER, 1986, p. 36.
611 Wilhelm Rotermund, nasceu a 25 de novembro de 1843, em Stemmenn, perto de Hannover, Alemanha. Foi um pastor luterano, professor e jornalista teuto-brasileiro. Estudou Teologia em Erlangen e Göttingen. Formado em 1874, emigrou para o Brasil para ser pastor numa comunidade

> necessárias, 7 pastores e igual número de representantes comunitários assinavam a 20 de maio o documento de fundação do '*Riograndenser Synode'*. Sob ponto de vista legal, desde o começo este Sínodo foi independente. Baseava-se ele nas comunidades. A exemplo de sínodos norte-americanos, ele era uma 'associação' completamente voluntária de independentes 'comunidades evangélicas da Província do Rio Grande do Sul', uma 'igreja de comunidades' sobre fundamento presbiterial-sinodal, não igreja de pastores nem tampouco igreja estatal.[612]

Segundo relata Dreher, em 1868, houve uma iniciativa de reunir várias comunidades em uma organização supracomunitária, mas, como ela estava sendo formada somente por pastores, fracassou, pois as comunidades haviam sido formadas por iniciativa dos leigos. Mais adiante, além do Sínodo Riograndense, surgiram em solo brasileiro outros sínodos luteranos, como o Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul (1905), a Associação de Comunidades Evangélicas de Santa Catarina e Paraná (1911) e o Sínodo Evangélico do Brasil Central (1912).[613]

Até o final do século XIX há inúmeras comunidades espalhadas nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Lideranças locais constataram a necessidade de uma maior articulação entre as comunidades. Esta organização regionalizada recebeu o nome de Sínodo. Estes formaram, em nível nacional, a Federação Sinodal que recebeu posteriormente o nome de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, atualmente baseada em 18 sínodos distribuídos em todo o território brasileiro. As Estatísticas da IECLB 2021, Ano-Base 2020, apontaram que é uma igreja de 628.557 membros, sendo que 51% dos membros da IECLB se concentram em 30% das comunidades.[614] Importante observar que, apesar das diversidades teológicas das duas igrejas, IECLB e IELB, o fato de terem em comum as pessoas descendentes de imigrantes, faz com que, muitas vezes, a pessoa pertença ora a uma, ora a outra.

5.1.1.2 Aspectos da formação da IECLB e sua constituição confessional

Após o final da Segunda Guerra Mundial, com a derrocada das bases étnicas alemãs, circulava a ideia de que o luteranismo iria se extinguir no Brasil, porém, alguns

---

de São Leopoldo/RS. Sua mais importante obra, foi a fundação do Sínodo Riograndense, em 1886, onde foi presidente de 1886 a 1894, e, de 1909 a 1919. Faleceu em 5 de abril de 1925.

612 FISCHER, 1986, p. 44.

613 DREHER, 2005, p. 53-54.

614 https://www.luteranos.com.br/conteudo/estatistica-ieclb. n.p. Acesso em: 08 maio 2023.

esperançosos buscaram ajuda junto aos sínodos-irmãos e fundaram a Federação Sinodal, em outubro de 1949. No seu primeiro concílio geral, em 1950, em São Leopoldo, RS, foi elaborada uma declaração pragmática, pelo primeiro presidente, Hermann G. Dohms (3.11.1887 - 4.12.1956), nos seguintes termos:

> A Federação Sinodal é Igreja de Jesus Cristo *no Brasil* em todas as consequências que daí resultarem para a pregação do Evangelho neste país e a co-responsabilidade para a formação da vida política, cultural e econômica de seu povo. Esta Igreja é *confessionalmente determinada* pela Confissão de Augsburgo e Pequeno Catecismo de Luther, pertence à família das Igrejas moldadas pela Reforma de Martin Luther, e quando adotará em lugar de 'Federação Sinodal' a denominação de Igreja, o que esperamos para breve, exprimi-lo-á nesta mesma denominação. Como Igreja assim determinada confessionalmente a Federação Sinodal se encontra na *comunhão das Igrejas representadas no Conselho Ecumênico*, as quais admitem o Evangelho de Jesus Cristo, que nos transmite a Sagrada escritura como única regra diretriz de sua obra evangélica e de sua doutrina.[615]

Pode-se observar que o Sínodo preferiu adotar uma confessionalidade aberta, visando alcançar um maior número de comunidades e que permitisse a adesão de pessoas não apenas luteranas, não colocando nesta declaração a necessidade de uma confessionalidade estritamente luterana. Nota-se posteriormente, a presença de pessoas de confessionalidade calvinista e oriundas das igrejas unidas da Prússia.

Quando esta declaração foi formulada, a Federação Sinodal ainda não havia sido ainda aceita por parte da FLM. Isso somente aconteceu em agosto de 1950, sendo esta Igreja brasileira o 42º membro. Na ata consta o seguinte:

> Foi resolvido que a Federação Sinodal seja admitida à membresia da Federação Luterana Mundial. O Comitê Executivo saúda a notícia de que essa corporação, ora constituída por quatro Sínodos, tem a intenção de alterar seu nome, para que tanto em seu nome quanto de fato forme uma Igreja.[616]

0 2° Concílio, em 1954, acrescentou à designação "Federação Sinodal" o nome "Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil". No 4° Concílio, em 1962, foi tirada a expressão "Federação Sinodal" do nome da Igreja. Estes foram os nomes da IECLB. Com o advento do governo do regime militar no Brasil, as dificuldades sociais, econômicas e políticas começaram a atingir o país e tiveram influências sobre toda a igreja. Em 1970 estava prevista a realização da 5ª Assembleia Geral da FLM, com o tema "Enviados ao Mundo", e o local seria a cidade de Porto Alegre, RS. Porém,

---

615 DREHER, 2005, p. 57.
616 DREHER, 2005, p. 58.

em virtude da situação de desrespeito aos direitos humanos no Brasil, ela foi transferida. Como o tema tinha sido estudado por todas as congregações no Brasil, no Concílio Geral de Curitiba, PR, isto levou à redação, em outubro de 1970, do "Manifesto de Curitiba":

> Sabendo que a igreja deve dirigir-se 'ao homem como um todo, não só à sua alma', o documento acentua que essa visão 'terá consequências e implicações em toda a esfera de sua vigência – inclusive física, cultural, social, econômica e política [...] sobre todas as questões relacionadas com o bem comum". [...] a igreja deve 'desempenhar uma função crítica – não de fiscal, mas antes de vigia e de consciência da Nação. Ela alertará e lembrará às autoridades a sua responsabilidade em situações definidas, sem espírito faccioso, e sempre com a intenção de encontrar uma solução justa e objetiva'.[617]

Esta igreja formada especialmente de imigrantes, nos seus inícios ficara restrita aos estados meridionais e ao estado do Espírito Santo. Depois começou a constatar que havia inúmeros fiéis nas novas áreas de colonização, como Mato Grosso, Goiás e Rondônia. Muitos outros também já se encontravam nas periferias das grandes cidades.

Baseado no livreto produzido pela IECLB em 2016, **Quem é a IECLB**, seguem algumas breves doutrinas da mesma. A base de fé é a Bíblia que é o alicerce para a vida de cada pessoa filiada à igreja. Ali estão as diretrizes para as palavras e as ações. A base doutrinária é estabelecida pelos credos da igreja antiga, pela Confissão de Augsburgo e pelo Catecismo Menor de Martim Lutero. Como testemunho da palavra de Deus, a Bíblia foi escrita por pessoas. Algumas partes mostram a mentalidade e o conhecimento de uma determinada época, num determinado contexto. De Lutero vem o critério básico desta leitura que é o testemunho do amor de Deus, revelado em Jesus Cristo. Quanto aos sacramentos, a IECLB entende que são meios que Deus usa para conceder a sua graça. O sacramento é constituído por um mandamento divino e pela promessa da graça de Deus. Ela reconhece dois sacramentos: Batismo e Santa Ceia oferecem perdão e salvação e são perceptíveis na forma de água, pão e vinho. A IECLB aceita o Batismo de crianças e pessoas adultas, porque entende que a graça de Deus é oferecida sem que haja merecimento ou entendimento, no caso de crianças. A respeito da Ceia do Senhor, a IECLB crê que tem o corpo e sangue de Jesus Cristo sob o pão e o vinho e é oferecida a todas as pessoas que se reconhecem

[617] DREHER, 2005, p. 59.

pecadoras, desejam receber o perdão de Deus e confiam nas palavras de Cristo: “dado e derramado em favor de vocês”. Em lugar do vinho pode ser usado o suco de uva, pois ambos são fruto da videira. Isto favorece a inclusão de crianças e de pessoas que não tomam bebida com teor alcoólico. Na IECLB, o ministério com ordenação tem quatro ênfases: pastoral, catequética, diaconal e missionária e é necessário que a pessoa seja preparada por uma instituição de formação teológica reconhecida pela IECLB e receba a ordenação. A IECLB também ordena mulheres.[618]

O Pastor vice-presidente da IECLB e secretário de Missões, pastor Odair Braun, proferiu uma palestra no encontro de Atualização Teológica, promovido pelo Sínodo Nordeste Gaúcho, no Centro de Espiritualidade Cristo Rei (CECREI), nos dias 2 e 3 de maio de 2023. O tema foi Missão na IECLB, onde apresentou uma retrospectiva dos dois fóruns de missão (2006 e 2017), como a direção da IECLB pensa e entende a missão da Igreja. Este pesquisador participou deste evento, como “hóspede” da IECLB, congregando na comunidade da IECLB, de Caxias do Sul, RS. Seguem algumas informações apontadas na ocasião.

No Concílio da IECLB realizado em Panambi, RS, em 1972 se produziu o documento “Nossa Fé Nossa Vida”, onde ficou estabelecida a ênfase na Missão Urbana e no acompanhamento aos migrantes que iam para o Oeste. Na ocasião também o Pastor Sinodal Germano Burger apresentou um trabalho sobre Mordomia Cristã, que foi determinante no assunto dali em diante na IECLB. Em 1970 havia sido produzido o Manifesto de Curitiba, como um reposicionamento da IECLB frente à ditadura militar implantada em 1964. A criação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC)[619], foi importante para a caminhada da IECLB e em 1982 se estabeleceu o lema “Terra de Deus – terra de todos”. Em março de 1990, no Conselho Diretor (hoje Conselho da Igreja) da IECLB, a Missão foi estabelecida como prioridade, com os seguintes enfoques: Missão (Mateus 28), Poimênica (Mateus 5), Diaconia (Mateus 25) e Celebração (Mateus 18). Em 1994, aprovado pelo XIX Concílio Geral, se estabelece o Ministério Compartilhado e são criados os 18 Sínodos, descentralizando as ações e fortalecendo a participação de pessoas leigas. Resultado

---

[618] **QUEM É A IECLB.** Emilio Voight (Org.) São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2016. p. 17-24.

[619] Criado em 1982, em Porto Alegre, RS. É formado pela Aliança de Batistas do Brasil, Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Igreja Presbiteriana Unida.

desta iniciativa foi a realização do Fórum de Missão, em maio de 2000. Outro fato marcante aconteceu no Sínodo do Mato Grosso, na Chapada dos Guimarães, em outubro de 2000, com a criação do Plano de Ação Missionária, PAMI. Segundo Braun, a IECLB tem três vertentes teológicas: a Comunidade Martin Lutero, o Movimento Encontrão e a Pastoral Popular Luterana.[620] (informação verbal)

5.1.1.3 Apontamentos sobre a origem da IELB

A IELB iniciou seus trabalhos no Brasil no ano de 1900, com a vinda ao Brasil do pastor Christian James Broders, um missionário da Igreja Luterana, do Sínodo de Missouri (SM), enviado dos Estados Unidos da América, para atender um pedido de luteranos que haviam vindo da Alemanha e estavam sem atendimento pastoral.[621] O Sínodo de Missouri, do qual a IELB provém, é oriundo de imigrantes saxões luteranos que saíram da Alemanha e se estabeleceram nos Estados Unidos da América, em busca da liberdade para exercer sua confessionalidade.

No século XIX, a casa real da Prússia havia decretado a união entre luteranos e reformados. Dizendo-se luteranos autênticos, fiéis à Confissão de Augsburgo Inalterada, vítimas de intolerância e perseguição, emigraram, individualmente ou em grupos, para os Estados Unidos da América ou Austrália. Suas origens teológicas estão fincadas na ortodoxia luterana do século XVII, dos teólogos que vieram depois de Lutero e que estavam mais preocupados com a pureza doutrinária e teológica da igreja do que com a missão.

O rei Frederico Guilherme III, que reinou na Prússia, de 1797 a 1840, era calvinista e não podia comungar na Santa Ceia com a esposa, que era luterana, fez um decreto em 27 de setembro de 1817, no qual, a partir do dia 31 de outubro daquele mesmo ano, jubileu dos 300 anos da Reforma, reformados (calvinistas) e luteranos, passariam a formar um único corpo eclesiástico nos territórios alemães da Prússia e Saxônia.[622] Frederico Guilherme passou a promover a abolição dos entraves entre

---

620 BRAUN, Odair. **Missão na IECLB.** São Leopoldo, CECREI, 2 maio 2023. Palestra ministrada aos ministros e ministras do Sínodo Nordeste Gaúcho da IECLB.

621 RIETH, Ricardo W. Raízes históricas e identidade da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). **Estudos Teológicos**, São Leopoldo/RS, v. 49, n. 2, p. 207-221, jul./dez. 2009. p. 211-213.

622 WACHHOLZ, Wilhelm. “Luterano? Reformado? Unido? Evangélico! Aspectos históricos e teológicos da União Prussiana”. *In:* **Evangelho, Bíblia e Escritos Confessionais:** anais do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2004. p. 89-90.

luteranos e reformados e a unificação das duas correntes protestantes sob o Estado, unindo, segundo cálculos aproximados, 5.727.746 pessoas luteranas com cerca de 384.926 pessoas de confissão reformada.[623]

Wachholz aponta três pontos teológicos centrais desta unificação: 1) a diferenciação entre o essencial e o não-essencial no protestantismo, segundo a qual ambas *as* confessionalidades (luterana e reformada) seriam uma; 2) os grandes objetivos do cristianismo, e, 3) o espírito do protestantismo.[624] Os escritos confessionais seriam considerados apenas documentos de conflitos do passado e que não representariam a essência do cristianismo. Como grande objetivo se entendia a capacitação das pessoas para sua melhora moral, o enobrecimento e a felicidade humana. Quanto ao espírito protestante seria o princípio escriturístico *sola Scriptura* (somente a Escritura):

> A justificativa da União sobre bases teológicas se deu particularmente a partir do princípio escriturístico, o qual era reconhecido por ambas as igrejas. Nesse sentido, Sola Scriptura e 'espírito do protestantismo' eram combinados ao ponto de se tomarem um elemento único. Afirmava-se que toda a interpretação humana da Bíblia, particularmente no que diz respeito às diferenças contidas nos escritos confessionais das diferentes igrejas perdia sua autoridade ante a afirmativa de que estas diferenças deveriam ser relegadas ao âmbito não-eclesial. O essencial era considerado a fé responsável que se traduz em amor fraternal. Com base nestes axiomas, a União foi posta em execução.'[625]

Aliados à esta questão religiosa, fatores econômicos também colaboraram para a emigração destes alemães luteranos aos Estados Unidos da América. Após as guerras napoleônicas, uma grande crise agrícola assolava a Saxônia desde 1829. A América foi a grande opção para fugir da fome e da pobreza.

Em meados de novembro de 1838, cinco navios deixaram o porto de Bremen, carregando 665 pessoas rumo ao porto de New Orleans. Os imigrantes saxões, além da fidelidade a seu líder, levavam na bagagem uma porção redobrada de espírito confessional. Na viagem, porém, um dos cinco navios, o Amália, afundaria com seus 56 passageiros, tripulação e a maioria dos bens do grupo, provavelmente sob pesada tempestade. Os imigrantes alemães liderados por Martin Stephan se estabeleceram na região de Saint Louis, Missouri. Em 24 de maio de 1839, em Perry Country, ocorreu um Concílio dos imigrantes luteranos alemães. Em abril de 1847, na cidade de

[623] WACHHOLZ, 2004, p. 97.
[624] WACHHOLZ, 2004, p. 100.
[625] WACHHOLZ, 2004, p. 100-101.

Chicago, agora sob a liderança do pastor C. F. W. Walther[626], foi fundada a *Deutsche Evangelisch-Lutherische Synode von Missouri, Ohio und anderen Staaten* (Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados). Foi Walther, o grande propagador do pensamento confessionalista, quem norteou teologicamente o Sínodo de Missouri.

Johann Friedrich Brutschin (1842-1919), era um pastor da igreja unida da Suíça, e que fora um dos 16 pastores que fundaram o Sínodo Riograndense e que na ocasião havia proposto uma confessionalidade mais explícita. Ele trabalhava numa congregação luterana no Rio Grande Sul, mas, havia se desligado do Sínodo Riograndense. O mesmo enviou uma correspondência solicitando apoio ao Sínodo de Missouri, que se sentiu impelido a atuar em território brasileiro. Rehfeldt descreve o que motivou o pastor Brutschin a solicitar o apoio do Sínodo de Missouri:

> Na época, Brutschin estava morando em Novo Hamburgo/RS e atendia a congregação de Estância Velha/RS. Já havia anos, ele tinha tido contato com dois pastores do Sínodo de Missouri, dos quais recebia publicações do Sínodo de Missouri e concordava com suas posições teológicas. Já antes de 1899, ele tinha manifestado o seu desejo de se tornar um membro deste sínodo. Em 1899, ele resolveu voltar para sua terra, a Alemanha, por causa da saúde debilitada. Ele não quis deixar sua congregação abandonada nem entregá-la para o Sínodo Unido, o Riograndense.[627]

Esta pode ter sido uma das razões por que ele resolveu solicitar um substituto ao Missouri. A carta na qual ele fazia a solicitação fora enviada a um pastor do Estado de Nebraska e que a entregou ao Departamento de Missão Interna. Embarca em Nova Iorque, dia 1º de março de 1900, e chega dia 28 de março, a Novo Hamburgo, RS, na qualidade de preposto (observador) do Sínodo de Missouri, o pastor Christian James Broders (1867-1932). Broders, como observador do Sínodo enviado ao Brasil, deveria fazer um levantamento das possibilidades missionárias entre os teuto-brasileiros. Após fazer uma viagem missionária, entendeu que não recomendaria este campo missionário.

Entretanto, sua opinião mudou quando, antes de seu regresso aos Estados Unidos da América, foi informado da existência de uma grande área de colonização alemã na região sul do Rio Grande do Sul, a maioria de origem pomerana, e decidiu

---

[626] Walther nasceu em Langenchursdorf, na provincia da Saxônia, Alemanha, (25.10.1811/7.05. 1887). Formou-se em Teologia na Universidade de Leipzig, na Alemanha, sendo ordenado pastor em 1837, na cidade de Braunsdorf, na Saxônia. Na América, foi presidente da Lutheran Church–Missouri Synod, entre 1847 a 1850 e entre 1864 a 1878.

[627] REHFELDT, Concórdia, 2003, p. 32.

fazer uma visita àquele grupo que tinha como líder um teuto-brasileiro chamado August Wilhelm Gowert (1837-1911).[628]

A partir do contato inicial entre Broders e Gowert, 17 famílias fundaram, no dia 1º de julho de 1900, a primeira congregação evangélica do Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados, na colônia de São Pedro, a Comunidade Evangélica Luterana São João, no atual município de Morro Redondo, RS. Em 30 de março de 1901, Broders instala o pastor Carl Wilhelm (William) Gustav Mahler (1870-1966) e depois retorna aos Estados Unidos da América.[629] A fundação do distrito brasileiro foi em São Pedro do Sul, RS, no dia 24 de junho de 1904. Como as atividades da igreja eram, em grande parte, em língua alemã, o nome dado também foi em alemão: *Der Brasilianische District der deutschen evangelisch-lutherischen Synode von Missouri, Ohio und andem Staaten*. No ano de 1920, o distrito recebeu um nome em português: Synodo Evangélico Lutherano do Brasil. Em 1951, por decisão da 30ª Convenção Nacional, passou a se denominar Igreja Luterana Brasileira. O principal motivo da mudança era que o povo brasileiro não iria compreender o nome "Sínodo". Interessante que neste nome não constava o nome "Evangélica", pois se argumentava que o sentido original do termo não seria compreendido pelo povo. Para oficializar o nome, o assunto deveria voltar na convenção seguinte, que aconteceu dois anos depois. E na Convenção Nacional de 1953, o nome foi alterado para o que temos até hoje, Igreja Evangélica Luterana do Brasil, IELB. Porém, só em 27 de janeiro de 1954 este nome foi registrado em cartório. Estes foram os quatro nomes da IELB.

Cabe ressaltar que desde o princípio as relações entre as duas igrejas luteranas não foi nada amistosa, pois relata Rieth:

> Periódicos locais e periódicos eclesiásticos alertavam em relação aos invasores ianques, que poriam em risco o sucesso econômico dos colonos e sua identidade cultural germânica. Também integrantes do Sínodo Riograndense criticaram publicamente a presença de pastores do SM no RS, considerada como concorrência desleal. Os do SM, por sua vez, contra-atacavam apontando para os chamados a eles enviados pelas comunidades e declarando o Sínodo Riograndense incapaz de atender os colonos luteranos devido à sua indefinição confessional.[630]

[628] REHFELDT, 2003, p. 39-42.
[629] REHFELDT, 2003, p. 42-43.
[630] RIETH, 2009, p. 214.

O Sínodo foi se expandindo para outras localidades na capital e no interior do Rio Grande do Sul. Entre os dias 23 a 27 de junho de 1904, foi realizada a primeira Convenção Geral das congregações atendidas pelo Sínodo de Missouri no Rio Grande do Sul, no Rincão São Pedro, atualmente São Pedro do Sul, RS. Estiveram presentes a esta Convenção, que decidiu pela fundação oficial do 15º Distrito do Sínodo de Missouri, *(Der brasilianische District der deutschen evangelisch-lutherischen Synode von Missouri, Ohio und andern Staaten),* no dia 24 de junho de 1904, oito pastores, oito delegados leigos, um professor, e o presidente do Sínodo de Missouri, pastor L. Lochner.[631]

A partir do sul do Brasil e reunindo inicialmente as pessoas alemãs luteranas que aqui viviam, a IELB se espalhou por todo o Brasil, chegando a todos os estados brasileiros. Se por um lado pastores também foram enviados a atender grupos dissidentes ligadas ao Sínodo Riograndense[632], acontecia também o contrário, onde comunidades ligadas ao SM solicitavam o acompanhamento de pastores de outros sínodos. Segundo Rieth, não há notícia de divisões ocorridas por motivos confessionais.[633] Atualmente, tem 59 distritos, 531 paróquias, 1948 locais (congregações e pontos de pregação ou missão), 933 pastores, sendo que 629 pastores atuam nas paróquias, com 244.267 membros, segundo dados estatísticos de 2019.[634] Importante observar que, apesar das diversidades teológicas das duas igrejas, IECLB e IELB, o fato de terem em comum as pessoas descendentes de imigrantes, faz com que, muitas vezes, a pessoa pertença ora a uma, ora a outra.

5.1.1.4 Aspectos da formação da IELB e sua constituição confessional

Rieth destaca que aspectos étnicos, sociais e culturais relativos a esse grupo religioso minoritário foram marcantes para a elaboração de sua formação e identidade:

> A Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) originou-se do trabalho promovido pelo Sínodo de Missouri, EUA, desde o princípio do século XX,

631 REHFELDT, 2003, p. 63-64.

632 Sínodo Riograndense, instituição luterana formada por pastores vindos da Alemanha que uniam seus costumes e crenças da terra natal com sua religiosidade. Um sínodo tinha o propósito de superar o período de independentismo das comunidades congregacionais. Fundado pelo pastor Wilhelm Rotermund, em 1886, não se denominou alemão nem tinha um claro enunciado confessional, se referindo apenas à Bíblia e aos escritos confessionais da Reforma. Em 1968, junto com mais três sínodos, seria formada a IECLB.

633 RIETH, 2009, p. 215.

634 **ANUÁRIO Luterano**. Nilo Wachholz (ed.). Ano 83. Porto Alegre: Concórdia, 2022. p. 175-176.

> entre imigrantes germânicos e seus descendentes, principalmente no sul e sudeste do país. Aspectos étnicos, sociais e culturais relativos à presença desse grupo religioso minoritário foram historicamente marcantes para a elaboração dinâmica de uma identidade, que se refletiu em sua estruturação institucional, nas práticas missionária, de serviço diaconal e pedagógica, bem como em sua presença em espaços públicos.[635]

O pastor Wilhelm Mahler, que viria a ser o primeiro presidente do distrito brasileiro do Sínodo de Missouri, em 1901 vai à região de Cruz Alta, RS, e funda uma congregação. Em 1902, volta a Porto Alegre, RS, e se hospeda no bairro Navegantes, onde cerca de metade dos moradores era de origem alemã. Ali conhece um jovem garçom que mostra grande interesse pelo trabalho do Sínodo Missouri. Após dirigir uma reunião, Mahler propõe aos presentes que enviem carta à LCMS. Em setembro de 1902, com permissão da LCMS, se muda para Porto Alegre. Funda o Colégio Concórdia e a Comunidade Evangélica Luterana Cristo. A partir de então, o Centro Administrativo da missão do Sínodo de Missouri no Brasil passa a se localizar nesta cidade.[636]

Otto Henry William Beer, em sua obra ***25 Jahre unter dem Südlichen Kreuz*****,** relata sobre os primeiros 25 anos da história da IELB e sobre alguns aspectos do início do trabalho do pastor Mahler:

> Quando as circunstâncias fizeram que o pastor Broders retornasse à América do Norte, depois de um ano, o pastor Mahler deveria voltar à igreja de São Pedro. Mahler agora recebia os mais diversos pedidos para pregadores; o pedido veio de todos os quadrantes: 'Consiga-nos um pastor!'. E como lidar com tais congregações e pregadores que pediram ajuda para sair de sua miséria espiritual? Mahler viajou para lá, manteve negociações doutrinárias com eles, explicou-lhes nossa posição no ensino e na prática e, na maioria dos casos, um pastor foi nomeado. A congregação emitiu um chamado e adotou um código congregacional breve. É óbvio que o essencial podia ser alcançado ali; porque as pessoas eram em sua maioria muito fracas em seus conhecimentos e, além disso, haviam se tornado suspeitas por meio de algumas experiências nebulosas.[637] (tradução nossa).

---

635 RIETH, 2009, p. 209.

636 REHFELDT, 2003, p. 45-47.

637 BEER, 1925, p. 40. *„Als P. Broders Umstände alber nach einem Jahr wieder nach Nordamerika zurückkerte, wurde P. Mahler sein an der Gemeinde zu São Pedro. Am P. Mahler ergingen nun die verschiedenste Gesuche um Prediger; von allen Richtungen kam die Bitte: „Besorgen Sie uns einen Pastor!" Und wie wurde nun gehandelt mit solchen Gemeinden un Predigtplässen, die um Hilfe aus ihrem geistlichen Elend baten? P. Mahler reiste hin, hielt mit ihnen Lehrverhandlungen, erklärte ihnen ubsere Stellung in Lehre und Praxis, und in den meisten Fällen kam es zur Berufung eines Pastors. Die gemeinde stellte einen Beruf aus und nahm eine kurze Gemeindeordnung an. Dass hier war auf das Notwendigste gedrungen werden konnte, liegt auf der Hand; den die leute waren zumeist recht schwach in die Erkenntnis, und ausserdem waren sie durch manche trübe Erfahrung misstraulich geworden."*

Beer relata que havia muitas reclamações sobre pastores que eram solicitados a confirmar crianças sem preparação suficiente ou mesmo nenhuma; ou deveriam enterrar um ímpio ou um suicida; essas pessoas queriam ir sem aviso prévio à mesa do Senhor e todos deveriam ser admitidos; as pessoas entravam como membros na igreja pagando as quotas ao tesoureiro, sem que a igreja ou o pastor fossem informados, e exigindo que fossem tratados como membros da igreja; pessoas consideradas infiéis ou mesmo não crentes devem ser aceitos como padrinhos; em resumo, o pastor era obrigado a agir diretamente contra as Escrituras e a Confissão, porque foi erroneamente considerado e entendido que o pastor deveria fazer tudo, fosse bíblico ou não, para aumentar o número de membros da igreja tanto quanto possível.

> Mas, de onde vieram tais queixas que existiam nas congregações, e em alguns casos ainda existem e muitas vezes afetam tudo? Bem, muitas congregações vieram até nós da Igreja Unida, onde não estavam acostumadas com o hábito da igreja, ou estavam acostumadas a serem muito negligentes, quem pagou, era membro. Outros vieram até nós depois de romperem com seu 'pseudo-pastor', que era colono ou algo assim e casualmente 'bancava pastor quando havia um ministério a fazer'. Ainda outros vieram até nós que não tinham nenhum ministério. Em um discurso do presidente, o pastor Mahler nos conta como as congregações individuais foram aceitas e assumidas e como as coisas eram nessas congregações. Ele escreve: 'Viemos sem chamado a lugares onde não havia ministério de pregação. Encontramos luteranos aqui e os ajudamos a organizar uma igreja. Como exemplo citamos nossa primeira igreja, a de São Pedro.'[638] (tradução nossa).

Os pastores do Missouri eram chamados por aqueles que cortaram seus relacionamentos com seus pastores e igreja anteriores. As razões pelas quais essas pessoas rompiam os laços com sua antiga igreja eram examinadas e reconhecidas. Então estas pessoas eram ajudadas a fundar uma nova congregação especificamente evangélica luterana. Segundo relata Mahler:

> Essas pessoas haviam rompido seu relacionamento e agora estavam fora de sua antiga comunidade. Nós não os forçamos, eles vieram até nós e nos

[638] BEER, 1925, p. 43. *„Doch woher kam es , dass sich solche Misststände in den Gemeinden vorfanden, zum Teil noch vorfinden und oft alles mit sich vortriffen? Nun, viele Gemeinden kammen aus der unierten Kirche zu uns, wo sie keine oder doch sehr laxe Kirchensucht gewohnt waren, wer bezalte, war Glied. Andere kamen zu unsnachdem sie mit ihren „Pseudopfarrer", der Kolonist oder sonst etwas war und nebenbei „Pastor spielte, wenn ein Dienst zu tun war", gebrochen hatten. Noch andere kamen zu uns, die das Predigtamt überhaupt nich gehabt hatten. Wie es sich mit der Aufnahme und Übernahme der einzelnen Gemeinden verhielt, und wie es in diesen Gemeinden aussah, darüber gibt uns P. Mahler in einer Präsidialrede Auschluss. Er schreibt: „Wir sind ungerufen in solchem Gegenden gekommen, wo noch kein Predigtamt bestand. Wir fanden hier Lutheraner und waren ihnen behilflich eine Gemeinde zu organisieren. Als Beispiel führen wir hierzu unsere erste Gemeinde, die zu São Pedro, an."*

> chamaram. Eles haviam perdido toda a confiança neles, e com razão. Mas, mesmo que eles tenham renunciado à sua antiga congregação sem boas e válidas razões, certamente não era nosso dever mandá-los de volta para suas antigas congregações e pastores, os quais não podemos reconhecer como ortodoxos. Em todo caso, era nosso dever instruí-los e oferecer uma comunidade evangélica luterana. E foi isso que fizemos.[639]

Beer também relata problemas existentes nas primeiras congregações da IELB. Dá como exemplos o fato de que ir à igreja ainda deixava muito a desejar, pois jovens e velhos ainda frequentemente se entregavam a satisfações mundanas colocando-as acima da salvação da alma; que os jovens não eram encorajados suficientemente pelos pais, a ouvir e ler a palavra de Deus, nos cultos da igreja e nas orações domésticas; que ainda existiam muitos casamentos mistos e as consequências eram bem conhecidas. Os membros da congregação, muitas vezes, ainda não tinham a convicção certa e a coragem para testemunhar, privada e publicamente, se levantando e dizendo: “Aqui só pode reinar a palavra de Deus! Queremos apenas agir e andar de acordo com a Palavra de Deus em nossa comunidade!".[640] (tradução nossa).

Ainda segundo Beer, todos estavam trabalhando diligentemente para permear a Palavra de Deus e a prática bíblica luterana. Quase todos os números das revistas produzidas pela igreja traziam as boas novas de que aqui e ali um grande passo adiante fora dado. Alguém lia, por exemplo, que uma nova igreja poderia ser aberta neste ou naquele lugar, que uma escola paroquial fora fundada, que a frequência aos cultos da igreja melhorara, que o sistema de ofertas não bíblico fora quebrado e que contribuições voluntárias para todos os propósitos da igreja haviam sido introduzidas e coroados com bom sucesso, que os elementos ímpios haviam sido eliminados, etc.:

> Em nosso distrito, são publicadas três revistas da igreja, duas em alemão: *‘Evangelisch-Lutherische Kirchenblatt für Süd-Amerika,* e ‘*Evangelical-Lutherische Kirchenbote für Argentina’* e uma portuguesa ‘Mensageiro Luterano’, e têm 800 e 300 assinantes respectivamente de 1925. E desde que foi formada uma sociedade anônima que se propôs a levar livros e revistas cristãs para as congregações, a pressão também ajudará a garantir que a

---

639 MAHLER, *apud* BEER, 1925, p. 44. *„Jene Leute hatten ihr Verhältnis gelöst und standen nun auserhalb ihrer früheren Gemeinde. Dazu haben wir uns ihnen nicht aufgedrängt, sondern sie sind zu uns gekommen und haben uns gerufen. Sie hatten mit Grund alles Zutrauen zu ihnen verloren. Wenn sie sich aber auch ohne Gute, triftige Gründe von ihrer alten Gemeinde losgesagt gehabt hätten, so war es sicherlich nichr unser Pflicht, sie wieder zu ihren alten Gemeinden und Pastoren, die wir nicht als rechtgläubig annerkennen können, zurückzuweisen. Es war fielmehr auf jeden Fall unsere Pflicht, sie zu belehren und zu einer evang. Luth. Gemeide zu sammeln. Und das haben wir getran.“*

640 BEER, 1925, p. 47. *„Hier darf allein Gottes Wort regieren! Nur nach Gottes Wort wollen wir in unsere Gemeinde handeln un wandeln!“*

> palavra de Deus e o ensinamento de Lutero sejam cada vez mais reconhecidos e colocados em prática. Por fim, mencionamos que no dia 25 de outubro foi fundada uma congregação luterana em Novo Hamburgo. Isso é de particular interesse porque faz apenas 25 anos que o primeiro pastor luterano veio ao Rio Grande do Sul e foi recebido pelo pastor Brutschin em Novo Hamburgo.[641] (tradução nossa).

Rieth relata que a esperança de um avanço acelerado do trabalho dos pastores de Missouri no sul do RS acabou sendo frustrada. Grande parte das comunidades livres não quis seu atendimento e a influência dos pastores-colonos se mantinha muito robusta. Outrossim, os pastores missourianos não tinham a boa vontade de dar o reconhecimento aos pastores-colonos mais do que apenas leigos iguais aos outros. Por outro lado, em inúmeras oportunidades, pastores foram enviados para assistir a grupos dissidentes de comunidades ligadas a outros sínodos, como comunidades ligadas ao Sínodo Riograndense. O inverso também aconteceu. De comunidades ligadas ao Missouri surgiram dissidências que pediram o atendimento de pastores de outros sínodos. Não há notícia de divisões acontecidas por razões confessionais. Em geral, desde muito antes da vinda sistemática de pastores formados e ordenados ao Brasil, se brigava por questões de administração comunitária e escolar, de patrimônio, quando da construção de templos etc.[642]

No início, havia um critério de seleção por parte de pastores quanto à assistência ou não assistência a certo tipo de colonos. O critério era o tipo de espiritualidade. Quanto mais eles tivessem uma vida de fé e conduta regradas pelo reavivamento pietista, fortemente enraizado nos pastores, tanto mais eles eram objeto da missão interna:

> O que não se moldava ao modelo de piedade dos pastores era automaticamente tachado de frieza, indiferentismo religioso e licenciosidade. Esse critério de seleção era muito forte e se tornou um dos critérios apontados por Broders em 1900 para, num primeiro momento, desrecomendar toda e qualquer atividade do SM no Brasil.[643]

---

641 BEER, 1925, p. 49. *„Im unserem Distrikt werden drei kirchliche Zeitschriften, zwei deutsche: „Evangelish-Lutherische Kirchenblatt für Südamerika“ und „Evangelish-Lutherische Kirchenbote für Argentinien“ und eine Portuguiesiche „Mensageiro Luterano“, herausgegeben und respektivevon 1925, 800, 300 Abonennten gehalten. Und da sich eine Aktiengesellschaft gebildet hat, die es sich zur Aufgabe gemacht hat, christliche Bücher und Zeitschriften in die Gemeinden zu bringen, so wird auch die Ptresse mithelfen, dass Gottes Wort und Luthers Lehr‘ immer besser erkannt und in die tat umgesetzt wird. Zum Schluss erwähnen wir noch dass am 25. Oktober eine lutherische Gemeinde in Novo Hamburgo gergründet wurde. Dies ist von besonderem Interesse, weil es gerade 25 Jahre sind, seit der erste lutherische Pastor nach Rio Grande do Sul kam und bei P. Brutschin in Novo Hamburgo Aufnahme fand.”*

642 RIETH, 2009, p. 215.

643 RIETH, 2009, p. 217.

Os pastores e as comunidades do Sínodo Missouri eram totalmente contrários ao ecumenismo e unionismo. Ainda hoje se faz presente na IELB este pensamento. A respeito do termo unionismo, consta nos Estatutos da IELB, 2022, artigo 89, parágrafo VII, p. 38, que será considerado pastor da IELB aquele que preencher os seguintes requisitos: “Renunciar ao unionismo que fira os princípios bíblicos e confessionais e ao sincretismo de qualquer espécie.”

Quanto a alguns dos aspectos doutrinários da IELB, seus Estatutos afirmam, no artigo 3, p. 3, que a IELB aceita todos os livros canônicos da Escritura Sagrada, como palavra infalível, revelada por Deus. Outrossim, como única exposição correta da mesma, aceita os livros simbólicos reunidos no Livro de Concórdia, e, ressalta que, não admitirá alteração alguma desta norma. A IELB se propõe a propagar o Evangelho de Jesus Cristo, zelando pela administração correta dos sacramentos do Batismo e da Santa Ceia e pelo correto ensino das Escrituras Sagradas. Para tanto, formará pastores, professores, diáconos, evangelistas e outras categorias de obreiros, organizando e mantendo escolas de todos os níveis. Ressalta que, em obediência ao princípio constitucional da separação entre Igreja e Estado, as congregações e pastores não se envolverão em questões de política partidária.

A IELB, em sua **Revista do Planejamento 2022,** em “Declarações de Direção – Missão, Propósito, Valores e Visão da IELB”, especifica as suas metas, como seguem. NOSSA MISSÃO - Proclamar Cristo para todos: “O lema geral da IELB, Cristo Para Todos, já está em uso desde maio de 1991, mas a IELB sempre proclamou Cristo para todos, desde os seus primórdios, dentro da visão global da Santa Igreja Cristã e da missão de Deus.” NOSSO PROPÓSITO - Compartilhar o Evangelho de Cristo para promover a evangelização e o crescimento espiritual: “O que queremos conseguir é que as pessoas conheçam o Salvador Jesus, creiam nele e sejam salvas. E esperamos que as pessoas cresçam no conhecimento do Salvador, que cresçam na fé e na nova vida como filhos de Deus.” NOSSOS VALORES - A ação e o amor de Deus através da sua Palavra e dos sacramentos do Batismo e da Santa Ceia, que concedem perdão, vida e salvação em Cristo: “Deus usa sua Palavra para dar vida a todos. No Batismo, sua Palavra está ligada à água para transformar pecadores em filhos amados de Deus. Na Santa Ceia, Deus usa pão e vinho unidos à sua Palavra

para dar perdão e vida eterna, fortalecendo a fé."[644] NOSSA VISÃO - Sermos uma Igreja luterana confessional que vai ao encontro das necessidades das pessoas:

> Ir ao encontro das pessoas e ajudá-las em suas necessidades. É isso que queremos fazer, considerando o ser humano integral. Não queremos apenas atender sua necessidade primeira – a de perdão, vida e salvação. Mas também queremos dar-lhe pão e água, recebê-lo em nossa casa e vesti-lo, visitá-lo quando doente ou preso.[645]

Este planejamento não é resultado somente do trabalho da Comissão de Planejamento, eleita pelo Conselho Diretor da IELB. Trabalharam todos os Departamentos do Conselho Diretor, especificamente nas reuniões semestrais de 2016 e 2017, bem como também a Diretoria Nacional, cuja contribuição foi fundamental para o estabelecimento de alvos gerais e específicos, em alinhamento com as diversas áreas de ação da IELB. As duas maiores igrejas luteranas brasileiras sob o Cruzeiro do Sul tiveram a oportunidade de participar, de forma inédita em conjunto (IELB apenas como observadora), de um encontro internacional realizado na Argentina, em 1971. Isso poderia sinalizar para um diálogo mais prático, em busca de encontros entre as mesmas.

5.1.2 *5º Congreso Luterano Latinoamericano: El llamado de Cristo y nuestra respuesta*

Os diálogos fraternos podem ajudar a que se conheça cada vez mais e melhor a diversidade presente nas denominações, inclusive de confissões comuns, que podem ser testemunhos da fé. Muitas vezes aparece a ignorância sobre aspectos históricos e tradicionais presentes na formação das mesmas. As confissões próprias podem se tornar oportunidades para um diálogo fraterno, franco e aberto sobre as possibilidades e dificuldades presentes na diversidade. Não é inevitável que os grupos vivam isolados uns dos outros e, às vezes, em profunda competição.

"El llamado de Cristo y nuestra respuesta", é o documento do *5º Congreso Luterano Latinoamericano*, realizado em José C. Paz, Buenos Aires, Argentina, de 2 a 6 de agosto de 1971, com a participação das igrejas luteranas da Argentina, Escandinávia, Bolívia, Brasil, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Panamá, Chile,

---

[644] **REVISTA** do Planejamento da IELB 2022. Nilo Wachholz (ed.). Porto Alegre: Concórdia, 2022. p. 10-11.
[645] **REVISTA**, 2022, p. 11.

Equador, Guiana, México, Porto Rico, Uruguai, Venezuela e convidados especiais. É importante lembrar o desenvolvimento do luteranismo no continente latino-americano e a história dos congressos que se antecederam. Durante muitas décadas, os diferentes grupos luteranos, que emigraram da Europa e dos Estados Unidos da América, viveram isolados uns dos outros e, às vezes, em franca competição. Representando as duas maiores igrejas luteranas brasileiras estavam por parte da IECLB: pastor Augusto E. Kunert (vice-presidente), pastor Godofredo G. Boll, professor Dr. Gottfried Brakemeier, teólogo Dietrich Brene, pastor Germano Burger, Dr. Rodolfo Doerzapff, pastor Carlos F. R. Dreher e pastor e professor Bertoldo Weber, sendo todos delegados. Da parte da IELB estavam presentes o presidente, pastor Elmer Reimnitz e o pastor Martin Carlos Warth, ambos como observadores.

Os primeiros congressos priorizaram estabelecer uma relação que engendrasse um conhecimento mútuo. No *5º Congreso Luterano Latinoamericano* o foco foi a preocupação com a renovação da vida do luteranismo para que se despojasse do seu apego a formas e tradições eclesiásticas e religiosas, a definição de sua missão em função do Evangelho no contexto presente e a questão do diálogo entre os próprios luteranos. Se o *4º Congreso* atuou sob o impacto do Vaticano II, o 5º foi antecedido pela II Conferência Episcopal Latinoamericana, 1968, realizado em Medellín. O *4º Congreso Luterano Latinoamericano* celebrado em Lima, em 1965, foi sob o tema "Presença Responsável da Igreja Luterana na América Latina", em especial, a necessidade do luteranismo de sair de si mesmo e se inserir na vida e realidade do contexto social em que vivia, conforme a afirmação na "Mensagem de Lima":

> Somos responsáveis por um testemunho cristão dirigido a toda a sociedade dos países latino-americanos. Reconhecemos que nossas igrejas não devem existir como um fim em si, mas que são enviadas a viver no mundo e por ele [...]. Somos responsáveis pelo mundo em que Deus nos tem posto. [...] Somos chamados a identificar-nos com os problemas da nossa sociedade em amor genuíno.[646] (tradução nossa).

No 5º *Congreso* os temas de estudo foram 1. O evangelho e nossa renovação; 2. O evangelho e nossa missão; 3. O evangelho e nossa ação e 4. O evangelho e

[646] WEIGANDT, Ernesto W. (ed.) **El llamado de Cristo y nuestra respuesta.** 5º Congreso Luterano Latinoamericano. Buenos Aires: Publicaciones El Escudo, 1972. p. 6, "*Somos responsables por un testimonio cristiano dirigido a toda la sociedad de los países latinoamericanos. Reconocemos que nuestras iglesias no deben existir como un fin en sí, sino que son enviadas a vivir en el mundo por él […] Somos responsables por el mundo en que Dios nos ha puesto. […] Somos llamados a identificarnos con los problemas de nuestra sociedad en amor genuino.*"

nossa unidade. Havia a preocupação necessária na renovação da vida do luteranismo, além de determinar com precisão qual seria sua missão em função do Evangelho e as circunstâncias presentes. Por fim, a questão do diálogo, tanto entre as próprias pessoas luteranas bem como com as demais pessoas cristãs, em fidelidade ao Evangelho. Ficou evidenciado neste congresso a divisão que existia em todo o cristianismo – além das barreiras denominacionais.[647] O editor Ernesto W. Weigandt ressalta na sua Introdução:

> Em resumo, pode-se dizer que muitos problemas que afligiam os luteranos na América Latina desapareceram. Acima de tudo, ignorância mútua e barreiras históricas e tradicionais. […] No entanto, tornou-se claro que as diferenças estão se agudizando e as posições estão se polarizando, quanto à relevância da fé cristã e ao alcance da ação e à contribuição particular que o luteranismo pode oferecer no contexto da sociedade de nosso continente.[648] (tradução nossa).

Este encontro foi um acontecimento importante para o luteranismo latino-americano, no sentido de buscar sair de si mesmo e se inserir na vida e realidade do contexto social em que vive. Neste sentido, a diversidade como testemunho próprio de fé pode servir de possibilidade para um diálogo fraterno.

5.1.2.1 O Evangelho e a nossa Unidade

Harding Meyer, em sua palestra *"*O Evangelho e nossa Unidade", afirma: "Nós devemos abandonar a opinião de que um completo consenso teológico seja pura e simplesmente a necessária condição prévia para uma comunhão entre as igrejas."[649] Ele propõe analisar três pontos: 1. Novos impulsos e aspectos do pensamento ecumênico hoje, onde aponta para quatro orientações: a) Nós devemos abandonar a opinião de que um completo consenso teológico seja pura e simplesmente a necessária condição prévia para uma comunhão entre as igrejas; b) A orientação quanto à missão e tarefa da Igreja nos proíbe uma atitude retrospectiva em nossos esforços para a unidade; c) A forte orientação do pensamento ecumênico quanto à

---

[647] WEIGANDT, *1*972, p. 9.

[648] WEIGANDT, 1972, p. 10. *"Em resumen, se puede decir que muchos problemas que aquejaban a los luteranos de América Latina se han desvanecido. Sobre todo, el desconocimiento mutuo y las barreras históricas y de tradición. […] Con todo, ha quedado en claro que se están agudizando las diferencias y se están polarizando las posiciones, en cuanto a la pertinencia de la fe cristiana y el alcance de la acción y la particular contribución que podría hacer el luteranismo en el contexto social de nuestro continente."*

[649] MEYER, 1972, p. 88.

missão da Igreja no mundo reforça e aprofunda a opinião da necessidade de ser o serviço cristão múltiplo e diversificado; d) A forte orientação do pensamento ecumênico em relação à tarefa e missão implica finalmente numa nova avaliação e num conceito novo de cooperação cristã e eclesiástica. 2. Aproximações ecumênicas e a questão da unidade luterana; 3. A questão da comunhão eclesiástica regional e universal.[650] Meyer lembra um fato marcante presente no congresso realizado em Lima, o fim da era confessional, quando afirma: "[...] igrejas confessionais, autosatisfeitas consigo mesmas, isoladas e acusadoras em relação às outras, como as que conhecemos a partir da Reforma, pertencem ao passado. 'Os dias da porta cerrada são terminados!'"[651] No diálogo interdenominacional é preciso alertar para que ele não se torne absolutista, como se fosse o final de todos os caminhos ecumênicos, mas precisa desembocar em decisões concretas. Não se pode usar o diálogo sem compromisso como um álibi ecumênico, sem que leve à realização de algo.

Assim, o esforço para um diálogo fraterno não deve conduzir a Igreja a se ocupar com seus problemas, suas discórdias, ou às relações das igrejas entre si, levando a um estreitamento em relação ao pensamento ecumênico, mas deve levar à ênfase na sua missão e testemunho a cumprir no mundo. É preciso reconhecer os sinais dos tempos e como igreja peregrinante, enfrentar os problemas da época. Acompanhamos Meyer nesta direção:

> A missão da Igreja consiste propriamente em que deve estar inserida no mundo, porque esse amor constrói a humanidade na história. A história não se detém. É a essa história em contínua evolução, que Deus se dirige com sua palavra revelada, através de uma comunidade viva que deve traduzir a palavra para esses 'sinais dos tempos' que são indispensáveis para o diálogo humano. Isso não permite à Igreja contentar-se com respostas já anteriormente dadas.[652]

Neste sentido, é importante encontrar graus intermediários de comunhão, em vários graus de acordos teológicos, se abstendo da posição perfeccionista do "tudo ou nada", conforme ressalta Meyer:

> Uma confissão comum e uma doutrina comum não são exclusivamente consequência de uma comunhão já anteriormente vivida, e vice-versa a comunhão vivida não é unicamente consequência de um consenso

[650] MEYER, 1972, p. 83-97.
[651] MEYER, 1972, p. 83.
[652] RENNECKE, Martinho. **A Igreja vai onde o povo está!** Belo Horizonte: Koinonia, 2018. p. 153.

> doutrinário já alcançado. Ambos aspectos devem crescer juntos e se aprofundar reciprocamente.[653]

Outrossim, tem pouco sentido procurar nos dias atuais uma base para o diálogo em acordos teológicos ocorridos séculos antes. Acordos teológicos presentes em afirmações de confissão podem ter um efeito desbloqueador para os esforços atuais, mas é necessário, em comum, explicar e formular de maneira nova o Evangelho em relação à situação contemporânea. Ainda neste ponto, o serviço cristão precisa ser múltiplo e diversificado, não deve tentar superar as diversidades, mas procurar as diferenças autênticas, que corresponda à tarefa de uma pregação nova para um mundo multiforme. Por fim, é necessário um novo conceito de diálogo eclesiástico onde esteja presente uma estreita relação entre acordo teológico e cooperação, uma interdependência, como afirma Meyer: "[...] uma ação comum, [...] é somente possível e tem sentido, e vem a ser realmente uma ação comum, se também em comum estiver determinado o que deve ser pregado, ensinado, comunicado e praticado."[654]

Os diálogos ecumênicos têm avançado com resultados encorajadores e as diversidades no pensamento teológico não precisam mais ser um divisor eclesiástico. A título de exemplo, a doutrina da justificação[655] parece hoje não representar um problema, assim como na concepção, especialmente, da palavra de Deus e do ministério eclesiástico. É importante entender como esses diálogos podem influir mais fortemente na situação latino-americana ou mesmo servir de modelo para os diálogos, pois há questões fundamentais que são as mesmas em todos os lugares, não havendo a necessidade de os diálogos iniciarem do ponto zero. Por outro lado, pode acontecer que acordos entre igrejas confessionais diversas podem trazer afastamento de grupos luteranos entre si, assim, de novas realizações de aproximação podem surgir novas separações. O que fazer então? Uma opção seria não fazer nenhum avanço ecumênico que não possa ser acompanhado por todas as igrejas confessionais convergentes, ou, então, não fazer nada. Quanto à tarefa ecumênica do luteranismo, Meyer propõe que haja um diálogo tríplice entre o catolicismo, entre as igrejas protestantes e o diálogo interluterano, tendo esse como ponto de partida e base, sem que se torne uma condição prévia.[656] Não levando em conta o critério de proximidade

---

653 MEYER, 1972, p. 88.
654 MEYER, 1972, p. 90.
655 A justificação pela fé é entendida como o ato jurídico da parte de Deus em que Ele declara justos homens injustos, por causa dos méritos alcançados pela obra e vida de seu Filho.
656 MEYER, 1972, p. 93-94.

teológica ou histórica das confessionalidades, mas levando em conta a situação concreta em que elas se encontram, sua proximidade espacial, cotidiana, onde enfrentam os mesmos problemas em um determinado tempo e local, as maiores igrejas luteranas brasileiras, IECLB e IELB teriam o compromisso ecumênico de dialogarem teologicamente e procurarem esforços conjuntos, em testemunhos que trouxessem luzes para a situação social brasileira e latino-americana: “A Igreja como instrumento precisa se expor ao sofrimento e à vida daqueles com quem deseja dialogar; precisa romper com a prática convencional restrita às quatro paredes confortáveis de um gabinete pastoral.”[657]

Em conclusão, testemunho e tarefa cristãos não se realizam no abstrato ou no genérico, mas num contexto concreto, em situações históricas e culturais, em face de problemas sociais específicos, o que vai determinar o testemunho e um princípio de ação das pessoas cristãs em determinado local. Uma comunhão geral de igrejas de confessionalidades convergentes é possível quando a mesma acontece dentro de situações particulares e locais, sendo necessário batalhar por ela, ser cultivada e protegida. Meyer faz uma importante constatação quando afirma: “[...] precisamente porque o Evangelho é válido para todas as culturas, raças, nações e épocas, ele se apresenta sob múltiplas formas culturais, históricas, étnicas e geográficas.”[658]

Separações confessionais convergentes em âmbitos nacionais, regionais, raciais ou culturais podem ser mais nocivas e prejudiciais para a reconciliação da Igreja no mundo do que as próprias diversidades confessionais. Não se deveria passar por cima desta questão de forma precipitada, especialmente a comunhão entre igrejas luteranas de uma mesma nação não poderia ser uma afirmação vazia ou uma ideia imaterial.[659] Há necessidade de uma renovação na vida do luteranismo, para que se despoje de seu apego a formas e tradições eclesiásticas e religiosas; que não seja um mero palavrório de jargões teológicos, mas testemunhos que signifiquem compartilhar o amor de Deus presente no Evangelho, para uma existência autenticamente humana. Neste sentido, seguimos Mayer:

> No passado Igreja e mundo se revezaram no comando das ações e, na maioria das vezes, como concorrentes. Recentemente tem se procurado entender que a igreja foi chamada a servir este mundo onde Deus se faz presente. O reino de Deus se move no mundo e a Igreja caminha por ele

[657] RENNECKE, 2003, p. 29.
[658] MEYER, 1972, p. 96.
[659] MEYER, 1972, p. 96.

> procurando os seus sinais e manifestações; quando O encontra, no rosto do seu próximo, O serve, enaltecendo o outro e modificando a si mesmo, neste projeto de unidade e complementaridade.[660]

Apesar de que dentro das mais diversas denominações podem ser notadas tendências, posicionamentos, correntes, tensões, divergências e conflitos semelhantes, todas atravessam certo grau de crise de identidade e, por vezes, um irmão luterano sintoniza melhor com seu irmão católico do que com outros luteranos. Assim sendo, o diálogo entre as igrejas não será fruto de um arranjo técnico nem uma fórmula de compromisso e concessões mútuas, mas no empenho comum, em arrependimento constante, pela verdade e vivências evangélicas neste mundo sofrido.[661]

Se católicos e luteranos conseguem manter diálogos frutíferos e fraternos, apesar de suas confissões diversas, confissões teológicas comuns e convergentes podem ser testemunhos de fé e possibilidades para um diálogo fraterno e fornecer caminhos e subsídios que, apesar das diversidades, podem promover entendimentos comuns. Neste sentido, infelizmente a vivência e a prática eclesial estabelecem valores próprios, que devem ser levados em conta, analisados, e, especialmente confrontados com a mensagem fundamental do Evangelho, que é a essência das confissões, se tornando reformáveis. Apesar da diversidade de concepções e ideias isto não precisa ser visto como uma falência ou uma doença aguda da Igreja. Poderá brotar uma reflexão, que leve ao diálogo e a um despertamento de um sono despreocupado das comunidades com referência ao questionamento de valores tradicionais, por novas maneiras de convivência, novas estruturas sociais e, por que não, por uma nova fé. “Uma mensagem só pode ser boa notícia em relação a uma expectativa. Toda evangelização então começa em escutar. Não é só falando e mantendo calado o ouvinte para que escute uma exposição completa e lógica.”[662]

Para que seja uma Igreja que traz respostas aos problemas do mundo, é necessário que ela primeiro escute as perguntas e não dê respostas construídas há séculos passados, para perguntas de então. “Ouvir não significa fazer-se indiferente à realidade exposta pelo outro. Mas, respeitar a sua história e formação humana; caminhar e transformar. Sentir, pensar, julgar e caminhar de maneira muito própria,

---

660 RENNECKE, Martinho, 2003, p. 75.
661 ALTMANN, Walter; WEBER, Bertholdo. Desafio às Igrejas – Diálogo Ecumênico em Tempos de Mudança. São Paulo: Edições Loyola; São Leopoldo: Sinodal, 1976. p. 9.
662 RENNECKE, 2018, p. 56.

cada qual à sua maneira."[663] A Igreja nasceu da Palavra, portanto, da mensagem, da comunicação, do diálogo. Sua essência é dialogar. Quando ela se enclausura e não dialoga, ela não tem mensagem, portanto, não tem Evangelho.

5.1.2.2 "Salvación, Misión y Humanización"

Esta conferência foi apresentada por Yoshiro Ishida[664], em Oslo, Noruega, na reunião do Comitê Executivo da FLM, de 6 a 13 de junho de 1971, e que foi recomendada às igrejas para estudo, sob o título *"Salvación, Misión y Humanización"* (Salvação, Missão e Humanização*).* Na obra sobre este *Congreso Luterano Latinoamericano* consta como Apêndice para material de consulta. O trabalho apresentado reflete a preocupação sobre a tarefa primordial das igrejas, não em separado, mas, em conjunto sobre a missão das igrejas, a partir da demanda do Evangelho. Se a salvação é individual, então, pode se realizar a partir de concepções institucionalizadas, a partir de um grupo com suas convicções próprias. Mas, se o alvo da missão da igreja passa por uma humanização, então a tarefa será mais ampla e não poderá ser realizada por uma pequena facção do cristianismo. É necessário um diálogo fraterno que traga condições para que, a partir de pontos convergentes inspirados no Evangelho, como testemunhos de fé, a empreitada tenha mais curso e seja mais robusta, concretizando com mais presteza e eficácia a sua missão.

A ideia de que a missão de salvação e a tarefa de humanização estão integralmente relacionadas entre si era motivo de discussão e gerava pontos de vista polarizados e que dividia as pessoas em posições diversas. Ishida aponta seis

---

663 RENNECKE, 2018, p. 58.

664 https://www.lutheranworld.org/news/lwf-tribute-japanese-theologian-dr-yoshiro-ishida. n.p. Acesso em: 28 mar. 2023. *"Born into a strict Buddhist family on the island of Miyako off Okinawa, Ishida became a Christian and was ordained by the Japan Evangelical Lutheran Church in 1955. After serving several congregations in Japan, he began his first stint at LWF as Asia secretary in 1964, serving four years. He served the then Department of Studies at an important time for the LWF (1978-1986). [...] Before joining the LWF, Dr Ishida served several congregations in Japan. After his first Geneva service, he pursued doctoral studies at the Lutheran School of Theology at Chicago (LSTC), then taught at the Japan Lutheran Theological College/Seminary."* "Nascido em uma família estritamente budista na ilha de Miyako, perto de Okinawa, Ishida se tornou cristão e foi ordenado pela Igreja Evangélica Luterana do Japão em 1955. Depois de servir a várias congregações no Japão, ele começou sua primeira passagem pela LWF (FLM) como secretário da Ásia em 1964, cumprindo quatro anos. Serviu o então Departamento de Estudos em um momento importante para a LWF (1978-1986). [...] Antes de ingressar na LWF, o Dr. Ishida serviu em várias congregações no Japão. Depois de seu primeiro serviço em Genebra, ele fez seus estudos de doutorado na Escola Luterana de Teologia em Chicago (LSTC), depois lecionou no Seminário/Faculdade Teológica Luterana do Japão." (tradução nossa).

possibilidades de abordar estas questões. 1) Adotar uma posição com exclusão das outras; 2) adotar uma e considerar as restantes como suplementares; 3) adotar vários pontos de vista como complementares; 4) encontrar uma terceira posição intermediária; 5) adotar a terceira e rechaçar as outras, ou, 6) valer-se dos problemas criados, a fim de discernir o objetivo dos partidários em sua diversidade de pontos de vista.[665] Ele mostra sua preferência pelo ponto seis:

> Devo admitir que tenho preferência pela sexta abordagem, pois consigo perceber uma certa inevitabilidade histórica na evolução dos argumentos, e entendo a crescente tensão entre as posições divididas representadas no debate. Mas não posso aceitar a necessidade de transformar a divisão em polarização.[666] (tradução nossa).

O problema da missão cristã não era tanto considerado em seu aspecto externo, ou seja, a estratégia ou a metodologia da missão, mas em seu aspecto interno: o que seria a missão cristã em essência? Ishida aponta seis aspectos colhidos de uma investigação realizada no ocidente sobre as linhas gerais que se haviam concebido como expansão missionária no século XIX.[667] Em primeiro, ressalta o fracasso da mentalidade cristã. A identificação, sem questionamento, do mundo ocidental e sua cultura com o cristianismo, tem sido constantemente exposta a toda sorte de críticas, como um tipo de missão que se leva a cabo como um movimento em uma só direção, do ocidente cristão ao mundo não-cristão. Os estudos têm desbaratado semelhante mentalidade e têm iniciado a sua derrubada. Em segundo lugar, aponta para a impertinência da separação categórica entre o mundo cristão e o não-cristão. Especialmente após a Segunda Guerra Mundial, cresceu a oposição a tal separação, pois não se dispunha de um padrão específico para estabelecer e assegurar como cristã uma determinada parte do mundo.

Por terceiro, o rechaço da missão como um movimento horizontal, do ocidente ao oriente, mas, uma consequente reafirmação da *missio Dei,* segundo a qual, todo o povo de Deus, se reside ou não no ocidente, tem sido enviado ao mundo e todas as pessoas cristãs são missionárias no mundo. Em quarto lugar, a mudança de uma

---

665 ISHIDA, Yoshiro. Salvación, Misión e Humanización. *In:* WEIGANDT, Ernesto W. (ed.) **El llamado de Cristo y nuestra respuesta.** 5º Congreso Luterano Latinoamericano. Buenos Aires: Publicaciones El Escudo, 1972. p. 133-134.

666 ISHIDA, 1972, p. 134. *“Debo admitir que siento preferencia por lo sexto enfoque, pues puedo percibir cierta inevitabilidad histórica en la evolución de los argumentos, y comprender la creciente tensión entre las posiciones divididas representadas em el debate. Pero no puedo aceptar la necesidad de convertir la división en una polarización.”*

667 ISHIDA, 1972, p. 134-136.

expansão denominacional para uma igreja missionária. A tal “missão eclesiástica” de plantar igrejas teria sido uma expansão denominacional da igreja, e se havia convertido em uma propaganda de cada denominação, ao invés da proclamação do Evangelho. Em quinto lugar, uma mudança na igreja. Uma transformação da igreja de uma “estrutura de assimilação” introvertida e cuidadosa de se preservar, em uma “estrutura” aberta ao diálogo fraterno e dinâmica. O debate sobre este tema tem chegado ao ponto de se perguntar se a igreja não deveria ser considerada unicamente como uma função missionária. Por fim, uma transição de um enfoque individual para um coletivo. A igreja não pode se permitir ao luxo de abordar simplesmente a função de salvação individual. Neste contexto de conversão deve se considerar não somente sua dimensão vertical – de Deus frente ao ser humano – mas também em seu aspecto horizontal, a saber, estimulando a responsabilidade social. Ishida ressalta:

> Como consequência da reflexão sobre essas observações, os debates atuais deram origem a uma tensão crescente que divide as pessoas. A tensão parece culminar em uma infeliz polarização entre aqueles que enfatizam o anúncio do evangelho para a salvação individual e aqueles que enfatizam o compromisso social no processo de humanização.[668] (tradução nossa).

Ambos os lados cometem o erro de não discernir a gravidade e as profundas dimensões da realidade do mundo em que existem, sua diversidade, e ao qual tem sido enviadas as igrejas. Não se pode simplesmente se sentir satisfeito com a afirmação de que tudo o que não é teológico deve ser antropológico. A atividade cristã não é nem Deus, nem a pessoa em abstrato; nem a metafísica de Deus, nem a ciência do ser humano consideradas em separado. Ishida aponta para o centro da questão:

> A salvação, que consiste em levar a alma individual perdida à bem-aventurança escatológica, nunca pode ser apreendida plenamente, independentemente da sua realização na dimensão terrena do 'aqui e agora', e da sua solidariedade coletiva com o próximo, por quem também Cristo morreu.[669] (tradução nossa).

---

[668] ISHIDA, 1972, p. 136. *“Los debates actuales han suscitado, como consecuencia de la reflexión sobre estas observaciones, una tensión cada vez mayor que divide a la gente. La tensión parece culminar en una lamentable polarización entre los que hacen hincapié en la proclamación del evangelio para la salvación individual, y los que recalcan el compromiso social en el proceso de humanización.”*

[669] ISHIDA, 1972, p. 138. *“La salvación, que consiste em llevar al alma individual perdida hasta la bienaventuranza escatológica, no puede ser aprehendida – nunca – plenamente, prescindiendo de su realización en la dimensión terrenal de ‘aquí y ahora’, y de su solidaridad colectiva con el prójimo, por quien también Cristo murió.”*

É necessário recordar a ampla perspectiva da missão cristã. Ela se baseia no tripé *kerygma, koinonía e diakonia* (proclamação, comunhão e ação social). A reunião de Willingen[670] declarou em suas recomendações sobre missão que o testemunho se daria mediante a proclamação, na comunhão e no serviço. Logo o conceito de *kerygma* foi se ampliando gradualmente, até incluir o da *martyria (ser mártir, testemunha que dialoga)* ou se igualar a ele; disto se deduz que o testemunho, o diálogo fraterno do apostolado leigo chega a se considerar tão importante ou mais, que o da missão. A obra de Deus por estar orientada para o mundo precede a igreja.

Por fim, Ishida faz o questionamento se Deus pode utilizar qualquer coisa para levar a cabo seus propósitos, o que distingue a igreja nesta ação? Qual seria a diferença entre a função missionária da igreja e os outros agentes de Deus? Neste sentido afirma que o mundo não é a igreja, mas a igreja é a comunidade apostólica no e para o mundo e aponta duas razões.[671] A primeira razão seria que a Igreja é o meio e a meta da missão. Ishida faz uma crítica ao pensamento de que a igreja somente pode existir na medida em que é missão. Ele faz uma distinção entre igreja e missão. O aspecto somático e físico da igreja, por mais pecaminosa que seja e por mais que funcione mal, precisa ser reconhecida como igreja. Faz um paralelo com a doutrina da presença real na Ceia do Senhor. A Ceia é a presença do corpo e sangue de Cristo, mesmo que os que participam não entendam ou aceitem esta realidade. Assim não se pode afirmar que uma igreja por não ser missionária não seja igreja:

> Na realidade, a missão por si só não sustenta e não pode manter a igreja; o que sustenta uma igreja como tal é a celebração da realidade da vida, morte e ressurreição de Cristo por meio da graça. A igreja é, então, o lugar onde saboreamos, antecipadamente, a nova vida no reino de Deus.[672] (tradução nossa).

Este caráter duplo da igreja, de ser meio e meta indica que o lugar da igreja na missão total de Deus no mundo seja único em seu gênero. Como meio, a igreja é

---

[670] Conferência do CoMIn (Conselho Missionário Internacional), ocorrida na Alemanha, em 1952, que iniciou a construir um novo paradigma. A igreja não poderia ser nem o ponto de partida nem o ponto de chegada da missão. A obra de salvação de Deus vem antes da igreja quanto a missão, ou seja, não se pode subordinar a missão à igreja e, menos ainda, a igreja à missão. Ambas deveriam ser inseridas na *missio Dei* (missão como derivada da própria natureza de Deus), que se tornou o paradigma.

[671] ISHIDA, 1972, p. 141.

[672] ISHIDA, 1972, p. 142. *"Em realidad, la misión por sí sola no mantiene ni puede mantener a la iglesia; lo que, en última instancia, sustenta a una iglesia como tal, es la celebración de la realidad de la vida, muerte y resurrección de Cristo a través de los medios de gracia. La iglesia es, pues, el lugar donde gustamos, por anticipado, la nueva vida en el reino de Dios."*

e vai continuar sendo uma função, mas como meta e meio ao mesmo tempo é o instrumento da missão de Deus. Neste sentido, a definição de igreja seria uma comunidade (meio) apostólica (meta). A segunda razão é a relação de imediatismo e mediação. Ishida destaca que a impressão que se tem é que se está ingressando em uma nova fase da história do movimento ecumênico, que centra a sua atenção mais no mundo do que na igreja: "Quanto mais atenção é dada ao mundo planetário e a toda a humanidade, mais críticas são feitas à igreja introvertida e introspectivamente institucionalizada, cujo principal objetivo é se preservar. Esta igreja precisa ser urgentemente reformada ou renovada"[673] (tradução nossa). Enquanto Deus atua diretamente em seu mundo, a tarefa primordial da igreja como resposta positiva a esta vontade de Deus passa a ser discernir a providência de Deus em meio as mudanças do mundo. Sendo assim, a ordem do dia para o mundo não provém da igreja, mas, sim, ocorre o contrário. Segundo Ishida:

> [...] permaneçamos atentos às oportunidades missionárias, oportunidades que devem ser encontradas na luta por uma nova sociedade, ou justiça social e bem-estar. Assim, somos instados a considerar a missão como um convite a participar da revolução humanizadora.[674]

Sendo assim, a igreja está comprometida em adotar uma forma e um ministério diferentes, e também assumir uma forma mais dinâmica. É possível estabelecer uma distinção entre a ação providencial e a ação redentora de Deus, por meio da tarefa *kerygmática* da igreja? Se a reabilitação de toda humanidade se produz fora da igreja institucionalizada, através de organizações seculares com a qual a igreja é instada a cooperar, qual seria o caráter cristão do enfoque eclesiástico e a meta da missão cristã? Qual seria a relação de imediatismo e mediação da missão da igreja com a tarefa da humanização? Ishida recorre ao binômio do luteranismo de Lei e Evangelho, uma compreensão das funções próprias de cada um e sua relação complementar. Ao se proclamar o caráter absoluto do Evangelho do perdão dos pecados, se deve reconhecer a universalidade da lei. Todas as pessoas em todas as partes e em todo tempo, bem além dos limites geográficos, étnicos e religiosos, estão

---

673 ISHIDA, 1972, p. 143. *"Cuanta más atención se presta al mundo planetario y a toda la humanidad, tanto más se critica a la iglesia introvertida e introspectivamente institucionalizada, cuya meta principal es preservarse a sí misma. Esta iglesia debe ser reformada o renovada urgentemente."*

674 ISHIDA, 1972, p. 143. *"[...] nos mantengamos atentos a las oportunidades misioneras, oportunidades que deben ser encontradas en la lucha por una sociedad nueva, o la justicia y bienestar sociales. Así, se nos insta a que consideremos la misión como una invitación para participar en la revolución humanizadora."*

submetidas à lei. Nesta base Ishida fundamenta o imediatismo da igreja com respeito à humanização:

> Nesta base da universalidade da lei ou na ordem da economia divina, a Igreja aceita em princípio contatos, participação e até cooperação com todos aqueles que se unem, no âmbito da lei, à tarefa de humanização. Na esfera da lei, não há distinção categórica entre cristão e não cristão, nem entre os que estão dentro e os que estão fora da igreja.[675] (tradução nossa)

Como todas as pessoas estão submetidas à lei, significa também que a condenação cai sobre todas. A lei enfrenta todas as pessoas, em todo tempo, com as exigências divinas que trazem à consciência seu estado pecaminoso e o terrível cativeiro a que estão submetidas. Somente Cristo pode salvar e resgatar do cativeiro. Esta é a realidade absoluta à qual a igreja está chamada a dar testemunho como uma comunidade das "primícias" do Espírito Santo, e encarregada de proclamar ao mundo o Evangelho. Ishida ressalta esta mediação para evitar a tendência de converter a *missio Dei* numa *missio humanum* (missão humana), pois a total identificação da salvação com a tarefa da humanização, implicaria numa confusão entre lei e Evangelho, onde se daria respostas evangélicas às questões legais.[676] Não é possível proclamar de maneira imediata, universal e socialmente o caráter absoluto do Evangelho a todas as pessoas, como ocorre com a lei. Por isso, o Evangelho deve ser mediado e comunicado através da vida das pessoas cristãs, do diálogo fraterno, graças aos que participam do gozo do perdão dos pecados.

Nesta direção, o papel da igreja não é uma tarefa solitária, apenas para os que pertencem ao grupo denominacional. Existem semelhanças, baseadas na mensagem do Evangelho, como testemunhos de fé, que aproximam as igrejas e que trazem um senso comum e que pode ser transmitido para a sociedade. É pertinente a preocupação na renovação da vida do luteranismo, tendo como alvo determinar com precisão qual é sua missão em função do Evangelho e as circunstâncias presentes. Este desafio passa pela questão do diálogo fraterno, tanto entre as próprias pessoas luteranas bem como com as demais pessoas cristãs, em fidelidade ao Evangelho.

---

675 ISHIDA, 1972, p. 144. *"Sobre esta base de universalidad de la ley o en el orden de la economía divina, la iglesia acepta en principio los contactos, la participación e incluso la cooperación con todos los que se incorporan, en el ámbito de la ley, a la tarea de humanización. En la esfera de la ley, no existe una distinción categórica entre el cristiano y el que no lo es, ni entre los que están dentro y fuera de la iglesia."*

676 ISHIDA, 1972, p. 145.

5.1.3 II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana

Para uma reflexão sobre as confissões teológicas comuns e convergentes das igrejas IECLB e IELB, a obra organizada pelo teólogo luterano Wilhelm Wachholz, IECLB, **Evangelho, Bíblia e Escritos Confessionais***:* anais do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana, pode trazer contribuições, pois registra o encontro que houve entre as duas igrejas luteranas brasileiras, IECLB e IELB, em 14 e 15 de abril de 2004, no Colégio Sinodal, em São Leopoldo, RS. O primeiro encontro ocorreu nos dias 14 e 15 de agosto de 2002, também como iniciativa da Escola Superior de Teologia, EST, em parceria com instituições de formação da IECLB e da IELB. O encontro teve como objetivo incentivar e fortalecer o diálogo interluterano, proporcionar o encontro de teólogos luteranos e teólogas luteranas com o propósito de refletir sobre a confessionalidade luterana e promover o encontro de estudantes de Teologia das duas instituições. Metade dos integrantes da Comissão Organizadora era da IECLB e outra da IELB.

5.1.3.1 Palestra: "Evangelho e escritos confessionais: A hermenêutica das confissões do luteranismo"

Gunther Wenz em sua palestra "Evangelho e escritos confessionais*:* A hermenêutica das confissões do luteranismo", destaca o exame da centralidade do Evangelho no conjunto da teologia reformatória, a mudança de acepção da confissão como ato e como instituição e a exposição sobre a relação entre confissão e consenso. Na confissão reformatória, a doutrina da justificação é tida como o mais importante artigo de toda a doutrina cristã, mesmo que Lutero e Melanchthon não tenham falado explicitamente do *articulus stantis et cadentis ecclesiae*. Essa doutrina é o centro e o limite da teologia evangélica e, neste sentido, não é apenas um tópico doutrinário ao lado de outros. Assim, a unidade interior da teologia das confissões luteranas necessita deste nexo criador de unidade levando ao significado funcional.[677]

No transcurso do século XVI e depois, aconteceram mudanças de sentido para a confissão, passando de ato como a obra mais originária da fé que dá

[677] WENZ, Gunther. Evangelho e escritos confessionais: A hermenêutica das confissões do luteranismo. *In:* WACHHOLZ, Wilhelm (coord.). **Evangelho, Bíblia e Escritos Confessionais:** anais do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2004.

testemunho para comunicar salvamento e vida eterna ao ser humano, para confissão como instituição, se tornando sinônimo de denominação, como determinada comunidade de fé, o que é descrito como processo de confessionalização. Especialmente a CA sofreu mudança de função, se tornando um documento da unidade de um grupo separado e como uma necessidade política de regulação da doutrina e da vida, onde por consequência, ninguém seria aceito se não assumisse a CA.[678] Aqui Wenz faz um importante alerta para o uso adequado da confissão: "O significado teológico da confissão, por sua vez, só pode ser expresso de modo adequado quando se faz dele essencialmente um uso evangélico, ou seja, que sirva à pregação concreta do Evangelho, e não um uso legalista-doutrinário."[679] Faz-se necessário um processo de exame aberto por parte das denominações, fundamentado e limitado pelo artigo principal da justificação pela fé. Os escritos confessionais reformatórios não podem reivindicar validade enquanto documentos de igrejas da Reforma, mas como testemunho para a igreja como um todo, una, santa, católica e apostólica. Infelizmente não é assim ainda hoje, segundo Wenz afirma:

> Agora, os escritos confessionais aparecem como normas doutrinais de uma entidade eclesiástica separada a cuja fundamentação e delimitação doutrinaria servem, sendo que, nesse caso, interesses teológicos e jurídicos não raro se associam de modo extremamente estreito.[680]

Uma igreja que pretende ser evangélica luterana deve ter, conforme sua essência escriturística, um direcionamento ecumênico, conforme afirma Wenz:

> Deve-se acrescentar que a ecumenicidade, conforme o testemunho bíblico acerca da essência da igreja, não representa um acessório eclesiológico, mas faz parte constitutiva do ser-igreja da igreja. [...] Por isso, uma teologia dos escritos confessionais da igreja evangélica luterana não pode deixar de demonstrar que uma igreja que pretende ser tida como evangélica luterana tem, segundo a definição de sua essência, um direcionamento ecumênico.[681]

Por fim, Wenz entende que a relação entre tradição e confissão deve ser transformadora e não levar ao tradicionalismo. Cita o caso de um papagaio que ficou famoso na Igreja Antiga, que costumava cantar na praça de Antioquia e que recitava textos teológicos. Era uma confissão, mas não mais que isso. Recitava, mas não tinha nada a dizer.[682] E continua afirmando: "Em termos de hermenêutica confessional,

---

678 WENZ, 2004, p. 52.
679 WENZ, 2004, p. 53.
680 WENZ, 2004, p. 54.
681 WENZ, 2004, p. 54-55.
682 WENZ, 2004, p. 60.

resulta daí a percepção de que com a mera recitação e repetição nada se ganhou confessionalmente, e sim se perdeu o mais importante, a saber, a forma de sujeito e, junto com ela, a atualidade situacional da confissão."[683] O conteúdo das confissões não pode ser visto de forma absoluta mas de forma relativa ao contexto que lhe trouxe o conteúdo historicamente determinado, impedindo a aura de infalibilidade, mantendo assim a necessidade de argumentar aquilo que reivindica.

Wenz chama a atenção que, para a busca do consenso, nenhuma testemunha deve se sentir obrigada a assegurar por conta própria a subsistência e validade de seu testemunho quando afirma: "[...] nenhuma testemunha pascal repleta do Espírito haverá de querer e poder declarar a si própria (ou uma ideia preconcebida) fundamento e garante da realidade da verdade por ela testemunhada."[684] O consenso alcançado não deve afluir a um autoisolamento sectário da verdade e afirma que "[...] a pluralidade não deve ser, de saída, colocada sob suspeição [...] pois o Espírito de Jesus Cristo cria uma comunhão no qual os diversos podem ser um ou constituir uma unidade enquanto diversos, porque a diversidade, sem jamais ser suspensa, perdeu seu elemento causador de divisão."[685]

Neste sentido Edmund Schlink, em sua obra ***Theology of the Lutheran Confessions,*** faz um alerta quanto ao consenso que se busca nas confissões "O *consensus ecclesiae*[686] não pode ser confundido com a comunidade de interesses teológicos semelhantes, opiniões ou mesmo apenas formas de pensamento."[687] "As Confissões são válidas apenas como o consenso da igreja no entendimento *correto* das Sagradas Escrituras."[688] (tradução nossa). Onde isso acontece, está a igreja em consonância com o Evangelho e com o reino de Deus. As confissões próprias originalmente foram elaboradas para que houvesse um pano de fundo para o diálogo fraterno entre os diversos, com a principal tarefa de promover o Evangelho. O testemunho de fé não pretende ser um fim em si mesmo, mas busca ser uma possibilidade para o conhecimento mútuo dos diferentes. Neste sentido a diversidade

---

683 WENZ, 2004, p. 60.
684 WENZ, 2004, p. 63.
685 WENZ, 2004, p. 64.
686 O consentimento da igreja.
687 SCHLINK, Edmund. **Theology of the Lutheran Confessions**. U.S.A: Fortress Press, 1961. p. 31. *"The consensus ecclesiae dare not be confused with the community of similar theological interests, opinions, or even only thought forms."*
688 SCHLINK, 1961, p. 30. *"The Confessions are binding only as the church's consensus in the correct understanding, of Holy Scripture."*

confessional sempre poderá ser um desafio para o diálogo fraterno, exatamente por haver diferenças, caso contrário, seria um monólogo.

5.1.3.2 Reação: "Somente a Escritura" - avaliação de um espírito protestante

Gottfried Brakemeier, em sua reação à palestra de Wenz "Evangelho e Bíblia no contexto da tradição confessional de Wittenberg", sob o título "Somente a Escritura" – avaliação de um espírito protestante, pergunta se está falido o princípio protestante de "*sola Scriptura*", pois só esse pode evitar arbitrariedade exegética e divisão da igreja bem como proliferação de denominações.[689] Brakemeier destaca que a normatividade exclusiva da Bíblia em assunto de fé e de conduta é afirmação central de protestantismo, o que serviu para denunciar abusos na igreja, estando em jogo a palavra de Deus, não no seu sentido formal, mas no seu conteúdo soteriológico, ou seja, o Evangelho.[690] Neste sentido, o "*sola Scriptura*" se condiciona à "*sola gratia*" e à "*sola fide*",[691] não são separados, mas interdependentes e complementares, não podem ser usados separadamente, o que poderia levar a fundamentalismos. Brakemeier afirma: "*Sem o evangelho, a Escritura permanece sendo letra morta*. Merece ser ressaltado que tal concepção inevitavelmente *exclui tanto o uso literalista da Bíblia quanto a arbitrariedade hermenêutica.*"[692] Destaca que a resposta da ICAR é negativa quanto à "sola *Scriptura*", pois necessitaria da arbitrariedade do magistério eclesiástico, uma complementação pela tradição oral, se tornando ela assim, juíza da Bíblia. Isto levaria a que o consentimento com o ensino da igreja seria mais importante que a conformidade com os ensinos escriturísticos.

Da mesma forma acontece quando igrejas afirmam que somente pessoas agraciadas com dons especiais do Espírito Santo podem interpretar as escrituras, levando assim ao individualismo eclesiástico. Brakemeier chama atenção e alerta: "**A tentação afeta até mesmo o luteranismo.** Sempre que a tradição confessional se converte, mesmo que implicitamente, em rival da Escritura, abandonando sua posição de *'norma normata'*[693]*,* [...]. *Confessionalidade se transforma neste caso em*

---

689 BRAKEMEIER, Gottfried. "Somente a Escritura" – avaliação de um espírito protestante. *In:* WACHHOLZ, 2004, p. 39.
690 BRAKEMEIER, 2004, p. 40.
691 Somente a Escritura, somente a Graça, somente a Fé.
692 BRAKEMEIER, 2004, p. 41.
693 Objeto ou afirmação regulamentada, ou seja, dirigido ou influenciado por outro objeto ou afirmação maior.

confessionalismo"[694]. Isso aponta para a necessidade de não se repetir os textos apenas como descrição de fenômenos do passado ou na medida em que servem para projetos modernos e próprios, com fins interesseiros e até partidários. O centro da hermenêutica é se o texto promove a Cristo: "Pode-se falar tranquilamente de uma interpretação cristológica não só do evangelho como também da Bíblia na tradição luterana."[695] A clareza da Escritura depende da clareza do Evangelho, que traz um Deus misericordioso, que não só traz consolo, mas mexe com os que praticam a injustiça e com os que não creem. Neste sentido, "*sola Scriptura*" não seria um princípio falido.

Quando a confissão de fé se torna um fim em si mesmo, se fecha a oportunidade de avançar através do diálogo. Porém, quando o testemunho demonstra uma abordagem do Evangelho presente nas Escrituras Sagradas, demonstra a diversidade de percepção que o mesmo traz a partir do contexto de vida de cada um. E, neste sentido, o diálogo pode ser enriquecedor, na admoestação mútua e no aconselhamento fraterno.

5.1.3.3 Reação: "Evangelho e escritos confessionais: a hermenêutica das confissões do luteranismo"

Paulo P. Weirich fez a reação à palestra de Wenz, sob o título "Evangelho e escritos confessionais*:* a hermenêutica das confissões do luteranismo", onde expõe o método de fazer teologia a partir do 2º artigo da CA (Do pecado original), cujo foco passa a ser o impacto que a comunicação causa na pessoa ouvinte, cujo fim da mesma é proclamar "coisas boas". Weirich chama a atenção para a segunda parte da palestra de Wenz, onde se faz distinção entre *Bekenntnis* (ato primário de confissão) e *Konfession* (Confissão, denominação) como símbolo autoritativo de grupos eclesiásticos.[696] Isto quer demonstrar a trajetória das confissões como possibilidade para o diálogo, em direção de um instrumento de separação, uma dificuldade. Weirich chama a atenção para o posicionamento do primeiro presidente do Sínodo Missouri,

[694] BRAKEMEIER, 2004, p. 42.
[695] BRAKEMEIER, 2004, p. 43.
[696] WEIRICH, Paulo P. "Evangelho e escritos confessionais: a hermenêutica das confissões do luteranismo. *In:* WACHHOLZ, 2004, p. 67.

dos Estados Unidos da América (Igreja-mãe da IELB), C. F. W. Walther, na obra **Lei e Evangelho,** criticando a posição autoritativa de grupos eclesiásticos:

> Mas o pior de tudo, sem dúvida, é isto: fazer com que a salvação de alguém dependa de sua filiação e comunhão com a igreja ortodoxa visível implica anular a doutrina da justificação pela fé. As pessoas que se filiam à Igreja Luterana já têm a fé verdadeira antes disso. [...] Por mais que estimemos nossa igreja, longe de nós esse fanatismo abominável de que a igreja luterana é a única que salva! A verdadeira igreja estende-se por todo o mundo e pode ser encontrada em todas as seitas.[697]

O método de fazer teologia a partir do segundo artigo da CA cancela a natureza humana no restabelecimento da nova humanidade, que fica remetida à total passividade. Assim, a participação no evento escatológico de redenção é comunicada pela palavra. Neste sentido, testemunho de fé e confissão são promovidos pelo Espírito Santo para proclamar "coisas boas". Weirich afirma: "O segundo artigo da CA escancara para a igreja o foco e objeto de toda a teologia e do ser igreja: o ser humano como visto por Deus. É por amor e preocupação por ele que alguém empreende o fazer teológico."[698] Todas as considerações no campo da teologia deveriam passar por esse crivo, inclusive unidade e ruptura. Sendo assim, não se permite posições confortáveis e isso inclui sempre uma autoanálise confessional. Um hino cantado pelo povo luterano em Buenos Aires, numa ocasião em que este pesquisador pode estar lá, após uma capacitação para visitações, ilustra este pensamento de Weirich:

> O Senhor chamou a seus discípulos e os enviou de dois em dois. Estribilho: Quão formoso é ver descer dos montes os pés dos mensageiros da paz. / Os mandou para as cidades e lugares por onde Ele iria. Est./ A colheita é abundante, lhes disse o Senhor ao partirem. Est./ Ao entrarem numa casa, saúdem anunciando a paz. Est./ Aqueles que vos recebem, terão recebido a mim. Est./ Quem recebe minha Palavra, recebe a quem me enviou. Est.[699] (tradução nossa)

As rupturas que possam ocorrer estão sempre no ser humano e não em Deus. Weirich afirma: "Ecumenicidade e consenso são a realidade para a qual Deus nos chama e na qual ele nos implanta. [...] Cada pessoa ou grupo que se afirma como instrumento e proponente da verdade não o faz sem, ao mesmo tempo, duvidar de si

---

697 WALTHER, Carl F.W. **Lei e Evangelho**. Porto Alegre: Concórdia, 1977. p. 70. *apud* WEIRICH, *In:* WACHHOLZ, 2004, p. 68.

698 WEIRICH, 2004, p. 70.

699 RENNECKE, 2003, p. 8*. "El Señor eligió a sus discípulos, los envió de dos en dos. Est. Es hermoso ver bajar de la montaña los pies del mensajero de la paz. (bis) Los mandó a las ciudades y lugares donde iba a ir el. Est. La cosecha es abundante, les dijo el Señor al partir. Est. Al entrar en una casa, saluden anunciando la paz. Est. Los que a ustedes los reciban, me habrán recibido a mí. Est. Quien recibe mi palabra, recibe a quien me envió. Est."*

próprio."[700] Conclui a sua reação alertando que a paz não acontece na inércia, como se nada mais existisse para repensar. É preciso um constante reexame de como se confessa a verdade, a partir de uma visão muita clara do reino e da *ecumene*.[701] Num mundo de relativização das verdades e da violência radical, as igrejas de herança reformatória devem estar dispostas não para a busca de fórmulas, mas o foco no impacto que a comunicação pode causar, cujo fim é proclamar "coisas boas". O labutar teológico que se manifesta nas confissões próprias, quer demonstrar amor e preocupação pelo ser humano como visto por Deus. Aqui se acompanha Weirich:

> Somente através de um compromisso amoroso e ativo com o povo local, levando em conta sua maneira de pensar, compreendendo sua cosmovisão, ouvindo suas perguntas e sendo sensíveis às suas dificuldades, é que a comunidade inteira dos que creem (de que o missionário é parte) terá condições de reagir favoravelmente às necessidades desse povo. E cremos que a fé que professamos é tanto verdadeira quanto justa e deve ser proclamada. Não o fazemos, todavia, como juízes ou advogados, mas como testemunhas. Não como soldados, mas como mensageiros da paz.[702]

As denominações com suas confissões próprias, como testemunho de sua fé, não são as únicas detentoras da verdade que salva. O Evangelho pode ser encontrado em todas as denominações cristãs, e, neste sentido, o diálogo fraterno entre as mesmas não abre espaço para posições estanques e estratificadas. O diálogo em torno das diversidades encontradas nas explanações confessionais pode incluir sempre renovadamente uma autoanálise confessional, que proporcione um crescimento no testemunho, no conhecimento e no amor.

5.1.3.4 Reação: "Sobre a verdade do Evangelho: algumas considerações"

Enio R. Mueller, na sua reação à palestra de Wenz, "Evangelho e escritos confessionais*:* a hermenêutica das confissões do luteranismo", capítulo 4, "Concórdia e consenso", sob o título "Sobre a verdade do Evangelho*:* algumas considerações", pergunta sobre as noções de verdade, objetivas e subjetivas, numa dialética interna, verdade e verificação, o caminho de Jesus como critério. Sua tese é que a noção de verdade no Novo Testamento (NT) se sustenta sobre a metáfora do caminho. Mueller registra o esforço de Wenz para manter a dialética entre a verdade proposicional dos

[700] WEIRICH, 2004, p. 73.
[701] WEIRICH, 2004, p. 73.
[702] RENNECKE, 2018, p. 155.

textos confessionais e suas circunstâncias históricas, destacando da sua palestra: “[...] a possibilidade de endossar ou aceitar a verdade da confissão depende de que suas proposições não reivindiquem validade nos moldes da prescrição indiscutível de uma lei doutrinal.”[703] Ao perguntar pela noção de verdade, lhe parece que está implícito na palestra de Wenz a noção de verdade como processo cognitivo, em dialética com a verdade subjetiva. Porém, Mueller entende que a discussão sobre verdade pode acontecer ao nível da exatidão de determinadas formulações, onde muitas discussões emperram, e ao nível das metáforas que moldam a apreensão do que se compreende como verdade, e, que segundo ele, estão presentes no NT, onde através delas os conteúdos propositivos vão sendo construídos, a exemplo das parábolas que apontam para um nível mais profundo, desafiando a novas metáforas.[704]

Citando a discussão ocorrida em Antioquia entre os apóstolos Pedro e Paulo, relatado em Gálatas 2. 11-21, no NT, Mueller destaca a metáfora do caminho, como o meio de viver a verdade do Evangelho, “caminhando retamente”. A verdade não seria algo de que se tem posse, mas um rumo ao Evangelho e numa relação com o mesmo, um jeito de andar, saindo de uma concepção estática de verdade para uma concepção dinâmica. Aponta para outra metáfora do caminho presente em Hebreus 12. 1-2, a caminhada da fé. Segundo ele:

> E esta caminhada é descrita como um desembaraçar-se de todo peso supérfluo que constantemente somos tentados a adquirir e carregar, e ‘correr perseverantemente’ o trajeto que nos é proposto, de olho fixo no alvo. O alvo desta caminhada é descrito como ‘o autor e consumador da fé, Jesus’.[705]

Jesus é o caminho, a verdade e a vida. A verdade é caminho. A verdade é vida. Vida é caminho, é discipulado, é seguir. “A verdade só se faz e só se deixa apreender *no próprio caminho*, não em conceitos sobre o mesmo e nem em práticas que supostamente devem mostrar que estamos no caminho.”[706] Esse caminhar vai além da subjetividade, do que se sente, mas, como se caminha, o que se é e como se vive. Neste sentido, o critério de validação, de verificabilidade da verdade se dá em se espelhando no caminho de Jesus, cuja percepção não vem somente dos textos, mas da vida real em seu próprio tempo e espaço. E, neste sentido, Mueller faz um

---

[703] MUELLER, Enio R. Sobre a verdade do Evangelho: algumas considerações. *In:* WACHHOLZ, 2004, p. 77.
[704] MUELLER, 2004, p. 78.
[705] MUELLER, 2004, p. 81.
[706] MUELLER, 2004, p. 81.

alerta essencial para as igrejas irmãs, que não tem conseguido sair de um processo de mútua exclusão quando afirma:

> Ambas as nossas igrejas devem perceber que o problema não está simplesmente no outro e que nós é que temos o conceito certo ou melhor da verdade. Ambas, na verdade, por caminhos diferentes cometem o mesmo deslize em relação à verdade tal como a concebe o NT. [...] É do cerne do cristianismo que aqui estamos tratando. Isso exige conscientização, arrependimento e desejo de mudança. Não cada um querendo mudar o vizinho, mas cada um vendo como deixa mudar a si próprio, na expectativa de que o vizinho faça o mesmo.[707]

Verdade é o que leva a Cristo, o que representa adequadamente o Cristo para a vida. Aqui se encontra o critério para a leitura dos escritos confessionais da tradição reformatória. A verdade do Evangelho se verifica na vida das pessoas que o seguem. Desta verdade a Bíblia quer testemunhar, bem como as confissões cristãs, verdade que se faz vivência concreta. Aqui se deseja acompanhar Mueller:

> Sendo assim é papel da Igreja respeitar a diversidade religiosa das pessoas e assumir uma postura aberta e solidária de diálogo. O testemunho da fé pessoal deve ser relacionado com a postura diaconal na qual se coloca à disposição e ao serviço da vida plena do outro. Nesta tarefa podem ser percebidos elementos de injustiça e segregação e que podem desafiar o compromisso mútuo com a justiça neste meio de relações.[708]

Pode-se compreender que é no diálogo fraterno que as verdades vão se desvelando e se mostrando uns aos outros como testemunho de sua fé. As linguagens que confessam a fé podem ter diversidades em suas nuances e os debates podem se travar. Para que as igrejas possam sair de um processo de mútua exclusão se faz necessário que se tenha a consciência de que o problema não está apenas na compreensão que o outro tem, mas na compreensão de que se tem do outro, e nesta caminhada não se é proprietário do certo ou do melhor da verdade.

5.2 ENCONTROS ENTRE LUTERANOS E CATÓLICOS

Os tempos em que a empolgação ecumênica movimentava as igrejas passaram, deixando um rastro de desencanto e desilusão. Porém, exemplos de diálogo fraterno são registrados no mundo e no Brasil, agora com os pés no chão, na realidade. São menos declarações e gestos públicos, mas dedicação concreta por

[707] MUELLER, 2004, p. 85.
[708] RENNECKE, 2003, p. 28.

pessoas cristãs engajadas no diálogo e num serviço comum, conscientes de suas diversidades e dos seus condicionamentos históricos e sociais. As igrejas são filhas de seu tempo e isso impõe o desafio de não se olvidar de esforços ecumênicos, para os quais as igrejas muitas vezes são um entrave, mas que é exatamente nelas que é necessário inserir esses esforços, confiando que elas, assim mesmo, são instrumentos do reino de Deus, como conclama o teólogo Altmann: “A união das igrejas não será fruto de um arranjo técnico nem uma fórmula de compromisso e concessões mútuas, mas no empenho comum, em arrependimento constante, pela verdade e vivências evangélicas neste nosso tempo sofrido mas amado [...].”[709] Quando menciona união das igrejas está se referindo ao diálogo fraterno, a ações comuns, inclusive na comensalidade comum, respeitando a diversidade de cada uma.

Os autores que abordam o tema são os teólogos Walter Altmann e Bertholdo Weber, no livro “**Desafio às Igrejas** – Diálogo Ecumênico em Tempos de Mudança”. O teólogo luterano Harding Meyer indica os significativos resultados sobre o **Relatório de Malta** em sua palestra “O Diálogo Católico-Luterano Internacional”. Este Relatório retrata o diálogo internacional realizado sob o tema geral “O Evangelho e a Igreja”, com a participação de teólogos influentes, durante os anos de 1967 a 1971, convocado pelo Secretariado para a União dos Cristãos, do Vaticano, ICAR e a FLM, publicado no começo de 1972. Meyer foi um dos secretários deste Relatório.

A primeira sessão aconteceu em Zurique, Suíça, de 26 a 30 de novembro de 1967. Na segunda sessão, que se realizou em Bástad, Suécia, de 15 a 19 de setembro de 1968, foi escolhido como tema “O mundo e a Igreja sob o Evangelho”, onde houve consenso do Evangelho como evento salvífico e, para que continue sendo o mesmo, deve ser anunciado sempre de forma nova em cada situação histórica. “O Evangelho e a Igreja não podem ser adequadamente definidos se não em relação ao mundo. A comissão alimentava, ademais, a esperança de que as duas igrejas, através de um serviço conjunto ao mundo, pudessem encontrar uma nova unidade.”[710] Desta obra, também se destacará Altmann, que reflete sobre os resultados do Relatório de Malta e a situação brasileira, em sua palestra “O Evangelho e a Igreja no contexto do ecumenismo brasileiro”.

---

[709] ALTMANN, WEBER, 1976, p. 9.

[710] https://www.luteranos.com.br/conteudo/o-evangelho-e-a-igreja-o-relatorio-de-malta. n. p. Acesso em: 09 maio 2023.

5.2.1 O Diálogo Católico-Luterano Internacional

Raras vezes um diálogo entre católicos e luteranos como este foi feito sob incumbência oficial das igrejas, numa iniciativa das cúpulas eclesiásticas. Mas, para que ele tivesse efeito, e não passasse de mero episódio, as igrejas deveriam se apropriar dos resultados deste diálogo e não se esquivarem de sua recepção. Entre os resultados positivos deste diálogo, Harding Meyer destaca quatro itens: a compreensão da justificação e da graça, a compreensão da eucaristia, a relação entre palavra de Deus e igreja e a compreensão do ministério eclesiástico.[711]

O nome de Igreja Católica aparece na última parte do século II e a palavra "católica" foi usada pela primeira vez, no sentido de "universal", por Inácio, discípulo do apóstolo João, bispo de Antioquia da Síria, entre 68 e 107. A Igreja se consolidara pois havia saído vitoriosa e ilesa, especialmente de duas crises. A crise gnóstica surgiu nos primeiros anos do século II, e negava a humanidade e a morte efetiva de Jesus, afirmando que ele não viera "em carne", mas no aspecto de um fantasma. A crise montanista, criada por Montano na primeira metade do século II, que provinha de Ardabau, região próxima à Frígia, na Ásia Menor, pregava uma nova dispensação do Espírito Santo, afirmando possuir o dom da profecia, sendo acompanhado por duas mulheres Priscila e Maximila. As características da Igreja Católica se desenvolveram no período entre 160 e 190 d.C. e, neste período, se tornou reconhecido o poder dos bispos, como também uma coleção de escritos autorizados do Novo Testamento (cânone), além da formulação de um credo. Por volta de 180 d.C. era aceito como membro da Igreja quem aceitasse o credo, o cânone e a autoridade dos bispos.[712] Quanto às raízes do pontificado, na época primitiva, o termo Papa era aplicado a qualquer bispo importante, fosse ou não de Roma:

> Durante os primeiros séculos da história da Igreja, o centro com maior número de fiéis esteve no Oriente, e, por isso, cidades como Antioquia e Alexandria e seus bispos tinham muito mais importância do que o bispo de Roma. Mesmo no Ocidente de língua latina, a direção teológica e espiritual do cristianismo não esteve em Roma, mas no norte da África, que produziu figuras como Tertuliano, Cipriano e Agostinho; mas esta situação mudou quando o Império aceitou oficialmente a religião cristã.[713]

---

711 MEYER, 1976, p. 96.
712 WALKER, Williston. **História da Igreja Cristã.** v. 1, São Paulo: ASTE, 1967. p. 80, 86-88.
713 BIDEGÁIN, Ana Maria. **História dos Cristãos na América Latina.** Petrópolis: Vozes, 1993. p. 16.

A Igreja começou a se organizar conforme os padrões de Estado, ficando dividida em cinco patriarcados: Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Constantinopla e Roma. Quando os bárbaros invadiram o império, a Igreja se tornou a guardiã do que havia restado da cultura da velha civilização, e, por isso, o patriarca de Roma, o papa, chegou a ter grande prestígio e autoridade. Em 1049 o Concílio de Reims, presidido por Leão IX, declarou o bispo de Roma "primaz apostólico da Igreja universal."[714]

No Brasil, a Igreja Católica era a religião oficial entre o século XVI até fins do século XIX. Porém, com a vinda dos imigrantes alemães surgiram problemas para a Igreja Católica neste sentido. Antes ela era reconhecida pelo Estado e era por ele mantida. O católico era membro da igreja oficial, o imigrante protestante era apenas tolerado, chamado de acatólico.[715] Até o século XIX, o catolicismo brasileiro normalmente tinha condições de resolver suas problemáticas com o Estado, devido ao regime do padroado.[716] Com a Proclamação da República, aconteceu a separação entre Igreja e Estado. Assim, as questões da Igreja Católica não seriam mais equacionadas pelo Estado, mas dentro da sociedade civil. Ela precisou passar por um período de grandes adaptações, precisando conviver com um pluralismo religioso e ideológico. "Com a República e a imigração, a Igreja Católica teve que aprender a conviver com outros credos, pois pelo menos teoricamente havia igualdade e liberdade para todos os cultos."[717]

A mensagem de Cristo é a mensagem da aceitação incondicional do ser humano por Deus, unicamente pela graça, não mais como uma justiça que exige e julga, mas como justiça que se dá e perdoa. Este é o Evangelho, a mensagem libertadora de Cristo. Neste ponto estava um conflito entre católicos e luteranos quase irremediável na época da Reforma, e as demais controvérsias estavam ancoradas neste único item. O Relatório de Malta aponta um avanço neste item quando afirma no ponto I. EVANGELHO E TRADIÇÃO, E. O problema da doutrina sobre a justificação, n. 26:

---

[714] BIDEGÁIN, 1993, p. 17.
[715] A pessoa que não é católica, aquela que não pertence à Igreja Católica Apostólica Romana.
[716] Era um tipo de colonialismo em termos de religião e que dava direitos à Coroa de arrecadar e distribuir os dízimos pertencentes à Igreja e indicar as pessoas que ocupariam os cargos eclesiásticos.
[717] DREHER, Martin N. (Org.). **Populações rio-grandenses e modelos de Igreja.** Porto Alegre: Edições EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 24.

> É a partir da questão sobre o centro do Evangelho que se apresenta o problema da compreensão que luteranos e católicos têm da justificação. Neste ponto, a controvérsia teológica tradicional foi particularmente renhida. Hoje se esboça, sobre este assunto, um amplo consenso. Também os teólogos católicos sublinham, nesta questão, que o dom da salvação, feito por Deus aos que creem, não está subordinado a nenhuma condição humana. Os teólogos luteranos sublinham que o evento da justificação não está limitado ao perdão individual dos pecados: não veem nele uma declaração puramente externa da justiça do pecador (Rom 1.16; 3.26; 5.17). Mas, antes, pela mensagem da justificação, a justiça de Deus realizada no evento-Cristo é conferida ao pecador como uma realidade que o envolve todo e, através disto, fundamenta a nova vida dos fiéis (Rom 1. 16s; 3.21s; 5.17; 6.7; 1 Cor 6.11).[718] (tradução nossa).

O desafio que fica posto está em aplicar este consenso à estruturação do culto, à ética etc... No que diz respeito à eucaristia, é a atualização reconciliadora e a presença real do Cristo crucificado. Na controvérsia católico-evangélica sobre a eucaristia resultou a separação radical das igrejas na celebração, que perdura até os dias atuais; os evangélicos acusam a missa católica como uma forma de blasfêmia e os católicos acusam os evangélicos de negarem a presença real e corporal de Cristo na eucaristia, transformando-a apenas num memorial.

No diálogo foi possível eliminar grande parte destes antagonismos. Ficou claro aos católicos que os evangélicos insistem na presença real e que a eucaristia não é apenas um ato simbólico, memorial, uma simples recordação. Os evangélicos reconheceram que na missa católica não se efetua uma repetição do sacrifício da cruz, mas sim a sua atualização.[719] O Relatório de Malta, IV. O EVANGELHO E A UNIDADE DA IGREJA, B. A intercomunhão, n. 69 declara:

> O problema da celebração em comum da eucaristia, ou intercomunhão, apresenta-se hoje de modo novo. O reconhecimento mútuo das Igrejas progrediu e elas se tornaram mais conscientes de sua tarefa comum diante

[718] Relatório de Malta. Disponível em: http://www.christianunity.va/content/unitacristiani/en/dialoghi/sezione-occidentale/luterani/dialogo/documenti-di-dialogo/en4.html. n.p. Acesso em: 25 jul. 2021. "*Out of the question about the center of the gospel, arises the question of how the two sides understand justification. At this point the traditional polemical disagreements were especially sharply defined. Today, however, a far-reaching consensus is developing in the interpretation of justification. Catholic theologians also emphasize in reference to justification that God's gift of salvation for the believer is unconditional as far as human accomplishments are concerned. Lutheran theologians emphasize that the event of justification is not limited to individual forgiveness of sins, and they do not see in it a purely external declaration of the justification of the sinner. Rather the righteousness of God actualized in the Christ event is conveyed to the sinner through the message of justification as an encompassing reality basic to the new life of the believer.*"

[719] O Cristo ressuscitado presente na Eucaristia, é o mesmo que foi crucificado há dois mil anos. O mesmo corpo que esteve na cruz está, neste atual momento, presente na Eucaristia. O Cristo está acima do tempo e do espaço. Portanto, um corpo crucificado está aí presente no ato sacramental. Assim, a crucifixão histórica é atualizada neste evento, se faz presente, é revivida, não repetida. É uma viagem no tempo.

> do mundo. Em vários lugares, fiéis de nossas Igrejas se encontraram na Mesa eucarística e se convenceram de ter reencontrado comunhão no Senhor. Damo-nos conta que um comportamento inconsiderado e espiritualmente irresponsável cria obstáculos para uma solução definitiva. As diversas experiências vividas numa celebração comum da ceia são, contudo, também um sinal da seriedade da questão e nos levam a procurar uma maior clareza teológica e jurídico-eclesial. Diante desta situação, os que possuem cargo oficial na Igreja tem uma responsabilidade múltipla; devem tomar cuidado para que a celebração da eucaristia não seja separada da confissão da fé em Cristo e de sua presença eucarística, nem da comunhão da Igreja; devem, porém, guardar-se de não resistir à ação do Espírito Santo, mas preceder com solícitas orientações à comunidade dos fiéis na esperança da reunião de todos os cristãos separados.[720] (tradução nossa).

Os sacramentos não são *articulus stantis et cadentis ecclesiae*, portanto, não têm força de impedir um diálogo. Porém, como os sacramentos trazem graça e fé, têm a força de dialogar com o diferente. É o transcendente em meio ao imanente, incondicionalmente. A palavra de Deus é soberana e a igreja lhe é subordinada. Por detrás desta tese há o problema espinhoso na controvérsia entre as duas igrejas, se a proclamação legítima se encontra apenas na Escritura ou também no magistério e na tradição. Qual seria o relacionamento entre o agir de Deus e o agir humano, a iniciativa divina e a resposta humana? Os evangélicos entendem que somente a Escritura pode ser critério de verificação e correção, mas para os católicos a Escritura necessita da interpretação do magistério eclesiástico, caso contrário a mesma fica exposta a arbitrariedade subjetiva de cada um.

Sendo a palavra de Deus um evento que se efetua lá onde ela for testemunhada numa situação bem concreta, sendo assim um evento do Espírito Santo em ação, Meyer afirma: “A palavra de Deus é soberana. Não se pode fixá-la nem dispor dela, nem mesmo se insistirmos em formulações bíblicas ou então recorrermos aos dogmas da Igreja.”[721] Sendo assim o Relatório de Malta deu um passo atrás da antiga alternativa “escritura ou tradição”. A confissão eclesiástica, o dogma da igreja

---

[720] **Relatório de Malta**, n.p. Acesso em: 25 jul. 2021. “*In our day the problem of altar fellowship or intercommunion presents itself in a new way. Mutual recognition has progressed among the churches and they have become much more strongly aware of their common mission in the world. In some places members of our churches have met together at the Lord's table and are convinced that they have thereby is clear to us that at times unthinking and spiritually irresponsible actions are a hindrance to a final solution. On the other hand, the various experiments in common celebration of the Lord's supper are also signs of the seriousness of the question and make urgent additional theological and canonical clarification. In this situation church leaders have a manifold responsibility. They must consider that the celebration of the Lord's Supper cannot be separated from confessing Christ and his eucharistic presence nor from the fellowship of the church; but they must also take care lest they hinder the work of the Spirit. They should by their helpful instructions lead the community of believers in hope for the reunion of all separated Christians.”*

[721] MEYER, 1976, p. 100.

tem a função de auxiliar o processo de transmissão da palavra de Deus, conforme I. EVANGELHO E TRADIÇÃO, C. Critérios da pregação eclesiástica, n. 21:

> As duas partes concordaram em que a autoridade da Igreja só pode estar a serviço da Palavra e que não pode dispor da Palavra do Senhor. Em consequência, a tradição da Igreja deve permanecer aberta à Palavra e transmiti-la de um modo que abra sem cessar o caminho para a compreensão da fé e que assegure a liberdade do agir cristão.[722] (tradução nossa).

Porém, a Escritura tem um lugar especial, prioritário na categoria dos critérios da pregação eclesiástica, não sendo mais necessário opor Escritura e Tradição, conforma afirma o Relatório em I. EVANGELHO E TRADIÇÃO, B. A pregação de Jesus e o querigma cristão primitivo, n. 17:

> Desde a origem, o Evangelho de Jesus Cristo foi objeto de transmissão (cf. 1 Cor. 15.3; igualmente 1 Cor. 11. 2.23; Le. 1.2). É do anúncio do Evangelho e a seu serviço que nasceram os escritos chamados mais tarde de Novo Testamento. Consequentemente, a velha questão teológica da relação entre Escritura e Tradição apresenta-se de modo novo. Não se pode mais, de modo exclusivo, opor a Escritura à Tradição, pois o próprio Novo Testamento é um produto da tradição cristã primitiva. Entretanto, como testemunho da tradição fundamental, corresponde à Escritura uma função normativa para toda a tradição posterior da Igreja (cf. DV 10 ;24).[723] (tradução nossa).

Os três itens acima citados conduzem o diálogo ao fato de que o ministério eclesiástico é necessário para a comunicação do evento da reconciliação, enquanto representa Cristo perante a comunidade, não sendo um problema isolado e independente dos demais. Durante esse diálogo surgiram concordâncias fundamentais. O ato reconciliador em Cristo deve ser transmitido, é um evento comunicativo. Outrossim, este ministério não pode ser limitado a um determinado grupo de pessoas, pois a Igreja é como totalidade o povo de Deus, conforme III. O EVANGELHO E O MINISTÉRIO, A. O ponto de partida comum, n. 48:

> Luteranos e católicos partilham a convicção de que devemos a salvação exclusivamente à ação salvífica realizada, uma vez por todas, por Deus, em

---

722 **Relatório de Malta**, n.p. Acesso em: 25 jul. 2021, "*Participants on both sides agreed that the authority of the church can only be service of the word and that it is not master of the word of the Lord. Therefore, the church's tradition must remain open to the word and must transmit it in such a way that the word constantly bestows the understanding which comes from faith and freedom for Christian action."*

723 **Relatório de Malta**, n.p. Acesso em: 25 jul. 2021, "*From the very beginning, the gospel of Jesus Christ was the subject matter of the tradition. Out of and in the service of the proclamation of the gospel, certain writings were composed which were later designated as the New Testament. This poses the old controversial question regarding the relationship of Scripture and tradition in a new way. The Scripture can no longer be exclusively contrasted with tradition, because the New Testament itself is the product of primitive tradition. Yet as the witness to the fundamental tradition, Scripture has a normative role for the entire later tradition of the church."*

> Jesus Cristo, assim como vem testemunhado no Evangelho. Mas o ministério da reconciliação pertence também à obra da reconciliação (2 Cor 5.18). O testemunho do Evangelho pressupõe que haja testemunhas do Evangelho (Rm 10.14-17). O testemunho em favor de Cristo foi confiado à Igreja como a um todo; como totalidade, ela é o povo sacerdotal de Deus. Enquanto *creatura et ministra verbi*, a Igreja está submissa ao Evangelho pelo anúncio da palavra, pela administração dos sacramentos, bem como pela sua vida inteira.[724] (tradução nossa).

No meio da comunidade existe o ministério eclesiástico especial, contanto que represente Cristo e sua posição diante da comunidade. O pastor não representa meramente os interesses da comunidade, mas serve em lugar de Cristo como uma função, o que não o coloca acima da comunidade. As formas concretas deste ministério podem variar, podem surgir novas, conforme as necessidades pastorais e do contexto sociológico. Isto conclui o Relatório de Malta em III. O EVANGELHO E O MINISTÉRIO ECLESIAL, A. O ponto de partida comum, n. 50:

> A determinação correta da relação entre o serviço que cabe à Igreja toda e o ministério eclesial específico constitui um problema tanto para os luteranos como para os católicos. Mas uns e outros estão de acordo em reconhecer que o ministério oficial se situa ao mesmo tempo defronte à comunidade e na comunidade. Estão de acordo também em que este ministério só representa a Cristo e sua autoridade sobre a comunidade, enquanto for expressão do Evangelho. Ambos devem se questionar sobre como a superioridade crítica do Evangelho se torna eficaz prática.[725] (tradução nossa).

Permanece agora o desafio para as igrejas de avaliarem o que significam esses consensos teológicos obtidos, em que contribuem para o diálogo das igrejas separadas. Neste ponto poderia se perguntar sobre o relacionamento entre pares, como entre as maiores igrejas luteranas brasileiras, sob o Cruzeiro do Sul, IECLB e IELB. Se católicos e luteranos conseguem chegar a consensos importantes sobre aspectos que anteriormente pareciam instransponíveis, o que pode impedir que

---

[724] **Relatório de Malta**, n.p. Acesso em: 25 jul. 2021, "*Lutherans and Catholics share the conviction that we owe our salvation exclusively to the saving act of God accomplished once for all in Jesus Christ according to the witness of the gospel. Yet the ministry of reconciliation belongs to the work of reconciliation. In other words, the witness of the gospel requires that there be witnesses to the gospel. The church as a whole bears witness to Christ; the church as a whole is the priestly people of God. As creatura et ministra verbi, however, it stands under the gospel and has the gospel as its superordinate criterion. Its gospel ministry is to be carried out through the proclamation of the word, through the administration of the sacraments, and, indeed, through its total life."*

[725] **Relatório de Malta**, n.p. Acesso em: 25 jul. 2021, "*The correct determination of the relationship between this ministry assigned to the entire church and a special office in the church is a problem for Lutherans and Catholics alike. Both agree that the office of the ministry stands over against the community as well as within the community. Further they agree that the ministerial office represents Christ and his over-againstness to the community only insofar as it gives expression to the gospel. Both must examine themselves as to how effectively the critical superiority of the gospel is maintained in practice.* "

igrejas com a mesma origem confessional possam dialogar e conhecer mais de perto suas diversidades, observando as possibilidades e as dificuldades entre ambas?

Neste sentido, Meyer chama atenção para a seguinte suspeita: “Nossas Igrejas amam o diálogo, mas temem seus resultados. E isto é decepcionante, paradoxo e cômico ao mesmo tempo.”[726] Por outro lado, faz um importante alerta: “*Divergências teológicas têm a força para destruir comunhão eclesiástica; mas apenas consensos teológicos não tem ainda a força para restabelecer a comunhão destruída.*”[727] Diálogos são iniciados com a esperança que antigos desentendimentos, desavenças, controvérsias e conflitos possam ser superados quase que automaticamente e, neste sentido, a paciência deve se tornar a virtude ecumênica por excelência. Novos consensos teológicos talvez não consigam superar divergências encarnadas por séculos nos catecismos, nas devoções e nas liturgias, porém, representam um ponto de partida necessário para o diálogo fraterno entre igrejas.

5.2.2 O Evangelho e a Igreja no contexto do ecumenismo brasileiro

Walter Altmann reflete sobre os resultados do Relatório de Malta e a situação brasileira, em sua palestra “O Evangelho e a Igreja no contexto do ecumenismo brasileiro”. Ele aborda três tópicos: 1. Relevância do diálogo teológico internacional: processo de aproximação teológica; 2. Impasses do ecumenismo brasileiro: a absolutização da prática; 3. Perspectivas do ecumenismo brasileiro: unidade e tensão do católico e do evangélico. O Relatório de Malta não representou um consenso teológico, mas, sobretudo, o processo de uma surpreendente aproximação, abandonando a posição do “tudo ou nada”, como está registrado em I. EVANGELHO E TRADIÇÃO, D. Centro do Evangelho e hierarquia das verdades, n. 25:

> Durante a discussão esboçou-se uma certa convergência entre a ideia católica de uma hierarquia de verdades e a compreensão luterana do Evangelho a partir de seu centro de conteúdo. A noção de hierarquia de verdades (cf. UR 11) permite à teologia católica não ver sobre um só e mesmo plano todas as verdades da fé, mas introduzir uma perspectiva objetiva capaz de manifestar a categoria que corresponde a cada uma delas. Para todas estas verdades, qualquer que seja seu grau, o fundamento da fé cristã fornece, ao mesmo tempo, um ponto comum de referência. Com isto a ideia de hierarquia das verdades está muito próxima da de um centro do Evangelho. Esta proximidade evidente certamente não encobre as diferenças de acentuação das duas ideias. Enquanto a ideia de hierarquia de verdades

[726] MEYER, 1976, p. 103.
[727] MEYER, 1976, p. 104.

> acentua o momento de totalidade e de plenitude, a do centro, principalmente pensando-se no uso que dela foi feito na história da teologia, implica sobretudo um acento crítico, a partir do qual as tradições eclesiásticas devem ser sujeitas a questionamento sobre se realmente são autênticos testemunhos do Evangelho.[728] (tradução nossa).

O diálogo fraterno não pode ser alcançado de um momento a outro, porque é filho do tempo, com a herança do passado às costas e a tarefa do futuro à frente. É um caminho que não se começa a andar se não se permanece caminhando. Resultados teológicos parciais necessitam consequências equivalentes, pois a vida não é condizente com a unidade do próprio ser humano se houver dissociação de teoria e prática. Altmann constata: "É verdade que a nível local a prática ecumênica muitas vezes vai legitimamente muito além do que se pode considerar com o teologicamente concebido e aprovado"[729]; porém continua e afirma que "[...] a prática das igrejas deixa de realizar muito do que teologicamente já se reconheceu como necessário, e continua realizando muito do que teologicamente já está superado."[730]

A vivência e a prática eclesial estabelecem valores próprios que devem ser considerados e, especialmente, confrontados com a mensagem fundamental do Evangelho, se tornando reformáveis, pois nem sempre consensos terminológicos convergem em realidade. Altmann conclui esta parte constatando que o Relatório não levou em conta que havia diversidades dentro das próprias igrejas e que o ideal teria sido o diálogo ter iniciado a partir da concepção do mundo atual, relacionando prática e doutrinas diversas sob o enfoque do Evangelho, na esperança de que as duas igrejas pudessem prestar um serviço conjunto ao mundo, pois o próprio Relatório atribui ao mundo uma função hermenêutica, quando afirma em Introdução n.2 e em II. O EVANGELHO E O MUNDO, C. O caráter histórico do Evangelho, n. 43:

---

[728] **Relatório de Malta**, n.p. Acesso em: 25 jul. 2021, *"The discussion made evident a certain convergence of the Catholic idea of the hierarchy of truths and the Lutheran understanding of the gospel in terms of the central events to which it witnesses. The concept of the hierarchy of truths8 enables Catholic theology instead of viewing all truths of faith as on the same plane, to introduce a consideration of their actual content, and thus makes evident the different levels or degrees of importance of individual truths of faith. At the same time, all truths of faith, whatever the level to which they are assigned, are given a common reference point in the foundation of the Christian faith. This brings the idea of the hierarchy of truths very close to that of the center of the gospel. To be sure, the obvious closeness does not eliminate differing emphases. While in the case of the idea of the hierarchy of truths, the aspect of completeness and fullness emerges more strongly, there is a stronger critical stress implied by the idea of the center, especially when one considers its use in the history of theology. On the basis of this it suggests that church traditions must ask themselves whether they rightly testify to the gospel."*

[729] ALTMANN, 1976, p. 118.

[730] ALTMANN, 1976, p. 118.

> As duas delegações estão convictas de que as questões teológicas tradicionalmente controvertidas entre católicos e luteranos conservam ainda a sua importância, mas também de que elas hoje despontam sob uma perspectiva diversa no quadro da concepção do mundo atual e por causa dos novos enfoques das ciências da natureza, da história e da teologia bíblica. Assumiram, portanto, como tarefa, à luz desses novos enfoques, começar um diálogo sério sobre questões teológicas e, a partir daí, constatar e eliminar os eventuais pontos de mal-entendidos ou de atrito. Concordaram que não se trata de encontrar, de imediato, soluções rápidas para questões práticas, mas antes iniciar um diálogo que abarque as questões fundamentais, tanto as que separam como as que unem as duas igrejas. [...] Somente quando é proclamado dentro de situações concretas, é que se nos manifesta em seu significado salvador. Deste modo, o mundo não oferece apenas as possibilidades de transmissão do Evangelho; possui, muito antes, também uma função hermenêutica. a partir do próprio mundo que, em parte, conquistamos uma compreensão mais profunda da riqueza e da plenitude do Evangelho.[731] (tradução nossa).

Sobre os impasses do ecumenismo brasileiro é preciso lembrar que as comunidades evangélicas oriundas de imigrantes não eram proselitistas, mas labutavam pela preservação de sua fé e assim foram respeitadas especialmente pelos católicos. Isso pode ter causado um retraimento no ecumenismo, especialmente aquele desvinculado da instituição, sem muita efetividade, onde algumas experiências negativas das paróquias podem ter levantado mais dúvidas do que esperanças.

Outra consequência disso pode ter sido a preferência por uma imagem ecumênica, um ecumenismo festivo, em datas comemorativas, se tornando um álibi para a falta de efetiva vivência ecumênica, se limitando apenas a encontros com colegas, com muitos poucos grupos de encontro e reflexão ou ação. Este pesquisador pode observar este clima ainda hoje, também entre igrejas de confessionalidade comum, como a IECLB e IELB. Altmann chama a atenção para a constatação de que o ecumenismo é, muitas vezes, basicamente apenas de cooperação prática, como programas de aconselhamento psicológico e no campo de ensino religioso, o que pode expressar mais práticas diante de necessidades do que de fato uma vontade de se expressar em testemunho e ação. Segundo ele, é necessário ter uma compreensão

---

[731] **Relatório de Malta**, n.p. Acesso em: 25 jul. 2021, *"Both delegations were convinced that the traditionally disputed theological issues between Catholics and Lutherans are still of importance but that these appear in a different light 'through the emergence of the modern world' and because of new insights in the natural, social and historical sciences and in biblical theology. In view of these new insights the delegations, therefore, agreed to 'engage in serious discussions on theological issues' and thus to 'identify and eliminate misunderstandings and causes of irritation'. They agreed that it is not of primary importance to look for quick solutions to practical problems but rather to enter into a comprehensive dialog about the basic problems which both separate and unite the two churches*. [...] *Only when the gospel is proclaimed for such specific situations do we grasp its saving character. Thus, the world not only provides opportunities for the communication of the gospel, but it also has a hermeneutical function. It is this very world which to a certain extent enriches us with a deeper understanding of the fullness of the gospel."*

mútua das convicções teológicas de cada participante nestas ações conjuntas, para não haver conflitos logo ali adiante:

> Os programas não devem passar por cima das motivações e objetivos teológicos, não devem substituir a meticulosa reflexão teológica ecumênica. [...] Tudo vai bem, enquanto o objetivo prático é comum. Quando, porém, desponta alguma divergência prática, reacendem-se velhas suspeitas e preconceitos, que se supunham superados. Tudo isso pelo simples fato de que não houve exercício de compreensão mútua de convicções.[732]

Desconfianças mútuas podem ocorrer que intranquilizem o ambiente ecumênico, como o evangélico não ver convicção teológica no católico e somente autoritarismo; por sua vez, o católico ver o evangélico como um oportunista proselitista. Uma prática já instalada, uma absolutização da mesma, pode causar resistência a uma nova prática, independente de acordos confessionais. Segundo Altmann, o Relatório deixou claro a inverdade do chavão de que teologia e doutrina não são necessárias para o progresso da prática, onde ecumenismo não é apenas soma de programas, mas convicção vivida, buscando uma unidade autêntica e não aparente, o que por sua vez, pode também causar rupturas.[733] Por fim, quanto às perspectivas do ecumenismo brasileiro, dentro da dialética unidade e tensão, o Evangelho impele à tarefa ecumênica quando se quer viver no seguimento de um único Senhor. Nesse sentido, o diálogo e a prática podem levar adiante a teologia e por ela ser corrigida, conquanto que a teologia reflita o seu tempo, não sancionando o *status quo* (estado atual), ficando superada assim a dicotomia entre teologia e prática. Altmann destaca três pontos que entende necessários na tarefa ecumênica.

Em primeiro destaca a necessidade de romper o círculo vicioso da festividade, caracterizado pela presença de ministros das diferentes confissões. As relações de amizade entre os párocos não podem permanecer no descompromissamento, da desilusão e da fuga, mas levar ao diálogo fraterno, à convivência ecumênica, buscando imaginação quanto às modalidades de trabalho, desejando realmente esse tipo de ação entre as suas paróquias, canalizando recursos humanos e materiais, produzindo canais de informação e de comunicação.[734]

O Brasil partilha de problemas comuns latino-americanos e do mundo subdesenvolvido, onde esse ser humano que sofre é objeto do amor de Deus, ansioso

---

[732] ALTMANN, 1976, p. 122.
[733] ALTMANN, 1976, p. 123.
[734] ALTMANN, 1976, p. 124.

por libertação em todas dimensões de seu ser. A igreja e especialmente a teologia evangélica, precisam refletir sobre sua contribuição para esse problema. Nenhuma das denominações precisa perder seu específico na tarefa ecumênica. Tudo que se proclamar como evangélico deverá ser examinado em sua catolicidade e a delimitação do organismo eclesiástico precisará de autocompreensão. Os evangélicos deverão compreender que são frutos da causa evangélica e não de uma obra de reforma da Igreja. Os católicos precisam compreender que provém do Evangelho e não exclusivamente da igreja que atravessa os séculos e que representa Deus e Cristo.[735]

Relatou-se acima um caso familiar que exemplifica uma convivência ecumênica. O imigrante alemão e pastor luterano da IELB, Walter Paul Rennecke, recebeu um chamado para exercer seu Ministério Pastoral, em junho de 1943, após a soltura da sua prisão. Em novembro de 1947, foi inaugurada a primeira capela em Caxias do Sul, RS. Porém, em fins de julho de 1951, ela foi incendiada, por mãos criminosas, sendo o motivo provável a perseguição religiosa. No transcorrer do tempo entre o incêndio e o primeiro culto na nova igreja, os cultos eram realizados mensalmente, no sábado de noite, no templo da Igreja Metodista, no centro da cidade, a convite do então pastor daquela denominação, rev. Geraldo Stédile. Por coincidência, como filho do pastor Walter Paul Rennecke, este pesquisador exerceu o Ministério Pastoral em Jundiaí, SP, onde também se celebrou os cultos luteranos no templo da Igreja Metodista, em 1995-1996, enquanto era construído o templo próprio.

Evangélicos e católicos estão simultaneamente em aprendizado e confronto mútuos. Da mesma maneira pode ser entre “luteranos e luteranos” no Brasil, entre a IECLB e a IELB. Isso é uma tarefa na situação atual que pode ser promissora e a estagnação pode ser evitada. É preciso se estar no caminho do diálogo, antecipando os sinais da ação do Espírito Santo, pela vontade do Filho que assim roga ao Pai. O Espírito cria uma comunhão onde os diferentes podem construir oportunidades entre os diversos, porque a diversidade pode perder seu elemento causador de divisão. O centro da hermenêutica é se o texto promove a Cristo; e, neste sentido, as confissões são promovidas pelo Espírito para proclamar “coisas boas”, como testemunhos de fé.

As confissões são válidas como o consenso da igreja que busca o entendimento correto das Sagradas Escrituras. Não é repetindo os textos apenas

[735] ALTMANN, 1976, p. 125-126.

como descrição de fenômenos passados ou que sirvam para projetos próprios, com fins inclusive partidários. O problema não é a diversidade. O escândalo existe quando a diversidade acaba em conflito, exclusão mútua, desintegração. A “comunhão dos santos” de que fala o Credo Apostólico não contempla guerra religiosa interna, daí a importância do ecumenismo que busca o diálogo fraterno entre as igrejas. Comunhão cristã deve comportar diferenças, porém, unidade nunca quer significar uniformidade, o que significa que não se tem a obrigação de concordar com as igrejas. Não se trata de nivelar as divergências, mas é preciso dialogar, pois a fraternidade não proíbe a discordância. Aqui se poderia afirmar que existem coisas que não é preciso fazer em conjunto, como aquilo que não estimula a diversidade; outras coisas que não podem ser feitas conjuntamente, como aquilo que desqualifica a diversidade; e ainda há coisas que se pode fazer juntos, como aquilo que valoriza a diversidade.

A verdade não é algo que se tem como posse, mas um caminho ao Evangelho em relação com o mesmo, um jeito de andar, saindo de uma ideia estática de verdade para uma concepção dinâmica. O caminho não é traçado a partir do mundo das ideias, mas pela experiência vivida. As Igrejas devem perceber que o problema não está nas outras ou que elas próprias tenham o conceito certo ou melhor da verdade. Desta forma, o esforço para a busca de um diálogo fraterno não deve conduzir as Igrejas a se ocuparem com seus problemas, discórdias, ou, às relações entre si, levando a um estreitamento no pensamento ecumênico, mas deve levar à ênfase na sua missão e testemunho a cumprir no mundo. Igrejas nascem da Palavra; Palavra é essencialmente diálogo e diálogo é encontro. Portanto, Igrejas são relação e uma se fortalece em relação com a outra, ou seja, o lugar de uma é indispensável para a realização da outra. Igrejas se conhecem através do relacionamento e não do ouvir dizer. A coparticipação dialogal é o fundamento de elas existirem e de suas manifestações. Igreja que não ouve as questões, não tem as respostas. Igreja que não dialoga não tem mensagem, não tem Evangelho. Igreja que não tem Evangelho, não tem doutrina nenhuma!! Pode ter “uma sopa de letrinhas conservadas no vinagre”.

5.3 BREVES PERCEPÇÕES E CONSIDERAÇÕES

Chegado ao final desse capítulo, é importante rever seu conjunto novamente. Para isso resumir-se-á os seus tópicos. No relacionamento entre as igrejas luteranas brasileiras entre si, IECLB e IELB, e com a Igreja Católica, as confissões comuns e

particulares de cada uma delas podem ser uma possibilidade para o diálogo e perder seu caráter conflitivo. No início, as comunidades da futura IECLB, estavam desassistidas e a falta de pastores fez com que membros de diversas profissões exercessem o ministério pastoral, até a chegada de pastores da Alemanha. A IELB também iniciou com pastores vindos dos Estados Unidos da América, para atender um pedido de luteranos imigrantes, criando uma certa concorrência. Apesar de pastores das duas denominações atenderem grupos dissidentes uns dos outros, não há notícias de divisões por motivos confessionais.

Infelizmente, existem grupos que vivem isolados uns dos outros e, às vezes, em profunda competição. Porém, as confissões de cada um podem ser oportunidades que fomentem um diálogo fraterno, franco e aberto sobre as possibilidades e dificuldades que se apresentam na diversidade. Os primeiros congressos luteranos latino-americanos procuraram criar uma nova relação que oportunizasse um conhecimento mútuo entre as denominações. Meyer pode lembrar um fato marcante presente num dos congressos, de que as igrejas confessionais, satisfeitas consigo próprias, isoladas e sempre acusando as outras, podiam agora pertencer ao passado. O diálogo fraterno não precisa levar as denominações a se ocuparem com seus problemas e discórdias nas relações entre si, mas deve levar à ênfase na sua missão e testemunho frente ao mundo.

Neste desafio, as maiores igrejas luteranas brasileiras, IECLB e IELB, têm o compromisso ecumênico de dialogarem teologicamente e procurarem esforços conjuntos em testemunhos que tragam luzes para a situação social brasileira e latino-americana. É extremamente importante que haja uma renovação na vida do luteranismo, para que se desapegue de formas e tradições eclesiásticas presas num simples palavrório de jargões teológicos, e que avance para testemunhos que signifiquem compartilhar o amor de Deus presente no Evangelho, proporcionando assim uma existência autenticamente mais humana.

O trabalho apresentado pelo luterano Yoshiro Ishida demonstrou que o alvo da missão da igreja passa pela humanização, e, que sendo assim, a tarefa será mais ampla e não poderá ser realizada por uma pequena parte do cristianismo. É fundamental um diálogo fraterno que produza condições para que, a partir de pontos convergentes, como testemunhos de fé, a missão tenha mais andamento e seja mais robusta. A missão eclesiástica de plantar igrejas tem sido uma expansão

denominacional da igreja, uma propaganda da denominação, ao invés de ser uma proclamação do Evangelho. É necessária uma transformação da denominação de uma estrutura de assimilação introvertida e cuidadora de si mesma, em uma estrutura aberta ao diálogo terno e dinâmico. A função da igreja não é uma tarefa solitária, reservada às pessoas que pertencem à denominação. Existem semelhanças, baseadas no Evangelho, como testemunhos de fé, que aproximam as igrejas e que produzem um senso comum que pode ser transmitido para a sociedade. A Igreja vai aonde o povo está! Neste sentido, o II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana trouxe contribuições importantes para um diálogo fraterno na diversidade. Historicamente a unidade interior da teologia das confissões necessita do Evangelho, a justificação pela fé, como elo produtor de unidade, apesar de que elas tiveram historicamente mudança de função, se tornando um documento de um grupo separado. As confissões próprias em sua origem foram produzidas como um pano de fundo para o diálogo fraterno entre os diversos, com a tarefa primordial de promover o Evangelho. O testemunho de fé não desejava ser um fim em si mesmo, mas tentava ser uma ocasião para o conhecimento mútuo dos diversos.

Assim, a diversidade confessional pode se tornar um desafio para o diálogo fraterno, exatamente por haver diferenças, caso contrário, seria um monólogo. Isto leva à necessidade de não se repetir os textos apenas como exposição de fenômenos do passado ou na medida em que servem para projetos próprios, com fins interesseiros e até partidários. O núcleo hermenêutico é a promoção de Cristo. Quando a confissão de fé se torna um fim em si mesmo, se impede a oportunidade de avançar através do diálogo. Por outro lado, quando o testemunho demonstra uma abordagem do Evangelho presente nas Escrituras Sagradas, mostra a diversidade de percepção que o mesmo traz a partir do contexto de vida de cada um. Assim, o diálogo pode ser enriquecedor no aconselhamento fraterno.

Num mundo onde está presente uma relativização das verdades, as igrejas devem estar animadas não para buscar fórmulas, mas, pelo impacto que a comunicação pode causar, cuja finalidade é proclamar “coisas boas”. O trabalho teológico que se apresenta nas confissões próprias, quer mostrar amor e preocupação pelo ser humano como entendido por Deus. As confissões próprias, como testemunho de fé, não são as únicas possuidoras da verdade que salva. O Evangelho pode estar presente nas denominações cristãs, sendo que o diálogo fraterno entre elas não dá

espaço para posições estanques e estratificadas. O diálogo em torno das diversidades presentes nas confissões pode incluir, de forma renovada, uma autoanálise e autocrítica confessional, que proporcione um crescimento no testemunho, no conhecimento e no amor. Desta forma, é importante encontrar estágios intermediários de comunhão, em vários graus de acordos teológicos, evitando a posição perfeccionista do “tudo ou nada”. Outrossim, é importante um novo conceito de cooperação eclesiástica, pois verdade é o que leva a Cristo, o que representa o Cristo para a vida. Aqui está o critério para a leitura dos escritos confessionais da tradição reformatória. O Relatório de Malta, partindo do centro do Evangelho, esboçou um amplo consenso. As partes chegaram a um acordo de que a Escritura tem um lugar especial, prioritário nos critérios da pregação eclesiástica, não sendo mais necessário contrapor Escritura e Tradição. Outrossim, a pregação não estaria limitada a um determinado grupo de pessoas, sendo a Igreja em si a totalidade do povo de Deus.

Diálogos começam com a esperança de que desentendimentos passados, desavenças, controvérsias e conflitos sejam possíveis de serem superados, mas, neste sentido, a paciência deve ser a virtude ecumênica por excelência. Aqui valeria a pergunta sobre o relacionamento entre pares, como entre as igrejas luteranas IECLB e IELB. Se católicos e luteranos tiveram a possibilidade de chegar a consensos importantes sobre aspectos que antes pareciam instransponíveis, o que pode impedir que igrejas com a mesma origem confessional possam dialogar e efetuar testemunhos conjuntos?

A vivência e a prática da igreja trazem valores próprios que devem ser levados em conta e, especialmente confrontados com a mensagem fundante do Evangelho, sendo disponíveis às reformas, mesmo porque nem sempre consensos terminológicos convergem em realidade. Nesta direção, Altmann trouxe a contribuição sobre os resultados do Relatório de Malta e a situação brasileira. Levando em conta a dialética entre unidade e identidade, o Evangelho precisa levar ao diálogo quando o que se busca é viver no seguimento de um único Senhor. Desta forma, o diálogo e a prática podem levar para frente a teologia e por ela ser corrigida, conquanto que a teologia reflita o seu tempo, não estratificando o *status quo* (estado atual).

Assim, não é preciso um consenso teológico total, mas um caminho de diálogo, deixando de lado a insistência sobre o “tudo ou nada”, permitindo que a proclamação aconteça dentro de situações concretas, mostrando desta forma o

Evangelho, em seu pleno significado salvador, trazendo uma compreensão mais profunda de sua plenitude. Outrossim, o Brasil possui problemas comuns latino-americanos e do mundo subdesenvolvido, onde o ser humano que sofre é objeto do amor de Deus. A igreja e, em particular, a teologia evangélica precisam refletir sobre sua contribuição para essa problemática, através do seu testemunho de amor ao próximo indispensável para a credibilidade da pregação. Nenhuma das denominações precisa perder sua identidade e seu específico nesta tarefa. Luteranos entre si e católicos podem continuar caminhando em aprendizado e confronto mútuos. Assim pode ser entre "luteranos e luteranos" no Brasil, entre a IECLB e a IELB. A dificuldade não é a diversidade, mas, o escândalo acontece quando esta diversidade acaba em conflito, exclusão mútua, desintegração. Comunhão cristã pode conter diferenças, porém, unidade não precisa significar uniformidade. Aqui também se poderia concluir que existem coisas que não é preciso fazer em conjunto, como aquilo que não estimula a diversidade; outras coisas que não podem ser feitas conjuntamente, como aquilo que desqualifica a diversidade; e ainda há coisas que se pode fazer juntos, como aquilo que valoriza a diversidade.

A Igreja nasceu da Palavra, portanto da comunicação, do diálogo. Sua essência é dialogar. Igrejas se conhecem através do relacionamento e não do ouvir dizer. Quando elas se enclausuram e não dialogam, elas não têm mensagem, portanto, não tem Evangelho. Igrejas são relação e uma se fortalece em relação com a outra, ou seja, o lugar de uma é indispensável para a realização da outra.

5.3.1 Encontros e desencontros[736] para um diálogo fraterno na diversidade a partir das reuniões da CID

A pesquisa pode indicar que os diálogos aconteciam com maior frequência e com maior produtividade dependendo dos líderes que coordenavam as reuniões da CID e das compreensões ecumênicas dos presidentes nacionais destas denominações. Aqui também se poderia auferir se existem coisas que não seria preciso fazer em conjunto, como aquilo que não estimularia a diversidade; outras coisas que não poderiam ser feitas conjuntamente, como aquilo que desqualificasse

[736] Desencontros, palavra que começou a aparecer mais fortemente, a partir da 2ª Conferência Nacional Interluterana, e que está sendo usada nesta pesquisa, como sinônimo de dificuldades, e a palavra "encontro" usada como sinônimo de possibilidade.

a diversidade; e ainda se haveria coisas que se poderia fazer juntos, como aquilo que valorizasse a diversidade. Uma análise das atas da CID, por ano e por presidência nacional anual das Igrejas, sob a ótica do respeito à diversidade, pode trazer à luz aspectos de “encontros” e de “desencontros” que marcaram essa trajetória de 20 anos, e que, sendo considerados, podem lançar luz sobre uma possível retomada desta caminhada de diálogos fraternos na diversidade entre as duas igrejas.

No ano de 1996 aconteceram duas reuniões da CID, sendo presidente da IECLB, o pastor Huberto Kirchheim e da IELB, o pastor Leopoldo Heimann. Na primeira reunião fora constituída a Comissão Coordenadora Permanente, que posteriormente seria denominada de Comissão Interluterana de Diálogo, CID, na tentativa de modificar o horizonte à frente no caminho que vinha sendo trilhado pelas duas Igrejas. A reunião teve como um dos principais objetivos discutir o Convênio de Mútua Cooperação e questões decorrentes do mesmo. Como encontro, as duas Igrejas deveriam reforçar as coisas não conflitantes e concretas que efetivamente estariam ocorrendo e a necessidade de diálogo em torno das questões teológicas conflitantes, para que houvesse uma base para trabalhar as questões divergentes. Como “desencontros”, se destaca a proposta de realização de uma Conferência Pastoral conjunta em 1997, onde poderiam ser discutidos temas como a justificação pela graça e fé e a entrada no 3° Milênio das Igrejas Luteranas, o que não se realizou. Na 2ª reunião da Comissão, o ponto de encontro foi que o 19° Concílio Geral da IECLB autorizou a Presidência a assinar o Convênio de Cooperação, desde que houvesse reciprocidade por parte da IELB. Foi aprovado o nome para Comissão Interluterana de Diálogo (CID) e que ela prestaria contas de suas atividades às presidências das duas Igrejas, na forma de uma assessoria. Destaque à afirmação de Heimann de que Deus continuasse tirando o medo de ambos os lados, dizendo-se convicto de que estão caindo as escamas dos olhos.

No ano de 1997 aconteceram as 3ª, 4ª, 5ª e 6ª reuniões da CID, sob a presidência nacional de Heimann (IELB) e Kirchheim (IECLB). Como “encontros” se destaca diálogos sobre as experiências havidas no passado sobre as relações entre pastores das duas Igrejas e o acolhimento da proposta de se fazer uma retrospectiva a partir de 1967, da história das duas Igrejas, levando em conta a contribuição da CIL, LUC, e as reuniões entre as direções de ambas Igrejas. Brakemeier deixara claro que não se visava uma fusão organizacional das duas Igrejas. O "1º Encontro Luterano de

Estudos Teológicos" que fora promovido pela EST (IECLB) e Seminário Concórdia (IELB), em setembro, e que teve como tema “Melanchthon-Vida e Obra”, com atividades acadêmicas e culturais e de integração, com uma participação de 300 pessoas. Como “desencontros” se destaca a lembrança de que a CID fora criada como instrumento para que se alcançasse a meta final do Convênio de Cooperação, ou seja, a Comunhão de Púlpito e Altar, num testemunho de união ao mundo. Heimann declarara que ainda gostaria de presenciar a assinatura do protocolo a ser firmado neste sentido pelas duas Igrejas, o que não aconteceu. No “1º Encontro Luterano de Estudos Teológicos" teriam ficado sugestões de haver turmas mistas de estudantes de seminários diferentes com disciplina comum, a título de ensaio ecumênico, intercâmbio de estudantes, e ter mais momentos de celebração, o que não aconteceu.

No ano de 1998 aconteceram as 7ª, 8ª, 9ª, 10ª e 11ª reuniões da CID, sob a presidência nacional de Carlos W. Winterle (IELB) e Huberto Kirchheim (IECLB). Como “encontro” se destaca que o Convênio de Cooperação IECLB e IELB fora aprovado na 56ª Convenção Nacional da IELB, em 1998. Como avaliação da 1ª Conferência Nacional Interluterana, se ressaltou a ênfase dada pelos palestrantes em não se valeram nem de críticas mútuas, nem de gentilezas, mas de terem enfocado a tarefa, os talentos e o desafio. Como “desencontro”, se destaca uma afirmação de Winterle, de que uma afirmação de Brakemeier sobre a IECLB conviver com sete ou oito linhas de pensamento, poderia ser um desafio para a IELB, pois ela estaria acostumada a conviver com uma só linha de pensamento. Foram expostas informações sobre a origem, a história, os objetivos e as Igrejas filiadas do CLI, em julho de 1952, como reação à fundação da Federação Luterana Mundial, e que ela se definia entendendo as Sagradas Escrituras como a inspirada e infalível Palavra de Deus e as Confissões Luteranas, contidas no Livro de Concórdia, como verdadeira e confiável interpretação da Palavra de Deus.

No ano de 1999 aconteceram as 12ª, 13ª, 14ª e 15ª reuniões da CID, sob a presidência nacional de Winterle (IELB) e Kirchheim (IECLB). Como “encontros” neste período, se pode destacar que seriam ouvidos pastores das duas Igrejas do ES, para relatar o bom convívio fraterno entre as duas Igrejas naquele Estado. Acontecera a nomeação de uma comissão de comunicação IECLB-IELB para planejar, produzir e distribuir vinhetas sobre a Reforma. Fora estabelecida uma Comissão para planejar ações conjuntas pela comemoração do Dia da Reforma. Houve destaques às

celebrações conjuntas da Reforma em Porto Alegre, RS e em Curitiba, PR, onde os pastores teriam sido incentivados a promoverem celebrações menores em vários locais. O IEPG, EST (IECLB), haveria recebido da IELB a indicação do Dr. Acir Raymann para fazer parte daquele Conselho. Acontecera o Encontro das Comissões de Teologia para dialogar sobre Santa Ceia e Acolhimento Mútuo, em novembro, Porto Alegre, RS. Os dois Pastores Presidentes iriam enviar cartas às comunidades, recomendando o acolhimento mútuo por ocasião da celebração da Ceia, em ocasiões especiais, observadas as situações locais. Como “desencontros” se destaca a afirmação do presidente da IELB de que haveria muitos elementos complicadores para o envio da carta de acolhimento mútuo. Numa das reuniões foi sugerido que um dos assuntos que deveria ser trabalhado pelas duas Igrejas seria a questão da interpretação da Bíblia e esta poderia ser uma tarefa para ser assumida pelas duas casas de formação teológica das Igrejas, o que não aconteceu. No Simpósio sobre Lutero-Comunhão e Separação no Altar do Senhor, evento que havia sido promovido pela Escola Superior de Teologia, do Instituto Concórdia, de São Paulo, os pastores da IECLB da região de São Paulo não teriam participado.

No ano de 2000 aconteceram as 16ª, 17ª, 18ª, 19ª e 20ª reuniões da CID, sob a presidência nacional de Winterle (IELB) e Kirchheim (IECLB). Como “encontros” se podem destacar comentários sobre a Declaração Conjunta Sobre a Doutrina da Justificação (DCDJ), assinada em 1999, entre católicos e luteranos. A aproximação não nivelaria, não criaria comunhão entre as partes, gerando um clima de respeito e boa vontade, onde acusações do passado poderiam ser revistas. Reflexos desta assinatura poderiam influenciar ações da CID, em posicionamentos diferenciados que existem nas duas Igrejas. Neste período aconteceu um diálogo com os editores dos jornais das duas Igrejas, sugerindo que houvesse textos editados nos dois veículos simultaneamente, em forma de um encarte comum. Houve encontro com representantes do corpo docente e discente do Instituto Concórdia, da IELB, de São Leopoldo, RS, e um encontro com docentes da Escola Superior de Teologia, da IECLB, além do fato de pastores da IECLB já se encontrarem na ULBRA, assumindo aulas na área de Ciências da Religião. Numa avaliação sobre a caminhada após a 1ª Conferência, se reconheceu sinais alentadores em algumas áreas. Os jornais haviam iniciado uma caminhada com publicação conjunta de cadernos, promoções conjuntas por ocasião da Reforma também já faziam parte do calendário anual de eventos das

igrejas, além de experiências muito positivas que teriam acontecido em Curitiba, PR, na Capelania Hospitalar, sendo que nessa área as perspectivas de cooperação seriam muito grandes. Em preparação para a 2ª Conferência, fora proposto não tratar de questões que dividissem, pois temas polêmicos poderiam não agregar, mas, que se fizesse uma análise das recomendações feitas na 1ª Conferência. Como "desencontro" se pode destacar que havia sido pensada a possibilidade de as duas igrejas terem um tema anual comum num futuro próximo, o que não havia se concretizado. Outrossim, a 1ª Conferência havia encaminhado a ideia de criar a assessoria de Imprensa Interluterana, que também não estava andando.

No ano de 2001 aconteceram as 21ª, 22ª, 23ª, 24ª, 25ª e 26ª reuniões da CID, sob a presidência nacional de Winterle (IELB) e Kirchheim (IECLB). Como "encontro" se pode destacar o trabalho das duas Comissões Teológicas sobre o tema Santa Ceia, que apresentaram uma proposta de carta às congregações da IECLB e IELB, animando-as em relação ao tema Acolhimento Mútuo na Santa Ceia, a qual foi enviada aos pastores para estudo e análise, em setembro. Neste período aconteceu mais um encontro com os estudantes formandos da Faculdade de Teologia da IECLB, relatando o histórico da CID, o Convênio de Cooperação e a 1° Conferência Nacional Interluterana. Houve a determinação do objetivo geral para a 2ª Conferência, que seria contribuir para que IELB e IECLB identificassem razões históricas, hermenêuticas e práticas que ajudassem a compreender seus desencontros e que servissem de base para o processo de diálogo e cooperação. A 25ª reunião da CID aconteceu nas dependências do Lar Rodeio 12, da IECLB, em SC, durante esta Conferência. Como "desencontros" se pode destacar que se identificou uma maior necessidade de fomentar equipes interluteranas para a produção de material para ensino religioso e catequético, além da necessidade de se promover uma maior integração entre as Faculdades de Teologia (Escola Superior de Teologia, Seminário Concórdia e Teologia da ULBRA). Na avaliação feita sobre a 2ª Conferência, foi comentado que se falou que a IELB, apesar de ter oficialmente apenas uma linha hermenêutica, não conseguia praticá-la. Ficou o questionamento de como a CID poderia estimular o diálogo para se chegar à comunhão de púlpito e altar a partir das colocações feitas nesta Conferência. Lamentou-se que o assunto da Santa Ceia não fora tratado.

No ano de 2002 aconteceram as reuniões 27ª, 28ª, 29ª e 30ª, sob a presidência nacional de Winterle, da IELB e Kirchheim, da IECLB. Como "encontro"

se aponta que a IELB iria decidir na Convenção Nacional sobre o fechamento de um dos seus seminários e havia uma proposta no sentido de a IELB e IECLB manterem um Seminário comum em São Paulo. Os presidentes das duas igrejas falaram sobre o Diálogo Interluterano referente à Celebração da Santa Ceia e destacaram a fraternidade do encontro e o clima favorável ao diálogo. Foi lido e modificado o texto provisório sobre o diálogo sobre a Santa Ceia entre IECLB/IELB, com destaque que havia um sentimento de alívio da parte de vários por existir consenso no que dizia respeito ao fundamental na doutrina da Santa Ceia. Fora sugerido também que se estudasse o texto sobre Eucaristia da Comissão de Diálogo Católico Romano-Evangélico Luterano para o enriquecimento mútuo sobre o tema. Como “desencontro” se aponta que foi constatado que a comunhão na Santa Ceia envolveria comunhão na unidade de fé (CA VII), e neste sentido haveria um longo caminho a percorrer. Foi sugerido que a CID promovesse encontros para troca de experiências de representantes de setores, como planejamento missionário, educação, educação teológica, fixação e apoio ao colono na terra, saúde, pensão, capelania hospitalar, previdência social, o que não teve andamento. O presidente da IELB havia comunicado que a Comissão de Teologia (CTRE) estaria estudando a possibilidade da IELB ser membro associado da FLM, o que acabou não acontecendo. A IELB fora aconselhada a participar do Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI), o que não aconteceu. Destacou-se que seria proveitoso que os conselhos sinodais da IECLB e conselhos distritais da IELB se visitem mutuamente, o que não teve andamento. Numa avaliação do Simpósio sobre Identidade Luterana, ocorrido na Escola Superior de Teologia, RS, que deveria ser uma promoção conjunta da EST e Seminário Concórdia, acabou sendo só da Escola Superior de Teologia, que teve a participação de um número reduzido de estudantes de Teologia do Seminário Concórdia.

No ano de 2003 aconteceram as reuniões 31ª, 32ª, 33ª. 34ª e 35ª, sob a presidência nacional de Winterle, da IELB e Altmann, da IECLB. Como “encontro” se pode destacar que acontecera reunião com os responsáveis pelas escolas nas duas igrejas e que havia situações comuns nas duas igrejas em relação às escolas, como problemas entre comunidade e escola, com confessionalidade e com a administração das escolas, sendo que esses problemas comuns justificariam iniciativas e caminhadas conjuntas nesta área. No período acontecera um diálogo com formandos em Teologia do Seminário Concórdia, da IELB, que fora muito vivo e participativo,

abrindo a visão para a possibilidade de cooperação entre ambas as igrejas. Como “desencontro” se pode destacar que apesar de ser ressaltado que as duas Igrejas deveriam se manifestar conjuntamente nas questões sobre Responsabilidade Pública e Capelania Hospitalar e também, sempre que possível, através do CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs), para a sociedade ouvir apenas uma voz dos luteranos e não vozes diferentes, o que não aconteceu. Numa avaliação de um Concílio de pastores da IELB, ocorrido no Distrito Espírito Santo, houve o sentimento de um sincero engajamento no trabalho da Igreja por parte dos pastores, mas também bastante resistência quando o assunto era cooperação com a IECLB.

No ano de 2004 aconteceram as reuniões 36ª, 37ª, 38ª, 39ª e 40ª da CID, sob a presidência nacional de Winterle, da IELB e Altmann, da IECLB. Como “encontro” se destaca a afirmação de que as duas igrejas tinham uma missão em comum e não em competição no Brasil, sobretudo em vista do ambiente de pluralidade religiosa. Como “desencontro” se destaca que houvera uma provocação por parte de Winterle, de que a CID falava muito, mas fazia pouco. Deixou o desafio para que a CID abraçasse alguns assuntos que entendia serem relevantes no âmbito das duas igrejas, como, por exemplo, buscar mais trabalho em conjunto no que diz respeito ao apoio aos pequenos agricultores, ao serviço social, à literatura e educação formal, não a comunhão de púlpito e altar, sobre o que havia resistências, especialmente, na IELB. Infelizmente esta ideia não foi adiante. Ficou a pergunta se na 3ª Conferência as igrejas poderiam rever seus planejamentos missionários, em vista de uma maior cooperação nesse campo? Como se constatou, essa ideia não foi adiante.

No ano de 2005 aconteceram as reuniões 41ª, 42ª, 43ª e 44ª da CID, sob a presidência nacional de Winterle e Altmann. Como “encontro” se destaca uma explanação do trabalho sobre as 60 escolas integradas na Rede Sinodal, a maioria no sul do país. Ficou o desafio de que as entidades educacionais tivessem encontros periódicos para mais aproximação e diálogo. Foi realizada uma reunião com dez estudantes da Escola Superior de Teologia, da IECLB, de São Leopoldo, RS. Foi lida uma correspondência do presidente da IELB sobre a organização da 3ª Conferência Interluterana, que destaca o bom ambiente entre todos os participantes, aonde ninguém viera com “pedras na mão” e que se estaria num bom ambiente de diálogo. Como “desencontro” se destaca nesta carta, que na 3ª Conferência, apesar da sugestão dada desde o início de que cada igreja trouxesse o mapeamento das suas

missões e atividades, não houve uma solicitação explícita, o que teria prejudicado a iniciativa.

No ano de 2006 aconteceram as reuniões 45ª, 46ª, 47ª e 48ª da CID, sob a presidência nacional de Paulo Moisés Nerbas, da IELB, e Altmann, da IECLB. Como "encontro" se pode destacar que se pontuou que os fóruns e os simpósios que aconteciam eram iniciativas que iam ao encontro dos objetivos propostos nas conferências interluteranas. Também que o diálogo implicava em saber ouvir o outro. O diálogo interreligioso não significava aceitar que tudo o que o outro cresse fosse bom, mas de se buscar ouvir e procurar entender. Como "desencontro" se pode destacar que se ressaltou que as características de cada curso teológico de cada Igreja dificultariam um intercâmbio de estudantes e docentes, mas que na pós-graduação seria possível uma maior cooperação. Foi lembrado que o aprofundamento dos estudos hermenêuticos era importante com vista à busca da comunhão de púlpito e altar previstos no Convênio, o que não teve andamento. Se destacou também que os luteranos estariam por demais presos às suas heranças históricas, pois, por vezes, parecia que uma cooperação com os irmãos católicos seria menos difícil do que entre os luteranos. A IELB teria decidido que a CID não estaria mais subordinada ao presidente da IELB, mas à CTRE. Por fim, não fora possível expedir uma Carta Pastoral conjunta das presidências das duas Igrejas, mas só da IECLB.

No ano de 2007 aconteceram as reuniões 49ª, 50ª, 51ª e 52ª, sob a presidência nacional de Nerbas, da IELB, e Altmann, da IECLB. Como "encontro" se pode destacar uma reunião com os seminaristas da IELB, que estavam no semestre de conclusão de sua formação e outro encontro com alunos da Faculdades EST, dialogando sobre as atividades e desafios da CID, conforme o Convênio de Cooperação entre IELB - IECLB. Como "desencontro" se pode destacar que a questão da hospitalidade eucarística nas comunidades/congregações, o documento sobre a Santa Ceia ainda não teria "aterrissado', não fora refletido, nem pelos pastores, nem pelas comunidades/congregações. Outrossim, a respeito do Grupo de trabalho Bilateral sobre Missão, se constatou que ainda não tinham acontecido encaminhamentos como o mapeamento conjunto das iniciativas missionárias em áreas novas, visando à cobertura mais ampla da presença luterana no Brasil.

No ano de 2008 aconteceram as reuniões 53ª, 54ª e 55ª, sob a presidência nacional de Nerbas, da IELB, e Altmann, da IECLB. Como "encontro" se destaca o

exemplo de Juazeiro do Norte, CE, onde a IECLB havia iniciado o projeto Missão Zero e de onde a IELB havia retirado o seu estagiário. O presidente da IELB reafirmou a necessidade de se buscar formas de acolher reciprocamente os membros de ambas as igrejas na Santa Ceia. Houve a informação de que na última reunião do CLI, na África do Sul, havia algumas igrejas-membro do CLI que também eram membros da FLM. Como "desencontro" se pode destacar que no Brasil, a CTRE da IELB havia emitido um parecer negativo sobre uma eventual filiação da IELB à FLM. Foi lembrado que a IECLB, por natureza, era ecumênica devido sua história e formação, diferentemente da IELB que se caracterizava por preocupação doutrinária, restringindo o ecumenismo que abrangeria a comunhão de púlpito e altar. Recomendou-se que fosse retomado o estudo do documento sobre a Santa Ceia, que estava parado. No ano de 2009 aconteceram as reuniões 56ª, 57ª, 58ª e 59ª, sob a presidência de Nerbas, da IELB, e Altmann, da IECLB. Pode-se destacar apenas "desencontros" como uma avaliação do trabalho da CID realizado em 2008, que foi apontado como um período marcado pela recessão, esmorecimento, marcando passo. Enfatizou-se que seria necessário colocar um novo rumo, novos assuntos. Observou-se que o presidente da IELB ficara mais voltado para a sua própria denominação, ao passo que o presidente da IECLB se voltara mais para o âmbito internacional. Também se comentou que a IELB não havia aderido à Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação", assinada em 31 de outubro de 1999, em Augsburgo, Alemanha, pela ICAR e a FLM. Também ficara evidente para a CID que diferentes compreensões estariam subentendidas no conceito "fazer missão". Estaria o conceito tradicional de que missão seria conquistar povos e pessoas, desconsiderando o conceito básico do Reino de Deus como oferta e não como conquista, que muitas vezes admitia o uso da coerção física e moral.

No ano de 2010 aconteceram as reuniões 60ª, 61ª, 62ª e 63ª, sob a presidência nacional de Nerbas e depois Egon Kopereck, na IELB, e Altmann, na IECLB. Como "encontro" se pode destacar que se refletiu sobre a pergunta se seria possível as igrejas conviverem juntas, pois tradicionalmente, as congregações não preparavam seus pastores para o diálogo, mas, que o diálogo seria da própria natureza das igrejas. Foi informado que em Curitiba, PR, estava se formando uma "CID Regional" de competência do Sínodo Paranapanema da IECLB e do Distrito Paraná Leste da IELB, para fomentar o diálogo interluterano, iniciativas comuns das duas Igrejas luteranas

nesta área e também com vistas ao ano 2017. Fora elaborada uma carta conjunta por Altmann e Kopereck, sob o tema Eleições 2010, publicado numa revista. Uma das mensagens desta carta afirmava que uma Igreja não teria e nem poderia ter partido político, no entanto, ela não seria apolítica, pois toda a sua atuação teria implicações políticas. Um dos papéis da igreja seria trabalhar para que toda a sociedade, incluindo os partidos políticos, se empenhassem para que a vontade de Deus em favor das pessoas fosse feita também na esfera social e política. Como “desencontro” se destaca o trabalho missionário em Macapá, AP, onde a IECLB não teria ação, somente a IELB. Fora acertado que se buscaria cooperação, visando ao atendimento das pessoas ali residentes, mas que não estava acontecendo.

No ano de 2011 aconteceram as reuniões 64ª, 65ª, 66ª e 67ª, sob as presidências de Kopereck, da IELB, e Nestor Paulo Friedrich, da IECLB. Como “desencontro” se pode destacar que a CID teria feito algumas sugestões para o Grupo de Trabalho dos 500 anos da Reforma, como a programação da 4ª Conferência Nacional Interluterana, em 2014 ou 2015, e que se programasse um Congresso Luterano Nacional, em 2017, com todos os/as pastores/as de ambas as Igrejas e público de 50 mil pessoas, o que nunca aconteceu. Foram trazidas denúncias por pastores da IELB, de serviços de atendimento a membros da IELB por parte de pastores da IECLB, não se observando o regulamento acordado sobre transferência de membros entre ambas as igrejas. Se constatou que havia alguns documentos e outros aspectos do diálogo entre ambas igrejas, que estariam condicionados por temas que não estavam sendo tratados diretamente, e que estariam interferindo e estabelecendo um ambiente de estranhamento, como Ministério feminino, suco de uva na Santa Ceia, comunhão aberta como praticada na IECLB e admissão de infantes à Santa Ceia. Ficara acordado de que as direções das duas igrejas seriam solicitadas a realizar, no prazo de um ano, um estudo sobre a Santa Ceia, objetivando a assinatura de um termo de Convênio de Comunhão de Púlpito e Altar, o que não foi adiante.

No ano de 2012 aconteceram as reuniões 68ª, 69ª, 70ª e 71ª, sob as presidências de Kopereck, da IELB e Nestor P. Friedrich, da IECLB. Como “encontro” se pode destacar a participação de 27 estudantes de Teologia da Faculdades EST, num encontro com a CID, onde muitas perguntas e dúvidas haviam sido expostas. Houve também um diálogo com estudantes de Teologia do Seminário Concórdia, que se mostraram muito interessados no significado da CID e a busca de diálogo entre as

comunidades de ambas as Igrejas. Numa das reuniões da CID, Weirich afirmara que Deus usaria as divergências muitas vezes para promover a convergência. Assim como numa família existia desunião entre si, o fato de serem irmãos em quartos separados não deveria causar decepção. Outrossim, através destas reuniões Deus a seu tempo aperfeiçoaria esta fraternidade. Seria necessário o espírito da mútua cooperação, também desarmar o espírito para que os filhos levassem esta bandeira do diálogo. Houve uma recomendação de que não se devesse insistir na discussão/estudo sobre Santa Ceia, mas priorizar na discussão e no trabalho em conjunto, assuntos possíveis de serem trabalhados. Foi comentado sobre o Culto da Reforma, que seria realizado em conjunto, IELB e IECLB, no dia 31 de outubro de 2012, na Igreja da Reconciliação da IECLB, em Porto Alegre, RS, com a participação de um grande Coro, formado por cantores de ambas as Igrejas e como pregador seria convidado o pastor da IELB, Dr. Rudi Zimmer, presidente da SBB.

Como “desencontro” se pode destacar uma afirmação do coordenador Dreher sobre a questão da hospitalidade eucarística, ressaltando haver dificuldades declaradas no relacionamento da IECLB com a IELB, como o Ministério Feminino, infantes na Santa Ceia, uso do suco de uva em lugar do vinho, devido a problemas com alcoólicos, comunhão restrita e a questão da hermenêutica bíblica de ambas as igrejas. Propôs que as Comissões de Teologia de ambas Igrejas discutissem esses temas e apresentassem soluções/conclusões. Numa das reuniões também apresentou um texto sobre Ministério Feminino que foi estudado em conjunto. A sugestão não teve efetividade. Fora analisada uma carta da CID-Região Metropolitana de Curitiba, PR, relatando o impasse ocorrido nos preparativos do culto que fora realizado no dia 28 de outubro, em Curitiba/PR. A responsabilidade seria da IECLB de indicar o pregador do culto, sendo escolhida uma pastora, o que teria causado o descontentamento por parte dos pastores da IELB, uma vez que a IELB não ordenava mulheres. Foi decidido solicitar aos presidentes e/ou às respectivas comissões das duas Igrejas, que definissem claramente de quais eventos os pastores poderiam participar, sem ferir consciências ou causar escândalos. Também, neste período, foi lida uma carta de um pastor Sinodal da IECLB, relatando acontecimentos que teriam causado insatisfações no relacionamento das igrejas no norte do país, onde membros da IELB teriam visitado membros da IECLB, afirmando que estariam errados doutrinariamente.

No ano de 2013 aconteceram as reuniões 72ª, 73ª, 74ª e 75ª, sob a presidência de Kopereck, da IELB, e Nestor P. Friedrich, da IECLB. Como “encontro” se pode destacar a sugestão, por parte de Kopereck, de um eventual encontro conjunto dos luteranos de ambas as igrejas no Maracanã, no Rio de Janeiro, em 2017. Ponderações neste sentido apontaram que seria mais profícua a realização de encontros regionais no RS, SC, PR, SP, no eixo Espírito Santo-Rio de Janeiro-Minas Gerais, e no eixo Mato Grosso-Rondônia-Amazonas, respeitadas as possibilidades e as dificuldades regionais. A IELB indicara novos participantes para a CID, os pastores Gerson L. Linden e Edgar Lemke. Fora ressaltado que não deveria haver impedimento, na 4ª Conferência, para a discussão em grupos temáticos de questões nas quais não havia consenso entre as duas igrejas. O coordenador da CID para este ano seria o pastor Wilmar Meister, da IELB. Novamente, neste período, se fizeram presentes numa reunião, como convidados, alguns estudantes de Teologia da Faculdades EST. Também os estudantes de Teologia do Seminário Concórdia foram convidados para um encontro com a CID, havendo um diálogo informal e aberto sobre a relação entre as duas Igrejas, oportunizando aos estudantes que relatassem sobre suas próprias experiências, principalmente por ocasião de estágios realizados. Como “desencontro” se pode destacar que a 4ª Conferência Nacional Interluterana, por entendimento da CID, deveria fazer parte da responsabilidade do “GT 500 anos” discutir e encaminhar a sua realização, com a sugestão de que fossem convidados os presidentes da FLM e do CLI. Esta Conferência não se realizou. A partir desta reunião em diante, não foram encontradas as atas das reuniões seguintes, que teriam acontecido até final de 2015 e/ou início de 2016. Pode-se refletir, a partir destas observações, que existem coisas que não é preciso fazer em conjunto, como aquilo que não estimula a diversidade; outras coisas que não podem ser feitas conjuntamente, como aquilo que desqualifica a diversidade; e ainda há coisas que se pode fazer juntos, como aquilo que valoriza a diversidade.

5.3.2 Encontros e desencontros para um diálogo fraterno na diversidade a partir do Convênio de Cooperação entre IECLB E IELB

O que foi feito? O que não deveria ter sido feito? O que poderia ter sido feito? O Convênio de Cooperação, em sua introdução, afirmava que queria buscar condições para alcançar comunhão no uso da Palavra e dos Sacramentos e promover

a cooperação em atividades comuns, no sentido de alcançar melhores resultados mediante ação conjunta. Se destacou as seguintes áreas: Literatura; Editoras, reconhecimento das mesmas; Formação Teológica, reconhecimento dos cursos de pós-graduação; Convenções e Conferências; Culto e Música; Missão, evitando a concorrência e animosidade; Serviço Social; Responsabilidade Educacional, especialmente na busca de cooperação conjunta com os órgãos públicos; Responsabilidade Pública, buscando posicionamentos diante dos desafios da época.

As duas Igrejas luteranas afirmavam no Convênio que buscavam a unidade do corpo de Cristo, sendo que desta forma, estariam comprometidas com diversos objetivos, sendo o primeiro a comunhão no uso da Palavra e dos Sacramentos, se baseando no Prefácio da Apologia da CA, no § 19, buscando “a concórdia sagrada e perpétua”. Pode-se questionar se para a unidade do corpo de Cristo, é necessária uma comunhão de púlpito e altar, o que pode não estar alinhado com uma diversidade confessional, que respeite as diferenças, as valorize, como possíveis perspectivas da aplicação do mesmo Evangelho. A Apologia foi elaborada e escrita por Filipe Melanchthon, que tinha um viés ecumênico, buscando conciliar posições entre luteranos e calvinistas, muitas vezes bastante diversas. Talvez o Convênio poderia ter-se baseado em aspectos da CA, especialmente no seu artigo VII, Da Igreja, com destaque ao texto por ela citado, de Efésios 4:4,5: “Há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo”, sendo que esta unidade não depende de uniformidade de cerimônias, conforme afirma o artigo.

A respeito das áreas citadas de literatura e das editoras, os objetivos eram alcançáveis e estão em andamento, pelo CIL e a CEOL. Na questão da formação teológica, se observou que os objetivos eram muito auspiciosos, como intercâmbio de professores, e reconhecimento de créditos, pois tinham como pressuposto, acordos teológicos, que não estavam levando em conta a diversidade hermenêutica, que ficou demonstrado nas reuniões da CID e nas Conferências. No item de convenções e conferências, a participação de formandos dos respectivos Seminários e Faculdades de Teologia em eventos teve algum sucesso, uma vez que significava troca de informações. Porém, os avanços nas discussões teológicas sobre temáticas como desafios ecumênicos e diversificação de ministérios, novamente esbarrou nas diferenças entre as denominações, e a insistência sistemática nestes diálogos,

buscando consenso, não foi adiante. Bastava-se o conhecimento, sem a necessidade de acordos. Da mesma forma no item culto e música, a busca de liturgias e hinos comuns esbarrou na diversidade hermenêutica, que tinha como pano de fundo, uma comunhão de púlpito e altar.

No que diz respeito ao tema missão, o planejamento comum em frentes avançadas não teve sucesso, devido às mutuas acusações de proselitismo entre as denominações, concorrência e animosidade, especialmente no que tange às questões de Santa Ceia e ministério feminino. Era possível pensar que ambas instituições poderiam trabalhar na mesma região, cada um a seu modo, sob a perspectiva de uma atuação dentro do Reino de Deus. A transferência automática da membresia entre as duas igrejas também não precisaria ter sido necessariamente incondicional. O diálogo fraterno, aplicado a cada caso, poderia resolver democraticamente a situação. A questão da responsabilidade educacional não teve avanços significativos, provavelmente travados pelos conflitos nos diálogos, pois os esforços de cooperar com os órgãos públicos não dependeriam de acordos teológicos e litúrgicos. Aspectos mais simples e alcançáveis podem ter deixado de serem concretizados, por uma insistência noutros aspectos que traziam mais conflitos e diversidades presentes. Poder-se-ia ter prosseguido com cooperações mais simples e destravadas, e avançando, com paciência, fraternidade e respeito, as outras questões mais imbricadas. Pode-se pensar num novo convênio, não de cooperação, mas de diálogo fraterno na diversidade, vendo as diferentes perspectivas teológicas como possibilidades de troca de informações. Podem surgir algumas complementaridades, alguns aspectos que ainda não tenham sido pensados devidamente, ou esquecidos, sem a obrigatoriedade de assimilação disto por parte de cada denominação.

6 CONCLUSÃO

A pergunta central deste projeto de pesquisa foi: Como o relacionamento entre as duas maiores igrejas luteranas brasileiras no plano eclesiástico-denominacional pode levar a um diálogo fraterno entre elas, tendo em conta a contextualização de suas origens, as experiências já havidas, o conceito de uma diversidade reconciliada e uma herança confessional comum. Se destacará aspectos que podem trazer luz para as hipóteses levantadas na Introdução.

O 2º capítulo teve como objetivo observar o desenrolar histórico delas a partir do contexto de suas origens, na perspectiva de uma contextualização dos encontros e desencontros havidos no passado, especialmente no RS. Um olhar a partir do que não precisava ter sido feito e do que poderia ter sido feito, trazendo impactos sobre o relacionamento entre as duas igrejas no passado e hoje. Um aspecto determinante foi o fato de os imigrantes alemães terem vindo de várias regiões da Alemanha, oriundos de comunidades luteranas, reformadas e unidas, com confessionalidades diversas. A participação em determinada comunidade não era obrigatória, as pessoas mesmas organizavam suas comunidades e escolhiam seus pastores. Por isso se pode encontrar uma variedade teológico-confessional, inclusive a luterana. Também não teriam vindo ao Brasil por motivos religiosos, não se preocupando com confessionalidades. Por falta de regulamentação legal do casamento de evangélicos no Brasil, as igrejas territoriais alemãs não enviavam pastores, sendo que as comunidades não conseguiam um pastor ordenado e assim elegiam como pastores, homens sem a formação teológica e sem a incumbência eclesiástica. Apesar de os pastores ordenados normalmente verem estes pastores com certo desprezo, eles faziam seu serviço com fidelidade, não esquecendo o fato de terem sido convocados para este ministério por falta de pastores ordenados. Pode-se questionar a razão deste combate contra os pastores ordenados, por parte das duas Igrejas, uma vez que esses serviam à Igreja através do sacerdócio geral de todos os crentes. Pesquisas mostravam que também pastores ordenados tinham seus problemas éticos e morais.

As Sociedades Alemãs queriam a fundação de Sínodos no Brasil para poderem ter o controle das comunidades que eram muito livres; precisavam de pastores ordenados para impedirem a presença dos pastores-colonos. Prometiam em

troca financiamento das comunidades e seus pastores. Estes vinham com uma diversidade teológico e confessional, ligados à diversas entidades na Alemanha. Neste contexto, se compreende outro aspecto determinante, ou seja, o dilema de Rotermund, que desejava a citação da CA na fundação do Sínodo Riograndense, onde não obteve maioria, ao se levar em conta que no RS se encontravam muitos evangélicos de quase todas as Igrejas territoriais da Alemanha. Isto pode ser entendido como gesto de tolerância e de amor, com vistas a uma assistência espiritual e pastoral à germanidade brasileira. Uma das consequências foram os conflitos entre os pastores vindos da "Caixa de Deus", que eram mais confessionais luteranos, e os pastores "unidos" do Conselho Superior Eclesiástico de Berlim. Em sequência surge outro aspecto determinante, a insistência de Brutschin numa confessionalidade luterana, além dos seus problemas pessoais, familiares, psicológicos e desencontros no relacionamento com sua comunidade e Sínodos. Caso ele tivesse abraçado o trabalho proposto pela “Caixa de Deus", para atender as colônias alemãs recém-fundadas no RS, talvez não haveria a abertura local ao Sínodo de Missouri. A IECLB foi formada na comunhão destes vários Sínodos, com diversas confessionalidades e assim convive com esta diversidade, trazendo-lhe uma ênfase mais ecumênica.

A IELB, por sua vez, também tem suas influências teológicas como a Ortodoxia, o Pietismo e o Confessionalismo, oriundos do Sínodo de Missouri, que enviaram e financiaram pastores ordenados, também dentro de uma visão expansionista, que teriam a intenção de frear o germanismo crescente nas colônias alemãs do Brasil. Se pode destacar que o primeiro missionário, Broders, era um ex-militar americano. A tarefa principal a ser executada no Brasil seria a de combater a falta de interesse religioso e o indiferentismo com relação à palavra de Deus, quebrando o silêncio a respeito da doutrina e da confissão, onde a vivência religiosa convivia com espaços de sociabilização, incluídos bailes, jogos e bebidas. Cabe ressaltar que apesar de também combater os pastores-colonos, com seus problemas morais e confessionais, Missouri nem sempre conseguia enviar o número desejado de pastores, devido à escassez de pregadores em seu próprio meio. Pode-se concluir que o crescimento numérico deste Distrito de Missouri não pode ser atribuído apenas às conversões, mas em boa parte, à assunção de comunidades inteiras de luteranos nominais, que tivessem uma base confessional similar, de fala alemã, o que facilitava a pregação dos missionários. Por outro lado, se pode ressaltar a importância para os

imigrantes de terem preservado sua cultura e suas tradições, inclusive através de sua instituição religiosa, dirigida por pessoas da mesma origem étnica. A cultura pode ser um espaço de vida, um momento comunitário onde cada povo produz uma identidade e os caminhos e comportamentos importantes para garantir seu futuro.

O firme apego à tradição luterana dava fundamento a uma certa afinidade entre o Sínodo de Missouri e a Caixa de Deus. Caso tivesse acontecido uma cooperação ou até uma união entre ambos, talvez todo processo que se seguiu na formação das duas Igrejas poderia ter sido diferente. Outrossim, caso a intenção tenha sido divulgar a confessionalidade luterana, isso poderia ter sido realizado em regiões onde ainda não houvesse nenhuma presença luterana. Permanece uma questão desafiadora sobre a necessidade desta atitude de pastores, que afirmavam uma confissão estritamente luterana, num contexto de comunidades de origem alemã, num país católico. Parece ter havido um certo desconhecimento de uma ação luterana já existente, apenas do pressuposto de um país católico. A igreja ao assumir uma confessionalidade fechada, buscava preservar sua identidade, mas, pode ter minimizado sua relevância para a sociedade brasileira. Pode ser questionado por que o início do trabalho de Missouri no Brasil, frente ao quadro de tanta carência espiritual, tenha começado com muita oposição, quando poderia ter sido o de cooperação para a edificação do povo. Outrossim, a autonomia das duas igrejas frente às Igrejas originárias não se dera por inculturação, mas em consequência das guerras, buscando a formação de pastores locais.

Quanto às histórias da História das duas Igrejas luteranas sob o Cruzeiro do Sul, o que aconteceu não é mais possível alterar, mas pode ser possível elaborar uma nova compreensão do que sucedeu. As relações entre ambas igrejas ainda são perturbadas por recordações de histórias, que teriam sido contadas, de injustiças, de violências, de acusações durante as duas guerras, tendo como pano de fundo questões de costumes, econômicas, políticas, sistemas de administração, visões diferentes de igreja (uma confessional e outra modelo alemão territorial). Às vezes, os relatos de líderes e pastores, tentando blindar a sua denominação, se sobrepunha ao relato simples das comunidades. Pode-se questionar se o fato de o Sínodo Riograndense não ter assumido uma base confessional específica, pode ser causa justificável para que Missouri enviasse pastores aos mesmos imigrantes. Caso houvesse um diálogo fraterno nesta diversidade confessional, poderia ter havido

menos desconfiança mútua, a missão interna e externa poderia ter sido mais abrangente, com mais encontros do que desencontros. Apesar de não haver uniformidade, todos eles deram o melhor de si, em apoio financeiro, material e pessoal. Sem este esforço fraterno, solidário e custoso, talvez não haveria um luteranismo sob o Cruzeiro do Sul. Mesmo quando pastores de uma ala assumiam comunidades temporariamente vacantes, isto poderia ser visto como uma ação movida por Deus, mesmo que tivesse sido por vaidade pessoal, para não deixar aquelas pessoas sem a Palavra. Para manter a unidade da igreja, se afirma que é suficiente proclamar a uma voz o Evangelho de Cristo e que, quanto à diversidade relativa às tradições, ritos e costumes não dissolvem a unidade da igreja. Casos demonstrados por esta pesquisa, de encontros de comunidades que se reconheceram e se abraçaram, além das ilustrações pessoais, podem corroborar esta possibilidade.

O 3º capítulo teve como objetivo analisar os anais das reuniões da CID ocorridas de 1996 até 2016 e das Conferências Nacionais Interluteranas. Desejou-se olhar para os encontros e desencontros ocorridos, observando nos mesmos aspectos e ênfases presentes nos diálogos e ações, que podem ter influenciado a continuidade destas iniciativas. Como positivo se pode observar que a CID fora constituída na tentativa de modificar o horizonte à frente no caminho que vinha sendo trilhado pelas duas Igrejas. Um dos principais objetivos fora discutir o Convênio de Mútua Cooperação, firmado em 1994, além de questões decorrentes do mesmo, inclusive de reforçar aspectos não conflitantes, para que houvesse uma base para trabalhar as questões divergentes. Destaca-se dizeres de líderes das duas igrejas como Heimann, que orava para que Deus continuasse tirando o medo de ambos os lados, dizendo-se convicto de que estariam caindo as “escamas dos olhos”; ou de Brakemeier, deixando claro que não se visava uma fusão organizacional das duas Igrejas; ou ainda de Winterle, de que o fato de a IECLB conviver com sete ou oito linhas de pensamento, poderia ser um desafio para a IELB, pois ela estaria acostumada a conviver com uma só linha de pensamento.

Como “encontros” se mostraram as celebrações conjuntas da Reforma em vários locais, encontros das Comissões de Teologia para dialogar sobre Santa Ceia e Acolhimento Mútuo, os dois Pastores Presidentes terem enviado cartas às comunidades, recomendando o acolhimento mútuo por ocasião da celebração da Ceia, em ocasiões especiais, observadas as situações locais, além de encontros com

representantes do corpo docente e discente do Seminário Concórdia da IELB e da EST da IECLB, apesar do destaque de que a especificidade do curso teológico de cada Igreja dificultaria um intercâmbio de estudantes e docentes. Como “desencontros” se mostrou a percepção de que a comunhão na Santa Ceia envolveria comunhão na unidade de fé (cfe. CA VII), em questões como Ministério feminino, suco de uva na Santa Ceia, comunhão aberta como praticada na IECLB e admissão de infantes à Santa Ceia, sendo que, neste sentido, haveria um longo caminho a percorrer. Nota-se o descaso do acordado de que as duas Igrejas deveriam se manifestar conjuntamente nas questões sobre Responsabilidade Pública e Capelania Hospitalar, o desafio para que a CID abraçasse alguns assuntos que entendia serem relevantes no âmbito das duas igrejas, como, por exemplo, trabalhos em conjunto no que diz respeito ao apoio aos pequenos agricultores, ao serviço social, à literatura e educação formal e não a comunhão de púlpito e altar; também a questão da hospitalidade eucarística nas comunidades e o documento sobre a Santa Ceia não fora refletida; o Grupo de Trabalho Bilateral sobre Missão, não tinha acontecido bem como o mapeamento conjunto das iniciativas missionárias, pelo fato das diferentes compreensões do conceito “fazer missão”.

O que dificultou mais ainda foi o fato de a IELB ter decidido que a CID não estaria mais subordinada ao presidente da IELB, mas à CTRE. Há indícios que os diálogos aconteciam com maior ou menor frequência e produtividade dependendo dos líderes que coordenavam as reuniões da CID e das compreensões ecumênicas dos presidentes nacionais das Igrejas. Um dos fatos que pode ter desanimado os participantes da CID em sua continuidade de diálogo, causando o encerramento de suas atividades no início de 2016, pode ter sido a carta enviada pelo presidente da IELB, Egon Kopereck, em fins de 2015, desaprovando a participação de pastoras nas celebrações conjuntas entre a IELB e a IECLB. Outrossim, a orientação da CID de que não deveria haver impedimento, na 4ª Conferência, para a discussão em grupos temáticos de questões nas quais não havia consenso entre as duas igrejas.

Quanto às Conferências, o mote inicial da 1ª fora de que era chegado o tempo de trabalhar mais intensamente pela comunhão e pela unidade dos luteranos no Brasil. Experiências positivas haviam acontecido em várias localidades, que davam o motivo e sustentação para a necessidade de unidade entre as igrejas. Pode se perceber aqui um grande entusiasmo na busca da comunhão e da unidade entre as

duas igrejas, algo que no transcorrer desta conferência e das seguintes, se mostrou utópico, e, em alguns casos, até ilusório. O fato de ter havido experiências positivas em várias localidades pode ter sido algo contextual, promovido pela personalidade dos pastores e líderes locais, de maneira até informal e espontânea. Transpor isso para o nível nacional, oficializar em termos eclesiástico-institucional, pode ter sido um equívoco estratégico. Muita coisa indicava para uma caminhada rumo a uma uniformização institucional, litúrgica e doutrinal. Isto transparece no devocional de encerramento, que teve como tema “Diálogo no Rumo da Comunhão Plena. Dentro de uma realidade de diversidade num país continental como o Brasil, se poderia ter mantido um diálogo fraterno, ressaltando os aspectos positivos das experiências, e que poderiam ser comunicadas a outras regiões, mantendo a espontaneidade e informalidade. Cabe o destaque do presidente Winterle, da IELB, de que mesmo que não acontecessem grandes decisões, o fato de estarem reunidos para o diálogo em várias áreas já era um grande progresso e que não se deveria construir sonhos no ar; também se destaque Zimmer e Buss, questionando se realmente seria necessário, para as duas igrejas se aproximarem mais, concordar quanto à interpretação dessas Escrituras e, mesmo quanto aos métodos de se interpretar as Escrituras, compreensões diferentes de doutrinas e práticas, impediriam o diálogo e o bom relacionamento em muitas áreas; por fim, Beck afirmando que as duas igrejas luteranas brasileiras seriam concreções históricas locais da Igreja Luterana, e que se distinguisse entre o essencial e o periférico, aprendendo a conviver com diferenças de convicção ou práticas que não comprometessem a CA, em especial as convicções fundamentais resumidas no credo.

O destaque da 2ª Conferência foi contribuir para que a IELB e a IECLB identificassem razões históricas, hermenêuticas e práticas que ajudassem a compreender seus desencontros. Pode-se perceber uma abordagem mais madura, mais identificada com a realidade das duas igrejas. Os temas abordados mostraram que havia razões históricas, econômicas, antropológicas e hermenêuticas que causavam os desencontros. Conhecer estas diversidades num diálogo fraterno e respeitoso poderia ajudar no autoconhecimento, no reconhecimento dos equívocos acontecidos de ambas as partes, com vistas a um arrependimento que pudesse motivar um recomeço de relações mais reconciliadoras. Destaque-se a afirmação de Seibert de que, historicamente, hermenêuticas distintas, muitas vezes, teriam

chegado a conclusões semelhantes, o que demonstraria a fragilidade destes instrumentais. Outrossim, se concluiu que as duas igrejas luteranas advogavam o direito inalienável da Escritura de poder falar por si mesma, de poder dizer sua mensagem. O destaque da 3ª Conferência fora a missão de Deus e a ação luterana no Brasil – fundamentos e prática. Se destaca o ambiente entre todos os participantes, aonde ninguém viera com “pedras na mão”. Os objetivos desta conferência ficaram resumidos em resgatar os termos do Convênio de Cooperação de 1994, em especial, destacando que se buscava alcançar comunhão de púlpito e altar. Como objetivo geral ficou sendo “Promover a cooperação entre a IELB e a IECLB no campo da missão, a fim de evitar a duplicação de esforços e de iniciativas missionárias.” Pode-se perceber nesta conferência, um certo retorno aos objetivos da 1ª Conferência, quanto à busca de comunhão de púlpito e altar. Outrossim se acrescentou um novo tema, a missão das igrejas, algo de grande interesse particular de cada igreja, tendo em vista a sua expansão e sustento financeiro. Este pesquisador participou da conferência e pode perceber que além destes dois objetivos, também foi muito debatida a questão da Santa Ceia, quanto aos elementos e ao significado, como também na questão da participação de infantes. Nas pré-conferências, como na que aconteceu em Ivoti, RS, onde este pesquisador participou, o tema candente também fora esse. Se na 2ª Conferência os motivos dos desencontros foram amplamente debatidos e identificados, nesta conferência se pode ter “atropelado” tempos e processos, buscando eliminar as diversidades, especialmente teológicas, razão por que, talvez, não se tenha mais identificado ânimo e apoio para a continuidade das mesmas. Nos subsídios das 12 pré-Conferências, se mostrou que o ponto de conflito na Ceia se encontrava entre os pastores e não entre as pessoas das comunidades. Alguns itens se mostraram mais desaglutinadores nos anos que se seguiram, do que fatores que pudessem ampliar um diálogo fraterno, como o temor do proselitismo entre as igrejas.

Poder-se-ia afirmar que na 1ª Conferência os luteranos “sonharam”; na 2ª, “acordaram”, e, na 3ª, “caíram da cama”. Tentaram fazer em sete anos o que não havia feito em 70 anos. Talvez, daqui para frente, não se deveria pensar em namoro, noivado e casamento. Mas, em manter uma bela e frutífera amizade, que dure décadas, assim como se fazia com amizades da juventude, que não haviam chegado a um namoro. Assim como numa família existia desunião entre si, o fato de serem irmãos em quartos separados não deveria causar decepção. Outrossim, através

destas reuniões Deus a seu tempo pode aperfeiçoar esta fraternidade. Pode ser necessário um espírito de mútua cooperação, como desarmar espíritos para que os filhos levem esta bandeira do diálogo adiante.

O objetivo do 4º capítulo foi compreender o conceito de diversidade reconciliada, na busca de diálogo fraterno entre as denominações com suas identidades, observando possíveis aspectos psicológicos, sociológicos, históricos, teológicos e confessionais que pudessem influenciar na dinâmica dos diálogos entre diferentes. A hipótese era que, mutuamente, as Igrejas pudessem reconhecer as suas semelhanças, e depois o significado das suas diferenças, sem que fosse necessário alcançar uma completa uniformidade nas formas de expressão com a própria doutrina eclesiástica. O conceito não busca a uniformização administrativa, doutrinal ou litúrgica, pois há diferenças que dificultam a nivelação, mas, sim, a compatibilização das diferenças. Diálogos fraternos entre católicos e luteranos, que levaram à Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação, com uma breve análise de alguns de seus tópicos, como também uma breve análise de tópicos da Comemoração conjunta Católico-Luterana da Reforma em 2017 – Do conflito à comunhão, sem deixar de trazer um olhar nas reações de algumas igrejas não alinhadas a este movimento, podem trazer luz para o diálogo fraterno entre as duas maiores igrejas luteranas sob o Cruzeiro do Sul. A diversidade das confissões das Igrejas pode atender às diversidades da sociedade em geral, cada igreja com suas perspectivas.

Pode-se levar em conta a ideia de que a realidade pode ser vista de diferentes maneiras, onde, muitas vezes, as interpretações podem ser mais complementares que contraditórias, sendo que o diálogo conjunto pode não depender de uma identidade confessional completa e plena, do tudo ou nada. O conceito de diversidade reconciliada esteve presente na Igreja Apostólica, com todas as suas tensões. Algum desprezo às peculiaridades confessionais se torna um obstáculo no diálogo, sendo importante entender que confessionalidade e ecumenicidade não são necessariamente conflitantes. Todas as confissões tinham em comum as convicções de fé fundantes de toda a cristandade, pois teriam preservado o credo cristão e se apegado a ele. A partir da perspectiva histórica, as diversas confissões aparecem como configurações particulares da fé cristã caracterizadas primordialmente pelo contexto histórico da época, do entorno cultural e étnico e por circunstâncias sociais e políticas. Sendo assim, a riqueza diversificada do conhecimento da fé só pode ser

apreendida parcialmente, que também podem conter erros, sendo que este legado pode ser traduzido em novas formas para novas situações históricas.

Cabe aqui para as duas igrejas luteranas brasileiras, a sugestão de Meyer, que entende que as igrejas, cujos diálogos comuns ainda não estão concluídos ou interrompidos, devem fazer um balanço do que foi feito até então, realizando uma análise dos questionamentos críticos aos resultados, visando explicar, aprofundar e complementar os resultados pregressos, procurando não voltar mais a estas questões. Não deve querer eliminar forçadamente as diferenças, fazendo-se necessário distinguir entre aquilo que seria necessário a um consenso e aquilo em que isso não seria necessário. Manter a diversidade confessional implica em aprender as intenções doutrinais subjacentes, uma vez que os enunciados teológicos só podem apreender e expressar a verdade de maneira aproximativa, se levando em conta a diferença entre teor e forma das palavras. Isto não precisa significar receber, assumir ou se apropriar, ou se transformar no outro, mas apreciar positivamente a alteridade do outro. Infelizmente muitas igrejas nem se arriscam a começar esse modelo, por se sentirem inseguras diante das informações desconhecidas que as igrejas venham a apresentar. Para muitas, este modelo participativo significa desestabilização, pois no retraimento se busca proteção. Ao se levar em conta que as igrejas são essencialmente dialogais, elas desenvolvem sua maior plenitude ao se abrirem ao diálogo em sua forma mais desafiadora. Uma igreja que se enclausura pode se tornar uma igreja que se sujeita facilmente, que fica sem voz, ou, com muitas vozes, que acabam não sendo a dela. O diálogo ecumênico traz em si muitas e diferentes resistências, provoca temores, e pode ser visto como ameaça à própria identidade. Paira sobre ele a suspeita de estimular o sincretismo ou ainda a relativização da verdade. Se a ética da fraternidade não puder romper o divisionismo da Igreja, será impossível esperar que vença suas dificuldades e limitações frente ao e com o mundo.

Os motivos sociais que faziam a divisão nas denominações de imigrantes e de regiões, há bastante tempo deixaram de acontecer em igrejas que continuam, todavia, separadas apenas por causa de sua própria inércia causada por costumes consagrados e por causa do seu orgulho denominacional. Se torna imprescindível que pessoas cristãs entendam suas denominações separadas e seus credos exclusivistas como aspectos para uma profunda contrição e não como motivo de orgulho. O ano de 2017 marcaria os 50 anos de diálogo luterano-católico, período em que ambos

tentaram reinterpretar suas tradições teológicas e suas práticas, reconhecendo as mútuas influências. Os diálogos ecumênicos permitiram que, mutuamente, se reconhecesse as semelhanças, que possibilitavam o reconhecimento da própria importância dos diálogos ecumênicos e suas possibilidades. Por outro lado, se concebeu que, pelas diferenças, os diálogos se faziam necessários. Os diálogos puderam servir mais para compreender um ao outro do que descrever sistematicamente ou medir as crenças e doutrinas do outro, como sobre a justificação pela fé, sobre a Eucaristia, sobre o Ministério e sobre Escritura e Tradição.

Luteranos entre luteranos e católicos precisam buscar juntos redescobrir a força do Evangelho para o tempo atual, pois o engajamento ecumênico deve servir também para que o mundo creia, em sua pregação e seu serviço a este mundo, a graça de Deus. As diversas confissões podem se colocar como tradições interpretativas diferenciadas, como se fossem dialetos de uma mesma língua cristã. A unidade em Cristo antecede qualquer unidade de fé ou de confissões, pois é o seu pressuposto. Pode-se concordar com Cullmann de que toda confissão cristã tem um dom do Espírito, um carisma que o leva a ter a responsabilidade de conservar, purificar e aprofundar, sem querer esvaziá-lo e sacrificá-lo pelo desejo de uniformidade. Concorda-se com Bosch que é saudável que exista espaço para o sempre paradoxo de defender o compromisso firme com a própria confessionalidade e a abertura sincera e honesta para a confessionalidade do outro. O Espírito de Deus trabalha de formas que vão além de nossa percepção humana. Não se carrega Deus no bolso e não se leva ele para outras pessoas. É Deus que nos acompanha e da mesma maneira vem ao nosso alcance. A Igreja passou a existir quando desmoronou o muro que dividia as pessoas, como judeus e gentios, quando se rasgou o véu do templo. O evangelho não é um amontoado de teologias perenes e de preceitos fixados perpetuamente, mas a mensagem de um evento, cuja importância ao mundo em cada momento deve ser redescoberta. A Igreja nasceu da Palavra, portanto da mensagem, da comunicação, do diálogo. Sua essência é dialogar. Quando ela se enclausura e não dialoga, ela não tem mensagem, portanto, não tem Evangelho. A partir da teologia da cruz, que aceita o outro como ele é, com todas as suas contradições, assim como Cristo, através de sua infinita graça, amor e misericórdia, a diversidade pode ser reconciliada num exercício de aceitação, de respeito, de tolerância, sem ser necessária uma assimilação destas diferenças.

O objetivo do 5º capítulo foi examinar a herança confessional comum das duas igrejas, como uma ponte e não como empecilho para o diálogo fraterno, compreendendo um ao outro e não descrevendo apenas as doutrinas do outro, onde posições adversas poderiam ser modos significativos de assumir e vivenciar o Evangelho. Nem sempre existiu entre os reformadores congruência doutrinal, o que poderia permitir a convivência de diferenças de convicção ou prática que não comprometam esta herança. Os diálogos podem servir mais para compreender um ao outro do que descrever sistematicamente as doutrinas do outro. Posições adversas podem ser modos simultaneamente significativos, de vivenciar o Evangelho, evitando a polarização de assumir que a verdade estivesse de um lado e o erro do outro. Diferentes visões das confissões podem ser uma ponte e não um empecilho para um diálogo fraterno. Uma igreja não precisa se distanciar de seus enunciados doutrinários, uma vez que não se busca unificação; assim, as diferenças existentes entre igrejas podem perder seu caráter divisor.

O conceito de diversidade reconciliada pode auxiliar neste desafio, especialmente a partir de experiências já havidas, como o *5º Congreso Luterano Latinoamericano,* quando as duas igrejas luteranas brasileiras sob o Cruzeiro do Sul tiveram a oportunidade de participar, de forma inédita em conjunto; o Diálogo Católico-Luterano Internacional, que produziu o Relatório de Malta; o Seminário Ecumênico que se realizou em 1974, no Rio de Janeiro, pelo Instituto de Pesquisa Ecumênica de Estrasburgo, França, entre a ICAR com a IECLB; o II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana, envolvendo as duas maiores igrejas luteranas brasileiras, sob o Cruzeiro do Sul. Igrejas podem ser levadas a baixar “as pontes de suas muralhas”, para que encontros pudessem ter um ir e vir. Uma breve reflexão sobre os encontros e desencontros de um diálogo fraterno na diversidade, a partir das reuniões da CID e das três Conferências Nacionais Interluteranas, poderá indicar algumas similaridades com as experiências havidas nos eventos ecumênicos acima citados, que possam ser contextualizadas, na busca de um caminho novo para novos encontros e diálogos fraternos entre estas duas igrejas luteranas. Tem coisas que não é preciso fazer juntos; outras que não devem ser feitas juntos, e coisas que é preciso fazer juntos.

Se católicos e luteranos conseguem manter diálogos frutíferos e fraternos, apesar de suas confissões diversas, confissões teológicas comuns e convergentes podem ser testemunhos de fé e possibilidades para um diálogo fraterno. Se o alvo da

missão da igreja passa por uma humanização, então a tarefa será mais ampla e não poderá ser realizada por uma pequena facção do cristianismo. Assim, se carece de uma transformação da igreja de uma “estrutura de assimilação” introvertida e cuidadosa de se preservar, em uma “estrutura” aberta ao diálogo fraterno e dinâmica. Os escritos confessionais próprios não podem reivindicar validade enquanto documentos de igrejas, mas como testemunho para a Igreja como um todo. As confissões próprias originalmente foram elaboradas para que houvesse um pano de fundo para o diálogo fraterno entre os diversos, com a principal tarefa de promover o Evangelho. O testemunho de fé não pretende ser um fim em si mesmo, mas busca ser uma possibilidade para o conhecimento mútuo dos diferentes. O centro da hermenêutica é se o texto promove a Cristo. Quando o testemunho demonstra uma abordagem do Evangelho presente nas Escrituras Sagradas, demonstra a diversidade de percepção que o mesmo traz a partir do contexto de vida de cada um. É preciso um constante reexame de como se confessa a verdade, a partir de uma visão muita clara do reino e da *ecumene,* mas, o foco deve ser no impacto que a comunicação pode causar, cujo fim é proclamar “coisas boas”. O diálogo em torno das diversidades encontradas nas explanações confessionais pode incluir sempre renovadamente uma autoanálise confessional, que proporcione um crescimento no testemunho, no conhecimento e no amor.

Para que as igrejas possam sair de um processo de mútua exclusão, se faz necessário que se tenha a consciência de que o problema não está apenas na compreensão que o outro tem, mas na compreensão de que se tem do outro, e nesta caminhada não se é proprietário do certo ou do melhor da verdade. Um reconhecimento sincero das diversidades e um respeito pelas diferenças poderia facilitar uma continuidade aos diálogos, sem o insistente alvo em ampliar ações conjuntas ou de uma urgente necessidade de buscar acordos teológicos. Uma forma de diálogo fraterno na diversidade poderia fomentar um novo modelo de relacionamento, de encontros, que busque um olhar nas confissões como uma ponte e não como empecilho, um respeito pela identidade própria das denominações, como manifestações diferentes de apropriação do Evangelho. Pode-se pensar num novo convênio, não de cooperação, mas de diálogo fraterno na diversidade, vendo as diferentes perspectivas teológicas como possibilidades de troca de informações. Podem surgir algumas complementaridades, alguns aspectos que ainda não tenham

sido pensados devidamente ou esquecidos, sem a obrigatoriedade de assimilação disto por parte de cada denominação.

O diálogo fraterno não pode ser alcançado de um momento a outro, porque é filho do tempo, com a herança do passado às costas e a tarefa do futuro à frente. É um caminho que não se começa a andar se não se permanece caminhando. A vivência e a prática eclesial estabelecem valores próprios que devem ser considerados e confrontados com a mensagem fundamental do Evangelho, se tornando reformáveis, pois nem sempre consensos terminológicos convergem em realidade. O problema não é a diversidade. O escândalo existe quando a diversidade acaba em conflito, exclusão mútua. Empecilhos culturais, históricos, políticos e teológicos não precisam mais segurar os diálogos fraternos. Igrejas nascem da Palavra. Palavra é essencialmente diálogo e diálogo é encontro. Igrejas são relações e uma se fortalece em relação com a outra, ou seja, o lugar de uma é indispensável para a realização da outra. Igrejas se conhecem através do relacionamento e não do ouvir dizer. Apesar da inércia atual da CID e da descontinuidade das Conferências Interluteranas, apesar da diversidade de concepções e ideias, isto não precisa ser visto como uma falência ou uma doença aguda entre as duas igrejas luteranas sob o Cruzeiro do Sul. Poderá brotar uma reflexão, que leve a encontros para um diálogo fraterno na diversidade da IECLB e IELB.

Um só rebanho, um só Pastor[737]

1. Um só rebanho, um só Pastor.
Uma só fé em um só Salvador.
Em teu amor unidos aqui,
//: num mesmo Espírito vamos a ti. ://

2. Um só rebanho, um só Pastor.
Fruto, ó Senhor, desse teu grande amor.
Só nos gloriamos na tua cruz.
//: Louvado sejas, bendito Jesus. ://

3. Um só rebanho, um só Pastor.
Ó Cristo és digno do nosso louvor.
Tu és o ímã que nos atrai,
//: e só por ti adoramos o Pai. ://

4. Um só rebanho, um só Pastor.
Sim, esperamos por ti, ó Senhor.
É face a face que vamos ver
//: quem nos amou e nos vai receber. :/

[737] Livro de Canto IECLB (LCI) 578 - 22/01/1955. Letra: José Ilídio Freire. Melodia: Lelia Naylor Morris. https://www.luteranos.com.br/textos/um-so-rebanho-um-so-pastor-1. n.p. Acesso em: 18 dez. 2023.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Walter. A crise de identidade eclesial e a inconformidade de Cristo. *In:* ALTMANN, Walter; WEBER, Bertholdo. **Desafio às Igrejas –** Diálogo Ecumênico em Tempos de Mudança. São Paulo: Edições Loyola; São Leopoldo: Sinodal, 1976. p. 49-65.

ALTMANN, Walter. O Evangelho e a Igreja no contexto do ecumenismo brasileiro. *In*: ALTMANN, Walter; WEBER, Bertholdo. **Desafio às Igrejas** – Diálogo Ecumênico em Tempos de Mudança. São Paulo: Edições Loyola; São Leopoldo: Sinodal, 1976. p. 117-126.

ALTMANN, Walter; WEBER, Bertholdo. **Desafio às Igrejas** – Diálogo Ecumênico em Tempos de Mudança. São Paulo: Edições Loyola; São Leopoldo: Sinodal, 1976.

ANUÁRIO Luterano. Nilo Wachholz (ed.). Ano 83. Porto Alegre: Concórdia, 2022.

BECK, Nestor L. J. **Compreender o passado abraçar o futuro:** vocação da igreja na expectativa do reino de Deus. São Leopoldo: N. Beck, 1996.

BECK, Nestor L. J. Unidade e Missão das Igrejas Luteranas Aqui e Agora*. In:* WEIRICH, Paulo; SCHUBERT, Claudio; SILVA, Artur M. da. **Revista da 1ª Conferência Nacional,** São Leopoldo: CIL, 1999. p. 28-34.

BEER, Otto Henry William. **25 Jahre unter dem Südlichen Kreuz** – 1900-1935. Porto Alegre: Concórdia, 1925.

BEER, Otto Henry William. Memórias de um historiador. *In:* WINTERLE, Carlos W.; KREBS, Martinho (Orgs). **Histórias da História da IELB.** Porto Alegre: Concórdia, 2006. p. 113-128.

BEHS, Edelberto. Igrejas luteranas já estiveram mais próximas. *In*: **Instituto Humanitas Unisinos.** São Leopoldo, 23 fev. 2023. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/626385-igrejas-luteranas-ja-estiveram-mais-proximas. n.p. Acesso em: 15 ago. 2023.

BEHS, Edelberto. **Luteranos mapeiam frentes missionárias**. 2005.

BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BIDEGÁIN, Ana Maria. **História dos Cristãos na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BOHLMANN, Ralph. A celebração da concórdia. Trad. Gastão Thomé. *In:* Fórmula para a concórdia. **Ensaios Teológicos.** Porto Alegre: Concórdia, n. 1, 1978. p. 43-78.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora:** Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. Tradução Geraldo Korndörfer; Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2002.

BRAKEMEIER, Gottfried. Missão cristã num contexto de diálogo inter-religioso. *In:* **O testemunho cristão num contexto de diálogo inter-religioso.** Porto Alegre: Concórdia, 2007. p. 19-34.

BRAKEMEIER, Gottfried. O Evangelho e nossa Missão. *In:* WEIGANDT, Ernesto W. (ed.) **El llamado de Cristo y nuestra respuesta.** 5º Congreso Luterano Latinoamericano. Buenos Aires: Publicaciones El Escudo, 1972. p. 45-61.

BRAKEMEIER, Gottfried. Unidade e Missão das Igrejas Luteranas no Brasil. *In:* **WEIRICH, SCHUBERT, SILVA,** 1999.

BRAKEMEIER, Gottfried. "Somente a Escritura" – avaliação de um princípio protestante. *In:* WACHHOLZ, Wilhelm (coord.). **Evangelho, Bíblia e Escritos Confessionais:** anais do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2004. p. 39-47.

BUSS, Paulo W. **Reação à palestra do Dr. Joachim H. Fischer.** Rodeio, SC, Lar Rodeio 12, 5 nov. 2001. Reação ministrada na 2ª Conferência Nacional Interluterana.

Câmara dos Deputados. Legislação. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-119-a-7-janeiro-1890-497484-publicacaooriginal-1-pe.html. n.p. Acesso em: 08 out. 2023.

COMISSÃO COORDENADORA PERMANENTE. Porto Alegre. Ata de fundação da Comissão Coordenadora Permanente. 1995.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Canoas. Ata n. 34. 2003.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Canoas. Ata n. 39. 2004.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. 1996.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. 2001.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. 2005.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. Ata n. 14. 1999.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. Ata n. 28. 2002.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. Ata n. 40. 2004.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. Ata n. 41. 2005.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. Ata n. 45. 2006.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. Ata n. 56. 2009.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. Ata n. 65. 2011.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. Ata n.10. 1998.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. Ata n.16. 2000.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. Ata n.8. 1998.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. Porto Alegre. 2002.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. São Leopoldo. Ata n. 22. 2001.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. São Leopoldo. Ata n. 49. 2007.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. São Leopoldo. Ata n. 54. 2008.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. São Leopoldo. Ata n. 57. 2009.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. São Leopoldo. Ata n. 6. 1997.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. São Leopoldo. Ata n. 60. 2010.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. São Leopoldo. Ata n. 66. 2011.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. São Leopoldo. Ata n. 69. 2012.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO. São Leopoldo. Ata n. 70. 2012.

COMISSÃO sobre unidade publica relatório da quinta fase do diálogo. **O Caminho,** Blumenau, maio 2022, Caderno Especial, p. 15.

CONFERÊNCIA NACIONAL INTERLUTERANA. Rodeio. Ata da 2ª Conferência Nacional Interluterana. 2001.

CONFISSÃO DE AUGSBURGO. *In*: **Livro de Concórdia***.* Trad. Arnaldo Schüler. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1981. p. 63-93.

DECLARAÇÃO CONJUNTA sobre a Doutrina da Justificação. Trad. Johannes F. Hasenack; Luís M. Sander. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal; Brasília: CONIC; São Paulo: Paulinas, 2000.

DO CONFLITO À COMUNHÃO – Comemoração conjunta Católico-Luterana da Reforma em 2017*.* São Leopoldo: Sinodal; Brasília: CNBB, 2015.

DREHER, Carlos F. R. Sistematização dos relatos das Pré-Conferências. *In:* **CONFERÊNCIA NACIONAL INTERLUTERANA**, 3ª, 2005, São Leopoldo.

DREHER, Martin N. A história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *In:* **Presença Luterana.** São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 96-104

DREHER, Martin N. **História do povo luterano.** São Leopoldo: Sinodal, 2005.

DREHER, Martin N. História e histórias. *In:* WEIRICH, Paulo; SCHUBERT, Claudio; SILVA, Artur M. da. **Revista da 1ª Conferência Nacional,** São Leopoldo: CIL, 1999. p. 35-37.

DREHER, Martin N. Ministério Feminino. *In:* **COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO,** 2012, São Leopoldo.

DREHER, Martin N. (Org.). **Populações rio-grandenses e modelos de Igreja.** Porto Alegre: Edições EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998.

ESTATUTOS da IELB. Porto Alegre: Concórdia, 2010. p. 61.

FISCHER, Joachim H. A luta contra os pastores-colonos no Rio Grande do Sul no século XIX. *In:* FISCHER, Joachim (Org.). **Ensaios Luteranos,** Dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil. Trad. de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 33-52.

FISCHER, Joaquim H. Incidente em Santa Maria (Rio Grande do Sul). **Estudos Teológicos,** São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, ano 27, n. 3, 1987. p. 239-267.

FISCHER, Joachim H. **Razões históricas que condicionaram o surgimento e o diálogo das duas Igrejas Luteranas no Brasil** - uma retrospectiva sobre a questão da confessionalidade na história das comunidades da IECLB e da IELB. Rodeio, SC, Lar Rodeio 12, 5 nov. 2001. Palestra ministrada na 2ª Conferência Nacional Interluterana.

FISCHER, Joachim H. **Um rompimento e suas consequências**. Pastor J. F. Brutschin e o Sínodo Riograndense. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

GEMEINSAME Erklärung zur Rechtfertigungslehre. Disponível em: https://www.selk.de/index.php/a-z/lexikon-g. Acesso em: 25 abr. 2022.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do Século XX.** Tradução João Paixão Netto. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HULME, William E. **Dinâmica da Santificação.** Tradução Nelson T. Pereira. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia S.A., 1976.

IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. Acompanhe. Disponível em: https://www.ielb.org.br. n.p. Acesso em: 08 out. 2023.

IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. **Circular para pastores.** Porto Alegre. 2015.

ISHIDA, Yoshiro. Salvación, Misión y Humanización. *In:* WEIGANDT, Ernesto W. (ed.) **El llamado de Cristo y nuestra respuesta.** 5º Congreso Luterano Latinoamericano. Buenos Aires: Publicaciones El Escudo, 1972. p. 133-146.

KILPP, Nelson. **Hermenêutica bíblica –** uma reação à palestra de Erní Seibert. Rodeio, SC, Lar Rodeio 12, 6 nov. 2001. Reação ministrada na 2ª Conferência Nacional Interluterana.

KIRCHHEIM, Huberto. *In*: **RÁPIDAS**. Quito: CLAI, ago. 1994.

LUTERO, Martinho. **Pelo Evangelho de Cristo.** Obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1984.

MENSAGEIRO Luterano. Porto Alegre: Concórdia, mar. 1984.

MENSAGEIRO Luterano. Porto Alegre: Concórdia, jul. 1987.

MEYER, Harding. **Diversidade reconciliada** – o projeto ecumênico. Tradução Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2003.

MEYER, Harding. O Diálogo Católico-Luterano Internacional. *In:* ALTMANN, Walter; WEBER, Bertholdo. **Desafio às Igrejas** – Diálogo Ecumênico em Tempos de Mudança. São Paulo: Edições Loyola; São Leopoldo: Sinodal, 1976. p. 93-105.

MEYER, Harding. O Evangelho e nossa Unidade. *In:* WEIGANDT, Ernesto W. (ed.) **El llamado de Cristo y nuestra respuesta.** 5º Congreso Luterano Latinoamericano. Buenos Aires: Publicaciones El Escudo, 1972. p. 83-97.

MUELLER, Enio R. Sobre a verdade do Evangelho: algumas considerações. *In:* WACHHOLZ, Wilhelm (coord.). **Evangelho, Bíblia e Escritos Confessionais:** anais do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2004. p. 75-86.

MUELLER, Reinhold Johannes Immanuel. Festival missionário fala sobre o Brasil. *In:* WINTERLE, Carlos W.; KREBS, Martinho (Orgs). **Histórias da História da IELB.** Porto Alegre: Concórdia, 2006. p. 65-66.

NEUKUKATZ, John. Minha autobiografia. *In:* WINTERLE, Carlos W.; KREBS, Martinho (Orgs). **Histórias da História da IELB.** Porto Alegre: Concórdia, 2006. p. 76-88.

NIEBUHR, Richard H. **As Origens Sociais das Denominações Cristãs.** Tradução Antonio Gouvêa Mendonça. São Bernardo do Campo: IEPG, São Paulo, ASTE, 1992.

PORTAL LUTERANOS. Estatística. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo/estatistica-ieclb. n.p. Acesso em: 05 jan. 2023.

PORTAL LUTERANOS. LCI 578. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/textos/um-so-rebanho-um-so-pastor-1. n.p. Acesso em: 18 dez. 2023.

PORTAL LUTERANOS. O Evangelho e a Igreja (O Relatório de Malta). Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo/o-evangelho-e-a-igreja-o-relatorio-de-malta. n.p. Acesso em: 09 maio 2023.

PORTAL LUTERANOS. Reconstruindo a família. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/comunicacao/reconstruindo-a-familia-revista-novolhar-ano-8-numero-35-setembro-e-outubro-2010. p. 5. Acesso em: 15 ago. 2023.

PRIEN, Hans-Jürgen. **Formação da Igreja Evangélica no Brasil:** das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

QUEM É A IECLB. Emilio Voight (Org.) São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2016.

RÁPIDAS. Quito: CLAI, ago. 1994.

REHFELDT, Mario L. **Um grão de mostarda**: A história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Trad. de Dieter J Jagnow. v. 1, Porto Alegre: Concórdia, 2003.

RELACIONAMENTO entre as Igrejas Luteranas. Jornal **O Caminho**, Blumenau, ano XXXIX, n. 6, set./out.2023.

RELACIONAMENTO entre as Igrejas Luteranas 2. Jornal **O Caminho**, Blumenau, ano XXXIX, n. 7, nov./dez.2023.

RELATÓRIO DE MALTA. Disponível em: http://www.christianunity.va/content/unitacristiani/en/dialoghi/sezione-occidentale/luterani/dialogo/documenti-di-dialogo/en4.html. Acesso em: 25 jul.2021.

RENNECKE, Martinho. **A Igreja vai onde o povo está!** Belo Horizonte: Editora Koinonia, 2018.

RENNECKE, Martinho. **Minha vida após a prisão** – vida e obra do imigrante alemão e pastor luterano Walter Paul Rennecke. Belo Horizonte: Koinonia, 2019.

RENNECKE, Martinho. **Uma proposta de edificação de comunidade terapêutica** - Reflexão teológico-prática sobre o Projeto Macedônia. 2003. Dissertação (Mestrado). Escola Superior de Teologia - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia - IEPG, São Leopoldo, 2003.

REVISTA do Planejamento da IELB 2022. Nilo Wachholz (ed.). Porto Alegre: Concórdia, 2022.

RIETH, Ricardo W. **Breve histórico da IELB, suas origens, influências teológicas e algumas perspectivas.** São Leopoldo, RS, Casa Matriz das Diaconisas, 25 jun. 2005. Palestra ministrada na 3ª Conferência Nacional Interluterana.

RIETH, Ricardo W. Dois modelos de Igreja Luterana. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Igreja Evangélica Luterana do Brasil. *In:* DREHER, Martin N. (Org.). **Populações rio-grandenses e modelos de Igreja.** Porto Alegre: Edições EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 256-267.

RIETH, Ricardo W. Igreja Evangélica Luterana do Brasil: uma abordagem histórica. **Revista Igreja Luterana,** São Leopoldo, v. 55, n.1, p. 42-62. 1996. p. 42-62.

RIETH, Ricardo W*. In:* BEHS, Edelberto. **Luteranos mapeiam frentes missionárias**, São Leopoldo: Serviço de Notícias ALC (Agência Latino-Americana e Caribenha de Comunicação), 2005.

RIETH, Ricardo W. Raízes históricas e identidade da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). **Estudos Teológicos,** São Leopoldo/RS, v. 49, n. 2, p. 207-221 jul./dez. 2009.

SCHERER, James A. **Evangelho, Igreja e Reino.** Estudos Comparativos de Teologia da Missão. Tradução Getulio Bertelli; Luís H. Dreher; Luís M. Sander. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST IEPG, 1991.

SCHLINK, Edmund. **Theology of the Lutheran Confessions**. U.S.A: Fortress Press, 1961. p. 1-36.

SEIBERT, Erní W. Busca de unidade na confissão de fé. **Vox Concordiana**, ano 11, n. 2, São Paulo: ICSP. 1996. p. 95-107.

SEIBERT, Erní W. **Hermenêutica** - um estudo visando o diálogo sobre a questão hermenêutica entre as igrejas luteranas do Brasil. Rodeio, SC, Lar Rodeio 12, 6 nov. 2001. Palestra ministrada na 2ª Conferência Nacional Interluterana.

STELLUNGNAHME der Selbständigen Evangelisch-Lutherischen Kirche zur "Gemeinsamen Erklärung zur Rechtfertigungslehre" (Römisch-katholische Kirche - Lutherischer Weltbund). Disponível em: http://www.selk.de/download/gekrit.pdf. Acesso em: 25 abr. 2022.

THE JOINT Declaration on the Doctrine of Justification in Confessional Lutheran Perspective. The Commission on Theology and Church Relations. The Lutheran Church—Missouri Synod, St. Louis, Missouri, 1999.

THE LUTHERAN WORLD FEDERATION. Disponível em: https://www.lutheranworld.org. Acesso em: 25 abr. 2022.

TÍTULO II - DO FUNDAMENTO E DOS OBJETIVOS. Art. 5º, § 1º e § 2º. https://www.luteranos.com.br/conteudo/constituicao-da-ieclb-1. n.p. Acesso em: jul. 2023.

WACHHOLZ, Wilhelm. **"Atravessem e ajudem-nos":** atuação da "Sociedade Evangélica de Barmen" e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899). São Leopoldo: EST/Sinodal, 2003.

WACHHOLZ, Wilhelm. (Coord**.). Evangelho, Bíblia e Escritos Confessionais**: anais do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2004.

WACHHOLZ, Wilhelm. "Luterano? Reformado? Unido? Evangélico! Aspectos históricos e teológicos da União Prussiana". *In:* **Evangelho, Bíblia e Escritos Confessionais:** anais do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2004. p. 87-109.

WALKER, Williston. **História da Igreja Cristã.** v. 1, São Paulo: ASTE, 1967.

WALTHER, Carl F. W. **Lei e Evangelho**. Porto Alegre: Concórdia, 1977.

WARTH, Carlos H. **Crônicas da igreja** (fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil: 1900-1974). Porto Alegre: Concórdia, 1979.

WEIGANDT, Ernesto W. (ed.) **El llamado de Cristo y nuestra respuesta.** 5º Congreso Luterano Latinoamericano. Buenos Aires: Publicaciones El Escudo, 1972.

WEIRICH, Paulo P. Evangelho e escritos confessionais: a hermenêutica das confissões do luteranismo. *In:* WACHHOLZ, Wilhelm (coord.). **Evangelho, Bíblia e Escritos Confessionais:** anais do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2004. p. 66-74.

WEIRICH, Paulo; SCHUBERT, Claudio; SILVA, Artur M. da. **Revista da 1ª Conferência Nacional,** São Leopoldo: CIL, 1999.

WENZ, Gunther. Evangelho e escritos confessionais: a hermenêutica das confissões do luteranismo. *In:* WACHHOLZ, Wilhelm (coord.). **Evangelho, Bíblia e Escritos Confessionais:** anais do II Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2004. p. 48-65.

WINTERLE, Carlos W.; KREBS, Martinho (Orgs). **Histórias da História da IELB.** Porto Alegre: Concórdia, 2006.

ZIMMER, Rudi. O amor reinou supremo. *In:* WEIRICH, Paulo; SCHUBERT, Claudio; SILVA, Artur M. da. **Revista da 1ª Conferência Nacional,** São Leopoldo: CIL, 1999. p. 25-27.

ZWETSCH, Roberto E. **De fé em fé, caminhamos!** Por uma teologia da missão evangélica luterana no chão brasileiro. São Leopoldo, RS, Casa Matriz das

Diaconisas, 25 jun. 2005. Palestra ministrada na 3ª Conferência Nacional Interluterana.

ZWETSCH, Roberto E. *In:* **Luteranos mapeiam frentes missionárias**, São Leopoldo: Serviço de Notícias ALC (Agência Latino-Americana e Caribenha de Comunicação), 2005.

ANEXO 1 - DECRETO 119-A

Prohibe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em materia religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providências.

O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituído pelo Exército e Armada, em nome da Nação, decreta:

Art. 1º E' prohibido à autoridade federal, assim como à dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou actos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a, e crear differenças entre os habitantes do paiz, ou nos serviços sustentados à custa do orçamento, por motivo de crenças, ou opiniões philosophicas ou religiosas.

Art. 2º A todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos actos particulares ou publicos, que interessem o exercicio deste decreto.

Art. 3º A liberdade aqui instituida abrange não só os individuos nos actos individuaes, sinão tambem as igrejas, associações e institutos em que se acharem agremiados; cabendo a todos o pleno direito de se constituirem e viverem collectivamente, segundo o seu credo e a sua disciplina, sem intervenção do poder publico.

Art. 4º Fica extincto o padroado com todas as suas intituições, recursos e prerogativas.

Art. 5º A todas as igrejas e confissões religiosas se reconhece a personalidade juridica, para adquirirem bens e os administrarem, sob os limites postos pelas leis concernentes à propriedade de mão-morta, mantendo-se a cada uma o dominio de seu haveres actuaes, bem como dos seus edificios de culto.

Art. 6º O Governo Fedeeral continúa a prover à congrua, sustentação dos actuaes serventuarios do culto catholico e subvencionará por um anno as cadeiras dos seminarios; ficando livre a cada Estado o arbitrio de manter os futuros ministros desse ou de outro culto, sem contravenção do disposto nos artigos antecedentes.

Art. 7º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões do Governo Provisório, 7 de janeiro de 1890, 2º da Republica.

Manoel Deodoro da Fonseca. - Aristides da Silveira Lobo. - Ruy Barbosa. - Benjamin Constant Botelho de Magalhães. - Eduardo Wandenkolk. - M. Ferraz de Campos Salles. - Demetrio Nunes Ribeiro. - Q. Bocayuva.

Este texto não substitui o original publicado no Coleção de Leis do Brasil de 18 Publicação:

Coleção de Leis do Brasil - 1890, Página 10 Vol. 1 (Publicação Original)

ANEXO 2 - COMUNIDADES E SUAS CIDADES NO RS

A Comunidade Evangélica Alemã era composta de comunidades das localidades de Campestre, RS (1899), Nova Holanda, RS (1906), Santa Cruz do Sul, RS (1912 ou 1913), Vila São Pedro, RS (1913), Cachoeira do Sul, RS (1913), Não-Me-Toque, RS (1914), Marcelino Ramos, RS (1917), Linha São João, RS (1919). Com estatutos padrão do Sínodo Riograndense (1919-1931), as localidades de General Osório, RS (1922), Rio do Peixe, SC (1925), Linha Brochier, RS (1928), Mauá (Arabutã), SC (1938). A Comunidade Teuto-Evangélica era composta de comunidades das localidades de São Leopoldo, RS (1865), Costa da Serra, RS (1883), Lajeado, RS (1905), Novo Paraíso, RS (1914), Picada Nova Fazenda Brochier, RS (1920). A Comunidade Evangélica era composta de comunidades das localidades de Timbó, SC (1887), Picada 48, RS (1908), Arroio Grande, RS (1925), Santa Cruz do Sul, RS (1932), Venâncio Aires, RS (sem data), Fazenda Lohmann, RS (sem data). A Comunidade Evangélica Luterana Alemã era composta da comunidade de Maratá, RS (1906).

ANEXO 3 - MINHA VIDA APÓS A PRISÃO

Walter Paul nasceu na cidade de Halle a/Saale, na Alemanha central, no dia 26 de outubro de 1918, no fim da Primeira Guerra Mundial (Waffenstillstand (armistício), em 11.11.1918). Morava na rua *Reiterburgerstrasse*, num apartamento: "Me lembro ainda do último Natal que passamos na Alemanha, em 1923, e, da primeira neve daquele ano."[738] Em 31 de maio de 1924, sua família, pais e duas irmãs, embarcaram no porto de Brehmen, no navio transatlântico 'Crefeld', que os levou para o Brasil. Depois de 22 dias de viagem, chegaram ao Rio de Janeiro, no dia 22 de junho, onde ficaram alguns dias na *Blumeninsel* (Ilha das Flores), onde pela primeira vez conheceram feijão com arroz e charque. Com o navio costeiro "Comandante Capella", viajaram no dia 24 de junho, até o porto de Paranaguá, PR, de onde seguiram de trem até Porto União, PR. De lá foram de carroça até a colônia de Cruz Machado, PR, onde o pai tinha parentes, seu irmão Arno e sua família e uma irmã, tia Frida, casada com um certo Oscar Mayer, onde se tornaram colonos, naquela mata virgem, com pinheiros, cedros e imbuias. Segundo Rehfeldt, no sul do Paraná, o governo havia aberto uma nova área de colonização e centenas de imigrantes alemães e colonos do RS e de SC estabeleceram-se na região.[739] Em janeiro de 1929, seu pai foi a Porto Alegre, RS, onde conseguiu trabalho na Companhia de Energia Elétrica, que então era uma companhia americana:

> Em outubro a nossa família, minha mãe, minhas duas irmãs Ilse e Ruth e eu seguimos ao nosso pai. Primeiro em duas carroças, percorremos os 70 Km até Porto União. Levamos para isto uns três dias, pernoitando nas carroças. De Porto União com o trem fomos até Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, onde o nosso pai nos esperava na estação e onde residimos.[740]

Em Porto Alegre, RS, seus pais se filiaram à Comunidade Evangélica Luterana São Paulo, Distrito Brasileiro do Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados, no bairro São João, cujo pastor era o prof. Dr. L. C. Rehfeldt, professor do Seminário Concórdia, Porto Alegre, RS. Frequentou a escola da Comunidade e, em dezembro de 1931, aconteceu sua Confirmação de Fé, oficiada pelo pastor Augusto Heine, que era pastor em Dois Irmãos, RS, e que posteriormente também seria preso. Por intermédio deste pastor, conseguiu uma bolsa de estudo no

738 RENNECKE, 2019, p. 13.
739 REHFELDT, 2003, p. 101.
740 RENNECKE, 2019, p. 27.

Seminário Concórdia, onde entrou em março de 1932, quando Dr. Johannes N. H. Jahn era o diretor. No dia 17 de dezembro de 1940, teve lugar a sua formatura em Teologia, tendo recebido seu chamado para a nova paróquia, com sede em Vila Horizonte, RS, que pertencia ao município de Santa Rosa, RS, hoje sob o nome de Horizontina. Em 1942, visto que ele era solteiro e a Comunidade não tinha ainda uma casa pastoral, alugou dois quartos no Hotel "Feix", sendo um quarto para estudo e o outro para dormir. Além da comunidade principal de Vila Horizonte, ainda havia mais três comunidades filiais, Cascata do Buricá, Barra Mansa e Mambuca:

> As viagens para atender estas filiais foram feitas no lombo do meu cavalo zaino, novo, marchador, com uma estrela branca na testa que tinha o nome de 'Prinz', que eu tinha adquirido, completamente encilhado, da família Weiss, de Flor de Maio, perto de Três de Maio. Não estando em serviço, o meu Prinz ficava no potreiro da família Maron, membros da Comunidade de Vila Horizonte.[741]

Fins de abril de 1942, quando estive numa destas comunidades filiais, no lugar chamado Cascata do Buricá, o pastor Rennecke foi preso.

> Porém, antes de começar o culto, que então era realizado na casa do Sr. João Reisner, veio um auto, no qual se achavam o subdelegado de Vila Horizonte, um inspetor de polícia de Santa Rosa, inspetor Mendes, e um soldado da Brigada Militar. O inspetor Mendes se aproximou de mim e me deu a voz de prisão. Em seguida revistou-me para ver se eu tinha qualquer arma, que naturalmente não possuía. Não me permitiram de realizar o culto, mas logo em seguida me levaram, no mesmo auto com que vieram, de volta a Vila Horizonte. Lá o inspetor me aconselhou de pegar algumas roupas e um cobertor, porque me iam levar a Santa Rosa, para depor perante o delegado de polícia, cujo nome era Krause. Mais tarde o inspetor Mendes me confiou, que houve uma denúncia contra mim, na chefatura de Polícia em Porto Alegre, uma denúncia no sentido que eu seria um agente secreto, um espião da Alemanha. Lá na cadeia de Santa Rosa, uma masmorra sem qualquer higiene, junto com criminosos, assassinos, ladrões e outros delinquentes, eu estive preso durante 51 dias. Camas não havia para dormir, nem cadeiras para sentar. Só um pouco de palha, e num canto da cela uma lata de querosene que servia como banheiro.[742]

Todos os seus livros que tinha no apartamento do Hotel Feix, junto com o seu aparelho fotográfico e o seu álbum de fotografias, a polícia levou à Santa Rosa, RS, sendo que nunca mais viu estes objetos. Provavelmente queimaram os livros, como o fizeram com os livros de muitos outros naquele tempo. Também o seu cavalo completamente encilhado nunca mais chegou a ver, nem a sua batina, que se achava nos peçuelos (espécie de alforje colocado sob a cela do cavalo para o transporte de

[741] RENNECKE, 2019, p. 46.
[742] RENNECKE, 2019, p. 69-70.

roupas e outros objetos) junto com a Bíblia, agenda e hinário. Depois de 51 dias de espera e de agonia na masmorra de Santa Rosa, RS, foi transferido, com mais quatro presos “políticos”, de trem, a Porto Alegre, RS, e lá entregue à chefatura de polícia, a “DOPS”:

> Lá no edifício da polícia central fiquei alguns dias para interrogatório, sendo em seguida transferido para a Casa de Correção, o velho cadeião de Porto Alegre. A cela na qual fomos parar, eu e os meus quatro companheiros, era o xadrez nº 25, que já se achava lotado de presos ‘políticos’. Grande parte destes presos na cela 25 eram pastores do Sínodo Riograndense.[743]

Permaneceu no xadrez 25 durante dez semanas, de meados de junho até princípios de setembro, quando foram transferidos para a Colônia Penal Agrícola General Daltro Filho, em Charqueadas, RS. A comida lá era péssima e preparada pelos criminosos que lá cumpriam a sua pena. Durante o dia os presos tinham que trabalhar na construção de uma praça em frente do prédio da administração. O trabalho era de picareta e pá, de enxada e carrinho de mão. Relata Rennecke sua maior aflição:

> Aqui, na colônia penal, eu adoeci no início de dezembro, de disenteria amebiana, e, humanamente falando, eu teria morrido, se perto do Natal não tivesse vindo a ordem da chefatura da polícia de Porto Alegre de me pôr em liberdade. Devo esta minha liberdade, além de Deus, à minha irmã Ruth, casada com Rony Hoffmann, e que então se empenhou, por meio de requerimentos, por minha libertação, junto ao chefe da polícia. Gostaria de ressaltar que em nenhum momento fui agredido ou que tenha apanhado neste tempo de prisão. Deus na sua misericórdia me livrou desta humilhação. Em véspera de Natal de 1942 fui internado no Hospital Moinhos de Vento, onde permaneci durante três meses e meio.[744]

Quando estava restabelecido, procurou a chefatura de polícia para pedir permissão para voltar à sua paróquia em Vila Horizonte. A resposta fora “Não!”. Alegaram que a paróquia ficava na faixa da fronteira e sendo ele estrangeiro, não seria permitido voltar para lá, nem para pegar os seus pertences. Ficou então algum tempo em casa dos seus pais, na cidade de Tapes, RS, na margem da Lagoa dos Patos, onde seu pai era chefe da usina elétrica de lá, e, em junho do ano de 1943, recebeu um chamado da Comunidade Evangélica Luterana de Barão, RS, vila que pertencia ao município de Montenegro, RS, onde conheceu sua futura esposa e nasceu este pesquisador. A partir da Vila de Barão começou o trabalho missionário na cidade de

---

[743] RENNECKE, 2019, p. 72.
[744] RENNECKE, 2019, p. 75.

Caxias do Sul, em abril de 1944, onde residiu e trabalhou até sua entrada na Igreja triunfante, em 22 de outubro de 2008.

ANEXO 4 - CARTA DA CID, REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA, PR

10 de outubro de 2012

À

DIRETORIA NACIONAL DA IELB E DIRETORIA NACIONAL DA IECLB PORTO ALEGRE, RS

Queridos irmãos.

Considerando as comemorações em torno da data e importância da Reforma, para a Igreja cristã e a sociedade em geral, sendo organizadas e realizadas em diferentes formatos por todo mundo, também os luteranos da região metropolitana de Curitiba passaram a elaborar esta comemoração em seu meio. Um dos cinco eventos organizados, significando para nós o ponto alto, é o Culto conjunto (IECLB e lELB), previsto para 28/10/2012, às 18h, no templo da Comunidade do Redentor (IECLB).

Conforme procedimento já praticado há mais anos, neste ano (2012) cabe à IECLB providenciar o orador para a sessão solene, na Câmara dos Vereadores - sendo ele o Pastor Dr. Mário Tessmann; da mesma forma, também a pregação para o Culto cabe a esta Igreja. Sendo assim, o Sínodo Paranapanema - Região Sul (IECLB), escolheu uma Pastora para proferir a mensagem neste Culto.

A escolha de uma Pastora, porém, foi entendido por alguns pastores da IELB como empecilho para a sua participação, entendendo que o fato de não haver ordenação de mulheres ao santo ministério na IELB, seria, por coerência, impedimento para tanto, tendo em vista que, caso participassem, estariam subscrevendo esta prática.

Diante do impasse, após respeitoso diálogo - a CID-RMC (Comissão Interluterana de Diálogo - Região Metropolitana de Curitiba, composta pelo Sínodo Paranapanerna - Região Sul da IECLB e pelo Distrito Paraná Leste da IELB), decidiu não celebrar este Culto em conjunto; ao invés disso, a IECLB, mantendo o local, dia e hora previstos, irá celebrar um culto de louvor e gratidão a Deus pela Reforma, e convida a IELB a se fazer presente participando com coros, leituras e orações.

E desnecessário dizer do constrangimento que este fato trouxe às duas Igrejas em Curitiba. Uma, a IECLB, na qual já há 30 anos existe um trabalho abençoado de Pastoras, viu que, ao fazer uso de sua liberdade cristã e agir de acordo com a sua consciência, escolhendo uma Pastora para dirigir a pregação no Culto pretendido, causou problemas de consciência para alguns pastores da IELB; outra, a IELB, que ainda não ordena mulheres para o santo ministério, entendendo sua postura como fidelidade a doutrina bíblica e a confessionalidade luterana do santo ministério, entendeu, inclusive, que, mesmo mantendo esta sua postura, não deveria nem sequer participar de Culto no qual estivesse atuando uma Pastora.

Este episódio levou-nos a refletir sobre a fragilidade do trabalho coordenado pela CID-RMC. Que expectativa podemos ter para a caminhada conjunta nos próximos anos, pensando, especialmente, nas comemorações de 2017? Que mensagem nossas posturas fornecem ao mundo cristão e não cristão, a respeito da "santa igreja cristã - a comunhão dos santos", quando nem sequer conseguimos celebrar um Culto conjunto, mesmo identificando-nos como Igrejas Luteranas?

Pelo acima descrito, exposto e questionado, queremos manifestar nossa preocupação/inquietação com o assunto, e buscar junto aos irmãos uma palavra a respeito, que nos possa servir de orientação e encorajamento para a continuação das atividades da CID-RMC.

Com votos de bênçãos de Deus, pela CID-RMC,

P. Nelson Lautert, Coordenador. P. Ivário Giese, Vice-Coordenador -

CIENTES: Pastor Jorge Schieferdecker - Pastor Sinodal (IECLB) Pastor Valdir K. Mansk - Pastor Conselheiro (IELB).

CC. CID Nacional IECLB-IELB

ANEXO 5 - ATA DE FUNDAÇÃO DA COMISSÃO COORDENADORA PERMANENTE

ATA DA REUNIÃO CONJUNTA DA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL - IECLB E IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL - IELB.

Realizou-se em 25 de junho de 1996, aniversário da Confissão de Augsburgo, às 09:00 hs, no Centro Administrativo da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), em Porto Alegre, RS, a reunião conjunta chamada Mesa Redonda das Diretorias e representantes da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, a convite do Pastor Presidente da IELB.

Estiveram presentes, pela IECLB: Rev. Huberto Kirchheim, Pastor Presidente; Rev. Gerd Uwe Kliewes, Secretário geral; Ver. Ulrico Sperb, Secretário de Pessoal; Rev. Nelson Kilpp, Reitor da EST; Rev. Arzemiro Hoffmann, Pastor Regional; Rev. João Artur M. da Silva, Presidente da CIL e a Srª Hildegard Hertel, Deptº de Diaconia; pela IELB: Rev. Leopoldo Heimann, Pastor Presidente; Rev. Nilo Lutero Figur,1º Vice-Presidente; Rev. Arnildo Schneider, 2º Vice-Presidente; Newton Silva Rabello, 1° Secretário; Egon Martim Seibert, 2º Secretário; Sr. Moacir Guenter, 1º Tesoureiro; Sr. Renato Bauermann, 2º Tesoureiro e o Rev. Paulo Proske Weirich, pela CIL e como Editor da IELB.

Foi indicado para secretariar a presente reunião o Sr. Newton S Rabello.

A reunião teve como um dos principais objetivos discutir o Convênio de Mútua Cooperação e questões decorrentes do mesmo.

Após cantar do hino ‘Santa Bíblia meu prazer’, o Pastor Presidente Rev. Leopoldo Heimann saudou os presentes e fez a leitura do texto bíblico de Hebreus 10.19-23, ressaltando o versículo 23: ‘Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel’, encerrando a breve meditação com uma oração.

Foram feitas as leituras dos documentos: ‘Convênio de Cooperação entre a Igreja Evangélica Luterana do Brasil e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil’ e ‘Documento sobre Objetivos, Atribuições e Metas da Comissão Coordenadora Permanente da IECLB-IELB’.

Dentre os assuntos discutidos, destacaram-se os seguintes pontos:

• O texto do Convênio traz as grandes diretrizes, as linhas básicas, mas falta abordar o como fazer;

• É necessário um Glossário que explique a terminologia utilizada (Diaconia, obreiros, Missão, Faculdades), para melhor compreensão do diálogo entre as duas Igrejas;

• A Comissão Permanente deve ter e promover o amor para uma base de confiança mútua;

• As duas Igrejas devem reforçar as coisas boas e concretas que efetivamente estão ocorrendo e a necessidade de diálogo em torno das questões teológicas conflitantes, para que tenhamos uma base para trabalhar as questões divergentes. Devemos reafirmar o item 4 do preâmbulo do Convênio: 'As duas Igrejas acolhem e declaram os livros canônicos das Sagradas Escrituras como Palavra revelada de Deus. Como exposição correta das Sagradas Escrituras ambas aceitam as Confissões da Igreja Antiga, a Confissão de Augsburgo e outros documentos básicos da Reforma luterana';

• Os temas das discussões teológicas deveriam ser analisados (a partir) ao lado dos conflitos nas bases;

• Proposta a realização de uma Conferência Pastoral conjunta em 1997 onde poderiam ser discutidos os seguintes temas: I) - A Justificação pela Graça e Fé, e II) - As Igrejas Luteranas na entrada do 3° Milênio;

• Proposta a participação 'laica' nas Conferências Pastorais e nos Estudos Teológico-Práticos - Comunidade Participativa;

• Foi proposto estudar outro nome para a Comissão. Permanente (talvez 'Conselho de Integração');

• Foi aprovado que este 'Conselho' será composto por três pessoas de cada Igreja;

• Foi proposto que o 'Conselho' seja empossado em ato público das duas (2) Igrejas;

• Proposto que o ‘Conselho’ procure programar celebrações conjuntas pelo 480° aniversário da Reforma – p. Ex.: Semana Acadêmica pelo Ano Jubilar da Reforma;

• Também foi proposto que seja dado espaço nos órgãos de informação das duas (2) Igrejas para divulgação das tratativas e resultados alcançados por este Convênio e/ou a criação de uma Revista que propague as Convergências Teológicas das duas (2) Igrejas;

• A próxima reunião será realizada no dia 23 de setembro de 1996, na Sede da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil quando serão apresentados os integrantes do ‘Conselho’ e marcada a solenidade de sua posse.

A reunião foi encerrada pelo Pastor Presidente, Rev. Dr. Leopoldo Heimann, às 12:00 hs com orações proferidas pela Srª Hildegard Hertel e pelo Rev. Egon M. Seibert.

Newton S. Rabello – Secretário

De acordo:

Rev. Huberto Kirchheim - Pastor Presidente da IECLB

Rev. Leopoldo Heimann – Pastor Presidente da IELB.

ANEXO 6 - CONVÊNIO DE COOPERAÇÃO

1. A Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), constituindo as duas maiores igrejas de confissão luterana no País, afirmam e buscam a unidade do corpo de Cristo e, portanto, sabem-se comprometidas com os seguintes objetivos:

1.1 - Buscar condições para alcançar comunhão no uso da Palavra e dos Sacramentos, de acordo com a vontade do Senhor Jesus Cristo e o anseio da Igreja exposto na Apologia da Confissão de Augsburgo: 'A Cristo suplicamos que olhe pelas igrejas aflitas e dispersas e as reconduza à concórdia sagrada e perpétua' (Prefácio, Par.19).

1.2 - Promover a identidade confessional no sentido de manifestar a tradição católica (universal) da Igreja Luterana e responder aos desafios do nosso tempo.

1.3 - Emitir testemunho da verdade do Evangelho ao mundo, em especial à sociedade brasileira e latino-americana.

1.4 - Promover a cooperação em atividades comuns e afins, no sentido de alcançar melhores resultados mediante ação conjunta.

2. As duas Igrejas admitem que, apesar de sua origem e compromisso comuns, não têm investido o devido esforço na aproximação mútua e no desenvolvimento de projetos conjuntos decorrentes de seu mandato.

3. Embora persistam certas diferenças teológicas e ainda não haja comunhão de púlpito e altar entre as duas Igrejas, ambas reconhecem a necessidade de celebrar um convênio de cooperação para apoiar e oficializar projetos já existentes e propor outros, nas diversas áreas de atuação das duas Igrejas, sempre com a intenção de progredir na consecução dos objetivos acima citados.

4. As duas Igrejas acolhem e declaram os livros canônicos das Sagradas Escrituras como Palavra revelada de Deus. Como exposição correta das Sagradas Escrituras ambas aceitam as Confissões da Igreja Antiga, a Confissão de Augsburgo e outros documentos básicos da Reforma Luterana.

5. Diante do exposto, a IELB e a IECLB firmam o presente convênio de cooperação com a finalidade de cumprir as obrigações da Igreja cristã no País, destacando as seguintes áreas.

I - LITERATURA

1. As duas Igrejas apoiam o trabalho da Comissão Interluterana de Literatura (CIL), constituída em 1974 e integrada por membros de ambas as Igrejas.

2. As duas Igrejas patrocinam o Projeto ‘Martinho Lutero — Obras Selecionadas’ como um grande empreendimento conjunto.

3. As duas Igrejas promovem a coedição do devocionário ‘Castelo Forte’, com textos redigidos por obreiros de ambas as Igrejas.

4. Além dos livros já publicados, as duas Igrejas propõem à CIL que outras coedições sejam promovidas.

5. As duas Igrejas propõem à CIL que examine textos comuns e evite duplicidade de publicações.

II - EDITORAS

As duas Igrejas reconhecem que a Concórdia Editora e a Editora Sinodal, mesmo com suas características empresariais, são instrumentos que auxiliam as Igrejas a cumprir com seus objetivos evangélicos.

2. As duas Igrejas incentivam os diretores das duas Editoras a que promovam e vendam publicações e materiais das duas Igrejas sempre que possível.

3. As duas Igrejas animam os diretores a examinar todo o material de expediente das comunidades/congregações e o submetam aos Conselhos Editoriais ou Conselhos Administrativos para eventual uso em ambas as Igrejas (por exemplo, certidões, formulários, rol de membros, fichas, informática), bem como tenham em vista versões comuns dos Catecismos de Lutero, de hinos, etc.

III - FORMAÇÃO TEOLÓGICA

1. As duas Igrejas encorajam as Congregações de Professores Teológicos, i.e., do Seminário Concórdia de São Leopoldo, da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, a promoverem encontros regulares, visando "instrução e aconselhamento mútuos" na área de pesquisa e formação teológicas.

2. As duas Igrejas reconhecem os Cursos de Pós-Graduação de ambas as Faculdades de Teologia e recomendam que uma Escola considere os créditos da outra.

3. As duas Igrejas sublinham a importância do intercâmbio de professores qualificados, nos cursos de Pós-Graduação, sempre que houver necessidade e for possível.

XV - CONVENÇÕES E CONFERÊNCIAS

1. As duas Igrejas recomendam promover explícita e concretamente a cooperação entre as Igrejas, convidando representantes da direção das mesmas para participar de suas convenções e concílios gerais e outros eventos importantes em níveis nacional, regional e distrital.

2. As duas Igrejas propõem a realização de seminários e encontros de obreiros das Igrejas nos diversos níveis, bem como de formandos dos respectivos Seminários e Faculdades de Teologia, visando o conhecimento mútuo e a tomada de consciência conjunta da identidade confessional luterana e de sua importância no contexto brasileiro e latino-americano.

3. As duas Igrejas propõem o aprofundamento do diálogo teológico nos diferentes níveis e o avanço da discussão de temáticas importantes para a vida e a atuação das Igrejas. (Exemplos: Capelanias, desafios ecumênicos, diversificação de ministérios, movimentos religiosos).

V - CULTO E MÚSICA

1. As duas Igrejas reconhecem a importância de se usar texto comum na liturgia dos cultos e nos hinários. (Ex.: Lecionário, perícopes, liturgias, hinos).

2. As duas Igrejas recomendam intercâmbio e incentivo mútuo na área de música sacra, coral e instrumental.

VI - MISSÃO

1. As duas Igrejas propõem a realização de conferências missionárias, para, em conjunto, se aprimorarem na teologia de missão e buscarem estratégias apropriadas.

2. As duas Igrejas apontam para a importância de fazer e repartir pesquisas missionárias no Brasil e no exterior.

3. As duas Igrejas enfatizam a necessidade de um planejamento comum na área missionária, especialmente em regiões avançadas e pioneiras, evitando concorrência e animosidade.

4. As duas Igrejas reconhecem que o proselitismo não é a forma de se fazer missão de Cristo e, por isso, recomendam a elaboração e adoção de critérios comuns na transferência de membros das duas Igrejas.

VII - SERVIÇO SOCIAL

1. As duas igrejas afirmam a necessidade de assumir e desenvolver projetos comuns em todas as atividades de serviço social. (Ex.: hospitais, laboratórios, lares para crianças e idosos, previdência social privada, etc).

VIII - RESPONSABILIDADE EDUCACIONAL

1. As duas Igrejas reconhecem a origem e confessionalidade comum em suas escolas a partir da importância dada por Lutero à educação e consequente formação integral e ética de cada cidadão.

2. As duas Igrejas buscam a conjugação de esforços das suas escolas de Primeiro, Segundo e Terceiro Graus no que diz respeito à prática da filosofia luterana de educação, envolvendo todos os recursos humanos e materiais disponíveis.

3. As duas Igrejas desenvolverão uma ação Conjunta com o objetivo de cooperar com os órgãos públicos no atendimento da sua responsabilidade para com a qualidade do ensino público e acessível a todos os brasileiros.

IX - RESPONSABILIDADE PÚBLICA

1. As duas Igrejas reconhecem que, em seus escritos e manifestações públicas, Martinho Lutero assumiu sua cidadania, evidenciando, assim, que, fundamentados no Evangelho, as bases confessionais e o culto luterano têm aplicações concretas com o dia-a-dia.

2. As duas Igrejas recomendam a promoção da constante análise do contexto socioeconômico e político brasileiro e latino-americano e a tomada de consciência de sua responsabilidade e missão específicas neste contexto.

3. As duas Igrejas recomendam a importância de buscar articulação e posicionamento diante dos desafios específicos de nossa época no intuito de fazer valer a vontade do Deus Criador a serviço da vida, da justiça e do bem comum.

X - PASSOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de concretizar as propostas de ação conjunta, deverá haver no mínimo uma reunião anual das instâncias responsáveis pelos respectivos setores.

XI - ORAÇÃO

As duas Igrejas comungam na oração ao Senhor da Igreja:

‘Que o Deus Todo-Poderoso e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo nos conceda a graça de seu Espírito Santo, para que todos sejamos unidos nele e constantemente permaneçamos nessa unidade cristã que lhe é agradável. Amém.’ (FC-Epítome, Art. XI, 23. Livro de Concórdia p. 536).

ANEXO 7 - CARTA CONVITE ATO PÚBLICO

COMISSÃO INTERLUTERANA DE DIÁLOGO

IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL (IELB)

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB)

PRESIDÊNCIA

Porto Alegre, 14 de novembro de 1996

Caros Colegas de Ministério:

Saudamos os irmãos com as palavras de Paulo: ‘Que a graça e a paz de Deus, o nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo estejam com vocês’!

Julgamos que ‘graça e paz’ são duas palavras muito oportunas e apropriadas quando pensamos nos objetivos ao escrevermos esta carta em nome da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).

Estamos enviando esta a vocês, pastores e professores das Congregações e Faculdades de Teologia da Grande Porto Alegre, com o pedido de que façam divulgação da mesma.

Estamos fazendo um convite para vocês participarem de um ATO PÚBLICO que será promovido pelas duas igrejas, com dois momentos:

- No templo: Solenidade de Posse da Comissão Interluterana de Diálogo - No pavilhão: Hora de Congraçamento.

Acontecerá na Capela da IELB:

- Dia 05 de Dezembro de 1996

- 20:00 horas

- Rua Cel. Lucas de Oliveira, 894

Bairro Mont'Serrat Porto Alegre, RS.

Será um dia muito importante para o diálogo e a vida de nossas duas Igrejas. Estamos convictos de que devemos nos encontrar mais e nos ‘instruirmos e aconselharmos mutuamente em toda a sabedoria’ com maior frequência. Temos

certeza de que o Espírito Santo tem muitas bênçãos reservadas para as nossas igrejas.

A vossa presença, caros pastores e professores, bem como dos membros de vossas congregações e alunos de vossas escolas, é desejada e esperada neste momento histórico das duas igrejas luteranas.

Aguardamos vocês! Sejam bem-vindos!

Com gratidão e votos de bênçãos de Deus

Huberto Kirchheim Pastor Presidente IECLB

Leopoldo Heimann Pastor Presidente da IELB”

ANEXO 8 - ORIGEM DA CLI

A origem desta organização remonta a um encontro de líderes luteranos confessionais em Uelzen, julho de 1952 um pouco como reação à fundação da Federação Luterana Mundial. Já em 1959 outra conferência, em Oakland, se ocupou com o tema da 'Comunhão (fellowship) entre as nossas Igrejas', sendo que numa terceira conferência, em 1963, em Cambridge, foi adotado o nome 'Conferência Teológica Luterana Internacional' para estes encontros informais. Mais onze encontros foram realizados nas próximas três décadas, até que em Antigua, Guatemala, em 1993 o CLI (ILC) foi criado, quando os representantes oficiais de Igrejas Luteranas Confessionais dos seis continentes promulgaram a Constituição. O CLI se define como uma associação mundial de Igrejas luteranas confessionais estabelecidas e que proclamam o Evangelho de Jesus Cristo, baseado num compromisso incondicional com as Sagradas Escrituras como a inspirada e infalível Palavra de Deus e com as Confissões Luteranas contidas no Livro de Concórdia, como verdadeira e confiável interpretação da Palavra de Deus. Como objetivos se menciona que o CLI existe com o propósito de encorajar, fortalecer e promover teologia e prática luterana confessional centrada em Jesus Cristo, tanto nas Igrejas - membros como pelo mundo afora.

O CLI em sua estrutura organizacional tem um presidente, um vice-presidente e um secretário e um Comitê Executivo com, no mínimo, um representante de cada uma das seis áreas mundiais (África, Ásia oriental, Europa, América Latina, América do Norte, e Ásia sudeste com Austrália). Um secretário executivo é encarregado de dar o necessário suporte administrativo. Atualmente fazem parte 26 Igrejas como membros do CLI, que tem um encontro de dois em dois anos. São as seguintes as Igrejas-participantes: ÁFRICA — Igreja Evangélica Luterana de Ghana, Sínodo Evangélico Luterano Livre na África do Sul, Igreja Luterana da Nigéria, Igreja Luterana na África do Sul. ÁSIA ORIENTAL - Igreja Evang. Luterana da China (Taiwan), Igreja Luterana do Japão, Igreja Luterana — Sínodo de Hong-Kong, Igreja Luterana na Coréia. EUROPA - Igreja Luterana Confessional da Finlândia, Igreja Evang. Luterana Livre da Dinamarca, Igreja Evang. Luterana da Inglaterra, Igreja Evang. Luterana — Sínodo da França e Bélgica, Igreja Evangélica Independente (Alemanha). AMERICA LATINA — Igreja Evang. Luterana da Argentina, Igreja Evangélica Luterana do Brasil,

Igreja Evang. Luterana da República do Chile, Igreja Evang. Luterana do Paraguai, Igreja Luterana da Guatemala, Igreja Luterana da Venezuela, Sínodo Luterano do México. AMÉRICA DO NORTE — Igreja Luterana — Canadá, Igreja Luterana — Sínodo Missouri (USA). SUDESTE DA ÁSIA E AUSTRÁLIA — Igreja Luterana Gutnius (Papua Nova Guiné), Igreja Evangélica Luterana da Índia, Igreja Luterana da Austrália, Igreja Luterana nas Filipinas.

ANEXO 9 - SOBRE A CELEBRAÇÃO DA SANTA CEIA

Diálogo Interluterano — IELB e IECLB — sobre a Celebração da Santa Ceia

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

IELB – Igreja Evangélica Luterana do Brasil

I. A razão deste documento de estudo

'Que o Deus Todo-Poderoso e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo nos conceda a graça de seu Espírito Santo, para que todos sejamos unidos nele e constantemente permaneçamos nessa unidade cristã que lhe é agradável. Amém.' (Fórmula de Concórdia - Epítome, XI, 23, Livro de Concórdia, p. 536).

Nesta oração, luteranos reconhecem a importância da união daqueles que creem a mesma doutrina e confessam que, para tanto, a ação de Deus se faz necessária. A união na Igreja não é obra humana, mas dádiva divina, realizada pela palavra do próprio Deus.

As duas maiores igrejas luteranas no Brasil (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil [IECLB] e Igreja Evangélica Luterana do Brasil [IELB]) estiveram reunidas para uma Conferência Nacional (Rodeio 12, SC - de 29 de outubro a 1º de novembro de 1998), sob o tema 'Unidade e Missão.' A partir daquele encontro, as duas diretorias foram solicitadas a realizar estudos sobre a Santa Ceia, envolvendo as comissões de teologia das igrejas (Unidade e Missão, Comissão Interluterana de Literatura, 1999, p. 55). As duas comissões de teologia passaram a se encontrar, a partir de 18 de setembro de 1999. Estava em estudo a questão da 'hospitalidade eucarística' - membros de uma igreja participarem da Santa Ceia celebrada na outra igreja luterana, em ocasiões especiais (Confirmação, etc.). Em razão da seriedade do assunto, as comissões de teologia decidiram empreender um estudo mais amplo da doutrina e prática da Santa Ceia. Após 4 reuniões, a partir de estudos redigidos por representantes de ambas igrejas, as Comissões submetem às Igrejas o presente documento para estudo.

É importante ressaltar que o assunto tratado, dada sua importância, tem sido estudado a partir de um exame da Escritura Sagrada e das Confissões Luteranas. Não se pretende um acordo político-eclesiástico, mas um testemunho claro da fé que cremos, ensinamos e confessamos. Destaca-se também, neste momento, o espírito

de respeito mútuo entre as comissões de teologia. Pontos de consenso têm sido identificados, mas questões em estudo, onde não há concordância, também são reconhecidas.

O presente documento aponta, a seguir, aqueles pontos de consenso mais significativos identificados nos encontros e estudos das comissões de teologia. Observa, também, aquelas questões em que as comissões de teologia reconhecem a necessidade de estudos mais aprofundados, visto ainda não terem alcançado consenso.

O objetivo maior do presente documento é fomentar nas Igrejas o estudo de assunto tão fundamental quanto a Santa Ceia, esclarecer o posicionamento das Igrejas e convidar congregações e pastores à reflexão e reação diante do que se coloca.

II. Pontos de consenso

1. A instituição da Santa Ceia por Jesus como sacramento para a Igreja.

O texto bíblico é claro em mostrar que a Santa Ceia não é invenção humana, mas instituição do próprio Jesus (Mt 26.26-30 e paralelos; 1 Co 11.23-25). As duas Igrejas luteranas creem, confessam e ensinam, com Lutero, que a Santa Ceia ‘é o verdadeiro corpo e sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, sob o pão e o vinho, dado a nós cristãos para comer e beber, instituído pelo próprio Cristo’ (Catecismo Menor de Lutero, Livro de Concórdia, p. 378). Como instituição do Senhor, a Ceia é recebida pela Igreja, não inventada por ela. É instituição feita no âmbito do Evangelho; é sacramento; é dádiva de Cristo para sua Igreja. Não é obra humana ou mera cerimônia piedosa. É ato que tem a autoridade do próprio Cristo, que se manifesta em poder, mas sobretudo em graça e misericórdia para com seu povo.

2. A presença real do corpo e sangue de Cristo em, com e sob os elementos do pão e do vinho.

Com os confessores em Augsburgo, IECLB e IELB testificam que ‘o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo estão verdadeiramente presentes na ceia sob a espécie do pão e do vinho e são nela distribuídos e recebidos. Por isso também se rejeita a doutrina contrária’ (Confissão de Augsburgo; Livro de Concórdia, p. 32). A esta confissão somos movidos pelas palavras do próprio Cristo, presentes na instituição da Ceia (‘Isto é o meu corpo ... isto é o meu sangue’ - Mc 14.22,24).

A presença de Cristo, portanto, não pode ser interpretada de maneira simbólica, como Zwínglio o fazia. Se fosse isso, a comunhão seria por demais subjetiva e dependente do significado que o indivíduo lhe daria. A presença real também não pode ser interpretada de maneira transubstancial, como se na hora da consagração mudassem a substância e a essência dos elementos, como a doutrina católica romana tradicionalmente o tem afirmado e, por conseguinte, justifica a não-distribuição do cálice e a presença de Cristo na hóstia, mesmo depois da missa. Enquanto a interpretação simbólica tende à espiritualização e faz perder a concreticidade, a interpretação transubstancial tende a conduzir a uma materialização perigosa por induzir à compreensão mágica. Ambas as interpretações tentam explicar o mistério da presença real que não pode ser explicado adequada e suficientemente, mas é acolhido na fé.

3. A Santa Ceia dá expressão à comunhão criada por Deus e a fortalece.

Um dos termos pelos quais a Santa Ceia é conhecida é ‘comunhão’. De fato, há uma tríplice comunhão (como Paulo o mostra em 1Co 10.16-18): 1) aquela entre os elementos, pão e corpo de Cristo, vinho e sangue de Cristo; 2) comunhão entre Cristo e aquele que comunga; 3) comunhão entre os comungantes. Falando especialmente das duas últimas, a Santa Ceia não apenas expressa esta comunhão operada pelo próprio Deus, mas é meio pelo qual tal comunhão é sustentada e fortalecida.

4. Os benefícios da Santa Ceia - perdão, vida e salvação; a dimensão escatológica da Ceia.

As palavras de Jesus, por ocasião da instituição da Ceia, declaram seu benefício maior: ‘Isto é o meu corpo oferecido por vós ... Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós’ (Lc 22.19,20); ‘derramado em favor de muitos, para remissão de pecados’ (Mt 26.28). Por isso, confessamos que ‘Deus verdadeiramente nos perdoa por causa de Cristo quando somos batizados, quando comemos o corpo de Cristo, quando somos absolvidos’ (Apologia da Confissão de Augsburgo XIII 4; Livro de Concórdia, p. 223). Com Lutero declaramos ‘que por essas palavras nos são dadas no sacramento remissão dos pecados, vida e salvação. Pois onde há remissão dos pecados, há também vida e salvação’ (Catecismo Menor VI 6; Livro de Concórdia, p. 379).

A Santa Ceia é meio da graça, instrumento de Deus para trazer seu perdão para seus filhos. Assim, ela traz fortalecimento na fé, alimentando o crente para a vida diária e a luta contra Diabo, mundo e carne, que o querem levar ao desespero e descrença. Como meio da graça, a Ceia alude ao Cordeiro pascal e nos torna participantes da história dos maravilhosos feitos de Deus, desde a criação e a libertação de Israel do cativeiro até a consumação do seu Reino de justiça, paz e bem-aventurança.

A Ceia do Senhor é alimento para a fé, enquanto estamos neste mundo, e, ao mesmo tempo, proclamação da promessa da comunhão perfeita no céu. É, por isso, graciosa antecipação da ceia celeste. O apóstolo Paulo lembra que 'todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha' (1Co 11.26). As duas igrejas luteranas (IECLB e IELB) confessam os benefícios da Ceia para a vida neste mundo e o caráter escatológico da mesma.

5. O lugar do arrependimento e fé para a participação na Santa Ceia.

O apóstolo Paulo alerta: 'Aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor' (1Co 11.27). Preparações exteriores não tornam alguém digno do sacramento. De fato, nada do que possamos fazer nos torna dignos perante o santo e justo Deus. É preciso reconhecer nossa carência natural de sermos o que Deus exige em sua santa lei. Ao chegarmos diante da Ceia do Senhor fazemo-lo na confiança de seu convite gracioso, não em uma dignidade que nós próprios tenhamos construído. Por isso, quanto ao preparo para a Ceia do Senhor, confessamos, com Lutero: 'Verdadeiramente digno e bem preparado é aquele que tem fé nestas palavras: 'dado em favor de vós' e 'derramado para remissão dos pecados.' Aquele, porém, que não crê nessas palavras ou delas duvida é indigno e não está preparado, pois as palavras 'por vós' exigem corações verdadeiramente crentes.' (Catecismo Menor VI 10; Livro de Concórdia, p. 379). Nas palavras de Jesus, 'arrependei-vos e crede no evangelho' (Mc 1.15), está seu convite ao pecador a que se chegue a Deus, reconhecido de seu pecado e natural indignidade, mas sobretudo crente nas palavras de perdão e vida oferecidos pelo próprio Cristo.

As igrejas luteranas (IELB e IECLB) entendem arrependimento e fé como obra que Deus, através do Espírito Santo, realiza em nós.

6. O envio para servir.

Por ser Evangelho, a Santa Ceia traz vida renovada pelo perdão aos que dela participam na fé em Cristo. Nesta nova vida, reconhecemos o chamado de Deus, de servi-lo com nosso culto diário, e de servir ao próximo em amor verdadeiro. Perdoados por Cristo, somos libertos para anunciar o Evangelho, perdoar uns aos outros, repartir o pão com as pessoas famintas e atender o próximo em todas as suas necessidades.

III. Questões em estudo

1. Os elementos visíveis utilizados na Santa Ceia.

A respeito dos elementos, diversas questões encontram diferentes posicionamentos. Perguntas que se fazem são, por exemplo:

- Deve o pão usado na Ceia ser necessariamente pão sem fermento, ou poderá ser usado indistintamente o pão levedado?

- Que reflexão deveria ser feita em relação ao uso da hóstia? Seria apropriado utilizar pão inteiro, partido apenas na ocasião da celebração?

- Jesus utilizou vinho por ocasião da instituição da Santa Ceia. O tipo de vinho (tinto, branco, rosê, suave, seco ou diluído) a ser usado é uma questão secundária. No entanto, poderíamos, por razões de ordem pastoral, admitir a utilização de suco de uva?

- Que dizer do cálice individual? É ele uma possibilidade tão aceitável quanto o cálice coletivo, mais tradicional?

Algumas destas questões encontram diferentes respostas da parte das duas igrejas. Outras têm sido discutidas mesmo no âmbito interno de cada igreja.

2. Os participantes da Santa Ceia.

Também sob este ponto há perguntas a serem respondidas:

- Quem é convidado a participar da Santa Ceia?

- O que dizer da extensão do convite a membros de outras igrejas?

- Deve-se entender a Santa Ceia como sendo uma comunhão aberta ou fechada? (Por comunhão aberta entende-se que pessoas de outras igrejas cristãs também são admitidas para participarem da Santa Ceia. Por comunhão fechada entende-se a prática em que exclusivamente membros da mesma denominação

religiosa [e, em alguns casos, apenas membros da mesma congregação] são convidados a participar da Ceia.) Práticas diferentes têm sido adotadas nas duas Igrejas.

- No caso específico do relacionamento entre a IECLB e IELB, a prática do acolhimento mútuo afetaria a compreensão da comunhão fechada?

3. Celebrante da Santa Ceia.

Algumas questões necessitam maior análise no que se refere a quem administra o sacramento:

Que dizer da celebração realizada por leigos, homens e mulheres, não-clérigos? Entende-se aí a administração da Ceia, com consagração dos elementos e distribuição dos mesmos.

E a participação apenas na distribuição, como auxiliar?

Tendo em vista que não há consenso entre as igrejas luteranas sobre a ordenação de mulheres para o ofício pastoral, entra também em questão o ministério feminino.

IV. Convite ao estudo, reflexão e reação diante deste documento

As Igrejas luteranas IECLB e IELB são convidadas, através deste breve estudo, a refletirem sobre a Santa Ceia de Cristo. As comissões de teologia julgam apropriado levantar algumas perguntas gerais diante dos consensos alcançados e os pontos que continuam em estudo:

No que se refere aos pontos de consenso, são eles realmente encontrados na prática das igrejas, em suas comunidades locais? Ou há diferentes posicionamentos, adotados por pastores e comunidades?

Sendo pontos de consenso, podem ser considerados como não apenas necessários, mas já suficientes para a adoção da hospitalidade mútua na Ceia entre as igrejas? Ou os consensos seriam de tal monta, que, inclusive, recomendam este acolhimento?

Quanto aos pontos em estudo, qual deve ser a prática daqui para a frente? São eles impeditivos da participação de membros de uma igreja luterana na Santa Ceia celebrada na outra igreja?

Deve-se também nos pontos em estudo, ou mesmo em outras questões não abordadas por este documento, alcançar consenso, antes de aprovar a hospitalidade mútua na Ceia? Ou será que a prática da hospitalidade na Ceia nos poderia servir de fonte de bênção para a continuação do diálogo?

Por fim, torna-se também importante a reflexão sobre a função e o impacto de um documento a ser enviado pelas duas igrejas às comunidades:

Deveríamos adotar uma orientação geral, havendo, no entanto, respeito às condições locais? Ou seja, o que dizer da liberdade de cada comunidade, frente a uma orientação geral, tendo em vista as peculiaridades de sua região?

Parece às comissões de teologia que qualquer orientação geral não deverá vir com o peso de lei, mas como orientação fraternal. Reações a este ponto são importantes e serão muito bem acolhidas pelas comissões.

Entendem as comissões de teologia que o estudo e a reflexão a serem empreendidos nas duas igrejas são importantes para qualquer passo a ser tomado no futuro. Esperam as reações das comunidades, a partir dos pontos levantados ou de quaisquer outros que não tenham sido abordados no presente estudo, mas que sejam relevantes no que se refere à doutrina e prática da Ceia do Senhor.

Nota: Participaram da preparação e revisão deste documento, da parte da IECLB: Eberhard Frank, Gottfried Brakemeier, Günter K. F. Wehrmann, Helmut Fertsch, Huberto Kirchheim, Margarete E. Engelbrecht, Ottokar Fertsch (in memoriam), Verner Hoefelmann, Wanda Deifelt, Walter Altmann; da parte da IELB: Carlos Walter Winterle, Edgar Züge, Erni Krebs, Gerson L. Linden, Nivaldo Schneider, Paulo Proske Weirich, Paulo Udo Werner Kunstmann, Rudi Zimmer e Ursula Ana Neumann.

Revisado em reunião conjunta

Em 11 de setembro de 2001, Porto Alegre, RS

ANEXO 10 - DIÁLOGO SOBRE A SANTA CEIA IELB/IECLB

DIÁLOGO SOBRE A SANTA CEIA IELB/IECLB

Tendo apresentado às duas igrejas um documento de estudo, relatando as primeiras conclusões a que as duas comissões de teologia chegaram e levantando uma série de questões, recebemos não muitas reações (12 da parte da IELB e 4 da parte da IECLB até o momento).

No dia 17 de maio de 2002 as duas comissões, juntamente com os dois presidentes das duas igrejas, estiveram reunidas para analisar as reações. Divulgamos nas duas igrejas o seguinte documento:

1. Constatamos na análise das reações:

- um sentimento de alívio da parte de vários por existir consenso no que diz respeito ao fundamental na doutrina da santa ceia;

- alguns opinam que a comunhão na santa ceia envolve também comunhão na unidade de fé (CA VII). Neste sentido temos ainda um caminho a percorrer.

2. Reconhecemos que:

- para a IECLB o acolhimento fraterno não é problema, praticando ela uma comunhão aberta e tendo sido ela formada por diversos sínodos;

- para a IELB esta prática se torna mais difícil tendo em vista a sua prática de longo tempo de comunhão fechada.

3. Esclarecemos que:

- ainda existem diferenças que devem ser tratadas e trabalhadas.

4. Recomendamos:

- a continuidade do estudo nas comunidades, reafirmando em cada uma o que é a santa ceia e o proveito que Deus nos distribui por meio dela;

- que as conferências (concílios, conselhos distritais, etc.) coloquem esta temática nas suas pautas; que se promovam encontros entre pastores/lideranças/congregações das duas igrejas para estudo do assunto;

- que as congregações de ambas as igrejas luteranas estejam atentas a oportunidades e situações particulares e públicas que requerem o ensaio do

acolhimento mútuo; que esses casos sejam tratados com os cuidados pastorais necessários.

5. Pedimos que:

- sejam enviadas reações às direções das duas igrejas à medida que os estudos e reuniões forem acontecendo;

- sejam apontados caminhos possíveis de serem percorridos junto.

Observação:

As presidências esclarecem que nenhuma decisão deve ser tomada de cima para baixo, como alguns estão interpretando. Justamente, por isso, as bases estão sendo consultadas e estimuladas a refletirem sobre o assunto, e precisamos receber reações. Calar não ajuda em nada. Se nenhum outro proveito houver neste processo, que o do estudo sério e aprofundado da doutrina da santa ceia nas comunidades, grande coisa já terá acontecido. Todos serão fortalecidos no estudo da palavra e na participação mais consciente e proveitosa da Ceia do Senhor.

p/IELB – Rev. Carlos Walter Winterle p/IECLB – Rev. Huberto Kirchheim

ANEXO 11 - AOS INTEGRANTES DA CID

Aos

Integrantes da CID

Estimados irmãos:

Agradeço todo o empenho na organização da realização da 3a Conferência Interluterana. Sentiu-se um bom ambiente entre todos os participantes, ninguém veio com pedras na mão e estamos em bom ambiente de diálogo. Agradeço especialmente pelo ‘Grupo 6’: Foi muito boa a oportunidade que o pastor Altmann e eu tivemos de sentar e conversar.

Gostaria de fazer alguns comentários, como críticas e observações para futuros encontros. Senti que faltaram algumas providências ou algumas comunicações, ou talvez alguma delegação, em que um ficou esperando pelo outro e algumas coisas não aconteceram como poderiam ter acontecido. Listo abaixo as minhas observações:

1. Apesar de ter sido anunciado o lançamento da Confissão de Augsburgo e a sessão de autógrafos com os Presidentes, não havia exemplares disponíveis à venda. O Dieter ficou esperando pela Sinodal e a Sinodal não sabia de nada. A Congregação se preparou colocando uma mesa para os autógrafos, primeiro na igreja, a qual solicitei que fosse colocada no salão ainda antes do culto. Mas, infelizmente, não havia exemplares disponíveis para o público presente. Foi uma bela oportunidade perdida de venda e de colocação da CA na mão dos que estiveram conosco no culto do dia 24;

2. Apesar da sugestão dada desde o início de que cada igreja trouxesse o mapeamento das suas missões e atividades, não houve uma solicitação explícita, nem foi colocado na agenda este item. Não vi anotação na programação e pensei que a sugestão não havia sido acolhida. Mesmo assim, de última hora, preparamos um pequeno mapa e a IECLB pela ata e em contato pessoal que o pastor Altrnann teve com integrante da CID trouxe uma bela apresentação. Na hora as igrejas foram convidadas a apresentar o mapeamento e fiquei constrangido por não ter me preparado de acordo. O ponto positivo é que daremos continuidade a este mapeamento;

3. O culto foi delegado à Congregação Concórdia, mas não houve acompanhamento na preparação. A ideia de fazer uma liturgia tendo por base a CA foi encaminhada pela CID aos professores do Seminário, que deixaram para fazer a liturgia na última hora. A divulgação do culto parece que não foi suficiente: Só a comunidade local participou. Nem professores e alunos do Seminário, nem da EST, nem pastores no Distrito do Sínodo. Pelo que o pastor Wilmar falou, ele comunicou ao seu distrito e aguardava participação maior do Seminário. Foi uma bela oportunidade perdida de termos mais participantes envolvidos, corais, etc., não apenas no culto dos 101 anos da IFT R, mas, principalmente, neste culto que também foi o culto da Conferência;

4. Os encarregados pelos momentos devocionais não foram suficientemente orientados para ‘socializar’ as devoções. Parece que tiveram que improvisar um pouco;

5. Faltou visual: faixa, identificação, como foi na 1' Conferência. O próprio crachá dizia Conferência Interdenominacional.

Estes e outros itens precisam ser analisados pela comissão organizadora da CID, não procurando culpados, mas procurando distribuir melhor as tarefas.

Fraternalmente,

Pastor Carlos Walter Winterle

ANEXO 12 - DOCUMENTO FINAL IELB - IECLB

1ª Conferência Nacional Interluterana IELB-IECLB

DOCUMENTO FINAL

1. Introdução

1.1 - Grande expectativa marcou a chegada dos 32 representantes de Igreja Evangélica Luterana do Brasil-IELB e dos 34 representantes da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil-IECLB a Rodeio 12. O motivo da sensação de pisar terreno estranho era justificada, uma vez que era a primeira vez que as duas maiores igrejas luteranas brasileiras chegavam tão perto uma da outra, para a I Conferência Nacional Interluterana, nos dias 29 de outubro a 1º de novembro de 1998. Boa parte dos integrantes de ambas as denominações já tiveram oportunidade de convívio durante a viagem, no mesmo ônibus, desde Porto Alegre, o que já contribuiu muito para uma intensa aproximação pessoal.

1.2 - O clima propício que reinou desde os primeiros momentos, deve-se especialmente a uma caminhada de mais de trinta anos de pessoas de ambas as igrejas em busca desta aproximação intensa que agora se concretiza. Somos gratos a Deus pelas experiências positivas vivenciadas em várias localidades, que motivam e sustentam a necessidade de unidade entre as igrejas. O tema geral expressava o desejo da aproximação e cooperação: “Unidade e Missão das Igrejas Luteranas no Brasil”. O objetivo geral do encontro foi o de encaminhar a implantação do Convênio de Cooperação entre a IELB e a IECLB, já aprovado no passado pelos órgãos competentes das duas igrejas. Os objetivos específicos foram “ampliar a aproximação entre IELB e IECLB, promover a busca de condições para alcançar comunhão de púlpito e altar entre ambas as igrejas, perguntar pela missão e pelo compromisso das duas igrejas no Brasil, investigar os estímulos que emanam da base comum de cooperação, e traduzir tais estímulos em propostas de ação a serem desenvolvidas nas congregações e nos diferentes níveis de ambas as igrejas”.

1.3 - A celebração de abertura da conferência, dava um primeiro passo decisivo. “Reconhecemos que, no passado, tivemos dificuldades para nos aceitar como irmãos e irmãs da mesma família luterana”, confessava a comunidade reunida.

Através do hino de Lutero, “só tua graça poderá salvar-nos dos pecados”, a confissão de culpa dava o tom do início de um novo tempo sem meias palavras.

1.4 - A mensagem, com a pergunta “Cadê a Igreja? Onde está o povo cristão?”, desafiou os participantes à reflexão sobre a identidade luterana, a situação e a missão. Com base nos escritos de Lutero, falou-se sobre a igreja e seus sete sinais de reconhecimento, que foram sendo trazidos em forma de símbolos para o altar. A mensagem concluiu com a prece de que “Deus Criador, nosso Senhor Jesus Cristo e o Espírito Santo abençoem a nós, da IECLB e da IELB, em nossa tentativa de dar resposta por nossa identidade como povo cristão”.

2. As palestras

2.1 - Para proferir as palestras de fundo, foram convidados o pastor Dr. Gottfried Brakemeier, da IECLB, atual professor da cadeira de sistemática, com ênfase em ecumenismo, da Escola Superior de Teologia (EST), de São Leopoldo (RS), e o pastor Dr. Nestor Luis João Beck, pró-reitor acadêmico da ULBRA, da IELB.

2.2 - Em sua apresentação, o Dr. Brakemeier foi logo deixando claro que “missão cristã, para ter credibilidade, exige unidade”. Lembrando fatos históricos que moldaram as duas igrejas, apontou para o Brasil de hoje com os desafios que representa para a missão luterana. Dentro deste contexto, analisou a relevância da confessionalidade luterana. Ao longo de sua exposição, afirmou por diversas vezes que “a comunidade luterana recebeu um talento para com ele trabalhar”, e que não deveria enterrá-lo.

2.3 - Nesse sentido, apontou para a necessidade de juntar forças, porque “mesmo juntas, as duas igrejas não passam de uma irrisória minoria religiosa no país”. “Precisamos garantir a unidade e partir para a ação”, desafiou. Lembrou o legado da Reforma, que “consiste numa causa a ser abraçada com a mesma paixão pelo Evangelho como a vemos em Lutero e seus co-militantes”. Descreveu esta causa, comprometedora de toda a igreja que se pretende luterana, em quatro tópicos: a divindade de Deus, a gratuidade da salvação, a realidade da cruz na ação do amor e a régia liberdade cristã. Brakemeier ressaltou que todos estes tópicos confluem na mensagem da justificação por graça e fé.

2.4 - Ao final de sua exposição, o Dr. Brakemeier afirmou que “apesar de existir a necessidade de trabalhar diferenças, a principal meta deveria ser a

cooperação alicerçada em acordos bilaterais, tendo como objetivo primário a comunhão de púlpito e de altar". Dentro deste objetivo, deve-se pressupor "a disposição para a parceria". Para tanto, é imprescindível o conhecimento mútuo, a erradicação do preconceito, através do encontro, da reflexão e da oração conjunta. Finalmente, é necessária a programação conjunta de atividades, visando a eficiência das mesmas e o ensejo de crescimento da comunhão luterana.

2.5 - O Dr. Beck, em sua exposição, que intitulou "Unidade e Missão da Igreja Luterana aqui e agora", chamou a atenção de que a igreja dita luterana "pretende ser nada mais nada menos que a própria igreja cristã", que confessamos una, santa, católica e apostólica. O que se espera desta igreja luterana em terras brasileiras, no limiar do terceiro milênio, é que "reflita sobre a própria unidade e missão no seio da sociedade do século 21 e passe a realizá-la eficazmente". Isto ela faz ao "compreender a situação e o momento em que estamos, ao entender quem somos e para que fomos inseridos na igreja, e ao elaborar formas de ação que sejam consistentes com a vocação a que fomos chamados".

2.6 - "Não podemos contentar-nos com o que já somos. Precisamos tornar-nos aquilo que somos chamados a ser, herdeiros do Reino dos céus", ele desafiou. Toda a sua palestra primou por uma análise muito franca do passado comum das duas igrejas, com a exigência de uma nova interpretação do que se passou. "Compreendendo de forma nova o passado, poderemos superar entraves e passar a interagir de forma distinta como membros e representantes das organizações a que estamos ligados", vislumbrou. "Se formos honestos, não deixaremos de reconhecer que as relações mútuas estão perturbadas pela recordação de histórias que nos contaram, de injustiças e violências que uns teriam praticado contra os outros. Estas lembranças estão cravadas na memória coletiva e elas continuam perturbando o nosso relacionamento de geração após geração".

2.7 - Segundo ele, "os historiadores precisam liderar as igrejas no esforço de reinterpretar o passado na perspectiva de um futuro distinto do que tem sido, e os teólogos precisam redescobrir, juntamente com os fiéis, o fundamento para a concórdia e a cooperação". Em sua conclusão, ele disse que "está bem claro o que nos une. É preciso descobrir formas de conviver com o que nos separa. As igrejas precisam descobrir formas de modificar posições doutrinárias, mantendo-se, entretanto, fiéis aos fundamentos".

2.8 - Atuaram como reatores às palestras o pastor Dr. Rudi Zimmer, da IELB, que atua na Sociedade Bíblica do Brasil, e o pastor Dr. Martin N. Dreher, da IECLB, professor de História da Unisinos. Ambos expressaram concordância com as propostas dos palestrantes e ampliaram, com contribuições específicas, as reflexões dos mesmos.

2.9 - Todas as contribuições motivaram um vivo interesse dos participantes e contribuíram de maneira significativa para criar um clima favorável para uma aproximação e para o trabalho de compartilhar e de refletir a caminhada conjunta. As palestras prepararam o solo para lançar as sementes do diálogo e da reflexão.

3. Trabalho em grupos

3.1 - O primeiro momento do trabalho em grupos foi uma reação às palestras, com base nas seguintes perguntas: Qual é nossa contribuição luterana específica no cenário religioso brasileiro, e como avaliar as nossas diferenças e como priorizar os temas sobre os quais precisamos dialogar? Quais são os obstáculos que dificultam a aproximação? Como vamos proceder para afastá-los? Quais são as ações que podemos planejar e executar para fortalecer a unidade?

3.2 - Estas perguntas inauguraram uma reflexão de aprofundamento. Uma das conclusões foi a necessidade de conhecermos melhor a história um do outro, para desmascarar versões folclóricas e distorcidas do passado e promover uma catarse positiva que nos ajude a superar traumas. Temos uma contribuição a dar no campo da teologia no cenário brasileiro com a mensagem clara, doce e libertadora da graça revelada em Jesus Cristo. Nossa literatura teológica serve de ponto referencial para outras igrejas, mas precisamos trabalhar de forma mais efetiva a nossa comunicação. A conscientização deve também chegar às comunidades, para que preconceitos sejam eliminados e a aproximação ali se concretize.

3.3 - O segundo momento do trabalho em grupos baseou-se em oito áreas destacadas pelo Convênio de Cooperação assinado pelas duas igrejas. A saber: Comunicação, Formação Teológica, Escolas Confessionais, Culto/Liturgia/Música, Missão e Evangelização, Responsabilidade Pública, Serviço Social e Diaconia, e Prática Comunitária. Este trabalho em grupos e o seu debate em plenário resultou nas sugestões a seguir relacionadas.

3.4 - Comunicação

3.4.1 - Criar a Assessoria de Imprensa Interluterana, que divulgue as duas igrejas.

3.4.2 - As duas igrejas são solicitadas a buscar estabelecer uma política comum de comunicação, que trace a coluna dorsal do que a IECLB e a IELB pretendem atingir com uma caminhada comum de comunicação. O fórum para o debate desta política comum de comunicação poderia ser o já existente, na Regional Brasil de Luteranos Unidos em Comunicação (LUC), onde representantes das duas Igrejas reúnem-se periodicamente.

3.4.3 - As duas igrejas são solicitadas a promover posicionamentos oficiais em conjunto pela defesa da vida humana, diante de situações de flagrante injustiça ou em outras ocasiões que exijam um pronunciamento do pensamento luterano.

3.4.4 - As igrejas são solicitadas a fazer maior uso dos espaços já existentes e que estão a serviço da comunicação. De modo especial, destacamos a Agência Latino-americana de Comunicação (ALC), LUC, CIL e outros.

3.4.5 - As duas igrejas são solicitadas a considerar Comunicação como investimento e, portanto, não cortar verbas deste item, mas dar-lhe prioridade, aumentando o percentual de verbas destinadas a este setor.

3.4.6 - Criar uma comissão interluterana para planejar ações concretas em conjunto, exemplificando: Criar um slogan que identifique as duas igrejas e marque a identidade luterana na mídia, e que seja insistentemente divulgado; Programar inserções de 30 segundos na TV em nível nacional no dia da Reforma de 1999, a exemplo do que foi promovido no Vale do Itajaí no dia 31 de outubro der 1998, que pagou oito inserções na TV durante o Dia da Reforma; Abrir espaço nos jornais de cada igreja para notícias da igreja irmã.

3.5 - Formação Teológica

3.5.1 - Promover encontros regulares entre os professores das diversas instituições de formação teológica das duas igrejas. Entre os pontos da agenda estão: relacionar temas teológicos a serem estudados; promover encontros de estudantes; refletir sobre a possibilidade de disciplinas dos cursos de graduação em conjunto; estender convite à IELB para integrar o Conselho do IEPG (Instituto Ecumênico de Pós-graduação).

3.5.2 - Promover encontros regionais de obreiros/as para reflexão sobre questões teológicas prioritárias: Sacramentos e Ministério.

3.5.3 - Promover encontros de lideranças das comunidades das duas Igrejas objetivando a sua capacitação continuada.

3.5.4 - Oferecer aos formandos das Faculdades de Teologia informações sobre as atividades de cooperação das duas igrejas.

3.5.5 - Incluir nos currículos das faculdades de teologia uma disciplina de Comunicação.

3.6 - Escola Confessional

3.6.1 - Considerando que as escolas desempenham um papel muito importante na sociedade pelo seu modelo de educação e pela qualidade de seu trabalho; que o trabalho educacional é parte integrante da missão das igrejas; que o teológico dá sentido ao fazer pedagógico das escolas, se conclui que:

3.6.2 - As Igrejas são solicitadas a promover encontros de diálogo entre as áreas responsáveis pela educação: Associação Nacional de Escolas Luteranas-ANEL (IELB) e Departamento de Educação (IECLB), para viabilizar frentes de trabalho como: abertura de diálogo entre as equipes diretivas e pedagógicas, objetivando a troca de experiências e dando subsídios aos profissionais para atender aos novos desafios do nosso tempo (por exemplo, implantação da nova Lei de Diretrizes e Bases do Ensino brasileiro-LDB); criar banco de recursos humanos; propiciar o intercâmbio pela participação dos professores em encontros/seminários e palestras; intercâmbio do trabalho de pastorado escolar; encontros entre professores do Ensino Religioso; encontros de alunos a nível desportivo e cultural.

3.6.3 - Efetivar um trabalho conjunto na área da pesquisa e produção de literatura e material pedagógico cristão.

3.6.4 - Promover a reflexão sobre a atuação das duas igrejas na área do ensino superior.

3.7 - Culto, Liturgia e Música

3.7.1 - As duas igrejas são solicitadas a promover o anúncio regular, nos seus meios de comunicação internos, dos cursos e eventos na área da formação cúltica-litúrgica, além dos materiais que cada uma tem a oferecer.

3.7.2 - Promover, em 1999, um seminário de culto e liturgia em conjunto.

3.7.3 - Estudar a viabilidade de coedição de material de subsídio litúrgico-homilético com base nas perícopes da série trienal.

3.7.4 - Promover, em 1999, um encontro das comissões de culto e liturgia com a tarefa de formular uma liturgia alternativa comum (texto e música).

3.7.5 - Editar um cancioneiro alternativo comum, com novas composições (letra e música), envolvendo os responsáveis pelas áreas de música dos centros de formação.

3.8 - Missão e evangelização

3.8.1 - Criar uma Comissão Interluterana de Missão e Evangelização para repartir pesquisas e experiências missionárias no Brasil e no exterior; promover conferências missionárias; buscar estratégias missionárias apropriadas; elaborar e implementar critérios comuns na transferência de membros das duas igrejas.

3.8.2 - Incentivar um trabalho de parceria, sem proselitismo, mas em amizade, respeito e amor cristão, na área de Diaconia e Serviço Social; em programas de mordomia cristã e evangelização, conscientizando sobre a oferta movida pela graça de Deus e treinando e despertando o sacerdócio universal dos cristãos para uma ação missionária constante e efetiva.

3.8.3 - Incentivar trabalho missionário em conjunto, especialmente em novos campos, observadas as situações locais, em que é necessário um maior diálogo fraterno.

3.8.4 - Libertar as consciências de pastores e obreiros que praticam gestos de aproximação ecumênica não regulamentados por sua igreja.

3.9 - Responsabilidade pública

3.9.1 - Considerando que o conceito do que seja “responsabilidade pública” ainda carece de aprofundamento em face da herança histórica de uma visão dualista igreja X estado ou coisas espirituais X terrenas; a dificuldade em fazer notícias e ocupar espaços de responsabilidade pública em todos os setores da vida humana; por outro lado, a participação em movimentos ecumênicos (Conic, Coneres); que embora a igreja tenha a obrigação de manifestar-se com clareza, deve cuidar para não deixar espaço para dúvida e confusão; a igreja deve ser a consciência da nação.

3.9.2 - Atribuir às presidências das duas igrejas a análise constante do contexto sócio-econômico e político brasileiro e latino-americano.

3.9.3 - Atribuir às direções das duas igrejas a interpretação dos sentimentos, posições e anseios dos membros antes de um posicionamento oficial conjunto.

3.9.4 - Promover a busca de articulação e posicionamento conjunto diante de desafios específicos de nossa época no intuito de fazer valer a vontade do Deus criador a serviço da vida, da justiça e do bem comum (Conv. Coop. IX.3).

3.9.5 - Incentivar comunidades e seus membros para que sejam ocupados os espaços de responsabilidade pública que se abrem, marcando presença luterana na sociedade e promovendo a cidadania responsável.

3.10 - Serviço Social e Diaconia

3.10.1 - As presidências das duas igrejas são solicitadas a criar ainda em 1998 uma comissão Interluterana de serviço social e diaconia, com o objetivo de conscientizar as bases sobre razões, motivos, necessidades e vantagens de um trabalho social em conjunto e promover troca de experiências nos serviços diaconais e sociais de ambas as igrejas.

3.10.2 - Incentivar ações e projetos em parceria para intercâmbio e serviços.

3.10.3 - Realizar fóruns, seminários, encontros e cursos.

3.10.4 - Estabelecer diretrizes para convênios de cooperação específicos, evitando a duplicação de esforços.

3.10.5 - Encarregar os órgãos específicos de cada igreja para ações e projetos específicos.

3.11 - Prática Comunitária

3.11.1 - Considerando as possibilidades, mas também as dificuldades encontradas quanto à cooperação na área da prática comunitária.

3.11.2 - As direções de nossas igrejas são solicitadas a realizar, no prazo de um ano, um estudo sobre a Santa Ceia, objetivando a assinatura de um Termo de Convênio de Comunhão de Altar, envolvendo: a) as comissões teológicas; b) a Comissão Iinterluterana de Diálogo; c) grupos bilaterais nas comunidades.

3.11.3 - As direções das igrejas são solicitadas a encaminhar às paróquias e comunidades/congregações recomendação conjunta no sentido de acolher membros da igreja irmã como hóspedes nos cultos e celebrações eucarísticas, observadas as situações locais, especialmente aquelas em que é necessário maior diálogo e acolhimento fraterno.

3.11.4 - As direções das igrejas são solicitadas a criar um grupo de trabalho interluterano que realize estudos e produza material para aprofundar o diálogo entre obreiros e membros de comunidades sobre questões teológicas, tais como: Batismo e Confirmação; Ministérios (inclusive feminino) e sacerdócio geral; Morte e ressurreição (imortalidade da alma); Fundamentação teológica das ofertas (contribuição financeira) - teologia da mordomia cristã.

3.11.5 - As direções das igrejas são solicitadas a encaminhar recomendação conjunta às comunidades, paróquias, distritos/sínodos no sentido de realizar seminários e encontros em conjunto de lideranças, obreiros/as objetivando convívio mais íntimo e formação.

3.11.6 - As igrejas são solicitadas a estabelecer temas comuns (anuais) para impulsionar a missão, envolvendo as bases numa caminhada conjunta que promova comunhão fraternal, estudos e posicionamentos.

3.11.7 - As igrejas são solicitadas a promover encontros comuns de jovens.

4. Experiência de comunhão fraterna

4.1 - Um dos aspectos mais importantes de todo o encontro foi a comunhão e a integração entre os participantes. Contribuíram para isso as celebrações, os momentos descontraídos, a gincana, o esporte, o churrasco, os intervalos e a programação leve e recheada de bom humor das noites. Foi marcante também que, pela primeira vez, as duas igrejas celebraram o Dia da Reforma de maneira tão ampla em conjunto. As oito equipes da gincana apresentaram suas tarefas durante a celebração, com criatividade que serviu à unidade. Foi uma celebração alegre, criativa, séria e descontraída, que serviu para festejar a Reforma de modo diferente.

4.2 - Embora se saiba que esta conferência não tem caráter decisório, os seus participantes expressam a convicção de que esta experiência fraterna e os resultados produzidos poderão contribuir para os objetivos colocados, se prevalecer o espírito de amor e respeito mútuo a que o amor de Cristo nos compele. Poderá animar-nos a

prosseguir na caminhada conjunta de unidade e missão no Brasil de hoje. O nosso coração está posto nisso.

4.3 - O presente documento seja amplamente divulgado entre os obreiros e obreiras de ambas as igrejas e chegue também ao conhecimento das comunidades e congregações a elas pertencentes, para que conheçam e celebrem conosco os gigantescos passos que a IELB e a IECLB deram uma em direção à outra neste encontro de Rodeio 12 e busquem ampliar a cooperação em todos os sentidos. Seja providenciada ampla divulgação junto a órgãos ecumênicos nacionais e internacionais e mesmo por meio da imprensa secular, falada, escrita e televisionada. Seja ainda traduzido para o inglês e o alemão para que possa tornar-se conhecido internacionalmente.

4.4 - “Que o Deus todo-poderoso e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo nos conceda a graça de seu Espírito Santo, para que todos sejamos unidos nele e constantemente permaneçamos nessa unidade cristã que lhe é agradável. Amém.” (FC-Epítome, Art. XI, 23. Livro de Concórdia p. 536).

Rodeio, 1º de Novembro de 1998

Os/as participantes.

ANEXO 13 - TABELA DE PARTICIPANTES DAS REUNIÕES DA CID

PARTICIPANTES DE CADA REUNIÃO DA CID					
Ano	Mês	N°	Coor.	IECLB	IELB
1997	Março	3	Ricardo W. Rieth	Valdemar Lückemeyer	Ricardo Rieth
				João Artur M. da Silva	Gerhard Grasel
				Bruno Gottwald	
	Maio	4	Ricardo W. Rieth	Valdemar Lückemeyer	Ricardo W. Rieth
				João Artur M. da Silva	Paulo P. Weirich
				Godofredo Boll	Gerhard Grasel
				Osmar L. Witt	Oscar Lehenbauer
					Edgar Lemke
	Setembro	5	Ricardo W. Rieth	Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				João Artur M. da Silva	Gerhard Grasel
					Ricardo W. Rieth
	Novembro	6	Ricardo W. Rieth	Huberto Kirchheim (pres.)	Leopoldo Heimann (pres.)
				João Artur M. da Silva	Ricardo W. Rieth
				Valdemar Lückemeyer	Paulo P. Weirich
				Heinz Ehlert (sec.)	Nestor Beck
				Osmar L. Witt	Oscar Lehenbauer
				Carlos F. R. Dreher	Edgar Lemke
				Gottfried Brakemeier	
1998	Março	7	Valdemar Lückemeyrer	Valdemar Lückemeyer	Ricardo W. Rieth (sec.)
				João Artur M. da Silva	Paulo P. Weirich
				Heinz Ehlert	Oscar Lehenbauer
				Carlos F. R. Dreher	Edgar Lemke
	Junho	8	Valdemar Lückemeyer	Valdemar Lückemeyer	Ricardo W. Rieth
				Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				João Artur M. da Silva	Carlos W. Winterle (pres.)
				Osmar L. Witt	
	Agosto	9	Valdemar Lückemeyer	Valdemar Lückemeyer	Ricardo W. Rieth
				Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				João Artur M. da Silva	Gerhard Grasel
				Carlos Dreher	
				Osmar L. Witt	
	Outubro	10	Valdemar Lückemey	Valdemar Lückemeyer	Ricardo W. Rieth
				Huberto Kirchheim (pres.)	Paulo P. Weirich
				João Artur M. da Silva	Carlos W. Winterle (pres.)
				Heinz Ehlert (sec.)	

				Osmar L. Witt	
	Novembro	11	Valdemar Lückemeyer	Heinz Ehlert	Gerhard Grasel
				Valdemar Lückemeyer	Paulo Weirich, (sec.)
				João Artur M. da Silva	Edgar Lemke
				Carlos F. R. Dreher	Carlos W. Winterle (pres.)
				Huberto Kirchheim (pres.)	Oscar Lehenbauer
				Osmar L. Witt	
1999	Março	12	Paulo P. Weirich	Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				Valdemar Lückemeyer	Gerhard Grasel
				Joao Artur M. da Silva	Ricardo W. Rieth
	Junho	13	Paulo P. Weirich	João Artur M. da Silva	Paulo P. Weirich (sec.)
				Valdemar Lückemeyer	Gerhard Grasel,
				Walter Altmann (vice-pres.)	Ricardo W. Rieth
					Carlos W. Winterle (pres.)
	Agosto	14	Paulo P. Weirich	João Artur M. da Silva (sec.)	Paulo P. Weirich,
				Valdemar Lückemeyer	Gerhard Grasel
				Martin Volkmann (vice-reitor EST)	Paulo M. Nerbas (dir. Seminário Concórdia)
				Heinz Ehlert	
	Novembro	15	Paulo P. Weirich	João Artur M. da Silva	Paulo P. Weirich
				Heitor Meurer	Gerhard Grasel
				Heinz Ehlert	Ricardo W. Rieth
				Valdemar Lückemeyer (sec.)	Paulo M. Nerbas, (dir. Seminário Concórdia)
				Huberto Kirchheim (pres.)	
2000	Março	16	Heinz Ehlert	Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				Valdemar Lückemeyer	Ricardo W. Rieth
				João Artur M. da Silva	Gerhard Grasel
				Huberto Kirchheim (pres.)	Carlos W. Winterle (pres.)
				Anete Pedro Nascimento	Dieter Joel Jagnow
	Maio	17	Heinz Ehlert	Heinz Ehlert	Ricardo W. Rieth
				Valdemar Lückemeyer	Gerhard Grasel
				João Artur M. da Silva	Paulo P. Weirich
	Agosto	18	Heinz Ehlert	Heinz Ehlert	Gerhard Grasel
				Valdemar Lückemeyer	Paulo P. Weirich
				João Artur M. da Silva	Ricardo W. Rieth (sec.)
				Heitor Meurer (sec. Comun.)	Vilson Regina (vice-pres.)
				Anete P. Nascimento (editora)	Dieter J. Jagnow (editor)
				Lothar Carlos Hoch (reitor EST)	
				Renatus Porath	
				Evaldo Pauly	
				Albérico Baeske	

				Wanda Deifelt	
	Outubro	19	Heinz Ehlert	Heinz Ehlert	Gerhard Grasel
				João Artur M. da Silva	Paulo P. Weirich
				Valdemar Lückemeyer (sec.)	Ricardo W. Rieth
				Huberto Kirchheim (pres.)	Carlos W. Winterle (pres.)
				Carlos F. R. Dreher	
				Osmar L. Witt	
	Novembro	20	Heinz Ehlert	Heinz Ehlert	Gerhard Grasel
					Ricardo W. Rieth
					Paulo P. Weirich
					Carlos W. Winterle (pres.)
2001	Março	21	Gerhard Grasel	Heinz Ehlert	Gerhard Grasel
				João Artur M. da Silva	Carlos W. Winterle (pres.)
				Heitor Meurer	Astomiro Romais
				Huberto Kirchheim (pres.)	Ricardo W. Rieth
	Maio	22	Gerhard Grasel	João Artur M. da Silva	Gerhard Grasel
				Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				Valdemar Lückemeyer	Arno Goerl
				Carlos F. R. Dreher	Clóvis Prunzel,
					Marcos Schmidt e (sec.)
					Ricardo W. Rieth
	Julho	23	Gerhard Grasel	João Artur M. da Silva	Gerhard Grasel
				Valdemar Lückemeyer	Paulo P. Weirich
					Clóvis Prunzel
	Setembro	24	Gerhard Grasel	João Artur M. da Silva	Gerhard Grasel
				Heinz Ehlert	Clóvis Prunzel
				Valdemar Lückemeyer	Carlos W. Winterle
				Osmar L. Witt	Ricardo W. Rieth
				Carlos F. R. Dreher	Edgar Lemke
				Joachim Fischer	Martinho Krebs
				Nelson Kilpp	Astomiro Romais
	Novembro	25	Gerhadt Grasel		
	Dezembro	26	Gerhard Grasel	Osmar L. Witt	Gerhard Grasel
				Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				Carlos F. R. Dreher	Marcos Schmidt
				João A. M. da Silva	Clóvis J. Prunzel

				Valdemar Lückemeyer	Ricardo W. Rieth
2002	Março	27	Osmar L. Witt	Osmar L. Witt	Paulo P. Weirich
				Heinz Ehlert	Gerhard Grasel
				Rudi Kich	Marcos Schmidt
				Meinrad Piske	
	Julho	28	Osmar L. Witt	Huberto Kirchheim (pres.)	Carlos W. Winterle (pres.)
				Osmar L. Witt	Marcos Schmidt
				Heinz Ehlert	Gerhard Grasel
				Carlos F. R. Dreher	
	Setembro	29	Osmar L. Witt	Osmar L. Witt	Paulo P. Weirich
				Heinz Ehlert (sec.)	Gerhard Grasel
				Lothar Carlos Hoch (reitor)	Marcos Schmidt
	Novembro	30	Osmar L. Witt	Carlos F. R. Dreher	Gerhard Grasel
				Osmar L. Witt	Marcos Schmidt
				Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
					Leopoldo Heimann (dir. Teol. ULBRA)
					Paulo M. Nerbas (dir. Sem. Concórdia)
2003	Março	31		Walter Altmann (pres.)	Paulo K. Jung (vice-pres.)
				Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				Osmar L. Witt	Clóvis Prunzel
				Rudi Kich	Carlos W. Winterle (pres.)
				Carlos Bock	Gerhard Grase
				Silvio Iung	
	Maio	32	Marcos Schmidt	Heinz Ehlert	Marcos Schmidt
				Osmar L. Witt	Clóvis Prunzel
				Rudi Kich	Gerhard Grasel
	Agosto	33	Marcos Schmidt	Armindo Schmechel	Marcos Schmidt
				Carlos F. R. Dreher (sec.)	Paulo P. Weirich
				Silvio Iung	Gerhard Grasel
					Paulo K. Jung (vice-pres.)
	Outubro	34	Marcos Schmidt	Osmar L. Witt	Marcos Schmidt
				Carlos F. R. Dreher	Gerhard Grasel
				Heinz Ehlert (sec.)	Paulo P. Weirich
	Novembro	35			

2004	Abril	36	Heinz Ehlert	Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				Osmar L. Witt	Marcos Schmidt
					Clóvis Prunzel
	Julho	37	Heinz Ehlert	Heinz Ehlert	Gerhard Grasel
				Osmar L. Witt	Paulo P. Weirich
				Walter Altmann (pres.)	Marcos Schmidt
				Carlos Gilberto Bock (assistente pres.)	Carlos W. Winterle (pres.)
				Carlos F. R. Dreher	
	Setembro	38	Heinz Ehlert	Heinz Ehlert	Carlos W. Winterle (pres.)
				Osmar L. Witt	Gerhard Grasel
				Carlos F. R. Dreher	Paulo P. Weirich
				Carlos Bock	Marcos Schmidt
	Outubro	39	Heinz Ehlert	Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				Osmar L. Witt	Marcos Schmidt
				Carlos F. R. Dreher	Edgar Lemke
	Dezembro	40	Heinz Ehlert	Walter Altmann (pres.)	Gerhard Grasel
				Heinz Ehlert	Carlos W. Winterle (pres.)
				Carlos F. R. Dreher	Wilmar Meister
				Meinrad Piske	Marcos Schmidt
				Osmar L. Witt	Edgar Lemke
					Rony R. Marquardt
2005	Março	41	Paulo P. Weirich	Osmar L. Witt	Gerhard Grasel
				Carlos F. R. Dreher	Paulo P. Weirich
				Heinz Ehlert	Marcos Schmidt
				Jorge Signorini	Edgar Lemke
				Marguied Goldmeyer	
	Junho	42	Paulo P. Weirich	Carlos F. R. Dreher	Marcos Schmidt
				Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				Osmar L. Witt	Gerhard Grasel
					Edgar Lemke
	Setembro	43	Paulo P. Weirich	Meinrad Piske	Paulo P. Weirich
				Carlos F. R. Dreher	Marcos Schmidt
				Osmar L. Witt	Edgar Lemke
	Dezembro	44	Paulo P. Weirich	Meirad Piske	Paulo P. Weirich
				Heinz Ehlert	Marcos Schmidt
				Osmar L. Witt	Gerhard Grasel
				Carlos F. R. Dreher	Wilmar Meister
				Walter Altmann (pres.)	Edgar Lemke
					Clóvis Prunzel
					Carlos W. Winterle (pres.)

2006	Março	45	Carlos F. R. Dreher	Heinz Ehlert	Gerhard Grasel
				Osmar L. Witt	Marcos Schmidt
				Carlos F. R. Dreher	Wilmar Meister
				Verner Hoefelmann (pró-reit.EST)	Gerson L. Linden (dir. Sem. Concórdia)
					Edgar Lemke
					Paulo P. Weirich
	Maio	46	Carlos F. R. Dreher	Carlos F. R. Dreher	Gerhard Grasel
				Heinz Ehlert	Marcos Schmidt
				Osmar L. Witt	Edgar Lemke
				Walter Altmann (pres.)	Paulo P. Weirich
	Outubro	47	Carlos F. R. Dreher	Carlos F. R. Dreher	Paulo P. Weirich
				Walter Altmann (pres.)	Marcos Schmidt
				Heinz Ehlert	Edgar Lemke
					Paulo M. Nerbas (pres.)
	Dezembro	48	Carlos F. R. Dreher	Carlos F. R. Dreher	Marcos Schmidt
				Osmar L. Witt	Clóvis Prunzel
				Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				Walter Altmann (pres.)	Paulo M. Nerbas (pres.)
				Meinrad Piske	
2007	Março	49	Marcos Schmidt	Heinz Ehlert	Marcos Schmidt
				Carlos F. R. Dreher	Ivo Dreyer
				Osmar L. Witt (sec.)	Paulo P. Weirich
	Maio	50	Marcos Schmidt	Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				Osmar L. Witt	Mário Lehenbauer (vice-pres.)
				Walter Altmann (pres.)	Marcos Schmidt
				Oneide Bobsin (reitor EST)	Anselmo Graff (prof.)
				Ingrid Vogt	
				Márcia Paixão.	
	Setmbro	51	Marcos Schmidt	Heinz Ehlert	Marcos Schmidt
				Carlos F. R. Dreher	
	Dezembro	52	Marcos Schmidt	Osmar L. Witt	Rony Rosenberger
				Heinz Ehlert	Marcos Schmidt
					Paulo P. Weirich
					Clóvis Prunzel
					Wilmar Meister
2008	Março	53	Heinz Ehlert	Homero S. Pinto (vice-pres.)	Mário Lehenbauer (vice-pres.)
				Heinz Ehlert	Marcos Schmidt
				Carlos F. R. Dreher	Paulo M. Nerbas (pres.)
				Osmar L. Witt (sec.)	Wilmar Meister

2009					Paulo P. Weirich
					Ivo Dreyer
	Maio	54	Heinz Ehlert	Carlos F. R. Dreher	Ivo Dreyer
				Osmar L. Witt	Marcos Schmidt
	Agosto	55		Meinrad Piske	Ivo Dreyer
				Carlos F. R. Dreher	Marcos Schmidt
					Paulo P. Weirich
	Março	56	Ivo Dreyer	Heinz Ehlert	Marcos Schmidt
				Carlos F. R. Dreher	Paulo P. Weirich
				Osmar L. Witt	Ivo Dreyer
				Meinrad Piske e	
				Walter Altmann (pres.)	
	Junho	57	Ivo Dreyer	Heinz Ehlert	Ivo Dreyer
				Carlos F. R. Dreher	Marcos Schmidt
				Osmar L. Witt	Paulo M. Nerbas (pres.)
					Nilo Wachholz
					Paulo P. Weirich
		58			
		59			
2010	Março	60	Osmar L. Witt	Osmar L. Witt	Wilmar Meister,
				Heinz Ehlert	Ivo Dreyer
				Oneide Bobsin (reitor Fac. EST)	Paulo P. Weirich
				Meinrad Piske	Marcos Schmidt
				Mauro Batista de Souza (v-pres.)	
		61			
	Setmbro	62	Osmar L. Witt	Osmar L. Witt	Wilmar Meister
				Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				Mauro Batista de Souza (vice-pres.)	
	Dezembro	63	Osmar L. Witt	Carlos F. R. Dreher	Egon Kopereck (pres.)
				Heinz Ehlert	Ivo Dreyer
				Osmar L. Witt	Marcos Schmidt
					Paulo P. Weirich

					Clovis J. Prunzel
2011	Março	64	Marcos Schmidt	Martin N. Dreher	Marcos Schmidt
				Carlos F. R. Dreher	Wilmar Meister
				Osmar L. Witt	Ivo Dreyer
				Heinz Ehlert	
	Junho	65	Marcos Schmidt	Nestor Paulo Friedrich (pres.)	Marcos Schmidt
				Heinz Ehlert	Egon Kopereck (pres.)
				Carlos F. R. Dreher (sec.)	Rubens José Ogg (sec.IELB)
					Wilmar Meister
					Paulo P. Weirich
	Setembro	66	Marcos Schmidt	Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				Martin N. Dreher	Marcos Schmidt
				Carlos F. R. Dreher	
	Dezembro	67	Marcos Schmidt	Martin N. Dreher	Marcos Schmidt
				Carlos F. R. Dreher	Paulo P. Weirich
				Heinz Ehlert	Ivo Dreyer
				Nestor P. Friedrich (pres.)	Clovis J. Prunzel
2012	Março	68	Martin N. Dreher	Romeu Martini	Paulo P. Weirich
				Heinz Ehlert	Egon Kopereck (pres.)
				Meinrad Piske	Marcos Schmidt
				Martin N. Dreher	Roni Rosenberger
					Wilmar Meister
					Ivo Dreyer
	Junho	69	Martin N. Dreher	Martin N. Dreher	Paulo P. Weirich
				Heinz Ehlert	Marcos Schmidt
				Carlos F. R. Dreher	Wilmar Meister
				Oneide Bobsin (reitor da EST)	
				Rodolfo Gaede Neto. (coord. Teol. EST)	
	Setembro	70	Martin N. Dreher	Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				Carlos F. R. Dreher	Leonério Faller (dir. Sem. Concórdia)
				Martin N. Dreher	
	Dezembro	71	Martin N. Dreher	Martin N. Dreher	Marcos Schmidt
				Carlos F. R. Dreher	Wilmar Meister
				Heinz Ehlert	Roni Rosenberger
				Nestor P. Friedrich (pres.)	Rubens Ogg (sec. IELB)
2013	Abril	72	Wilmar Meister	Heinz Ehlert	Egon Kopereck (pres.)
				Carlos F. R. Dreher	Rubens Ogg (sec. IELB)
				Martin N. Dreher	Wilmar Meister
					Marcos Schmidt

					Paulo P. Weirich
	Junho	73		Remi Klein	Marcos Schmidt
				Heinz Ehlert	Paulo P. Weirich
				Martin N. Dreher	
				Rodolfo G. Neto (coo. Teol. EST)	
	Setembro	74	Marcos Schmidt	Carlos F. R. Dreher	Marcos Schmidt
				Heinz Ehlert (sec.)	Paulo P. Weirich
					Leonério Faller (dir. Sem. Concórdia)
					Gerson L. Linden (vice-dir. Seminário Concórdia)

APÊNDICE 1 - SISTEMATIZAÇÃO DOS RELATOS DAS PRÉ-CONFERÊNCIAS

Sobre o que aproximava as duas igrejas foram relatadas algumas constatações, dentre elas, o que segue. De uma maneira geral: programas radiofônicos e de TV, em conjunto; celebrações conjuntas do Dia da Reforma Luterana e culto no Dia de Finados; sessões especiais sobre a fé luterana, na Câmara de Vereadores, em alguns municípios; encontro de políticos luteranos; presença pública e manifestações populares, em conjunto. De maneira localizada: pastores de ambas as igrejas se reuniram para estudo dos textos bíblicos a serem pregados na semana; assistência pastoral a membros da outra igreja na ausência do pastor próprio como sinal de apoio; ação social em hospitais, educação cristã nas escolas, troca de púlpitos como iniciativas que eram realizadas e discutidas em conjunto; em alguns bairros de cidades havia ações diaconais em conjunto, de forma muito bonita; a publicação de notícias da outra Igreja nos jornais ou boletins da comunidade desta Igreja; cooperação na área de formação musical; a questão do encaminhamento/transferência de membros da IECLB para a IELB e vice-versa, se concordando que deveria ser oficializada por documento de transferência e principalmente que fosse recomendada no caso de mudança de membros para localidade onde não existisse a respectiva igreja. Quanto às iniciativas institucionais de ambas Igrejas: foi lembrada a carta pastoral assinada pelos pastores presidentes das duas igrejas, Kirchheim e Winterle, autorizando a comunhão de altar em casos específicos. Teologicamente havia consenso em relação a Santa Ceia, mas o que diferenciava a comunhão de altar eram alguns aspectos práticos/visíveis; porém, essas manifestações revelavam mais a insegurança e a incerteza de que a aproximação e a unidade ecumênica das igrejas; foi levantada a questão de que o grande ponto de conflito na “Celebração da Ceia” estava entre os pastores e não entre os membros de nossas comunidades; uma diferença teológica histórica, como a celebração da ceia para crianças, o uso de elementos visíveis como o vinho ou suco, a interpretação da Escritura Sagrada e o sacerdócio feminino; a compreensão teológica da ceia seria a mesma, não havendo diferença entre as duas igrejas, mas os maiores problemas seriam de cunho histórico; outrossim, nos documentos das igrejas haveria clareza quanto à compreensão da ceia, no entanto, colegas de

ministério pastoral se expressariam teologicamente diferentes quanto à compreensão de sua própria Igreja.

Sobre o que distanciava as duas igrejas foram relatadas algumas constatações, dentre elas, o que segue. Possivelmente o que distanciava eram os medos, especialmente sobre conceitos teológicos, opções políticas, questões sociais, migração entre as igrejas acontecia quando havia problemas familiares ou na comunidade/congregação; o temor do proselitismo, como casos ao longo da história de duas Igrejas, em que pessoas ou famílias foram literalmente aliciadas de uma igreja para a outra com promessas ou com diminuição do valor de contribuição; jovens pastores concluíam seu estudo e eram enviados para o pastorado sem conhecerem o que é e como trabalhava a outra igreja, às vezes, levando junto imagens distorcidas sobre o que os outros ensinam e fazem; inexistência de projetos missionários em comum.

Em seguida, Dreher fez constar **propostas e definições de iniciativas conjuntas**, separadas por regiões, das quais se destaca apenas algumas propostas. **De Cacoal/Amazônia**: realização da 1ª Conferência Interluterana na Amazônia a ser realizada nos dias 28 e 29 de março de 2006, em Cacoal, com o tema: Resultados da 3ª Conferência Nacional Interluterana; de **Ponto Alto/Domingos Martins, ES**: Conhecer o dia a dia do colega da outra igreja que trabalha na mesma cidade, para saber até onde cada um possa ir, buscando respeitosa cooperação e trabalho de mútua confiança e respeito com transparência; discussão dos pontos em comum e os divergentes são inevitáveis e de suma importância; assumir o compromisso de fazer o que se pode fazer em conjunto, cada um em sua região, respeitando a história e a liberdade das Comunidades/Congregações locais; de **Curitiba:** praticar a "política da boa vizinhança", ou seja, as comunidades vizinhas desenvolverem encontros/eventos em comum, realizar encontros com os seminaristas/estudantes de teologia das duas denominações para que desde cedo os futuros pastores estejam integrados; integrar as duas igrejas para obter mais força para divulgação nas mídias de massa (jornais, tv, rádios etc.); de **Guaramirim, SC:** c) publicar mais em conjunto (p. ex.: subsídios exegéticos e hermenêuticos; também História da Igreja e Teologia Prática), para diminuir duplicidade e economizar esforços e recursos; buscar ações conjuntas que valorizam a vida, nas comunidades, nos grupos, com palestras, por exemplo, nas escolas; de **Santa Cruz do Sul, RS e Cachoeira do Sul, RS:** prática da mútua

cordialidade e opinião pública positiva de uma Igreja sobre a outra, não se ver como concorrentes, havendo respeito, apostando no que se tem em comum; de **Pelotas, RS:** caminhar para o reconhecimento mútuo da vivência eclesial em comunidade, como hospitalidade eucarística e reconhecimento do Ministério Feminino, partilhar trabalho, serviço uma à outra, em situações ou locais onde ambas sozinhas são enfraquecidas, como usar um mesmo Templo, permitindo a realização mútua de ofícios acordados e planejados em comum; de **Lajeado, RS:** diálogo sobre os sistemas de contribuição financeira com a Igreja, tendo em vista uma unificação; fora constatado que faltava conhecimento de como funcionaria e se organizaria internamente cada uma das duas igrejas sobre campanhas nacionais, temas anuais, ênfases missionárias, setores de trabalho comunitários, sistema de eleição, instâncias diretivas, fóruns de decisão etc.; o objetivo da caminhada conjunta deveria ser clareado, como a comunhão plena de púlpito e altar; de **Ivoti, RS:** os cursos práticos promovidos pela a CIL, citados como exemplo, seriam ótimas experiências para a aproximação entre obreiros de ambas as igrejas; dever-se-ia conhecer os aspectos históricos e doutrinários de ambas as igrejas para poder compreender os aspectos práticos da vida comunitária de cada igreja; de **Porto Alegre, RS:** o trabalho de atendimento às pessoas reclusas em hospitais poderia ser melhorado em ambiente de cooperação, tendo como entendimento de que esse atendimento deve ser visto como missão conjunta; na área social, teria muito a beneficiar se pudesse ser visto como trabalho em parceria constante, pois a soma do esforço aplicaria melhor os esforços e recursos empregados.

Por fim, relata um e-mail de um pastor da IELB, de Alta Floresta, MT, datado de 24 de maio de 2005, se queixando de uma comunidade da IECLB, da região, da qual se destaca:

> Outro problema que nós aqui estamos enfrentando é que a Confissão promove muitos encontros sociais e eles anunciam os mesmos como 'A Igreja Luterana' de Alta Floresta. Solicitamos a eles que usem a designação 'A Igreja de Confissão Luterana' de Alta Floresta, a resposta que obtivemos foi: 'Há mais de vinte que nós sempre nos denominamos assim e nós não vamos mudar de nome só porque agora vocês também chegaram aqui'.[745]

[745] DREHER, Carlos F. R. 2005, p. 10.